

CENTAUR

EDGAR ALLAN POE

Contos

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Edgar Allan Poe

CONTOS

Originalmente publicados entre 1831 e 1849

2015 © Centaur Editions

centaur.editions@gmail.com

Índice

METZINGERSTEIN

SILÊNCIO

UM MANUSCRITO ENCONTRADO NUMA GARRAFA

A ENTREVISTA

BERENICE

MORELLA

O REI PESTE

UM HOMEM NA LUA

A SOMBRA

AVENTURAS DE ARTHUR GORDON PYM

PREFÁCIO

1 — AVENTUREIROS PRECOCES

2 — O ESCONDERIJO

3 — «TIGRE» ENRAVECIDO

4 — REVOLTA E MASSACRE

5 — A CARTA DE SANGUE

6 — UM RAIO DE ESPERANÇA

7 — PLANO DE LIBERTAÇÃO

8 — O FANTASMA

9 — A PESCA DOS VÍVERES

10 — O BRIGUE MISTERIOSO

11 — A GARRAFA DE PORTO

12 — A PALHA MAIS CURTA

13 — ENFIM SALVOS!

14 — ALBATROZES E PINGUINS

15 — AS ILHAS QUE NÃO SE ENCONTRAM

16 — AS EXPLORAÇÕES DO POLO SUL

17 — TERRA!

18 — OUTROS HOMENS

- 19 — KLOCK-KLOCK
20 — ENTERRADOS VIVOS!
21 — CATACLISMO ARTIFICIAL
22 — TEKELI-LI
23 — O LABIRINTO
24 — A EVASÃO
25 — O GIGANTE BRANCO
26 — CONJETURAS

LIGEIA

COLÓQUIO ENTRE EIROS E CHARMION

O HOMEM DAS MULTIDÕES

COLÓQUIO ENTRE MONOS E UNA

LEONOR

OS CRIMES DA RUA MORGUE

UMA DESCIDA AO MAELSTROM

A ILHA DA FADA

A MÁSCARA DA MORTE VERMELHA

A QUINTA DE ARNHEIM

O CORAÇÃO DELATOR

O ESCARAVELHO DE OURO

O RETRATO OVAL

O MISTÉRIO DE MARIE ROGET

O GATO PRETO

A CARTA ROUBADA

AS RECORDAÇÕES DE BEDLOE

REVELAÇÃO MAGNÉTICA

O CASO DO SENHOR VALDEMAR

O PODER DA PALAVRA

O SISTEMA DO DOUTOR BREU E DO PROFESSOR PENA

PEQUENA DISCUSSÃO COM UMA MÚMIA

O DEMÓNIO DA PERVERSIDADE

Metzengerstein

Título original: *Metzengerstein*

Publicado em 1832

O horror e a fatalidade uniram-se sempre em todos os séculos. Para que serviria uma data na história que tenho para contar? Basta dizer que na época de que falo existia no centro da Hungria uma crença secreta, mas muito arraigada na metempsicose. Nada direi das doutrinas em si e da sua falsidade ou veracidade. Afirmo, no entanto, que uma boa parte da nossa credulidade vem, como disse La Bruyère — que atribui toda a nossa desgraça a esta causa única — de não se poder estar só.

Mas havia alguns pontos na superstição húngara que tendiam fortemente para o absurdo. Os Húngaros diferiam muito essencialmente das autoridades do Oriente. Por exemplo, a alma, segundo creem — cito os termos de um subtil e inteligente parisiense — *permanece apenas uma vez num corpo sensível. Assim, um cavalo, um cão, mesmo um homem, não passam, na aparência ilusória destes seres.*

As famílias Berlifitzing e Metzengerstein tinham vivido em discórdia durante séculos. Jamais se viram duas casas tão ilustres reciprocamente votadas a uma inimizade mortal. Este ódio podia ter a sua origem nas palavras de uma antiga profecia: — *Um nome ilustre terá uma queda terrível quando, como o cavaleiro sobre o*

seu cavalo, a mortalidade de Metzengerstein triunfar da imortalidade de Berlifitzing.

Na verdade, os termos tinham apenas pouco ou nenhum sentido. Mas as causas mais vulgares deram origem — e isso, sem ir muito longe — a consequências igualmente cheias de grandes acontecimentos. Além disso, as duas casas, que eram vizinhas, tinham por muito tempo exercido influência rival nos negócios de um governo tumultuoso. Mais ainda, os vizinhos próximos também eram raramente amigos, e do alto das suas muralhas maciças, os habitantes do castelo Berlifitzing podiam ver mesmo distintamente para dentro das janelas do palácio de Metzengerstein. Enfim, o alarde de uma magnificência mais que feudal não servia para acalmar os sentimentos irritáveis dos Berlifitzing, menos antigos e menos ricos.

Haverá pois razão para nos admirarmos que os termos desta predição, se bem que perfeitamente ridículos, tenham criado e mantido a discórdia entre duas famílias já predispostas às zangas por todas as instigações de um ciúme hereditário? A profecia parecia implicar — se implicava qualquer coisa — um triunfo final do lado da casa mais poderosa, e naturalmente vivia na memória da mais fraca e da menos influente, e enchia-a de uma amarga animosidade.

Wilhelm, conde Berlifitzing, se bem que fosse de uma nobre linhagem, era, na época desta história, apenas um velho enfermo disparatado, que não tinha nada de notável, senão uma antipatia inveterada e louca contra a família do seu rival e uma paixão tão viva pelos cavalos e pela caça, que nada — nem as suas enfermidades físicas, nem a sua idade avançada, nem o

enfraquecimento do seu espírito — o podia impedir de tomar diariamente parte nos perigos deste exercício. Do outro lado, Frederico, barão Metzengerstein, não era ainda maior. Seu pai, o ministro G..., morrera ainda novo. E sua mãe, Maria, seguiu-o pouco depois. Frederico tinha nessa época dezoito anos. Numa cidade, dezoito anos não é um longo período de tempo; mas em solidão, mesmo numa magnífica solidão como esta velha propriedade, o pêndulo vibra com uma mais profunda e mais significativa solenidade.

Devido a certas circunstâncias resultantes da administração de seu pai, o jovem barão, logo após a morte deste, entrou na posse dos seus vastos domínios. Raramente se via um nobre húngaro possuir um tal património. Os seus castelos eram inumeráveis. O mais esplêndido e o mais vasto era o palácio de Metzengerstein. A linha que delimitava os seus domínios não fora nitidamente definida; mas o seu parque principal abarcava uma circunferência de cinquenta milhas. O aparecimento de um proprietário tão jovem, e de um carácter tão bem conhecido, com uma fortuna tão incomparável deixava pouco lugar às conjeturas, relativamente à sua linha provável de conduta. E, em verdade, no espaço de três dias, a conduta do herdeiro fez empalidecer o renome de Herodes e ultrapassou em magnificência as esperanças dos seus mais entusiásticos admiradores. Medonhos deboches, flagrantes perfídias, atrocidades espantosas fizeram em breve compreender aos seus vassallos temerosos que nada — nem submissão servil da sua parte, nem escrúpulos de consciência — lhes garantiria para o futuro segurança contra as garras impiedosas deste pequeno Calígula. Na noite do quarto dia, registou-se um grande fogo nas

cavaliças do castelo Berlifitzing, e a opinião unânime da vizinhança juntou o crime de incêndio à lista já horrível dos delitos e atrocidades do barão.

Quanto ao jovem cavaleiro, durante o tumulto ocasionado por este acidente, mantinha-se aparentemente mergulhado numa meditação no alto do palácio da família dos Metzengerstein, num vasto apartamento solitário. A tapeçaria, rica, ainda que fanada, que pendia melancolicamente das paredes, representava as figuras fantásticas e majestosas de mil antepassados ilustres. Aqui, padres ricamente vestidos de arminho, dignitários pontifícios, sentavam-se familiarmente com o autocrata e o soberano, opunham o seu veto aos caprichos de um rei mundano ou continham com o *fiat* do todopoderoso papa o cetro rebelde do grande inimigo, príncipe das trevas. Ali, as sombrias e grandes figuras dos príncipes Metzengerstein — os seus musculosos cavalos de guerra calcando os cadáveres dos inimigos caídos — abalavam os nervos dos mais firmes pela sua forte expressão. E além, por sua vez, voluptuosas e brancas como os cisnes, as imagens das damas de outros tempos flutuavam ao longe nos meandros de uma dança fantástica, ao som de uma melodia imaginária.

Mas enquanto que o barão escutava ou fingia ouvir o estrondo sempre crescente das cavaliças de Berlifitzing — e talvez meditasse nalgum delito novo, algum rasgo decidido de audácia — os seus olhos viraram-se maquinalmente para a imagem do cavalo enorme, de uma cor extranatural e representada na tapeçaria como pertencendo a um antepassado da família do seu rival. O cavalo aparecia no primeiro plano do quadro, imóvel como uma estátua —

ao passo que um pouco longe, atrás dele, o seu cavaleiro derrubado morria sob o punhal de um Metzengerstein.

Nos lábios de Frederico surgia uma expressão diabólica quando se apercebeu da direção que o seu olhar tomara involuntariamente. No entanto, não desviou os olhos. Bem longe dali, não podia de nenhuma forma dar razão da ansiedade opressiva que parecia cair sobre os seus sentidos como uma mortalha. Conciliava dificilmente as suas sensações incoerentes como as dos sonhos com a certeza de ser despertado. Quanto mais contemplava, mais absorvido se tornava o seu olhar pela fascinação desta tapeçaria. Mas o tumulto do exterior, ao tornar-se repentinamente mais violento, fê-lo fazer enfim um esforço a contragosto e desviou a sua atenção para uma explosão de luz vermelha, projetada em cheio das cavaliças inflamadas sobre as janelas do aposento.

A ação, no entanto, foi apenas momentânea; o seu olhar virou-se maquinalmente para a parede. Com grande espanto seu, a cabeça do gigantesco corcel — coisa horrível! — tinha entretanto mudado de posição. O pescoço do animal, primeiramente inclinado como por compaixão para o corpo tombado do seu senhor, estava agora estendido, rígido e a todo o comprimento, na direção do barão. Os olhos há pouco invisíveis, continham agora uma expressão enérgica e humana, e brilhavam com uma tonalidade vermelha, ardente e extraordinária; e os beiços distendidos desse cavalo de aspeto enraivecido deixavam aperceber plenamente os seus dentes sepulcrais e repugnantes.

Estupefacto pelo terror, o jovem senhor saiu cambaleando. Ao abrir a porta, um clarão de luz vermelha brilhou ao longo da sala,

desenhando nitidamente o seu reflexo na tapeçaria trémula; e quando o barão hesitou um instante no patamar, estremeceu vendo que esse reflexo tomava a mesma posição e preenchia exatamente o contorno do implacável e triunfante assassino do Berlifitzing vencido.

Para aliviar o seu espírito deprimido, o barão Frederico procurou precipitadamente o ar livre. A porta principal do palácio encontrou três escudeiros. Estes, com muita dificuldade e com perigo da sua vida, comprimiam os saltos convulsivos de um cavalo gigantesco, cor de fogo.

— De quem é este cavalo? Onde o encontraram? — perguntou o jovem com voz imperiosa e rouca, reconhecendo imediatamente que o misterioso cavalo da tapeçaria era o próprio animal furioso que tinha diante dele.

— É sua propriedade, senhor — respondeu um dos escudeiros — pelo menos nenhum proprietário o reclamou. Apanhámo-lo quando fugia, ardente e espumante de raiva, das cavalariares escaldantes do castelo Berlifitzing. Supondo que pertencesse à coudelaria estrangeira do velho conde, trouxemo-lo com os restantes. Mas os criados abdicaram dos direitos sobre o animal, o que é estranho, pois ele tem marcas evidentes do fogo, o que prova que escapou de boa.

— As letras W. V. B. estão igualmente marcadas a ferro muito distintamente na testa — interrompeu um segundo escudeiro. — Suponho pois que se trata das iniciais de Wilhelm von Berlifitzing, mas toda a gente no castelo afirma positivamente não ter conhecimento do cavalo.

— Extremamente singular! — disse o jovem barão, com ar sonhador, como se não tivesse nenhuma consciência do sentido das suas palavras. — É, como diz, um cavalo notável, um cavalo prodigioso! Se bem que ele seja, como reparou com justeza, de um carácter assustadiço e intratável, vamos lá! Pois será meu, não o duvido — disse ele depois de uma pausa. — Talvez só um cavaleiro como Frederico de Metzengerstein poderá domar o próprio diabo das cavaliças de Berlifitzing.

— Engana-se, senhor. O cavalo, como lhe dissemos, creia, não pertence às cavaliças do conde. Se tal tivesse sido o caso, nós conhecíamos muito bem o nosso dever para o levar à presença de uma pessoa nobre da sua família.

— É verdade! — observou o barão secamente.

E nesse momento um jovem criado de quarto chegou do palácio, afogueado e com passos precipitados. Falou ao ouvido do patrão, da história do desaparecimento repentino de um pedaço de tapeçaria, num quarto que designou, entrando então em pormenores de um carácter minucioso e circunstanciado. Mas, como tudo isso foi comunicado em voz muito baixa, nem uma palavra transpirou que pudesse satisfazer a curiosidade excitada dos escudeiros.

O jovem Frederico, durante a conversa, parecia agitado por emoções várias. Contudo, recobrou pouco depois a sua calma, e uma expressão de maldade desenhava-se já na sua fisionomia quando deu ordens perentórias para que o aposento em questão fosse imediatamente fechado e a chave posta nas suas próprias mãos.

— Teve conhecimento da morte deplorável de Berlifitzing, o velho caçador? — disse ao barão um dos seus vassallos, ao afastar-se o pajem, enquanto o enorme corcel, que o fidalgo tinha adotado como seu, pulava e saltava com uma fúria dobrada pela longa avenida que se estendia do palácio às cavaliças de Metzengerstein.

— Não — disse o barão voltando-se bruscamente para o que falava. — Morto, dizes tu?

— É a pura verdade, senhor, e presumo que para um senhor do seu nome não é uma informação demasiado desagradável.

Um rápido sorriso surgiu na fisionomia do barão.

— Como morreu?

— Devido aos seus esforços imprudentes para salvar a parte preferida da sua coudelaria de caça, pereceu miseravelmente nas chamas.

— Na... ver... da... de...! — exclamou o barão, como que impressionado, lenta e gradualmente, por qualquer evidência misteriosa.

— Na verdade — repetiu o vassallo.

— Horrível! — disse o jovem com muita calma. E entrou tranquilamente no palácio.

A partir desta época uma alteração marcante registou-se na conduta exterior do jovem desenfreado. Verdadeiramente a sua conduta desapontava todas as esperanças e derrotava as intrigas de mais de uma mãe. Os seus hábitos e maneiras vincaram-se cada vez mais, não havendo relações de simpatia, e menos do que nunca, com qualquer pessoa da aristocracia da vizinhança. Nunca o viam para além dos limites do seu próprio domínio, e no vasto

mundo social estava absolutamente só — a menos que aquele grande cavalo impetuoso e invulgar, cor de fogo, que montava continuamente a partir dessa época, não tivesse na verdade qualquer direito misterioso ao título de amigo.

Contudo, chegavam periodicamente convites da parte dos vizinhos: — «O barão honrará a nossa festa com a sua presença?» — «O barão juntar-se-á connosco para uma caçada ao javali?»

— «Metzengerstein não caça.» — «Metzengerstein não irá.» — Tais eram as suas altivas e lacónicas respostas.

Estes insultos repetidos não podiam ser suportados por uma nobreza orgulhosa. Os convites tornaram-se menos cordiais — menos frequentes — e com o tempo até cessaram por completo. Ouviu-se a viúva do infortunado conde Berlifitzing exprimir o voto de «que o barão ficasse em casa quando desejasse não estar lá, visto que desdenhava da companhia dos seus iguais; e que saísse a cavalo quando também não quisesse, pois que preferia a companhia de um cavalo». Isto certamente não passava de explosão irada do ódio hereditário e provava que as palavras se tornam singularmente absurdas quando queremos dar-lhes uma forma extraordinariamente enérgica.

As pessoas caridosas, todavia, atribuíam a mudança dos modos do jovem fidalgo ao desgosto natural de um filho privado prematuramente dos seus pais, esquecendo, contudo, a sua atroz e descuidada conduta durante os dias que se seguiram a esta perda. Houve alguns que viam simplesmente no caso uma ideia exagerada da sua importância e da sua dignidade. Outras, por sua vez (e entre aquelas pode ser citado o médico da família), falavam sem hesitar de uma melancolia mórbida e de um mal hereditário. No entanto,

insinuações mais tenebrosas, de uma natureza equívoca, corriam por entre o povo.

Na realidade, a dedicação perversa do barão pela sua montada de recente aquisição — dedicação que parecia tomar uma nova força em cada novo exemplo que o animal dava das suas ferozes e demoníacas inclinações — tornava-se com o decorrer do tempo, aos olhos de todas as pessoas, uma tendência horrível e contra a natureza. No deslumbramento do meio-dia, às horas profundas da noite — doente ou de boa saúde — o jovem Metzengerstein parecia pregado à sela do cavalo colossal cujas insuportáveis audácias se harmonizavam bem com o seu próprio caráter.

Havia, para mais, circunstâncias que ligadas aos acontecimentos recentes, davam um caráter sobrenatural e monstruoso à mania do cavaleiro e à capacidade do animal. O espaço que ele transpunha de um só salto tinha sido cuidadosamente medido e ultrapassava com uma diferença espantosa as conjeturas mais largas e mais exageradas. O barão, além disso, não dera ainda ao animal qualquer nome particular, ainda que todos os cavalos da coudelaria fossem distinguidos pelos nomes característicos. Este cavalo tinha a sua cavalaria a uma certa distância das outras e, quanto ao tratamento e a todo o serviço necessário, ninguém, exceto o proprietário em pessoa, se teria arriscado a preencher estas funções, nem mesmo a entrar no recinto onde estava construída a sua cavalaria particular. Observou-se também que os três palafreiros, que se tinham apoderado do corcel quando fugia ao incêndio de Berlifitzing, embora tivessem conseguido parar a sua corrida com a ajuda de

uma cadeia de nó corredio, no entanto, nenhum dos três podia afirmar com a certeza de que, durante essa perigosa luta, tivessem pousado a mão no corpo do animal. Provas de inteligência particular na conduta de um nobre animal cheio de ardor não bastariam certamente para excitar uma atenção sem motivos. Mas havia certas circunstâncias que tinham alertado os espíritos mais céticos e mais fleumáticos, e dizia-se que por vezes o animal fizera recuar de horror a multidão curiosa frente ao profundo e chocante significado da sua marca — que por vezes o jovem Metzengerstein se tornara pálido e se furtara diante da expressão rápida do seu olhar sério e quase humano.

Entre todos os criados do barão não se encontrava, contudo, ninguém que duvidasse do fervor extraordinário e afeição que excitavam no jovem fidalgo as qualidades brilhantes do seu cavalo. Ninguém, exceto pelo menos um insignificante pajenzinho, um pateta que exibia por toda a parte ofuscante fealdade e cujas opiniões não tinham a mínima importância possível. Tinha o desaforo de afirmar — se as suas ideias valessem a pena ser mencionadas — que o seu dono jamais subira para a sela sem um inexplicável e quase impercetível arrepio, e que no regresso de cada um dos seus longos e habituais passeios, uma expressão de maldade desfigurava a sua face.

Durante uma noite tempestuosa, Metzengerstein, ao acordar de um pesado sono, desceu como um maníaco do seu quarto e, montando o cavalo a toda a pressa, lançou-se a galope através do labirinto da floresta.

Um acontecimento tão vulgar não podia chamar em particular a atenção. Porém, o seu regresso foi esperado com uma intensa

ansiedade por todos os seus criados, quando, depois de algumas horas de ausência, as prodigiosas e magníficas construções do palácio de Metzengerstein se puseram a estalar e a tremer até às fundações, sob o efeito de um fogo imenso, uma massa espessa e lívida.

Como as chamas, quando as avistaram pela primeira vez, já tinham lavrado terrivelmente e todos os esforços para salvar qualquer porção dos edifícios tivessem sido inúteis, toda a população da vizinhança se conservava silenciosamente em volta, numa estupefação silenciosa, até mesmo apática.

Mas um objeto terrível e novo atraiu em breve a atenção de todos, e demonstrou quanto é mais intenso o interesse excitado pelos sentimentos de uma multidão pela contemplação de uma agonia humana do que a criada pelos mais espantosos espetáculos da matéria inanimada.

Na longa avenida dos velhos castanheiros, que começava na floresta e terminava à entrada principal do palácio de Metzengerstein, um corcel, trazendo um cavaleiro de cabelo em desordem, vinha a saltar com uma impetuosidade que desafiava a fúria da própria tempestade. O cavaleiro não estava evidentemente senhor desta corrida desenfreada. A angústia da sua fisionomia os esforços convulsivos de todo o seu ser, testemunhavam bem uma luta sobre-humana, mas nenhum som, exceto um único grito, se escapou pelos lábios lacerados, que mordida, ora um ora outro, na intensidade do seu terror. Num instante, o choque dos cascos ecoou com um barulho agudo, atroador, mais alto que o rugir das chamas e o ulular do vento. Num instante apenas, transpondo de um salto a porta grande e o fosso, o corcel lançou-se pelas escadas oscilantes

do palácio e desapareceu com o seu cavaleiro no turbilhão daquele fogo caótico.

A fúria da tempestade apaziguou-se de repente e sobreveio a calma mais absoluta. Uma chama branca envolvia ainda o edifício como um sudário e brilhava ao longo da atmosfera tranquila, dardejando uma luz de um fulgor sobrenatural, enquanto uma nuvem de fumo descia pesadamente por cima das construções, sob a forma distinta de um gigantesco *cavalo*.

Silêncio

Título original: *Siøpe*

Publicado em 1832

«Escuta, disse-me o Demónio, pousando a mão sobre a minha cabeça. A terra a que me refiro é uma árida região na Líbia, nas margens do rio Zaire. E aí não há quietação nem silêncio.

«As águas do rio têm uma doentia cor de açafão; e não correm para o mar, mas, com um movimento tumultuoso e convulso, palpitam permanentemente sob o olho rubro do sol. Numa extensão de muitas milhas de um e doutro lado do lodoso rio alastra-se um lívido deserto de gigantescos nenúfares. Suspiram uns para os outros naquela solidão e estendem para o céu os compridos e lúgubres pescoços e baloçam as eternas cabeças. E exala-se dentro deles um murmúrio indistinto, que lembra o rumorejar de águas subterrâneas. E suspiram uns para os outros.

«O seu reino, porém, tem limite — a negra, horrível floresta de altas frondes. Aí, como as ondas nas Hébridias, a vegetação baixa jamais serena. Todavia, não sopra vento do céu. E as altas árvores não cessam de ramalhar com fragor. E, lá de cima, das suas grimpas caem, gota a gota, orvalhos eternos. Nas raízes enroscam-se-lhes, em agitado sono, flores estranhas e venenosas. E lá no alto, nuvens pardacentas correm com estrondo para Oeste, até em catadupas se despenharem por sobre o afogueado muro do

horizonte. Mas não sopra vento do céu. E nas margens do Zaire não há quietação nem silêncio.

«Era noite e a chuva caía; era chuva ao cair, mas era sangue, depois de caída. E eu estava de pé, no meio dos gigantescos nenúfares, e a chuva fustigava-me a cabeça — e os nenúfares suspiravam uns para os outros na solenidade da sua desolação.

«E de repente, da ténue e lúgubre neblina, despontou a Lua, toda encarnada! E os meus olhos poisaram num enorme rochedo pardo que se erguia na margem do rio e era iluminado pelo luar. O rochedo era pardo, lúgubre, muito alto. Na frente do rochedo estavam gravados uns caracteres; e eu atravessei o pântano dos nenúfares até chegar à margem do rio a fim de ler os caracteres esculpidos na pedra. Não pude, porém, decifrá-los. E regressava para o pântano, quando um fulgor mais rubro da Lua me fez voltar de novo os olhos para o rochedo pardo e para os caracteres; e os caracteres diziam DESOLAÇÃO.

«Ergui os olhos e vi um homem de pé na ponta do rochedo; e escondi-me entre os nenúfares para espiar o que o homem fazia. Era alto, imponente, envolto dos ombros aos pés na toga da velha Roma. Eram indistintos os contornos do seu vulto — as suas feições, porém, eram as feições de uma divindade; pois o manto da noite, da neblina, da Lua e do orvalho deixava-lhe a descoberto as feições do rosto. Tinha a fronte alta do pensador; via-se-lhe nos olhos a sombra dos cuidados; e nas poucas rugas que lhe sulcavam as faces eu li as fábulas da dor, do cansaço, do tédio da humanidade e um anseio de solidão.

«O homem sentou-se no rochedo, apoiou a cabeça na mão e olhou para o ermo em volta. Olhou lá para baixo para os

rumorejantes arbustos, e em seguida ergueu os olhos para as enormes árvores primitivas, ergueu-os mais ainda para o céu tumultuoso e para a Lua encarnada. E eu, alapado entre os nenúfares, espiava o que o homem fazia. E o homem tremeu na solidão; — mas a noite foi avançando, dissipou-se, por fim, e o homem sempre sentado no rochedo!

«O homem desviou os olhos do céu e pousou-os na aridez do rio Zaire, nas águas amarelas e sinistras e nas pálidas legiões dos nenúfares. E escutou os suspiros dos nenúfares e o murmúrio que deles se exalava. E eu, do meu esconderijo, espiava o que o homem fazia. E o homem tremeu na solidão — mas a noite foi avançando, dissipou-se por fim, e o homem sempre sentado no rochedo!

«Entranhei-me então no seio do pântano, meti-me por entre a imensidão dos nenúfares e chamei pelos hipopótamos que se acoitavam nos recessos do pântano. E os hipopótamos ouviram o meu apelo e, soltando feroz e medonhos rugidos, avançavam com o behemoth até o sopé do rochedo.

«E eu, do meu esconderijo, espiava o que o homem fazia. E o homem tremeu na solidão; — mas a noite foi avançando, dissipou-se por fim, e o homem sempre sentado no rochedo!

«Amaldiçoei então os elementos com o anátema do *tumulto*; e no céu, onde até aí não soprava vento, estalejou temerosa tempestade. O céu pôs-se lívido com a violência da tormenta — a chuva açoitava a cabeça do homem — o rio espumava em torrentes caudalosas—os nenúfares gritavam nos seus leitos — a floresta desfazia-se com o vendaval — ribombava o trovão — faiscavam os raios — o rochedo tremia na sua base. E eu, do meu esconderijo,

espiava o que o homem fazia. E o homem tremeu na solidão; — mas a noite foi avançando, dissipou-se, por fim, e o homem sempre sentado no rochedo!

«Então enfureci-me e amaldiçoei, com o anátema do *Silêncio*, o rio, os nenúfares, o vento, a floresta, o céu, o trovão e os suspiros dos nenúfares. E com a maldição *tudo emudeceu e parou*. A Lua estacou imóvel no céu, não se tornou a ouvir o ribombar do trovão, nunca mais faiscaram os raios, nunca mais se deslocaram as nuvens, as águas baixaram ao seu nível e, remansosas, aí se deixaram ficar, as árvores cessavam de ramalhar, não suspiraram mais os nenúfares, nenhum murmúrio deles se tornou a ouvir, nem uma sombra de som se ouviu mais em todo o vasto e intérmino deserto.

«E olhei para os caracteres gravados no rochedo e vi que tinham mudado — diziam agora SILÊNCIO.

«Fitei os olhos no rosto do homem — o terror empalidecera-o. E precipitadamente ergueu da mão a cabeça, pôs-se de pé e ficou-se à escuta. Mas do vasto deserto sem fim nenhuma voz lhe chegava aos ouvidos e os caracteres gravados no rochedo diziam SILÊNCIO. O homem, então, estremeceu, desviou o rosto e largou a fugir, e com tamanha pressa que nunca mais o vi.»

Há belos contos nos volumes dos Magos — nos melancólicos volumes, encadernados em ferro, dos Magos. Há neles, digo, histórias gloriosas do Céu e da Terra e do potente Sol — e dos Génios que governam o mar, a terra e o alto céu. Havia também

muito saber nas falas das Sibilas; e coisas santas eram outrora ouvidas pelas escuras folhas que tremiam em volta de Dodona — mas, por Allah o juro, aquela fábula que o Demónio me contou, sentado a meu lado na sombra de um túmulo, tenho-a como a mais maravilhosa de todas! E quando deu por finda a sua narrativa, caiu para trás, para dentro da cavidade do túmulo e desatou a rir. Eu não pude rir com o Demónio, e então ele amaldiçoou-me por eu não poder rir. E o lince, que eternamente habita no túmulo, saiu e deitou-se aos pés do Demónio; encarando-o fixamente.

Um Manuscrito encontrado numa Garrafa

Título original: *Manuscript Found in a Bottle*

Publicado em 1833

*Quem não tem mais do que um
momento de vida não pode dissimular.*

— Quinault-Atys

Da minha pátria e da minha família tenho pouco que dizer. O meu mau procedimento e o decorrer dos anos tornaram-me estranho a ambas. Graças ao meu património, tive o benefício de uma educação pouco vulgar, e a inclinação do meu espírito para a contemplação deu-me possibilidades de classificar metodicamente todo esse material instrutivo acumulado pelo estudo aturado.

As obras dos filósofos alemães, sobretudo, causaram-me infinitas delícias, não por admiração pela sua eloquente loucura, mas pelo prazer que, por virtude dos meus hábitos de rigorosa análise, sentia surpreendendo os seus erros.

Censuraram-me muitas vezes o génio azedo e a falta de imaginação. O pirronismo das minhas opiniões tornou-me célebre.

Temo, realmente, que uma forte inclinação para a filosofia da física tenha impregnado o meu espírito de um dos defeitos mais comuns deste século, ou seja o costume da relacionar com os princípios desta ciência as circunstâncias menos suscetíveis de semelhante relação.

Considero oportuno este preâmbulo, perante o receio de que o incrível relato que vou fazer seja considerado como o frenesi de uma imaginação desvairada e não como a experiência positiva de um homem para o qual não existiram nunca as lucubrações imaginativas.

Após muitos anos sem proveito numa longa e longínqua viagem, embarquei em 18... em Batávia, na seca e populosa ilha de Java, para dar um passeio pelo arquipélago das ilhas de Sonda.

Ia como simples passageiro, visto que não me impelia outro móbil além da minha instabilidade nervosa, sempre tentadora como um mau espírito. O barco tinha aproximadamente 400 toneladas, fora construído em Bombaim, e ia carregado de algodão, lã e óleo das Laquedivas.

Levávamos também outro carregamento: açúcar de palma, cocos e algumas caixas de ópio. Durante alguns dias, permanecemos ao largo da costa oriental de Java, sem outro incidente que cortasse a monotonia da viagem além do aparecimento de algumas ilhotas.

Uma tarde, estava eu apoiado à borda do tombadilho, quando vi uma singularíssima nuvem isolada no lado noroeste do céu. Distingua-se não só pela sua cor como por ser a primeira que tínhamos visto desde a partida de Batávia. Examinei-a atentamente até ao pôr do sol; então estendeu-se de Este para Oeste, marcando no horizonte uma linha nítida de vapor que parecia um troço de costa muito baixa.

Mas, em breve, a minha atenção foi distraída pelo aspeto vermelho-escuro da lua e pela estranha fisionomia do mar. Este último sofrera uma rápida transformação; a água parecia mais

transparente que de costume e distinguia-se o fundo com toda a nitidez. Não obstante isso, ao deitar a sonda verificámos que estávamos a uma altura de quinze braças.

O ar tornou-se intoleravelmente cálido e estava carregado de exalações semelhantes às que emanam do ferro incandescente. Com a noite, a brisa amainou completamente e fomos envolvidos por uma calma absoluta. A chama de uma vela ardia sem o menor movimento sensível e um cabelo suspenso entre o indicador e o polegar caía a direito sem a mais pequena oscilação.

No entanto, como o capitão dizia que não havia nenhuma ameaça de perigo, e como derivávamos para terra, ficámos tranquilos. Colheram-se as velas e lançou-se a âncora. Não se pôs vigia de quarto e a tripulação, composta principalmente de malaios, deitou-se sobre a ponte.

Fui para o meu camarote com alguma inquietação, porque tinha o pressentimento de uma desgraça.

Todos aqueles sintomas faziam prever um ciclone, mas, quando o disse ao capitão, este encolheu os ombros e voltou-me as costas sem me responder.

Como não podia conciliar o sono, à meia-noite subi para a coberta. Ao pôr o pé sobre o último degrau fiquei aterrado com um rumor profundo, semelhante ao que produz a rotação rápida de uma roda de moinho, e antes que pudesse averiguar a causa reparei que o navio estremecia sacudido violentamente. Um golpe de mar deitou-o de lado e, passando por cima de nós, varreu a coberta.

A própria fúria do vento contribuiu para o salvar, embora mergulhasse quase por completo na água. Como os seus mastaréis

ficaram livres, tornou a levantar-se lentamente, vacilou um instante sobre a enorme pressão da tempestade, e por fim voltou à antiga posição.

Escapei da morte milagrosamente. Atordoado pelo violento choque da água, encontrei-me, ao voltar a mim, entre o cadaste e o timão. Consegui, com muito trabalho, pôr-me em pé e, ao olhar à minha volta, imaginei que estávamos no meio da rebentação do mar contra os escolhos, tão terrível era o torvelinho em que nos encontrávamos.

Ao cabo de alguns momentos, ouvi a voz de um velho sueco que tinha embarcado minutos antes do navio abandonar o porto. Chamei-o aos gritos e, cambaleando, dirigiu-se para mim.

Em breve percebemos que éramos os únicos sobreviventes do desastre. Tudo o que estava sobre a coberta, exceto nós, tinha ido pela borda fora. O capitão e os marinheiros morreram durante o sono, porque os seus camarotes foram inundados.

Sozinhos, nada podíamos fazer para salvar o navio, nem tão pouco nos deixava pensar nisso a certeza que tínhamos de que íamos morrer de um momento para o outro. Éramos acossados pelo furacão e a água precipitava-se de todos os lados; no entanto, verificámos que as bombas funcionavam e que o carregamento não tinha sofrido muito.

Durante cinco dias e cinco noites inteiras, em que vivemos de alguns pedaços de açúcar de palma, o barco continuou a sua correria com incalculável rapidez, impelido pelas correntes de ar que se sucediam assustadoramente e que, sem igualar o primeiro ímpeto do tufão, eram no entanto muito mais terríveis que as de qualquer outra tempestade conhecida.

Nos primeiros dias, a nossa rota, salvo ligeiras variações, foi a do sudoeste, em direção às costas da Nova Zelândia.

Ao quinto dia o frio aumentou, embora o vento viesse do Norte. O sol ergueu-se com um resplendor amarelento e doentio, sem projetar uma luz clara. Não se via nenhuma nuvem e, no entanto, o vento esfriava e soprava furioso. Cerca do meio dia, o aspeto do sol chamou a nossa atenção. Realmente, não desferia verdadeira luminosidade mas uma espécie de fulgor sombrio e triste, sem reflexos, como se todos os seus raios estivessem polarizados. Antes de mergulhar no mar, o seu clarão central desapareceu repentinamente, como se um poder inexplicável o tivesse apagado de súbito. Não era mais que uma rosa pálida e prateada quando se precipitou no oceano insondável.

Inutilmente esperámos a chegada do sexto dia. Este dia não chegou ainda para mim; para o sueco não chegou nunca.

A partir desse momento ficámos sepultados em trevas muito espessas e não distinguíamos um objeto a vinte passos do navio. Envolvia-nos uma noite eterna que não era sequer aliviada pelo resplendor fosfórico do mar, ao qual estávamos acostumados nos trópicos. Observámos igualmente que, apesar da tempestade continuar, raivosa e enfurecida, já não sentíamos nenhuma ressaca nem os alvacentos carneirinhos que nos acompanhavam e sacudiam dias antes.

Em volta de nós, o horror, a escuridão impenetrável e o negro deserto de ébano líquido. Pouco a pouco, ia-se infiltrando no espírito do velho sueco um terror supersticioso e a minha alma mergulhava em muda estupefação.

Abandonámos por completo toda a reparação e cuidado com o barco e, abraçados ao pau de mezena, passeávamos os nossos olhares amargamente sobre a imensidade oceânica. Faltavam-nos os meios para calcular o tempo e não podíamos fazer a mais pequena conjectura sobre a nossa situação. Estávamos certos, contudo, de ter ido muito mais para o sul que nenhum dos anteriores navegantes e surpreendia-nos não encontrar o natural obstáculo do gelo. Cada minuto nos parecia ser o último da nossa existência e cada onda nos parecia a derradeira que veríamos. Realmente, só por milagre escapámos de ser engolidos pelo mar em fúria.

O meu companheiro falava da leveza do carregamento e recordava as excelentes qualidades do navio, mas eu já tinha renunciado de antemão à vida e reparava-me melancolicamente para a morte, que nada poderia deter mais de uma hora, porque a cada novo avanço do barco aquele mar negro e prodigioso adquiria um aspeto mais lúgubre e fatal.

Às vezes, a uma altura maior que a do albatroz, a respiração faltava-nos. Outras vezes descíamos vertiginosamente ao fundo de um inferno líquido, onde não parecia existir ar nem som. Estávamos no fundo de um desses abismos quando um súbito grito do meu companheiro rasgou sinistramente a noite:

— Olhe, olhe! — exclamou ao meu ouvido. — Deus onnipotente!

Uma luz vermelha, com um brilho sombrio e triste, flutuava e lançava sobre o barco um reflexo vacilante.

Levantei o olhar e vi então um espetáculo que me gelou o sangue nas veias. A uma altura tremenda, justamente por cima de

nós, e sobre a própria crista do precipício, passava um barco gigantesco, talvez de 4000 toneladas. Embora empoleirado no alto de uma onda cem vezes mais alta do que ele, parecia de dimensões muito maiores do que as de qualquer outro barco de linha ou da Companhia das Índias. O seu enorme casco, pintado de um negro carregado, não era aligeirado por nenhum dos ornamentos próprios dos navios. Uma simples fileira de canhões devolvia, refletida pela sua superfície polida, a luz de inumeráveis faróis de combate que se balançavam nos seus mastros. Mas o que nos inspirou maior assombro e terror foi o facto de navegar com as velas desfraldadas no meio daquele mar sobrenatural e tempestuoso.

Durante um momento — momento de supremo terror — vacilou no alto do abismo, depois estremeceu, inclinou-se, e por fim deslizou pela vertente abaixo.

Ignoro como pude conservar o sangue-frio para dominar o pavor. Recuando o mais possível, aguardei impávido a catástrofe que devia esmagar-nos. A nossa embarcação já não lutava com o mar e mergulhava de proa, lentamente.

Assim, pois, o enorme e misterioso navio chocou com a parte do nosso que estava já debaixo de água, do que resultou eu ser arremessado para o cordame da sua mastreação.

Quando caí, o navio teve um momento de quietação, depois virou rapidamente e isso, sem dúvida, produzindo uma natural confusão, fez com que a minha presença passasse despercebida. Não tive muito trabalho em escapar-me, sem ser visto, pela escotilha principal, e pude esconder-me no canto mais obscuro e afastado da calheta. Não sei dizer como nem porque o fiz. O que

me levou a isso foi um vago sentimento de terror que se apoderou do meu espírito perante o aspeto da sua tripulação.

Não me lembra de nenhuma raça que apresentasse aquelas características de indefinível raridade e que pudesse produzir tantas razões de dúvida e de desconfiança.

Apenas tinha conseguido ocultar-me quando senti um ruído de passos. Um homem passou diante do meu esconderijo. Não podia ver-lhe o rosto mas pude observar-lhe o aspeto geral. Tinha toda a aparência de um ser débil e caduco. Os joelhos dobravam-se-lhe sob o peso dos anos e um tremor constante sacudia-lhe o corpo. Falava consigo mesmo, com voz débil e entrecortada, em palavras de um idioma incompreensível, enquanto revolia um canto onde se empilhavam instrumentos de formas estranhas e cartas de navegação deterioradas. Os seus gestos e atitudes eram uma mistura singular da fraqueza de uma segunda infância e da dignidade solene de um deus. Ao fim de certo tempo voltou para a coberta e já o não vi mais.

Apossou-se da minha alma tal sentimento que não encontro palavras para o exprimir, uma sensação impenetrável á análise que não tem tradução nos dicionários conhecidos e cuja significação receio muito que não venha a encontrar-se no futuro.

Para um espírito constituído como o meu, esta última consideração era um verdadeiro suplício. Tenho o pressentimento de que não poderei revelar nunca a verdadeira significação das minhas ideias. No entanto é lógico, de certa maneira, que estas ideias permaneçam indefiníveis, visto que brotam de fontes absolutamente inéditas. Um novo sentimento, uma nova identidade incorporou-se na minha alma.

Há já muito tempo que pisei pela primeira vez a coberta deste navio e os raios do destino concentram-se cada vez mais.

Que gente incompreensível! Passam a meu lado sem me ver, embebidos em meditações cuja natureza não posso adivinhar. Seria loucura minha esconder-me deles, porque eles *não podem ver-me*. Há pouco passei em frente do imediato e antes disso aventurei-me a ir até ao próprio camarote do capitão, onde arranjei o que precisava para escrever o que antecede e o que se seguirá.

Tenho a intenção de escrever este relato de vez em quando. É certo que não terei forma nem ocasião de o transmitir ao mundo, mas, pelo menos, tentá-lo-ei. E, em último caso, porei o manuscrito numa garrafa e lançá-lo-ei ao mar.

Fiz recentemente muitas observações sobre a estrutura do barco. Embora bem armado, não creio que se trate de um navio de guerra. A sua mastreação e a sua tripulação repelem esta ideia. Sei perfeitamente o que não é, mas ser-me-ia impossível dizer o que é. Examinando a forma estranha e singular deste navio e as suas colossais proporções, a prodigiosa quantidade de velas que tem, a sua proa severamente simples e a sua popa de um estilo exagerado, creio que a percepção de coisas não completamente desconhecidas atravessa o meu espírito como um relâmpago, misturando-se sempre a estas sombras flutuantes da memória uma inexplicável recordação das velhas lendas estrangeiras de séculos antiquíssimos.

Examinei cuidadosamente todo o madeiramento do barco. É feito de materiais desconhecidos para mim e parecem-me impróprios para o uso a que foram destinados.

Refiro-me à sua extrema porosidade, considerada independentemente do desgaste natural resultante de uma longa navegação por estes mares, e da podridão da velhice. Talvez se ache demasiado subtil a observação que vou fazer: mas dá-me a impressão de ser feito de madeira muito semelhante ao roble espanhol, se o roble espanhol pudesse ser dilatado por processos artificiais.

Relendo a frase anterior, lembro-me do curioso dito de um velho lobo-do-mar holandês:

— É positivo — dizia, sempre que duvidavam do que dizia — como é positivo que há um mar onde os barcos engordam como os corpos vivos dos marinheiros.

Há aproximadamente uma hora tive a audácia de me meter no meio de um grupo de indivíduos da tripulação. Não repararam em mim e, embora permanecesse no meio deles, parecia não terem o mais pequeno conhecimento da minha presença.

Tal como o seu companheiro que vi pela primeira vez na calheta, todos eles tinham o aspeto de uma grande decrepitude. Os seus joelhos tremiam de debilidade; a velhice curvava-lhes as costas; a pele enrugada tremia com o vento ; a voz era surda e

sacudida; os olhos estavam molhados de lágrimas senis e os cabelos grisalhos pareciam fugir com a tempestade.

Em volta deles jaziam espalhados instrumentos matemáticos de formas antiquíssimas e de emprego fora de uso.

O navio, com todas as velas desfraldadas, corria em direção ao Sul, sacudido e abanado pelo mais terrível inferno líquido que um cérebro humano possa conceber. Abandonei a coberta por não poder permanecer nela; a tripulação, no entanto, não mostra sofrer qualquer abalo.

Parece-me o milagre dos milagres que o mar não nos tenha engolido de uma vez para sempre. Estamos condenados, sem dúvida, a bordejar indefinidamente a eternidade, sem nunca mergulharmos no abismo. Deslizamos como aves marinhas sobre ondas mil vezes mais altas e temíveis que qualquer onda conhecida. Outras ondas colossais levantam a sua crista por cima de nós, como demónios que não pudessem passar de simples ameaças e aos quais fosse proibido destruir-nos.

Acabei por atribuir essa boa sorte perpétua à única causa natural que pode explicar semelhante efeito: o navio ser mantido por alguma forte corrente ou por redemoinhos submarinos.

Vi o capitão, frente a frente, no seu próprio camarote, mas, como eu supunha, não me prestou a menor atenção. Embora nada

haja nele de superior ou inferior a qualquer homem, o assombro que senti na sua presença era impregnado de respeito e de terror supersticioso. Tem pouco mais ou menos a minha estatura; é bem proporcionado e de aspeto robusto, mas a sua constituição não revela um vigor extraordinário. O que é verdadeiramente singular é a expressão do seu rosto, a intensa, terrível e sugestiva aparência de velhice, tão completa, tão absoluta, que cria no meu espírito um sentimento inefável à medida que vou olhando para ele. A sua fronte, embora pouco enrugada, parece ter mil anos. Os seus cabelos grisalhos guardam o passado e os seus olhos, mais cinzentos ainda, como que profetizam o futuro.

O chão do seu camarote está juncado de estranhos volumes «in-fólio» com cantoneiras de ferro, de instrumentos científicos desusados e de antigos mapas de uma forma completamente esquecida.

Tinha a cabeça apoiada sobre as mãos, e o seu olhar ardente e inquieto devorava um pergaminho com a assinatura e os selos reais.

Falava consigo mesmo, como aquele marinheiro que vi pela primeira vez na calheta, e murmurava em voz baixa algumas sílabas de uma língua estranha. Embora estivesse muito perto dele, parecia-me que a sua voz chegava aos meus ouvidos vinda de uma milha de distância.

O barco e o seu recheio estão impregnados do espírito de outras épocas. Os homens da tripulação deslizam como sombras

dos séculos sepultados. Nos seus olhos vive a inquietação dos pensamentos ardentes. E quando, ao cruzarem comigo, as suas mãos são iluminadas pela luz lívida dos fanais, sinto qualquer coisa que nunca senti, embora a minha vida esteja cheia da loucura das antiguidades, embora me tenha banhado na sombra das colunas arrumadas de Balbek, de Tadmor e de Persépolis, de tal forma que a minha alma acabou por ser uma ruína.

Quando olho à minha volta envergonho-me dos antigos terrores. Se a tempestade até agora me fez estremecer de horror, que sensações e que palavras, para a exprimir, necessitaria agora em face da batalha do vento e do oceano, uma batalha para a qual os conceitos vulgares de turbilhão não podem dar a menor ideia?

O barco ficou literalmente mergulhado nas trevas de uma noite eterna, num caos de água sem espuma, mas a distâncias circulares de uma légua, aproximadamente, podemos avistar bem distintamente e de vez em quando prodigiosas superfícies de gelo que sobem para o céu desolado como se fossem as muralhas do universo.

Como eu supusera, o navio está indubitavelmente numa corrente, se se pode chamar assim àquilo que vai rugindo e uivando através das brancuras glaciais, e que produz no lado Sul um ruído

estrondoso mil vezes mais forte que o de uma catarata caindo verticalmente.

É impossível imaginar o horror das minhas sensações. No entanto, a curiosidade de penetrar o mistério desta terrível região é mais forte do que o terror, e até me reconcilia com a odiosa fisionomia da morte. Não há dúvida de que nos precipitamos à busca de um segredo incomunicável, cujo conhecimento só se consegue à custa da vida. Talvez esta corrente nos conduza ao próprio polo. Por muito estranha que seja esta suposição, é preciso acreditar nela.

A tripulação passeia sobre a ponte, inquieta e trémula. Todos os rostos têm uma expressão nova mais parecida com o ardor da esperança do que com a apatia do desespero.

Como levamos todas as velas desfraldadas, e o vento nos empurra, há momentos em que o navio salta fora do mar.

De súbito — horror dos horrores! — o gelo que nos cerca abre-se repentinamente, à direita e à esquerda, e damos voltas vertiginosas em imensos círculos concêntricos em redor das bordas gigantescas de um enorme anfiteatro, cujos muros se prolongam para além das trevas e do espaço.

Mas já não me resta tempo para sonhar o meu destino. Os círculos apertam-se rapidamente e mergulhamos no abraço, cada vez mais cingido, do turbilhão. E, através do mugido horrível do oceano e da tempestade, o navio estremece e — oh Deus! — afunda-se!

A Entrevista

Título original: *The Visionary*

Publicado em 1834

Ser misterioso e prometido à desgraça, enturvado pelo deslumbramento da imaginação, tu ardeste nas chamas da tua própria juventude! A minha memória evoca a tua imagem; levantas-te ainda uma vez diante de mim, não, ai! como ora dormes na sombria e gélida vala do sepulcro, mas como *deveras ser*, desperdiçando uma vida de esplêndidos devaneios numa cidade de vaporosas visões, na tua amada Veneza, nesse paraíso marítimo, cujas largas sacadas relanceiam com um sentimento profundo e amargo os mistérios das ondas silenciosas. Sim, tal como *deveras ser*.

Decerto, existem mundos além dos que pisamos, outros pensamentos diferentes dos da multidão, outros sonhos que não os sonhos dos sofistas.

Quem, hoje, exprobará a tua vida? Quem ousará vituperar as tuas horas de alucinação, ou arguir de esbanjamento de vida aquelas loucuras, em que desbaratavas a exuberância da tua indómita energia?

Foi em Veneza, sob a galeria coberta, que chamam *Ponte dei Sospiri* que eu o encontrei pela terceira ou quarta vez. Apenas retenho uma reminiscência confusa das circunstâncias deste encontro... Mas como as recordo eu! Como poderia esquecê-las?

A escuridão profunda, a ponte dos Suspiros, a beleza das mulheres, e o gênio das aventuras indo e vindo ao longo do estreito canal!

A noite escurecia de uma maneira estranha; o grande relógio da Piazza martelara a quinta hora da noite italiana. A praça Campanile estava deserta e muda; as luzes do velho palácio apagavam-se uma por uma.

Vindo da Piazzeta, entrava em minha casa pelo Grande Canal; mas, no momento em que a gôndola defrontava com a abertura do canal San Marco, uma voz de mulher vibrou subitamente no sossego da noite, perturbando-o com um grito selvagem, histérico, prolongado. Ergui-me de um pulo, aterrado por este grito fúnebre, enquanto o meu gondoleiro largava o seu único remo, que foi perder-se na treva das águas.

Forçoso nos foi então abandonarmo-nos à corrente que segue do pequeno para o grande canal. Lembrando um gigante condor de plumagem de ébano, a gôndola cortava lentamente sob a ponte dos Suspiros, quando uma multidão de archotes, flamejando na fachada e escadarias do palácio ducal veio de súbito fundir o escuro num clarão lívido e quase sobrenatural.

— Uma criança resvalando dos braços de sua mãe vinha de precipitar-se, de uma das janelas superiores do alto edifício, no sombrio e profundo canal. A onda pérfida fechara-se tranquilamente sobre a vítima.

Ainda que a minha gôndola fosse a única à vista, mais de um robusto nadador lutava já contra a corrente, procurando debalde ao lume de água o tesouro que só arrancariam do fundo do abismo. Sob as amplas lápides de mármore negro forrando a entrada do

palácio, alguns degraus acima do nível das águas, destacava-se em pé uma mulher cuja sedução recorda ainda quem uma vez a viu. Era a marquesa Afrodite, a adoração de Veneza, a mais alegre das loucas filhas do Adriático, a mais bela, sob este céu onde todas enfeitçam, a moça esposa do velho libertino Mentoni, a mãe da formosa criança (sua primeira e única esperança) que, sepulta nesta água túrbida, cisma angustiosamente nas doces carícias maternais, e exaure sua débil existência em baldados esforços para invocar o nome querido.

Está só em meio de grupos formados à entrada do palácio. Seus pequenos pés nus alvejando refletem-se no espelho de mármore escuro da escadaria. Seus cabelos meio desalinhados pela noite ao sair de algum baile, e onde relumbra ainda um chuveiro de diamantes, enrolam e torcem-se em torno da clássica cabeça em ondulações de um negro azulado que lembra os reflexos do jacinto.

Umas roupas brancas como a neve, aéreas como a gaze, parecem só cobrir seu corpo delicado; mas nem um sopro anima o pesado ambiente desta abafada noite de estio, nem agita as pregas da sua roupagem vaporosa, que descai em torno de si, como o vestido de mármore da Niobé antiga.

Todavia — fascinação estranha! — os grandes olhos luminosos da marquesa não descem sobre o túmulo que lhe tragara a mais querida esperança; fitam-se seguindo direção absolutamente oposta. É decerto o velho castelo da república, um dos mais notáveis monumentos de Veneza; mas como pode a nobre dama contemplá-lo assim, obstinadamente, se abaixo dela estrebucha seu filho nas ânsias da asfixia? Esta sombria voragem rasga-se exatamente em face da janela da sua câmara: que pode logo

avistar ela na arquitetura, nas antigas cornijas, forradas de hera, dessa cavidade, que a não tenha por milhares de vezes absorvido? Ai! por ventura não sabemos, que, em semelhantes momentos, a vista, semelhante a um espelho quebrado, multiplica as imagens da dor e contempla em paragens longínquas a causa de uma angústia presente?

A uma dezena de degraus, abaixo da marquesa, e sob a abóboda do pórtico, logo se depara o velho sátiro de Mentoni. Trajando de baile, segura na mão uma guitarra, de que arranca a intervalos algumas notas, e parece aborrecer-se até à morte, em quanto expede de tempo em tempo ordens aos que se esforçam por salvar-lhe o filho.

Ainda não recobrado da surpresa, mantinha-me sempre de pé na popa da minha barca, e devera ostentar aos olhos dos grupos agitados uns ares de espectro, de uma aparição de mau agouro, quando pálido e imóvel perpassei ante eles na minha gôndola funerária.

Baldaram-se todas as tentativas. Os mais enérgicos mergulhadores afrouxavam de seus esforços e abandonavam-se a um tremendo desalento. Bruxuleavam tenuíssimas esperanças de salvar a criança... (e a mãe, quem a salvará?...) Mas eis que de súbito se alevanta dentre a sombra do castelo, defrontando as janelas da marquesa e pegado à velha prisão republicana, um homem envolto num manto, que depois de se haver entremostrado um momento ao clarão dos archotes, à beira vertiginosa da descida, se precipita rápido nas águas do canal.

Alguns minutos ainda, e vê-los-emos já no estrado de mármore ao pé da marquesa; — sobraça a criança que respirava

ainda.

Então o manto do estrangeiro todo encharcado de água solta-se do broche e cai-lhe aos pés, mostrando aos espectadores surpresos o vulto gracioso do mancebo, cujo nome era todavia já célebre na maioria das regiões da Europa.

— Nem uma só palavra lhe rompe dos lábios.

E a marquesa? Vai de certo tomar o filho nos braços, contra o seio, abraçar-lhe o pequeno corpo, matá-lo com beijos e carícias?

Ilusão. Estranhos braços acolheram a preciosa carga e a arrebatam para o interior do palácio sem o menor reparo da mãe.

Olhai-a; vede estremecer-lhe os lábios, seus lábios e os olhos adoráveis; apinharem-se-lhe lágrimas naqueles, olhos tão «doces e quase líquidos» como o canto de Plínio. Sim, verdadeiras lágrimas aquelas. A mulher agita-se em tremor dos pés até à fronte; respira enfim a estátua! O palor deste rosto de mármore, o arfar deste peito de mármore, até ao alvejar do seu pé de mármore, tudo se anima por encanto sob a onda de rubor involuntário. Um leve frémito perpassa seu delicado corpo, semelhante a esses lírios de prata, que os brandos sopros do clima napolitano agitam no meio das colinas.

— Porque assim corou a dama? Sem resposta ficará o problema. Talvez reparasse ela, que na precipitação do terror materno, lhe esquecera, deixando o seu *boudoir*, prender os pés gentis nos seus moles pantufos e cobrir suas espáduas venezianas nas roupas que deviam recatá-las. Que outro motivo poderia incendiar aquele rosto, desvairar-lhe os olhos súplices, originar as palpitações desusuais do seu seio tímido, a pressão convulsa da sua mão, que topa por acaso a do moço estrangeiro, enquanto o

velho Mentoni se retira indolentemente do vestíbulo de seu palácio? Como explicar doutro modo o tom quase surdo — apenas me chegava aos ouvidos o acento das palavras — de exclamação incompreensível, que a nobre dama deixa fugir, em vez de agradecer ao salvador de seu filho?

— «Venceste, murmura (a menos que o soldo das águas me não embargasse o ouvir) — tu venceste! — Uma hora depois do erguer do sol serei na entrevista contigo. Seja!»

Serenara-se o tumulto. As luzes amorteciam-se nas janelas do palácio ducal. Só o estrangeiro, que eu acabava de reconhecer, permanecia imóvel, no patamar. Sacudido por uma agitação inconcebível, ele tremia, vagueando em torno de si os olhos em procura de uma barca; pus a minha à sua disposição, e foi aceite a oferta. Tendo o meu barqueiro conseguido alcançar outro remo no ancoradouro das gôndolas, seguimos ambos para a morada do mancebo, que em pouco retomou todo o seu sangue frio, falando com aparente cordialidade das nossas relações passadas.

Há caracteres que me apraz descrever minuciosamente. O desconhecido — seja-me lícito designar assim um homem cuja existência mal se penetrava — é um desses caracteres.

Sua estatura era um pouco somenos da média, se bem que nos estos da paixão, parecia literalmente dilatar-se, infligindo assim um desmentido à realidade. A simetria esbelta, quase direi a delicada simetria de sua figura, acusava mais aquela atividade, que acabava de provar galhardamente, do que a força hercúlea, que muitos lhe viram desenvolver em conjeturas muito mais arriscadas.

Com a boca e barba de um antigo Deus, grandes olhos estranhos, selvagens, de um brilho húmido, cujos reflexos

cambiavam entre o pardo da avelã e o negro de azeviche, possuía feições de uma regularidade tão primorosamente clássica, como o busto do imperador Comodo. Todavia era uma destas fisionomias, como todos encontramos numa época qualquer da vida para nunca mais a avistarmos; carecia daquela expressão estereotipada, ou dominante, que obriga a entalhá-la na memória — um destes semblantes que se esquecem apenas vistos, mas sempre padecendo um vago e contínuo desejo de os recordarmos. Não era que qualquer paixão rápida deixasse de refletir-se indistintamente nas suas feições, como num espelho; unicamente o espelho vivo era tão impotente como os outros, para reter o mínimo traço da paixão extinta.

Deixando-me na tarde daquela aventura, pediu-me com insistência, que passasse no outro dia cedo por sua casa. Breve espaço depois de sair o sol, apresentei-me no seu palácio, vasto edifício de um esplendor sombrio, mas fantástico, como os que sobranceiam o Grande Canal nas vizinhanças do Rialto. Encaminharam-me por uma larga escada de caracol, calçada de mosaico, para um salão cuja magnificência sem par me ofuscou, desde que lhe entrei os umbrais. Não ignorava a opulência do meu hóspede. A fama falava de suas riquezas em termos, que a minha ignorância classificou sempre de exageração ridícula. Mas, apenas relanceei os olhos em derredor de mim, espantei-me que a Europa abrigasse um homem bastante opulento para realizar o sonho de régia sumptuosidade, que rebrilhava e pompeava ali.

Estando já fora o sol, ainda assim, o salão achava-se brilhantemente iluminado. Esta circunstância, junta à fadiga visivelmente impressa no rosto do meu amigo, fez-me crer que ele

não repousara desde a véspera. A arquitetura e ornatos da sala evidenciavam plenamente o desejo de maravilhar e ofuscar o espectador. Atendera-se mediocrementemente à decoração que os artistas chamam *l'ensemble*, do mesmo modo pouca diligência se empenhara no acentuar aquele interior, abstraindo-se de qualquer cor local. Os olhos divagavam de um em outro objeto sem se fixarem em nenhum — nem sobre os grotescos dos pintores gregos, nem sobre as obras da escultura italiana da boa época, nem sobre os esboços colossais do Egito, ainda ignaro.

De todos os lados, ricas tapeçarias, tremulavam às vibrações de uma invisível música, triste e doce. Senti-me oprimido por um misto de perfumes, vaporados por incensórios de formas esquisitas, donde chispavam ao mesmo tempo línguas de fogo azulado ou verde, que a revezes flamejava e oscilava. Os raios do sol nado desferiam sobre esta cena, perpassando as janelas, formadas de um vidro carmesim. Finalmente refletida em mil pontos por cortinados que se debruçavam das cornijas como catadupas de prata incandescente, a luz do sol misturava-se caprichosamente com os lumes artificiais, e ensopava voluptuariamente um tapete de ouro que refulgia como lençol de água.

«Ah! Ah! cascalhou o meu hospedeiro, que depois de me haver indicado uma cadeira, se atirou e estendeu à vontade numa *causeuse*.

Vejo, continuou ele, reparando na impressão, que a singularidade do seu acolhimento me despertava, vejo, que o meu salão, estátuas, quadros, e a originalidade das minhas ideias em pontos de arquitetura e mobília, vejo que tudo isto vos espanta!

Estais embriagado — é a frase própria não é verdade? — de tanta magnificência. Perdoai-me meu caro senhor (*aqui o tom de sua voz desceu muitas notas, e respirou a mais franca cordialidade*) indultai a minha hilaridade um pouco descaridosa. Mas, em verdade, tínheis uns ares tão espantadiços. Demais há coisas por tal modo absurdas, que é preciso rirmo-nos delas, para não morrermos. Morrer a rir deve ser a mais gloriosa de todas as mortes!

Sir Thomas More, um digno homem! finou-se a rir. Encontra-se também nas *Absurdidades* de Ravisius Textor uma lista bastante comprida de originais, que acabaram desta admirável morte. Sabeis contudo, prosseguiu num tom devaneador, que em Sparta — hoje chama-se Paleocori — se descobriu, a oeste da cidadela, entre um caos de ruínas apenas visíveis, uma espécie de pedestal, sobre que aparecem distintas as letras *lasm*, que seguramente representam a terminação truncada da palavra *gelasma* rir? Ora, em Sparta, eram aos mil os templos e altares, consagrados a mil divindades diferentes. E não é de estranhar que só o altar do Riso tenha sobrevivido a tudo? Mas hoje, continuou, com singular mudança de intonação e ademanes, fiz mal em divertir-me à vossa custa, possúeis o direito legítimo de vos maravilhar. Nada de comparável ao meu salão de aparato poderia ostentar a Europa. Todas as minhas outras câmaras nada se parecem com isto, representam simplesmente o *nec plus ultra* da insipidez *fashionable*. Isto vale um pouco mais que a moda, não é verdade?

E todavia, bastar-me-ia abrir este salão para que ele fizesse fanatismo, ao menos naqueles, que julgassem acertado imitar-me a troco de todo o seu património. Mas tenho-me autelado de

cometer uma semelhante profanação. À parte uma exceção, sois o único além de um criado de quarto, a quem haja sido lícito contemplar os mistérios deste imperial recinto, desde que assim o dispus.

Inclinei-me agradecendo. O esplendor deslumbrante do salão, a música, os perfumes, a excentricidade inesperada do acolhimento e maneiras do meu hóspede haviam-me impressionado em demasia para que pudesse traduzir em palavras o apreço daquela exceção, que olhava como um fino cumprimento.

«Aí tem, tornou ele, erguendo-se para meter-me o braço e passearmos no salão, aí tem quadros de todos os tempos desde os gregos até Cimabué e de Cimabué até hoje. Muitas dessas telas — bem o vê — foram escolhidas sem a consulta dos entendedores; apesar disso formam todas uma tapeçaria conveniente para uma sala como esta. Aí tem mais esboços de artistas célebres no seu tempo, cujos nomes a atilada perspicácia das academias pôde atirar ao esquecimento e à minha retentiva. Que me diz, prosseguiu, encarando-me bruscamente, desta *Madonna della Pietà*? — Lembra Guido! Bradei com todo o entusiasmo de que era capaz; pois que estava examinando atentamente a tela indicada, que era de uma beleza surpreendente. Um Guido puro e verdadeiro! Onde descobristes vós o primor? Essa Virgem é em pintura o que a Vénus é em escultura!»

— Há! sim, volveu num tom de cismador. A Vénus? a Vénus formosa, a Vénus de Medieis, não é assim? A Vénus da cabeça pequena e dos cabelos de ouro? Uma parte do seu braço esquerdo (neste ponto desceu a voz de modo que me custou a ouvi-lo) e todo o braço direito são meras restaurações; segundo o meu modo de

ver a atitude *coquette* deste braço direito representa a hipérbole da afetação...

Falai-me de Canova! Este Apolo não é mais que uma cópia, sem a menor dúvida, não poderia existir... Cego que eu ando, ainda não vinguei descobrir em que consiste a tão preconizada inspiração desta obra. Não posso deixar... lastimai-me... de preferir-lhe o Antinoo... Não foi Sócrates quem disse que o escultor acha no torço de mármore a sua estátua feita e acabada?

Sendo assim nem por isso Miguel Ângelo foi muito original no dístico:

*Non ha l'ottimo artista alcuno concetto
Che un marmo solo in se no circonscriva.*

— Tem-se notado, ou na maioria dos casos deveria notar-se, que sabe cada um discriminar entre as maneiras de um *gentleman* e as de um mariola, sem contudo se inferir disto que define precisamente onde está a diferença. Admitido que pudesse aplicar-se esta observação em toda a sua força às maneiras do meu hóspede, reconheci que mais aplicável ainda se tornava, nesta memorável manhã, ao seu caráter e temperamento moral. Havia uma certa particularidade do seu espírito, que parecia isolá-lo completamente de seus semelhantes, e que eu só bem definirei, designando-a como um hábito de meditação profunda e contínua, que o acompanhava nas suas ações mais triviais, perseguindo-o até no meio da conversação a mais jovial, misturando-se com as suas expansões de alegria, como estas víboras que vemos sair,

enovelando-se, dos olhos das máscaras, que estão a gargalhar zombeteiramente nas cornijas dos templos de Persépolis.

— A despeito porém do tom meio jocoso meio sério em que falava de umas e outras coisas, não pude fugir a notar-lhe em muitos relanços, já nos gestos já no porte, uma espécie de trepidação, de *satisfação* nervosa, uma irritabilidade inquieta, que me pareceram estranhíssimas desde o princípio, e que a intervalos chegavam mesmo a ocasionar-me graves cuidados. Suspendia-se muitas vezes no meio de uma frase, cujas primeiras palavras denunciava ter esquecido, ajeitando-se como a escutar com uma profunda atenção, como se esperasse uma outra visita, ou ouvisse um sóido que só pudesse existir na sua imaginação.

— Aproveitei-me desses momentos de devaneio, ou de aparente distração, para folhear a primeira tragédia nacional da Itália, o *Orfeo*, do poeta e sábio Poliziano, cuja obra admirável jazia sobre um divã; deparei com um trecho sublinhado a lápis. Homem nenhum será capaz de ler esta passagem, engastada no fim do terceiro ato sem experimentar o choque de uma emoção nova, assim como mulher nenhuma sem suspirar — apesar da imoralidade que a enrosca e abraça amorosamente. Uma página inteira estava humedecida de lágrimas recentes; sobre uma folha branca, esquecida no volume, se liam uns versos ingleses manuscritos, cujos caracteres tão pouco se aparentavam com a escritura um pouco fantástica do meu hóspede, que me custou bastante a conhecê-la.

*Não sei se era teu seio ilha encantada...
Paraíso de canto,
De perfume, d'amor e formosura...
Se um templo à beira-mar... um templo santo.
De luz e aroma cheio...
Não sei... pois sabe alguém sua ventura?
Mas dormia embalada no teu seio
Minh` alma, sossegada.*

II

*Um suspiro... uma prece...
Leva-os o vento pela noite escura!
Sonho! um sonho que esquece!
Mas não se esquece o sonho da Ventura!
Que fantasma nos brada avante avante,
Esquecer! esquecer?
O coração não quer!
Não quer... não pode... luta vacilante!
Onde teve seu ninho e seu amor,
Aí há de ficar, sombrio, incerto...
Há de ficar, pairar no céu deserto,
Ave eterna de dor!*

III

— *Nunca mais! nunca mais!*
Que diz a onda à praia? Há um destino
Triste partido, em seu gemer divino,
E um mistério infeliz naqueles ais!
— *Nunca mais! nunca mais!*
E o coração que diz às mortas flores
Do seu jardim d'amores?
Como a onda — jamais!

IV

Se eu pudesse sonhar? Ah! posso ainda
Sonhar... se for contigo!
Sempre! sempre a meu lado, imagem linda...
A noite é longa... vem falar comigo!
Estende os teus cabelos...
O céu da tua Itália, não, não brilha
Como brilham meus sonhos, vagos, belos,
Se me falas à noite em sonhos, filha!

V

Levaram-te! levou-te a onda dos mares!
A asa da águia! o vento!
Geme cativa — chora sem alento,
Pomba d'amor, saudosa dos teus lares!

*Teu ninho agora, é triste, glacial...
Um leito conjugal!
Antes a terra escura, pobre escrava,
Aonde — sob a abóbada sombria —
Tua alma os voos livres entendia...
E o coração amava!*

Estes versos eram escritos em inglês, circunstância esta, que me não admirou sobremaneira, apesar da convicção que me tomara, sobre a ignorância desta língua pelo meu hóspede. Bem sabia a extensão de seus conhecimentos, e o estranho prazer, que o possuía, em os esconder, para me assombrar com sua descoberta. Confesso todavia que o lugar donde vinham datados estes versos me fez bastante surpresa.

A palavra Londres traçada no fundo da página havia sido raspada cuidadosamente, mas não tanto, que não enleiasse um olhar penetrante na sua decifração. Disse ter sido alguma surpresa: com efeito sabendo positivamente que a marquesa Afrodite habitara na Inglaterra antes do seu casamento, ocorrera-me um dia perguntar ao meu gracioso hóspede se porventura a conhecera em Londres. Declarou que nunca visitara aquela metrópole. Acrescentarei de passagem, que ouvira também dizer, mas sem prestar fé a um boato tão pouco verosímil, que o meu interlocutor não só nascera, senão que fora educado em Inglaterra.

— «Há um outro quadro que ainda não vistes», disse ele enfim, sem deixar transparecer o mínimo indício da indiscrição que acabava de praticar.

— Ao pronunciar aquelas palavras correu uma cortina e descobriu o retrato em pé da marquesa Afrodite. Nunca a arte humana reproduzira com igual esmero a beleza sobre-humana.

A etérea visão que me aparecera na noite precedente na escada do palácio ducal, levantou-se novamente diante de mim. Mas na expressão deste semblante, todo esplêndido de sorrisos, alvorecia, notável contradição! aquela vaga tristeza, que é companheira inseparável da beleza real. O braço direito cruzava-se no seio enquanto a mão esquerda, estendida, indicava um vaso de forma esquisita.

Um de seus pequeninos pés, único visível, parecia apenas roçar o chão e trás ela quase invisíveis na brilhante atmosfera, que envolvia e divinizava sua beleza, flutuavam duas asas tão delicadas e leves como só a fantasia é dado concebê-las. Depois de contemplar o retrato relanceei de novo o rosto do meu companheiro, e as palavras do poeta Chapman, no seu *Bussy d'Amboise* me acudiram aos lábios:

*Il se tient là,
Comme une statue romaine! Il ne bougera pas!
Avant que la Mort l'ait transformé en marbre!*

— Vamos! Bradou ele, voltando-se para uma mesa de prata maciça ricamente esmaltada, em que avultavam taças de cores esquisitas; e dois vasos etruscos de uma forma nada comum, iguais aos que o artista representara no primeiro plano do retrato da marquesa Afrodite, e transbordados, ao que me pareceu, de puro Johannisberg.

Vamos! toca a beber! É cedo; mas bebamos sempre!... Na verdade é ainda muito cedo, repetiu com acento devaneador, em quanto que um querubim, armado com um martelo de ouro feria o quadrante para anunciar a primeira hora depois do sol nado. Não importa! Ofereçamos uma libação a este pesado sol, cujos vividos fulgores estas lâmpadas e incensórios forcejam por mitigar.

Depois de me haver convidado a beber com ele, encheu e esvaziou o copo repetidas vezes.

— Sonhar! Continuou achegando-se a uma luz com um daqueles magníficos vasos etruscos já mencionados. Foram sempre a ocupação da minha vida os sonhos; donde como vedes cuidei em afofar um ninho propício aos devaneios. No centro de Veneza acaso poderia construir outro mais aprazível! Verdade é que me cerca um caos de ornatos arquiteturais.

A castidade da arte jónica magoa-se nestes embelezamentos antediluvianos, e as esfinges do Egito parecem deslocadas sobre um tapete de ouro.

Todavia só os espíritos tímidos poderão aquilatar de dislates, semelhantes aproximações. A conveniência local e sobretudo a unidade não passam de meros papões que aterram o homem e o desviam da contemplação do magnífico.

Tempo houve em que eu também me não eximia a estas influências de convenção; mas hoje esta loucura das loucuras varreu para bem longe. Tanto melhor! Semelhante a estes incensórios arábicos, o meu espírito contorce-se nas chamas; e o esplendor do quadro que se desprega ante meus olhos inicia-me nas visões miraculosas do país dos verdadeiros sonhos que breve hei de conhecer. No fim destas palavras calou-se de súbito, pendeu

a cabeça sobre o seio, e pareceu escutar um rumor que eu não pude ouvir. Enfim erguendo-se apontando os olhos para o céu repetiu os versos do bispo de Clichester:

*Attends-moi là! je ne manquerais pas
De te rejoindre au fond de ce creux vallón...*

Um minuto depois, subjogado decerto pela força do vinho, deixou-se cair sobre um divã. Um passo rápido ecoou na escada e bateram à porta com violência. Acudi apressadamente com o intuito de prevenir nova pancada, quando um pajem da marquesa Afrodite se precipitou no salão, bradando em gritos entrecortados:

— «Minha senhora!... minha querida senhora!... envenenada! Envenenou-se! Ó bela, bela Afrodite!»

— Corri desatinado ao divã para acordar o dormente e comunicar-lhe a nova fatal. Mas os membros estavam hirtos e a boca lívida; a morte gelava-lhe os olhos ainda há pouco cheios de fulgor e vida.

— Horrorizado recuei estrebuchando na mesa de prata; a minha mão deparou com uma taça enegrecida, quebrada, e subitamente compreendi toda a terrível verdade.

Berenice

Título original: *Berenice*

Publicado em 1835

A miséria da terra é multiforme. Sobrepujando o vasto horizonte como o arco-íris, as suas cores são tão variadas como as deste — tão distintas e tão intimamente combinadas como elas. Sobrepujando o vasto horizonte como o arco-íris! Como foi que da beleza eu derivei um tipo de horror? — do símbolo da paz um símile de sofrimento? Mas, como, na ética, o mal é a consequência do bem, assim do prazer nasceu, com efeito, a dor. Ou a recordação da ventura passada é a amargura de hoje, ou as angústias presentes têm a sua origem nos êxtases porventura gozados.

O meu nome de batismo é Egeu; o de minha família, esse não o citarei. Todavia, não há no país torres mais antigas e mais venerandas do que o meu velho, severo, hereditário solar. Chamaram à minha linhagem raça de visionários; e em muitos e frisantes pormenores — no caráter do solar familiar — nos frescos do salão nobre — nas tapeçarias dos quartos de dormir — nos cinzelados de algumas traves de armaria — mas, mais especialmente, na galeria de pinturas antigas — na feição da sala da biblioteca — e, finalmente, na índole especialíssima do recheio da biblioteca, existe mais do que o suficiente para à evidência provar a justeza do asserto.

As recordações dos meus primeiros anos andam ligadas a esta sala e aos seus volumes — dos quais nada mais direi. Foi aí que morreu minha mãe. Foi aí que eu nasci. Mas é ocioso dizer que eu não havia vivido antes — que a alma não tem existência anterior. Negai-lo? — não discutamos o problema. Como eu estou convencido, não procuro convencer. Existe, porém, em mim uma lembrança de formas aéreas — de olhos espirituais e expressivos — de sons, musicais, conquanto tristes — uma lembrança que jamais se desvanecerá; uma recordação semelhante a uma sombra, vaga, variável, indefinida, inconsistente, e que a uma sombra se assemelha ainda na impossibilidade em que eu me debato de me libertar dela, enquanto se me não apagar o sol da razão.

Foi nesta sala que eu nasci. Assim, acordando da longa noite do que parecia, mas não era, não-existência, para de chofre ser lançado em pleno país de fadas — num palácio de imaginação — nos peregrinos domínios do pensamento e do saber monásticos — não é de estranhar que eu olhasse em roda de mim com olhos espantados e ardentes, que passasse a minha infância imerso em livros e dissipasse a minha mocidade em sonho e devaneio; mas o que é de estranhar é que os anos fossem passando, que eu atingisse o apogeu da minha virilidade e me conservasse sempre a dentro dos muros do solar de meus pais. Que prodigiosa estagnação imobilizou as fontes da minha vida! Que prodigiosa inversão se operou no caráter do meu mais banal pensamento!

As realidades do mundo afetavam-me como visões, e como visões apenas, ao passo que as desvairadas ideias do país dos sonhos se tornavam, por sua vez — não o material da minha

existência quotidiana — mas, na realidade, essa mesma existência exclusiva e absorvente.

Berenice e eu éramos primos e fomos criados juntos no meu solar paterno. Todavia, as nossas ídoles divergiam absolutamente: eu era débil e doente e vivia imerso em sombras e melancolia — ela era ágil, grácil e exuberante de energia; a sua predileção era correr pelos montes — a minha, estudar no claustro; eu comprazia-me em confinar a minha vida dentro do meu coração e abismava-me de corpo e alma no mais intenso e penoso meditar — ela vagueava descuidosamente pela vida, alheia às sombras do caminho ou ao voo silencioso das horas de asas negras.

Berenice! — evoco o seu nome — Berenice! — e a esta palavra surgem das brumosas ruínas da memória mil tumultuosas recordações.

Ah! A sua imagem ergue-se diante de mim, radiosa e bela, como nos tempos idos da sua gracilidade e alegria! Oh! que beleza deslumbrante e fantástica! Oh! silfo por entre as matas de Arnheim! Oh! náíade por entre as suas fontes! — e depois... depois, tudo é mistério e terror, e uma história que se não devia narrar.

A doença — doença fatal — empolgou-a como um simum, e, mesmo enquanto os meus olhos a estavam contemplando, o espírito de transformação abateu sobre ela as suas asas, lançando as garras à sua inteligência, aos seus hábitos, ao seu caráter, e, transtornando até, da maneira mais terrível e subtil, a identidade da sua pessoa! Ai de mim! O flagelo chegou e partiu, e a vítima —

onde estava ela? Eu não a conhecia — ou já não a conhecia como Berenice.

Entre o numeroso séquito de doenças derivadas daquela fatal e primária, que operou uma revolução tão horrível no moral e no físico de minha prima, pode mencionar-se, como a mais aflitiva e obstinada, uma espécie de epilepsia que não raras vezes rematava pela própria catalepsia — catalepsia que muito de perto se assemelhava a uma positiva dissolução, e da qual ela, na maior parte dos casos, se recobrava abruptamente.

No entretanto, a minha doença — pois disseram-me que um doente eu me devia considerar — ia acelerando os seus progressos, até, finalmente, assumir um caráter monomaniaco de forma nova e extraordinária — que foi, hora a hora, momento a momento, redobrando de intensidade e, por fim, obteve sobre mim o mais incompreensível ascendente. Esta monomania, se assim a devo classificar, consistia numa mórbida irritabilidade daquelas propriedades intelectuais que na metafísica se denominam *atentivas*. É mais do que provável que eu não seja compreendido; mas eu, na verdade, receio que não seja de modo algum possível dar ao leitor uma ideia adequada dessa nervosa *intensidade de interesse* com que, no meu caso, as faculdades da meditação (para não recorrer aos termos técnicos) se absorviam e se sepultavam na contemplação dos objetos mais banais do universo.

Quedar-me longas e repousadas horas com a atenção aferrada a alguma garatuja na margem ou no texto de um livro; passar a melhor parte de um dia de verão absorto no exame de uma sombra projetada sobre as tapeçarias ou sobre o soalho; abismar-me uma noite inteira na contemplação da chama de um candeeiro ou das

brasas de um fogão; embeber-me dias seguidos no perfume de uma flor; repetir monotonamente alguma palavra vulgar, até o som, à força de repetido, deixar de acordar no meu espírito a mais ténue ideia; perder toda a noção de movimento ou de existência física, por meio de uma absoluta imobilidade física em que eu perseverava longa e obstinadamente — eis aí algumas das mais comuns e menos perniciosas extravagâncias, oriundas de uma condição especial das minhas faculdades mentais, não, decerto, absolutamente única no mundo, mas, sem dúvida, de dificultosíssima análise ou explicação.

Todavia, compreendi-me bem: a insólita, insistente e mórbida atenção assim excitada por objetos em si mesmo fúteis, não se deve confundir com aquela propensão mediativa, comum a toda a humanidade e a que são mais particularmente atreitas as pessoas de imaginação ardente.

Nem sequer era, como a princípio se poderia supor, uma condição extrema, um exagero de tal propensão, mas originária e essencialmente distinta e diferente. Habitualmente, o sonhador ou entusiasta, interessando-se por um objeto *não* fútil, impercetivelmente perde de vista este objeto num emaranhamento de deduções e sugestões derivadas umas das outras, até que, ao cabo da divagação, *muitas vezes repleta de prazer*, ele encontra o incitamento ou a causa primária do seu devaneio inteiramente apagada ou esquecida. No meu caso, porém, o primitivo objeto era *invariavelmente fútil*, embora assumisse, devido à minha desequilibrada visão, uma importância refrata e irreal. Poucas deduções fazia, se é que as fazia; e essas poucas refluíam pertinazmente ao objeto primitivo como a um centro. As minhas

meditações *nunca* me causavam prazer; e, ao cabo do meu alheamento, a causa primária, em vez de se encontrar já longe do meu alcance, havia atingido aquele interesse sobrenaturalmente exagerado, que era a feição característica da doença. Numa palavra, as minhas faculdades intelectuais que mais particularmente entravam em ação eram, como eu disse atrás, as da atenção e não, como no caso do meditativo vulgar, as da especulação.

Os meus livros, nesta época, se na realidade não serviam para irritar o meu desarranjo mental, participavam, como facilmente se compreenderá, na sua índole imaginativa e incoerente, das qualidades características do próprio desarranjo. Recordarei, entre outros, o tratado do nobre italiano Coelius Secundus Curio, *Amplitudine Beati Regni Dei*; a grande obra de Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*; e Tertuliano, *De Carne Christi*, em que a paradoxal sentença «Mortuus est Dei filius; credibile est quia ineptum est: et sepultus resurrexit; certum est quia impossibile est» ocupou ininterruptamente o meu tempo durante muitas semanas de laboriosa e infrutífera investigação.

Destarte parecerá que, desviada do seu equilíbrio apenas por coisas triviais, a minha razão se assemelhava àquele recife citado por Ptolomeu Hephestion, que, afrontando rijamente os ataques da violência humana e a fúria selvática dos ventos e das vagas, somente tremia ao ser tocado pela flor chamada asfódelo. E embora, ao pensador superficial, possa parecer indubitável que a alteração produzida pela doença na condição *moral* de Berenice, me proporcionasse muitos objetos para o exercício daquela intensa e

anormal meditação, cuja natureza eu tive alguma dificuldade em explicar, o certo é que tal se não deu.

Nos intervalos lúcidos da minha enfermidade, o seu infortúnio afligia-me deveras, e, condoído profundamente daquela total submersão de uma mocidade tão formosa e tão gentil, muitas vezes meditei com amargura na maneira maravilhosa como nela se operara tão súbita e estranha revolução.

Estas reflexões, porém, não participavam da idiosincrasia da minha doença, e eram as mesmas que, em igualdade de circunstâncias, ocorreriam à massa ordinária da humanidade. Fiel ao seu caráter próprio, o meu desarranjo pascia-se nas mudanças menos importantes, mas mais flagrantes, operadas no aspeto físico de Berenice — na singular e horripilante deformação da sua identidade pessoal.

Durante os riosos dias da sua beleza sem par, é mais que certo que eu nunca a amara. Na estranha anomalia da minha existência, os meus sentimentos *nunca foram* do coração, e as minhas paixões *foram sempre* da inteligência.

Na luz pardacenta das primeiras horas matutinas, por entre as sombras da floresta ao meio-dia, e no silêncio da minha biblioteca à noite, ela perpassara pelos meus olhos e eu vira-a — não como a Berenice real e viva, mas como a Berenice de um sonho; não como um ser terreno, mas como uma abstração; não como uma coisa a admirar, mas a analisar; não como um objeto de amor, mas como tema da mais abstrusa e desconexa especulação.

E *agora* — agora eu tremia na sua presença e empalidecia ao vê-la aproximar-se; todavia, lastimando amargamente a sua desditosa e misérrima situação, eu evocava no meu espírito o

pensamento de que ela havia muito tempo me amava e, num momento fatal, falei-lhe de casamento.

A época aprazada para as nossas núpcias ia-se, finalmente, aproximando, quando, numa tarde de inverno — uma tarde calma, nevoenta e de uma temperatura imprópria da estação — estando eu sentado na sala interior da biblioteca, levantei de repente os olhos e vi na minha frente Berenice!

Era a minha imaginação excitada — era o brumoso influxo da atmosfera — era o dúbio crepúsculo da sala — ou eram as roupagens cinzentas que a revestiam — o que lhe dava um contorno tão vacilante e tão vago? Eu não poderia dizê-lo.

Não proferiu palavra, e eu por nada deste mundo poderia pronunciar uma sílaba. Percorreu-me o corpo todo um gélido calafrio; oprimiu-me uma sensação de incomportável ansiedade; avassalou-me a alma uma mortificante curiosidade; e, enterrando-me na poltrona, ali permaneci algum tempo imóvel e sem fôlego, de olhos cravados no seu vulto.

Ai de mim! estava excessivamente magra, e em nenhuma linha do seu contorno se lobrigava o mínimo vestígio do que fora antes! Por fim os meus olhos ansiosos fixaram-se-lhe no rosto.

Tinha a fronte alta, muito pálida e de uma placidez singular; o cabelo, outrora negro de ébano, caía-lhe em parte sobre a testa, formando inúmeros caracóis de um amarelo gritante, que, no seu caráter fantástico, faziam um flagrante contraste com a melancolia predominante da fisionomia. Os olhos eram baços e sem vida e pareciam até desprovidos de pupila, e, involuntariamente, desviei deles os meus e pus-me a contemplar os lábios finos e arrepanhados. Entreabriam-se; e, num sorriso de significação

peculiar, os dentes da transformada Berenice surgiram, lentamente, à minha vista. Prouvera a Deus que eu nunca os houvesse visto, ou que, havendo-os visto, morresse instantaneamente!

O fechar de uma porta arrancou-me ao meu alheamento, e, erguendo os olhos, vi que minha prima havia saído da sala. Do âmbito desordenado do meu cérebro é que, ai de mim! não saíra nem sairia o branco e tétrico espectro dos dentes! Na sua superfície não havia uma mancha — nem uma sombra no esmalte — nem uma arranhadura nas suas arestas — mas o que eu vira durante o período do seu sorriso bastara para os gravar para sempre na minha memória.

Via-os *agora* ainda mais nitidamente do que então. Os dentes! — os dentes! — estavam aqui, ali, por toda a parte, visíveis e palpáveis ante meus olhos; compridos, estreitos e excessivamente brancos, com os lábios pálidos arrepanhados sobre eles, como no próprio momento da sua primeira e terrível eclosão.

Surgiu então, em toda a sua plenitude, a fúria da minha *monomania*, e em vão lutei contra a sua estranha e irresistível influência. Nos múltiplos objetos do mundo externo eu não tinha pensamentos senão para os dentes. Desejava-os com uma ansiedade louca.

Todas as outras coisas e todos os diferentes interesses se apagavam ante a sua exclusiva e absorvente contemplação.

Eles e só eles estavam presentes aos olhos do meu espírito, e, na sua única individualidade, tornaram-se a essência da minha vida

intelectual. Examinava-os a todas as luzes. Voltava-os em todas as posições. Observava as suas características. Quedava-me a estudar as suas minúcias. Meditava sobre a sua conformação. Cismava sobre a alteração da sua natureza. Estremecia quando, na minha imaginação, lhes atribuía uma sensibilidade, e, até, embora desajudados dos lábios, uma capacidade de expressão moral.

De Mademoiselle Sallé se disse que *tous ses pas étaient des sentiments*, e de Berenice eu cria mais seriamente que *todos os seus dentes eram ideias*.

Ideias! — ah, eis o estulto pensamento que deu cabo de mim! *Ideias!* — ah, era, *portanto*, esse o motivo que me levava a ambicioná-los tão loucamente! Senti que só a sua posse poderia restituir-me a paz, que só por eles eu poderia recuperar a razão.

Caiu a tarde, e eu continuava sumido no meu marasmo — cerraram-se as trevas da noite, dissiparam-se e alvoreceu um novo dia — envolveu-me o negrume de uma segunda noite, e eu continuava imóvel, enterrado numa poltrona daquela sala erma: o fantasma dos dentes nem um momento deixara de exercer sobre mim o seu terrível ascendente, pairando com a mais palpitante e hedionda nitidez por entre as luzes e as sombras da sala.

Por fim, foi o silêncio do meu cismar cortado por um grito de horror e de espanto; após uma pausa, seguiu-se-lhe o ruído de vozes alteradas, de permeio com abafados gemidos de dor ou de pesar.

Pus-me logo a pé e, abrindo uma das portas da biblioteca, deparou-se-me uma criada, banhada em lágrimas, que me disse que Berenice já não era deste mundo: fora acometida de epilepsia de manhã cedo, e agora, ao fechar da noite, estava a sepultura

pronta para a acolher, e concluídos estavam já todos os preparativos para o seu enterro.

Achava-me sentado na biblioteca, e outra vez só. Parecia-me que acabava de despertar de um sonho confuso e perturbante. Sabia que era meia-noite e não ignorava que ao pôr do sol Berenice havia sido enterrada. Do lutuoso lapso de tempo decorrido no intervalo não tinha noção positiva nem pelo menos definida. Contudo, a recordação desse período era repleta de horror — horror mais horrível por ser vago, e terror mais terrível devido à sua ambiguidade.

Era uma terrível página nos anais da minha existência, escrita de alto a baixo com obscuras, horrendas e ininteligíveis reminiscências. Esforcei-me por decifrá-las, mas debalde; e a cada momento, como o espírito de um som extinto, pareciam ressoar-me aos ouvidos as agudas e penetrantes vibrações de uma voz feminina.

Alguma coisa eu havia praticado — que foi? Interroguei-me em voz alta vezes sem conta, e só os ecos da sala respondiam ao meu anseio: que foi?

Na mesa ao pé de mim ardia uma lâmpada, e perto dela estava uma pequena caixa. Nada tinha que a destacasse, e muitas vezes a vira eu antes, pois pertencia ao médico de minha família; mas, como veio ela para ali, para cima da minha mesa, e por que motivo estremecia eu ao olhar para ela?

Não atinava com explicação possível para estas coisas, e os meus olhos, por fim, poisaram nas páginas abertas de um livro e numa frase nele sublinhada.

Eram as palavras singulares, mas singelas, do poeta Ebn Zaiat: *Dicebant mihi sodales si sepulchrum amicae visitarem, curas meas aliquantulum fore levatas.*

Por que motivo então, ao relê-las, se me puseram os cabelos em pé, e nas veias se me gelou o sangue?

Bateram de mansinho à porta da biblioteca, e, pálido como um cadáver, entrou em bicos de pés um criado. Tinha o olhar esgazeado de terror e falou-me numa voz trémula, roufenha e quase impercetível. Que disse ele? — apenas lhe ouvi umas frases entrecortadas.

Falou-me de um grito feroz que cortara o silêncio da noite; do alarme que atraíra toda a gente da casa; de pesquisas na direção do grito; e, finalmente, a sua voz adquiriu maior clareza ao falar de uma sepultura violada, de um corpo desfigurado, amortalhado e, todavia, ainda palpitante, ainda vivo!

Apontou para a minha roupa: estava toda empastada de lama e sangue. Eu não falei, e ele pegou-me muito ao de leve na mão: estava toda marcada com impressões de unhas humanas!

Chamou a minha atenção para um objeto qualquer que estava encostado à parede: olhei para ele e examinei-o durante alguns minutos — era uma pá...

Soltei um grito e de um pulo atirei-me para a mesa e agarrei a caixa que nela estava pousada. Não a pude, porém, abrir; no meu tremor, ela escorregou-me das mãos e caiu pesadamente ao chão, partindo-se em bocados: do seu interior saltaram então, com

estrépito, alguns instrumentos de cirurgia dentária, de mistura com trinta e dois objectozinhos brancos que pareciam de marfim e que se espalharam em todos os sentidos pelo chão!...

Morella

Título original: *Morella*

Publicado em 1835

*O mesmo, por si mesmo, consigo
mesmo, homogéneo, eterno.*

— Platão

Senti um estranho e profundo afeto pela minha amiga Morella. Conhecemo-nos casualmente há muitos anos. A minha alma, desde o primeiro momento, incendiou-se com um fogo desconhecido — mas não o fogo de Eros.

O meu espírito foi desde logo atormentado pela convicção crescente de que nunca poderia definir o singular caráter de Morella, nem dominar a sua intensidade errante. O destino uniu-nos perante o altar. Nunca falei de paixão, nunca pensei em amor. Ela fugia dos outros e, consagrando-se a mim, fez-me feliz. A surpresa já é uma felicidade; não o será também o sonho?

A erudição de Morella era profunda. Vou demonstrar que o seu talento não era secundário e que o poder do seu espírito alcançava proporções gigantescas. Fui seu discípulo em muitas ocasiões.

Cedo me apercebi de que Morella, por virtude da sua educação feita em Presburgo, preferia os escritos místicos, considerados geralmente como a essência da melhor literatura germânica. Estes livros constituíam a sua obsessão constante e

predileta. Com o tempo também o foram para mim, mas fui indubitavelmente sugestionado pelo exemplo e pelo hábito.

A razão não intervinha em coisa alguma destas. As minhas convicções não se basearam nunca num ideal, e, por mais que aprofundasse, nunca as minhas leituras, os meus atos ou os meus pensamentos tiveram a menor inclinação mística. Convencido disso, abandonei-me cegamente à direção de minha mulher, e entrei, com o coração tranquilo, no labirinto dos seus estudos.

Quando, ao mergulhar nas páginas malditas, sentia que um espírito maligno se ia introduzindo em mim, Morella aproximava-se e, colocando a sua mão iria sobre a minha, expulsava as cinzas de uma filosofia morta, com graves e singulares palavras, cujo sentido estranho se incrustava na minha memória. Eram essas as horas em que gostava de sonhar ao pé dela e de mergulhar na música da sua voz até que os acentos melódicos me penetravam de horror e uma sombra caía sobre a minha alma fazendo-a empalidecer e estremecer com essas vibrações de sons ultratelúricos.

Desta maneira o prazer transformava-se subitamente em terror e o ideal do belo convertia-se num ideal odioso.

É inútil procurar definir o aspeto real dos problemas que, surgindo dos livros já citados, constituíram durante longo tempo o único motivo de conversa entre mim e Morella. Os eruditos, nisso a que chamam a moral teológica, compreendê-lo-iam facilmente. O estranho panteísmo de Fichte, a palingenesia modificada dos pitagóricos e sobretudo a doutrina da Identidade, tal como a apresenta Schelling, eram geralmente os pontos principais cuja discussão encantava a imaginativa Morella.

Esta identidade, chamada pessoal, baseia-a Locke — e no meu entender muito justamente — na permanência do ser racional. Desde que por *pessoa* entendemos uma consciência sempre acompanhada de pensamentos, é precisamente essa consciência o que nos faz a todos sermos *nós mesmos*, distinguindo-nos assim dos outros seres pensantes e conferindo-nos uma identidade pessoal.

Mas o *principium individuationis*, a noção desta identidade — *que na morte se perde ou não perde para sempre* — constituiu para mim um problema do maior interesse, não somente pela inquietante natureza das suas consequências, mas também pela maneira singular e agitada com que Morella falava a esse respeito.

Tinha, na realidade, chegado o momento em que o mistério da natureza de minha mulher me oprimia como um encantamento. Não podia suportar o contacto dos seus dedos pálidos, nem o timbre profundo da sua palavra musical, nem o resplendor dos seus olhos melancólicos.

Ela sabia tudo isto e não mo censurava. Parecia ter consciência da minha debilidade ou da minha loucura e chamava-lhe, sorrindo, o Destino. Parecia saber o segredo da causa, para mim desconhecida, daquela diminuição gradual do meu afeto, mas não dava nenhuma explicação nem aludia, por pouco que fosse, à natureza dessa causa. E, no entanto, Morella não era mais que uma mulher que se aproximava da morte todos os dias.

Manchas purpúreas fixaram-se, imutáveis, nas suas faces. As veias azuis da sua fronte tornaram-se salientes. E quando o meu espírito se enchia de piedade ao vê-la, encontrava o relâmpago dos seus olhos carregados de pensamentos, e a compaixão

transformava-se em mal-estar. Sentia vertigem do lúgubre e insondável abismo onde aquele olhar me mergulhava.

Atrever-me-ei a dizer que aguardava, com um desejo intenso e devorador, o momento da morte de Morella?

Assim era. Mas o frágil espírito agarrou-se ao seu invólucro argiloso durante muitos dias, muitas semanas, muitos meses, de uma forma tão aborrecida que, por fim, os nervos torturados venceram a razão. Enfureciam-me todos esses atrasos, e com o coração enraivecido maldisse os dias, as horas, os minutos amargos que pareciam alongar-se, alongar-se incessantemente, à medida que a sua nobre vida declinava, como a luz ao agonizar do dia.

Mas uma noite de outono, quando o ar dormia imóvel no céu, Morella chamou-me para a sua cabeceira.

A névoa cobria a terra. Sobre as águas flutuavam ondas ardentes e o esplendor de outubro, sobre o fundo da selva, era como um arco-íris caído do firmamento.

— Eis o dia dos dias! — exclamou ela ao ver-me aproximar. — Um dia entre todos para viver ou para morrer! Formoso dia para os filhos da terra e da vida. Mas — ai! — mais formoso ainda para os filhos do céu e da morte!

Beijei-lhe a fronte e ela continuou:

— Vou morrer, e, no entanto, viverei.

— Morella!

— Em nenhum dos dias anteriores te foi permitido amar-me; mas, àquela que aborreceste viva, adorá-la-ás morta.

— Morella!

— Repito que vou morrer. Mas há de perdurar uma recordação do afeto — pobre afeto! — que sentiste por Morella. E quando o

meu espírito partir, o filho viverá; teu filho, o meu filho, o filho de Morella. Os teus dias serão cheios de dor, dessa tristeza que é a mais duradoura das impressões, como o cipreste é a mais viva de todas as árvores. As horas da tua felicidade passaram, e o prazer não se colhe duas vezes na mesma vida, como as rosas de Paestum não brotam duas vezes por ano. Não representarás já, com o tempo, o papel de homem de Teos. O mirto e a vinha ser-te-ão desconhecidos e arrastarás, por toda a terra, o teu sudário como o muçulmano.

— Morella! — exclamei — como sabes isso?

Mas ela voltou o rosto sobre a almofada; um ligeiro tremor percorreu todo o seu corpo — e morreu.

Não voltei a ouvir a sua voz. No entanto, tal como o tinha dito, seu filho, aquele filho que, ao morrer, dera à luz, e que não começou a respirar sem que a mãe deixasse de respirar — viveu.

Era uma menina. O seu corpo cresceu estranhamente; estranhamente aumentou a sua inteligência e veio a ser o perfeito retrato da que tinha partido. E eu amei-a com o amor mais intenso que um homem pode sentir.

Não passou muito tempo sem que o céu desse puro carinho se ensombrasse e sem que a melancolia, o horror e as angústias passassem sobre ele como nuvens maléficas. Já disse que a menina cresceu estranhamente e que estranhamente se desenvolveu a sua inteligência.

Nenhuma outra designação além da de estranha merecia realmente aquele rápido crescimento do seu corpo. Oh! Que terríveis e tumultuosos foram os meus pensamentos enquanto vigiava o desenvolvimento do seu ser intelectual!

Poderia ser de outra maneira, se eu descobria, quotidianamente, nas suas concepções infantis, o poder oculto e as faculdades de uma verdadeira mulher? Se as lições da experiência saíam dos seus lábios de criança? Se via, a cada instante, a sabedoria e as paixões da maturidade brilhar no seu olhar amplo e meditativo? Se já era impossível à minha alma dissimular, por mais tempo, a certeza de que qualquer coisa de terrível e de inquietante se tinha introduzido no meu espírito e que todos os meus pensamentos estavam influenciados pelas estranhas histórias e pelas penetrantes teorias da falecida Morella?

Furtei então à curiosidade do mundo um ser que o destino me mandava adorar, e no rigoroso refúgio da minha casa continuei a velar com mortal ansiedade por tudo quanto dizia respeito àquele ente adorado.

Passaram os anos. Todos os dias contemplava o seu santo, o seu doce, o seu eloquente rosto, e ia descobrindo nele numerosos pontos de contacto entre a filha e a mãe, entre a melancólica e a morta, e cada vez essas sombras e semelhanças se tornavam mais espessas, mais cheias, mais definidas, mais inquietantes e mais assustadoramente terríveis de aspeto.

Era admissível que o seu sorriso se parecesse com o sorriso materno, mas esta semelhança era uma *identidade* que me fazia estremecer. Era lógico que os seus olhos se parecessem com os de Morella, mas penetravam demasiado nas profundidades da minha alma como outrora o estranho e intenso pensamento da própria Morella.

No contorno da sua fronte elevada, nos caracóis da sua sedosa cabeleira, no hábito de mergulhar nela os dedos pálidos, no timbre

grave e musical da voz e, sobretudo — sobretudo isto! — nas frases e expressões da morta, sobre os lábios da viva, alimentava-se o horrível pensamento devorador, o verme que não queria morrer.

Assim passaram dois lustros da sua vida e a minha filha continuava sem nome sobre a terra.

«Minha filha» e «meu amor» eram os nomes habituais ditados pelo meu afeto

paternal. A severa reclusão da sua existência não consentia outros. O nome de Morella morrera com Morella.

Nunca falei de Morella à filha; era-me impossível falar dela. Desta forma, durante o breve período da sua existência, não recebeu quaisquer impressões do mundo exterior além das que eram inevitáveis nos estreitos limites do nosso refúgio.

Mas, fatalmente, a cerimónia do batismo apareceu ao meu espírito, nesse estado de enervamento e de agitação, como para me libertar dos terrores do destino. Já na pia batismal, hesitei em escolher os nomes : uma série de epítetos de sabedoria e de beleza, de nomes antigos e modernos do meu país e de estranhos países, acudiu-me aos lábios, assim como uma infinidade de apelativos evocadores de nobreza, de ventura e de bondade.

Que foi que então agitou em mim a recordação da morta? Que demónio me obrigou a suspirar uma palavra cuja simples recordação me fazia sempre afluir torrentes de sangue ao coração e às fontes? Que mau espírito falou do fundo dos abismos da minha alma quando, sob as abóbadas escuras e no silêncio da noite, murmurei ao ouvido do padre as sílabas : Mo-re-lla? Que foi que convulsionou as feições de minha filha e as cobriu da cor da morte quando, ao estremecer ao som quase impercetível desta palavra,

voltou os olhos límpidos para o céu e, caindo prosternada sobre as negras lajes, murmurou: «Aqui estou»?

Estas simples palavras, clara e friamente distintas, caíram-me no ouvido e dali, como chumbo derretido, infiltraram-se-me, assobiando, no cérebro. Podem passar os anos, mas a recordação daqueles instantes não passará nunca. Ah! As flores e a vinha não eram desconhecidas para mim, mas o acónito e o cipreste cobriram-me de sombras noite e dia.

Perdi completamente a noção dos lugares e do tempo; as estrelas do destino desapareceram do céu e desde então a terra tornou-se tenebrosa e todas as figuras terrenas passaram junto de mim como sombras voltejantes, entre as quais eu só via uma: Morella!

O vento suspirava apenas um som, e o mar só tinha um rumor: Morella!

Morreu, e foram as minhas mãos que a levaram para o túmulo. E ri com um riso amargo quando, ao pôr na campa a segunda, não descobri o menor vestígio da primeira Morella!

O Rei Peste

Título original: *King Pest*

Publicado em 1835

Era no mês de outubro, sob o reinado cavalheiresco de Eduardo III. Aí por volta da meia noite, dois marujos da tripulação do *Free and Easy*, escuna de comércio que fazia o serviço entre Ecluse (Bélgica) e o Tamisa, e que estava então ancorada neste rio, achavam-se sentados na sala de uma taverna da paróquia de Santo André, em Londres, a qual tinha por insígnia *Alegre lobo do mar*.

Essa sala, mal construída, com tetos em cima da cabeça, denegrada pelo fumo: semelhante enfim a todas as tavernas daquela época, agradava apesar disso aos diferentes grupos de bebedores que a ocupavam.

Dentre esses grupos, os dois marinheiros formavam, a nosso ver, o mais interessante, se não o mais notável.

O que parecia mais velho e a quem o outro dava o nome característico de Legs (pernas), era também o mais alto dos dois. Tinha bem uns seis pés e meio de cima até abaixo e, consequência necessária de tão prodigiosa estatura, andava um pouco curvado. A superfluidade de altura era, contudo, mais que compensada por défices noutras dimensões; era por exemplo tão excessivamente magro que o seu corpo, diziam os companheiros, poderia substituir perfeitamente o mastro do navio ou o pau da giba. Mas evidentemente essas brincadeiras e outras análogas nunca tinham

podido fazer sorrir o lobo do mar. Com um grande nariz de falcão, um queixo fugente o deprimido, uns enormes olhos brancos protuberantes, a sua fisionomia, posto que exprimindo uma espécie de indiferença geral, não deixava de ser séria e solene além de toda a imitação ou descrição.

O segundo marujo era, pelo menos aparentemente, a inversa e a recíproca do primeiro. O seu corpo carnudo e pesado assentava sobre um par de pernas arqueadas e rechonchudas, enquanto que os braços, singularmente curtos e grossos, terminados por pulsos mais que ordinários, pendiam-lhe aos lados, balançando-se no ar como as barbatanas de uma tartaruga. Tinha os olhos muito pequenos, sem cor definida e profundamente cravados nas órbitas. O nariz ficava enterrado na massa de carne que lhe envolvia as faces redondas, cheias e vermelhas; o lábio superior, grosso e rosado, repousava complacientemente sobre o inferior, ainda mais grosso, com um ar de satisfação pessoal, aumentada pelo hábito que tinha o proprietário dos ditos lábios, de os lamber de vez em quando.

Evidentemente este último olhava para o seu camarada de bordo com um sentimento meio de espanto meio de sarcasmo; e às vezes, quando o contemplava frente a frente, dir-se-ia o sol purpureado, contemplando, antes de se deitar, o cume dos rochedos de *Ben-Nevis*.

Contudo, a peregrinação dos dois amigos pelas diferentes tavernas da vizinhança, durante as primeiras horas da noite, haviam sido variadas e cheias de acontecimentos. Mas os fundos, por mais vastos que sejam, não podem durar sempre; era pois com

as algibeiras vazias que os nossos amigos se tinham aventurado a entrar na taverna em questão.

No momento em que começa esta história, Legs e o seu companheiro Hugh Tarpaulin estavam sentados defronte de um amplo frasco de *huming stuff*, não pago, com os cotovelos apoiados sobre uma grande mesa, situada no meio da casa e a cara metida entre as mãos. De vez em quando olhavam de soslaio para as palavras sinistras *Não há crédito* que (com grande espanto e indignação sua) estavam escritas sobre a porta, em caracteres de giz. Não que a faculdade de decifrar aqueles caracteres escritos (faculdade então considerada entre o povo quase tão cabalística como a arte de os traçar) pudesse, com estrita justiça, ser imputada aos dois discípulos do mar, mas havia um não sei quê na figura e no conjunto daquelas letras que pressagiava, na opinião dos dois marítimos, grande temporal e que os decidiu, de repente, segundo a linguagem metafórica de Legs, a arrear os mastros e a fugir diante do vento.

Na consequência daquela decisão, os dois amigos, depois de terem consumido o resto da *ale*, abotoaram convenientemente os casacos e bateram em retirada. Tarpaulin entrou ainda duas vezes pela chaminé dentro, julgando que era a porta da rua, mas por fim conseguiu sair e, meia hora depois da meia noite, os nossos heróis esgueiravam-se, com toda a velocidade, através de um beco estreito, na direção das escadas de Santo André, imediatamente perseguidos pela taverneira do *Alegre lobo do mar*.

Bastantes anos antes e depois da época em que se passa esta dramática história, o grito sinistro *A Peste!* retumbava periodicamente por toda a Inglaterra, mas mais em particular pela

metrópole. A cidade estava em grande parte despovoada e, nos horríveis bairros vizinhos do Tamisa, no meio desses becos negros, estreitos e imundos onde o demónio da peste tinha (diziam) fixado a sua residência, passeavam à vontade o espanto, o terror e a superstição.

Esses bairros estavam condenados e era proibido a toda a gente, sob pena de morte, perturbar-lhes a solidão. Contudo, nem o decreto do monarca, nem as barreiras enormes levantadas à entrada das ruas, nem a perspectiva da morte horrorosa, que era quase certa ao miserável que ousava aventurar-se naqueles sítios proscritos, guardavam as habitações desguarnecidas e solitárias de serem despojadas do ferro, do cobre, do chumbo e de qualquer artigo do qual pudesse tirar-se o mínimo lucro.

Todos os invernos, na ocasião da abertura anual das barreiras, foi comprovado que as fechaduras, os ferrolhos e os subterrâneos secretos tinham servido de pouco para proteger as amplas provisões de vinhos e licores que muitos negociantes da vizinhança, em consequência dos perigos e dos incómodos da deslocação, se tinham resignado a confiar, durante o período da proscricção, a uma garantia tão insuficiente.

Mas entre o povo aterrorizado poucas pessoas atribuíam esses factos a mãos humanas; os Espíritos, os Duendes da peste, os Demónios da febre, tais eram para o vulgo os verdadeiros criminosos. Contavam-se a este respeito tantas histórias e tão horrorosas que, por fim, toda a massa das edificações condenadas foi envolvida no terror, como num sudário, e até os próprios ladrões, espantados pelo terror supersticioso que as suas depredações

tinham criado, acabaram por abandonar o vasto circuito do bairro amaldiçoado às trevas, ao silêncio, à peste e à morte.

Foi uma das barreiras de que falamos que deteve subitamente a fuga de Legs e do digno Hugh Tarpaulin. Não podendo voltar para trás, por causa dos seus perseguidores que estavam quase sobre eles, não havia tempo a perder. Para marinheiros *pur sang*, escalar o tabuado toscamente construído era uma brincadeira; exasperados pela dupla excitação do vinho e da carreira, os dois fugitivos saltaram pois resolutamente para o outro lado e continuaram a sua corrida delirante, com gritos e urros, perdendo-se em pouco tempo naquelas profundezas complicadas e perigosas.

Se o vinho não lhes tivesse feito perder todas as faculdades morais, o horror da situação ter-lhes-ia paralisado os passos vacilantes. O ar estava frio e enevoado. As pedras arrancadas da calçada jaziam numa desordem medonha por entre a relva alta e vigorosa. A maior parte das ruas estavam obstruídas pelas ruínas das casas desmoronadas. Um cheiro fétido e deletério reinava por todos os lados e, graças à luz pálida, que mesmo à meia noite emana sempre de uma atmosfera vaporosa e pestilencial, podiam ver-se estendidos pelas ruas e pelos becos, ou apodrecendo dentro das habitações sem janelas, os cadáveres de muitos ladrões noturnos, detidos pela mão da peste na perpetração das suas façanhas.

Mas não estava no poder de imagens, de sensações ou de obstáculos de semelhante espécie parar a carreira de dois homens que, naturalmente destemidos e naquela noite cheios a transbordar de coragem e de *humming stuff*, teriam intrepidamente entrado, tão firmes quanto o seu estado lho permitisse, pela própria goela

da morte. Na frente, sempre na frente, corria o sinistro Legs, fazendo ressoar os ecos daquele deserto solene com urros semelhantes ao grito de guerra dos índios; e na retaguarda, sempre na retaguarda, rebojava o rechonchudo Tarpaulin, agarrado ao casaco do primeiro e ultrapassando todos os esforços, ainda os mais valorosos, do seu ágil companheiro, na música vocal, em rugidos de baixo, tirados das profundidades dos seus pulmões.

Em pouco tempo chegaram ao foco principal da peste. Então, a cada passo, ou antes a cada trambolhão, o caminho ia-se tornando mais horrível e mais infeto: as ruas mais estreitas e mais embrulhadas. Pedras enormes e traves, caindo de vez em quando dos tetos arruinados, atestavam pelas suas quedas pesadas a prodigiosa altura das casas. Quando tinham de praticar alguma passagem difícil, através dos frequentes montes de calça, não era raro que as suas mãos encontrassem um esqueleto ou se enterrassem em algum monte de carnes decompostas.

De repente, os marujos tropeçaram e caíram à entrada de uma edificação de aparência sinistra. O desesperado Legs deu um grito mais agudo que os precedentes e do interior da casa respondeu-lhe uma explosão rápida, sucessiva de gritos selvagens, demoníacos, que pareciam gargalhadas. Sem se intimidarem com aqueles sons, que pela sua natureza, em semelhante lugar e em tal momento, teriam feito gelar o sangue em peitos menos intensamente incendiados, os nossos dois bêbados arrumaram um encontrão à porta, arrombaram-na e entraram por ali dentro, soltando um bando de imprecações.

A sala em que foram cair era por acaso uma agência fúnebre. A um canto, junto da porta, havia um alçapão aberto que deitava

para uma série de adegas, cujas profundezas, como o revelou um som de garrafas a quebrarem-se, estavam bem fornecidas do seu conteúdo tradicional. No meio da casa via-se uma mesa posta; no meio da mesa uma taça gigantesca, cheia de punch; garrafas de vinho e de licor juntamente com bilhas, púcaros, frascos e vasos de todas as formas e de todas as qualidades estavam espalhados por cima da mesa com grande profusão. Em redor, sentados em cavaletes fúnebres havia uma sociedade de seis pessoas que vamos passar a descrever uma por uma.

Defronte da porta, num lugar um pouco mais elevado que os dos outros, estava um personagem que parecia ser o presidente da festa. Era um ser de estatura descomunal, descarnado, ainda mais alto e mais magro que Legs, o que foi para este último assunto de grande admiração. A sua fisionomia amarela como uma cidra não tinha particularidade alguma digna de descrição, a não ser uma fronte tão extraordinária e horrorosamente larga, que, à primeira vista, parecia um *bonet* ou uma coroa de carne, cobrindo-lhe a cabeça natural. A boca, arreganhada, tinha uma expressão de afabilidade espectral e os olhos pequenos e fundos luziam com o brilho singular da embriaguez. Trajava um manto de veludo negro, ricamente bordado, que o cobria desde a cabeça até aos pés, flutuando ligeiramente em volta do corpo como uma capa à espanhola. Trazia na cabeça um penacho abundante de penas de corvo, que ele balanceava daqui e dacolá com ar de grande presunção; e na mão direita um fémur humano com o qual acabava de tocar num dos membros da companhia para lhe dar uma ordem.

Em frente desse *gentleman*, com as costas voltadas para a porta, estava uma senhora cuja fisionomia não era nada menos

extraordinária. Ao contrário do personagem que acabámos de descrever, não tinha que se queixar como ele da magreza anormal: A sua figura parecia-se muito, aliás, com a enorme pipa de cerveja que se erguia a um dos cantos da casa. A sua fisionomia singularmente redonda e vermelha tinha a mesma particularidade que mencionámos já no caso do presidente; quer dizer que uma só feição do seu rosto merecia caracterização especial. O facto é que o perspicaz Tarpaulin viu logo que a mesma observação podia aplicar-se a todas as pessoas da sociedade; cada uma parecia ter aproveitado para si um bocado de fisionomia. Na dama em questão, esse bocado era a boca, uma boca que começava na orelha direita e acabava na orelha esquerda, desenhando um abismo medonho onde os brincos mergulhavam a cada instante, apesar dos esforços que ela fazia para a conservar fechada. A sua *toilette* consistia num sudário cuidadosamente engomado, afogado no pescoço por uma gola de musselina.

À sua direita estava uma rapariga minúscula que ela parecia proteger. Essa delicada criaturinha apresentava no tremor dos dedos macilentos, no desmaiado dos lábios e na cor lívida do rosto sintomas evidentes de uma tísica incurável. Contudo, havia em toda a sua pessoa, na maneira elegante de vestir uma bela e comprida mortalha de cambraia finíssima que a envolvia, na graciosidade singela do penteado e no meigo sorriso que lhe pairava nos lábios um certo atrativo simpático e uma grande distinção; mas o nariz extremamente comprido, delgado, sinuoso e pustulento passava-lhe para baixo do lábio inferior; e essa tromba, apesar da delicadeza com que ela a manobrava de um para o outro lado com a ponta da língua, dava à sua fisionomia uma expressão um tanto equívoca.

Do outro lado, à esquerda da dama hidrópica, estava um velhito inchado, asmático e gotoso. As faces pousavam-lhe em cima dos ombros como dois enormes odres de vinho do Porto. Tinha os braços cruzados e uma das pernas, envolvida em ligaduras, pousada sobre a mesa. O seu ar era assaz importante. Evidentemente tirava grande orgulho do invólucro pessoal, principalmente de um sobretudo de cor vistosa que devia efetivamente ter-lhe custado muito dinheiro; era feito de uma dessas gualdrapas de seda, curiosamente bordadas, pertencentes aos escudos gloriosos que se costumam suspender, em Inglaterra e noutras partes, num lugar bem patente nas casas das grandes famílias ausentes.

À direita do presidente estava um *gentleman* de calção e meia branca que tremelicava constantemente de um modo visível, com um tique nervoso, a que Tarpaulin chamou os terrores da embriaguez. Tinha os queixos atados com uma ligadura de musselina e os braços ligados do mesmo modo pelos pulsos, o que não lhe permitia servir-se, muito à vontade, dos licores que estavam na mesa; precaução necessária, segundo a opinião de Legs, tendo em vista a expressão embrutecida da sua fisionomia, cuja feição predominante era um par de orelhas prodigiosas, completamente impossíveis de esconder, que surgiam no espaço, arrebitando-se de vez em quando, como que atacadas de espasmos, ao ruído de cada garrafa que se desrolhava.

Defronte deste estava o sexto e último personagem, o qual, sofrendo de paralisia, devia, a falar a verdade, sentir-se seriamente incomodado dentro do fato extraordinário que o comprimia. Esse fato (talvez único no seu género) consistia num bonito esquife de

mogno, novo em folha. A tampa do caixão caía-lhe sobre a cabeça como um capacete, dando a toda a sua fisionomia uma expressão de indescritível interesse. Os braços passavam através de duas cavas abertas dos lados ao jeito de mangas, tanto por elegância como por comodidade; mas apesar disso a *toilette* do desgraçado impedia-o de se sentar como os outros convivas e obrigava-o a ficar encostado ao cavalete, formando com este um ângulo de quarenta e cinco graus. Os seus olhos de um tamanho extraordinário volviam e dardejavam para o teto os terríveis globos esbranquiçados, como que no espanto absoluto da própria enormidade.

Em vez de copo, cada conviva tinha diante de si metade de um crânio. Por cima deles via-se um esqueleto humano, suspenso por meio de uma corda atada à perna direita e presa ao teto por um gancho de ferro. A outra perna, completamente solta, pendia do corpo em ângulo reto, fazendo dançar e piruetar toda a carcaça desconjuntada a cada rajada de vento que penetrava na sala. O crânio dessa coisa horrorosa continha uma certa quantidade de carvão aceso, que derramava sobre toda a cena uma claridade vacilante, porém viva; caixões, tumbas e todos os diferentes artigos de um armazém de trastes fúnebres, empilhados a uma grande altura, impediam os raios da luz de se escapar para a rua.

À vista daquela assembleia extraordinária, do seu aparato ainda mais extraordinário, os nossos dois marujos não se portaram com o decoro que se teria podido esperar deles. Legs, encostando-se à parede mais próxima, deixou cair o queixo ainda mais do que o costume e desenrolou os vastos olhos em toda a sua extensão, ao passo que Hugh Tarpaulin, baixando-se a ponto de quase pôr o nariz em cima da mesa e batendo com as mãos nos joelhos,

despediu uma gargalhada estridente, ou seja, um rugido longo, ruidoso e atroador.

Contudo, sem se escandalizar com uma conduta tão prodigiosamente grosseira, o presidente sorriu muito agradavelmente aos dois intrusos, cumprimentou-os com um movimento de cabeça cheio de dignidade, levantou-se, deu o braço a cada um e conduziu-os para os cavaletes que as outras pessoas da sociedade acabavam de instalar em sua honra. Legs não fez a mínima resistência e sentou-se onde o mandaram, mas o galante Hugh transportou o seu cavalete para o outro lado da mesa, colocou-o na vizinhança da pequena tísica da mortalha, sentou-se ao lado dela e, despejando um crânio de vinho, bebeu-o em honra de relações mais íntimas. A semelhante atrevimento, o inteiriçado *gentleman* do esquife pareceu imensamente furioso e isso teria podido dar lugar a sérias consequências se o presidente, batendo com o seu cetro em cima da mesa, não tivesse chamado a atenção dos presentes para o discurso seguinte:

— A feliz ocasião que se apresenta obriga-nos...

— Cala-te lá! — interrompeu Legs com grande seriedade. — Cala-te lá com isso e diz-nos antes quem diabo são vocês todos e o que fazem aqui equipados como os demónios no inferno, a beber desta maneira a boa pinga do nosso honrado camarada Will Wimple, o gato pingado!

Àquela imperdoável amostra de má educação, toda a sociedade se agitou, entoando rapidamente um coro de gritos diabólicos semelhantes aos que tinham primeiro atraído a atenção dos marujos. O presidente, todavia, não tardou a recobrar o sangue frio e, voltando-se para Legs com toda a dignidade, respondeu:

— É com a melhor das vontades que satisfazemos a curiosidade de hóspedes tão ilustres, embora não tenham sido convidados. Sabei pois que sou o monarca deste império, onde reino absolutamente sob o título de Rei Peste I. Esta sala, que supondes muito injuriosamente ser a loja de Will Wimble, contratador de enterros (homem que não conhecemos e cujo nome plebeu não havia nunca até aqui ressoado aos nossos reais ouvidos), esta sala, digo, é a sala do trono do nosso palácio, consagrada aos conselhos do reino e a outros destinos de uma ordem sagrada e superior. A nobre dama sentada defronte de nós é a Rainha Peste, nossa Sereníssima esposa. Os outros personagens ilustres que vedes são todos da nossa família; todos têm nos nomes respetivos a prova da origem real: Sua Graça o Arquiduque Peste-Ífero; Sua Graça o Duque Peste-Ilencial; Sua Graça o Duque Tem-Pestoso; e Sua Alteza Sereníssima a Arquiduquesa Anna-Peste. Quanto à vossa pergunta — acrescentou — relativamente aos negócios que tratamos aqui em conselho, é inútil dizer que esse assunto, pertencendo unicamente ao nosso interesse real, não tem importância senão para nós. Entretanto, em consideração pelas atenções que vos são devidas como hóspedes e como forasteiros, dignar-nos-emos ainda explicar-vos que estamos aqui, esta noite (preparados por profundas e cuidadosas investigações), para examinar, analisar e determinar perentoriamente o espírito indefinível, as incompreensíveis qualidades e a natureza dos incomparáveis tesouros da boca: vinhos, cervejas e licores desta excelente metrópole. Procedemos assim não somente por interesse pessoal, mas também para aumentar a prosperidade do soberano

que não é deste mundo, que reina sobre nós todos, cujos domínios não tem limites e cujo nome é a Morte!

— Cujo nome é Davy Jones! — exclamou Tarpaulin, oferecendo à sua vizinha um crânio cheio de licor e despejando outro para si.

— Profano atrevido! — diz o presidente, voltando-se para o digno Hugh —, profano e execrável patife! Acabámos de dizer que em consideração por direitos que queríamos respeitar, mesmo nas vossas desprezíveis pessoas, íamos responder às perguntas tão grosseiras como intempestivas que tivestes o atrevimento de nos dirigir. Contudo, visto a tua intrusão profana nos nossos conselhos, é do nosso dever condenar-vos, a ti e ao teu companheiro, a beber cada qual um galão de *blackstrop* à prosperidade deste reino. Tereis de bebê-lo de joelhos e de um só trago. Depois, se quiserdes, podereis continuar o vosso caminho ou ficar aqui e partilhar os privilégios da nossa mesa, conforme vos aprouver.

— Isso seria absolutamente impossível — replicou Legs, a quem os grandes ares e a dignidade do rei Peste haviam evidentemente inspirado alguns sentimentos de respeito e que se levantara enquanto este falava. — Isso seria, digne-se Vossa Majestade refletir, uma coisa absolutamente impossível, arrumar no meu porão somente a quarta parte do licor que Vossa Majestade acaba de dizer. Não falando de todas as mercadorias que carregámos esta manhã a nosso bordo e sem mencionar as diversas cervejas e licores que embarcámos esta noite nos diferentes portos, trazemos um forte carregamento de *humming stuff* comprado na taverna do *Alegre Lobo do Mar*. Vossa Majestade far-nos-á pois a mercê de aceitar a boa vontade pela ação, porque não posso, nem

quero de modo algum engolir mais uma gota que seja, muito menos uma gota dessa vil mixórdia que dá pelo nome de *blackstrop*.

— Amarra isso! — interrompeu Tarpaulin, tão espantado com o tamanho do discurso como com a recusa do companheiro. — Amarra isso, marinheiro de água doce! Não digas nem mais uma palavra. O meu casco está ainda suficientemente leve para acolher a minha e a tua parte do carregamento. Se não podes arrecadar nem mais um grão, eu acharei lugar para ele a meu bordo, mas...

— Esse contrato — interrompeu o presidente — está em completo desacordo com os termos da sentença, que por sua natureza é módica, incomutável e não passível de apelação. O castigo que impusemos há de ser executado à letra e sem um minuto de hesitação. Aliás, decretamos que sejais ligados um ao outro, pela cabeça e pelos pés, e afogados como rebeldes naquela pipa de cerveja!

— Ora aí está uma sentença! Que sentença! Equitativa, judiciousa sentença! É um decreto glorioso! Digna, irrepreensível e santa condenação! — gritaram ao mesmo tempo todos os membros da família Peste. O rei franziu a fronte em pregas inumeráveis. O velhito gotoso soprou como um fole; a senhora da mortalha ondulou graciosamente o nariz, da esquerda para a direita e vice-versa; o *gentleman* do calção branco arrebitou convulsivamente as orelhas; a senhora do sudário abriu a goela como um peixe agonizante; e o homem do caixão de mogno entesou-se ainda mais e arregalou os olhos para o teto.

— Ah! ah! — disse Tarpaulin, desatando a rir no meio da agitação geral. — Ah! ah! ah! Saiba o senhor Rei Peste que dois ou

três galões de *blackstrop* são uma bagatela para um barco vasto e sólido como eu, mas quando a beber à saúde do Diabo (que Deus lhe perdoe) e a pôr-me de joelhos diante de Sua Reles Majestade (que tão certo como ser eu um pecador não é mais de que Tim Hurlygurly, o palhaço!), oh!... Bem, isso é um negócio que ultrapassa absolutamente as minhas posses e a minha inteligência.

Não o deixaram acabar tranquilamente o discurso. Ao nome do Tim Hurlygurly, todos os convivas pularam nas suas cadeiras.

— Traição! — bramiu Sua Majestade o Rei Peste I.

— Traição! — exclamou o velhito gotoso.

— Traição! — latiu a Arquiduquesa Anna-Peste.

— Traição! — resmungou o *gentleman* de queixos atados.

— Traição! — rosnou o homem do esquife.

— Traição! traição! — gritou Sua Majestade a mulher da goela; e agarrando o desgraçado Tarpaulin pela parte posterior das calças, levantou-o ao ar e deixou-o cair, sem cerimônia, no vasto tonel da cerveja.

Tarpaulin boiou ainda durante alguns segundos e finalmente desapareceu no turbilhão de espuma que os seus esforços haviam levantado no líquido, já de si muito espumoso.

O marujo grande não viu com resignação a derrota do seu camarada. Atirando o rei Peste para dentro do alçapão aberto e tapando-o violentamente, o valente Legs proferiu uma praga medonha e correu para o meio da sala. Depois, puxou o esqueleto suspenso por cima da mesa com tamanha força e boa vontade que o arrancou, deixando a sala completamente às escuras e quebrando, ao mesmo tempo, a cabeça do velhito gotoso. Precipitou-se então, com toda a sua força, sobre a pipa cheia de

cerveja e de Hugh Tarpaulin, e despejou-a no meio do chão, produzindo um dilúvio de cerveja tão abundante, tão impetuoso e tão invasor que a sala foi inundada de uma parede à outra, a mesa deitada por terra com tudo o que tinha em cima, os cavaletes atirados uns para cima dos outros, o vaso do punch lançado contra a chaminé. As senhoras desmaiaram, pilhas de artigos fúnebres flutuavam por aqui e por ali; os vasos, as bilhas, os frascos e as garrafas confundiam-se numa misturada horrorosa, destruindo-se uns aos outros. O homem dos tremeliques foi afogado imediatamente; o *gentleman* parálítico navegada ao largo dentro do seu esquite e o vitorioso Legs, agarrando pela cintura a volumosa dama do sudário, precipitou-se com ela para a rua e aпроou imediatamente na direção de Free and Easy, rebocando o temível Tarpaulin, que tendo espirrado três ou quatro vezes, ofegava e bafejava atrás dele arrastando consigo a Arquiduquesa Anna-Peste.

Um Homem na Lua

Título original: *The Unparalleled Adventure of One Hans Pfaall*

Publicado em 1835

Cheio o coração de delirantes fantasias

Que eu capitaneio,

Com uma lança de fogo e um cavalo de ar

Viajo através da imensidade.

— Canção de Tom O'Fedlan

Segundo as mais recentes notícias de Roterdão, parece que a cidade se encontra num singular estado de efervescência filosófica. Produziram-se realmente fenómenos de carácter tão inesperado e tão novo, de tal forma são contraditórias as notícias recebidas, que não duvido de que, dentro de muito pouco tempo, a Europa esteja completamente revoltada, a física comece a fermentar, e a razão e a astronomia se arrepelem.

Segundo parece, no dia... do mês... (não me recordo bem da data), tinha-se reunido imensa multidão, com um motivo que não conseguimos esclarecer ainda, na grande praça da Bolsa da confortável cidade de Roterdão.

O dia era singularmente quente para a estação em que se estava; havia apenas um sopro de ar e a multidão agradecia de quando em quando uma simples e amigável brisa que vinha das

amplas massas de nuvens brancas, abundantemente distribuídas pela cúpula azul do firmamento.

Cerca do meio-dia, houve na multidão um frémito ligeiro mas vincado, seguido do murmúrio de dez mil línguas. Minutos depois, dez mil rostos se levantaram para o céu, dez mil cachimbos desceram, simultaneamente, das dez mil bocas, e um grito, que não podia ser comparado senão ao rugido estrondoso do Niágara, soou amplamente, furiosamente, ao longo da cidade, e para além ainda dos arredores de Roterdão.

Não tardou a compreender-se o motivo deste escândalo. Saindo do fundo de uma daquelas vastas massas de nuvens de contornos rigorosamente definidos, viu-se desembocar e entrar numa das lagoas da extensão azul um ser estranho, heterogéneo, de aparência sólida, e tão singularmente construído, tão fantasticamente organizado que a multidão de burgueses que o fitava de baixo, com a boca aberta, não podia compreender do que se tratava nem podia deixar de se espantar.

Que seria aquilo? Em nome de todos os diabos de Roterdão, que significava? Que podia pressagiar? Ninguém o sabia; ninguém podia adivinhá-lo, nem sequer o burgomestre *minheer* Superbus Von Underduck; ninguém possuía o mais insignificante dado para esclarecer o mistério. Assim, pois, não tendo nada melhor a fazer, os obesos habitantes de Roterdão voltaram a colocar, com toda a gravidade, os seus cachimbos nas respectivas bocas; lançaram grandes fumaças, fizeram uma pausa, moveram-se da direita para a esquerda e grunhiram significativamente; depois, moveram-se da esquerda para a direita, grunhiram, fizeram uma pausa e, por fim, voltaram a lançar novas fumaças.

Entretanto, via-se descer, cada vez mais baixo, cada vez mais perto da beatífica cidade de Roterdão, o objeto de tal curiosidade e o motivo de tão espessa fumarada. Em poucos minutos chegou suficientemente perto para que se pudesse distinguir com toda a exatidão. Parecia ser, *era* indubitavelmente, uma espécie de balão; mas sucede que Roterdão nunca tinha visto balão semelhante.

Porque, vejamos: já viu alguém, ou ouviu falar alguma vez de um balão formado por completo de jornais velhos? Na Holanda, pelo menos, não. E, no entanto, ali mesmo, em frente do nariz de todo o povo, ou melhor, um pouco mais alto que o seu nariz, aparecia o artefacto em questão construído com aquele material inverosímil. Isto era um enorme insulto ao senso comum dos burgueses de Roterdão.

Quanto à forma do fenómeno, era ainda mais censurável, visto que se tratava de uma carapuça de louco, voltada ao contrário. E esta semelhança, quando se examinava de mais perto, longe de diminuir era mais evidente, vendo-se que em volta do bordo superior ou da base do cone havia uma saliência e, dependurados dela, uma série de pequenos instrumentos semelhantes a campainhas de gado que retiniam incessantemente com o ritmo musical de Retty Martin.

Mas o mais extraordinário era que, dependurado de uma das fitas azuis, balançava-se, à maneira de barquinha, um imenso chapéu americano de castor cinzento, de abas enormemente largas, copa hemisférica, com uma fita negra e uma fivela de prata. Embora nenhuma pessoa pudesse jurar que conhecia de antemão este chapéu, toda a multidão o fitava com olhos familiares, enquanto a senhora Grettel Pfaall lançou, ao vê-lo, uma exclamação

de alegre surpresa e declarou que aquele era, positivamente, o chapéu do seu marido.

Esta circunstância era tanto mais importante quanto era certo que Pfaall desaparecera de Roterdão, com três amigos seus, havia aproximadamente cinco anos, e desaparecera de uma maneira tão súbita e inexplicável que até ao momento em que começa esta história tinham fracassado todas as pesquisas e investigações. É bem verdade que se tinham descoberto recentemente, no extremo este da cidade, algumas ossadas que, a princípio, se tomaram por humanas, entre um montão de escombros, e que alguns tinham chegado a supor que eram os vestígios de um espantoso crime no qual tivessem perecido Hans Pfaall e os seus camaradas. Mas voltemos à nossa narrativa.

O balão, porque realmente se tratava de um balão, tinha descido a cem pés do solo e mostrava à multidão o seu único tripulante. Era um indivíduo bem extraordinário. Não teria mais de dois pés de altura, mas por muito pequeno que fosse perderia o equilíbrio e passaria pela borda da minúscula navezita, se não fosse um rebordo circular que lhe subia até ao peito e estava ligado às cordas do globo.

O corpo do homenzinho era excessivamente volumoso e dava a impressão de uma rotundidade absurda. Os seus pés, naturalmente, não se viam; as mãos eram monstruosamente grossas; tinha os cabelos grisalhos e apanhados atrás, num rabicho; o nariz, prodigiosamente longo, pencudo e vermelho; os olhos, brilhantes e vivos; o queixo e as faces, embora enrugadas pela velhice, eram rubicundos; mas por mais que se olhasse não se lhe podia descobrir nenhuma orelha.

Vestia um capote amplo, azul celeste, uns calções curtos, largos e abertos de um lado, presos aos joelhos por anilhas de prata, e o casaco era de um pano amarelo e brilhante. Trazia na cabeça um gorro de tafetá branco, e, além disso, cobria o pescoço com uma manta atada pretensiosamente e de que as longas pontas caíam sobre o peito.

Apenas desceu, como dizíamos, aproximadamente a cem pés do solo, o velhote pôs-se muito nervoso e não pareceu mostrar muitos desejos de pisar terra firme. Deitou fora grande quantidade de areia de um saco de pano que levantou com muito esforço e conseguiu desta maneira que o balão se mantivesse quieto durante alguns instantes. Então, tirou do bolsinho do casaco uma grande carteira de couro. Sopesou-a nas mãos com ar de grande surpresa, e por último, abrindo-a, tirou dela uma carta enorme, fechada com lacre vermelho, e deixou-a cair aos pés do burgomestre Von Underduck.

Sua excelência inclinou-se para apanhá-la. Mas como naquele momento o aeronauta, cada vez mais inquieto e desejoso de abandonar Roterdão, fazia precipitadamente os seus preparativos de partida, começaram a cair sobre as costas do infeliz burgomestre, um por um, doze sacos de areia.

Deve supor-se que o grande Underduck não deixou passar impunemente esta impertinência do homenzinho. Segundo dizem, a cada um dos sacos não deixou de lançar a correspondente fumaça do seu querido cachimbo, o qual o não abandonaria até ao dia da morte.

O balão ergueu-se no ar azul, como uma calhandra, e voando por cima da cidade acabou por se ocultar tranquilamente atrás de

uma nuvem semelhante àquela donde saía. E desta maneira desapareceu perante os olhos assombrados dos pacíficos cidadãos de Roterdão.

Toda a atenção se concentrou então sobre a carta cuja entrega tinha sido tão fatal à pessoa e à dignidade de Sua Excelência Von Underduck. Não se esquecera este funcionário de pôr em segurança objeto tão importante do qual era o primeiro destinatário, e de que era o segundo o professor Rudabub, como presidente e vice-presidente respectivos do Colégio Astronómico de Roterdão. Aberta a carta imediatamente pelos dignitários, encontraram o seguinte texto, realmente extraordinário:

«A Suas Excelências Von Underduck e Rudabub, presidente e vice-presidente do Colégio Nacional Astronómico da Cidade de Roterdão.

«Com certeza não esqueceram Vossas Excelências o humilde artífice Hans Pfall, construtor de foles, que desapareceu de Roterdão há aproximadamente cinco anos de uma forma inexplicável e acompanhado de outros três indivíduos. O próprio Hans Pfaall é, com permissão de Vossas Excelências, o autor desta carta.

«Todos os meus concidadãos sabem que no momento da minha desapareição eu ocupava a casita de ladrilhos vermelhos situada no princípio da rua Sauerkraust, onde vivia há quatro anos. Todos os meus antepassados, desde tempos imemoriais, exerceram invariavelmente, como eu, a muito respeitável e lucrativa profissão de construtores e ajustadores de foles. Porque, a dizer a verdade, até estes últimos anos, em que a política aqueceu a cabeça a tanta

gente, nunca existiu indústria mais frutuosa que esta e nenhum cidadão de Roterdão a exerceu tão dignamente como eu. Tinha crédito e não precisava nem de dinheiro nem de boa vontade. Mas, desgraçadamente, como vou dizer, depressa tínhamos que sentir o efeito da liberdade dos pomposos discursos do radicalismo e de toda a classe de drogas do mesmo género.

«Começaram a escassear os fregueses; tinham bastante em que ocupar-se aprendendo a marcha ideológica das inteligências no século presente. Se precisavam de soprar o fogo, contentavam-se com abaná-lo com um jornal.

«À medida que o governo debilitava, eu ia adquirindo a convicção de que o coiro e o ferro eram cada vez mais indestrutíveis. Bem depressa deixou de haver em Roterdão um único fole que necessitasse de ser reparado. A situação era insustentável. Fiquei mais pobre que os ratos e, como tinha mulher e filhos que manter, e os gastos eram cada vez menos suportáveis, pus-me a refletir acerca da maneira mais conveniente de sair dessa situação.

«Não me deixaram, no entanto, os credores tempo suficiente para lamentações. Via literalmente assaltada a minha casa por eles, desde manhã até à noite. Havia, sobretudo, três indivíduos que me atormentavam insuportavelmente, sempre na frente da minha porta, e ameaçando-me com o peso da lei. Tanto me molestaram que jurei a mim próprio vingar-me cruelmente, se alguma vez tivesse a felicidade de os ter entre as minhas garras. Foi provavelmente esta sedutora esperança que me impediu de pôr em execução imediatamente o plano que tinha meditado para me suicidar. Pareceu-me mais oportuno dissimular a raiva interior e

entretê-los com promessas e boas palavras até que o caprichoso acaso me pusesse em condições de me vingar deles.

«Estava nesse estado de espírito quando um dia em que me sentia mais abatido do que nunca, depois de andar ao acaso por uma infinidade de ruas, fui ter, sem saber como, a uma biblioteca pública. Desejoso de dissipar o meu mau humor, agarrei no primeiro volume que tive à mão.

«Tratava-se de um livrinho sobre astronomia especulativa, escrito pelo professor Encke, de Berlim, ou por um francês cujo nome se parece muito com o dele. Como eu tinha algumas noções desta ciência, depressa me interessou a leitura e fiquei tão absorvido pelo livro que o li duas vezes de cabo a rabo antes de me aperceber do tempo que passara.

«Quando já começava a anoitecer, dirigi-me para minha casa. Mas a leitura da obra astronómica, coincidindo com uma descoberta de física que me comunicara recentemente um primo meu de Nantes, no maior segredo, tinha causado no meu espírito uma profunda impressão. Ao longo das ruas crepusculares ia repassando minuciosamente na minha memória os raciocínios estranhos e quase ininteligíveis do escritor.

«Algumas passagens do livro inquietavam-me extraordinariamente e cada vez era mais intenso o interesse que excitavam no meu espírito. A minha educação limitada, a minha indubitável ignorância a respeito de filosofia natural, longe de me tirar toda a confiança na minha atitude compreensiva ou de me induzir a pôr em dúvida as noções confusas e vagas produzidas pela leitura, eram, pelo contrário, um acicate poderosíssimo da imaginação. E eu era suficientemente louco ou talvez

suficientemente razoável para perguntar a mim mesmo se estas ideias indigestas que surgem nos espíritos mal coordenados não contêm, na maioria dos casos, toda a força, toda a realidade e todas as outras propriedades inerentes ao instinto e à intuição.

«Era já muito tarde quando cheguei a casa, e deitei-me imediatamente. Mas estava demasiado preocupado para poder dormir e passei a noite meditando. Levantei-me muito cedo e corri logo a uma livraria onde empreguei todo o dinheiro que me restava na aquisição de alguns volumes de mecânica e de astronomia práticas.

«Levei-os para casa como um tesouro e consagrei à sua leitura os meus forçados momentos de ociosidade. Graças a isso fiz bastantes progressos na minha cultura, e estes novos estudos permitiram-me executar certo projeto, inspirado não sei se pelo diabo se pelo meu génio familiar.

«Durante esse tempo, os meus três credores não deixaram de me procurar, até que, por fim, consegui acalmá-los um pouco vendendo parte do meu mobiliário para satisfazer metade da dívida, prometendo liquidar o resto logo que houvesse realizado um pequeno projeto para o qual precisava dos serviços deles. Como se tratava de indivíduos muito ignorantes, não me custou muito a convencê-los.

«Ajudado por minha mulher, e com as maiores precauções, procurei retinir algum dinheiro, vendendo ao desbarato os bens que me restavam e conseguindo que me emprestassem pequenas quantias sem que me preocupasse, confesso-o envergonhado, quando nem como poderia devolvê-las.

«Com todos estes recursos, comprei várias peças de cambraia de linho de onze jardas cada uma, uma grande quantidade de cordel, uma grande porção de verniz de borracha, um enorme cesto de vime feito de encomenda e ainda outros artigos necessários para a construção e equipamento de um balão de extraordinárias dimensões. Dei a minha mulher as ordens necessárias para que o confeccionasse o mais rapidamente possível. Entretanto, eu arranjava numerosos instrumentos e artigos necessários para fazer toda a espécie de experiências nas altas regiões atmosféricas.

«Uma noite transportei, prudentemente, para um sítio afastado da cidade, cinco barricas de dimensões iguais e uma sexta barrica maior, seis tubos de zinco de três polegadas de diâmetro e de quatro pés de comprimento, cada um fabricado *ad hoc*, uma grande quantidade de *certa substância metálica ou semimetálica*, que não nomearei, e uma dúzia de garrações cheios de um ácido muito vulgar. O gás que devia resultar desta combinação é um gás que ninguém, exceto eu, fabricou até hoje, ou que pelo menos não foi, até hoje, aplicado da forma como eu o apliquei.

«A única coisa que direi é que se trata de uma das partes constitutivas do azote, considerado como irredutível, e cuja densidade é trinta e sete vezes e quatro décimos aproximadamente menor que a do hidrogénio. Não é inodoro mas é insípido; arde, quando puro, com uma chama esverdeada e ataca instantaneamente a vida animal. Eu não tinha inconveniente algum em revelar o segredo, mas já disse que este pertence a um cidadão de Nantes (França), que mo comunicou com essa condição.

«O mesmo indivíduo confiou-me, sem que eu lho pedisse, um processo para construir os balões com certo tecido animal que torna

impossível as fugas de gás; mas como me parecesse muito dispendioso esse processo, optei por revestir a cambraia com borracha. Faço constar esta circunstância porque, provavelmente, o indivíduo em questão fará um destes dias uma ascensão com o novo gás e com a matéria citada, e não é justo que eu o prive das honras da sua originalíssima invenção.

«Em cada um dos sítios que os cinco barris pequenos deviam ocupar abri um buraco; os cinco buracos formavam um círculo de vinte cinco pés de diâmetro. No centro deste círculo cavei um buraco mais profundo para colocar a barrica maior.

«Em cada um dos cinco buracos pus uma caixa de lata contendo cinquenta libras de pólvora, e no buraco maior um barrilzito com trezentas e cinquenta. Depois fiz passar, de um buraco a outro, uma corda untada com breu, e coloquei finalmente as cinco barricas nos lugares respetivos.

«Além dos artigos anteriormente encomendados, transportei para o depósito geral, oculto convenientemente, um dos aparelhos aperfeiçoados de Grimm para a condensação do ar atmosférico. No entanto, descobri imediatamente que esta máquina precisava de modificações importantes para ser empregada como eu desejava; mas graças à minha teimosia e perseverança consegui fazer as modificações necessárias.

«Depressa ficou tudo preparado. O balão podia conter mais de quarenta mil pés cúbicos de gás e sustentaria facilmente, segundo os meus cálculos, não só a mim e a todo o equipamento, mas também setenta e cinco libras de lastro. Envernizei três vezes o pano e vi com satisfação que a cambraia fazia o mesmo efeito que a seda: tinha a mesma solidez e, além disso, custara mais barato.

«Preparado tudo, exigi de minha mulher o juramento de que não falaria de nenhum dos meus atos a partir da primeira visita à livraria; eu, pela minha parte, prometi voltar o roais depressa que as circunstâncias mo permitissem.

«Na realidade, a sua situação não me preocupava, por pouco que fosse. Trata-se de uma dessas mulheres capazes de se desembaraçarem sozinhas e de seguir para diante sem a minha ajuda. Finalmente, e para dizer tudo, tenho a ideia de que sempre me considerou um folgazão, um simples contrapeso, uma espécie de homem bom unicamente para fazer castelos no ar e nada mais; no fundo, não devia incomodar-se muito por se ver livre de mim.

«Estava uma noite sombria quando nos despedimos pela última vez. Levando comigo, como ajudantes de campo, os três credores que tantos desgostos me tinham causado, trasladei o balão com a sua barquinha e os demais acessórios pelas ruas afastadas até ao lugar onde tinha o depósito geral. Encontrei intactos todos os objetos e imediatamente começámos a tarefa.

«Era o dia 1.º de abril. Na noite, muito sombria, como disse anteriormente, mal se distinguia uma estrela, e caía uma chuvinha muita incomodativa. No entanto, o que mais me preocupava era o balão, que, apesar do verniz protetor do pano, pesava cada vez mais por causa da humidade. Receava também que a pólvora se estragasse. Por isso apressava os meus ajudantes, fazendo-lhes acelerar o passo. Eles não deixavam de manifestar o descontentamento que sentiam e enchiam-me de perguntas que naturalmente não tinham resposta. Não compreendiam a vantagem que podiam obter, empapando-se de água até aos ossos, só para se fazerem cúmplices de um assunto estranho. Tantas coisas me

disseram que comecei a inquietar-me seriamente, porque me apercebi de que aqueles idiotas acreditavam que eu estava combinado com o diabo para realizar um trabalho sobre-humano.

«Houve momentos em que os vi dispostos a deixar-me ali plantado, e tive que utilizar toda a minha inteligência para os convencer de que receberiam até ao último centavo logo que toda a tarefa terminasse. Naturalmente que me ajudou muito para os convencer a confiança que tinham, no fundo, em que eu chegaria a ser imensamente rico, embora lhes fosse indiferente o que sucedesse ao meu corpo e à minha alma.

«Ao fim de quatro horas, aproximadamente, considerei que o balão estava bem cheio. Pendurei a barquinha e pus dentro dela todo o meu equipamento: um telescópio, um barómetro com algumas modificações importantes, um termómetro, um electrómetro, um compasso, uma bússola, um relógio de segundos, um sino, uma buzina, etc., etc., assim como um globo de vidro, no qual tinha feito previamente o vácuo, fechando-o hermeticamente, sem esquecer o aparelho condensador, cal viva, um pau de lacre, abundante provisão de água e víveres suficientes, tais como *pemmican*, que, num pequeno volume, contém enorme quantidade de substâncias nutritivas. Por fim, pus também na barquinha um casal de pombos e uma gata.

«Estava quase a nascer o sol e compreendi que tinha chegado o momento de efetuar a partida. Deixei cair, como que casualmente, o charuto aceso, e ao baixar-me para o apanhar procurei deitar o fogo à mecha, cujo extremo, como disse, já sobressaía um pouco por debaixo do bordo inferior de um dos barris.

«Nenhum dos meus três verdugos deu conta desta manobra, pela sua rapidez. Saltei depois para a barquinha e, cortando a última corda que me retinha ao solo, vi com alegria que o balão subia rapidamente com as suas cento e cinquenta libras de lastro. Poderia até levar o dobro.

«No entanto, apenas subira a uma altura de cinquenta jardas quando soou debaixo de mim um rumor espantoso e o ar se encheu de uma espessíssima tromba de fogo e de fumo, no meio da qual voavam pedaços de madeira, de ferro e membros humanos. Senti desfalecer o meu coração e acocorei-me no fundo da barquinha, tremendo de horror.

«Compreendi então que tinha carregado demasiado a mina e que ia sofrer as consequências disso. Efetivamente, não tinha ainda passado um segundo quando notei que todo o sangue me afluía às fontes e, subitamente, uma explosão que não esquecerei nunca, fez estremecer as trevas e pareceu separar em dois o firmamento. Mais tarde, quando pude refletir, atribuí a extrema violência da explosão à sua verdadeira causa, isto é, ao facto de estar colocado imediatamente por cima dos barris, e portanto dentro do seu poderoso raio de ação.

«Mas no momento da explosão não pensei senão em salvar a vida. O balão, a princípio, torceu-se, depois dilatou-se furiosamente e começou a dançar com uma velocidade vertiginosa, e, por fim, cambaleando como um bêbedo, lançou-me pela borda da barquinha, ficando preso, a uma altura espantosa, com a cabeça para baixo, ao extremo de uma corda muito curta e muito delgada na qual se envencilhou providencialmente o meu pé esquerdo.

«É impossível, absolutamente impossível, formar uma ideia justa do horror da minha situação. Abri convulsivamente a boca para respirar; um tremor de febre sacudia todos os nervos e músculos do meu corpo, os olhos desorbitavam-se, sentia-me atacado de náuseas, e por fim perdi o conhecimento.

«Não posso dizer quanto tempo permaneci naquele estado, mas devia ter decorrido muito, porque, ao recobrar em parte o uso dos meus sentidos, era dia claro. O balão encontrava-se a prodigiosa altura por cima da imensidade oceânica, e até aos limites onde a vista alcançava não se divisava o menor vestígio de terra.

«Tenho de confessar, no entanto, que as minhas sensações, ao voltar a mim, não eram tão extremamente dolorosas como seria de esperar. Realmente havia muito de loucura naquela plácida contemplação com a qual examinava o meu estado. Passei a mão pelos olhos perguntando a mim mesmo, com assombro, que acidente poderia fazer inchar assim as minhas veias e enegrecer as minhas unhas. Depois examinei cuidadosamente a cabeça, sacudi-a várias vezes e apalpei-a com minuciosa atenção, até que me convenci de que não era tão grande como o balão. Em seguida, com o hábito do homem que sabe onde estão os seus bolsos, meti as mãos nos das calças, e ao dar conta que perdera o caderno de apontamentos e o estojo dos palitos dos dentes procurei explicar a causa desta desapareição; e como não o consegui, fiquei muito triste. Pareceu-me então sentir uma dor viva no pé esquerdo e a obscura consciência da minha situação começou a agitar-se no meu espírito.

«Mas — coisa estranha! — não senti nem assombro nem terror. A única emoção experimentada foi uma espécie de satisfação ao pensar na destreza necessária para sair de conjuntura tão singular. Durante alguns minutos, fiquei mergulhado na mais profunda meditação. Lembra-me de que cerrei os lábios, que pus o dedo indicador na ponta do nariz e que fiz toda a espécie de gestos e de caretas habituais nas pessoas que, comodamente instaladas numa cadeira, meditam sobre assuntos confusos e importantes.

«Quando supus suficientemente coordenadas as minhas ideias, procurei levar, com toda a precaução, as mãos às costas, e ao cabo de um pouco de paciência consegui tirar do cinturão a grossa anilha de ferro que o terminava. Depois coloquei-a entre os dentes, e desfiz o nó da gravata; é claro que tinha de descansar um pedaço, de tal forma esta operação era fatigante; mas consegui acabá-la com êxito, e atando um dos extremos da gravata ao anel preendi o outro, muito apertado, ao punho direito. Levantei então o corpo por meio de um prodigioso esforço muscular, e consegui, à primeira tentativa, lançar a anilha, como me propunha, ao rebordo circular da barquinha.

«O meu corpo formava então com este um ângulo de 45 graus aproximadamente, o que não significa que estivesse a 45 graus por baixo da perpendicular. Nada disso. Continuava colocado num plano quase paralelo ao nível do horizonte, porque a nova posição que tinha conquistado teve por efeito inclinar o fundo da barquinha e, portanto, a minha posição era a mais penosa possível.

«Tinha todos os motivos para abençoar o acaso, mas a verdade é que estava de tal forma estupefacto que permaneci suspenso durante um quarto de hora, sem dar conta daquela

extraordinária situação, nem tentar o mais ligeiro esforço, perdido numa calma singular e com a mais idiota beatitude. Não devia tardar muito em desvanecer-se esta disposição do meu ânimo para se transformar num sentimento de horror, de espanto e de absoluto desespero. O sangue, tanto tempo acumulado na cabeça e na garganta, e que me causara um saudável delírio, cuja ação substituía a energia física, começava agora a recobrar o nível habitual. Com a clarividência aumentava a percepção do perigo, deixando-me contudo o sangue-frio e a coragem necessários para afrontá-lo. Mas, afortunadamente, essa debilidade não durou muito tempo. A energia do desespero veio oportunamente e, com gritos e esforços frenéticos, lancei-me convulsivamente numa sacudidela geral de todo o meu corpo, conseguindo por fim agarrar-me ao rebordo da barquinha, e, saltando por cima dele, caí de cabeça no fundo.

«Passou algum tempo antes que eu pudesse ocupar-me do balão. Já senhor de mim, examinei-o demoradamente e certifiquei-me de que não sofrera nenhuma avaria. Todos os meus instrumentos estavam sãos e salvos e nada se perdera nem do lastro nem das provisões. Olhei para o relógio: marcava seis horas.

«O balão subia rapidamente e o barómetro marcou uma altura de três milhas e três quartos. Justamente debaixo de mim aparecia no oceano um pequeníssimo objeto negro de forma ligeiramente alargada e com as dimensões de uma pedra de dominó, com a qual se parecia de uma maneira extraordinária. Foquei o meu telescópio sobre esse objeto e vi então que se tratava de um navio de guerra inglês. Além dele não via mais que o oceano e o céu, no qual brilhava o sol.

«Já é tempo de explicar a Vossas Excelências o objeto da minha viagem. Lembra-se Vossas Excelências de que a minha deplorável situação me fizera pensar no suicídio. Não era que eu estivesse desgostoso da vida, mas porque me sentia afogado pela miséria da minha situação. Nesse estado de espírito, desejando viver mas fatigado, no entanto, da vida, o livro que caiu nas minhas mãos por acaso, junto ao oportuno descobrimento do meu primo de Nantes, fez-me tomar uma resolução definitiva. Resolvi abandonar o mundo, mas continuar a existir; em resumo, para evitar os enigmas: resolvi, sem preocupações, emigrar para a Lua. E para que me não suponham mais louco do que na realidade o. estou, procurarei expor da melhor maneira possível as considerações que me induziram a crer factível essa tentativa, por muito difícil e cheia de perigos que se imagine.

«O que primeiro precisamos de ter em conta é a distância positiva da Terra à Lua. A distância média ou aproximativa entre os centros dos dois planetas é 59 vezes, mais uma fração, o raio equatorial da Terra, ou seja aproximadamente 237000 milhas. Digo a distância média ou aproximativa porque é fácil de conceber que, sendo a forma da órbita lunar a de uma elipse cuja excentricidade não é inferior a 0,05484 do seu eixo médio, e ocupando ele o eixo da Terra, o foco desta elipse, se eu conseguisse encontrar a lua no seu perigeu a distância mencionada seria muito menor.

«No entanto, pondo de parte esta hipótese, é indubitável que, de todas as maneiras, eu tinha que deduzir das 237000 milhas o raio da Terra, quer dizer, 4000, e o raio da Lua, isto é, 1080, ou seja um total de 5080. De forma que não precisava de percorrer mais do que uma distância aproximada de 231920 milhas, o que, no final de

contas, não era muito extraordinário. É muito frequente efetuarem-se na Terra viagens com uma velocidade de 60 milhas por hora; e embora eu tivesse motivos para crer que poderia avançar mais rapidamente, conformando-me com a velocidade de 60 milhas não precisava de mais de cento e sessenta e um dias para chegar à superfície da Lua.

«Vou explicar a Vossas Excelências em que se baseia o meu convencimento de poder aumentar a velocidade.

«O segundo ponto a examinar não era menos importante. Segundo as indicações barométricas, sabemos que, ao elevarmos por cima da superfície terrestre a uma altura de 1000 pés, deixamos uma trigésima parte da massa atmosférica abaixo de nós; aos 10600 pés ultrapassa-se uma terça parte aproximadamente; e aos 18000, que é quase a altura do Cotopaxi, ultrapassamos a metade da massa fluída, e, por consequência, metade da parte ponderável do ar que envolve o nosso globo. Calculou-se, portanto, que a uma altura que não excede a centésima parte do globo terrestre — quer dizer, 80 milhas — deve ser tal a rarefação que a vida animal não pode subsistir de qualquer maneira. Mas não deixo de observar que todos estes cálculos se baseiam unicamente sobre o nosso conhecimento experimental das propriedades do ar e das leis mecânicas que regem a sua dilatação e a sua compressão, no que poderíamos chamar, falando comparativamente, a proximidade da Terra. E ao mesmo tempo considera-se como um facto positivo que a uma distância determinada, mas inacessível, da sua superfície, a vida animal é e deve ser essencialmente incapaz de modificação.

«A maior altura a que chegou um homem é a de 25000 pés; refiro-me à expedição aeronáutica dos senhores Gay-Lussac e Biot. É uma altura bastante medíocre, sobretudo se a compararmos com as 80 milhas em questão, e, como é natural, eu não podia deixar de duvidar das anteriores afirmações.

«Supondo uma ascensão a uma altura determinada, a quantidade do ar atravessado durante todo o período ulterior da ascensão não é de forma alguma proporcional à altura adicional conseguida, como se pode ver do que foi anteriormente mencionado, mas num sentido de constante diminuição. É portanto evidente que, elevando-nos o mais possível, não podemos, literalmente falando, chegar a um limite por cima do qual a atmosfera cesse, por completo, de existir. *Deve existir*, visto que *pode* existir num estado de rarefação infinita.

«Por outro lado, já sabia que não faltam argumentos para demonstrar que existe um limite real e determinado da atmosfera para além da qual não há, de nenhum modo, ar respirável. Mas os que opinam desta maneira esqueceram uma circunstância que poderia ser, não uma refutação perentória da sua doutrina, mas um ponto digno de séria investigação. Comparemos os intervalos entre os retornos sucessivos do cometa Encke ao seu periélio, tendo em conta todas as perturbações devidas à atração planetária, e veremos que os períodos diminuem gradualmente, quer dizer, que o grande eixo da elipse do cometa se vai reduzindo numa proporção lenta mas perfeitamente gradual. É precisamente o caso que deve dar-se se supusermos que o cometa sofre a resistência de um meio *etéreo excessivamente rarefeito* que penetra as regiões da sua órbita. Evidentemente que, retardando-se desta maneira a

velocidade do cometa, aumenta a sua força centrípeta, e enfraquece a sua força centrífuga. Ou, por outras palavras: a atração solar seria cada vez mais poderosa e o cometa aproximar-se-ia cada vez mais a cada nova revolução. Não há, verdadeiramente, outra forma de explicar esta variante.

«Vejam agora outro facto. Observa-se que o diâmetro real da parte nebulosa deste mesmo cometa se contrai rapidamente à medida que se aproxima do sol e se dilata com a mesma rapidez quando se aproxima do seu afélio. Não tinha eu razão para supor, com Valz, que esta aparente condensação de volume tinha a sua origem na compressão desse meio etéreo do qual falava há um momento, e cuja densidade é proporcional à proximidade solar?

«O fenómeno, que assume a forma lenticular e que se chama luz zodiacal, era também um ponto digno de atenção. Esta luz tão visível nos trópicos, e impossível de confundir com uma luz meteórica qualquer, eleva-se obliquamente do horizonte e segue em geral a linha do equador solar. A mim parecia-me provir de uma atmosfera rarefeita que se estendesse do sol até para além da órbita de Vénus pelo menos, e, segundo a minha opinião, muito mais longe ainda.

«Não podia supor que este meio estivesse limitado pela linha de percurso do cometa ou confinasse imediatamente com o Sol. Era, pelo contrário, bem sensato imaginar que invadia todas as regiões do nosso sistema planetário, condensando-se em volta dos planetas naquilo que chamamos atmosfera e modificando-se talvez em alguns por circunstâncias puramente geológicas. Quer dizer, modificado ou variado nas suas proporções ou na sua natureza

essencial pelas matérias volatizadas que emanam dos seus respectivos globos.

«Tomando a questão sob este ponto de vista, já não havia que vacilar. Supondo que encontraria, ao passar, uma atmosfera essencialmente semelhante à que envolve a superfície da Terra, pensei que por meio do engenhosíssimo aparelho de Grimm poderia facilmente condensá-la em quantidade necessária para as necessidades respiratórias. Desta maneira vence o principal obstáculo de uma viagem à Lua. Empreguei algum dinheiro e muito trabalho em adaptar o aparelho de Grimm a este fim, e tinha, portanto, completa confiança na sua aplicação, desde que pudesse efetuar a viagem num espaço de tempo suficientemente curto.

«Vejam agora o assunto da velocidade. Toda a gente sabe que os balões, no primeiro período da sua ascensão, se elevam com uma velocidade relativamente moderada. A força de ascensão está na relação que existe entre o peso do ar e o do gás que contém o balão, e, à primeira vista, não parece muito provável nem verosímil que o balão, à medida que ganha em altura e chega sucessivamente a camadas atmosféricas de densidade decrescente, possa ganhar em rapidez e acelerar a sua velocidade primitiva. Por outro lado, não me recordava de ter lido, pelos resultados de nenhuma experiência anterior, que se comprovasse uma diminuição aparente na velocidade absoluta da ascensão, embora tal coisa pudesse suceder tendo em conta a fuga do gás através de um aeróstato mal confeccionado e geralmente coberto de verniz insuficiente. Parecia-me, portanto, que o efeito desta perda podia compensar apenas a aceleração adquirida pelo balão à medida que se afastasse do centro de gravidade.

«Pois bem: eu pensava que, desde que encontrasse na minha travessia o *meio* imaginado, e desde que fosse da mesma composição do que chamamos ar atmosférico, era pouco importante o seu grau de rarefação sob o ponto de vista da minha força ascensional, porque não só o gás do balão se via submetido à mesma rarefação, mas também porque, pela natureza das suas partes integrantes, devia ser especificamente mais leve que um composto qualquer de oxigénio e de azote. Havia, portanto, uma possibilidade e até uma forte probabilidade *para que em nenhum momento da minha ascensão chegasse a um ponto em que os pesos retinidos do balão, do gás inconcebivelmente rarefeito que continha, da barquinha e de todo o resto, pudessem igualar o peso da atmosfera deslocada*. Compreenderão assim Vossas Excelências que esta era a única condição capaz de me deter na minha fuga ascensional; mas, supondo que se desse este caso, ainda me ficava a faculdade de dispor do lastro e de outros pesos que somavam um total de 300 libras.

«Ao mesmo tempo, como a força centrípeta iria diminuindo em razão do quadrado das distâncias, chegaria, com uma velocidade prodigiosamente acelerada, às longínquas regiões onde a força de atração da terra seria substituída pela da Lua.

«Por último, restava outra dificuldade não isenta de inquietação para mim. Tinha-se observado anteriormente que nas ascensões a uma altura considerável, além da dificuldade respiratória, se sente na cabeça e por todo o corpo um profundo mal-estar, acompanhado frequentemente de hemorragias nasais e de outros sintomas alarmantes, cada vez menos suportáveis à medida que se atinge maior altura. Não seria provável que esses

fenómenos aumentassem até terminarem com a própria morte? No entanto, após madura reflexão, concluí que não.

«Era preciso procurar a origem disso na desapareção progressiva da pressão atmosférica, à qual está acostumada a superfície do nosso corpo, e na distensão inevitável dos vasos sanguíneos superficiais, mas não numa desorganização positiva do sistema animal como no caso da dificuldade respiratória, onde a densidade atmosférica é quimicamente insuficiente para a renovação regular do sangue no ventrículo do coração. Só no caso de faltar esta renovação havia motivo suficiente para que a vida não subsistisse, inclusive no vácuo, porque a expansão e a compressão do peito que se chama respiração não é mais que um ato puramente muscular. Não é a causa mas o efeito da respiração.

«Numa palavra: estava certo de que, habituando-se o corpo à ausência da pressão atmosférica, estas sensações dolorosas diminuiriam gradualmente e, para as suportar todo o tempo necessário, confiava na solidez férrea da minha constituição.

«Uma vez expostas algumas das considerações — não todas certamente — que me levaram a projetar uma viagem à Lua, vou agora, com permissão de Vossas Excelências, expor o resultado de uma tentativa tão audaz e sem precedentes nos anais da humanidade».

«Tendo alcançado a altura a que me referi anteriormente, ou seja três milhas e três quartos, deitei fora da barquinha algumas penas e vi que continuava subindo com bastante rapidez; não precisava, portanto, de deitar fora qualquer lastro. Isto satisfez-me, porque desejava conservar a maior quantidade de lastro possível pela sensata razão de que não tinha nenhum dado positivo sobre o

poder de atração e sobre a densidade atmosférica da Lua. Sentia-me perfeitamente bem, sem nenhum mal-estar físico; respirava com inteira liberdade e não tinha a mais pequena dor de cabeça. A gata deitara-se solenemente sobre o meu capote colocado ao fundo da barquinha, e olhava para as pombas com ar desdenhoso. Estas, a que atara as patas para impedir que voassem, estavam muito entretidas em bicar alguns grãos de arroz que lhes deitara.

«Às seis e vinte o barómetro assinalava uma altura de 26400 pés, ou seja cinco milhas pouco mais ou menos. A perspectiva era ilimitada. Nada mais fácil, por outro lado, que calcular com a ajuda da trigonometria esférica a extensão da superfície terrestre que os meus olhos dominavam. A superfície convexa de um segmento de esfera está para a superfície total da esfera como o seno-verso do segmento está para o diâmetro da esfera. Mas, no meu caso, o seno-verso, isto é, a espessura do segmento situado debaixo de mim, era pouco mais ou menos igual à minha elevação ou ao ponto de vista por cima da superfície. A proporção de cinco para oito milhas exprimiria, portanto, a extensão da superfície visível, quer dizer: via somente uma milseiscentésima parte da superfície do globo terrestre.

«O mar parecia polido como um espelho, embora com a ajuda de um telescópio descobrisse que se encontrava em estado de violenta agitação. O navio já não era visível. Repentinamente, comecei a sentir uma forte dor de cabeça, que se repetia com intermitências, embora continuasse a respirar com toda a liberdade. A gata e as pombas não pareciam sentir o menor mal.

«Às sete menos vinte entrou o balão na região de uma enorme e espessa nuvem, o que me aborreceu muito. Avariou-se o

aparelho condensador e eu fiquei molhado até aos ossos. Era de facto um encontro muito estranho, porque não era lógico que uma nuvem desta natureza pudesse elevar-se a semelhante altura. Atirei fora dois pedaços de lastro de cinco libras cada um; restavam-me, portanto, 165.

«Graças a esta operação, atravessei rapidamente o obstáculo e, em seguida, apercebi-me de que tinha ganho velocidade de uma maneira prodigiosa. Poucos segundos depois de ter abandonado a nuvem esta foi atravessada por um relâmpago que cegava, e que a incendiou totalmente, dando-lhe o aspeto de uma enorme massa carbonífera em ignição. Não se esqueçam de que isto aconteceu à plena luz da manhã. Imaginem o que seria, de sublime este fenómeno se se desenrolasse nas trevas da noite. Unicamente o inferno nos poderia dar imagem exata.

«Aquele espetáculo eriçou-me os cabelos, e, no entanto, não podia deixar de mergulhar o olhar nos ígneos abismos daquele fogo espantoso e sinistro.

«Tinha escapado de boa. Se o balão tivesse permanecido um minuto mais na nuvem, isto é, se o mal-estar sentido não me tivesse obrigado a deitar lastro fora, a minha destruição teria sido imediata. Essa espécie de perigos são os maiores que podem correr os aeronautas. Não obstante tinha alcançado já uma altura tal que podia conservar-me tranquilo.

«Às sete o barómetro assinalava nove milhas e meia. Eu começava a sentir uma grande dificuldade respiratória. Doía-me a cabeça terrivelmente. Notando humidade nas faces levei as mãos até elas, e vi-as tintas com sangue que brotava dos ouvidos. Não me inquietava menos o aspeto dos meus olhos. Ao tocar-lhes com a

mão, parecia-me que tinham saído das órbitas de uma maneira inconcebível; todos os objetos da barquinha, inclusive o próprio balão, apresentavam-se à minha vista sob um aspeto monstruoso.

«Como todos esses sintomas excediam o que eu havia suposto, cheguei a alarmar-me seriamente e cometi a imprudência de deitar fora da barquinha mais quinze libras de lastro. A velocidade aceleradíssima da ascensão levou-me rapidamente e sem gradações sucessivas a uma camada atmosférica singularmente rarefeita, o que esteve quase a fazer terminar fatalmente a minha expedição e a minha vida.

«Sofri um espasmo que durou mais de cinco minutos, e ainda depois deste terminar não podia respirar senão depois de longos intervalos e de uma maneira convulsiva, sangrando copiosamente pelo nariz, pelos ouvidos, e até, um pouco, pelos olhos. As pombas pareciam presas de uma angústia excessiva e debatiam-se, procurando fugir, enquanto a gata miava lamentosamente, tremendo, retorcendo-se como sob a influência de um veneno poderoso.

«Dei conta demasiado tarde da imensa imprudência que cometera atirando fora aquelas quinze libras de lastro. Aguardava a morte, e o enorme sofrimento físico contribuía para inutilizar qualquer esforço para salvar a vida. Tinha perdido, inclusivamente, a faculdade de refletir, e a violência da dor de cabeça aumentava de minuto a minuto.

«No preciso momento em que pude aperceber-me instintivamente de que ia perdi o conhecimento, e quando empunhava uma das cordas da válvula de escape, lembrei-me da partida que tinha pregado aos meus três credores, e o temor das

consequências que poderiam resultar do meu regresso à terra fizeram-me mudar de opinião. Deixei-me cair no fundo da barquinha, e procurando, com um esforço enorme, recobrar as minhas ideias, lembrei-me de fazer a mim próprio uma sangria. Mas, como não tinha lanceta, vi-me obrigado a abrir uma das veias do braço esquerdo com uma navalha. Mal tinha começado a correr o sangue comecei a experimentar grande alívio, e, vertida uma regular porção, desapareceram quase por completo os perigosos sintomas.

«Não me parecia, no entanto, prudente pôr-me de pé; assim, pois, liguei o braço o melhor que pude e permaneci imóvel um quarto de hora, aproximadamente. Ao cabo desse tempo, levantei-me e sentei-me quase livre de todo o mal.

«Mas a dificuldade de respiração não diminuía senão muito ligeiramente, e compreendi a urgência de utilizar o condensador.

«Ao passar a vista em torno de mim, vi que, comodamente instalada de novo sobre o meu capote, a gata considerara oportuno, durante a minha indisposição, dar à luz cinco gatinhos. Claro está que eu não podia esperar esse suplemento de passageiros; mas no meio da minha aventura, tal acontecimento fez-me rir. Fornecia-me, além disso, ocasião para comprovar uma das minhas conjeturas, aquela que mais me decidiu à expedição.

«Supusera eu que o *hábito* da pressão atmosférica na superfície da terra causava, em grande parte, as dores que atacam a vida animal a determinada altura dessa superfície. Se os gatinhos sentissem o mal-estar *no mesmo grau que a mãe*, era falsa a minha teoria; mas, em caso contrário, confirmaria que eu tinha razão.

«Às oito horas tinha alcançado uma altura de 17 milhas. Portanto, pareceu-me evidente não só que aumentaria a minha velocidade ascensional, mas também que esse acréscimo não era menos sensível embora não tivesse deitado o lastro fora. As dores violentas de cabeça e de ouvidos voltavam de novo, a intervalos, e de quando em quando as hemorragias nasais. Mas apesar de tudo, sofria muito menos que antes, não obstante a dificuldade respiratória e os movimentos espasmódicos que se sucediam a cada inspiração. Então, preparei o aparelho condensador para poder fazê-lo funcionar imediatamente.

«Durante esse período da minha ascensão, o aspeto da terra era realmente magnífico. Para Oeste, para o Norte, para o Sul, até aos limites que a minha vista dominava, o mar estendia-se até longe, imóvel na aparência, tomando de momento para momento uma tonalidade azul mais profunda. Para Este estendiam-se bem distintamente as Ilhas Britânicas; as costas ocidentais da França e da Espanha e uma pequena parte do norte do continente africano. Era absolutamente impossível descobrir o menor vestígio de edificações e as mais orgulhosas cidades da humanidade tinham desaparecido completamente da face da terra.

«O que mais me assombrou no aspeto das coisas situadas por baixo de mim foi a aparente concavidade da superfície do globo. Eu esperava estupidamente que a sua convexidade real se manifestasse cada vez mais à medida que a altura aumentasse. No entanto, alguns segundos de reflexão bastaram-me para compreender este contrassenso.

«Uma linha traçada perpendicularmente do ponto em que eu me encontrava até à Terra formaria a perpendicular de um

triângulo-retângulo cuja base se estendia em ângulo reto até ao horizonte, e a hipotenusa, do horizonte até ao ponto ocupado pelo meu balão. Mas a altura em que eu estava nada significava comparativamente à extensão abarcada pela minha vista. Noutros termos: a base e a hipotenusa do suposto triângulo eram tão longas em relação à perpendicular que podiam considerar-se como duas linhas quase paralelas. Deste modo, o horizonte do aeronauta aparecia sempre ao nível da barquinha; mas como o ponto situado imediatamente abaixo parecia e estava, com efeito, a uma imensa distância, era lógico também que o supusesse igualmente a uma imensa distância abaixo do horizonte. Daqui a impressão de concavidade; e esta impressão teria de durar até que a altura se encontrasse, relativamente à extensão da perspectiva, numa proporção igual, isto é, até que o aparente paralelismo da base e da hipotenusa desaparecessem.

«Entretanto, como as pombas pareciam sofrer horrivelmente, resolvi pô-las em liberdade. Soltei primeiro uma delas, um soberbo exemplar cinzento, e pu-la na borda da barquinha. Parecia extraordinariamente mal disposta: olhava em volta de si, batia as asas, fazia ouvir o seu arrulho, mas não se atrevia a saltar da barquinha. Por fim, agarrei-a e atirei-a a umas seis jardas de distância.

«Mas, em vez de descer, como eu supunha, fazia esforços desesperados para voltar ao balão, soltando ao mesmo tempo gritos agudíssimos. Conseguiu por fim voltar à sua antiga posição na borda da barquinha, mas, mal pousara nela as patinhas, inclinou a cabeça sobre o peito e caiu morta no fundo da nave.

«A outra não teve sorte tão deplorável. Para evitar que seguisse o exemplo da sua companheira e voltasse para o balão, precipitei-a para baixo com todas as minhas forças e vi então com alegria que continuava descendo a grande velocidade, utilizando as asas com facilidade e de uma maneira perfeitamente natural. Não tardou a desaparecer da minha vista e tenho a certeza de que chegou sã e salva a porto seguro.

«Quanto à gata, que me parecia restabelecida da sua crise, regalava-se agora esplendidamente com a pomba morta e acabou por adormecer dando sinais de grande satisfação. Os gatinhos recém-nascidos não manifestavam o menor mal-estar.

«Às oito e um quarto, não podendo já respirar por mais tempo sem sentir uma dor intolerável, comecei a ajustar em volta da barquinha o aparelho condensador. Este aparelho exige algumas explicações.

«Lembrar-se-ão Vossas Excelências de que o meu fim, ao encerrar-me por completo no fundo daquela atmosfera tão singularmente rarefeita, era desenvolver, com a ajuda do meu condensador, uma quantidade dessa mesma atmosfera suficiente para as necessidades respiratórias.

«Assim, portanto, tinha preparado um grande saco de borracha muito flexível, muito sólido, absolutamente impermeável, que formava uma espécie de invólucro dentro do qual entrava a barquinha e cujos extremos passavam por cima dos bordos, e subiam exteriormente ao longo das costas, até ao extremo do arco, colocado imediatamente abaixo do balão.

«Este invólucro podia fechar-se hermeticamente por meio de uma espécie de nó corredio colocado em volta do arco superior. Nos

lados deste invólucro tinha adaptado três pedaços de cristal muito sólido, mas muito transparente, e através dos quais podia olhar, em volta de mim, para todas as direções. Na parte do invólucro que formava o fundo tinha uma quarta janela correspondente a uma pequena abertura praticada no fundo da barquinha, e graças a ela podia ver também perpendicularmente.

«Aproximadamente a um pé abaixo de uma das janelas laterais havia uma abertura circular de três polegadas de diâmetro com um rebordo adaptável à espiral de um parafuso. Neste rebordo aparafusava-se o largo tubo do condensador e, fazendo o vácuo no corpo da máquina, atraía-se a este tubo uma certa quantidade de ar rarefeito, que por sua vez era devolvido em estado de condensação e misturado ao ar ténue contido dentro da câmara. Repetida várias vezes, esta operação renovava a atmosfera suficiente para as necessidades respiratórias. Mas, dada a exiguidade do espaço em que eu me movia, claro está que em pouco tempo o ar se viciaria fatalmente para a vida com o seu contínuo contacto com os pulmões. Este perigo desapareceria por meio de uma válvula de escape colocada no fundo da barquinha, e que, aberta uns segundos, deixaria expulsar uma quantidade de atmosfera viciada equivalente à que deixava entrar, ao mesmo tempo, a bomba do aparelho condensador. Para experimentar as condições atmosféricas do ar livre dependurei a gata e os filhos de um cesto preso à barquinha por um puxador colocado perto da válvula e através da qual podia dar-lhes de comer quando necessitassem.

«Quando acabei todos estes preparativos e enchi a câmara de ar condensado eram nove menos dez. Durante estas operações

sofri de uma maneira horrível com a dificuldade de respirar e arrependi-me amargamente da negligência, ou da talvez fatal imprudência, que me fizera deixar para o último momento um assunto de tanta importância. Mas não tardei a sentir os benefícios da minha invenção. Respirei de novo com inteira liberdade e fui agradavelmente surpreendido pela desapareição das dores sofridas até então. Só me ficou um ligeiro mal-estar de cabeça, acompanhado de uma sensação de plenitude ou de distensão nos punhos, nas canelas e na garganta.

«Às nove menos vinte, quer dizer, pouco depois de ter fechado a câmara, o mercúrio alcançou o seu limite extremo e caiu na celha do barómetro, que, conforme disse anteriormente, era bastante grande. Marcava então uma altura de 123000 pés, ou sejam 25 milhas, e portanto o meu olhar não alcançava menos da trecentésima-vigésima parte da superfície total da Terra. Às nove perdi novamente de vista a Terra para o lado Este, mas não antes de observar que o balão derivava rapidamente na direção nordeste. O oceano conservava abaixo de mim a sua superfície côncava, mas via-se com dificuldade por causa de várias e flutuantes massas de nuvens.

«Às nove e meia fiz de novo a experiência das penas e atirei um punhado delas através da válvula. Não voltejaram como eu supunha mas caíram perpendicularmente em massa e com tal velocidade que as perdi de vista nalguns segundos. Surpreendeu-me este extraordinário fenómeno. Não podia acreditar que a minha velocidade ascensional fosse tão súbita e prodigiosamente acelerada. Mas pensei também que a atmosfera estava demasiado rarefeita para suster sequer uma pena e que a rapidez da sua

descida correspondia à combinação das duas velocidades: a delas ao cair e a do balão subindo.

«Às dez reparei que não tinha nada a fazer e que nada, absolutamente nada, reclamava a minha atenção imediata. Marchava tudo como que sobre rodas e eu estava convencido de que o balão subia com incessante e crescente velocidade, embora não tivesse nenhum processo para o verificar.

«Não sentia dor nem mal-estar de qualquer espécie, e até desfrutava de um bem-estar desconhecido desde que saíra de Roterdão. Entretinha-me a experimentar o estado de todos os instrumentos e a renovar, de vez em quando, a atmosfera da câmara. No que se refere a este último ponto, resolvi fazê-lo de quarenta em quarenta minutos, mais para garantir por completo a minha saúde que por uma necessidade absoluta.

«Estas tarefas não me impediam, por pouco que fosse, toda a espécie de sonhos e conjeturas. Pensava nas estranhas e quiméricas regiões lunares. A imaginação, livre por fim de todas as peias externas, vagueava a seu gosto por entre as múltiplas maravilhas de um planeta tenebroso e variado. Tão depressa eram bosques emaranhados e veneráveis como rochosos precipícios e cascatas retumbantes precipitando-se em abismos insondáveis; tão depressa chegava a plácidas solidões inundadas por um sol de meio-dia, onde não penetravam os ventos celestiais, como via estender-se vastos prados de papoulas e de grandes flores, semelhantes a lírios, cobertos de silêncio e eternamente imóveis. Noutros momentos parecia-me viajar longe, muito longe, e entrar num lugar que não era mais do que um vago e tenebroso lago ladeado por uma fronteira de nuvens. Mas nem só estas imagens se

apoderaram do meu cérebro. O meu espírito também procurava uma série de horrores da mais negra, da mais terrível natureza, e cuja simples hipótese ou possibilidade sacudia as mais ínfimas profundidades da minha alma.

«Não me obstinava, no entanto, muito tempo na ideia destes quiméricos perigos. Sérios bastante eram os reais e palpáveis que rodeavam a minha viagem para absorver a minha atenção.

«Às cinco da tarde, ao renovar a atmosfera da câmara, aproveitei a oportunidade para observar a gata e os filhos através da válvula.

«A gata parecia sofrer novamente e não duvidei um só instante de que o seu sofrimento provinha da dificuldade respiratória. Mas no que se refere aos gatinhos, o meu assombro não teve limites. Embora inferior ao da mãe, esperava vê-los presos de algum mal-estar. Longe disso: vi que desfrutavam perfeita saúde e que respiravam com toda a liberdade. Isto confirmava de um modo amplo e rotundo a minha teoria, que uma atmosfera quimicamente insuficiente para as funções vitais de um ser nascido fora dela não produzia o menor incómodo ao que estivesse no caso contrário, como sucedia aos gatinhos.

«Desgraçadamente eu não poderia comprovar novamente o triunfo da minha teoria, porque, ao passar a mão, através da válvula, com uma taça cheia de água para a gata, prendeu-se-me a manga da camisa na anilha que sustinha o cesto e soltei-o do balão em que estava pendurado. Evaporado no ar, o cesto com os seus habitantes não teria desaparecido da minha vista de forma mais súbita.

«Não devia ter passado nem sequer a décima parte de um segundo entre o ato de soltar-se e a sua desapareição. Desejei-lhes boa viagem, embora, como é natural, não acreditasse que a bicharada e os filhos pudessem sobreviver para contar a sua odisseia.

«Às seis horas observei que uma grande parte da superfície da Terra visível para Este se fundia numa sombra espessa que avançava incessante e rapidamente; por fim, às sete menos cinco, toda a superfície ficou envolvida pelas trevas da noite. Alguns instantes depois, os raios do sol poente deixaram de iluminar o balão e esta circunstância, por inesperada, causou-me um enorme prazer. Era indubitável que pela manhã contemplaria a saída do astro luminoso muitas horas antes dos cidadãos de Roterdão, embora eles estivessem muito mais para Este do que eu. Cada dia estava mais alto na atmosfera, e portanto gozaria da luz solar um período de tempo cada vez mais longo.

«Resolvi, então, escrever um diário da viagem, contando os dias de vinte e quatro horas consecutivas sem ter em conta os intervalos de trevas. Às dez, sentindo chegar-me o sono, resolvi deitar-me; mas então apresentou-se-me uma dificuldade que, apesar de ser muito lógica, não me tinha ocorrido até então. Se me pusesse a dormir, como renovaria o ar da câmara durante a noite? Respirar essa atmosfera mais de uma hora era absolutamente impossível, e se se prolongasse esta situação um quarto de hora mais as consequências não seriam deploráveis mas fatais.

«Este receio, no entanto, não me preocupou muito tempo. O homem é escravo dos hábitos e a rotina faz com que considere essencialmente importantes para a sua existência urna série de

necessidades que na realidade o não são. Claro está que eu não podia deixar de dormir; mas, em compensação, podia facilmente acostumar-me a despertar de hora a hora durante todo o tempo consagrado ao repouso. Bastavam cinco minutos para renovar completamente o ar. A única dificuldade real consistia em inventar um processo para despertar no momento preciso. Era este o problema cuja resolução se impunha.

«Conhecia o caso daquele estudante que, para evitar adormecer sobre os livros, tinha na mão direita uma bola de cobre, cuja queda num recipiente do mesmo metal, posto ao lado da cadeira, servia para o despertar sobressaltado apenas se deixasse vencer pelo sono. O meu caso era bastante diferente do seu, porque eu não desejava ficar acordado mas despertar a intervalos regulares. Desta maneira ocorreu-me a seguinte combinação que, por muito simples que pareça, considerei, no momento em que a descobri, de uma importância só comparável às invenções do telescópio, da máquina a vapor e até da imprensa.

«É preciso não esquecer que o balão, à altura a que tinha chegado, continuava subindo em linha reta com perfeita regularidade, e que, por conseguinte, a barquinha seguia sem sofrer a mais ligeira oscilação. Esta circunstância favoreceu grandemente o meu plano. A provisão de água ia em barris de cinco galões cada um, solidamente presos ao interior da barquinha. Separei um desses barris, e, agarrando nas cordas, prendi-as fortemente de um extremo ao outro do bordo da barquinha, paralelamente e à distância de um pé uma da outra. Deste modo formavam uma espécie de suporte ou assento, sobre o qual coloquei o barril, obrigando-o a conservar uma posição horizontal. A oito polegadas

aproximadamente abaixo dessas cordas, e a quatro pés do fundo da barquinha, pus uma tabuazinha e, por cima desta, justamente por baixo do barril, coloquei uma panela de barro. Fiz então um buraco no fundo do barril, por cima da panela, e pus uma estilha de forma cónica no buraco, metendo-a e tirando-a até que se adaptou o suficiente para que a água, ao filtrar-se pela ranhura e ao cair na panela, a enchesse até à borda num espaço de sessenta minutos. Conseguido isto, já se adivinha o resto. Como a cama estava situada no fundo da barquinha de maneira que a minha cabeça ficasse imediatamente por baixo da panela, era indubitável que esta, ao transbordar, ao fim de uma hora, de uma altura de mais de quatro pés, a água me cairia na cara, do que resultaria eu acordar instantaneamente, embora estivesse no mais profundo dos sonos.

«Cerca das onze, terminei a instalação e deitei-me logo, cheio de confiança na eficácia do meu invento. Não eram descabidas as minhas esperanças. Todos os sessenta minutos era pontualmente despertado pelo meu fiel cronómetro. Esvaziava então o conteúdo da panela na abertura superior do barril, fazia funcionar o condensador e metia-me outra vez na cama. Estas interrupções regulares no sono causaram-me muito menos fadiga do que eu esperava, e quando, por fim, me levantei, para já não me deitar, eram sete da manhã; o sol atingia já alguns graus por cima da linha do meu horizonte.

«*3 de abril.* — O balão chegou a uma imensa altura e a convexidade da Terra manifesta-se de maneira surpreendente. No oceano vê-se uma série de pontos negros que, indubitavelmente, devem ser ilhas. Por cima de mim o céu tem uma cor negra de

azeviche e as estrelas cintilam muito visíveis. Muito longe, para o Norte, vejo no fim do horizonte uma linha branca e excessivamente brilhante, que deve ser o limite do mar Ártico. Fiquei surpreendido porque supunha ter avançado muito mais para o Norte e encontrar-me possivelmente por cima do próprio Polo. Deplorei então que a enorme altura a que estava me impedisse de fazer um exame detalhado. Tinha, no entanto, algumas observações a fazer não menos interessantes.

«Durante esse dia não aconteceu nada de extraordinário. O meu aparelho funcionava regularmente e o balão subia sem oscilações. O frio era intenso e obrigou-me a pôr o sobretudo. Quando as trevas cobriram a Terra, deitei-me, embora restassem ainda, para mim, muitas horas de dia claro. O relógio hidráulico cumpria pontualmente o seu dever e eu dormi sem novidade até ao dia seguinte, salvo as periódicas interrupções.

«*4 de abril.* — Levanto-me em bom estado de saúde e de excelente humor. Espanta-me imenso a singular mudança que se verifica no aspeto do mar. Perdeu em grande parte o tom azul profundo que tinha até agora e tem, em troca, uma cor branca e acinzentada de um brilho deslumbrador. A convexidade do oceano é já tão evidente que a massa inteira das suas águas longínquas parece precipitar-se no abismo do horizonte, e cheguei a apurar o ouvido porque me parecia escutar o eco da terrível catarata.

«As ilhas já não são visíveis, ou porque tenham ficado para trás do horizonte, para Sudoeste, ou porque a minha crescente elevação as tenha deixado mais longe que o alcance da minha vista. Inclino-me mais para esta última hipótese. O campo de gelo

que há para o Norte é cada vez mais visível. O frio perdeu muito da sua intensidade.

«Não me lembro de mais nada importante e passo o dia lendo, porque não me esqueci de fazer uma provisão de livros.

«*5 de abril.* — Contemplei o singular fenómeno do nascimento do Sol, ao mesmo tempo que toda a superfície visível da Terra permanece coberta de trevas. Pouco a pouco a luz começa a estender-se sobre todas as coisas e volto a ver a linha nórdica dos gelos. Agora é muito mais distinta e parece de tom mais escuro que as águas do oceano.

«Não há dúvida de que me aproximo dela com grande rapidez. Creio distinguir uma faixa de terra para Este e outra para Oeste, mas não posso verificá-lo. Temperatura moderada. Não me acontece nada de importante. Deito-me cedo.

«*6 de abril.* — Fico surpreendido ao ver a faixa de gelo bastante próxima, e é indubitável que, se o balão conservar a sua direção, não tardarei a passar por cima do oceano boreal e do Polo. Durante o dia, aproximo-me cada vez mais dos gelos.

«Próximo da noite, os limites do horizonte ampliaram-se súbita e sensivelmente, devido à forma do nosso planeta, que é a de um esferoide achatado, e porque passava naquele momento por cima das regiões vizinhas do círculo ártico. Deitei-me tarde, quando já as trevas me invadiam por completo, e meti-me na cama com grande ansiedade, temendo passar por cima de uma coisa tão digna de curiosidade sem a poder observar a meu gosto.

«7 de abril. — Levanto-me muito cedo e, com grande alegria, contemplo o que não hesito em considerar o Polo Norte. Estava, sem dúvida, por baixo de mim, mas — ai! — era demasiada a altura a que me encontrava para o poder distinguir suficientemente. Na verdade, a julgar pela progressão das cifras indicadoras das diferentes alturas, em diversos momentos, desde o dia 2 de abril, às seis horas da manhã, até às nove horas menos vinte da mesma manhã, quando o mercúrio desceu para o recipiente barométrico, tenho motivos para supor que o baião alcança hoje, 7 de abril, às quatro da manhã, uma altura não inferior a 7254 quilómetros acima do nível do mar.

«Talvez pareça enorme esta elevação, mas, se se tiver em conta aquilo sobre que se baseia, veremos que se trata de um resultado bastante inferior à realidade. De qualquer fôquia, tinha incontestavelmente debaixo de mim a totalidade do maior diâmetro terrestre. Todo o hemisfério norte se estendia a meus pés como um mapa e o grande círculo do Equador formava a linha fronteira do meu horizonte.

«Compreenderão assim Vossas Excelências que aquelas regiões inexploradas até agora, e confinadas nos limites do círculo ártico, estavam demasiado longe de mim para que consentissem um exame mais minucioso.

«Não obstante isso, gozava um espetáculo cheio de interesse. Nos bordos desse imenso limite da exploração humana existe sem interrupção, ou quase sem interrupção, uma planície de gelo. Na sua orla, a superfície deste mar de gelo mergulha sensivelmente; depois parece plana, para se tornar singularmente côncava, e por fim termina no próprio Polo numa cavidade central circular, cujos

bordos claramente definidos e cujo diâmetro aparente formavam, em relação ao balão, um ângulo de seis segundos. Quanto à cor, era escura, de um negro de intensidade diferente, mas mais sombria que a de qualquer outro ponto do hemisfério visível, e chegando às vezes quase ao negro absoluto.

«Ao meio-dia, a circunferência deste buraco central tornou-se sensivelmente mais pequena e, às sete da tarde, perdi-a completamente de vista. O balão cruzava então a parte oeste dos céus e fugia rapidamente em direção ao Equador.

«*8 de abril.* — Noto sensível diminuição no diâmetro aparente da Terra, sem falar na acentuada alteração na sua cor e aspetos gerais. Toda a superfície visível participa agora, com diferentes gradações, do tom amarelo pálido e, em alguns lugares, tem uma luminosidade quase dolorosa para os olhos. Incomoda-me a vista a densidade atmosférica e o montão de nuvens próximas da superfície. Com muita dificuldade posso, de vez em quando, e através da massa de nuvens, distinguir o planeta. De há quarenta e oito horas para cá, o obstáculo dos enormes grupos flutuantes de vapor é cada vez mais invencível. No entanto, posso aperceber-me de que o balão plana agora por cima dos grandes lagos da América do Norte, mas dirigindo-se para o Sul, ou seja para os trópicos.

«Não me deixa de causar satisfação tal circunstância e saúdo-a como feliz presságio do êxito final. Realmente, a direção anterior causava-me preocupações, e se a tivesse seguido muito tempo não poderia chegar à Lua, cuja órbita apenas se inclina sobre a eclíptica num pequeno ângulo de cinco graus, oito minutos e quarenta e oito segundos.

«Por estranho que possa parecer, só então compreendi o grande erro cometido não efetuando a minha partida de outro ponto terrestre situado no plano da elipse lunar.

«*9 de abril.* — Hoje, o diâmetro da terra diminui enormemente e a sua superfície adquire de hora a hora um tom amarelo cada vez mais profundo. O balão foge a direito para o Sul e chega, às nove horas da noite, por cima da costa norte do Golfo do México.

«*10 de abril.* — Sinto-me bruscamente despertado cerca das cinco da manhã por um estrondo terrível, cuja origem não pude descobrir. Foi de curta duração, mas nenhum ruído terrestre pode dar ideia da sua intensidade.

«Inútil é dizer que me alarmei excessivamente, porque a princípio o atribuí a um rasgão no balão. Examinei-o cuidadosamente, sem lhe encontrar nenhuma avaria. Passei a maior parte do dia meditando sobre um acidente tão extraordinário sem lhe encontrar explicação. Por fim, deitei-me num estado de ansiedade extraordinária.

«*11 de abril.* — Noto uma diminuição sensível no diâmetro aparente da Terra, e aumento considerável, observável pela primeira vez, no da Lua próxima da sua plenitude. É cada vez maior e mais penosa a tarefa de condensar na câmara a quantidade de ar atmosférico suficiente para a vida.

«*12 de abril.* — Singular mudança na direção do balão, que nem por ser inesperada me causou menos prazer. Chego ao

paralelo vinte de latitude Sul e o balão volta bruscamente para Este em ângulo agudo e segue esta direção durante todo o dia, sustentando-se no plano exato da elipse lunar.

«É digno de observar-se que esta mudança de direção ocasionou uma oscilação muito sensível na barquinha, oscilação que durou muitas horas com maior ou menor intensidade.

«*13 de abril.* — Tornou a alarmar-me a repetição daquele espantoso ruído que me aterrou no dia 10. Volto também a meditar sobre ele, sem chegar a uma solução satisfatória. Maior decrescimento do diâmetro terrestre. Quanto à Lua, é-me impossível vê-la porque permanece sobre mim. Marcho sempre no mesmo plano elíptico, mas progrido pouco para Este.

«*14 de abril.* — Diminuição excessivamente rápida do diâmetro terrestre. Impressiona-me a ideia de que o balão corre agora sobre a linha dos apsides elevando-se para o perigeu. Mais claramente: que segue a direito a estrada que deverá conduzir-me à Lua na parte da sua órbita mais próxima da Terra.

«A Lua está justamente por cima do balão e oculta, portanto, da minha vista. Continua o penoso trabalho indispensável para a condensação do ar atmosférico.

«*15 de abril.* — Já não posso sequer distinguir sobre o planeta os contornos dos continentes e dos mares. Cerca do meio-dia, surpreende-me pela terceira vez o pavoroso estrépito. No entanto, desta vez dura mais tempo que das anteriores e tem maior intensidade. E quando, já estupefacto, quase enlouquecido de

terror, esperava não sei que horrível destruição, a barquinha oscilou com violência extrema, e uma massa ígnea, cuja matéria não tive tempo de distinguir, passou ao lado do balão, gigantesca e inflamada, rugindo com a voz de mil trovões.

«Quando o meu terror diminuiu um pouco, supus naturalmente que devia ser um enorme fragmento vulcânico vomitado por esse mundo de que me aproximo, e segundo todas as probabilidades um pedaço de uma dessas substâncias singulares que algumas vezes caem sobre a terra e que se chama aerólitos, à falta de outro nome mais próprio.

«*16 de abril.* — Olhando hoje para cima o melhor que pude, por cada uma das janelas laterais, alternativamente, vi com grande satisfação uma pequeníssima parte do disco lunar que sobressaía da ampla circunferência do balão. A minha agitação exacerbou-se até ao último extremo, porque agora estava certo de que chegaria depressa ao fim da minha perigosa viagem.

«O trabalho exigido pelo condensador aumentara a ponto de ser uma verdadeira obsessão, e não me deixava descanso algum. Já nem sequer me preocupava com dormir; estava realmente doente e esgotado. A natureza humana não pode suportar longo tempo uma tal intensidade de dor como a que eu sofria.

«Novamente cruzou comigo, quase roçando o balão, outra pedra meteórica. A frequência destes fenómenos começa a inquietar-me.

«*17 de abril.* — Esta manhã ficará marcada na minha viagem. Recordarão Vossas Excelências que a 13 a terra formava comigo um

ângulo de 25 graus. A 14 este ângulo tinha diminuído consideravelmente; no dia 15 observei uma diminuição ainda mais rápida e, a 16, antes de me deitar, notei que o ângulo tinha diminuído para 7 graus e 15 minutos. Compreenderão perfeitamente o meu espanto quando, ao despertar, nessa manhã do dia 17, depois de um sono curto e penoso, notei que a superfície planetária colocada por baixo de mim tinha aumentado súbita e espantosamente de volume e que o seu diâmetro aparente formava um ângulo não inferior a 39 graus.

«Fiquei aterrado! Não há palavras que possam dar ideia exata do horror absoluto e supremo que se apossou de mim quase por completo. Senti dobrarem-se-me os joelhos, bater os dentes e eriçarem-se-me os cabelos.

«A primeira ideia que me ocorreu foi a de que o balão tinha explodido. A julgar pelo espaço tão rapidamente percorrido na descida, não deveria levar mais de dez minutos a chegar à terra, rebentando ao chocar com ela.

«No entanto, como de outras vezes, a reflexão tranquilizou-me. Era impossível, fosse como fosse, uma descida tão rápida. Além disso, embora me aproximasse evidentemente da superfície terrestre, a minha velocidade real não estava de forma alguma em relação com a velocidade espantosa que imaginara a princípio.

«Já tranquilo, procurei encarar o fenómeno sob o seu verdadeiro ponto de vista. Somente o espanto excessivo que me acometeu nos primeiros momentos pôde privar-me do exercício dos meus sentidos a ponto de não ver a enorme diferença entre o aspeto da superfície colocada debaixo de mim e a do meu planeta natal.

«Esta última era a que estava na parte de cima e completamente oculta pelo balão, enquanto a Lua, a verdadeira Lua, em toda a sua glória, a tinha por baixo de mim.

«O assombro produzido por esta extraordinária modificação na situação das coisas era muito mais lógico e explicável que o espanto anterior.

«E no entanto era uma consequência natural, visto que eu tinha chegado ao ponto exato em que a atração do planeta terrestre era substituída pela atração do satélite. Em resumo: ao ponto em que a gravitação do balão em relação à Terra era menos poderosa que em relação à Lua. É verdade também que saía de um sono profundo, que tinha os sentidos ainda embotados e que me encontrei subitamente na presença de um fenómeno previsto de antemão, mas não naquele momento.

«É inútil dizer que, livre já do terror, do assombro e, por fim, da reflexão que se seguiu a isso, dediquei toda a minha atenção a contemplar o aspeto geral da Lua. Estendia-se como um mapa, e, embora ainda estivesse a uma distância bastante considerável, as asperezas da sua superfície apareciam ante os meus olhos com singular nitidez. O que mais me chocou desde o primeiro momento, como característica mais extraordinária da sua condição geológica, foi a ausência completa de oceanos e mesmo de qualquer lago ou rio.

«Via no entanto enormes regiões planas, com terrenos de aluvião, embora a maior parte do hemisfério visível estivesse coberta de grande número de montanhas vulcânicas, de forma cónica, que pareciam mais obra do homem que da natureza.

«A mais alta não teria mais do que três milhas e três quartos. Um simples mapa das regiões vulcânicas de *Campi Phlegroei* dará a Vossas Excelências melhor ideia dessa superfície geral que qualquer descrição, sempre insuficiente, feita por mim.

«A maior dessas montanhas estava indubitavelmente em estado eruptivo e dava uma ideia terrível da sua poderosa fúria com as explosões cada vez mais numerosas das pedras impropriamente chamadas meteóricas, que partiam agora de baixo e passavam ao lado do balão com uma frequência cada vez mais ameaçadora.

«*18 de abril.* — Novo e considerável aumento no volume aparente da lua. A velocidade indubitavelmente acelerada da descida alarma-me cada vez mais.

«Não esqueceram Vossas Excelências que, quando comecei a supor possível uma viagem à Lua, a hipótese de uma atmosfera cuja densidade fosse proporcional ao volume do planeta formava a parte principal dos meus cálculos, passando por cima de qualquer teoria contrária e abandonando o preconceito universal que nega qualquer atmosfera lunar. Mas, sem ter em conta as ideias anteriormente emitidas relativamente ao cometa de Encke e à luz zodiacal, o que mais confirmava a minha opinião eram certas observações do senhor Shroeter, de Dillenthal.

«Contava, portanto, com a resistência de uma atmosfera existente num estado de densidade hipotética para efetuar uma descida feliz. Além de tudo, se as minhas conjeturas fossem absurdas já não tinha outro remédio senão ser pulverizado contra a superfície do satélite. Infelizmente, o receio desta última hipótese aumentava.

«A distância que me separava da lua era relativamente pequena, enquanto que os esforços exigidos para condensar o ar, longe de diminuir, se tornavam cada vez maiores.

«*19 de abril.* — Cerca das nove da manhã, já espantosamente próximo da superfície lunar, dou conta de que o êmbolo do condensador dá indícios de alteração atmosférica. Às dez, creio notar que aumenta consideravelmente a sua densidade. Às onze, o aparelho não exige senão um trabalho mínimo, e ao meio dia, não sem hesitar algum tempo, decido-me a desapertar o torniquete, e, vendo que a operação se torna fácil, abro a câmara de borracha e destapo a barquinha. Como era lógico, uma violenta dor de cabeça, acompanhada de estremecimentos espasmódicos, foi a consequência imediata de uma experiência tão precipitada e perigosa. Mas como estes inconvenientes e outros relativos à respiração já não eram bastante grandes para atacar a vida, resignei-me a suportá-los, tanto mais que iriam desaparecendo progressivamente à medida que me fosse aproximando das camadas mais densas da atmosfera lunar.

«No entanto, esta aproximação efetuava-se com excessiva impetuosidade e não demorei em ter a prova, que muito me alarmou, de que naturalmente me não tinha enganado, contando com uma densidade proporcional ao volume do satélite. Equivoquei-me no entanto ao supor que essa densidade, mesmo na superfície, bastaria para suportar o enorme peso contido na barquinha do balão.

«Entretanto, a descida aumentava de velocidade. Não havia tempo a perder. Atirei fora todo o lastro, depois os barris de água,

depois o aparelho condensador e o invólucro de borracha e, por fim, todos os objetos que havia na barquinha.

«Mas não serviu de nada. Caía sempre com a maior rapidez e já não estava a mais de meia milha de distância. Como supremo recurso, tirei o capote, o chapéu e as botas, desprendendo do balão a própria barquinha e dependurando-me das cordas com as duas mãos. Mal tive tempo para observar que toda a região, na extensão que podia dominar com a vista, estava coberta de habitações liliputianas, e fui cair como uma bala no próprio centro de uma cidade fantástica e no meio de uma multidão de pessoas, sem que nenhuma pronunciasse uma única sílaba, ou se preocupasse, por pouco que fosse, com prestar-me auxílio.

«Permaneciam todas com as mãos nas ancas como um montão de idiotas, gesticulando ridiculamente e olhando-me de soslaio. Voltei-lhes as costas com um gesto de supremo desprezo e, elevando o olhar para a Terra que acabava de abandonar talvez para sempre, vi-a sob a forma de um largo e sombrio escudo de cobre com um diâmetro de 2 graus aproximadamente, fixo e imóvel no céu, e orlado num dos bordos por uma meia lua cintilante e dourada. Não pude distinguir qualquer vestígio marítimo ou continental. Só via diversas manchas inumeráveis que a atravessavam nas zonas equatorial e tropicais.

«Desta maneira, depois de uma longa série de angústias, de inauditos perigos, chegara são e salvo, após dezanove dias de saída de Roterdão, ao fim da viagem mais extraordinária, mais importante que foi efetuada, empreendida ou até imaginada por qualquer outro cidadão do nosso planeta.

«Agora ficam por relatar as minhas aventuras. Vossas Excelências já compreenderam que, depois de residir cinco anos sobre um planeta bastante interessante por si mesmo, e que o é ainda mais pelo seu íntimo parentesco, na qualidade de satélite, com o mundo habitado pelo homem, estou em condições de entabular com o Colégio Astronómico Nacional uma correspondência secreta muito mais importante que os simples pormenores, por muito importantes que sejam, desta viagem feliz.

«É este o importante aspeto da questão. Tenho ainda muitas coisas para dizer e será para mim um prazer comunicá-las.

«Ainda me resta muito que falar sobre o clima deste planeta, sobre as suas assombrosas alternativas de frio e de calor, sobre a claridade solar que dura quinze dias, implacável e ardente, e sobre a temperatura glacial ultrapolar que enche a outra quinzena. Não menos interessantes são os dados relativos a uma translação constante da humidade operada por destilação, como no vácuo, desde o ponto situado imediatamente abaixo do Sol até ao mais longínquo. E também o que diz respeito à raça dos habitantes, seus costumes, seus trajos e instituições políticas, a sua constituição física a sua fealdade, a sua falta de orelhas, apêndices supérfluos numa atmosfera tão estranhamente organizada, e portanto a sua ignorância de qualquer espécie de linguagem, e o singular meio de comunicação que substitui a palavra. E os dados que se referem à incompreensível relação que une cada cidadão lunar a um cidadão do globo terrestre, análoga e submetida à que rege igualmente os movimentos do planeta e do seu satélite e em virtude da qual as existências e os destinos dos habitantes de um estão sujeitos às existências e destinos dos habitantes do outro. E, sobretudo, falarei

a Suas Excelências dos sombrios e horríveis mistérios relegados para as regiões do outro hemisfério lunar que, graças à concordância quase milagrosa da rotação do satélite sobre o seu eixo com a sua revolução sideral em volta da Terra, nunca apresentou a sua superfície à nossa vista e que — Deus louvado! — não se exporá jamais à curiosidade dos telescópios humanos.

«Tudo isto e muito mais poderei contar a Suas Excelências, mas é preciso que previamente me recompensem.

«Aspiro a entrar de novo na minha família e na minha casa e, como único preço das minhas futuras revelações — e tendo em conta a luz que posso lançar sobre muitos ramos importantes das ciências físicas e metafísicas —, solicito por intermédio da vossa ilustre Corporação o perdão do crime cometido para com os meus três credores ao abandonar a cidade de Roterdão.

«Tal é o fim da presente carta. O portador, que é um habitante da lua que eu convenci a servir-me de mensageiro e que leva as instruções suficientes, esperará a resolução de Vossas Excelências e trar-me-á o perdão solicitado se me for concedido.

«Tenho a honra de me subscrever humílimo servidor de Vossas Excelências,

Hans Pfaall»

Ao acabar a leitura deste documento extraordinário, o professor Rudabub deixou cair o seu cachimbo, o que demonstrou a sua excessiva surpresa. Quanto a Underduck, tirou, limpou e guardou no bolso os óculos, e, esquecendo-se de si mesmo e da sua própria dignidade, fez três piruetas.

Não restava a menor dúvida de que se obteria o perdão solicitado e, depois de mutuamente o jurarem, Von Underduck deu o braço ao seu colega, o bom professor Rudabub, e dirigiram-se para a residência deste último.

Mas logo se aperceberam de que o mensageiro, sem dúvida aterrado pela fisionomia selvagem dos burgueses de Roterdão, achara oportuno desaparecer e que, portanto, o perdão seria inútil.

Não restava outro remédio senão resignarem-se e o assunto não teve nessa altura outras consequências senão as conjeturas e afirmações dos espíritos demasiado incrédulos ou demasiado sábios, que consideraram apócrifa a carta. Vejamos algumas dessas conjeturas, que demonstram como certas pessoas duvidam sempre de todas as coisas que ultrapassam os limites da sua inteligência:

Primo — Que certos brincalhões de Roterdão sentem uma antipatia especial pelo burgomestre e pelos astrónomos.

Secundo — Que um estranho anãozinho, cujo ofício é o de prestidigitador, e cujas orelhas tinham sido cortadas pelas raiz por alguma má ação, desaparecera, havia algum tempo, da cidade de Bruges, próximo de Roterdão.

Tertio — Que os jornais colados em volta do balão eram holandeses e, portanto, não podiam ser fabricados na Lua. Estavam muito sujos e gordurosos — sobretudo gordurosos — mas Gluck, o impressor, podia jurar sobre a Bíblia que tinham sido impressos em Roterdão.

Quarto — Que o próprio Hans Pfaall, o bêbedo, e os três vagabundos a quem chamavam seu credores, tinham sido vistos juntos, dois ou três dias antes, numa taberna de má fama, com as

algibeiras cheias de dinheiro, que, segundo diziam, ganharam numa expedição ao outro lado do mar.

E em último lugar, o que é uma opinião geralmente reconhecida ou que deve sê-lo, que o Colégio Astronómico de Roterdão, tal como todos os colégios astronómicos de todas as partes do Universo, sem falar dos colégios e dos astrónomos em geral, não sabem absolutamente nada do que é necessário.

A Sombra

Título original: *Shadow — A Parable*

Publicado em 1835

*Na verdade, embora caminhe
através do vale da Sombra...*

— Salmos de David

Vós, que me ledes, estais ainda entre os vivos; mas eu, que escrevo, terei desde há muito partido para o mundo das sombras. Na verdade, estranhas coisas virão, inúmeras coisas secretas serão reveladas, e muitos séculos decorrerão antes que estas notas sejam lidas pelos homens. E quando eles as tiverem lido, uns não acreditarão, outros porão as suas dúvidas, e muito poucos de entre eles encontrarão matéria para fecundas meditações nos caracteres que eu gravo com um estilete de ferro nestas tabuinhas.

O ano havia sido um ano de terror, cheio de sensações mais intensas que o terror, sensações para as quais não há nome na Terra. Muitos prodígios, muitos sinais haviam ocorrido, e de todos os lados, em terra e no mar, se tinham amplamente estendido as asas negras da Peste. Aqueles, porém, que eram sábios, conhecedores dos desígnios das estrelas, não ignoravam que os céus prenunciavam desgraça; e, para mim (o grego Oino), como para outros, era evidente que atingíamos o fim desse

septingentésimo nonagésimo quarto ano, em que, à entrada do Carneiro, o planeta Júpiter fazia a sua conjunção com o anel vermelho do terrível Saturno. O espírito particular dos céus, se não me engano muito, manifestava o seu poder não só sobre o globo físico da Terra, mas também sobre as almas, os pensamentos e as meditações da humanidade.

Uma noite, estávamos sete nos fundos de um nobre palácio, numa sombria cidade chamada Ptolemais, sentados em volta de algumas garrafas de vinho cor de púrpura de Quios. O compartimento não tinha outra entrada senão uma alta porta de bronze; e a porta havia sido moldada pelo artífice Corinos e, produto de hábil mão de obra, fechava por dentro. De igual modo, protegiam esse compartimento melancólico negras tapeçarias, que nos poupavam a visão da Lua, das estrelas lúgubres e das ruas despovoadas. Mas o sentimento e a lembrança do Flagelo não se tinham expulsado facilmente. Havia à nossa volta, junto de nós, coisas que não posso definir distintamente, coisas materiais e coisas espirituais — um peso na atmosfera, uma sensação de abafamento, uma angústia e, acima de tudo, esse terrível modo de existência que ataca as pessoas nervosas quando os sentidos estão cruelmente vivos e despertos e as faculdades do espírito entorpecidas e apáticas. Esmagava-nos um peso mortal. Estendia-se-nos pelos membros, pelo mobiliário da sala, pelos copos por onde bebíamos; e todas as coisas pareciam oprimidas e prostradas naquele abatimento — todas, exceto as chamas das sete lâmpadas de ferro que iluminavam a nossa orgia. Alongando-se em delgados fios de luz, elas assim se quedavam, ardendo pálidas e imóveis; e na mesa redonda de ébano em redor da qual nos sentávamos, e

cujo brilho transformava em espelho, cada um dos convivas contemplava a palidez do próprio rosto e o brilho inquieto dos olhos tristes dos seus camaradas.

Não obstante, compeliámo-nos a rir, e estávamos alegres à nossa maneira — uma maneira histérica; e cantávamos as canções de Anacreonte, que não passam de loucura; e bebíamos à larga, muito embora a púrpura do vinho nos lembrasse a púrpura do sangue. É que no compartimento havia uma oitava personagem — o jovem Zoilo. Morto, estendido a todo o comprimento e amortalhado, era o génio e o demónio do cenário. Ai! esse não tomava parte no nosso divertimento: apenas a sua fisionomia, convulsionada pelo mal, e os seus olhos, em que a Morte só semiextinguiu o fogo da peste, pareciam tomar pela nossa alegria tanto interesse quanto os mortos são capazes de tomar pela alegria daqueles que têm de morrer. Mas embora eu, Oino, sentisse os olhos do defunto fixos em mim, a verdade é que me esforçava por não me aperceber do amargor da sua expressão, e, olhando obstinadamente para as profundezas do espelho de ébano, eu cantava em voz alta e sonora as canções do poeta de Teos. Gradualmente, porém, o meu canto cessou, e os ecos, rolando ao longe por entre as negras tapeçarias do aposento, foram enfraquecendo, indistintos, e desvaneceram-se.

Mas eis que do fundo dessas tapeçarias negras onde morria o eco da canção se ergueu uma sombra, escura, indefinida — uma sombra semelhante àquela que a Lua, quando está baixa no céu, pode desenhar com as formas de um corpo humano; mas não era a sombra nem de um homem, nem de um deus, nem de nenhum ser conhecido. E, tremendo por instantes no meio dos reposteiros, ela

ficou, enfim, visível e firme, sobre a porta de bronze. Mas a sombra era vaga, sem forma, indefinida; não era a sombra nem de um homem, nem de um deus — nem de um deus da Grécia, nem de um deus da Caldeia, nem de nenhum deus egípcio. E a sombra jazia sobre a grande porta de bronze e sob a cornija em arco, sem se mexer, sem pronunciar uma palavra, fixando-se cada vez mais e acabando por ficar imóvel. E a porta em que a sombra assentava, se bem me recordo, tocava os pés do jovem Zoilo.

Nós, porém, os sete companheiros, tendo visto a sombra sair dos reposteiros, não ousávamos contemplá-la de frente; baixávamos os olhos e olhávamos sempre para as profundezas do espelho de ébano. Por fim, eu, Oino, aventurei-me a pronunciar algumas palavras em voz baixa, e perguntei à sombra a sua morada e o seu nome. E a sombra respondeu:

— Eu sou a Sombra, e a minha morada é ao lado das Catacumbas de Ptolemais, e muito perto dessas planuras: infernais que encerram o canal impuro de Caronte.

E então, todos nós, os sete, erguemo-nos horrorizados dos nossos assentos, e ali ficámos — trémulos, arrepiados, cheios de assombro. O timbre de voz da Sombra não era o timbre da voz de um só indivíduo, mas de uma multidão de seres; e essa voz, variando as suas inflexões de sílaba para sílaba, enchia-nos confusamente os ouvidos, a imitar os timbres conhecidos e familiares de milhares de amigos desaparecidos!

Aventuras de Arthur Gordon Pym

Título original: *Narrative of A. G. Pym*

Publicado em 1837

Prefácio

Quando, há alguns meses, regressei aos Estados Unidos, depois da extraordinária série de aventuras nos mares do Sul e noutras regiões, que relato nas páginas seguintes, o acaso fez-me travar conhecimento com várias pessoas de Richmond (Virgínia), as quais, interessando-se profundamente por tudo o que se relaciona com as paragens que visitei, me pressionavam sem cessar para que publicasse as minhas aventuras. Tinha, então, vários motivos para me recusar a fazê-lo: uns de natureza estritamente pessoal, apenas a mim dizendo respeito, e outros, é verdade, um pouco diferentes. Uma consideração que, em especial, me fazia reatar, era o facto de não ter escrito um diário de bordo durante a maior parte da minha ausência, receando não ser capaz de redigir apenas de memória um relato suficientemente minucioso e conexo para ter o aspeto de verdadeiro, ressalvando, porém, os naturais e inevitáveis exageros em que caímos quando relatamos acontecimentos cuja influência foi forte e ativa sobre as faculdades da imaginação. Outro motivo era o facto de os incidentes a narrar serem de uma natureza tão fantástica, não tendo, necessariamente, outro apoio senão eles próprios (só posso contar com o testemunho de um indivíduo, ainda por cima meio índio), que não podia esperar crédito senão da minha família e daqueles amigos que, ao longo da vida, tinham tido ocasião de comprovar a veracidade das minhas palavras; mas, o mais provável, seria que o grande público encarasse as minhas afirmações como impudentes e engenhosas mentiras. Devo dizer

também que a falta de confiança nos meus talentos de escritor era uma das causas principais que me impediam de ceder às sugestões dos meus conselheiros.

Entre as pessoas da Virgínia a quem a minha narrativa tanto interessava, especialmente toda a parte referente ao Oceano Antártico, contava-se o senhor Poe, na altura editor do *Southern Literary Messenger*, revista mensal publicada em Richmond por M. Thomas W. White. Como tantos outros, insistia para que eu redigisse imediatamente o relato completo de tudo o que tinha visto e vivido, e para que confiasse na sagacidade e senso comum do público, afirmando, não sem uma certa razão, que por mais grosseiro que o livro fosse do ponto de vista literário, a sua extravagância, se a tivesse, seria a sua melhor hipótese de ser aceite como verdadeiro.

Apesar desta opinião, não estava ainda convencido. Propôs-me a seguir, vendo que não conseguia demover-me dos meus propósitos, que o autorizasse a escrever à sua maneira um relato da primeira parte das minhas aventuras, baseando-se nos factos que eu lhe tinha relatado, e a publicá-lo sob o manto de ficção no Mensageiro do Sul. Não tendo qualquer objeção a fazer consenti, estipulando apenas que o meu verdadeiro nome fosse conservado. Dois excertos da pretensa ficção apareceram no Mensageiro (números de janeiro e fevereiro de 1837) e, com o objetivo de deixar bem claro que se tratava de pura ficção, o nome do senhor Poe figurava no índice da revista, como autor dos artigos.

A maneira como a «habilidade» foi acolhida levou-me, por fim, a empreender a compilação regular e a publicar as referidas aventuras, pois verifiquei que, apesar do ar de fábula com que

engenhosamente tinha sido revestida a parte do meu relato publicada no Mensageiro (onde, aliás, nem sequer um único facto tinha sido alterado ou falseado), o público não estava disposto a aceitá-lo como pura fantasia, tendo sido dirigidas várias cartas ao senhor Poe, que provam o contrário. Concluí que a minha narrativa era de natureza tal que continha em si própria a prova suficiente da sua autenticidade e que, portanto, nada tinha a recear de uma possível incredulidade do público.

Depois desta explicação, verão aquilo que eu próprio escrevi e compreenderão também que nenhum facto foi falseado nas poucas páginas escritas pelo senhor Poe. Mesmo para os leitores que não viram os números do Mensageiro, é desnecessário indicar onde acaba o seu texto e começa o meu; a diferença de estilo é bem patente.

A. G. Pym
Nova Iorque, julho de 1838.

1 — Aventureiros Precoces

O meu nome é Arthur Gordon Pym. Meu pai era um respeitável comerciante de produtos para a marinha, em Nantucket, terra onde nasci. Meu avô materno era advogado e tinha uma boa clientela. Tinha sorte em tudo e ganhou muito dinheiro especulando com ações do *Edgarton New Bank*, na altura da sua fundação. Por estes meios e outros conseguiu fazer uma fortuna bastante considerável. Julgo que gostava mais de mim do que de qualquer outra pessoa no mundo, e por isso eu esperava vir a herdar a maior parte desta fortuna. Quando tinha seis anos mandou-me para a escola do velho senhor Ricketts, bom homem, que tinha só um braço e maneiras bastante excêntricas. É bem conhecido de quase toda a gente que visitou New Bedford. Estive na sua escola até aos dezasseis anos, deixando-a para ingressar na academia de M. E. Ronald, na montanha. Aí tornei-me íntimo do filho do senhor Barnard, capitão da marinha, que habitualmente viajava por conta da casa Lloyd e Vredenburg. Também o senhor Barnard é muito conhecido em New Bedford e tenho a certeza que tem alguns parentes em Edgarton. O filho chamava-se Augusto e era mais velho do que eu uns dois anos. Tinha acompanhado o pai numa viagem no baleeiro *John Donaldson* e falava-me muitas vezes das suas aventuras no Pacífico Sul. Ia frequentemente com ele a casa da família e lá passava o dia e por vezes toda a noite. Dormíamos na mesma cama e ele conseguia manter-me acordado até de madrugada, contando-me histórias fantásticas sobre os habitantes da ilha de Tinian e sobre

outros locais que tinha visitado nas suas viagens. Acabei por ter grande interesse em tudo o que ele me dizia e por sentir o mais violento desejo de ir para o mar. Tinha um pequeno veleiro a que chamava *Ariel*, que talvez valesse setenta e cinco dólares, com o tombadilho cortado, cozinha na ré, e armado como as corvetas. Já não me lembro qual era a sua tonelagem, mas podia transportar facilmente dez pessoas. Era com este barco que costumávamos fazer as maiores loucuras, e hoje, quando penso nisso, sinto que é um milagre ainda estar vivo.

Vou contar uma dessas aventuras, à maneira de introdução a uma narrativa mais longa e importante. Uma noite em que os Barnard tinham visitas, eu e Augusto, no fim da festa, já estávamos um pouco bebidos. Como costumava fazer em casos semelhantes, em vez de regressar a minha casa, preferi partilhar a cama. Augusto adormeceu tranquilamente, pelo menos assim o julguei (era cerca de uma hora da manhã quando a festa acabou), e sem falar do seu assunto favorito. Teria passado meia hora desde que tínhamos ido para a cama e estava quase a adormecer, quando ele acordou de repente e jurou dizendo um terrível palavrão, por todos os Arthur Pym da cristandade, que não ficaria a dormir enquanto soprava uma excelente brisa do sudoeste. Fiquei completamente admirado, não percebendo o que ele queria dizer e pensando que os vinhos e licores que ele tinha ingerido o haviam transtornado. Porém, pôs-se a conversar tranquilamente, dizendo que sabia bem que eu o julgava embriagado, mas que, ao contrário, nunca se tinha sentido tão calmo. Só que estava farto, acrescentou, de estar na cama como um cão numa noite tão bonita, e estava resolvido a levantar-se, a vestir-se e a ir dar um passeio de barco. Não sei

descrever o que se passou comigo, mas assim que ouvi estas palavras senti um frémito de excitação e achei que aquela ideia louca era uma das coisas mais deliciosas e razoáveis do mundo. A brisa que soprava era uma tempestade e estava muito frio, pois já estávamos quase no fim de outubro. Apesar disso, saltei da cama, numa espécie de demência, e disse-lhe que era tão corajoso como ele, que também estava farto de estar na cama como um cão e que também estava pronto a correr mundo com todos os Augustos Barnard de Nantucket.

Vestimo-nos apressadamente e corremos para o veleiro, que estava amarrado ao velho cais arruinado do estaleiro de Pankey & C.^a, batendo com força contra as traves toscas. Augusto entrou no barco e pôs-se a esvaziá-lo, pois estava cheio de água até meio. Feito isto, içámos o cutelo e a vela grande e, audaciosamente, largámos a todo o pano para o largo.

O vento, como já disse, soprava de sudoeste. A noite estava fria. Augusto tomou conta do leme e eu instalei-me perto do mastro sobre a coberta da cabine. Seguimos em frente a grande velocidade e nenhum de nós tinha pronunciado uma única palavra desde a saída do cais. Perguntei então ao meu companheiro qual era a rota que ele pretendia seguir e quando é que ele pensava que regressaríamos a terra. Assobiou durante alguns minutos e depois disse num tom irritado:

— Eu vou para o mar, mas você pode ir para casa se assim o desejar!

Olhando para ele, apercebi-me imediatamente que, apesar da sua pretensa indiferença, estava dominado por uma grande agitação. Via-o perfeitamente à luz da lua: o rosto pálido como o

mármore e a mão tremia-lhe tanto que mal podia segurar o leme. Percebi que tinha acontecido algo de muito grave e comecei a ficar inquieto. Naquela altura os meus conhecimentos náuticos eram fracos e, por isso, estava completamente à mercê da ciência náutica do meu amigo. O vento tinha-se tornado muito mais frio, porque nos tínhamos afastado bastante da costa. No entanto, tinha vergonha de deixar transparecer o menor sinal de receio e, durante cerca de uma hora, mantive-me em absoluto silêncio. Mas não pude suportar por mais tempo aquela situação e fidei a Augusto da necessidade de voltar a terra. Como acontecera antes manteve-se calado cerca de um minuto, não dando atenção ao meu conselho.

— Já vamos — disse por fim — ...temos tempo... em nossa casa... já vamos.

Esperava uma resposta deste género, mas havia qualquer coisa na entoação das suas palavras que me provocou uma indescritível sensação de medo. Observei-o de novo atentamente. Tinha os lábios completamente lívidos e os joelhos tremiam-lhe tanto que mal se tinha de pé.

— Por amor de Deus, Augusto! — gritei eu, já completamente assustado. — Que tem? Que aconteceu? Que quer fazer?

— Que aconteceu? — balbuciou Augusto como que surpreendido, ao mesmo tempo que abandonava o leme e se deixava cair para a frente no fundo do barco. — Que aconteceu? Mas nada... absolutamente nada... para casa... vamos para casa, que diabo!... Não vês?

Então compreendi tudo. Corri para ele e levantei-o. Estava embriagado, completamente embriagado; já não conseguia manter-se de pé, falar ou ver. Os olhos estavam vítreos. No meio do meu

grande desespero, larguei-o e ele rolou como um tronco na água do fundo do barco donde eu o tinha tirado. Era evidente que, durante a noite, tinha bebido muito mais do que eu suspeitava e que a sua conduta na cama fora o resultado de uma dessas bebedeiras fortes, que, como a loucura, dão por vezes à vítima a faculdade de imitar o comportamento das pessoas na plena posse dos seus sentidos. A atmosfera fria da noite em breve tinha produzido o seu efeito habitual; a energia mental tinha cedido à sua influência e a percepção confusa que ele, sem dúvida, tinha tido da nossa perigosa situação, apenas tinha servido para apressar a catástrofe. Agora, estava completamente inerte e não havia hipótese de o seu estado se modificar antes de algumas horas.

É impossível imaginar toda a extensão do meu terror. Os vapores do vinho tinham-se dissipado deixando-me duplamente tímido e irresoluto. Sabia que era incapaz de manobrar o barco, e o vento furioso e a ondulação forte lançavam-nos para a morte. Era visível a formação de uma tempestade por detrás de nós; não tínhamos nem bússola nem mantimentos, e era evidente que, se mantivéssemos aquela rota, perderíamos a terra de vista antes do amanhecer. Estes pensamentos e outros igualmente terríveis atravessaram-me o espírito com uma rapidez extraordinária e, durante alguns instantes, paralisaram-me, a ponto de não fazer o menor gesto. O barco voava, fustigado pelo vento. Picava na água e arriava com enorme velocidade, sem rizes no cutelo e na vela grande, mergulhando a proa na espuma. Era um milagre dos milagres ainda não termos sido destruídos, uma vez que, como já disse, Augusto largara o leme e eu estava demasiado agitado para pensar em segurá-lo. Mas, por sorte, o barco manteve-se a favor do

vento e, pouco a pouco recuperei a minha presença de espírito. O vento continuava a aumentar furiosamente e, quando o barco subia, depois de ter mergulhado de proa, as ondas caíam esmagadoras sobre a ré, inundando a embarcação. Além disso, eu estava tão gelado que quase não sentia as pernas. Por fim, invocando todas as forças do desespero, precipitei-me para a vela grande e dei-lhe todo o pano. Como era de prever, deslizou sobre a proa e, submersa pela água, arrastou o mastro borda fora. Foi este último acidente que me salvou de uma destruição iminente. Apenas com o cutelo podia agora deslizar a favor do vento, embora, de vez em quando, entrassem grandes bâtegas de água pela ré, mas aliviado do terror de uma morte imediata. Agarrei-me ao leme e respirei um pouco mais à vontade, vendo que ainda nos restava uma última esperança de salvação. Augusto continuava inerte no fundo do barco, mas como corria perigo de se afogar (a água atingia quase um pé de altura no sítio onde ele tinha caído), tentei elevá-lo um pouco, e, para o manter na posição de sentado, passei-lhe à volta do peito uma corda que prendi a uma argola na coberta da cabine. Depois de ter arranjado tudo o melhor que podia, gelado e agitado como estava, encomendei-me a Deus e resolvi-me a suportar tudo o que pudesse acontecer com toda a coragem de que fosse capaz.

Mal tinha acabado de tomar estas resoluções quando, subitamente, um grande e longo grito, um urro, como que saído das gargantas de mil demónios, pareceu atravessar o espaço e passar por cima do nosso barco. Nunca, por mais que eu viva, poderei esquecer a intensa agonia de terror que senti naquele momento. Arrepiaram-se-me os cabelos, senti o sangue gelar-me nas veias, o

meu coração deixou de bater e, sem nunca levantar os olhos para ver a causa do meu terror, caí, como um peso inerte, sobre o corpo do meu amigo.

Quando recuperei os sentidos, encontrava-me no camarote de um grande baleeiro, o *Pinguim*, com destino a Nantucket. Alguns indivíduos estavam debruçados sobre mim, e Augusto, mais pálido do que a morte, ocupava-se em friccionar-me as mãos com toda a energia. Ao ver-me abrir os olhos, as suas exclamações de gratidão e de alegria provocaram, alternadamente, riso e lágrimas entre os homens de rostos duros que me rodeavam. O mistério do nosso salvamento em breve me foi explicado.

Tínhamos sido abalroados pelo baleeiro, que navegava perto e que, com as velas tão abertas quanto lhe permitia o tempo, se dirigia para Nantucket; por isso, avançava para nós quase em ângulo reto. Alguns homens estavam de vigia na proa, mas só viram o nosso barco quando era impossível evitar o embate: foram os seus gritos de alarme que tanto me aterrorizaram. O grande navio, segundo nos disseram, passou sobre nós com a mesma facilidade com que nós teríamos deslizado sobre uma pena, e sem qualquer incómodo para a sua marcha. Nem um grito se ouviu da coberta do veleiro martirizado, apenas um ligeiro ruído, como uma queda, que se misturou com o rugir do vento e da água, quando o frágil barco, já submerso, foi aplainado pela quilha do seu carrasco, mas foi tudo. Pensando que o nosso barco (sem mastros, lembrem-se) não passava de um destroço, o capitão (capitão E. T. V. Block, de New London) queria seguir viagem ignorando totalmente o incidente. Felizmente, dois dos homens que estavam de vigia juraram que tinham visto alguém ao leme e afirmaram que ainda

era possível salvá-lo. Seguiu-se uma discussão, mas Block encolerizou-se e acabou por dizer que «não fazia parte do seu trabalho velar eternamente por todas as cascas de noz»; que o navio não iria virar de bordo por causa de uma palermice e que, se havia um naufrago, não era culpa sua, pois só a si próprio podia censurar; «que se afogasse e fosse para o diabo!» ou quaisquer outras palavras do mesmo género. Porém, Henderson, o imediato, mostrou-se indignado, assim como toda a tripulação, com aquelas palavras que demonstravam crueldade e falta de sentimentos. Falou com firmeza, sentindo-se apoiado pelos marinheiros, dizendo ao capitão que o considerava digno da força e que desobedeceria às suas ordens, mesmo que isso implicasse a sua morte ao chegar a terra. Correu para a ré e, empurrando Block (que estava lívido e mudo), apoderou-se do leme e gritou com a voz firme: «Virar de bordo!». Os homens correram para os seus postos e o navio deu uma volta. Tudo isto se passara em cerca de cinco minutos e era, agora, impossível salvar o indivíduo que pensavam ter visto a bordo do veleiro. Porém, como os leitores já sabem, Augusto e eu fomos retirados e a nossa salvação parecia ser o resultado de uma sorte incrível, que as pessoas sensatas e religiosas atribuem à intervenção especial da Providência.

Enquanto o navio continuava à capa, o imediato mandou arriar o bote e saltou para dentro dele, segundo julgo, com dois homens que afirmavam ter-me visto ao leme. Acabavam de se afastar do costado sotavento (estava luar), quando o navio deu uma forte guinada de barlavento e Henderson no mesmo instante pôs-se em pé e gritou aos homens que *remassem para a ré*. Não dizia mais nada, repetindo com impaciência: «Remem para a ré; remem para

a ré!» Remavam tão depressa quanto podiam, mas durante este tempo, o navio tinha-se virado e começava a avançar, embora todos os braços a bordo se empenhassem em diminuir o pano. Apesar do perigo da tentativa, o imediato agarrou-se aos grandes cabos assim que eles ficaram ao seu alcance. Então, uma nova e forte guinada lançou o lado de estibordo para fora de água quase até à quilha, e a causa da sua ansiedade ficou à vista. Surgiu o corpo de um homem, preso da maneira mais estranha ao fundo polido e brilhante (o *Pinguim* era forrado e cavilhado de cobre), batendo violentamente contra o casco a cada movimento. Depois de alguns esforços ineficazes, recomeçados a cada guinada do navio e correndo o risco de despedaçar o bote, fui finalmente libertado da perigosa situação em que me encontrava e içado para bordo, pois aquele corpo era o meu. Parece que uma das cavilhas do madeiramento, que se tinha soltado e abrira caminho através do cobre, me tinha prendido quando passei por debaixo do barco, daquela forma tão estranha. A ponta da cavilha tinha furado a gola do meu casaco de tecido grosso e a parte posterior do meu pescoço, penetrando entre dois tendões, mesmo sob a orelha direita. Puseram-me imediatamente na cama, embora desse poucos sinais de vida. Não havia médico a bordo. Contudo, o capitão tratou-me com todos os cuidados, sem dúvida para se reabilitar aos olhos da tripulação da sua cruel conduta na primeira parte da aventura.

Entretanto, Henderson tinha-se afastado outra vez do navio, apesar do vento soprar como uma tempestade. Passados alguns minutos deparou com destroços do nosso barco e pouco depois um dos seus homens dizia-lhe que, de tempos a tempos, distinguia

através do rugido da tempestade, um grito. Isto levou os corajosos marinheiros a prosseguirem as suas buscas durante cerca de meia hora, apesar dos repetidos sinais do capitão Block, dizendo-lhes que voltassem, e do perigo mortal e iminente que representava cada minuto dentro daquela embarcação. Realmente é difícil imaginar como o pequeno bote resistiu mais de um minuto à destruição. Mas fora construído para a pesca à baleia e estava munido, como pude verificar mais tarde, de cavidades de ar, a exemplo de alguns botes de salvamento existentes nas costas do País de Gales.

Depois de terem procurado, em vão, durante todo o tempo que mencionei, resolveram-se a regressar ao navio. Mal tinham tomado esta resolução, quando ouviram um grito fraco sair de um objeto negro que passou com rapidez perto deles. Iniciaram a perseguição de tal coisa acabando por a agarrar: era a coberta do *Ariel* e a sua cabina. Augusto debatia-se em grande agonia. Quando o recolheram, verificaram que estava preso por uma corda aos destroços flutuantes. Se bem se lembram tinha sido eu que tinha passado esta corda à volta do peito de Augusto, prendendo-a a uma argola, para o manter numa boa posição; e, ao fazer isto, parece que tinha conseguido salvar-lhe a vida. O *Ariel* era de construção frágil e, ao naufragar, toda a armação se tinha quebrado; naturalmente, a coberta da cabina, foi arrancada pela força da água, separou-se do cavename e pôs-se a flutuar com outros fragmentos; Augusto flutuava com eles, escapando, assim, a uma morte horrível.

Só passada mais de uma hora após ter sido depositado a bordo do *Pinguim* é que ele deu sinais de vida e compreendeu a natureza do acidente que tinha acontecido ao nosso barco. Com o

tempo, despertou completamente e falou em pormenor das sensações que tivera quando estava na água. Tinha acabado de recuperar um pouco os sentidos, quando se encontrou abaixo do nível da água, gritando, girando com uma incrível rapidez e sentindo uma corda estreitamente apertada e enrolada duas ou três vezes à volta do pescoço. Um instante depois, veio à tona da água, até a cabeça bater com violência contra uma matéria dura, fazendo-o regressar à insensibilidade. Ao recuperar os sentidos, sentiu-se mais senhor da sua razão, embora ela estivesse ainda confusa e obscura. Compreendeu então que tinha acontecido qualquer acidente e que se encontrava debaixo de água, embora a boca se mantivesse à superfície e conseguisse respirar. Talvez, naquele momento, a cabina fosse arrastada pelo vento, que assim o levava, flutuando de costas. Durante o tempo que conseguisse manter esta posição era praticamente impossível que se afogasse. Porém, uma enorme vaga lançou-o contra a coberta; esforçou-se por manter esta nova posição, gritando de vez em quando por socorro. Pouco antes de ser descoberto por Henderson, tinha sido obrigado a desprender-se devido ao esgotamento e, tornando a cair no mar, julgou-se perdido. Durante todo o tempo que durou esta luta não lhe ocorreu a mínima lembrança do *Ariel* nem de nenhum facto relacionado com a origem da catástrofe. Um sentimento vago de terror e de desespero tinham-se apoderado de todas as suas faculdades. Quando finalmente foi recolhido, tinha perdido a razão por completo; e, como já disse, só uma hora depois de ter sido levado para bordo do *Pinguim* tomou plena consciência da situação. Quanto a mim, fui retirado num estado muito próximo da morte (e só depois de três horas e meia, durante as quais tudo foi tentado)

graças a vigorosas fricções com panos de flanela embebidos em óleo quente, processo sugerido por Augusto. O ferimento que eu tinha no pescoço, embora tivesse muito mau aspeto, não era grave e depressa me curei.

O *Pinguim* entrou no porto às nove horas da manhã, depois de se ter visto obrigado a lutar contra uma das mais fortes borrascas sentidas ao largo de Nantucket. Augusto e eu arranjámo-nos para aparecer em casa da senhora Barnard à hora do almoço que, felizmente, estava um pouco atrasado devido à festa do dia anterior. Penso que todas as pessoas presentes à mesa estavam também demasiado cansadas para repararem nas nossas fisionomias extenuadas, pois não seria preciso muita atenção para o notarem. Aliás, os estudantes são capazes de produzir milagres para fazer crer uma mentira e não acredito que um só dos nossos amigos de Nantucket tenha pensado que a terrível história que alguns marinheiros contavam, que tinham afundado um navio no mar alto e afogado trinta ou quarenta pobres diabos, tivesse alguma ligação com o *Ariel*, com o meu camarada ou comigo. Ele e eu falámos depois várias vezes desta aventura, sempre com certa emoção. Numa das nossas conversas, Augusto confessou-me francamente que em toda a sua vida nunca tinha sentido uma tão grande sensação de medo, como quando, no nosso pequeno barco descobrira, de repente, toda a extensão da sua embriaguez e se sentira esmagar por ela.

2 – O Esconderijo

Em qualquer história, mesmo de aventuras, não podemos tirar conclusões certas, a favor ou contra, ainda que a partir de dados muito simples. Pensarão, talvez que uma catástrofe como a que acabo de contar devia arrefecer de forma eficaz a minha paixão nascente pelo mar. Pelo contrário, nunca senti desejo tão ardente de conhecer as estranhas aventuras que povoam a vida de um navegador, como uma semana depois do nosso milagroso salvamento. Este curto espaço de tempo foi suficiente para apagar da minha memória as partes tenebrosas e para trazer à luz do dia todos os aspetos coloridos deliciosamente excitantes, todo o lado pitoresco do nosso perigoso acidente. As minhas conversas com Augusto eram cada vez mais frequentes e de um interesse sempre crescente. Tinha uma maneira de contar as suas histórias sobre o mar (hoje suspeito que pelo menos metade eram pura imaginação) perfeitamente adequada para agir sobre um temperamento entusiasta como o meu, sobre uma imaginação um pouco sombria, mas sempre ardente. O que não é menos estranho é que era, sobretudo, ao descrever-me os mais terríveis momentos de sofrimento e de desespero da vida do marinheiro, que ele conseguia pôr todas as minhas faculdades e todos os meus sentimentos ao serviço dessa romanesca profissão. Pelo lado agradável da pintura tinha uma simpatia muito limitada. Todas as minhas visões eram de naufrágio e de fome, de morte ou de cativo entre as tribos bárbaras, de uma existência de dores e de

lágrimas passada num rochedo isolado e cinzento, num oceano inacessível e desconhecido. Tais devaneios e tais desejos, pois chegava até ao desejo, são muito comuns, disseram-me mais tarde, entre a numerosíssima classe dos homens melancólicos, mas na época de que falo, considerava-os escapadas proféticas a um destino, ao qual eu me sentia, por assim dizer, votado. Augusto comungava do sentir do meu espírito. Na verdade, é provável que a nossa amizade tenha tido como resultado uma mistura dos nossos caracteres.

Cerca de oito meses depois do desastre do *Ariel*, a casa Lloyd e Vredenburg (casa ligada até certo ponto com a dos senhores Enderby de Liverpool, segundo creio) pensou em reparar e equipar o brigue *Grampus*, para a pesca à baleia. Tratava-se de uma velha carcaça, que mal podia enfrentar o mar, apesar de todos os trabalhos de reparação. O motivo por que foi preferido a outros bons navios pertencentes aos mesmos proprietários, não sei, mas foi assim decidido. O senhor Barnard foi encarregado do comando, devendo Augusto partir com ele. Enquanto equipavam o brigue, dizia-me com insistência que aproveitasse a excelente ocasião que se apresentava para satisfazer o meu desejo de viajar. Certamente que as suas palavras me agradavam, mas as coisas não eram assim tão fáceis de arranjar. Meu pai não se opunha diretamente, mas minha mãe tinha um dos seus ataques de nervos assim que ouvia falar do projeto; e, pior que tudo, meu avô, do qual esperava muito, jurou que não me deixaria um tostão se eu ousasse falar outra vez do assunto diante dele. Mas estas dificuldades, longe de diminuírem o meu desejo, agiram como o óleo sobre o fogo. Resolvi partir apesar de tudo e, quando transmiti a minha intenção a Augusto,

começámos a engendrar um plano para a pôr em prática. Entretanto, abstive-me, a partir de então, de dizer uma única palavra que fosse sobre a viagem, a meus pais; e, como cumpria com os meus deveres escolares, pensaram que eu tinha abandonado o projeto. Desde então, examinei muitas vezes a minha conduta nesta ocasião, sentindo ao mesmo tempo surpresa e desagrado. A grande hipocrisia que usei para a concretização do meu projeto, hipocrisia que todas as minhas palavras e atos refletiram durante um espaço de tempo tão longo, só foi suportada por mim graças à ardente e estranha esperança com que contemplava a realização dos meus sonhos de viajar, que há tanto tempo alimentava.

Para a concretização do meu estratagema, fui obrigado a deixar muitos pormenores ao cargo de Augusto, que passava a maior parte do dia a bordo do *Grampus* ocupando-se de vários preparativos para o pai, na cabina e no porão. Porém, à noite, encontrávamo-nos sempre e falávamos das nossas esperanças. Passado cerca de um mês desta forma, sem termos arranjado um plano com um possível êxito, disse-me, por fim, que tinha tratado de tudo.

Tinha um parente que vivia em New Bedford, um tal senhor Ross, em casa de quem eu costumava passar duas ou três semanas. O brigue devia levantar ferro em meados de junho (junho de 1827) e combinámos que um dia ou dois antes da partida para o mar, meu pai receberia, como habitualmente, uma carta do senhor Ross, pedindo-lhe que me enviasse para casa dele para passar uma quinzena com Robert e Emme, seus filhos. Augusto encarregou-se de escrever o bilhete e de o fazer chegar. Assim, fingindo que partia

para New Bedford, eu devia ir ter com o meu amigo, que me preparara um esconderijo a bordo do *Grampus*. Assegurou-me que o esconderijo seria instalado de forma bastante confortável para eu lá poder passar alguns dias, durante os quais não me devia mostrar. Quando o brigue já estivesse suficientemente longe para não poder voltar, acrescentou, eu seria formalmente instalado nas comodidades da cabina; quanto ao pai, estava convencido que ele se riria com vontade daquela brincadeira. Encontraríamos numerosos navios pelos quais poderia fazer chegar uma carta a meus pais explicando-lhes a aventura.

Por fim, chegaram os meados de junho e tudo estava suficientemente amadurecido. A carta foi escrita e enviada e, uma segunda-feira de manhã, saí de casa fingindo dirigir-me para o vapor de New Bedford. Porém, fui diretamente ter com Augusto que me esperava a uma esquina. Estava no nosso plano inicial que eu me escondesse até ao anoitecer, penetrando, então à socapa a bordo do brigue, mas como tínhamos a nosso favor um espesso nevoeiro, decidimos que eu não perderia tempo a esconder-me.

Augusto tomou o caminho do molhe e eu segui-o a pouca distância, envolto num grosso casaco de oleado que ele tinha trazido para que não fosse fácil reconhecerem-me. Precisamente quando íamos a virar a segunda esquina, depois de termos passado o poço do senhor Edmund, quem havia de aparecer diante de mim e olhando-me cara a cara? O meu avô em pessoa, o velho senhor Peterson!

— Ora bem! Ora bem! — disse após uma longa pausa. — Valha-me Deus, Gordon! A quem pertence esse oleado sebento que traz pelas costas?

— Senhor! — repliquei, assumindo tão bem quanto podia atendendo às circunstâncias, um ar de ofensa e surpresa e falando no tom mais grosseiro que se possa imaginar. — Senhor, penso que está a cometer um erro. Antes de tudo, o meu nome nada tem a ver com Gordon e depois gostava que olhasse melhor para o meu oleado novo para não dizer que é sebento, ora não querem lá ver!

Não sei como consegui conter o riso ao ver a maneira bizarra como o velho recebeu estas fanfarronadas. Recuou dois ou três passos, primeiro ficou muito pálido e a seguir muito corado, tirou os óculos, tornou a colocá-los e avançou para mim de chapéu de chuva em punho. Porém, de repente parou como que atingido por qualquer lembrança: então virou-se e afastou-se a coxear um pouco, murmurando entre dentes: — Não pode ser! Óculos novos! Iria jurar que era Gordon! Maldito marinheiro do diabo!

Depois de termos escapado de boa, prosseguimos o nosso caminho, com mais prudência, e chegámos, sem incidentes, ao nosso destino. Havia apenas um ou dois homens a bordo, ocupados a fazer não sei o quê no castelo da proa. Sabíamos que o capitão Barnard tinha assuntos a tratar na casa Lloyd & Vredenburg, onde se devia demorar até à noite; portanto, não tínhamos muito que rezear deste lado. Augusto foi o primeiro a subir a bordo do navio e eu segui-o rapidamente, sem ser notado pelos homens que trabalhavam. Entrámos logo na cabina, onde não estava ninguém. Estava confortavelmente instalada, coisa muito rara num baleeiro. Havia quatro excelentes alojamentos de oficiais, com camas largas e cómodas. Reparei ainda num grande fogão e num belo e espesso tapete que cobria o chão dos alojamentos dos oficiais. O teto estava a sete pés de altura e tudo tinha um aspeto muito mais

amplo e agradável do que eu esperava. No entanto, Augusto pouco satisfez a minha curiosidade, insistindo na necessidade de me esconder o mais depressa possível. Conduziu-me à sua própria cabina, situada a estibordo perto dos compartimentos estanques. Quando entrámos fechou a porta e correu o ferrolho. Parece-me que nunca tinha visto um quartinho tão bonito como aquele onde me encontrava. Tinha cerca de dez pés de comprimento e apenas uma cama, que, como já disse era larga e cómoda. Na parte do quarto, contígua aos compartimentos estanques, havia um espaço de quatro pés quadrados, contendo uma mesa, uma cadeira e uma fila de prateleiras carregadas de livros, principalmente livros de viagem e de navegação. Vi muitas outras comodidades neste quarto, entre as quais não devo esquecer uma espécie de armário para alimentos e bebidas, dentro do qual Augusto tinha uma criteriosa coleção de guloseimas e licores.

Pressionando com os dedos um certo ponto do tapete, num canto do espaço de que falei, mostrou-me uma porção do soalho com cerca de dezasseis polegadas, que tinha sido cuidadosamente cortada e reajustada. Ao ser pressionada, esta parte subiu o suficiente de um lado para deixar passar os seus dedos. Desta forma, aumentou a abertura do alçapão (ao qual o tapete continuava preso pelas pontas), e vi que conduzia ao porão da ré. Acendeu imediatamente uma pequena vela com o auxílio de um fósforo e, colocando a luz numa lanterna de furta-fogo, desceu através da abertura, dizendo-me que o seguisse. Fiz o que ele me dizia e então voltou a pôr a porta sobre o buraco por meio de um prego colocado na parte inferior; o tapete voltou assim à sua

posição primitiva e todos os vestígios da abertura ficavam dissimulados.

A lanterna emitia uma luz tão fraca, que foi a muito custo que consegui encontrar o caminho através daquela confusão de objetos que me cercavam. À medida que os meus olhos se foram habituando à obscuridade, avançava com menos dificuldade, mantendo-me agarrado às abas do casaco do meu camarada. Chegámos por fim, depois de termos rastejado e passado por intermináveis e estreitas passagens, a uma caixa reforçada de ferro, parecida com as que, por vezes, são utilizadas para embalar faiança cara. Tinha cerca de quatro pés de altura e seis de comprimento, mas era excessivamente estreita. Em cima estavam duas enormes barricas de óleo, vazias, e sobre elas uma grande quantidade de esteiras, empilhadas até ao teto. À volta e em todos os sentidos, tudo estava empilhado de forma caótica numa mistura heterogénea de caixas, cestos, barris e fardos, a ponto de ser para mim quase um milagre termos conseguido chegar até à caixa em questão. Soube então que Augusto se encarregara da arrumação da carga no porão, com o objetivo de me preparar um excelente esconderijo, com a ajuda de um único homem que não partia no brigue.

O meu camarada mostrou-me então que uma das paredes da caixa se podia tirar à vontade. Afastou-a para o lado e vi o interior que me divertiu muito. O fundo estava coberto com um colchão roubado de uma das camas da cabina e ali havia toda a espécie de conforto que podia ser contido num local tão reduzido, mas deixando-me espaço para me mexer à vontade quer sentado quer deitado. Havia, entre outras coisas, alguns livros, canetas, tinta e

papel, três mantas, um grande cântaro cheio de água, um pequeno barril com biscoitos, três ou quatro enormes salpicões de Bolonha, um grande presunto, uma perna de carneiro assada e meia dúzia de revigorantes e licores. Tomei imediatamente posse do meu compartimento com um sentimento de satisfação maior, tenho a certeza, do que um monarca ao entrar no seu palácio. Augusto ensinou-me então como fixar o lado móvel da caixa; depois, aproximando a lanterna da coberta mostrou-me a ponta de uma corda preta que aí estava presa. Aquela corda, segundo me disse, partia do esconderijo, serpenteava através do cavername e terminava num prego preso na coberta, mesmo por baixo do alçapão feito no seu quarto. Por meio daquela corda eu podia facilmente encontrar o caminho, sem que ele me servisse de guia, no caso de algum acidente imprevisto tornar necessária a viagem. Despediu-se então de mim, deixando-me a lanterna com uma boa provisão de velas e de fósforos e prometendo visitar-me sempre que pudesse. Estávamos a 17 de junho.

Fiquei no esconderijo três dias e três noites (segundo penso, de acordo com os meus cálculos), sem sair, exceto duas vezes para esticar as pernas, mantendo-me de pé entre duas caixas, mesmo em frente da abertura. Durante todo este tempo não tive qualquer notícia de Augusto, mas isso não me inquietou, porque sabia que o brigue partiria de um momento para o outro e, no meio de toda aquela agitação, o meu amigo não devia ter muitas ocasiões para me ir visitar. Por fim, ouvi o alçapão abrir-se e fechar-se e ele chamou-me com uma voz surda, perguntando-me se tudo estava bem e se tinha necessidade de alguma coisa.

— De nada — respondi. — Estou tão bem quanto é possível. Quando é que o brigue larga?

— Levanta ferro dentro de meia hora — respondeu-me. — Vim para lhe dar a notícia e por recear que a minha ausência o inquietasse. Só devo ter oportunidade de descer daqui a algum tempo, talvez três ou quatro dias. Tudo corre bem cá em cima. Depois de eu ter subido e fechado o alçapão, siga a corda até ao prego, onde encontrará o meu relógio; pode ser-lhe útil, pois não tem luz do dia para controlar o tempo. Aposto que não me sabe dizer há quanto tempo está aqui enterrado: apenas há três dias, estamos a 20 de junho. Gostaria de levar o relógio até à caixa, mas receio que precisem de mim.

E, dito isto, foi-se embora.

Uma hora depois da sua partida, senti perfeitamente o brigue pôr-se em movimento e congratulei-me por iniciar uma viagem a sério. Feliz com esta ideia, resolvi manter-me alegre e esperar tranquilamente o curso dos acontecimentos, até que me fosse permitido trocar a minha acanhada caixa por aposentos mais amplos, mas talvez menos requintados. A minha primeira preocupação foi ir buscar o relógio. Deixei a lanterna acesa e avancei às apalpadelas na escuridão, seguindo a corda através de meandros tão complicados que, por vezes, e apesar de todo o trabalho e caminho percorrido, me apercebia estar a um ou dois pés da posição precedente. Porém, passado algum tempo, cheguei ao prego e, apoderando-me do motivo de tão longa viagem, regressei sem novidade. Examinei, então, os livros de que Augusto me tinha falado com tão encantadora solicitude e escolhi *A Expedição de Lewis e Clark à Embocadura da Columbia*. Distraí-me durante algum

tempo com esta leitura, mas sentindo os olhos a fecharem-se, apaguei a luz e, em breve, mergulhei num sono profundo.

Ao acordar, senti o espírito estranhamente confuso e passou algum tempo antes que eu pudesse lembrar-me das diversas circunstâncias da minha situação. No entanto, pouco a pouco, lembrei-me de tudo. Acendi a vela e olhei para o relógio, mas tinha parado; não tinha, portanto, nenhuma maneira de saber quanto tinha durado o meu sono. Tinha os membros dormentes devido a câibras e, para os desentorpecer, fui obrigado a estar de pé entre as caixas. Sentindo uma fome quase devoradora, pensei na perna de carneiro, da qual tinha comido um bocado antes de adormecer, e que achara magnífica. Mas qual não foi o meu espanto ao descobrir que estava num estado de total putrefação! Esta circunstância causou-me grande inquietação, pois, relacionando-a com a desordem do meu espírito, ao acordar, inclinei-me a acreditar que tinha dormido durante um período de tempo insólito. A atmosfera pesada do porão devia ter tido influência e, com o tempo, podia levar a resultados mais deploráveis. Doía-me muito a cabeça e parecia-me que respirava com dificuldade; por fim, sentia-me como que oprimido por uma série de ideias melancólicas. No entanto, não ousei abrir o alçapão ou tentar qualquer outra coisa e, dando corda ao relógio, fiz os possíveis por me resignar.

Durante as longas e insuportáveis vinte e quatro horas que se seguiram, ninguém veio em meu auxílio, e não pude deixar de acusar Augusto da indiferença a que me votara. O que, acima de tudo, me alarmava era o facto de a água do cântaro estar reduzida a quase meio-pinto e de eu sofrer muito com sede, pois tinha comido de mais do salpicão de Bolonha, depois da perda da perna

de carneiro. Tornei-me excessivamente inquieto e não conseguia interessar-me pelos livros. Estava também dominado por um desejo enorme de dormir, mas tremia perante a ideia de adormecer, receando que o ar viciado do porão contivesse alguma influência perniciosa, as emanções de carvão. Contudo, o balanço do brigue provava que estávamos no mar alto e um barulho surdo, um fragor, que chegava até aos meus ouvidos vindo de muito longe, convenciam-me que o vento que soprava não era um vento vulgar. Não conseguia imaginar nenhum motivo para explicar a ausência de Augusto. Já devíamos estar suficientemente longe para eu poder subir à coberta. Podia ter-lhe acontecido algum acidente, mas não conseguia imaginar nada que me explicasse por que me deixava tanto tempo prisioneiro, a não ser que tivesse morrido subitamente ou caído borda fora. Mas, só pensar nisso, ainda que por segundos, era-me insuportável. Também era possível que tivéssemos sido batidos por ventos contrários e ainda estivéssemos nas proximidades de Nantucket. Porém, em breve fui obrigado a renunciar a esta ideia, pois se fosse esse o caso, o brigue teria mudado frequentemente de bordo e eu estava convencido, devido à inclinação contínua do barco para bombordo, que fizera toda a rota com vento fraco de estibordo. Aliás, se ainda estivéssemos nas vizinhanças da ilha, não teria Augusto podido visitar-me para me informar da situação?

Refletindo desta maneira sobre a minha situação deplorável e solitária, resolvi esperar mais vinte e quatro horas, depois das quais, se não recebesse socorro, me dirigiria para o alçapão e tentaria falar com o meu amigo ou, pelo menos, respirar um pouco de ar fresco através da abertura e arranjar uma nova provisão de

água. Enquanto pensava nisto, e apesar de toda a minha resistência, caí num sono profundo, ou antes, numa espécie de torpor. Os meus sonhos eram horríveis. Todo o género de calamidades e horrores se abatiam sobre mim. Entre outros terrores, sentia-me sufocado até à morte por demónios com o mais sinistro e feroz aspeto. Enormes serpentes estreitavam-me entre os seus anéis e fixavam-me com os seus olhos brilhantes e terríveis. Depois, havia desertos infinitos hostis, solitários e angustiantes que se estendiam diante de mim. Gigantescos troncos de árvores cinzentas e sem folhas desfilavam como que numa procissão sem fim, até onde a minha vista podia alcançar. As raízes mergulhavam em imensos pântanos, cujas águas se espalhavam numa imensidão, terrivelmente negras, sinistras e horríveis na sua imobilidade. As estranhas árvores pareciam dotadas de uma vitalidade humana e, agitando os seus braços de esqueleto, pediam perdão às águas silenciosas e imploravam mais misericórdia num tom vibrante, cheio de desespero e da mais aguda agonia. Depois a cena mudava e eu estava de pé, nu e só, nas areias escaldantes do Sara. A meus pés jazia um feroz leão dos trópicos. De repente os seus olhos espantados abriam-se e caíam sobre mim. Num salto convulsivo, levantava-se e descobria a fila dos seus dentes terríveis. Logo a seguir, soltava um rugido semelhante a um trovão e eu atirava-me para o chão. Sufocado pelo paroxismo do terror sentia-me enfim meio acordado. Mas o meu sonho não era apenas sonho. Pelo menos agora estava na posse das minhas faculdades. As patas de um monstro enorme e verdadeiro apoiavam-se no meu peito, o seu bafo quente soprava nas minhas orelhas e as suas brancas e sinistras presas brilhavam na escuridão.

Mesmo que, para salvar mil vezes a vida, apenas tivesse que mexer um membro ou pronunciar uma sílaba, não o teria feito. O animal, fosse ele qual fosse, continuava na mesma posição, sem tentar nenhum ataque imediato e eu continuava deitado debaixo dele num estado de completa impotência, que julgava próximo da morte. Sentia que as minhas faculdades físicas e espirituais me abandonavam rapidamente, em resumo, sentia-me morrer e morria de terror. O meu cérebro flutuava, a náusea mortal da vertigem invadia-me, os olhos traíam-me e os globos brilhantes fixos em mim pareciam também escurecer. Fazendo um supremo e violento esforço, lancei a Deus uma débil prece e resignei-me a morrer. O som da minha voz parecia acordar toda a fúria latente do animal, que se atirou para cima de mim. Mas qual não foi a minha surpresa quando, soltando um longo e surdo gemido, começou a lambe-me o rosto e as mãos com a maior petulância e as mais extravagantes demonstrações de afeto e de alegria! Estava como que aturdido, confuso de espanto, mas não podia esquecer os gemidos característicos do *Tigre*, o meu terra-nova, e conhecia bem a forma bizarra das suas carícias. Era ele. Senti como que uma torrente de sangue afluir-me às têmporas, como que uma sensação vertiginosa, esmagadora de libertação e ressurreição. Ergui-me precipitadamente do colchão da minha agonia e, lançando-me ao pescoço do meu fiel amigo e companheiro, aliviei a opressão do meu coração chorando.

Como já acontecera antes, quando me levantei do colchão, o meu cérebro estava mergulhado na mais perfeita confusão e desordem. Durante bastante tempo, foi-me impossível ligar dois pensamentos, mas lenta e gradualmente voltou-me a faculdade de

pensar e, por fim, lembrei-me das circunstâncias da minha situação. Quanto à presença do *Tigre*, em vão, me esforcei por explicá-la e, depois de me ter perdido em mil conjeturas, alegrei-me pura e simplesmente por ele ter vindo partilhar a minha lúgubre solidão e confortar-me com as carícias. Há muita gente que gosta de cães, mas eu tinha por *Tigre* um afeto muito mais ardente do que o comum e nunca uma criatura o mereceu mais do que ele. Durante sete anos lora o meu companheiro inseparável e, em numerosas ocasiões, tinha-me dado a prova de todas as nobres qualidades que nos fazem estimar um animal. Quando era um pequeno cachorro, tinha-o arrancado das manápuas de um malandrim de Nantucket que o arrastava para a água com uma corda ao pescoço, e o cão, quando cresceu, pagou-me a sua dívida, três anos mais tarde, salvando-me da moca de um ladrão.

Peguei então no relógio e, encostando-o ao ouvido apercebi-me que tinha parado outra vez; mas não fiquei nada surpreendido, pois atendendo ao estado dos meus sentidos, estava convencido de que tinha dormido, como já me havia acontecido, durante um período de tempo muito longo. Quanto tempo? Não sabia. Estava consumido pela febre e a sede era quase insuportável. Procurei, às apalpadelas, na caixa, a pouca água que ainda devia existir da minha provisão, porque não tinha luz, pois a vela tinha ardido até ao fim e naquele momento não conseguia encontrar os fósforos. Encontrando, por fim, o cântaro, verifiquei que estava vazio; certamente tinha sido o *Tigre* que, não resistindo à sede, bebera a água e devorara o que restava da perna de carneiro, cujo osso, impecavelmente limpo, estava à entrada da caixa. Podia passar sem a carne, mas sentia faltarem-me as forças ao pensar na água.

Estava tão fraco que ao menor movimento, ao mais ligeiro esforço, tremia todo, como num violento acesso de febre. Para aumentar a minha desgraça, o brigue dançava e balançava com grande violência e os barris de óleo, colocados por cima da caixa ameaçavam cair a qualquer momento e tapar a única saída do meu esconderijo. Além disso, sofria horrivelmente com o enjoo. Todas estas considerações convenceram-me a dirigir-me ao acaso em direção ao alçapão e a tentar obter socorro imediato, antes de ser incapaz de o fazer. Tomada esta resolução, procurei de novo, às apalpadelas, os fósforos e as velas. Descobri os fósforos com muito esforço, mas, não encontrando as velas tão depressa quanto esperava, pois nem sequer me lembrava onde as tinha deixado, abandonei as pesquisas e, recomendando a *Tigre* que se mantivesse sossegado, comecei a minha viagem em direção ao alçapão.

Nesta tentativa, a minha extrema fraqueza ainda se tornou mais manifesta. Só com um enorme esforço conseguia arrastar-me e muitas vezes as minhas pernas dobravam sob o meu peso. Depois, caindo para a frente, ficava durante alguns minutos num estado vizinho da insensibilidade. Contudo, lutava sempre e avançava lentamente, receando a todo o momento desmaiar naquele estreito e complicado labirinto do porão, o que teria como consequência a morte. Depois, fazendo um tremendo esforço com toda a energia de que dispunha, bati violentamente com a testa na esquina pontiaguda de uma caixa reforçada de ferro. O acidente apenas me causou um aturdimento durante alguns instantes, mas descobri, com indescritível mágoa, que o movimento seco e violento do navio tinha lançado a caixa no meu caminho, cortando

completamente a passagem. Mesmo usando toda a minha força, não a consegui deslocar nem sequer uma polegada, pois estava solidamente entalada entre as caixas vizinhas e os apetrechos de bordo. Devia, portanto, fraco como estava, saltar por cima do obstáculo e retomar o caminho do outro lado. A primeira hipótese apresentava demasiados perigos e dificuldades e não podia pensar nela sem sentir um arrepio. Esgotado física e espiritualmente, acabaria com certeza por me perder se tentasse semelhante imprudência, e por morrer como um miserável naquele lúgubre e repugnante labirinto do porão.

Quando me levantei para executar o meu plano, verifiquei que a empresa ultrapassava as minhas previsões e implicava um trabalho muito mais complicado do que eu imaginara. De cada lado da estreita passagem, erguia-se uma verdadeira parede feita de uma enorme quantidade de materiais dos mais pesados; o menor descuido da minha parte podia fazê-los cair sobre mim; se escapasse dessa desgraça, o caminho de regresso podia ficar completamente vedado pelos objetos deslocados, e assim, estava de novo frente a um obstáculo. Quanto à caixa, era muito alta e maciça e os pés não encontravam nela nenhum ponto de apoio, esperando conseguir elevar-me apoiando-me nos braços. Se tivesse tido êxito, era mais que certo não ter força suficiente para me elevar e, de qualquer maneira, era melhor não ter conseguido. Mais tarde, quando fazia um esforço desesperado para deslocar a caixa, senti como que uma vibração sensível do lado voltado para mim. Deslizei a mão sobre os interstícios das tábuas e apercebi-me que uma delas, das mais largas, oscilava. Com uma faca, que felizmente trazia comigo, consegui com muito esforço arrancá-la por completo.

Passando através da abertura, descobri, com alegria, que não havia tábuas do outro lado, por outras palavras que a caixa não tinha tampa e que tinha sido através do fundo que tinha aberto passagem. A partir dali segui a corda sem grandes dificuldades, até ao local onde estava presa ao prego. Sentia o coração a bater com mais força, quando empurrei suavemente a porta do alçapão, que não se abriu com a prontidão que eu esperava; empurrei então com um pouco mais de força, receando que alguém, sem ser Augusto, se encontrasse na cabina. No entanto, para meu espanto, a porta continuava fechada e eu fiquei muito inquieto, porque sabia que antes ela cedia à menor pressão. Empurrei-a com vigor e ela não mexeu; com toda a força e não quis ceder; com raiva, com fúria, com desespero e ela desafiou todos os meus esforços. Era evidente, a julgar pela inflexibilidade da resistência, que o buraco fora descoberto e solidamente tapado, ou que algum objeto muito pesado fora colocado em cima, afastando qualquer hipótese de ser removido.

O que senti foi uma extrema sensação de horror e de medo. Em vão tentei raciocinar sobre a causa provável que me emparedava no meu túmulo. Não conseguia dar um encadeamento lógico aos meus pensamentos; deixei-me cair no chão e abandonei-me, sem resistência, aos pensamentos mais negros, entre os quais se salientavam, esmagadores e terríveis, a morte pela sede, a morte pela fome, a asfixia e o enterro prematuro. No entanto, uma parte da minha presença de espírito voltou-me. Levantei-me e procurei tateando as juntas e as ranhuras do alçapão. Tendo-as encontrado, examinei-as escrupulosamente, para verificar se deixavam passar qualquer luz da cabina, mas não se via nada.

Introduzi, então a lâmina da faca de afiar as penas, através das fendas, até encontrar um obstáculo duro. Ao tocar-lhe, descobri que era uma enorme massa de ferro e, pela sensação típica de ondulação que a lâmina ao deslizar de um lado para o outro me transmitia, concluía que devia ser uma corrente. A única coisa que agora me restava fazer era regressar à minha caixa e, aí, resignar-me com o meu triste destino, ou dedicar-me a acalmar o espírito de forma a tomá-lo capaz de arquitetar um plano de salvação. Iniciei imediatamente a caminhada e, ultrapassando numerosas dificuldades, consegui regressar à caixa. Deixei-me cair, totalmente esgotado, sobre o colchão, e *Tigre* estendeu-se ao comprido a meu lado, como que desejoso de me consolar de todas as minhas desgraças e de me exortar a suportá-las com coragem.

Com o tempo, o seu estranho comportamento despertou-me a atenção. Depois de me lambe a cara e as mãos durante alguns minutos, parava de repente e soltava um gemido surdo. Quando estendia as mãos para ele, encontrava-o sempre de barriga para cima e patas no ar. Esta conduta, pareceu-me estranha e não sabia de que maneira explicá-la. Como o pobre cão parecia desolado concluí que talvez estivesse ferido. Peguei-lhe nas patas e examinei-as com cuidado, mas não encontrei nenhum sintoma de ferimento. Pensei então que tivesse fome e dei-lhe um grande pedaço de presunto que devorou avidamente e depois recomeçou com o seu estranho comportamento. Imaginei então que, tal como eu, sofria com sede, e ia adotar esta conclusão como a única verdadeira, quando me lembrei que apenas lhe tinha examinado as patas e que podia muito bem estar ferido no corpo ou na cabeça. Tateei cuidadosamente a cabeça, mas não encontrei nada. Porém,

ao passar a mão pelo dorso, senti como que uma ligeira ereção do pelo que o atravessava a toda a largura. Palpando-lhe o pelo com o dedo, descobri um cordel que segui e que dava uma volta ao corpo do Tigre. Graças a um exame mais minucioso, encontrei uma pequena ligadura que me pareceu conter um papel; o cordel atravessava a ligadura e tinha sido ajustada de forma a fixá-la mesmo por baixo da espádua esquerda do animal.

3 – «Tigre» Enraivecido

Pensei imediatamente que aquele papel era uma mensagem de Augusto e que, impedido de me visitar na minha prisão devido a qualquer acidente inconcebível, tinha utilizado aquele meio para me pôr ao corrente do verdadeiro estado de coisas. Palpitando de impaciência, comecei de novo a procurar os fósforos e as velas. Lembrava-me vagamente de os ter guardado em qualquer parte, antes de adormecer, e tinha a certeza que antes da minha última expedição ao alçapão, era perfeitamente capaz de me lembrar do local preciso onde os tinha deixado. Mas agora era em vão que me esforçava por me lembrar e perdi uma boa hora numa procura inútil e irritante destes malditos objetos; estou certo que nunca me senti num estado de tão dolorosa ansiedade e incerteza. Por fim, como tateava por toda a parte, com a cabeça quase junto ao chão, perto da abertura da caixa e um pouco para fora, distingui uma espécie de luz na direção do poste. Muito espantado, esforcei-me por chegar a esta luz que parecia estar apenas a alguns pés de distância. Assim que comecei a dirigir-me para a luz, perdi-a completamente de vista, e, para a ver de novo, fui obrigado a tatear ao longo da caixa, até reencontrar a minha posição inicial. Então, movendo cuidadosamente a cabeça de um lado para o outro, descobri que avançando devagar, com a maior precaução, no sentido oposto ao que tinha seguido primeiro, podia chegar junto da luz sem a perder de vista. Quando, finalmente, lá cheguei, depois de ter seguido um caminho interrompido por numerosos

desvios, descobri que a luz provinha de alguns fragmentos dos meus fósforos espalhados num barril vazio e tombado para um lado. Surpreendi-me muito de os encontrar em semelhante local, quando a minha mão tocou em dois ou três pedaços de cera que, sem dúvida, tinham sido mastigados pelo cão. Conclui imediatamente que ele tinha devorado toda a minha provisão de velas e senti-me desesperado por não ser possível ler o bilhete de Augusto.

Os restos de cera estavam tão bem misturados com o lixo existente no barril, que desisti de os retirar e deixei-os onde estavam. Quanto aos fósforos, dos quais ainda restavam um ou dois bocados, levei-os a muito custo para a caixa, onde *Tigre* permanecera durante todo este tempo.

Na verdade, não sabia o que fazer a seguir. O porão estava tão escuro que nem sequer conseguia ver a minha mão, mesmo aproximando-a do rosto. Quanto à tira branca de papel, mal a distinguia e não era olhando-a diretamente, mas sim voltando para ela a parte exterior da retina, isto é, observando-o um pouco de viés, tornando assim os meus olhos mais sensíveis. Podem, portanto, imaginar como era negra a noite da minha prisão, e o bilhete do meu amigo, se na verdade era um bilhete dele, parecia servir apenas para aumentar a minha perturbação, atormentando sem qualquer proveito o meu pobre espírito já tão agitado e enfraquecido. Em vão, o meu cérebro inventava os mais absurdos expedientes para conseguir luz, expedientes análogos aos que um homem mergulhado no sono trémulo do ópio, teria imaginado para um fim idêntico; cada um deles parecia ao sonhador, alternadamente, como a mais razoável e a mais absurda das

invenções, conforme as luzes da razão ou as da imaginação dominam o seu espírito vacilante. Por fim, tive uma ideia, que me pareceu racional e só me admirou de uma coisa: não ter logo pensado nela. Coloquei o pedaço de papel sobre um livro e, reunindo os bocados de fósforo que tinha trazido do barril, meti-os em cima do papel; depois, com a palma da mão, esfreguei-os com força. Espalhou-se imediatamente uma luz clara por toda a superfície e, tenho a certeza, que se houvesse alguma coisa escrita no papel, não teria a menor dificuldade em lê-la. Mas não havia nem sequer uma sílaba, nada a não ser uma triste brancura; a luz apagou-se alguns segundos depois e eu senti apagar-me com ela.

Já afirmei que, durante um período precedente, o meu espírito estivera mergulhado num estado próximo da imbecilidade. Houve, é verdade, alguns intervalos de perfeita lucidez e mesmo, uma vez ou outra, de energia, mas foram pouco numerosos. Não se devem esquecer que eu respirava há vários dias a atmosfera quase pestilenta de um acanhado esconderijo num baleeiro e que, durante uma boa parte do tempo, apenas dispusera de uma quantidade de água insuficiente. Nas últimas catorze ou quinze horas, estivera totalmente privado dela, assim como de sono. Alimentos salgados, de natureza irritante, tinham sido a minha principal alimentação e, depois da perda da perna de carneiro, o meu único sustento, à exceção dos biscoitos e mesmo estes eram impossíveis de digerir, pois estavam demasiado secos e duros para a minha garganta inchada e seca. Tinha então uma febre intensa e sentia-me muito mal. Isso explicará como se passaram longas e angustiantes horas de abatimento, depois da aventura dos fósforos, antes de me lembrar que só tinha visto um dos lados do papel. Não tentarei

descrever todas as minhas sensações de raiva (porque julgo que a cólera dominava todas as outras), quando este incrível esquecimento se concretizou no meu espírito. Este descuido não teria sido tão grave se a minha loucura e petulância não o tivessem tornado quase irremediável, pois no meu desespero por não encontrar nada escrito no papel, tinha-o rasgado e deitado fora os pedaços, sabe-se lá para onde.

Consegui resolver a parte mais difícil do problema graças à sagacidade do *Tigre*. Tendo encontrado, depois de muito procurar, um pedaço do papel, coloquei-o debaixo do focinho do cão, esforçando-me por lhe explicar que ele devia trazer o resto. Para meu grande espanto, pois nunca lhe tinha ensinado nenhum dos truques habituais que dão fama aos seus semelhantes, pareceu compreender imediatamente a minha ideia e, farejando durante um bocado, encontrou um pedaço bastante grande. Entregou-mo, fez uma pequena pausa e, esfregando o focinho nas minhas mãos, parecia esperar que eu aprovasse o que tinha feito. Fiz-lhe uma festa na cabeça e ele recomeçou imediatamente a sua tarefa. Passaram-se alguns minutos, antes que regressasse, mas, por fim, trouxe-me uma larga tira que completava o papel perdido; segundo parecia, apenas o tinha rasgado em três bocados. Felizmente não me foi difícil encontrar o pouco que restava dos fósforos, guiado pela débil luz que um ou dois fragmentos emitiam. As minhas desgraças tinham-me ensinado a necessidade de ser prudente e, por isso, refleti um pouco sobre o que ia fazer. Era possível que estivesse alguma coisa escrita do lado do papel que eu tinha examinado, pensava eu, mas qual seria esse lado? A junção dos pedaços não me deu qualquer informação a este respeito e

garantia-me apenas que encontraria todas as palavras do mesmo lado (se acaso houvesse alguma coisa) e na ordem lógica por que tinham sido escritas. Verificar o ponto em questão era, indubitavelmente, uma coisa da mais absoluta necessidade, porque os fósforos não chegariam para uma terceira tentativa, se, por infelicidade, falhasse a que ia tentar. Tal como fizera antes, coloquei o papel em cima de um livro e sentei-me durante alguns minutos, meditando no problema. Por fim, pensei que era muito possível que o lado escrito estivesse assinalado com asperezas na sua superfície, as quais podiam ser detetadas através de uma verificação cuidadosa. Resolvi fazer a experiência e passei minuciosamente o dedo sobre a face do papel que se me apresentava; não senti nada e voltei o papel reajustando os pedaços. Passava o meu dedo indicador ao longo do papel, com grande precaução, quando descobri um brilho muito fraco, mas visível, que acompanhava o meu dedo. Isto não podia provir das pequenas moléculas de fósforo com que tinha esfregado o papel na minha primeira tentativa. O verso era, portanto, o lado onde tinha sido escrito, se realmente isso fosse verdade. Assim, tornei a virar o papel e meti mãos à obra, como já tinha feito. Esfreguei o fósforo e de novo se fez luz, mas desta vez algumas linhas manuscritas em grandes caracteres, que pareciam traçadas com tinta vermelha, apareceram perfeitamente visíveis. A luz, embora suficientemente brilhante, foi momentânea. No entanto, se eu não estivesse muito agitado, teria tido tempo de decifrar as três frases que se apresentavam a meus olhos, pois vi que eram três. Mas, na ânsia de ler tudo de repente, só consegui reter as sete palavras do fim, que eram: *...sangue; continue escondido, a sua vida depende disso.*

Se tivesse conseguido apreender todo o conteúdo do bilhete, o sentido completo do aviso que o meu amigo tentara fazer-me, esse aviso ter-me-ia revelado a história de um desastre horrível e indescritível, mas eu não teria, estou firmemente convencido, sentido um décimo do deprimente e indefinível terror que me inspirou aquele meio-aviso recebido desta maneira. E a palavra *sangue*, essa palavra suprema, rainha das palavras, sempre tão rica de mistério, de sofrimento e de terror, como me pareceu aumentar de significado! Como aquelas duas sílabas vagas, desligadas da série precedente de palavras que as qualificavam e as tornavam distintas, caíram pesadas e geladas nas profundas trevas da minha prisão e nas regiões mais recônditas da minha alma!

Augusto devia ter boas razões para querer que eu continuasse escondido, e elaborei mil conjeturas sobre o assunto, mas não consegui encontrar nada que me desse uma solução satisfatória do mistério. Quando regressara da minha última viagem ao alçapão e antes do estranho comportamento do *Tigre* me ter chamado a atenção, tinha decidido fazer-me ouvir, utilizando todos os meios, pelos marinheiros ou, se não o conseguisse, tentar abrir um caminho através dos bailéus do porão. A certeza que eu tinha de ser capaz de realizar completamente uma destas empresas, tinha-me dado a coragem (que de outro modo não teria) para suportar os reveses da minha situação. E eis que as poucas palavras que acabara de ler me destruíam estes dois recursos extremos! Então, pela primeira vez, senti toda a miséria do meu destino. No paroxismo do desespero, atirei-me para o colchão, onde fiquei estendido mais ou menos um dia e uma noite, numa espécie de torpor, intervalado com alguns instantes de lucidez e memória.

Com o tempo, levantei-me mais uma vez e ocupei-me a refletir sobre os horrores que me cercavam. Talvez conseguisse viver mais vinte e quatro horas sem água, porém mais tempo era impossível. Durante o primeiro período da minha reclusão, tinha utilizado livremente os licores que Augusto me deixara, mas eles apenas tinham servido para excitar a minha febre, sem nada aplacarem a minha sede. Agora só me restava um quarto de pinto de uma espécie de licor feito de caroços de frutos, muito forte e muito desagradável. Os salpicões tinham acabado, do presunto restava apenas um pedaço de courato e exceto algum resto de biscoito, tudo o mais tinha sido devorado pelo *Tigre*. Para agravar a minha angústia, sentia que a minha dor de cabeça aumentava cada vez mais, sempre acompanhada por aquela espécie de delírio, que me atormentava com maior ou menor intensidade, desde o primeiro desmaio. Há já algumas horas que respirava com grande dificuldade e, agora, cada esforço de respiração era seguido por um movimento espasmódico do peito que muito me alarmava. Mas ainda tinha outra razão completamente diferente para me inquietar, e eram os fatigantes terrores dela resultantes que me arrancavam do meu torpor e me impeliam a soerguer-me no colchão. Essa inquietação vinha-me do comportamento do cão.

Tinha observado uma alteração na sua maneira de ser, enquanto esfregava o fósforo no papel a quando da minha primeira tentativa. Precisamente quando esfregava, encostara o focinho na minha mão com um ligeiro rosnar; mas, naquele momento, estava demasiado ocupado, para dar grande atenção àquele pormenor. Pouco depois, se bem se lembram, atirei-me para cima do colchão e caí numa espécie de letargia. Apercebi-me então de um estranho

silvar junto do meu ouvido e descobri que esse ruído provinha do *Tigre*, que bufava e respirava, como se estivesse possuído por uma grande agitação, e cujos olhos brilhavam furiosamente no meio da escuridão. Falei-lhe e ele respondeu-me com um rosar surdo, depois do que ficou tranquilo. Tomei a cair no meu torpor para de novo ser despertado pelo mesmo motivo. Isto repetiu-se três ou quatro vezes e, por fim, a sua conduta causou-me tanto medo que me senti completamente acordado. Estava então deitado contra a abertura da caixa, rosnando num tom horrível, embora baixo e surdo, e arreganhando os dentes como se estivesse atormentado por fortes convulsões.

Não duvidava que a privação de água e a atmosfera viciada do porão o tinham enraivecido, e não sabia o que fazer. Não suportava a ideia de o matar e, no entanto, isso parecia-me absolutamente necessário para salvar a minha própria vida. Distinguia perfeitamente os seus olhos fixos em mim com uma expressão de animosidade mortal e pensava que ele me atacaria a qualquer momento. Por fim, senti que não podia suportar por mais tempo aquela horrível situação e resolvi sair da caixa a todo o custo e acabar com ele, se uma oposição da sua parte me obrigasse a esse extremo. Para fugir, precisava de passar diretamente sobre o seu corpo e dir-se-ia que já pressentia as minhas intenções, pois levantou-se sobre as patas dianteiras, o que deduzi pela mudança de posição dos seus olhos, e mostrou a fila das suas presas brancas, que eu podia distinguir perfeitamente. Peguei nos restos do courato do presunto e na garrafa que continha o licor, apertando-os bem contra o meu corpo, e na grande faca de cozinha que Augusto me tinha deixado; depois, envolvendo-me no meu

casaco, o melhor possível, avancei em direção à abertura. Assim que fiz um movimento, o cão, soltando um uivo terrível, atirou-se à minha garganta. O enorme peso do seu corpo atingiu-me no ombro e eu caí violentamente sobre a esquerda, enquanto o animal enraivecido passava por cima de mim. Tinha caído de joelhos, com a cabeça mergulhada nas mantas, o que me protegia contra os perigos de um segundo ataque igualmente furioso, pois sentia os dentes agudos que apertavam com força os panos que me cobriam o pescoço e que, felizmente não conseguiam penetrar no tecido. Encontrava-me então debaixo do animal e em breve estaria completamente em seu poder. O desespero deu-me forças: levantei-me de repente, atirando com o cão para longe de mim, com a simples energia do meu movimento e puxando as mantas do colchão. Atirei-as para cima dele e, antes que tivesse tempo de se livrar delas, alcancei a porta, que fechei, para o impedir de me seguir. Mas nesta batalha, tinha sido obrigado a abandonar o bocado de courato do presunto, restando-me apenas como provisão, o quarto de pinto de licor. Quando pensei nisto, senti-me atacado por um desses ataques de perversidade, habituais nas crianças mimadas em casos semelhantes e, levando a garrafa aos lábios, esvaziei-a até à última gota e depois parti-a com fúria a meus pés.

Assim que o eco do vidro estilhaçado se desvaneceu, ouvi o meu nome pronunciado por uma voz inquieta e abafada na direção dos alojamentos da tripulação. Era um incidente tão inesperado e causou-me tanta emoção que não consegui responder. Tinha perdido completamente a faculdade de falar e, torturado pelo receio de que o meu amigo me julgasse morto e se fosse embora

sem tentar encontrar-me, mantinha-me de pé, entre as caixas, perto da porta do meu esconderijo, tremendo convulsivamente, de boca aberta e lutando por recuperar a fala. Ainda que mil mundos dependessem de uma única palavra, eu não teria conseguido pronunciá-la. Ouvi então como que um ligeiro movimento através do porão, um pouco adiante do local onde me encontrava. E depois o som tornou-se menos audível... mais ainda... enfraquecendo cada vez mais. Poderei alguma vez esquecer o que senti? Ele ia-se embora... o meu amigo, o meu companheiro, de quem tanto esperava! Afastava-se... ia abandonar-me... ia-se embora! Ia deixar-me morrer miseravelmente, expirar na mais horrível e asquerosa prisão... e uma palavra, uma única palavra, podia salvar-me!... mas essa palavra não era capaz de a articular! Senti, tenho a certeza, mais de dez mil vezes as torturas da morte. A cabeça começou a andar à volta e eu caí, possuído por uma fraqueza mortal, contra a extremidade da caixa.

Quando caí, a faca de cozinha saltou-me do cinto das calças e rolou pelo chão com um ruído metálico. Não, nunca tinha ouvido uma música tão deliciosa e doce! Pus-me à escuta para verificar o efeito do ruído sobre Augusto, porque sabia que só podia ser ele quem pronunciava o meu nome. Tudo ficou em silêncio durante alguns instantes, mas depois ouvi de novo a palavra *Artur!* repetida várias vezes em voz baixa e hesitante. A esperança que renascia libertou de repente a minha fala presa e gritei com toda a força:

— Augusto! Oh, Augusto!

— Shiu! Por amor de Deus, cale-se! — respondeu uma voz trémula de agitação. — Já vou ter consigo... assim que consiga abrir caminho através do porão.

Ouvi-o remexer durante muito tempo e cada instante parecia-me um século. Por fim, senti a sua mão sobre o meu ombro e ao mesmo tempo levava-me uma garrafa de água aos lábios. Só aqueles que foram, de súbito, arrancados às garras da morte, ou que conheceram as torturas insuportáveis da sede, em circunstâncias tão complicadas como as que me afligiam na minha lúgubre prisão, podem imaginar as inefáveis delícias que me proporcionou aquela boa golada, bebida com lentidão, mas de um só trago, desse líquido requintado, o mais perfeito de todos.

Depois de ter saciado a minha sede, Augusto tirou do bolso três ou quatro batatas cozidas e frias, que devorei com a maior avidez. Trouxera também uma lanterna e os deliciosos raios de luz que emitia não me causavam menos alegria do que a comida e a bebida. Mas eu estava impaciente por saber a causa da sua ausência prolongada e ele começou a contar-me o que se tinha passado a bordo durante o meu cativeiro.

4 — Revolta e Massacre

O brigue tinha-se feito ao mar, tal como eu calculara, mais ou menos uma hora depois de Augusto me ter deixado o relógio. Estávamos então a 20 de junho. Devem lembrar-se que já estava no meu esconderijo há três dias. Durante todo este tempo tinha havido tanta balbúrdia a bordo, tanto vai e vem, principalmente nos alojamentos dos oficiais, que ele não pôde ir visitar-me sem correr o risco de revelar o segredo do alçapão. Quando, por fim, desceu, eu afirmei-lhe que tudo corria o melhor possível; nos dois dias que se seguiram, não senti, portanto, grande preocupação a meu respeito, embora continuasse sempre a espreitar uma oportunidade para descer. *Mas só foi ao quarto dia* que tal aconteceu. Durante este período senti, várias vezes, desejo de confessar aquela aventura ao pai e de me mandar subir, mas ainda estávamos nas proximidades de Nantucket e era de recear, atendendo a algumas palavras que ouvira ao capitão Barnard, que retrocedesse, se descobrisse que eu estava a bordo.

Além disso, vendo bem as coisas, Augusto, segundo me disse, não podia imaginar que eu precisasse de auxílio urgente ou que hesitasse, num caso destes, em chamar através do alçapão. Portanto, e pensando bem, decidi deixar-me esperar, até ter oportunidade de me visitar sem ser visto. Isso, como já disse, só aconteceu no quarto dia, depois de me ter trazido o relógio e no sétimo após a minha instalação na caixa. Então desceu, sem levar consigo água e provisões, pois tencionava apenas chamar-me a

atenção para que fosse ter com ele ao alçapão, onde me entregaria tudo o que necessitasse. Quando desceu com este fim, apercebeu-se de que eu dormia, pois parece que eu ressonava muito. Segundo as minhas conjeturas sobre o assunto, deve ter sido o maldito desmaio em que caí depois de ir buscar o relógio ao alçapão, sono que deve ter durado, pelo menos, *mais de três dias e três noites*. Recentemente, vim a saber, por experiência própria e por testemunhos de outros, dos poderosos efeitos soporíferos dos vapores de óleo rançoso de peixe, quando num recinto fechado; e, quando penso no estado do porão onde estava encerrado, e no longo espaço de tempo durante o qual o brigue serviu de baleeiro, fico surpreendido por ter acordado, uma vez mergulhado naquele perigoso sono, por ter dormido sem interrupção durante todo aquele tempo.

Augusto chamou-me, primeiro em voz baixa e sem fechar o alçapão, mas não obtive qualquer resposta; fechou depois o alçapão e falou-me num tom mais alto, e ainda mais alto, mas eu continuava a rressonar. Precisava de algum tempo para atravessar toda a confusão do porão e chegar ao meu esconderijo e, durante esse espaço, a sua ausência podia ser notada pelo capitão Barnard, que necessitava dos seus serviços a todo o instante para pôr em ordem e transcrever papéis relativos ao objetivo da viagem. Depois de refletir, decidi, portanto, subir e aguardar outra ocasião para me visitar. Contribuindo ainda mais para esta resolução, foi o facto de o meu sono parecer sereno, não podendo ele supor que eu estivesse a sofrer qualquer perturbação por estar fechado. Acabara de fazer estas reflexões, quando a sua atenção foi atraída por um tumulto, completamente insólito, que parecia partir da cabina.

Correu para o alçapão o mais depressa possível, fechou-o e abriu a porta do quarto. Mal tinha posto o pé de fora, uma bala passou-lhe a rasar a cabeça, e ele caiu sob um golpe de pé de cabra.

Uma mão vigorosa mantinha-o deitado no chão do camarote, ao mesmo tempo que lhe apertava vigorosamente o pescoço; porém, podia ver o que se passava à sua volta. O pai, atado de mãos e pés, estava estendido ao longo dos degraus da escada da cabina, de cabeça para baixo, com um profundo ferimento na testa, donde o sangue corria incessantemente como um rio. Não falava e tinha um ar moribundo. O imediato debruçava-se sobre ele, olhando com uma expressão de troça enquanto lhe revistava calmamente os bolsos, donde tirou uma carteira e um cronómetro. Sete homens da tripulação, entre os quais o cozinheiro negro, revistaram as cabinas de bombordo à procura de armas, e em breve estavam munidos de espingardas e de pólvora. Excluindo Augusto e o capitão, havia, ao todo, nove homens no quarto, os mais insignes patifes de toda a tripulação. Os bandidos subiram então à coberta, levando o meu amigo com eles, depois de lhe terem atado as mãos atrás das costas. Dirigiram-se para o castelo da proa, colocando-se dois dos amotinados, armados de machados, de cada um dos lados e dois outros junto da escotilha grande. O imediato gritou:

— Estão a ouvir, ai em baixo? Vamos a subir à coberta! Um a um, entendem! E nada de refilar!

Passaram alguns minutos antes que alguém ousasse mostrar-se, mas, por fim, um inglês que embarcara como grumete, subiu a chorar e suplicando ao imediato, da maneira mais humilde, que lhe poupasse a vida.

A única resposta à sua súplica foi uma machadada na cabeça. O pobre rapaz rolou pela coberta, sem soltar um gemido, e o cozinheiro negro pegou nele, como teria feito a uma criança, e atirou-o tranquilamente à água. Depois de terem ouvido a pancada e a queda do corpo, os homens que continuavam em baixo, recusaram-se terminantemente a subir; promessas e ameaças, tudo foi inútil, quando, por fim, alguém propôs encher o castelo de fumo. Foi uma grande confusão e, por instantes, poderia pensar-se que o brigue ia ser reconquistado, mas os amotinados conseguiram fechar solidamente o castelo da proa e só seis dos seus adversários puderam chegar à coberta. Estes seis, vendo-se perante forças tão desiguais e completamente privados de armas, renderam-se após uma luta muito curta. O imediato dirigiu-lhes boas palavras, sem dúvida para levar os que ainda estavam em baixo a submeterem-se, pois podiam ouvir com facilidade tudo o que se dizia na coberta. O resultado do estratagema provou a sua sagacidade assim como a sua perversidade diabólica. Todos os homens aprisionados no castelo da proa manifestaram, então, a sua intenção de se renderem, e subindo um a um, foram amarrados e atirados para junto dos outros seis prisioneiros, ao todo vinte e sete homens da tripulação que não tinham participado na revolta.

Seguiu-se uma horrível carnificina. Os marinheiros amarrados foram arrastados para a passagem a meia-nau, onde o cozinheiro se encontrava empunhando um machado, que atingia cada uma das vítimas que depois eram lançadas ao mar pelos outros bandidos.

Pereceram vinte e dois desta forma e Augusto já se considerava perdido, receando que chegasse a sua vez. Mas parece que os miseráveis estavam ou demasiado cansados ou talvez um

pouco repugnados com a sua sangrenta tarefa, porque os quatro últimos prisioneiros, entre os quais se encontrava o meu amigo, que tinha sido lançado para a coberta com os outros, foram poupados, de momento, enquanto o imediato mandava buscar rum e todo o bando de assassinos começava uma festa de bêbados que durou até ao pôr do sol. Começaram então a discutir sobre a sorte dos sobreviventes, que estavam deitados a cerca de quatro passos deles e que não perdiam uma palavra da discussão. Em alguns dos amotinados, o vinho parecia ter produzido um efeito calmante, pois elevaram-se algumas vozes pedindo a libertação dos prisioneiros, sob a condição de eles aderirem à revolta e de aceitarem a sua parte dos lucros.

No entanto, o cozinheiro negro, que sob todos os pontos de vista era um verdadeiro demónio e que parecia ter tanta se não mais influência do que o imediato, não queria ouvir falar de nenhuma proposta deste género e levantava-se constantemente para ir retomar a sua tarefa de carrasco. Felizmente, estava tão fraco devido à embriaguez, que podia ser detido pelos menos sanguinários do grupo, entre os quais se encontrava um contramestre, conhecido pelo nome de Dirk Peters. Este homem era filho de uma índia, da tribo dos Upsarokas, que ocupa as fortalezas naturais das Montanhas Negras, perto da nascente do rio Missouri. O pai, segundo penso, era um comerciante de peles, ou pelo menos tinha relações com os centros comerciais dos índios ao longo do rio Lewis. Quanto a Peters era um homem com o aspeto mais feroz que jamais vi. Era baixo, não tendo mais de quatro pés e oito polegadas de altura, mas os seus membros eram moldados de matéria hercúlea, sobretudo as mãos que eram tão

monstruosamente largas e grossas que não pareciam humanas. Os braços, tal como as pernas, eram arqueados da maneira mais estranha e não pareciam dotados de sensibilidade. A cabeça também era disforme, de um tamanho prodigioso, com uma protuberância no alto, como têm muitos negros, e completamente calva. Para disfarçar este último defeito usava uma peruca feita da primeira pele que tinha à mão, por vezes a pele de um cão ou de um urso pardo da América. Naquela altura, trazia um pedaço de pele destes ursos, o que lhe aumentava a ferocidade natural da sua fisionomia, que ainda mantinha traços da raça Upsaroka. A boca ia quase de orelha a orelha; os lábios eram finos e pareciam, como outras partes do seu corpo, totalmente desprovidos de elasticidade, de forma que a sua expressão dominante nunca era alterada pela influência de nenhuma emoção. Imaginarão essa expressão se pensarem nuns dentes longos e proeminentes, que os lábios não cobriam, mesmo parcialmente. Olhando-o de forma negligente, poder-se-ia julgar que estava a rir, mas examinando-o com mais cuidado logo se verificaria que, se essa expressão fosse um sintoma de alegria, só podia ser uma alegria demoníaca. Circulavam entre os marinheiros de Nantucket numerosas anedotas sobre ele, e todas tendiam a provar a sua força prodigiosa, quando estava excitado ou quando duvidavam da sua sanidade mental. Mas, segundo parece, a bordo do *Grampus* era, no momento da revolta, considerado como um objete de troça.

Se me alonguei um pouco a falar de Dirk Peters, é porque, apesar de toda a sua aparente ferocidade, se transformou no principal instrumento de salvação de Augusto e porque terei oportunidade de falar de novo sobre ele ao longo do meu relato, o

qual na última parte, se me permitem dizê-lo, conterà incidentes tão completamente fora do registo da experiência humana e tão inacreditáveis que só prossigo desesperado por pensar que ninguém acreditará no que digo, e por crer que, com o tempo e o progresso da ciência se confirmarão algumas das minhas afirmações mais importantes.

Depois de muita indecisão e de duas ou três disputas violentas, decidiram, enfim, que todos os prisioneiros, exceto Augusto que Peters insistia, de uma maneira cómica, em guardar para seu secretário, seriam abandonados à deriva num dos botes mais pequenos da pesca da baleia. O imediato desceu ao camarote para ver se o capitão Barnard ainda estava vivo, pois, se bem se lembram, quando os revoltosos subiram para a coberta, deixaram-no em baixo. Pouco depois, reapareceram os dois, o capitão pálido como a morte, mas um pouco refeito dos efeitos do ferimento. Falou aos homens com uma voz quase impercetível, suplicando-lhes que não o abandonassem à deriva e que regressassem aos seus postos, prometendo-lhes desembarcá-los onde quisessem e não fazer nada para os entregar à justiça.

Foi o mesmo que parlamentar com o vento. Dois dos patifes, pegaram nele e atiraram-no para a embarcação que tinha sido preparada, enquanto o imediato descia ao camarote. Os quatro homens que estavam deitados na coberta foram então desamarrados e receberam ordem para descer, o que fizeram sem tentar a mínima resistência. Augusto continuava na sua dolorosa posição, embora se agitasse e implorasse a pobre consolação de se despedir do pai. Um punhado de biscoitos e um cântaro de água foram lançados aos infelizes, mas não lhes deram mastro, vela,

remos ou bússola. Depois o bote foi rebocado pelo baleeiro durante alguns minutos, enquanto os revoltosos conferenciavam de novo, e por fim deixado à deriva. Entretanto, tinha-se feito noite, não se vendo nem as estrelas nem a lua, e o mar agitara-se um pouco, mas o vento não era forte. Em breve o bote desapareceu de vista e poucas esperanças havia sobre a sorte dos infelizes que transportava.

Este incidente passou-se a 35° e 30' de latitude Norte e 61° 20' de longitude Oeste, por consequência a pouca distância das Bermudas. Augusto esforçou-se, por isso, em consolar-se, pensando que talvez o bote conseguisse alcançar terra ou que se aproximasse o suficiente para ser notado por algum navio costeiro.

Foram desfraldadas todas as velas e o brigue continuou a sua rota para Sudoeste, pois os amotinados tinham em vista uma ação de pirataria. Tratava-se, tanto quanto Augusto conseguira compreender, de surpreender e abordar um navio que devia fazer rota das ilhas de Cabo Verde para Porto Rico. Não prestaram grande atenção a Augusto, que foi desamarrado e que podia correr o navio livremente. Dirk Peters tratava-o com certa bondade e tinha-o mesmo salvo da brutalidade do cozinheiro. Porém, a sua posição era das mais tristes e difíceis, porque os homens estavam sempre bêbados e não podia fiar-se na boa ou má disposição dos marinheiros em relação a ele. No entanto, disse-me que o que mais o preocupava era a minha situação e, na verdade, não tenho qualquer motivo para duvidar da sua sinceridade e amizade. Resolvera mais de uma vez revelar aos amotinados o segredo da minha presença a bordo, mas recuara sempre lembrando-se das atrocidades que vira cometer e esperando poder, em breve,

socorrer-me. Para conseguir concretizar o seu plano, Augusto espreitava todas as ocasiões, mas, devido à grande vigilância que exerciam sobre ele, só passados três dias de terem abandonado o bote surgiu uma oportunidade. Na noite do terceiro dia, levantou-se vento forte de Leste e todos os homens estavam ocupados a recolher as velas. Graças à confusão que se seguiu, pôde descer até ao seu quarto, sem ser visto. Porém, qual não foi a sua surpresa e desgosto, ao descobrir que tinham feito do local um depósito de provisões e de parte do material de bordo, e que grande quantidade de correntes velhas, inicialmente arrumadas sob a escada do camarote, tinham sido retiradas para dar lugar a uma caixa e estavam agora precisamente sobre o alçapão. Tirá-las sem ser descoberto, era algo impossível e, por isso, subiu à cobertura o mais depressa que pôde.

Quando ia a chegar, o imediato apanhou-o e perguntou-lhe o que é que ele tinha ido fazer à cabina. Estava prestes a lançar o meu amigo ao mar, quando Dirk Peters interveio, salvando-lhe, mais uma vez, a vida. Puseram-lhe então algemas (havia vários pares a bordo) e ataram-lhe firmemente os pés. Depois, levaram-no para o alojamento da tripulação, e atiraram-no para um dos catres inferiores, encostado ao compartimento estanque do castelo da proa, dizendo-lhe que ele só poria os pés na cobertura *quando o brigue já não fosse um brigue*. Foram estas as palavras do cozinheiro que o atirou para o catre, mas é impossível saber qual seria o seu significado.

Contudo, a aventura tinha finalmente tomado uma feição a meu favor, como irão ver a seguir.

5 — A Carta de Sangue

Depois do cozinheiro ter deixado o castelo da proa, Augusto entregou-se ao desespero durante alguns minutos, julgando que nunca sairia vivo do seu catre. Decidiu então falar, ao primeiro homem que aparecesse, sobre a minha presença, pensando que era melhor dar-me a oportunidade de tentar a minha sorte junto dos amotinados do que morrer de sede na caixa, porque já há dez dias que eu estava enclausurado e a minha provisão de água mal chegava para quatro dias. Ao refletir sobre isto, ocorreu-lhe a ideia que talvez conseguisse comunicar comigo através do porão grande. Noutras circunstâncias, as dificuldades e os perigos da empresa tê-lo-iam feito desistir, mas, naquele momento, tinha poucas esperanças de viver e conseqüentemente pouco a perder; aplicou-se, portanto de alma e coração a esta nova tentativa.

As algemas eram o primeiro problema a resolver. A princípio, não descobriu nenhuma maneira de se desembaraçar delas e receou fracassar logo no início, mas um exame mais atento, revelou-lhe que ele podia, sem muito esforço ou inconveniente, comprimir as mãos e fazê-las deslizar para fora dos ferros, pois aquele género de algemas não eram adequadas para prender as mãos de um jovem, cujos ossos pequenos cedem mais facilmente à pressão. Desamarrou depois os pés, deixando a corda de maneira a poder ajustá-la com facilidade, no caso de aparecer alguém, e começou a examinar o tabique no sítio onde confinava com o catre. A separação era feita por uma tábuia de abeto macio e verificou que

não teria grande dificuldade em abrir caminho por ali. Ouviu-se então uma voz no cimo da escada do castelo de proa e ele mal teve tempo para introduzir a mão direita na algema, pois a esquerda ainda estava presa, e de apertar a corda com um nó corredio à volta dos artelhos. Era Dirk Peters que descia, seguido pelo *Tigre*, que saltou imediatamente para o catre e aí se enroscou. O cão tinha sido trazido para bordo por Augusto, que, conhecendo a minha afeição pelo animal, pensara que me seria agradável tê-lo junto de mim durante a viagem. Tinha ido buscá-lo a minha casa, imediatamente a seguir a ter-me conduzido para o porão, mas não se lembrara de mo dizer, quando me foi entregar o relógio.

Depois da revolta, era a primeira vez que Augusto o via, aparecendo ao lado de Dirk Peters, pois julgava o animal perdido, talvez lançado borda fora por algum dos patifes que constituíam o bando do imediato. Parece que se tinha metido num buraco debaixo de uma baleeria, donde não conseguia sair por falta de espaço para se virar. Foi Peters que o libertou e, com uma espécie de bom sentimento que o meu amigo soube apreciar, conduziu-o ao castelo da proa para lhe fazer companhia, ao mesmo tempo que lhe deixava um bocado de carne salgada, algumas batatas e um pote com água. Em seguida regressou à coberta, prometendo-lhe voltar no dia seguinte com mais comida.

Quando se foi embora, Augusto libertou as mãos das algemas, desatou os pés e baixou a cabeceira do colchão, onde estava deitado; com o canivete, pois os malandrins julgaram desnecessário revistá-lo, começou a escavar uma das tábuas do tabique, o mais junto ao chão possível. Escolheu aquele local, porque, se fosse interrompido de repente, podia esconder a tarefa iniciada,

deixando, muito simplesmente, cair o colchão para a sua posição inicial. Mas, durante o resto do dia não foi perturbado e, à noite, já tinha cortado a tábua. É preciso notarem que os tripulantes apenas se serviam do castelo da proa para repouso e que, depois da revolta, tinham-se instalado no camarote da ré, bebendo e comendo das provisões do capitão Barnard e prestando ao barco a atenção mínima para que pudesse navegar.

Estas circunstâncias foram a sorte de Augusto e a minha, pois de outra forma ter-lhe-ia sido impossível chegar até mim. Nesta conjuntura prosseguiu o seu projeto com confiança. No entanto, amanheceu e ele ainda não tinha terminado a segunda parte da sua tarefa, ou seja abrir um buraco com cerca de um pé, acima do primeiro, de forma a fazer uma abertura suficientemente larga para ele passar com facilidade para os bailéus do porão. Uma vez aí chegado, alcançou, sem grande dificuldade a escotilha grande inferior, embora tivesse de saltar por cima de pilhas de barricas de óleo, arrumadas de tal maneira que o seu corpo só a custo cabia entre elas. Quando chegou à escotilha verificou que o *Tigre* o tinha seguido, esgueirando-se entre duas filas de barricas. Mas já era muito tarde para tentar chegar junto de mim antes de ser manhã clara, pois ainda tinha de passar através da barafunda do segundo porão.

Decidiu, portanto, subir e esperar até à noite. Com esse propósito levantou a escotilha, pois assim economizaria tempo quando voltasse. Assim que a levantou, *Tigre* saltou pela abertura, farejou com impaciência e depois soltou um longo gemido, esgravatando com as patas como se quisesse arrancar o alçapão. Era evidente, pela sua conduta, que tinha consciência da minha

presença no porão, e Augusto pensou que o animal podia ir até junto de mim se o deixasse descer. Lembrou-se então do expediente do bilhete, pois, antes de tudo, era de desejar que eu não fizesse nenhuma tentativa para sair do meu esconderijo, pelo menos nas circunstâncias presentes e, além disso, não tinha a certeza de ir ter comigo no dia seguinte, como tencionava fazer. Os acontecimentos que se seguiram provaram quão feliz tinha sido aquela ideia, pois se não tivesse recebido o bilhete, não há dúvida que eu teria tentado qualquer plano para dar o alarme à tripulação, e a consequência teria sido, muito provavelmente, a imolação das nossas existências.

Resolvido, portanto, a escrever tinha agora que arranjar meios para o fazer. Um velho palito dos dentes foi rapidamente transformado em pena, o que fez quase pelo tato, pois no local estava escuro como breu. Uma folha de carta forneceu-lhe o papel necessário (era uma cópia da carta falsa que escrevera para o senhor Ross; era a primeira tentativa, pois Augusto não achou a letra bem imitada e escreveu outra, guardando, por sorte, a primeira no bolso do casaco, onde acabava de a encontrar). Só faltava a tinta, mas ele encontrou rapidamente um substituto, fazendo uma leve incisão com o canivete na ponta do dedo, junto à unha; jorrou então um jato de sangue suficiente, como acontece sempre que há um ferimento naquele local. Escreveu o bilhete o mais legivelmente possível, atendendo à escuridão e às circunstâncias. O bilhete explicava-me de forma breve que tinha havido um motim a bordo, que o capitão tinha sido abandonado ao largo, que eu podia contar com um socorro imediato quanto a provisões, mas que não devia arriscar-me em dar sinal de vida. A

missiva concluía com estas palavras: *Escrevo com o meu sangue; continue escondido, a sua vida depende disso.*

Uma vez atada a folha de papel ao cão, Augusto largou-o através da escotilha e regressou pelo mesmo caminho ao castelo da proa, onde não encontrou qualquer indício de que alguém da tripulação lá estivesse estado durante a sua ausência. Para esconder a abertura do tabique espetou o canivete na madeira e pendurou-lhe uma tosca blusa de marinheiro que tinha encontrado no catre. Depois, tornou a pôr as algemas e reajustou a corda à volta dos artelhos.

Mal tinha acabado estes preparativos, apareceu Dirk Peters, muito embriagado, mas muito bem humorado, trazendo ao meu amigo a ração do dia, que consistia numa dúzia de grandes batatas irlandesas assadas e num cântaro de água. Sentou-se durante algum tempo num baú, ao lado do catre, e pôs-se a falar livremente do imediato e de tudo o que se passava a bordo. Os seus gestos eram extremamente estranhos, até grotescos e, a certa altura, Augusto sentiu-se alarmado com a sua conduta. Porém, acabou por subir à coberta, murmurando qualquer coisa, como uma promessa de no dia seguinte trazer ao prisioneiro um bom jantar.

Durante o dia, dois tripulantes, dois arpoadores, desceram acompanhados pelo cozinheiro, todos num estado extremo de embriaguez. Tal como Peters, não tiveram qualquer escrúpulo em falar à vontade dos seus projetos. Parece que estavam todos muito divididos entre si relativamente ao objetivo final da viagem, estando de acordo apenas num ponto, ou seja o ataque contra o navio que vinha das ilhas de Cabo Verde e que esperavam encontrar a todo o momento. Tanto quanto conseguiu perceber, a

revolta não tinha estalado apenas pelo desejo do saque, mas também e principalmente devido a uma disputa particular entre o imediato e o capitão Barnard. Parecia existir agora dois grupos a bordo, bem opostos: um chefiado pelo imediato e o outro pelo cozinheiro. O primeiro queria apresar o primeiro navio que avistassem e equipá-lo numa ilha das Antilhas para se dedicarem à pirataria. A segunda facção, que era a mais forte e incluía Dirk Peters entre os seus partidários, pretendia seguir a rota primitivamente traçada para o brigue em direção ao Pacífico Sul, onde se dedicariam à pesca da baleia ou ao que as circunstâncias determinassem.

As descrições de Peters, que frequentemente visitara aquelas paragens, pareciam ter muito crédito junto dos amotinados, que oscilavam e hesitavam entre várias ideias mal concebidas de lucro e prazer. Falava-lhes sobretudo de um mundo de novidades e divertimentos que iriam encontrar nas inúmeras ilhas do Pacífico, da perfeita segurança e total liberdade de que se goza naquelas regiões, e de uma forma ainda mais especial das delícias do clima, dos abundantes recursos para se levar uma vida regalada e da voluptuosa beleza das mulheres. Até ao momento ainda nada tinha sido decidido, mas as pinturas do contramestre mestiço impressionavam as ardentes imaginações dos marinheiros e havia grandes possibilidades de o seu plano se realizar.

Os três homens retiraram-se passada uma hora e, durante o resto do dia, mais ninguém desceu ao castelo da proa. Augusto manteve-se quieto até ao cair da noite, altura em que se desembaraçou das algemas e da corda e se preparou para nova tentativa. Encontrou uma garrafa, num dos catres, e encheu-a com

a água do cântaro deixado por Peters e depois encheu os bolsos com as batatas. Para sua grande alegria, encontrou também uma lanterna com um bocado de vela, que podia acender quando fosse preciso, pois tinha uma caixa de fósforos.

Quando já era noite, deslizou pela abertura do tabique, mas antes teve a precaução de arranjar as mantas de maneira a simular um homem deitado. Depois de ter passado, pendurou novamente a blusa no canivete para esconder a abertura, manobra que executou facilmente, ajustando a seguir a tábuca. Encontrava-se então nos bailéus do porão e continuou o seu caminho, como já tinha feito, até à escotilha principal por entre as barricas de óleo. Aí chegado acendeu a vela e desceu às apalpadelas e a muito custo, através da carga compacta do porão. Passados instantes alarmou-se com a atmosfera pesada e o seu cheiro insuportável. Não julgava possível que eu tivesse sobrevivido a um cativeiro tão longo, obrigado a respirar um ar tão sufocante. Chamou-me várias vezes pelo nome, mas eu não respondi e as suas apreensões pareciam confirmar-se. O brigue oscilava furiosamente e, por consequência, havia tanto barulho, que era inútil tentar ouvir o ruído fraco da minha respiração ou o meu ressonar. Acendeu a lanterna e, cada vez que encontrava espaço suficiente, levantava-a o mais possível, com o objetivo de me enviar um pouco de luz e me dar a entender, se eu ainda vivesse, que o auxílio se aproximava. No entanto, eu não dava qualquer sinal de vida e a ideia que eu tinha morrido começou a transformar-se numa certeza, mas, mesmo assim, decidi tentar abrir passagem até à minha caixa, para ao menos verificar de forma inequívoca os seus sinistros receios. Avançou durante algum tempo, num horrível estado de ansiedade, até encontrar o caminho

completamente impedido, impossibilitando-o de dar mais um passo. Vencido pelo desespero, deixou-se cair num monte de objetos e desatou a chorar como uma criança. Foi nesse instante que ouviu a garrafa que eu parti, a estilhaçar-se. Mil vezes abençoado, na verdade, foi este incidente, por mais trivial que ele pareça, que me salvou a vida. Porém, passaram-se vários anos, antes de eu saber a verdade dos acontecimentos. Uma vergonha natural e o remorso da sua fraqueza e indecisão impediram Augusto de me confessar imediatamente, o que uma amizade mais profunda e sem reservas lhe permitiu revelar mais tarde. Ao encontrar o caminho do porão barrado por obstáculos que não conseguia transpor, tinha decidido renunciar à sua empresa e regressar apressadamente ao castelo da proa. Antes de o condenarem pela sua decisão, devem tomar em consideração as circunstâncias atenuantes que o rodeavam. A noite avançava rapidamente e a sua ausência no castelo da proa podia ser notada, o que certamente aconteceria se não regressasse antes do nascer do dia. A vela estava prestes a acabar e teria as maiores dificuldades em encontrar o caminho de regresso à escotilha no meio da escuridão. Além disso, concordarão que ele tinha todas as razões possíveis para me julgar morto e nesse caso eu não teria qualquer proveito se ele chegasse à caixa, enquanto ele enfrentaria inutilmente uma série de perigos. Tinha-me chamado várias vezes e eu não tinha respondido. Tinha passado onze dias e onze noites só com a água contida no cântaro que ele me tinha deixado, provisão que eu certamente não teria poupado no início da reclusão, altura em que esperava uma libertação rápida. Por outro lado, a atmosfera do porão devia parecer-lhe, a ele que vinha de um ar comparativamente mais puro do castelo da proa, de uma natureza

envenenada e muito mais intolerável do que a mim próprio me parecera quando me instalei pela primeira vez no meu esconderijo pois as escotilhas estavam abertas há vários meses. Acrescentem a estas considerações a cena de horror e de efusão de sangue que o meu amigo testemunhara pouco antes a sua reclusão, as suas privações, a morte que via tão perto a sua vida que apenas devia a um pacto tão frágil como equívoco, circunstâncias estas capazes de abater toda a energia moral, e serão facilmente levados a considerar, como eu próprio o fiz, a sua aparente falta de amizade e de fidelidade com um sentimento mais de tristeza do que de indignação.

O barulho da garrafa tinha sido ouvido por Augusto que, no entanto, não tinha a certeza se aquele ruído provinha do porão. Porém, a dúvida, foi o suficiente para o encorajar. Trepou pela carga, quase até ao teto e, aproveitando um intervalo no baloiçar do barco, chamou-me com quanta força tinha, sem se importar em ser ouvido pela tripulação. Devem lembrar-se que a sua voz chegou até mim, mas que eu estava dominado por uma grande agitação, sentindo-me incapaz de responder. Convencido de que o seu horrível receio era mais do que fundamentado, desceu com a intenção de regressar ao castelo da ponte, sem perder mais tempo. Na sua precipitação, arrastou consigo algumas caixas pequenas, cujo ruído, se se lembram, chegou aos meus ouvidos. Dera já alguns passos no sentido do regresso, quando a queda da minha faca o fez hesitar de novo. Voltou a subir pela carga e, aproveitando um momento de acalmia, tornou a gritar o meu nome tão alto como antes. Mas desta vez eu já tinha recuperado a fala. Louco de alegria por me saber ainda vivo, resolveu suplantar todas as dificuldades e

todos os perigos para me alcançar. Desembaraçando-se o mais depressa possível do labirinto, onde estava metido, descobriu por fim um caminho e, após uma série de esforços, chegou à caixa num estado de completo desfalecimento.

6 — Um Raio de Esperança

Enquanto estivemos junto da caixa, Augusto apenas me contou os acontecimentos mais importantes deste relato, e só mais tarde soube todos os pormenores. Receava que notassem a sua ausência e eu sentia uma impaciência ardente de deixar a minha prisão. Resolvemos dirigir-nos imediatamente para a abertura do tabique, junto da qual eu devia ficar, enquanto ele ia em reconhecimento. Nem um nem outro conseguíamos suportar a ideia de abandonar *Tigre*. No entanto, acaso podíamos agir de outra maneira? O animal parecia agora perfeitamente calmo e, encostando o ouvido à caixa, nem sequer ouvíamos o ruído da sua respiração. Estava convencido que estava morto e decidi abrir a porta. Encontrámo-lo deitado ao comprido, como que mergulhado num sono profundo, mas ainda vivo. Não há dúvida que não tínhamos tempo a perder, mas eu não conseguia abandonar, sem um último esforço para o salvar, um animal que por duas vezes me salvara a vida. Assim, arrastámo-lo connosco penosamente. Augusto foi obrigado, a maior parte do tempo a saltar por cima dos obstáculos que obstruíam o nosso caminho com o enorme cão nos braços, o que requeria uma força e habilidade de que eu, no meu estado de esgotamento era totalmente incapaz. Chegámos finalmente à abertura, através da qual Augusto passou, seguido pelo *Tigre* que tivemos que empurrar. Tudo corria pelo melhor, estávamos sãos e salvos e não esquecemos de dar graças a Deus por nos ter livrado de um perigo iminente. Decidimos que, de

momento, eu ficaria junto da abertura, através da qual o meu camarada podia, facilmente, passar-me uma parte da sua ração diária e onde eu poderia respirar uma atmosfera mais pura, isto é, relativamente pura.

Para melhor compreensão de algumas partes do meu relato, durante o qual tanto falei da arrumação da carga do brigue, e que podem parecer obscuras a alguns leitores, devo esclarecer que a maneira como esta importante tarefa foi feita a bordo do *Grampus*, era um vergonhoso exemplo da negligência do capitão Barnard, que não era um marinheiro suficientemente cuidadoso e experimentado para a natureza arriscada do seu cargo. Uma arrumação deve ser feita com um método cuidado, ocorrendo a maior parte dos acidentes, tanto quanto sei, por negligência ou ignorância na realização desta tarefa. Os navios costeiros, na confusão e movimento que acompanham a carga e descarga, são os mais sujeitos a azares por falta de atenção na arrumação. O mais importante é não deixar ao lastro ou à carga possibilidade de se mover, mesmo no meio dos mais violentos temporais. Tendo isto em vista, deve-se dar a maior atenção não só à carga, mas também à sua natureza, e se é uma carga completa ou parcial.

Na maioria dos fretes, a arrumação faz-se por meio de um macaco manual. Assim, se se trata de uma carga de tabaco ou de farinha, o conjunto é tão comprimido no porão do navio que os barris ou os sacos, quando são descarregados, estão completamente achatados e só passado algum tempo retomam a sua forma inicial. Recorre-se a este método, em especial, para obter mais espaço no porão, pois com uma carga *completa* de mercadorias como o tabaco e a farinha não pode haver folgas, e

não há qualquer perigo de a carga oscilar, ou pelo menos, não há inconvenientes graves. Na verdade, houve casos em que este processo de compressão com macaco teve trágicas consequências, mas devido a causas completamente alheias aos perigos da arrumação da carga. Sabe-se, por exemplo, que uma carga de algodão, apertado e comprimido, pode, em certas circunstâncias, pelo aumento de volume, provocar rachas no navio, por onde a água penetra. O mesmo pode acontecer com o tabaco, quando sofre a fermentação normal, se não fossem os interstícios que se formam normalmente na parte arredondada dos fardos.

O perigo de movimento é de reçar, especialmente quando se embarcam cargas parciais, sendo necessário tomar todas as precauções para o evitar. Só quem já enfrentou uma violenta tempestade ou, melhor ainda, quem sentiu o balouçar de um navio, quando uma súbita acalmia se sucede à borrasca, pode fazer uma ideia da força terrível das águas. É então que a necessidade de uma arrumação bem feita de uma carga parcial se torna manifesta. Quando um navio se põe de capa (sobretudo com uma vela de proa pequena), se o casco não estiver bem construído, é frequentemente lançado para um dos lados, o que pode acontecer de vinte em vinte minutos, mais ou menos, sem que daí resultem consequências graves, *desde que a arrumação esteja bem feita*. Mas, se não houve o cuidado necessário, à primeira destas enormes guinadas, toda a carga rola para o lado do navio apoiado na água e, não conseguindo retomar o equilíbrio, como o faria sem este incidente, acaba por meter água e naufragar. Pode-se afirmar, sem exagero, que metade dos casos de naufrágios em temporais, se deveram a um deslocamento da carga ou do lastro.

Quando se põe a bordo uma carga parcial, seja de que espécie for, o conjunto, depois de ter sido arrumado da maneira mais compacta possível, deve ser coberto com uma série de pranchas móveis, a toda a largura do navio. Sobre as pranchas devem colocar-se pesadas escoras provisórias, até ao teto, prendendo assim cada coisa ao seu lugar. Nos carregamentos de cereais ou de mercadorias semelhantes é ainda necessário tomar outras precauções. Um porão completamente cheio de cereal ao deixar o porto, chegará ao seu destino apenas com três quartos da quantidade inicial, ainda que o cereal tenha sido rigorosamente medido pelo consignatário, ultrapassando mesmo a quantidade consignada, atendendo à dilatação dos grãos. Isto resulta da compressão durante a viagem, compressão essa que é maior ou menor segundo o bom ou mau tempo com que o barco navegou. Se o cereal foi carregado descuidadamente, por mais bem preso que esteja com pranchas e escoras, terá tendência a deslocar-se, em especial numa viagem longa, com as tristíssimas consequências que daí podem resultar. Para as prevenir, é preciso, antes de deixar o porto, utilizar todos os meios para comprimir a carga o mais possível; há vários métodos para isso, entre os quais se pode citar o de meter cunhas entre o cereal. Mesmo depois de tudo isto ter sido feito, e de se terem feito todos os possíveis para ajustar bem todas as pranchas, nenhum marinheiro que saiba do seu ofício se sentirá tranquilo durante uma ventania mais forte, se tiver a bordo um carregamento de cereal, ou pior ainda, uma carga parcial. No entanto, existem centenas de barcos de cabotagem nas nossas costas e nos diferentes portos da Europa, que diariamente se fazem ao mar com cargas parciais, mesmo de natureza muito perigosa,

sem tomarem qualquer espécie de precaução. É um milagre que os acidentes não sejam mais frequentes. Um exemplo deplorável deste descuido, chegado ao meu conhecimento, é o do capitão Joel Rice, comandante da escuna *Fire-Fly*, em rota de Richmond (Virgínia) para a Madeira com uma carga de cereais no ano de 1825. O capitão fizera numerosas viagens sem qualquer acidente grave, embora tivesse por hábito não prestar grande atenção às operações de arrumação, para além de prender a carga, segundo o método habitual. Nunca tinha navegado com um carregamento de cereal, mas daquela vez, o navio tinha sido carregado com trigo, mas só até meio do porão. Durante a primeira parte da viagem, apenas encontrou ligeiras brisas, mas ao chegar a um dia de distância da Madeira foi assolado por uma forte ventania de Nordeste que o obrigou a pôr o navio à capa. Conduziu a escuna contra o vento com um simples traquete e com dois rizes, e o navio comportou-se tão bem quanto se podia esperar, não deixando entrar uma gota de água. Ao anoitecer, a tempestade amainou um pouco e a escuna começou a oscilar menos, portando-se sempre bem, até que, de repente, uma enorme onda o fez inclinar para estibordo. Ouviu-se então todo o carregamento de trigo deslocar-se em bloco e a força da guinada foi tal, que fez saltar a escotilha principal. O navio afundou-se como uma bola de chumbo. Tudo isto se passou à vista de uma pequena chalupa da Madeira que recolheu um dos tripulantes (o único a salvar-se) e que parecia brincar com a tempestade, como o poderia fazer a embarcação melhor equipada.

A arrumação a bordo do *Grampus* tinha sido feita da forma mais defeituosa possível, se se pode chamar arrumação a algo que não passava de um confuso amontoado de barricas de óleo e de

material de bordo. Já falei da disposição dos artigos no porão. Perto do sítio onde estava Augusto havia, como já disse, espaço suficiente para o meu corpo entre a ponte superior e as barricas de óleo; ficara vago um espaço à volta da escotilha principal assim como havia outros vazios, bastante consideráveis através da carga. Perto da abertura feita por Augusto no tabique do castelo da proa, havia um espaço suficiente para uma barrica de óleo e foi aí que me instalei, de momento, bastante comodamente.

Enquanto o meu amigo tornou a colocar as algemas e reajustou a corda, fez-se dia claro. Na verdade, escapámos de boa, pois assim que ele acabou todos os preparativos, desceu o imediato com Dirk Peters e o cozinheiro. Falaram durante alguns minutos do barco que vinha de Cabo Verde, parecendo muito impacientes de o avistar. Depois, o cozinheiro aproximou-se da cama de Augusto e sentou-se à cabeceira. Do meu esconderijo podia ver e ouvir tudo, porque a tábua retirada não tinha sido recolocada e eu receava, a qualquer momento, que o negro se encostasse à blusa pendurada para esconder a abertura, o que teria como consequência a descoberta de tudo e, sem dúvida, a nossa morte. No entanto, a nossa boa estrela não nos abandonou e, embora ele tocasse várias vezes na blusa, devido à oscilação do navio, nunca se apoiou o suficiente para descobrir o buraco. A fralda da camisa tinha sido cuidadosamente fixa ao tabique, de forma a não oscilar e a não revelar a existência do buraco. Durante todo este tempo, o *Tigre* manteve-se aos pés da cama, parecendo ter recuperado a saúde, pois eu via-o abrir os olhos de vez em quando e respirar fundo.

Passados alguns minutos, o imediato e o cozinheiro subiram, deixando para trás Dirk Peters, que logo regressou e se sentou no

lugar anteriormente ocupado pelo imediato. Começou a falar com Augusto de uma maneira bastante amistosa e apercebemo-nos, então, que a sua embriaguez, bastante evidente enquanto os outros estiveram com ele, era em grande parte fingida, pois respondeu facilmente a todas as perguntas que o meu camarada lhe fez. Disse-lhe ter a certeza que o seu pai tinha sido recolhido, porque no dia em que o abandonaram à deriva, antes do pôr do sol, havia nada menos do que cinco barcos à vista, utilizando uma linguagem que ele tentava que fosse consoladora e que me causou não só uma grande surpresa como também prazer. Para ser franco, começava a conceber a esperança de que Peters podia muito bem servir-nos de instrumento para nos apoderarmos do navio e transmiti esta ideia a Augusto assim que pude. Tal como eu, pensava que a ideia era viável, mas insistiu na necessidade de agir com a maior prudência, porque a conduta do mestiço parecia-lhe ser governada pelos mais arbitrários caprichos; na verdade, era difícil adivinhar quando é que ele estava na posse de todas as suas faculdades. Peters, passada uma hora, tornou a subir à cobertura, para voltar cerca do meio-dia com a ração de Augusto, um belo naco de carne salgada e pudim. Assim que ficámos sós, compartilhei da comida com alegria, sem me dar ao trabalho de atravessar o buraco. Ninguém desceu ao castelo da proa durante o resto do dia e, à noite, fui para o catre de Augusto, onde dormi profunda e deliciosamente quase até ao nascer do dia. Acordou-me então bruscamente, pois tinha ouvido ruídos na cobertura e eu regresssei ao meu esconderijo o mais depressa possível. Já o sol ia alto, vimos que o *Tigre* tinha recuperado todas as suas forças e não apresentava nenhum sinal de hidrofobia, pois bebeu com avidez a

água que Augusto lhe deu. Durante o dia, recuperou o primitivo vigor e apetite. A sua estranha loucura devia ter sido causada pela natureza venenosa da atmosfera do porão, e não tinha qualquer relação com a raiva. Não me cansava de me alegrar por o ter trazido da caixa. Estávamos a 30 de junho, e havia treze dias que o *Grampus* tinha partido de Nantucket.

No dia 2 de julho, o imediato desceu, embriagado como era seu hábito, mas de muito bom humor. Dirigiu-se ao catre de Augusto e, dando-lhe uma palmada nas costas, disse-lhe que o libertaria, se ele promettesse portar-se bem e nunca mais voltar ao camarote. Evidentemente que o meu amigo respondeu que sim. Então, o patife do imediato soltou-o, depois de lhe ter dado a beber uma golada de rum de uma garrafa que tirou do bolso do casaco. Subiram juntos à coberta e durante cerca de três horas não vi Augusto. Quando regressou, anunciou-me boas notícias, ou seja, que tinha sido autorizado a percorrer todo o brigue, conforme lhe apetecesse, e que lhe tinham ordenado que continuasse a dormir no catre do castelo da ponte, além de me trazer um bom jantar e uma abundante provisão de água. O brigue continuava à espera de se cruzar com o navio vindo de Cabo Verde e havia agora uma vela à vista, que se julgava ser o navio em questão. Como os acontecimentos dos oito dias seguintes tiveram pouca importância e não têm relação direta com os incidentes principais do meu relato, vou descrevê-los sob a forma de diário, pois, apesar de tudo, não os quero omitir.

3 de julho. — Augusto deu-me três mantas, com as quais arranjei uma cama razoável no meu esconderijo. Ninguém desceu durante o dia, exceto o meu amigo. *Tigre* instalou-se no catre, ao

lado da abertura, e dormiu profundamente, como se ainda não tivesse recuperado totalmente da sua doença. Ao anoitecer, o brigue foi apanhado por um vento repentino, antes de haver tempo para baixar as velas, e quase capotou. No entanto, o vento acalmou-se logo a seguir e não sofremos qualquer avaria, a não ser o velacho que se partiu ao meio.

Dirk Peters tratou Augusto com muita bondade, durante todo o dia, conversando com ele sobre o Oceano Pacífico e das ilhas que ele tinha visitado naquelas paragens. Perguntou-lhe se não lhe agradaria ir com os revoltosos numa viagem de prazer e de exploração até àquelas regiões, mas acrescentou que, infelizmente, os homens estavam cada vez mais inclinados para seguir as ideias do imediato. Augusto julgou oportuno responder que se sentiria muito feliz em participar na expedição, que aliás era o melhor a fazer e que tudo era preferível à vida de pirata.

4 de julho. — O navio à vista não passava de um pequeno brigue vindo de Liverpool, e deixaram-no seguir sem o incomodar. Augusto passou a maior parte do tempo na coberta, com o objetivo de obter a maior quantidade possível de informações sobre as intenções dos amotinados. Havia entre eles violentas e frequentes disputas e, no meio de uma dessas altercações, um tal Jim Bonner, arpoador, foi atirado borda fora. O partido do imediato ganhava terreno. Jim Bonner pertencia ao grupo do cozinheiro, de quem Peters também era partidário.

5 de julho. — Quase ao romper do dia, levantou-se vento forte de Oeste, que ao meio-dia se transformou em tempestade, sendo necessário reduzir toda a vela à mezena e ao traquete. Ao ferrar o velacho, Simms, um dos poucos marinheiros pertencentes ao grupo

do cozinheiro, caiu ao mar; estava muito bêbado e afogou-se, sem que ninguém fizesse o mínimo gesto para o salvar. O número total de homens a bordo estava agora reduzido a treze: Dirk Peters, Seymour, o cozinheiro negro... Jones... Greely, Hartman Rogers e William Allen, todos do grupo do cozinheiro; o imediato, cujo nome nunca soube, Absalon Hicks... Wilson, John Hunt e Richard Parker, estes do grupo do imediato, e finalmente Augusto e eu.

6 de julho. — A tempestade manteve-se todo o dia, intervalada com fortes rajadas e chuvadas. O brigue deixou entrar muita água pelas juntas e as bombas não pararam. Augusto bombeava como os outros, quando chegava a sua vez. Ao anoitecer, um grande navio passou perto de nós, mas só o notámos quando estava ao alcance da voz. Supondo que se tratava do navio há tanto aguardado, o imediato interpelou-o mas a resposta perdeu-se no ruído da tempestade. Às onze horas fomos atingidos por uma vaga enorme, que levou uma grande parte da amurada de bombordo, provocando ainda outras avarias menores. De manhã, o tempo acalmou e, ao nascer do Sol, não havia vento.

7 de julho. — Sofremos todo o dia uma ondulação larga e, como o brigue estava pouco carregado, balançou horrivelmente, soltando até algumas partes da carga do porão, o que eu ouvi claramente do meu esconderijo. Sofri muito de enjoo. Naquele dia, Peters teve uma longa conversa com Augusto, dizendo-lhe que dois dos homens do seu grupo, Greely e Allen, se tinham passado para o lado do imediato, determinados a serem piratas. Fez a Augusto algumas perguntas que o meu amigo não compreendeu. À noite notámos que o navio estava a meter muita água e que não havia maneira de o remediar, pois a tarefa era muito fatigante e a água

introduzia-se pelas juntas. Foi ensebada uma vela com que se forrou a proa, o que nos prestou algum auxílio, permitindo-nos dominar a entrada da água.

8 de julho. — Ao nascer do Sol, levantou-se uma brisa de Leste e o imediato mandou seguir para Sudoeste a fim de alcançar uma das Antilhas e pôr em execução o seu projeto de pirataria. Nem Peters nem o cozinheiro se opuseram, pelo menos que Augusto tivesse conhecimento. A ideia de se apoderarem do navio vindo de Cabo Verde foi totalmente posta de parte. A entrada da água foi facilmente controlada por uma única bomba, funcionando de hora a hora durante quarenta e cinco minutos. Retiraram a vela que tinha sido colocada na proa. Durante o dia chamaram à fala duas pequenas escunas.

9 de julho. — Bom tempo. Todos os homens ocupados a reparar a amurada. Peters teve outra longa conversa com Augusto e explicou-se um pouco melhor do que antes. Disse-lhe que nada neste mundo o convenceria a partilhar das ideias do imediato, e deu mesmo a entender que tencionava tirar-lhe o comando do navio. Perguntou ao meu amigo se podia contar com a sua ajuda, ao que Augusto respondeu sim, sem hesitar. Então Peters disse-lhe que ia sondar os outros homens do seu grupo sobre o assunto, e deixou-o. Durante o resto do dia, Augusto não teve oportunidade de lhe falar em particular.

7 — Plano de Libertação

10 de julho. — Foi interpelado um brigue vindo do Rio de Janeiro com destino a Norfolk. Tempo encoberto com brisa de Leste. Neste dia, morreu Hartman Rogers; desde o dia 8 que era tomado por espasmos, depois de ter bebido um copo de grogue. Este homem pertencia ao grupo do cozinheiro e era nele que Peters depositava mais confiança. Este disse a Augusto estar convencido que o imediato o tinha envenenado e que, se não tivesse cuidado, lhe aconteceria o mesmo. Assim, apenas restavam do seu grupo, ele próprio, Jones e o cozinheiro, enquanto do outro lado eram cinco. Tinha falado a Jones do seu projeto de tirar o comando ao imediato, mas, como a ideia foi recebida com frieza, absteve-se de insistir ou de dizer uma palavra que fosse ao cozinheiro. Foi-lhe muito útil a sua prudência, pois, à tarde, o cozinheiro exprimiu a intenção de se passar para o lado do imediato, o que acabou por fazer. Entretanto, Jones aproveitava todas as ocasiões para interpelar Peters, dizendo-lhe que ia informar o imediato do seu plano. Não havia, portanto, tempo a perder e Peters manifestou a sua resolução de tentar tomar conta do navio, desde que Augusto o quisesse ajudar. O meu amigo assegurou-lhe imediatamente toda a sua boa vontade em participar num plano concebido com aquele fim e, pensando que a ocasião era favorável, revelou-lhe a minha presença a bordo.

O mestiço, se ficou admirado, não ficou menos contente, porque já não podia contar de maneira nenhuma com Jones, o qual

considerava vendido ao grupo do imediato. Desceram imediatamente. Augusto chamou-me pelo nome e, em breve, travava conhecimento com Peters. Ficou combinado que tentaríamos retomar o navio na primeira boa ocasião que surgisse e que afastaríamos completamente Jones dos nossos planos. No caso de termos êxito, faríamos o brigue entrar no primeiro porto que aparecesse, para o entregarmos às autoridades. Peters, devido à traição dos seus, via-se obrigado a desistir da sua viagem ao Pacífico — expedição que não se podia fazer sem uma tripulação — e contava com a absolvição por demência, pois jurou-nos solenemente que só a loucura o tinha levado a participar na revolta, ou com o perdão, no caso de ser declarado culpado, graças à minha intervenção e à de Augusto. As nossas deliberações foram interrompidas por um grito: «Todos às velas!» e Peters e Augusto correram para a coberta.

Como de costume, quase todos os homens estavam bêbados e, antes de as velas estarem devidamente recolhidas, uma violenta rajada tinha atirado o navio de lado. Entretanto, o navio conseguiu endireitar-se, mas tinha metido muita água. Mal tudo tinha sido reparado, quando nova rabanada atingiu o navio, logo seguida de outra e ainda de outra, mas sem causar avarias. Tudo indicava que se aproximava uma tempestade. Com efeito, ela não se fez esperar e o vento começou a soprar de Norte e de Oeste. Tudo foi amarrado o melhor possível e pusemo-nos, como de costume, à capa, só com um traquete de rizes curtos. Com a aproximação da noite, o vento ainda se tornou mais furioso e o mar ficou excecionalmente encapelado. Então, Peters regressou ao castelo da proa com Augusto e recomeçámos as nossas deliberações. Chegámos à

conclusão que a ocasião que se apresentava era a mais favorável para pôr o nosso plano em execução, atendendo a que ninguém contaria com uma tentativa daquele género em semelhante conjuntura. Como o brigue estava à capa, quase sem velas, não havia necessidade de fazer qualquer manobra até ao regresso do bom tempo e, se tivéssemos êxito na nossa tentativa, poderíamos libertar um ou mesmo dois homens para nos ajudarem a conduzir o navio até um porto. A principal dificuldade estava na desigualdade das nossas forças. Nós éramos apenas três, enquanto os outros eram nove. Além disso, todas as armas existentes a bordo estavam em poder deles, exceto um par de pistolas que Peters trazia escondidas e uma grande faca de marinheiro que trazia sempre à cintura. Aliás, alguns indícios levavam-nos a recear que o imediato suspeitava de qualquer coisa, pelo menos em relação a Peters, e que apenas aguardava uma boa ocasião para se desembaraçar dele. Assim, por exemplo, não se encontrava nenhum machado nem bimarra nos seus sítios habituais. Era evidente que o que estávamos resolvidos a levar a cabo não podia esperar mais tempo, mas a desigualdade das nossas forças obrigava-nos a agir com a maior prudência.

Peters ofereceu-se para subir à coberta e entabular uma conversa com o homem de vigia (Allen), até ter oportunidade de o lançar à água sem dificuldade e sem fazer barulho. A seguir, eu e Augusto subiríamos para tentarmos apoderar-nos de quaisquer armas na coberta; por fim correríamos, os três para a escada da proa, antes de alguém esboçar qualquer resistência. Opus-me a este plano, porque não acreditava que o imediato, um homem astucioso e esperto em tudo, embora supersticioso, fosse tipo para

se deixar surpreender daquela maneira. O simples facto de haver um homem de guarda na coberta, era uma prova suficiente de que o imediato estava de sobreaviso, pois não é costume, a não ser a bordo de navios onde a disciplina é rigorosamente observada, pôr um homem de guarda na coberta, quando o navio está à capa, durante uma tempestade.

Como escrevo especialmente, para pessoas que nunca navegaram, talvez seja útil explicar a situação exata de um navio em tais circunstâncias. Estar à capa e pôr-se à capa são manobras às quais se recorre por motivos diferentes e que se efetuam de várias maneiras. Se o navio está a todo o pano a manobra faz-se habitualmente, colocando uma parte do velame de maneira que o vento, ao bater nas duas partes se equilibre, mantendo assim o navio parado. Mas aqui trata-se de um navio à capa durante uma tempestade. Quando um navio corre a favor do vento com grande ondulação acontecem, por vezes, grandes avarias em consequência das ondas que batem na ré e, às vezes, também devido às violentas guinadas na proa.

Neste caso, não se recorre a este meio, exceto em caso de absoluta necessidade. Quando um navio está a meter água, deixa-se seguir a favor do vento, mesmo com o mar agitado, porque, se estivesse à capa, fatigaria muito as juntas que acabariam por abrir, enquanto que a favor do vento de ré o esforço é menor.

Os navios põem-se à capa, durante uma tempestade, de várias maneiras, conforme a sua construção. Alguns aguentam-se muito bem com um traquete, que é, segundo creio, a vela utilizada mais vulgarmente. Os grandes navios com mastreação redonda têm velas especiais, as quais se chamam velas de estai. Mas, às vezes,

apenas é utilizado o cutelo, outras o cutelo e o traquete, outras ainda o traquete e dois rizes, além das velas da ré. Pode acontecer que os velachos deem melhor resultado do que qualquer outro tipo de vela. O *Grampus* punha-se normalmente à capa com um traquete e dois rizes.

Para se pôr à capa, coloca-se o navio de maneira que o vento encha a vela, quando esta está desfraldada, isto é, que atravesse o navio em diagonal. Feito isto, a proa fica inclinada alguns graus para o lado donde sopra o vento e, naturalmente recebe o choque da onda do lado donde sopra o vento. Nestas circunstâncias, um bom navio pode suportar uma grande tempestade sem deixar entrar uma gota de água e sem que a tripulação tenha necessidade de se ocupar dele. É hábito prender-se o leme, mas é uma manobra inútil, porque o leme não tem ação sobre um navio à capa, fazendo-se isto apenas por causa do barulho irritante que o leme faz quando está livre. Porém, seria melhor deixar o leme livre, em vez de o amarrar solidamente, pois pode ser arrancado por grandes vagas, se não lhe deixarem uma folga suficiente. Enquanto a vela aguentar, um navio bem construído pode manter a posição e enfrentar todas as ondas, como se fosse dotado de vida e de razão. No entanto, se a violência do vento rasga a vela, infelicidade que só acontece num verdadeiro furacão, então corre perigo iminente. Neste caso, o navio inclina-se devido à força do vento e, enfrentando o mar de lado, fica completamente à sua mercê. O único recurso é navegar a favor do vento até poder ser colocada outra vela. Há ainda navios que se põem à capa sem qualquer espécie de vela, mas estes têm muito mais a recear das ondas violentas.

Mas já chega de divagações. O imediato não tinha por hábito deixar um homem de sentinela na coberta, quando punham o barco à capa numa tempestade. Ora, havia lá um agora e, mais ainda, os machados e as bimbarras tinham desaparecido, o que demonstrava claramente que a tripulação estava alerta e não se deixaria surpreender da forma proposta por Peters. No entanto, era preciso tomar uma decisão e o mais depressa possível, pois não havia dúvida que Peters, uma vez que suspeitavam dele, seria sacrificado, na primeira oportunidade que surgisse, mas se não surgisse, seria provocada assim que houvesse uma aberta.

Augusto sugeriu então que, se Peters conseguisse tirar, sob qualquer pretexto, o monte de correntes que estavam em cima do alçapão da cabine, nós talvez pudéssemos cair sobre eles de surpresa, atravessando o porão, mas um pouco de reflexão convenceu-nos que o navio balouçava demasiado para permitir uma empresa deste género.

Felizmente, lembrei-me de agir sobre os terrores supersticiosos e os remorsos do imediato. Lembram-se que um dos tripulantes morrera de manhã, depois de ter passado dois dias com convulsões por ter bebido um pouco de água com álcool. Peters tinha-nos transmitido as suas suspeitas de que o homem tinha sido envenenado pelo imediato, acrescentando que tinha razões muito fortes para o acreditar, as quais nunca lhe conseguimos arrancar. Deixámo-nos convencer facilmente pelas suas suspeitas e resolvemos agir de acordo com elas.

Rogers tinha morrido por volta das onze da manhã, no meio de violentas convulsões e, pouco depois, o seu corpo oferecia um dos espetáculos mais repugnantes de que eu me lembro ter visto. O

estômago tinha inchado desmesuradamente, como o de um náufrago que permaneceu várias semanas debaixo de água. As mãos tinham sofrido a mesma transformação e o rosto, enrugado, engelhado e branco como a cal, tinha duas ou três manchas de um vermelho ardente, semelhantes às que são provocadas pela erisipela. Uma dessas manchas estendia-se em diagonal através do rosto e cobria completamente um dos olhos, como se fosse uma venda de veludo vermelho. Neste estado horrendo, o corpo tinha sido levado para a coberta, por volta do meio dia, para ser lançado ao mar, quando o imediato, dando-lhe uma olhadela (via-o então pela primeira vez), talvez levado pelos remorsos do seu crime, ou simplesmente horrorizado por aquele espetáculo terrível, ordenou aos homens que o cosessem à maca e lhe dessem a sepultura tradicional dos marinheiros. Depois de ter dado as suas ordens, tornou a descer como que para evitar o espetáculo da sua vítima. Enquanto se faziam os preparativos para lhe obedecer, a tempestade aumentou furiosamente e, de momento, aquela tarefa foi posta de parte. O cadáver, abandonado, começou a flutuar nos embornais de bombordo, onde ainda se encontrava na ocasião a que me refiro, revolvendo-se a cada investida violenta das ondas sobre o brigue.

Preparado o nosso plano, dispusemo-nos a executá-lo o mais depressa possível. Peters subiu à coberta e, tal como esperava, deparou imediatamente com Allen, que se encontrava no castelo da proa, mais para espreitar do que para outra coisa. Mas a sorte do miserável foi decidida rápida e silenciosamente, pois Peters, aproximando-se dele com um olhar indiferente, como que para lhe falar, agarrou-o pelo pescoço e atirou-o por cima da amurada antes

que ele pudesse soltar um gemido. Então chamou-nos e nós subimos. A nossa primeira preocupação foi procurar por toda a parte quaisquer armas, avançando com muita precaução, porque era impossível permanecer na cobertura um só instante sem nos agarrarmos a qualquer coisa, já que o navio era fustigado por ondas violentas. No entanto, era preciso agir com rapidez, porque o imediato devia subir a qualquer momento para bombear, pois era evidente que o navio estava a meter muita água. Depois de muito esquadriharmos, apenas encontrámos as duas alavancas da bomba, ficando uma para mim e outra para Augusto. Após as termos escondido, tirámos a camisa ao cadáver que lançamos borda fora. Peters e eu descemos, deixando Augusto de sentinela na cobertura, precisamente no lugar de Allen, mas de costas voltadas para a escada do camarote, de forma que, se algum dos tripulantes subisse, pensasse que se tratava do homem de sentinela.

Assim que desci, comecei a disfarçar-me de maneira a parecer o cadáver de Rogers. A camisa que lhe tínhamos tirado ia ajudar-nos muito, porque era de um modelo e características muito especiais que a tornavam facilmente reconhecível. Tratava-se de uma espécie de blusa que o defunto usava por cima das outras roupas, em tecido azul com largas riscas brancas. Depois de a ter vestido, arranjei um estômago postiço para imitar a horrível deformidade do cadáver inchado, o que fiz com algumas mantas que meti debaixo da roupa, sendo o efeito perfeito. Dei às mãos um aspeto semelhante utilizando um par de mitenes de lã branca que enchemos com todos os trapos que apanhámos à mão. Então, Peters pintou-me o rosto, esfregando-o primeiro com giz e depois manchando-o com sangue que arranjou fazendo um golpe num dos

seus dedos. A grande mancha vermelha através do olho não foi esquecida, e devia ter um aspeto repugnante.

8 — O Fantasma

Quando, por fim, me contemplei num pedaço de espelho, que estava pendurado num poste, à luz obscura de uma espécie de lanterna de combate, a minha fisionomia e a lembrança da horrível realidade que eu representava causaram-me um estremecimento e um violento arrepio e, foi a custo que consegui juntar a energia necessária para continuar a desempenhar o meu papel. Mas era preciso agir com decisão e eu e Peters subimos à cobertura.

Aí, verificámos que tudo corria bem e, seguindo junto à amurada do navio, deslizámos os três até à porta da escada do camarote, que não estava completamente fechada pois tinham sido colocadas buchas no primeiro degrau de forma a impedir o seu fecho e também que a porta fosse repentinamente empurrada do exterior. Podíamos ver, sem dificuldade, todo o interior do camarote, através das fendas que existiam nos gonzos. Realmente fora uma sorte que não tivéssemos tentado atacá-los de surpresa, pois era evidente que estavam de sobreaviso. Só um dormia, precisamente, ao fundo da escada, com uma espingarda ao lado. Os outros estavam sentados em cima dos colchões que tinham tirado dos catres e atirado para o chão, e conversavam sobre um assunto sério; embora tivessem estado a beber, como se depreendia por dois jarros vazios e por alguns copos de estanho espalhados pelo chão, não estavam tão bêbados como era costume. Todos tinham pistolas e numerosas espingardas tinham sido espalhadas pelo camarote ao alcance da mão.

Durante algum tempo escutámos a conversa, antes de decidirmos o que havíamos de fazer, pois nada tínhamos resolvido a não ser que, no momento do ataque, tentaríamos paralisar qualquer resistência com a aparição do espectro de Rogers. Estavam a discutir os seus planos de pirataria, mas tudo o que conseguimos ouvir foi que se iam reunir à tripulação da escuna *Hornet* e, se possível, até começar por se apoderarem da própria escuna, como preparação para uma ação de maior vulto; quanto aos pormenores da tentativa, nenhum de nós conseguiu compreendê-los.

Um dos homens falou de Peters, mas o imediato respondeu-lhe em voz baixa e nós nada percebemos; pouco depois, acrescentou num tom um pouco mais alto, «que não compreendia o motivo por que Peters ia tantas vezes ao castelo da proa falar com o miúdo do capitão, e que era necessário que os dois fossem borda fora e o mais depressa possível». Ninguém respondeu a estas palavras, mas foi fácil perceber que a insinuação tinha sido bem recebida por todo o grupo e, em especial, por Jones. Naquele momento, sentia-me muito agitado, tanto mais que via que Augusto e Peters não sabiam o que resolver. No entanto, decidi-me a vender cara a minha vida e a não me deixar dominar por nenhum sentimento de temor.

O barulho infernal produzido pelo vento nas enxárcias e pelas vagas que varriam a coberta impedia-nos de ouvir o que estavam a dizer, a não ser durante alguns momentos de acalmia. Foi num desses intervalos que ouvimos distintamente o imediato dizer a um dos seus homens que «fosse à proa e ordenasse àqueles cães tinhosos que descessem ao camarote, porque ali, pelo menos,

podia tê-los debaixo de olho, pois não admitia segredos a bordo do brigue». Felizmente para nós, o balouçar do navio era tão forte, naquele momento, que a ordem não pôde ser cumprida imediatamente. O cozinheiro levantou-se do colchão para nos ir buscar, quando uma rajada tão forte que pensei que ia arrancar a mastreação, o fez ir bater com a cabeça na porta de uma das cabinas de bombordo, na qual acertou com tanta força que a abriu, aumentando ainda mais a confusão. Por sorte, nenhum de nós tinha sido derrubado e tivemos tempo de bater em retirada para o castelo da proa e de improvisar, a toda a pressa, um novo plano de ação, antes que o mensageiro aparecesse, ou que pusesse a cabeça fora do camarote. Do estreito local, onde estava não conseguia notar a ausência de Allen e, por isso, continuando a julgá-lo no seu posto, gritou-lhe as ordens do imediato. Peters respondeu-lhe, também aos gritos, e disfarçando a voz: «Sim! Sim!» e o cozinheiro tornou a descer, sem ter a mínima suspeita de que algo não corria bem a bordo.

Então, os meus dois companheiros dirigiram-se corajosamente para a ré e desceram ao camarote, tendo Peters fechado a porta atrás de si, deixando-a tal como a tinha encontrado. O imediato recebeu-os com uma cordialidade fingida e disse a Augusto que, atendendo a que se tinha portado tão bem nos últimos tempos, se podia instalar no beliche e considerar-se, a partir daquele momento, um dos seus. A seguir, encheu até meio um copo de rum que o obrigou a beber. Via e ouvia tudo o que se estava a passar, porque tinha seguido os meus amigos até ao camarote, retomando o meu anterior posto de observação. Trouxera comigo as duas

alavancas da bomba, uma das quais escondera perto da escada, para a ter à mão, no caso de necessidade.

Apliquei-me o melhor possível para não perder nada de tudo o que se passava lá em baixo e esforcei-me por juntar toda a minha força de vontade e coragem para descer, assim que Peters fizesse o sinal que tinha sido combinado. Naquele momento, esforçava-se por conduzir a conversa para os episódios sangrentos da revolta e, gradualmente, levou os homens a falarem das superstições tão comuns entre os marinheiros. Não percebia tudo o que diziam, mas via facilmente o efeito da conversa, pelas fisionomias dos presentes. Era evidente, que o imediato estava agitado e, quando, a certa altura, alguém falou do aspeto horrendo do cadáver de Rogers, convenci-me que ele ia desmaiar. Então Peters perguntou-lhe se ele não achava melhor lançá-lo definitivamente borda fora, pois, segundo ele, era algo horrível de vê-lo a debater-se e a flutuar entre os embornais. O miserável respirou convulsivamente e passou o olhar com lentidão pelos companheiros, como que a suplicar que um deles subisse para executar aquela tarefa. Mas ninguém se mexeu e era evidente que toda a tripulação tinha chegado ao auge da excitação nervosa. Então Peters fez-me sinal; abri imediatamente a porta do camarote e, descendo sem pronunciar palavra, dirigi-me para o meio do grupo.

O prodigioso efeito que esta súbita aparição causou, não surpreenderá ninguém, atendendo às circunstâncias em que se produziu. Habitualmente, em casos semelhantes, fica sempre no espírito do espectador uma réstia de dúvida sobre a realidade da visão que tem diante de si; conserva, até certo ponto, a esperança, por mais fraca que seja, de que é vítima de uma mistificação e que

a aparição, na verdade, não é um visitante vindo do outro mundo. Pode dizer-se que esta dúvida obstinada quase sempre acompanhou as aparições deste género, e que o gélido terror que elas produziram deve ser atribuído, mesmo nos casos mais salientes, naqueles que causaram a mais viva angústia, a uma espécie de medo antecipado, a um receio que a aparição *não seja real*, mais do que a uma firme crença na sua realidade. Mas, no caso presente, será fácil verificar que não podia existir nos espíritos dos amotinados a mínima razão para duvidarem que a aparição de Rogers não fosse realmente a ressurreição do seu repugnante cadáver, ou pelo menos da sua imagem incorporai. A posição isolada do brigue e a impossibilidade de acostar, devido à tempestade, reduziam os meios de possível ilusão a limites tão estreitos, que podiam ser completamente aniquilados. Estavam no mar há vinte e quatro dias e não tinham tido comunicação com nenhum navio, exceto um, com o qual apenas tinham chegado à fala. Além disso, toda a tripulação, pelo menos, todos aqueles que julgavam formar a tripulação completa, estavam longe de suspeitar da presença de outro indivíduo a bordo; encontrava-se reunida no camarote, menos Allen, que estava de sentinela; porém, estavam muito familiarizados com a sua gigantesca figura (media seis pés e seis polegadas de altura) para que a ideia que ele pudesse ser a terrível aparição lhes passasse pela cabeça. Acrescentem a estas considerações, a natureza assustadora da tempestade e o tema da conversa introduzida por Peters, a impressão profunda que a imagem hedionda do verdadeiro cadáver tinha produzido, naquela manhã, sobre a imaginação dos homens, a perfeição do meu disfarce, a luz vacilante e incerta através da qual me viam, a

lanterna do camarote oscilando violentamente de um lado para o outro lançando sobre mim raios incertos e trémulos, e não acharão surpreendente que o efeito daquela farsa fosse muito maior do que esperávamos.

O imediato saltou do colchão onde estava deitado e, sem proferir uma palavra, caiu de costas, redondamente morto, no chão do camarote; uma forte guinada, fê-lo rolar como um cepo. Dos sete que restavam, apenas três mostraram alguma presença de espírito. Os outros quatro, permaneceram sentados durante algum tempo, como que pregados ao chão, sendo as mais lastimáveis vítimas do terror e do desespero que os meus olhos jamais contemplaram. A única resistência com que deparámos veio do cozinheiro, de Jones Hunt e de Richard Parker, mas a sua defesa foi fraca e sem resolução. Os dois primeiros foram imediatamente abatidos por Peters, enquanto eu, com a alavanca que trouxera comigo, atingia Parker com um golpe na cabeça. Ao mesmo tempo, Augusto apoderava-se de uma das espingardas que estavam no chão e descarregava-a no peito de Wilson, um dos outros amotinados. Só restavam, portanto, três, que durante este tempo, tinham despertado do seu torpor e começavam, talvez, a perceber que tinham sido vítimas de um stratagem, pois combatiam com grande resolução e fúria e, se não fosse a incrível força muscular de Peters, ter-nos-iam vencido. Os três homens eram Jones, Greely e Absalon Hicks. Jones tinha derrubado Augusto a quem ferira várias vezes no braço, e ia, sem dúvida, matá-lo (porque Peters e eu não nos tínhamos ainda desembaraçado dos nossos adversários para o podermos ajudar) se um amigo, cuja ajuda tínhamos ignorado, não tivesse vindo em seu auxílio. Esse amigo era o *Tigre* que, com um

rosnar surdo, apareceu no camarote no momento mais crítico para Augusto e se atirou sobre Jones que caiu por terra. No entanto, o meu amigo estava gravemente ferido e não nos podia prestar o mínimo auxílio, enquanto eu também não podia fazer grande coisa, devido ao meu disfarce. O cão obstinava-se em não largar a garganta de Jones, e Peters era suficientemente forte para enfrentar os dois homens que restavam, os quais teria despachado mais depressa se não fosse prejudicado pelo estreito espaço em que se desenrolava a luta e as fortes guinadas do brigue. Acabava de pegar num dos pesados escabelos que estavam no chão e com ele esmagou o crânio de Greely, no momento em que ele ia descarregar a sua espingarda sobre mim e, logo a seguir, lançado para cima de Hicks por uma guinada do brigue, estrangulou-o instantaneamente só com as mãos. Assim, em menos tempo do que foi preciso para o contar, estávamos senhores do brigue.

O único dos nossos adversários que sobrevivera era Richard Parker. Lembrem-se de que no início do ataque o atingi com a alavanca. Jazia agora imóvel ao lado da porta do camarote, mas quando Peters lhe tocou com o pé, despertou e pediu clemência. Tinha apenas um ferimento ligeiro na cabeça, que no entanto o fizera desmaiar. Levantou-se e, de momento, amarrámos-lhe as mãos atrás das costas. O cão continuava em cima de Jones, rosnando com furor, mas, ao observarmos melhor, verificámos que o homem estava morto e que um rio de sangue lhe corria de um profundo ferimento na garganta, feito pelas poderosas presas do animal.

Era uma hora da manhã e o vento continuava a soprar com força. Era evidente que o brigue fazia um esforço maior do que o

habitual e tornava-se indispensável fazer qualquer coisa para o aliviar. A cada assalto das vagas, o navio metia água, que já tinha chegado ao camarote durante a nossa luta, pois, ao descer, tinha deixado a escotilha aberta. Toda a amurada de bombordo tinha sido arrancada, assim como os fomos e o bote da ré. Os estalidos e as vibrações do mastro principal mostravam-nos que este em breve também cederia. Para aumentar o espaço no porão da ré, o pé deste mastro tinha sido fixo na entrecoberta (péssimo método ao qual recorrem os construtores ignorantes), de forma que corria o risco iminente de sair do seu apoio. Mas, para cúmulo do azar, sondámos a caixa da bomba e verificámos que o barco tinha nada menos do que sete pés de água.

Assim, deixámos os cadáveres dos marinheiros no camarote e começámos imediatamente a bombear a água, trabalho em que participava Parker, que tínhamos desamarrado para o efeito. Ligámos o braço de Augusto o melhor que sabíamos e o pobre rapaz fez o que pôde, isto é, muito pouco. Entretanto, reparámos que fazendo funcionar uma bomba ininterruptamente podíamos controlar a entrada da água, isto é, impedi-la de subir. Como só éramos quatro, o trabalho era muito duro, mas tentámos não nos deixar abater e esperámos o nascer do dia com inquietação, para então aliviar o brigue cortando o mastro principal.

Assim, passámos uma noite cheia de ansiedade e fadiga, mas quando, por fim, nasceu o dia, a tempestade continuava e não havia qualquer indício de que o tempo fosse amainar. Então levámos os corpos para a coberta e lançámo-los borda fora; depois pensámos em desembaraçarmo-nos do mastro principal. Feitos os preparativos necessários, Peters, que entretanto descobrira os

machados no camarote, cortou o mastro, enquanto nós vigiávamos as velas de estai e os cabos. Como o brigue deu uma terrível guinada para sotavento, foi dada ordem para cortar os cabos e, feito isto, toda a massa de madeira e de enxárcia caiu ao mar, aliviando o brigue, sem provocar qualquer avaria. Verificámos então que o navio se esforçava menos do que antes, mas a nossa situação continuava extremamente precária e, apesar de todos os nossos esforços, não conseguíamos controlar a entrada de água senão com duas bombas. Os serviços que Augusto nos podia prestar eram, na verdade, insignificantes. Para aumentar a nossa desgraça, uma enorme vaga varreu o brigue de barlavento e, antes que o navio pudesse recuperar a sua posição, uma outra vaga rebentava sobre ele, tombando-o completamente. Então, o lastro soltou-se em bloco e deslocou-se para sotavento (a carga já há muito que estava espalhada ao acaso) e durante alguns segundos julgámos que íamos naufragar. No entanto, o barco endireitou-se um pouco, embora o lastro permanecesse a bombordo, fazendo-nos virar tantas vezes que era inútil tentar fazer funcionar as bombas, o que, de qualquer maneira, viria a acontecer, pois as nossas mãos estavam completamente ulceradas e sangravam abundantemente devido ao excesso de labor.

Contrariamente à opinião de Parker, começámos então a abater o mastro do traquete, o que foi muito difícil, devido à nossa inclinação. Ao escorregar borda fora, arrastou consigo o gurupés, deixando o brigue transformado num simples batelão.

Até então, tínhamos razão para nos alegrarmos por termos conservado a nossa chalupa, que ainda não tinha sido danificada pelas ondas. Mas a nossa alegria não durou muito tempo, porque o

mastro do traquete e o traquete, que mantinham um pouco o brigue, se partiram ao mesmo tempo e agora as vagas vinham rebentar em cima de nós e, em cinco minutos, a coberta foi varrida de ponta a ponta, a chalupa e a amurada de estibordo foram arrancadas e o próprio molinete feito em pedaços. Realmente era impossível ficar reduzido a uma situação mais deplorável.

Ao meio-dia, sentimos certa esperança de ver a tempestade amainar, mas ficámos cruelmente desapontados, pois só se acalmou durante alguns minutos, para recomeçar ainda com mais fúria. As quatro horas da tarde, tomara tal intensidade que era impossível estar de pé e, quando anoiteceu, já tínhamos perdido todas as esperanças. Estava convencido de que o navio não aguentaria até à manhã seguinte.

À meia-noite a água tinha subido consideravelmente, chegando até aos bailéus do porão. Pouco depois o leme partiu-se, e a onda que o arrancou levantou toda a ré fora de água, de forma que, ao cair, o brigue estacou e deu uma guinada semelhante a um navio que encalha. Calculámos que o leme aguentaria até ao fim, porque era muito forte e estava instalado de uma maneira que eu nunca tinha visto e que não tornei a ver. Ao longo da peça principal havia uma série de fortes ganchos de ferro e uma outra semelhante ao longo do cadaste. Através destes ganchos passava um espigão de ferro forjado, muito espesso, ficando, desta forma, o leme preso ao cadaste e movendo-se livremente no espigão. Podem avaliar a força das ondas que arrancaram o leme, se atentarem no facto de os ganchos do cadaste, os quais, como já disse, se estendiam de um lado ao outro e estavam cravados de um lado, terem sido completamente arrancados da peça de madeira.

Mal tínhamos tido tempo de respirar depois desta violenta onda, quando uma das maiores ondas que jamais vi rebentou a prumo sobre nós, levando o camarote, arrombando as escotilhas e inundando totalmente o navio.

9 — A Pesca dos Víveres

Felizmente, pouco antes do anoitecer, tínhamo-nos amarrado solidamente aos destroços do molinete e tínhamo-nos deitado na coberta, o mais rente ao chão possível. De momento estávamos os quatro um pouco aturdidos pelo imenso peso da água que se tinha abatido sobre nós e, quando ela, por fim, se escoou, sentimo-nos quase desmaiados. Assim que consegui respirar chamei os meus companheiros. Augusto foi o único que me respondeu: «Que será de nós? Deus tenha piedade das nossas almas!» Passados alguns instantes, os outros dois puderam falar e exortaram-nos a que tivéssemos coragem, dizendo que ainda havia uma esperança, pois era impossível que o brigue se afundasse, devido à natureza da sua carga, e que havia motivos para crer que a tempestade se dissiparia de manhã. Estas palavras devolveram-me a vida porque, por mais estranho que pareça, embora fosse evidente que um navio carregado de barricas vazias não se pode afundar, tinha estado tão perturbado que este pensamento me tinha escapado completamente, sendo o perigo de naufrágio aquele que, há algum tempo, considerava o mais iminente. Sentindo renascer a esperança, aproveitei todas as ocasiões para reforçar as amarras que me prendiam aos destroços do molinete, descobrindo que os meus companheiros tinham tido a mesma ideia e também o faziam. A noite estava escura como breu e é inútil tentar descrever o barulho ensurdecador e o caos que nos rodeavam. A coberta estava ao nível do mar, ou antes estávamos cercados por uma crista, por

uma muralha de espuma, da qual uma parte passava constantemente sobre nós. Escusado será dizer que as nossas cabeças estavam fora de água apenas um segundo em cada três. Embora estivéssemos deitados muito perto uns dos outros, não nos víamos e, além disso, não distinguíamos a mais pequena parcela do brigue, onde estávamos a ser tão terrivelmente açoitados pelas águas. De vez em quando, chamávamos uns pelos outros, esforçando-nos assim por conservar a esperança e por consolar e encorajar um pouco aquele que mais necessitasse. O estado de fraqueza de Augusto era motivo de inquietação para os outros. Por ter o braço direito ferido, devia-lhe ser impossível apertar as amarras mais solidamente e, assim, receávamos que, a cada momento, fosse arrastado borda fora, já que era completamente impossível pensar em prestar-lhe qualquer auxílio. Por sorte, o seu lugar era muito mais seguro do que qualquer um dos nossos, pois tendo a parte superior do corpo protegida por um pedaço quebrado do molinete, a violência das ondas que se abatiam sobre ele era grandemente amortecida. Em qualquer outro sítio, que ele não tinha escolhido, pois fora para ali atirado acidentalmente, depois de se ter agarrado num local muito perigoso, teria sem dúvida perecido antes do amanhecer. Como já disse, o brigue estava um pouco inclinado e, graças a isso, estávamos menos sujeitos a sermos arrastados do que se ele estivesse noutra posição. O navio estava inclinado de bombordo, como também já assinalei, e cerca de metade da cobertura estava permanentemente debaixo de água. Assim, as vagas que nos atingiam de estibordo eram, em parte, quebradas pelo costado do navio e, deitados de bruços, apenas apanhávamos com alguns ressaltos; quanto às que vinham de

bombordo, atingiam-nos nas costas, mas devido à nossa posição, não tinham força suficiente para nos arrancar das amarras.

Permanecemos deitados nesta terrível situação até que a luz do dia nos veio mostrar mais claramente os horrores que nos cercavam. O brigue era apenas um simples madeiro, flutuando ao sabor das ondas; a tempestade continuava a aumentar; era um verdadeiro furacão e não víamos qualquer hipótese de salvação. Mantivemo-nos em silêncio durante algumas horas, receando que, a cada momento, as amarras cedessem, que os destroços do molinete deslizassem borda fora, ou que uma das enormes vagas, que rugiam à nossa volta em todas as direções, submergisse de tal maneira a carcaça que nós nos afogássemos antes de ela voltar à superfície. No entanto, a misericórdia de Deus livrou-nos destes perigos e, por volta do meio-dia, fomos contemplados com a luz abençoada do Sol. Pouco depois, sentimos uma acentuada redução da força do vento e, pela primeira vez desde a noite anterior, Augusto falou e perguntou a Peters, que estava deitado a seu lado, se havia alguma esperança de salvação. Como, a princípio, o mestiço não respondeu, concluímos que se tinha afogado, mas, para nossa grande alegria, e embora com uma voz muito débil, acabou por dizer que sofria muito, que estava como que cortado pelas amarras que lhe apertavam fortemente o estômago e que precisava de arranjar maneira de as afrouxar, se não morria, porque lhe era impossível suportar aquela tortura por mais tempo. Este facto causou-nos um grande desgosto, pois nem sequer podíamos pensar em socorrê-lo, enquanto o mar continuasse a fustigar-nos daquela maneira. Exortámo-lo a suportar os seus sofrimentos com coragem e prometemos-lhe aproveitar a primeira oportunidade que

surgisse para o socorrer. Ele respondeu que em breve seria demasiado tarde e que morreria antes que o ajudássemos; depois, tendo gemido durante alguns minutos, quedou-se em silêncio e concluímos que estava morto.

Ao anoitecer, o mar amainou consideravelmente e, agora, só de cinco em cinco minutos uma grande vaga se abatia sobre o casco de barlavento; o vento também se acalmou bastante, embora ainda soprasse forte. Há horas que não ouvia nenhum dos meus companheiros falar e chamei Augusto que me respondeu, mas com uma voz tão fraca, que mal consegui distinguir o que dizia. Chamei então por Peters e Parker, mas nenhum deles me respondeu.

Passado pouco tempo, mergulhei numa semi-insensibilidade, durante a qual flutuaram no meu cérebro as mais encantadoras imagens tais como árvores verdejantes, prados magníficos onde ondulava trigo maduro, procissões de jovens bailarinas, soberbas tropas de cavalaria e outras fantasias. Lembro-me agora que, em tudo o que desfilava no meu espírito, o *movimento* era a ideia predominante. Assim, nunca imaginava um objeto imóvel, como uma casa, uma montanha ou qualquer outra coisa do género, mas moinhos de vento, navios, pássaros, balões, homens a cavalo e outros objetos móveis, que se sucediam infinitamente no meu espírito. Quando saí deste estranho estado, o Sol já tinha nascido há uma hora, segundo calculei, e tive a maior dificuldade em me lembrar das diferentes circunstâncias relacionadas com a minha situação, pensando, durante algum tempo, que continuava encerrado no porão do brigue, perto da caixa, e tomando o corpo de Parker pelo *Tigre*.

Quando recuperei completamente os sentidos, apercebi-me que o vento se transformara numa brisa moderada e que o mar estava muito mais calmo, apenas arrastando o brigue de lado. O meu braço esquerdo tinha rompido as suas amarras e estava livre, mas o direito encontrava-se completamente paralisado e a mão e o cotovelo muito inchados devido à pressão das cordas que vinham desde o ombro. Sofria também por causa de uma corda que me rodeava a cintura e que estava apertada de forma intolerável. Olhando para os meus camaradas, vi que Peters ainda vivia, embora tivesse à volta dos rins uma grossa corda, tão apertada, que ele parecia cortado ao meio. Assim que me mexi, fez-me um débil sinal com a mão, apontando para a corda. Augusto não dava quaisquer sinais de vida e estava quase partido em dois, por um bocado do molinete. Quando me viu mexer, Parker falou-me e perguntou-me se eu ainda tinha forças para o libertar da posição em que estava, acrescentando que, se eu conseguisse reunir toda a minha energia e o conseguisse libertar, talvez fosse possível a nossa salvação, pois caso contrário morreríamos todos.

Respondi-lhe que tivesse coragem e que tentaria libertá-lo. Tateando nos bolsos das calças, encontrei o meu canivete e, depois de algumas tentativas infrutíferas, consegui abri-lo. Então, com a mão esquerda consegui cortar as amarras do braço direito, ocupando-me a seguir das outras cordas que me prendiam. Mas, ao tentar mover-me, apercebi-me que as pernas me falhavam e que não era capaz de me levantar; além disso, era-me impossível movimentar o braço direito, o mínimo que fosse. Comuniquei este facto a Parker, que me aconselhou a permanecer quieto durante alguns minutos, agarrando-me ao molinete com a mão esquerda,

para que a circulação de sangue se restabelecesse. Na verdade, o inchaço começou a desaparecer a pouco e pouco, de modo que pude mover primeiro uma perna e a seguir a outra; pouco depois, recuperei parcialmente o uso do braço direito. Deslizei então até junto de Parker, com a maior precaução e sem me pôr em cima das pernas, e cortei todas as cordas que o prendiam; tal como eu, recuperou, passado pouco tempo, o uso dos membros. Apressámo-nos seguidamente a desfazer a corda de Peters, a qual tinha feito um profundo golpe através da cintura das calças de lã e de duas camisolas, penetrando na virilha, donde o sangue jorrou em abundância, quando retirámos a corda. Mas, assim que acabámos, Peters começou a falar, parecendo sentir um alívio imediato: foi mesmo capaz de se movimentar com mais facilidade do que Parker e eu, certamente devido àquela sangria involuntária.

Augusto não dava sinais de vida e tínhamos poucas esperanças de o ver recuperar, mas, ao aproximarmo-nos dele, verificámos que estava apenas desmaiado em consequência de ter perdido sangue, uma vez que as ligaduras que lhe tínhamos posto no braço haviam sido arrancadas pela água; nenhuma das cordas que o prendiam ao molinete estava suficientemente apertada para lhe provocar a morte. Tendo-o desembaraçado das amarras e do pedaço de madeira, levámo-lo para um sítio seco a barlavento, com a cabeça mais baixa que o corpo, e começámos a friccionar-lhe os membros. Passada meia-hora, recuperou os sentidos, mas só na manhã seguinte nos reconheceu e teve forças para falar. Durante o tempo que gastámos a desembaraçar-nos de todas as amarras, a noite caiu e o céu começou a encobrir-se, o que nos causou um medo horrível, pois se o vento retomasse a sua anterior violência,

nada nos salvaria da morte, esgotados como estávamos. Por sorte, o tempo manteve-se estacionário durante a noite e, com o mar cada vez mais calmo, começámos, por fim, a acalentar a esperança de nos salvarmos. Continuava a soprar uma ligeira brisa de Nordeste, mas não estava nada frio. Augusto, demasiado fraco para se aguentar sozinho, foi cuidadosamente amarrado ao molinete, para não ser lançado borda fora pelos balanços do navio. Nós não precisávamos de tais precauções e sentámo-nos muito juntos, apoiados uns nos outros e presos com o resto das cordas do molinete, e conversámos sobre os meios de sair daquela terrível situação. Tivemos a bela ideia de nos despirmos, para torcermos a roupa e, quando a tornámos a vestir, pareceu-nos muito mais quente e agradável e revigorou-nos a força. Fizemos o mesmo com a roupa de Augusto e ele também se sentiu muito melhor.

Os nossos principais sofrimentos eram agora a fome e a sede e, quando pensávamos na maneira de resolver o problema, sentíamos o coração desfalecer e chegámos a lamentar termos escapado às garras do mar. No entanto, esforçámo-nos por nos consolar com a esperança de, em breve, sermos recolhidos por algum navio, encorajando-nos mutuamente a suportar com resignação todas as desgraças que ainda nos estavam reservadas.

A madrugada do dia 24 surgiu por fim, mantendo-se o tempo claro e agradável, com uma brisa constante, mas muito ligeira de Nordeste. O mar estava agora completamente calmo, e, por qualquer razão desconhecida, o brigue já não se inclinava tanto, a coberta estava muito mais seca e nós podíamos andar de um lado para o outro. Há mais de três dias e três noites que não bebíamos nem comíamos nada, e tornava-se absolutamente necessário fazer

qualquer tentativa para procurar qualquer coisa dentro do navio. Como o brigue estava completamente cheio de água, pusemos mãos à obra com tristeza e sem grande esperança de apanhar fosse o que fosse. Fizemos uma espécie de draga, espetando alguns pregos, que arrancámos dos destroços do castelo da proa, em dois pedaços de madeira que juntámos em forma de cruz e prendemos a uma corda. Atirámos a draga para o camarote e puxámo-la de um lado para o outro, na esperança de enganchar qualquer coisa que nos servisse de alimento ou, pelo menos, nos ajudasse a procurá-lo. Passámos quase toda a manhã nesta tarefa, mas sem resultado, pescando apenas algumas mantas que os pregos agarravam facilmente. A nossa invenção era de tal maneira tosca que não podíamos contar com grandes êxitos.

Recomeçámos a tarefa no castelo da proa, mas com o mesmo resultado e já estávamos desesperados, quando Peters propôs fazer-se amarrar a uma corda e mergulhar na cabina, para tentar apanhar qualquer coisa. Recebemos esta ideia com toda a alegria que pode inspirar a esperança que renasce. Começou imediatamente a despir-se, ficando apenas com as calças, e nós atámos-lhe uma corda à volta do corpo, fazendo-a passar por baixo dos braços para que não escorregasse. A empresa era difícil e perigosa, pois, como não esperávamos encontrar grande coisa no camarote, já partindo do princípio que ainda lá houvesse quaisquer provisões, era preciso que o mergulhador, depois de ter descido, virasse à direita e andasse, debaixo de água, dez ou doze pés através de uma passagem estreita, até chegar à despensa e, finalmente regressasse, sem respirar.

Uma vez tudo pronto, Peters desceu ao camarote, seguindo pela escada até que a água lhe atingiu o queixo. Então, mergulhou de cabeça, virou à direita e esforçou-se por penetrar na despensa, mas a primeira tentativa falhou completamente. Não tinha ainda descido há meio minuto, quando sentimos um violento puxão da corda: era o sinal combinado para o tirarmos da água quando ele quisesse, o que fizemos imediatamente, mas com tanta precipitação que o magoámos contra a escada. Não trazia nada com ele e tinha-lhe sido impossível avançar muito no estreito corredor, porque tinha de fazer grandes esforços para não flutuar e bater contra a cobertura. Quando saiu da cabina, estava muito esgotado e só passados uns bons quinze minutos se aventurou a tornar a descer.

A segunda tentativa foi ainda mais infeliz, pois ficou tanto tempo debaixo de água sem fazer o sinal que nós, já inquietos, o puxámos sem esperar mais; estava quase asfixiado, embora o infeliz afirmasse que já tinha puxado a corda várias vezes, sem que nós o notássemos. Isto aconteceu, sem dúvida, porque uma parte da corda se tinha enredado na balaustrada, perto da escada. A balaustrada constituía um tal embaraço, que decidimos arrancá-la antes de proceder a nova tentativa. Como não tínhamos nenhum meio de o fazer, exceto pela força dos braços, entrámos os quatro na água, o mais longe possível e, com toda a nossa força junta, conseguimos deitá-la abaixo.

A terceira tentativa não teve mais êxito do que as primeiras e tornou-se evidente que nada conseguiríamos por aquele processo, sem o auxílio de um peso que servisse para manter o mergulhador fixo ao chão do camarote, enquanto procedesse às suas pesquisas.

Olhámos algum tempo em redor, à procura de algo que servisse para este fim e, por fim, descobrimos, com grande alegria, uma das cadeias do traquete de barlavento, que já estava tão solta que a arrancámos sem grande dificuldade. Peters atou-a solidamente a um tornozelo e desceu então pela quarta vez ao camarote, mas desta vez conseguiu chegar até à porta da despensa. Porém, com um desespero indescritível, encontrou-a fechada e foi obrigado a regressar sem lá ter entrado, pois, devido ao excesso de esforço, não conseguia estar debaixo de água mais de um minuto. As coisas estavam a assumir um carácter sinistro e eu e Augusto desatámos a chorar, pensando nas gigantescas dificuldades que surgiam e nas escassas possibilidades de se salvarem. Mas a nossa fraqueza foi curta; ajoelhámo-nos e implorámos a Deus que não nos abandonasse no meio de tantos perigos; depois, com uma esperança e vigor novos, levantámo-nos, prontos a continuar as nossas buscas e a tentar todos os meios humanos para nos salvarmos.

10 — O Brigue Misterioso

Passado pouco tempo, ocorreu um incidente que, por nos ter causado a mais extrema alegria, seguida do mais extremo horror, me pareceu a mais impressionante e terrível de todas as aventuras que vivi mais tarde, no decurso de nove longos anos, tão cheios de acontecimentos da mais surpreendente e mesmo inacreditável e inimaginável natureza. Estávamos deitados na coberta, perto da escada e continuávamos a discutir a possibilidade de penetrar na despensa quando, olhando para Augusto que estava à minha frente, me apercebi que ele, de repente, ficara extremamente pálido e que os lábios lhe tremiam de um modo estranho e incompreensível. Alarmadíssimo, falei-lhe, mas ele não me respondeu e começava a acreditar que tinha sido atacado de qualquer doença súbita, quando reparei nos seus olhos muito brilhantes e fixos em qualquer objeto existente atrás de mim. Virei a cabeça, e nunca esquecerei a alegria que penetrou em cada partícula do meu ser, ao ver um grande brigue que se aproximava de nós e que estava a cerca de duas milhas de distância. Pus-me em pé de um salto, como que movido por uma mola e, estendendo os braços na direção do navio, permaneci imóvel, incapaz de articular palavra. Peters e Parker estavam igualmente emocionados, embora o demonstrassem de maneiras diferentes. O primeiro dançava como um louco na coberta, dizendo as mais monstruosas extravagâncias, intervaladas com urros e imprecações, enquanto o segundo se debulhava em lágrimas, chorando durante alguns minutos como uma criança.

O navio à vista era um grande brigue-escuna, à holandesa, pintado de preto, com beque de proa dourado brilhante. Era evidente que suportara o mau tempo e pensámos que a tempestade, que tinha sido a causa do nosso desastre, o tinha danificado muito, pois tinha perdido o mastaréu da gávea assim como parte da amurada de estibordo. Quando o avistámos pela primeira vez, estava, como já disse, a cerca de duas milhas, a barlavento, navegando em direção a nós. A brisa era muito ligeira e surpreendeu-nos que apenas tivesse içados o traquete e a vela grande com o cutelo, e por isso navegava muito lentamente, fazendo a nossa impaciência chegar ao extremo. Apesar da nossa emoção, todos notámos a maneira desajeitada como era manobrado; dava tais guinadas, que chegámos a crer que não nos tinha visto, ou então que, tendo descoberto o nosso navio, mas julgando-o vazio, se ia afastar. Gritávamos e berrávamos com quanta força tínhamos e o navio desconhecido parecia mudar a rota e dirigir-se de novo para nós. Esta estranha manobra repetiu-se duas ou três vezes e a única explicação que encontramos para o caso foi uma possível embriaguez do timoneiro.

Não distinguimos ninguém a bordo até o navio estar a um quarto de milha de distância de nós. Então, vimos três homens que, pelo trajar, tomámos por holandeses; dois deles estavam deitados sobre velas velhas perto do castelo da proa e o terceiro, que parecia olhar-nos com curiosidade, estava à proa, a estibordo junto do gurupés. Este último era um homem de grande estatura, vigoroso e de pele escura. Pelos gestos, parecia encorajar-nos a ter paciência, acenando-nos alegremente com a cabeça, mas de um modo que não deixava de ser bizarro, enquanto sorria sempre,

mostrando uma fila de dentes brancos e brilhantes. À medida que o navio se aproximava, vimos cair-lhe à água o gorro de lã vermelha, facto a que não ligou nenhuma, continuando com os seus sorrisos e gestos extravagantes. Relato minuciosamente todas estas coisas e circunstâncias e isso deve ser compreendido, tal *como* elas nos *apareceram*.

O brigue avançava para nós lentamente, já com maior precisão nas manobras e (não consigo falar com sangue-frio desta aventura) os nossos corações quase nos rebentavam no peito. Expandimos o nosso estado de espírito com gritos de alegria e ações de graças a Deus pela completa, gloriosa e inesperada salvação que nos proporcionava. De repente, chegou-nos do navio misterioso, que já estava muito perto de nós, um tal fedor, que não há no mundo palavras que o possam definir— infernal, sufocante, intolerável, inconcebível! Abri a boca para respirar e, virando-me para os meus camaradas, apercebi-me que estavam mais pálidos do que o mármore. Mas não tínhamos tempo para discutir ou raciocinar, pois o brigue estava a cinquenta pés de distância de nós e parecia ter intenção de nos acostar pela proa, para que nós o pudéssemos abordar sem necessidade de lançarem um bote à água. Corremos para a ré quando, de repente, uma forte guinada o fez desviar cinco ou seis pontos da rota que seguia, e, como passava a uma distância de certa de vinte pés da nossa ré, pudemos ver toda a sua cobertura. Nunca poderei esquecer o triplo horror daquele espetáculo! Cerca de trinta corpos humanos, entre os quais mulheres, jaziam espalhados ao acaso, entre a ré e a cozinha, no mais adiantado e repugnante estado de putrefação! Vimos claramente que não havia viva alma a bordo daquele barco

maldito! No entanto, não conseguimos deixar de chamar aqueles mortos em nosso socorro! Sim, na agonia do momento, implorámos longa e fervorosamente àquelas imagens silenciosas e repugnantes que parassem para nos levar, que não nos deixassem ficar iguais a eles e que nos recebessem na sua graciosa companhia! O horror e o desespero faziam-nos delirar, pois a angústia e a decepção tornaram-nos completamente loucos.

Quando soltámos o nosso primeiro grito de terror, respondeu-nos qualquer coisa que vinha do lado do gurupés do navio desconhecido e que era tão semelhante a um grito humano que o ouvido mais sensível teria estremecido, deixando-se enganar. Naquele momento, outra guinada súbita, colocou durante alguns minutos o castelo da proa diante dos nossos olhos e, ao mesmo tempo, apercebemo-nos da causa do ruído. Vimos a grande e robusta personagem, ainda apoiada à amurada e abanando sempre a cabeça, mas com o rosto virado de tal maneira que não o víamos. Os braços estavam estendidos sobre a armadura e as mãos pendentes; os joelhos repousavam sobre um grosso cabo esticado que ia da base do gurupé até um dos turcos. Nas costas, onde uma parte da camisa tinha sido arrancada, deixando a pele a descoberto, estava pousada uma enorme gaivota que se banqueteara com aquela carne horrível, tendo o bico e as garras profundamente enterradas no corpo e a sua branca plumagem toda salpicada de sangue. Como o brigue continuava a voltar-se, como que para nos ver mais de perto, a ave levantou a cabeça ensanguentada do buraco e, depois de nos ter encarado por momentos como que estupefacta, separou-se preguiçosamente do corpo, onde se regalava, e a seguir sobrevoou a nossa coberta

durante algum tempo com um pedaço da substância coagulada, quase viva, no bico. Por fim, o horrível pedaço caiu, com um ruído sinistro, mesmo aos pés de Parker. Que Deus me perdoe! mas naquele instante um pensamento atravessou-me o espírito, um pensamento que não descreverei, e senti-me a fazer um passo maquinal em direção ao ponto ensanguentado. Levantei os olhos que encontraram os de Augusto, os quais estavam carregados de uma censura tão intensa e enérgica, que caí imediatamente em mim. Avancei com decisão e, com um profundo arrepio, atirei aquela coisa horrível ao mar.

O corpo donde o pedaço tinha sido arrancado, ignorando tudo o que se passava, oscilava facilmente sob a ação do pássaro carnicero e era esse movimento que, a princípio, nos fez pensar que era um ser vivo. Quando a gaivota se desembaraçou do corpo, este cambaleou, girou e caiu de lado, de forma que pudemos ver-lhe toda a cara. Não, nunca vi espetáculo mais aterrador! Os olhos já não existiam assim como as carnes à volta da boca que tinham desaparecido, deixando os dentes completamente à vista. Era este o sorriso que tinha encorajado a nossa esperança! Era este... prefiro não continuar. O brigue, como já disse, passou à nossa ré e continuou lenta e regularmente para sotavento. Com ele e a sua horrível tripulação desvaneceram-se todas as nossas felizes visões de alegria e de salvação. Como demorou algum tempo a passar, talvez tivéssemos tido tempo de o abordar, se o nosso súbito desapontamento e a natureza aterradora da nossa descoberta, não tivessem aniquilado todas as nossas faculdades morais e físicas. Tínhamos visto e sentido, mas só demasiado tarde conseguimos pensar e agir! Podem julgar por este simples facto, quanto aquele

incidente afetou as nossas inteligências: quando o navio se afastava, tanto que já só lhe víamos metade do casco, discutimos seriamente a hipótese de tentar alcançá-lo a nado!

Mais tarde, fiz todos os esforços para esclarecer o mistério que envolvia o destino do navio desconhecido. A sua construção e aspeto geral levaram-nos a crer, como já disse, que se tratava de um navio mercante holandês, e os trajés da tripulação confirmaram-nos esta opinião. Também teria sido fácil ler-lhe o nome inscrito na ré e fazer outras observações que servissem para o identificar, mas a emoção profunda do momento cegou-nos e escondeu-nos todos os indícios desta natureza. Pela cor de açafrão de alguns dos cadáveres que ainda não estavam totalmente putrefactos, concluímos que todos a bordo tinham morrido de febre amarela ou de qualquer outra doença contagiosa de aspeto semelhante. Se foi este o caso (mas se não foi, não consigo imaginar mais nada) a morte, a julgar pela posição dos corpos, surpreendeu-os de uma maneira muito rápida e demolidora, de uma forma completamente diferente da que caracteriza as pestes mais mortíferas, conhecidas da humanidade. Pode também ter acontecido que se tenha introduzido acidentalmente qualquer veneno em alguma provisão de bordo, causando aquele desastre; talvez tivessem comido qualquer peixe desconhecido, de uma espécie venenosa, ou um pássaro marinho, ou qualquer outro animal, que sei eu? Porém é absolutamente inútil fazer conjeturas sobre um caso que está e, sem dúvida, continuará a estar envolto no mais horrível e insondável mistério.

11 — A Garrafa de Porto

Passámos o resto do dia num estado de letargia estúpida, sempre a olhar para o navio, até que as trevas, ocultando-o da nossa vista, nos fizeram, de certo modo, cair em nós. Então, a agonia da fome e da sede voltou, absorvendo todas as outras preocupações e considerações. Contudo, nada podíamos fazer até de manhã e, instalando-nos o melhor possível, esforçámo-nos por recuperar um pouco. Pela minha parte, consegui-o, para além do que esperava, e dormi até ao nascer do dia, quando os meus camaradas, que tinham sido menos favorecidos do que eu, me acordaram para recomeçarmos as tristes tentativas na despensa.

Tudo estava completamente calmo, com o mar mais sereno que jamais vi, enquanto a temperatura estava quente e agradável. O brigue fatal desaparecera no horizonte. Começámos as operações por arrancar, com bastante dificuldade, outra cadeia do traquete; uma vez as duas presas aos pés de Peters, tentou mais uma vez chegar à porta da despensa, pensando que talvez a conseguisse forçar, desde que lá chegasse em menos tempo, o que tinha esperança que acontecesse, pois a carcaça do navio estava em melhor posição do que antes.

Na verdade, conseguiu chegar muito depressa à porta e, aí, soltando um dos pesos dos tornozelos, utilizou-o para a forçar; mas todos os seus esforços foram vãos, porque o madeiramento era muito mais resistente do que ele pensava. Estava completamente esgotado por aquela longa permanência debaixo de água e era

indispensável que um de nós o substituísse. Parker ofereceu-se imediatamente para o serviço, mas, depois de três viagens infrutíferas, nem sequer tinha conseguido chegar até à porta. O estado deplorável do braço de Augusto, tornava-o incapaz para qualquer tentativa, pois, mesmo que conseguisse chegar à porta, não teria força para a arrombar; portanto, era a mim que me incumbia agora usar todas as minhas forças para salvar a comunidade.

Peters tinha deixado uma das cadeias na passagem e eu vi, assim que mergulhei, que não tinha peso suficiente para me manter em pé debaixo de água. Assim, resolvi que a minha primeira viagem, seria apenas para encontrar o outro peso. Com este objetivo, tateava o chão do corredor, quando senti algo duro, que apanhei imediatamente, nem tendo tempo para verificar de que se tratava; depois voltei-me e subi à superfície. A minha descoberta era uma garrafa e podem imaginar a nossa alegria ao verificarmos que estava cheia de Vinho do Porto. Demos graças a Deus por aquele consolo e socorro tão oportuno, depois do que, com o meu canivete, tirámos a rolha e bebemos cada um um gole, sentindo-nos espantosamente reconfortados e como que inundados de calor, de forças e de ânimo. Voltámos a rolar a garrafa com todo o cuidado e, com a ajuda de um lenço, amarrámo-la de forma que não se partisse.

Descansei um pouco, após esta feliz descoberta, e voltei a descer, recuperando a cadeia, com a qual subi imediatamente. Depois de a ter amarrado a um pé, desci pela terceira vez apenas para verificar que nunca conseguiria arrombar a porta da despensa. Subi desolado.

Decididamente, era preciso renunciar a todas as esperanças e vi nas fisionomias dos meus camaradas que se tinham resignado a morrer. O vinho tinha-lhes provocado uma espécie de delírio, do qual eu me livrara, talvez, devido à minha última imersão. Falavam de forma incoerente e de assuntos que nada tinham a ver com a nossa situação: Peters enchia-me de perguntas sobre Nantucket, enquanto Augusto, aproximando-se de mim com um ar muito sério, me pedia que lhe emprestasse um pente, pois, segundo dizia, tinha os cabelos cheios de escamas e desejava limpá-los antes de desembarcar. Parker parecia um pouco menos afetado e insistia para que eu tornasse a descer e lhe trouxesse o primeiro objeto que apanhasse. Aceitei e, logo à primeira tentativa, depois de cerca de um minuto debaixo de água, subi com uma pequena mala de couro que pertencia ao capitão Barnard. Abrimo-la imediatamente, com a débil esperança que contivesse algo que se comesse ou bebesse; mas apenas lá encontramos uma caixa com navalhas de barba e duas camisas de linho. Tornei a mergulhar, mas subi sem nada. Quando a minha cabeça saía da água, ouvi o barulho de qualquer coisa a partir-se na coberta e, ao subir, vi que os meus companheiros de infortúnio se tinham ignobilmente aproveitado da minha ausência para beber o resto do vinho e que tinham deixado cair a garrafa, na precipitação de a reporem no lugar antes da minha chegada. Fiz-lhes notar a sua falta de coração e Augusto desatou a chorar. Os outros dois tentaram rir e dar ao caso um ar de brincadeira, mas espero nunca mais ver um riso assim, pois as convulsões dos seus rostos eram completamente horríveis. Era evidente que a excitação provocada nos seus estômagos vazios, originara um efeito violento e instantâneo e que estavam muito

embriagados. Só a muito custo, consegui que se deitassem, caindo logo a seguir num sono profundo acompanhado de um sonoro ressonar.

Encontrei-me então sozinho no brigue, por assim dizer, e os meus pensamentos eram da natureza mais terrível e sinistra. A única perspectiva que se me apresentava era morrer de fome lentamente ou, vendo as coisas pelo melhor, ser tragado pela primeira tempestade que se levantasse, porque não podíamos acalentar qualquer esperança de, no nosso estado de fraqueza, sobreviver a outra.

A fome torturante que sentia era quase insuportável e sentia-me capaz de fazer os maiores extremos para a apaziguar. Com o meu canivete cortei um pedaço de couro da mala e tentei comê-lo, mas foi-me completamente impossível engolir o mínimo bocado que fosse. No entanto, parecia-me que mascar pequenos fragmentos de couro me aliviava um pouco o sofrimento. Perto da noite, os meus companheiros acordaram um a um e todos num estado de fraqueza e de horror indescritível, causado pelo vinho, cujos vapores já se tinham evaporado. Tremiam, como se estivessem atacados por uma febre violenta, e imploravam água soltando gritos lancinantes. O seu estado comovia-me muito e não podia deixar de me regozijar pelo feliz acidente que me tinha impedido de me tentar pelo vinho, poupando-me assim àquelas sinistras e aflitivas sensações. Além disso, a sua conduta alarmava-me e causava-me grande inquietação, porque era evidente que, a menos que o seu estado melhorasse, não me poderiam prestar qualquer assistência na nossa salvação comum. Ainda não tinha desistido da ideia de trazer mais qualquer coisa do camarote, mas só podia recomeçar com as

tentativas se um deles estivesse suficientemente lúcido para segurar a corda enquanto eu descia. Parker parecia um pouco melhor do que os outros e esforcei-me por o reanimar por todos os meios possíveis. Lembrando-me que talvez um banho de mar tivesse um efeito positivo, atei-lhe uma corda à volta do corpo e depois, conduzindo-o até à escada do camarote, sempre inerte e passivo, empurrei-o para a água e retirei-o imediatamente. Tive ocasião para me felicitar pela experiência, porque ele pareceu recuperar a vida e a força e, ao subir, perguntou-me com um ar perfeitamente normal, qual era o motivo por que o tratava daquela maneira. Quando lhe expliquei os meus objetivos, agradeceu-me muito e disse-me que se sentia muito melhor depois do banho; depois falou sensatamente da nossa situação. Resolvemos então aplicar o mesmo tratamento a Augusto e Peters, o que fizemos a seguir, provocando nos dois um alívio enorme. Esta ideia da imersão súbita fora-me sugerida por qualquer velha leitura de carácter médico sobre os efeitos da aspensão e do duche nos casos em que o doente sofre de *delirium tremens*.

Vendo que podia novamente confiar nos meus camaradas para segurarem na corda, mergulhei mais três ou quatro vezes no camarote, embora já fosse noite e uma ondulação bastante suave, mas alta, vinda do norte, fizesse balouçar um pouco o nosso batelão. Durante estas tentativas consegui trazer duas grandes facas de cozinha, um cântaro com capacidade de três galões, mas vazio, e uma manta, mas nada que servisse para nos mitigar a fome. Depois de ter encontrado estes objetos continuei os meus esforços até estar completamente esgotado, mas não encontrei mais nada. Durante a noite, Parker e Peters revezaram-se na

mesma tarefa, mas nada apanharam e, convencidos que nos estávamos a esgotar em vão, abandonámos aquela empresa com desespero.

Passámos o resto da noite na mais terrível angústia moral e física que podem imaginar. A manhã do dia 16 chegou por fim e os nossos olhos sondaram todos os pontos do horizonte com avidez, à procura de socorro, mas em vão. O mar continuava tranquilo, mas com ondas grandes de norte, como na véspera. Há seis dias que não comíamos nem bebíamos nada, exceto a garrafa de Porto, e era evidente que não poderíamos resistir muito mais tempo, a não ser que encontrássemos alguma coisa. Nunca vi, e espero não vir a ver, seres humanos tão macilentos como Peters e Augusto. Se os encontrasse em terra no estado em que se encontravam agora, nem suspeitaria que os conhecia. As suas fisionomias tinham-se alterado completamente, e eu só a muito custo reconhecia neles os indivíduos que me acompanhavam dias antes. Parker, embora extremamente magro e tão fraco que mal podia levantar a cabeça, não estava tão acabado como os outros dois. Sofria com grande paciência, nunca se queixava e tentava incutir-nos a esperança por todos os meios que conseguia inventar. Quanto a mim, embora tivesse estado doente no início da viagem e fosse de constituição fraca, era o que sofria menos; não estava tão magro e conservara num grau surpreendente as minhas capacidades mentais, enquanto os outros estavam completamente abatidos e pareciam ter caído numa segunda infância fazendo gestos tolos, como os idiotas, e dizendo os mais absurdos disparates. No entanto, de vez em quando, pareciam reviver bruscamente, como que inspirados pela consciência da sua situação. Então punham-se em pé, de um salto,

como que impulsionados por acesso momentâneo de vigor e falavam dos problemas de uma maneira perfeitamente racional, mas cheia do mais profundo desespero. É possível que os meus camaradas tenham tido do seu estado a mesma opinião que eu tinha do meu, e que eu me tenha tornado involuntariamente culpado das mesmas extravagâncias e das mesmas imbecilidades, mas isso é uma questão que me é impossível verificar.

Por volta do meio-dia, Parker declarou que via terra do lado de bombordo e tive a maior dificuldade para o impedir de se deitar à água para a alcançar a nado. Peters e Augusto não prestaram grande atenção ao que ele dizia, parecendo os dois absorvidos numa sombria contemplação. Olhando na mesma direção, foi-me impossível distinguir qualquer coisa que se parecesse com terra; aliás sabia perfeitamente que estávamos longe de qualquer terra para sentir uma esperança dessa natureza. Assim, demorei muito tempo a convencer Parker do seu engano. Desatou então a chorar como uma criança com grandes gritos e soluços, durante duas ou três horas; por fim, esgotado pela fadiga e pelo desespero, adormeceu.

Peters e Augusto fizeram então algumas tentativas infrutíferas para mascarem pedaços de couro. Aconselhei-os a mascarem o couro e a deitá-lo fora, mas estavam demasiado cansados para seguirem o meu conselho. Porém, eu continuei a mascar alguns pedaços de vez em quando e senti algum alívio, mas o meu grande sofrimento era provocado pela falta de água e só resisti ao desejo de beber água do mar lembrando-me das terríveis consequências que daí resultaram para outros indivíduos em idênticas circunstâncias.

O dia decorria desta forma, quando, de repente, avistei uma vela a Este, na direção da nossa proa, do costado de bombordo. Parecia-me ser um grande navio, navegando na nossa direção e a uma distância de doze ou quinze milhas. Nenhum dos meus companheiros o tinha ainda visto e evitei dizer-lhes imediatamente, receando que, mais uma vez, as nossas esperanças fossem vãs. À medida que se aproximava, vi nitidamente que tinha a proa na nossa direção e as velas pequenas abertas. Não me pude conter por mais tempo e mostrei-o aos meus companheiros de infortúnio. Levantaram-se de um salto, entregando-se de novo às mais extravagantes demonstrações de alegria, chorando e rindo como os idiotas, saltando e batendo com os pés na coberta, arrancando os cabelos, rezando e blasfemando alternadamente. Estava tão influenciado pela sua conduta, assim como pela perspectiva de salvação, que já considerava certa, que não resisti a juntar-me a eles, a participar nas suas loucuras e a dar plena liberdade a todas as explosões da minha alegria e felicidade, espojando-me e rolando pela coberta, batendo palmas, gritando e fazendo outras infantilidades semelhantes, até que voltei a mim e caí no mais extremo desespero e miséria humana, ao ver que o navio nos apresentava a ré e navegava numa direção totalmente oposta à que o vira seguir de início.

Demorei algum tempo a explicar a nossa nova infelicidade aos meus nobres camaradas. Respondiam a tudo o que eu dizia com olhares fixos e gestos que significavam que não se brinca com coisas sérias. Foi a conduta de Augusto que mais me impressionou, pois, apesar de tudo o que lhe disse para o convencer, persistia em afirmar que o navio se aproximava a toda a velocidade na nossa

direção e em fazer preparativos para subir a bordo. Apontava algumas algas que flutuavam ao longo do brigue, afirmando que era uma embarcação do navio, chegando a esforçar-se para saltar para ela, urrando e gritando de maneira confrangedora; por fim fui obrigado a usar a força para o impedir de se atirar ao mar.

Quando nos recuperámos um pouco, da nossa emoção, continuámos a olhar o navio até que o perdemos finalmente de vista, pois o céu encobriu-se e levantou-se uma pequena brisa. Quando desapareceu completamente, Parker voltou-se, de repente, para mim com uma tal expressão no rosto que senti um calafrio. Tinha um ar tranquilo e um sangue-frio que nunca tinha notado nele e, antes que abrisse a boca, tive um pressentimento do que ia dizer. Propôs-me, em poucas palavras, o sacrifício de um de nós para salvação dos outros.

12 — A Palha Mais Curta

Há já algum tempo que tinha pensado na possibilidade de nos encontrarmos reduzidos a esta horrível alternativa e, secretamente, tinha decidido suportar a morte mais terrível a recorrer a semelhante extremo; esta resolução não foi, de maneira nenhuma enfraquecida pela fome que me torturava. Augusto e Peters não tinham ouvido a proposta e, assim, chamei Parker à parte e, pedindo a Deus que me desse a eloquência suficiente para o dissuadir do seu abominável projeto, fiz-lhe uma grande censura, supliquei-lhe com ardor, implorei-lhe em nome daquilo que tinha de mais sagrado, tentei convencê-lo, com todas as espécies de argumentos que me ocorreram, a abandonar aquela ideia e a não falar dela aos outros.

Escutou tudo o que lhe disse, sem pôr objeções, e já estava quase convencido que o conseguiria dominar; porém, quando acabei de falar, disse-me que sabia que tudo o que eu lhe acabara de dizer era verdade e que recorrer a tal solução era a mais horrível alternativa que se podia apresentar a um ser humano, mas que já tinha sofrido o máximo que a natureza podia suportar e que era inútil que todos morrêssemos quando era possível e mesmo provável, que, com a morte de um só, os outros se salvassem. Acrescentou ainda que podia poupar-me ao trabalho de querer fazê-lo mudar de ideias, porque estava absolutamente decidido, mesmo antes do aparecimento do navio, e que só esse facto o impedira de fazer aquela proposta há mais tempo.

Supliquei-lhe então, já que não conseguia fazê-lo desistir do projeto, que, pelo menos, o adiasse para o dia seguinte, pois era possível que aparecesse algum navio em nosso socorro, argumentando com tudo o que me ocorreu e que me parecia que podia influenciar uma natureza rude como a dele. Respondeu-me que tinha esperado até ao último instante possível, para falar daquilo, e que não era capaz de viver nem mais uma hora sem comer e que, em consequência, se adiasse para o outro dia, já seria demasiado tarde, pelo menos no que lhe dizia respeito.

Vendo que nada o dissuadia e que não podia convencê-lo a bem, utilizei um tom diferente e disse-lhe que ele devia saber que eu era o que menos sofrera com todas as nossas calamidades e que, portanto, era o que naquele momento melhor estava de força e de saúde, não só em relação a ele mas também a Peters e Augusto; que utilizaria a força, se o julgasse necessário e que se ele tentasse por qualquer meio comunicar aos outros o seu terrível projeto de canibalismo, não hesitaria em o atirar ao mar.

Ao ouvir isto, agarrou-me bruscamente a garganta e, puxando de uma faca, tentou em vão atingir-me no estômago, atrocidade que só não concretizou devido ao seu estado de extrema fraqueza. Entretanto, no auge da minha cólera, empurrei-o até à borda do navio, com a firme intenção de o lançar à água, mas foi salvo deste destino pela intervenção de Peters, que se aproximou e nos separou, perguntando o motivo da disputa. Parker explicou-lhe, antes que eu conseguisse impedi-lo.

O efeito das suas palavras foi ainda mais terrível do que eu esperava. Ao que parece, Augusto e Peters há muito que alimentavam em segredo o pensamento que Parker tinha sido o

primeiro a enunciar, concordaram com ele e insistiram para o pôr imediatamente em execução. Tinha imaginado que, pelo menos, um deles ainda tivesse o ânimo e a coragem suficientes para se pôr a meu lado e se opor à execução daquele terrível projeto e, com a ajuda de um deles, julgara-me perfeitamente capaz de impedir a sua concretização. Frustrada esta esperança, tornava-se indispensável que eu velasse pela minha própria segurança, pois uma resistência mais prolongada da minha parte podia ser considerada por aqueles homens exasperados pela sua situação, como uma desculpa suficiente para me recusarem tentar a minha sorte naquela tragédia, que se seguiria.

Disse-lhes que aderira de boa vontade à proposta, mas pedia apenas um adiamento de uma hora para deixar levantar o nevoeiro que nos envolvia, porque o navio que anteriormente tínhamos visto, talvez já estivesse à vista. A muito custo, consegui deles a promessa que esperariam ainda esse tempo e, como eu esperava, graças a uma brisa que se levantou, a bruma desvaneceu-se antes de passada uma hora, mas nenhum navio apareceu no horizonte e nós preparámo-nos para tirar à sorte.

É com excessiva repugnância que me detenho na pavorosa cena que se seguiu, cena que nenhum acontecimento posterior conseguiu apagar da minha memória, onde ficou gravada com os mais minuciosos pormenores e cuja recordação cruel envenenará para sempre a minha existência. Assim, vou contar esta parte do meu relato o mais depressa que a natureza dos incidentes o permitir. O único método que tínhamos à disposição para esta terrível lotaria, na qual cada um jogava a sua vida, era o da palha mais curta. Pequenas estilhas de madeira serviam para o fim

desejado e foi combinado que eu as seguraria. Afastei-me para uma ponta do navio, enquanto os meus camaradas, se colocaram, silenciosamente na outra ponta, de costas viradas para mim. O momento mais cruel deste horrível drama, o mais angustiante, foi aquele em que arranjei os pedaços de madeira. Há poucas situações decisivas para o homem, em que ele não pense na conservação da sua existência com o maior interesse, interesse que cresce de minuto a minuto com a fragilidade do elo a que essa existência está suspensa. Porém, a natureza silenciosa, positiva e rigorosa da tarefa a que, agora, me dedicava (tão diferente dos tumultuosos perigos da tempestade e dos horrores graduais e progressivos da fome), fez-me refletir sobre as reduzidas possibilidades que tinha de escapar à mais terrível das mortes, a uma morte que tinha uma utilidade horrorosa, e as partículas daquela energia que me tinha aguentado tanto tempo, fugiam agora como penas levadas pelo vento, deixando-me mergulhado no mais abjeto e lamentável terror. A princípio, nem conseguia arranjar força suficiente para arrancar e reunir os pequenos pedaços de madeira, pois os meus dedos recusavam-se terminantemente a trabalhar e os meus joelhos tremiam com violência. Passaram-me rapidamente pela mente mil estratégias absurdas para evitar arriscar-me: pensei em lançar-me aos pés dos meus camaradas e implorar-lhes que não me obrigassem àquela necessidade, em precipitar-me sobre eles de improviso, matando um deles e tornando assim inútil a escolha à sorte, em resumo, pensei em tudo, exceto em executar o que tinha para fazer. Por fim, depois de ter perdido muito tempo nesta conduta imbecil, fui chamado à realidade pela voz de Parker, que me pressionava para que os

tirasse rapidamente daquela terrível inquietação que os consumia. Mas, nem assim me resignava a arranjar os pedaços de madeira. Pus-me a pensar em todas as artimanhas para fazer batota ao jogo e levar um dos meus pobres companheiros de infortúnio a tirar a palha mais curta, já que tinha sido decidido que aquele que tirasse o pedaço mais curto morreria para conservação dos outros. Quem sentir desejo de me condenar por esta aparente infâmia, deverá colocar-se numa situação exatamente igual à minha!

Por fim, já não era possível adiar por mais tempo e, sentindo o coração a saltar-me do peito, avancei para o castelo da proa, onde os meus camaradas me esperavam. Mostrei a mão com os bocadinhos de madeira e Peters tirou um imediatamente. Estava livre! Pelo menos, o seu bocado não era o mais curto; tinha agora mais uma possibilidade contra mim. Reuni toda a minha energia e estendi a mão a Augusto, que tirou um pedaço e também ficou livre. Naquele momento, as minhas hipóteses de viver ou morrer eram iguais, e apoderou-se de mim a ferocidade do tigre, sentindo por Parker, meu semelhante, meu pobre camarada, o ódio mais intenso e diabólico. Mas este sentimento foi de curta duração e, com um arrepio convulsivo e os olhos fechados, acabei por estender para ele os pedaços restantes. Passaram mais de cinco minutos, antes que ele conseguisse resolver-se e, durante este século de indecisão, não abri os olhos uma única vez. Por fim, um dos pedaços foi-me violentamente arrancado da mão. A sorte estava decidida, mas não sabia se era a favor ou contra mim. Ninguém falava e eu não ousava esclarecer a minha incerteza, olhando para o pedaço de madeira que me restava, até que Peters me agarrou a mão e eu me esforcei por olhar, mas vi imediatamente pela

fisionomia de Parker que estava salvo e que era ele a vítima condenada. Respirei convulsivamente e caí desmaiado na coberta.

Voltei a mim a tempo de ver o desfecho da tragédia e assistir à morte daquele que, como autor da proposta, era, por assim dizer, o seu próprio carrasco. Não ofereceu a mínima resistência e, apunhalado pelas costas por Peters, morreu instantaneamente. Não me alongarei no terrível festim que se seguiu; estas coisas podem ser imaginadas, mas as palavras não têm poder suficiente para impressionar o espírito com o tremendo horror da realidade. Que chegue saberem que, depois de termos, até certo ponto apaziguado no sangue da vítima a sede raivosa que nos devorava, e de termos, de comum acordo atirado à água as mãos, os pés, a cabeça e as entranhas, devorámos o resto do corpo, pedaço a pedaço, durante os quatro dias inesquecíveis que se seguiram: 17, 18, 19 e 20 de julho.

No dia 19, houve uma forte chuvada que durou quinze ou vinte minutos e que nos permitiu recolher um pouco de água num bocado de pano que a nossa draga tinha pescado no camarote logo a seguir à tempestade. A quantidade de água assim recolhida, não era mais de meio-galão, mas esta providencial provisão chegou-nos para nos dar muito mais força e esperança.

No dia 21, estávamos, de novo, reduzidos ao último extremo. A temperatura mantinha-se quente e agradável, havendo algum nevoeiro e brisas ligeiras, geralmente de Norte para Oeste.

No dia 22, quando estávamos os três sentados, apertados uns contra os outros e meditando melancolicamente na nossa situação, tive uma ideia súbita que brilhou como um vivo raio de esperança. Lembrei-me que, quando o mastro do traquete tinha sido cortado,

Peters, na altura das mesas da enxárcia, tinha-me passado um dos machados, pedindo-me que o pusesse, se possível num sítio seguro, que, alguns minutos antes das ondas que inundaram o brigue, tinha colocado o machado num dos catres de bombordo. Ocorreu-me então que, se fosse possível abrir a cobertura por cima da despensa, conseguiríamos procurar provisões sem dificuldade.

Quando comuniquei este projeto aos meus camaradas, soltaram um grito de alegria e corremos imediatamente para o castelo da proa. Aqui, a dificuldade em descer era muito maior do que no camarote, porque a abertura era muito mais estreita, já que, segundo se lembram, todo o madeiramento à volta da escada do camarote tinha sido arrancado, enquanto a passagem do castelo da proa, não passava de uma escotilha com cerca de três pés quadrados que tinha ficado intacta. No entanto, não hesitei em tentar a aventura; atada uma corda à volta do meu corpo, como anteriormente, mergulhei com coragem, deixando-me escorregar; cheguei rapidamente ao catre e logo à primeira tentativa trouxe o machado, o qual foi saudado com êxtase, com gritos de alegria e de triunfo, e a facilidade com que o tínhamos encontrado foi considerada um presságio da nossa salvação definitiva.

Começámos às machadadas à cobertura com toda a energia da esperança renovada; eu e Peters utilizámos o machado alternadamente, pois o braço ferido de Augusto impedia-o de nos ajudar. Como não conseguíamos, devido à nossa fraqueza, estar muito tempo de pé e conseqüentemente trabalhar sem repousar de dois em dois minutos, em breve se tornou evidente que demoraríamos horas a concluir a nossa tarefa, isto é, a abrir um buraco suficientemente largo, que desse acesso à despensa. No

entanto, esta consideração não nos desencorajou e, trabalhando toda a noite à luz da lua, na manhã do dia 23 tínhamos chegado ao fim.

Peters ofereceu-se para descer e, feitos todos os preparativos habituais, mergulhou para em breve regressar, trazendo um pequeno pote que, para nossa grande alegria, estava cheio de azeitonas, as quais foram repartidas e devoradas com a maior avidez. Peters tornou a descer e desta vez conseguiu trazer um grande presunto e uma garrafa de vinho da Madeira. Apenas bebemos um gole de vinho cada um, pois já sabíamos, por experiência própria, quais eram as consequências de o bebermos imoderadamente. O presunto, exceto cerca de duas libras junto ao osso, tinha sido completamente deteriorado pela água salgada, não sendo comestível, mas a parte sã foi partida em três bocados. Peters e Augusto, incapazes de dominarem a fome, devoraram imediatamente a parte que lhes cabia, mas eu fui mais prudente, pois lembrando-me da sede que daí devia resultar, comi apenas um pequeno pedaço da minha parte. Então descansámos um pouco da nossa labuta que tinha sido terrivelmente árdua.

Por volta do meio-dia, sentimo-nos um pouco mais recuperados e fortificados, recomeçámos os nossos ataques às provisões. Peters e eu mergulhámos alternadamente até ao pôr do sol, sempre com maior ou menor sucesso. Durante este intervalo tivemos a felicidade de encontrar mais quatro potes de azeitonas, outro presunto, uma grande garrafa empalhada contendo quase três galões de excelente vinho da Madeira e, o que ainda nos agradou mais, uma pequena tartaruga do tipo galápagos: o capitão Barnard, no momento em que o *Grampus* ia deixar o porto, tinha

recebido a bordo várias tartarugas da escuna *Mary Pitts*, que regressava de uma viagem ao Pacífico à caça às focas.

Mais adiante, terei várias ocasiões para falar desta espécie de tartaruga. Encontra-se principalmente, como a maior parte dos meus leitores devem saber, no arquipélago das *Galápagos*, cujo nome vem do próprio animal, pois a palavra *galápagos* significava em espanhol tartaruga de água doce. Devido à sua forma particular e ao seu tamanho, às vezes também é chamada tartaruga-elefante, existindo algumas de enormes proporções. Eu próprio vi algumas que pesavam de mil e duzentas a mil e quinhentas libras, embora não me lembre que algum navegador se referisse a tartarugas desta espécie, pesando mais de oitocentas libras. O seu aspeto é singular e até repugnante. Andam de uma forma muito lenta, compassada e pesada, com o corpo elevado a cerca de um pé do solo. O pescoço é longo e excessivamente fino, sendo o seu comprimento habitual entre dezoito polegadas e dois pés. Matei uma vez uma em que a distância da carapaça até à extremidade da cabeça não era menos do que três pés e dez polegadas.

A cabeça é extraordinariamente parecida com a da serpente. Podem viver sem comer durante tanto tempo que parece incrível, e citam-se casos de tartarugas desta espécie que foram colocadas no porão de um navio, onde permaneceram dois anos sem nenhuma espécie de alimento, vindo a ser encontradas tão possantes e bem dispostas como no primeiro dia. Estes estranhos animais assemelham-se ao dromedário ou camelo do deserto, devido a uma característica especial do seu organismo, pois têm sempre uma provisão de água numa bolsa no início do pescoço. Ao matá-las, depois de as ter privado de qualquer alimento durante um ano

inteiro, por vezes encontra-se nessa bolsa cerca de três galões de água doce e fresca. Alimentam-se principalmente de salsa selvagem e do aipo, de barrilha, e de nopal que é o seu preferido e que existe em grande abundância nas vertentes das colinas, perto da costa onde se encontra o próprio animal. Esta tartaruga, um alimento excelente e dos mais substanciais, serviu, sem dúvida, para conservar a vida a milhares de marinheiros empenhados na pesca à baleia e noutras expedições no Pacífico.

Aquela que tivemos a sorte de tirar da despensa não era muito grande, pesando aproximadamente sessenta e cinco ou setenta libras. Era uma fêmea, num estado excelente, bastante gorda e tendo na sua bolsa mais de um quarto de galão de água doce e límpida. Era um verdadeiro tesouro. De comum acordo, caímos de joelhos e prestámos a Deus ações de graças por aquele auxílio tão oportuno.

Tivemos grande dificuldade em fazer passar o animal pela abertura, porque resistia com tenacidade e a sua força era prodigiosa. Estava quase a escapar-se das mãos de Peters e a cair na água, quando Augusto, atando-lhe uma corda de nó corredio à volta do pescoço, a segurou por este processo até eu saltar para dentro do buraco e, ao lado de Peters, o ajudar a empurrar o animal para a coberta.

Com grande alegria, transvasámos a água contida na bolsa do animal para o cântaro que tínhamos, como se devem lembrar, tirado do camarote. Depois, partimos o gargalo de uma garrafa, de modo a fazer, com a ajuda da rolha, uma espécie de copo que mal levava um quarto de pinto. Bebemos cada um dois destes copos

cheios e resolvemos apenas beber esta quantidade por dia, para que a provisão durasse mais tempo.

Como o tempo tinha estado quente e seco, durante os últimos três dias, as mantas que tínhamos tirado do camarote estavam completamente secas, assim como o nosso vestuário, de forma que passámos aquela noite (a noite de 23) numa espécie de bem-estar relativo e gozámos de um sono calmo, depois de nos termos regalado com as azeitonas e o presunto, assim como com uma pequena porção de vinho. Como receávamos que alguma das nossas provisões deslizesse borda fora durante a noite, no caso de se levantar qualquer vento, atámo-las o melhor possível aos destroços do molinete. Quanto à nossa tartaruga, que desejávamos manter viva o mais tempo possível, foi voltada de costas e igualmente presa com o maior cuidado.

13 — Enfim Salvos!

24 de julho. — A manhã do dia 24 veio encontrar-nos extraordinariamente restabelecidos de força e de coragem, apesar da situação perigosa em que estávamos, ignorando a nossa posição, mas de certeza longe de terra, com alimentos apenas para uma quinzena, se fossem cuidadosamente racionados, completamente privados de água, à mercê das ondas e dos ventos; mas as angústias e os perigos muito mais terríveis a que há tão pouco tempo tínhamos estado sujeitos, e aos quais providencialmente tínhamos escapado, faziam-nos encarar os nossos sofrimentos atuais como coisa bastante vulgar, já que, na realidade, os conceitos de felicidade e infelicidade são bastante relativos.

Ao nascer do Sol, preparávamo-nos para recomeçar as nossas tentativas para retirar mais qualquer coisa da despensa, quando começou a chover com certa intensidade e nós tentámos recolher a água com o pano que já nos tinha servido para este fim. A única maneira que tínhamos de recolher a água era manter o pano esticado e colocarmos no meio uma das correntes das mesas de enxárcia do traquete, e a água, assim concentrada no centro, gotejava para dentro do cântaro. Por este processo, tínhamo-lo quase enchido, quando uma forte nortada nos obrigou a abandonar a empresa, porque o navio começava a balançar tão violentamente que não nos conseguíamos manter de pé. Corremos para a proa e amarrámo-nos solidamente ao molinete, como já tínhamos feito, e

esperámos pelos acontecimentos com muito mais calma do que seria de prever em semelhantes circunstâncias. Ao meio-dia o vento refrescou; era já uma brisa de meter dois rizes e, à noite, era forte, acompanhada de ondas altas. No entanto, como a experiência nos tinha ensinado o melhor método para dispor as nossas amarras, suportámos aquela triste noite sem demasiada inquietação, embora estivéssemos sempre inundados e em perigo constante de sermos arrastados para o mar. Felizmente, a temperatura extremamente quente, fazia com que a água quase fosse agradável.

25 de julho. — De manhã a tempestade não passava de dez nós e o mar estava tão calmo que podíamos andar a seco na coberta. Mas, para nossa grande tristeza, vimos que dois dos nossos potes de azeitonas, assim como todo o presunto, tinham sido arrastados pelo mar, apesar de todo o nosso cuidado em os prender muito bem. Resolvemos não matar ainda a tartaruga, contentando-nos em comer algumas azeitonas e em beber uma pequena ração de água misturada com vinho em partes iguais; esta mistura servia para nos aliviar e reanimar, evitando assim a dolorosa embriaguez que resultara do vinho do Porto. O mar ainda estava um pouco agitado para recomeçarmos as nossas tentativas na despensa. Durante o dia, vieram à superfície, através da abertura, vários objetos sem interesse para a nossa situação presente, os quais deixámos serem levados pelo mar. Verificámos também que o casco se inclinava cada vez mais, de forma que já não conseguíamos manter-nos de pé, sem nos agarrarmos. Assim passámos um dia melancólico e dos mais penosos. Ao meio-dia, o Sol estava quase a pino sobre as nossas cabeças e não duvidámos de que aquela longa sucessão de ventos de Norte e de Nordeste

nos tinha arrastado para as proximidades do equador. Ao anoitecer, vimos alguns tubarões e ficámos fortemente alarmados com um deles, que era enorme e que se aproximou de nós com a maior audácia. A certa altura, uma guinada fez submergir profundamente a coberta; o monstro nadava por cima de nós e, debatendo-se durante alguns minutos mesmo por cima da escotilha, acabou por atingir seriamente Peters com a cauda. Felizmente, uma onda forte afastou-o de bordo. Com tempo calmo, ter-nos-ia sido relativamente fácil capturar um deles.

26 de julho. — De manhã, o vento tinha acalmado bastante e, como o mar também amainara, resolvemos recomeçar a nossa pesca às provisões na despensa. Depois de um árduo trabalho todo o dia, concluímos que nada mais tínhamos a esperar dali, porque os tabiques tinham sido arrancados durante a noite e as provisões tinham deslizado para o porão. Como devem imaginar, este facto encheu-nos de desespero.

27 de julho. — Mar quase calmo com uma ligeira brisa sempre Norte e de Oeste. Como a temperatura era muito elevada, aproveitámos para secar as nossas roupas. Sentimos muito alívio contra a sede, e bem-estar, tomando banho no mar, mas sempre com a maior prudência, porque tínhamos medo dos tubarões, que durante o dia tínhamos visto a nadar à volta do navio.

28 de julho. — Continuação de bom tempo. O brigue começava a inclinar-se de uma maneira tão alarmante que receámos que se voltasse definitivamente, de quilha para cima. Preparámo-nos o melhor possível para esta contingência. Amarrámos a nossa tartaruga, o cântaro de água e os dois últimos potes de azeitonas a barlavento, tão longe quanto possível do

casco, debaixo das grandes mesas da enxárcia. O mar manteve-se calmo todo o dia, com pouco ou nenhum vento.

29 de julho. — Continuação de bom tempo. O braço ferido de Augusto começava a apresentar sintomas de gangrena. O meu amigo queixava-se de um entorpecimento e de uma sede excessiva, mas não sentia dores agudas. Nada podíamos fazer para o aliviar, a não ser esfregar-lhe os ferimentos com um pouco de vinagre das azeitonas, o que parecia não dar qualquer resultado. Fizemos por ele o que podíamos e triplicámos-lhe a ração de água.

30 de julho. — Dia excessivamente quente, sem vento. Um enorme tubarão manteve-se ao lado do casco durante toda a tarde. Fizemos algumas tentativas infrutíferas para o apanhar com um nó corredio. Augusto estava cada vez pior e enfraquecia a olhos vistos, não só devido à falta de uma alimentação conveniente como também aos ferimentos. Suplicava incessantemente que o abandonássemos aos seus sofrimentos, dizendo que nada mais desejava do que a morte. Naquela noite, comemos as nossas últimas azeitonas e encontrámos a água do cântaro demasiado pútrida para a conseguirmos beber sem lhe misturar um pouco de vinho. Decidimos que na manhã seguinte mataríamos a tartaruga.

31 de julho. — Depois de uma noite de enorme inquietação e fadiga, em consequência da posição do navio, dispusemo-nos a matar e a esquartejar a tartaruga, verificando que tinha muito menos carne do que, a princípio julgáramos, embora de boa qualidade (toda a carne que conseguimos tirar dela não ultrapassava as dez libras). Com o objetivo de conservar um bocado o mais tempo possível, cortámos a carne em fatias muito finas, enchemos os três potes e a garrafa de vinho da Madeira, que

felizmente tínhamos guardado, e regámo-la com o vinagre das azeitonas. Assim, pusemos de parte cerca de três libras de carne de tartaruga, prometendo não lhe tocar antes de consumirmos o resto. Resolvemos contentar-nos com uma ração de cerca de quatro onças de carne por dia e, assim, ela devia chegar para treze dias. Ao escurecer, começou a cair uma chuva intensa acompanhada de relâmpagos e violentos trovões, mas durou tão pouco tempo que apenas conseguimos recolher meio-pinto de água. De comum acordo, demos toda a água a Augusto, que parecia aproximar-se do fim. Bebia a água diretamente do pano, à medida que a recolhíamos; ele estava deitado na coberta e nós segurávamos no pano de forma a deixar a água escorregar-lhe para a boca, porque não possuíamos nada que pudesse servir para conter a água, a não ser que esvaziássemos a garrafa empalhada que tinha o vinho, ou o cântaro com a água estragada. No entanto, teríamos recorrido a um destes expedientes se a chuvada continuasse.

O doente parecia obter um alívio mínimo com a bebida. Tinha o braço completamente negro desde o punho até ao ombro e os pés pareciam gelo. Esperávamos vê-lo expirar a qualquer momento. Estava terrivelmente magro, pois agora pesava cerca de *quarenta ou cinquenta libras no máximo*, quando ao deixar Nantucket pesava cento e vinte e sete libras. Os olhos estavam profundamente encovados, mal se vendo, e a pele das faces pendia-lhe flácida e sem vigor, a ponto de o impedir de mastigar qualquer alimento ou engolir qualquer líquido a não ser com um enorme esforço.

1 de agosto. — Sempre o mesmo tempo: mar calmo, com temperatura sufocante. Sofremos horrivelmente com sede, pois a água do cântaro estava completamente fétida e cheia de bichos. No

entanto, conseguimos ingerir uma parte, misturando-a com vinho, o que apaziguou muito pouco a nossa sede. Sentíamos maior alívio com um banho de mar, mas só raramente podíamos recorrer a este expediente, por causa da presença contínua dos tubarões. Tomou-se então evidente que Augusto estava perdido e que morria. Nada podíamos fazer para lhe diminuir os sofrimentos, que pareciam horríveis. Por volta do meio-dia, expirou no meio de violentas convulsões e sem ter proferido uma única palavra há várias horas. A sua morte provocou-nos os mais melancólicos pressentimentos e teve, sobre os nossos espíritos, um efeito tão poderoso, que ficámos deitados junto do corpo todo o dia, sem trocarmos uma palavra, a não ser em voz baixa. Só ao cair da noite, tivemos coragem para nos levantarmos e lançar o cadáver borda fora. Tinha um aspeto hediondo, impossível de descrever, e estava num tal estado de decomposição que Peters, ao tentar levantá-lo, ficou com uma perna na mão. Quando aquela massa em putrefação deslizou para o mar por cima da amurada, vimos, à luz fosforescente que nos rodeava, sete ou oito tubarões, cujos dentes horríveis faziam, enquanto retalhavam a presa, um barulho sinistro que se podia ouvir a uma milha de distância. Este ruído fúnebre causou-nos um profundo terror que nos invadiu até à medula dos ossos.

2 de agosto. — O mesmo tempo, calma terrível, calor insuportável. A alvorada surpreendeu-nos num estado de abatimento deplorável e de completo esgotamento físico. A água do cântaro era impossível de beber, pois já não passava de uma espessa massa gelatinosa, numa mistura horrível de vermes e de lodo. Deitámo-la fora e, depois de termos lavado o cântaro cuidadosamente com água do mar, despejámos-lhe um pouco de

vinagre das garrafas onde conservávamos os restos da tartaruga. A nossa sede era quase intolerável e nós tentámos, em vão, acalmá-la com vinho, que era como deitar lenha no lume e que nos mergulhou numa violenta embriaguez. Depois, tentámos aliviar o nosso sofrimento com uma mistura de vinho e de água salgada, mas o resultado imediato foram náuseas violentas e não voltámos a recorrer a tal processo. Espreitámos com ansiedade, durante todo o dia, uma oportunidade de tomar banho, mas em vão, porque o nosso pontão estava completamente cercado por tubarões, sem dúvida, os mesmos monstros que tinham devorado o nosso pobre camarada na noite anterior e que esperavam a cada momento um novo regalo da mesma natureza. Esta circunstância causou-nos o mais profundo desgosto e encheu-nos dos mais melancólicos e deprimentes pressentimentos. O banho já nos tinha proporcionado um grande alívio e não podíamos suportar a ideia de não podermos recorrer ao mesmo procedimento. Aliás, não estávamos completamente livres de medos ou ao abrigo de um perigo imediato, porque à mínima escorregadela ou falso movimento podia pôr-nos ao alcance daqueles peixes vorazes, que vinham de sotavento e que, muitas vezes nadavam direitos a nós. Nem os nossos gritos nem os nossos gestos pareciam assustá-los. Um dos maiores, mesmo depois de ferido por Peters que lhe desferiu uma machadada, não desistia de avançar contra nós. Formou-se uma nuvem, ao anoitecer, mas, para nosso extremo desapontamento, passou sem que chovesse. É completamente impossível imaginarem o que sofríamos com sede. Devido às torturas da sede e ao receio dos tubarões passámos a noite sem dormir.

3 de agosto. — Nenhuma perspectiva de salvação e o brigue cada vez mais inclinado, de maneira que os nossos pés já não se conseguiam apoiar na coberta. Ocupámo-nos em pôr em segurança o vinho e os restos da tartaruga, de forma que não se perdessem no caso de o navio se virar. Arrancámos dois grandes pregos das mesas de enxárcia do traquete e, com o auxílio do machado, espetámo-los no costado de sotavento, a uma distância de certa de dois pés da água, o que não era muito longe da quilha, porque estávamos quase de lado. Aos pregos amarrámos as nossas provisões, que nos pareceram em maior segurança do que no local onde as tínhamos anteriormente. Sofrimentos terríveis devido à sede; impossível tomar banho por causa dos tubarões que não nos abandonaram um instante; sono impossível.

4 de agosto. — Pouco antes do amanhecer, apercebemo-nos que o navio voltava a quilha para o ar e tentámos evitar sermos cuspidos no movimento. Primeiro, a revolução foi lenta e gradual e conseguimos, com facilidade, trepar até sotavento, pois tínhamos tido a feliz ideia de deixar pender uma das cordas que prendiam as provisões. Mas calculámos mal a aceleração da força do impulso, porque o movimento se tornou demasiado violento para nos permitir acompanhá-lo e, antes de percebermos o que se passava, sentimo-nos precipitados na água, submersos a vários pés de profundidade, com o enorme casco por cima de nós.

Ao mergulhar, fora obrigado a largar a minha corda e, sentindo que estava debaixo do navio e completamente sem forças, resolvi não fazer o mínimo esforço para me salvar e resignei-me a morrer. Mas, enganava-me mais uma vez, porque não me lembrara do ressalto natural do casco de sotavento. O turbilhão de água,

causado por aquela revolução parcial do navio, trouxe-me à superfície ainda mais depressa do que tinha mergulhado. Ao vir à tona de água, encontrava-me, segundo os meus cálculos, a cerca de vinte jardas do casco do navio que estava de quilha para o ar, balançando em todas as direções, e o mar estava agitado e cheio de violentos turbilhões. De Peters não havia sombra. Uma barrica de óleo flutuava a alguns pés de mim, assim como outros objetos provenientes do brigue, espalhados ao acaso.

O meu principal terror foi os tubarões que sabia estarem perto. Para os afastar de mim, se tal fosse possível, batia violentamente na água com as mãos e com os pés, enquanto nadava para o casco e fazia muita espuma. Não duvido que foi este expediente, por mais simples que pareça, que me salvou a vida, porque, antes do brigue se voltar, o mar à nossa volta fervilhava de tal maneira com estes monstros que devo ter estado, e certamente estive, em contacto com eles durante o meu trajeto. Por um grande acaso e felizmente consegui chegar ao navio são e salvo, mas estava completamente esgotado pelo violento esforço que precisara fazer e nunca teria sido capaz de trepar sem a ajuda oportuna de Peters que, tendo trepado para a quilha pelo outro lado do navio, reapareceu, para grande alegria minha, e me atirou uma corda, uma das que tínhamos atado aos pregos.

Mal tínhamos escapado a este perigo e já a nossa atenção se detinha noutra iminência não menos terrível: morrer de fome. Todas as nossas provisões tinham desaparecido, arrastadas pelo mar, apesar do cuidado que tivéramos em colocá-las num sítio seguro. Não vendo qualquer possibilidade de arranjarmos outras, abandonámo-nos ao desespero e começámos a chorar como

crianças, não tentando nenhum encorajar o outro. É difícil compreender a nossa fraqueza e aqueles que nunca se encontraram em semelhante situação julgarão que tudo isto é inverosímil, mas devem lembrar-se que a nossa inteligência estava tão desorganizada por aquela longa série de privações e de terrores, que, naquele momento, não podíamos ser considerados como seres racionais. Posteriormente, enfrentando perigos quase tão graves, senão mais graves, lutei com coragem contra todas as desgraças e Peters, como verão, mostrou uma filosofia estoica, quase tão inconcebível como o seu atual abandono e imbecilidade infantil; o estado de espírito é o responsável por esta diferença.

A viragem do brigue e mesmo as suas consequências, ou seja a perda do vinho e da tartaruga, não teriam tornado a nossa situação muito pior do que antes, se não tivessem desaparecido também os panos e as mantas, que nos tinham servido para recolher a água da chuva, assim como o cântaro onde a guardávamos, pois encontramos o casco, a partir de dois ou três pés da precinta até à quilha e toda esta, *coberta por uma espessa camada de grandes percebes, que nos forneceram uma alimentação excelente, das mais nutritivas.* Assim, o acidente que a princípio nos tinha causado tanto medo, acabou por nos trazer mais vantagens do que prejuízos, no que diz respeito a duas coisas muito importantes: tinha-nos descoberto uma mina de provisões, que não conseguiríamos esgotar num mês, e tinha contribuído grandemente para aliviar a nossa posição, já que, agora, nos encontrávamos muito mais à vontade e muito menos expostos do que antes.

No entanto, a dificuldade em obter água fazia-nos esquecer todos estes benefícios resultantes da mudança da nossa posição.

Para podermos aproveitar, o mais possível, a primeira chuvada que caísse, despimos as camisas a fim de as utilizarmos como o tínhamos feito com os panos. Mas, é evidente, que por este meio, não esperávamos conseguir recolher mais do que um oitavo de pinto de cada vez, e mesmo assim em condições favoráveis. Durante todo o dia não apareceu uma nuvem sequer e o nosso sofrimento devido à sede tornou-se quase intolerável. A noite, Peters conseguiu dormir durante cerca de uma hora, um sono agitado, mas eu, devido à intensidade do meu sofrimento, não fechei os olhos um minuto que fosse.

5 de agosto. — Levantou-se uma fresca brisa que nos levou através de uma massa de algas, entre as quais tivemos a sorte de encontrar onze caranguejos pequenos, que constituíram uma refeição deliciosa. Como as carapaças eram muito tenras, também as comemos, mas verificámos que nos faziam muito mais sede que os percebes. Não vendo qualquer vestígio de tubarões entre as algas, aventurámo-nos a tomar banho e permanecemos na água durante quatro ou cinco horas, sentindo uma acentuada diminuição da nossa sede. Sentimo-nos muito reconfortados e, depois de apanharmos um pouco de sol, passámos uma noite menos penosa do que a anterior.

6 de agosto. — Fomos beneficiados com uma chuva forte e contínua que durou desde o meio-dia até perto da noite. Lamentámos então amargamente a perda do cântaro e da garrafa, porque, apesar da insuficiência dos meios de que agora dispúnhamos para recolher a água, teríamos enchido um dos recipientes, ou talvez até os dois. De qualquer maneira, conseguimos apaziguar os ardores da nossa sede, deixando as

nossas camisas ficarem saturadas de água e espremendo-as depois, de forma a que o líquido precioso corresse para a nossa boca. Passámos todo o dia nesta ocupação.

7 de agosto. — Ao amanhecer, descobrimos, os dois ao mesmo tempo, uma vela a Leste *que, sem dúvida, se dirigia para nós.* Saudámos esta maravilhosa aparição com um longo e fraco grito de êxtase, e começámos imediatamente a fazer todos os sinais possíveis, a agitar as nossas camisas, a saltar tão alto quanto a nossa fraqueza nos permitia e até a gritar com quanta força tínhamos, embora o navio estivesse a uma distância superior a quinze milhas. Entretanto, continuava a aproximar-se de nós e verificámos que, se navegasse sempre na mesma direção, acabaria infalivelmente por passar muito perto de nós e por nos ver. Cerca de uma hora depois de o termos descoberto, já distinguíamos facilmente os homens na coberta. Tratava-se de uma escuna, comprida e baixa, com a mastreação muito inclinada para a popa, e parecia ter uma tripulação muito numerosa. Sentimos, então, uma terrível angústia, porque era praticamente impossível que não nos vissem, mas podia acontecer que não nos quisessem recolher, deixando-nos perecer sobre os destroços do nosso navio, ato de crueldade verdadeiramente diabólica que, por mais incrível que pareça, tem sido praticado por seres que são considerados como pertencentes à espécie humana. Mas, desta vez, e graças a Deus, isso não aconteceria, porque em breve notámos um movimento súbito na coberta do navio desconhecido, que içou o pavilhão inglês e que navegou direito a nós. Meia hora depois estávamos no camarote. A escuna era a *Jane Guy* de Liverpool; o seu capitão,

Guy; e o seu destino os mares do Sul e o Pacífico, para caçar focas e comerciar.

14 — Albatrozes e Pinguins

A *Jane Guy* era uma bela escuna de cento e oitenta toneladas. Era muito afilada à proa e, com bom tempo, era o veleiro mais rápido que vi até hoje. No entanto, as suas qualidades, como barco próprio para enfrentar o mar, estavam longe de ser tão boas e o seu calado era demasiado grande para o trabalho a que se destinava. Para este trabalho específico, precisa-se, sobretudo, de um navio maior e de um calado relativamente pequeno, isto é, de um navio de trezentas a trezentas e cinquenta toneladas. Deveria estar aparelhado com três-mastros-barca e diferir em todos os aspetos dos barcos que usualmente sulcam os mares do Sul. Seria indispensável que estivesse bem armado, com dez ou doze canhões de calibre doze e dois ou três maiores, com bacamartes de bronze e caixas de munições impermeáveis à água, por cada cesto de gávea. As âncoras e cabos deveriam ser muito mais fortes do que são exigidos por qualquer outro serviço e, além disso, precisaria de uma tripulação numerosa, de pelo menos cinquenta ou sessenta homens fortes. A *Jane Guy* possuía uma tripulação de trinta e cinco homens, todos bons marinheiros, mas não estava nem bem armada, nem bem equipada, como o desejaria um marinheiro familiarizado com os perigos e as dificuldades do ofício.

O capitão Guy era um cavalheiro de maneiras distintas, com uma notável experiência de todo o comércio do Sul, ao qual tinha consagrado a maior parte da sua vida, mas faltava-lhe a energia e, conseqüentemente, o espírito indispensável para uma empresa

daquele género. Era coproprietário do navio em que fazia as suas viagens e tinha carta branca para cruzar os mares do Sul e embarcar a carga que lhe apetecesse. Tinha a bordo, como era hábito naquela espécie de expedições, colares, espelhos, isqueiros de pederneira, machados, machadinhas, serras, enxós, plainas, escopros, goivas, verrumas, limas, raspilhas, martelos, pregos, facas, tesouras, navalhas de barbear, agulhas, linhas, faianças, panos, joias de fantasia e outros artigos do mesmo género.

A escuna saíra de Liverpool no dia 10 de julho, passara o Trópico de Câncer a 25, a 20° de longitude Oeste, e a 29 chegara ao Sul, uma das ilhas de Cabo Verde, onde carregou sal e outras provisões necessárias para a viagem. No dia 3 de agosto, deixara Cabo Verde e navegara para Sudoeste, apontando para a costa do Brasil, de forma a atravessar o Equador entre 20° e 30° de longitude Oeste. É a rota habitual seguida pelos navios que vão da Europa para o Cabo da Boa Esperança, ou que vão ainda mais longe até às Índias Orientais. Seguindo esta rota, evitam as calmarias e as fortes correntes que existem continuamente na costa da Guiné, de forma que este é o caminho mais curto, apesar de tudo, pois há sempre a certeza de encontrar a seguir ventos de Oeste que levam o navio até ao Cabo. O capitão Guy tencionava fazer a sua primeira escala em Kerguelen, não sei bem porquê. No dia em que fomos recolhidos, a escuna estava em direção ao Cabo de São Roque, a 31° de longitude Oeste, de forma que, quando nos descobriu, *é provável que nos tivéssemos desviado pelo menos vinte e cinco graus de Norte para Sul.*

A bordo da *Jane Guy* fomos tratados com todo o cuidado que o nosso estado lamentável exigia. Em cerca de quinze dias, durante

os quais navegámos sempre para Sudeste, com bom tempo e bons ventos, Peters e eu restabelecemo-nos completamente das últimas privações e terríveis sofrimentos e, em breve, todo o passado nos apareceu mais como um pesadelo horrível a que o acordar, felizmente, nos tinha arrancado, do que a uma série de acontecimentos ocorridos na realidade. Mais tarde, tive ocasião de verificar que esta espécie de esquecimento parcial, habitualmente se deve a uma transição súbita seja da alegria para a dor, seja o contrário, sendo o poder de esquecer sempre proporcional à energia do contraste. Assim, no meu caso, parecia-me agora impossível realizar o total de desgraças que tinha suportado durante os dias passados no nosso pontão. Conseguimos lembrar-nos dos acontecimentos, mas não das sensações provocadas pelas várias circunstâncias. Tudo o que sei é que, à medida que estes acontecimentos se iam produzindo, eu pensava sempre que a natureza humana era incapaz de suportar uma dor maior.

Durante algumas semanas continuámos a nossa viagem, sem incidentes de grande importância, a não ser os naturais encontros com baleeiros, e mais frequentemente com baleias negras ou baleias brancas, assim chamadas para as distinguir dos cachalotes.

No dia 16 de setembro, como já estávamos perto do Cabo da Boa Esperança, a escuna foi apanhada pelo primeiro temporal desde que saíra de Liverpool. Nestas paragens, mas mais frequentemente a Sul e a Este do promontório (nós estávamos a Oeste), os navegadores têm muitas vezes de lutar contra tempestades do Norte, que sopram com uma fúria terrível. São sempre acompanhadas por vagas enormes e uma das suas características mais perigosas é a mudança repentina do vento,

acidente que quase sempre acontece quando a tempestade está no auge. Num dado momento, poderá soprar um furacão de Norte ou Nordeste e no momento a seguir nem a mais leve brisa do mesmo lado, mas a Sudoeste sentir-se-á a tempestade com uma violência incrível. Uma aberta a Sudoeste é o melhor indício desta mudança e os navios têm, assim, oportunidade de tomarem as precauções necessárias.

Eram cerca de seis da manhã, quando chegou o vento, do Norte como era hábito, com rajadas que nenhuma nuvem tinha anunciado. Às oito horas o vento aumentara consideravelmente e fizera abater sobre nós um dos mares mais violentos que jamais vi. As velas tinham sido recolhidas, mas a escuna era terrivelmente fustigada e mostrava a sua incapacidade para aguentar o embate do mar, picando violentamente de proa, cada vez que descia numa onda, erguendo-se a seguir, com a maior dificuldade, para ser de novo engolida por outra onda. Antes do pôr do sol, a aberta que esperávamos com inquietação apareceu a Sudoeste e, uma hora mais tarde, a nossa única vela da proa relingava contra o mastro. Dois minutos depois, e apesar de todas as nossas precauções, tombámos de costado como que por magia e abateu-se sobre nós um tenebroso turbilhão de espuma. Por sorte, a ventania de Sudoeste, não passou de uma rajada momentânea e conseguimos levantar-nos sem perder um único mastro. O mar muito agitado ainda nos causou algumas horas de inquietação, mas, ao amanhecer, encontrávamo-nos quase com tão bom tempo como antes da tempestade. O capitão Guy disse que tínhamos escapado de boa e que a nossa salvação era quase um milagre.

No dia 13 de outubro, avistámos a Ilha do Príncipe Eduardo, a 46° 53' de latitude Sul e 37° 46' de longitude Este. Dois dias depois estávamos perto da Ilha da Possessão e em breve deixávamos para trás as ilhas Grozet a 42° 59' de latitude Sul e 48° de longitude Este. A 18, atingimos a ilha de Kerguelen ou da Desolação, no Oceano Índico do Sul e atracámos em Christmas Harbour, sobre quatro braços de água.

Esta ilha, ou melhor, este grupo de ilhas fica situado a Sudoeste do Cabo da Boa Esperança, a uma distância de cerca de 800 léguas. Foi descoberta em 1772 pelo barão de Kerguelen ou Kerguelen, um francês que, julgando que aquele pedaço de terra fazia parte de um vasto continente ao Sul, de regresso à pátria, fez um relatório nesse sentido, o qual causou grande curiosidade. O governo, tendo conhecimento do caso, enviou o barão no ano seguinte, com o objetivo de confirmar a sua descoberta e foi então que ele se apercebeu do erro. Em 1777, o capitão Cook encontrou o mesmo grupo e deu à ilha principal o nome de Desolação, o qual ela certamente bem merece. No entanto, ao aproximar-se de terra, o navegador poderá convencer-se do contrário, porque as encostas de quase todas as colinas estão cobertas da mais viçosa verdura desde setembro a março. Esta ilusão é causada por uma planta rasteira, semelhante às saxífragas, muito abundante nestas ilhas, crescendo em grandes extensões sobre uma espécie de musgo sem consistência. Excetuando esta planta, poucos mais vestígios de vegetação se encontram, a não ser, junto do porto, um pouco de relva silvestre e dura, alguns líquenes e um arbusto parecido com uma couve, com um gosto amargo e ácido.

A região tem um aspeto montanhoso, embora nenhuma das suas colinas se possa chamar uma montanha. Os cumes estão cobertos de neves eternas. Há vários portos, mas Christmas Harbour é o melhor. É o primeiro que se encontra do lado oriental da ilha, quando se dobra o cabo Francês, que forma o lado Norte e que, pela sua forma particular, serve para distinguir o porto. Projeta-se, na extremidade, num rochedo muito alto, no meio do qual há um buraco, que forma uma espécie de arco natural. A entrada situa-se a 48° 40' de latitude Sul e 60° 6' de longitude Este. Passado este ponto, encontra-se um bom porto de abrigo constituído por algumas ilhotas que são uma proteção suficiente contra os ventos de Este. Avançando para Leste a partir deste ancoradouro, encontra-se a Wasp-Bay à entrada do porto. É uma pequena bacia completamente rodeada de terra, dentro da qual se entra sob quatro braços de água e se encontra um lugar para acostar com dez a três braços de água, sobre um fundo de argila compacta. Um navio pode lá permanecer um ano inteiro, apenas com a segunda âncora, sem correr qualquer risco. À entrada de Wasp-Bay, do lado Oeste, corre um riacho que fornece uma água excelente, muito fácil de recolher.

Encontram-se na ilha de Kerguelen algumas espécies de focas e também abundam as focas de tromba ou elefantes marinhos. Os pinguins existem em grandes quantidades e são de quatro famílias diferentes. O pinguim real, assim chamado devido ao seu porte e à beleza da plumagem. Geralmente, tem a parte superior do corpo cinzenta, por vezes mesclada de lilás, sendo a parte inferior do branco mais puro que possam imaginar. A cabeça é de um negro brilhante, assim como os pés. Mas a principal beleza da sua

plumagem reside em duas largas riscas douradas que descem da cabeça ao peito. O bico é longo, umas vezes cor-de-rosa, outras vermelho vivo. Estes pássaros andam muito direitos, com uma postura pomposa, sempre com a cabeça bem erguida e as asas pendentes como dois braços e, como a cauda se projeta para fora do corpo, na mesma direção das coxas, a sua semelhança com a figura humana é realmente surpreendente e poderia enganar qualquer pessoa que os visse de repente ou à luz crepuscular. Os pinguins reais que encontrámos em Kerguelen eram um pouco maiores do que os gansos. As outras espécies são: o pinguim *macaroni*, o *jack-ass* e o pinguim *rookery*. São muito mais pequenos, têm uma plumagem menos bela e são diferentes sob todos os aspetos.

Além do pinguim, encontram-se nesta ilha muitas outras aves, entre as quais se podem citar a uria, o petrel azul, a cerceta, o pato, a galinha de *Port Egmont*, o corvo-marinho verde, a pomba do Cabo, a *nelly*, a andorinha-do-mar, a gaivota, o petrel das tempestades ou *Mother Carey*, *chicken*, o grande petrel, ou na linguagem dos marinheiros, a *Mother Carey's goose* e, finalmente, o albatroz.

O grande petrel é do mesmo tamanho que o albatroz vulgar e é carnívoro. Às vezes chamam-lhe petrel-quebra-ossos ou petrel-água-marinha. Estas aves não são esquivas e, quando convenientemente arranjadas e temperadas, constituem uma alimentação bastante agradável. Por vezes, ao voar, rasam a superfície das águas muito de perto, com as asas abertas, parecendo que não as movem, ou utilizam.

O albatroz é uma das maiores e mais rápidas aves dos mares do Sul. Pertence à família das gaivotas e agarra a sua presa em pleno voo, nunca pousando a não ser para cuidar das crias. O albatroz e o pinguim estão ligados por uma estranha amizade. Os seus ninhos são construídos de uma maneira muito uniforme, de acordo com um plano estabelecido entre as duas espécies, ocupando o albatroz o centro de um quadrado formado pelos ninhos de quatro pinguins. Os navegadores são unânimes em chamar a esta espécie de acordo ou conjunto de ninhos uma *rookery*. Estas colónias já foram descritas mais de uma vez, mas como nem todos os nossos leitores tiveram oportunidade de ler essas descrições e como mais tarde virei a falar do pinguim e do albatroz, não me parece despropositado dizer agora algumas palavras sobre o seu modo de viver.

Quando chega a época da incubação, estas aves reúnem-se em grandes grupos e, durante alguns dias, parecem deliberar sobre o melhor método a seguir. Finalmente passam à ação. Escolhem um local plano, de dimensões adequadas, geralmente entre três e quatro acres, o mais perto possível do mar, embora fora do seu alcance. O que mais pesa na sua escolha do terreno é a uniformidade da superfície e a existência de poucas pedras. Resolvida esta questão, as aves atuam de comum acordo e, como que movidas pelo mesmo espírito, começam a fazer, com uma correção matemática, o traçado de um quadrado ou de outro paralelogramo, que se adapte melhor à natureza do terreno, numa extensão suficiente para instalar todas as aves da colónia, mas só essas, parecendo assim querer exprimir a sua intenção de fechar a colónia aos vagabundos, que não tenham participado na construção

do acampamento. Um dos lados do polígono fica paralelo à costa e é aberto para que as aves possam entrar e sair.

Depois de terem traçado os limites do acampamento, começam a limpar o terreno de toda a espécie de detritos, removendo tudo, pedra a pedra, que transportam para fora, mas perto das linhas traçadas de forma a erigir uma muralha nos três lados do polígono, voltados para terra. Junto a esta muralha e do lado de dentro, constroem uma passagem perfeitamente plana, com uma largura de 6 a 8 pés, que se estende a toda a volta do acampamento, com o fim de estabelecer uma espécie de passeioiro comum.

A operação que se segue consiste em dividir todo o terreno em pequenos quadrados perfeitamente iguais em dimensões. Para o conseguir, fazem estreitos caminhos, completamente nivelados e cruzando-se em ângulos retos, através de toda a extensão da *rookery*. Em cada intersecção fica um ninho de pinguim e no centro de cada quadrado um ninho de albatroz, de forma que cada pinguim está rodeado por quatro albatrozes e cada albatroz está cercado de um número igual de pinguins. O ninho de um pinguim consiste num buraco aberto no solo, com uma profundidade suficiente para que o seu único ovo não role. O albatroz adota uma construção menos simples levantando um pequeno montículo com um pé de altura e dois de largura, feito de terra, algas e conchas e, no cimo, constrói o ninho.

As aves têm um cuidado muito especial em nunca deixar os ninhos vazios durante o tempo que dura a incubação e mesmo até que as crias estejam suficientemente fortes para se bastarem a si próprias. Durante a ausência do macho que foi ao mar à procura de

alimentos, a fêmea substitui-o e, só quando o companheiro regressa, ela se vai embora. Os ovos nunca ficam descobertos, pois quando uma ave deixa o ninho, logo outra ocupa o seu lugar. Esta precaução é indispensável devido à tendência para a gatunice que existe na colónia, pois os seus habitantes não têm escrúpulos em se roubarem mutuamente os ovos, sempre que têm oportunidade para isso.

Embora existam algumas destas colónias, habitadas exclusivamente por pinguins e albatrozes, encontram-se, porém muitas outras com uma enorme variedade de aves marinhas, que têm os mesmos direitos, espalhando os seus ninhos onde calha, ou onde encontram espaço, mas nunca usurpando os lugares já ocupados por espécies mais fortes. O aspeto destas colónias, vistas de longe, é muito estranho. Toda a atmosfera por cima dos acampamentos está obscurecida por uma multidão de albatrozes (misturados com outras espécies mais pequenas) que sobrevoam continuamente a *rookery*, seja porque partem para o mar, seja porque regressam aos ninhos. Ao mesmo tempo, vê-se uma multidão de pinguins, para trás e para diante nos estreitos carreiros e no corredor que dá a volta ao acampamento, andando com o pomposo porte militar que os caracteriza. Numa palavra, seja qual for a maneira como encaremos as coisas, nada é mais surpreendente do que o espírito de reflexão manifestado por estes seres emplumados e nada é, com toda a certeza, melhor para fazer meditar qualquer ser inteligente e ponderado.

Na própria manhã da nossa chegada a Christmas Harbour, o imediato, senhor Patterson, mandou descer as embarcações para ir à caça das focas (embora a época ainda não fosse a melhor) e

deixou o capitão com um jovem familiar, num ponto da costa a oeste, porque deviam ter algo para fazer no interior da ilha, de que eu não fui informado. O capitão Guy levou uma garrafa com uma carta dentro e, do local onde desembarcou, dirigiu-se a um dos picos mais altos da ilha. É provável que tencionasse deixar a carta naquele ponto para algum navio que ele soubesse vir mais tarde. Assim que o perdemos de vista (Peters e eu estávamos no barco do imediato), começámos a explorar a costa, à procura de focas. Passámos cerca de três semanas nesta tarefa, examinando minuciosamente todos os recantos não só de Kerguelen, mas também de outras ilhotas vizinhas. No entanto, os nossos trabalhos não foram coroados de grande êxito. Vimos muitas focas, mas eram tão desconfiadas que só conseguimos reunir, e com muito custo, trezentas e cinquenta peles ao todo. Os elefantes marinhos ou focas de tromba, abundam ao longo da costa da ilha principal, mas só matámos uma vintena e com grande dificuldade. Nas ilhotas encontrámos uma grande quantidade de focas, mas tinham a pele dura e não as importunámos. No dia 11 de novembro voltámos a bordo da escuna, onde encontrámos o capitão Guy e o sobrinho, que nos descreveram o interior da ilha como um dos sítios mais tristes e estéreis do mundo. Tinham passado dois dias em terra, devido a um mal-entendido entre eles e o segundo-piloto, que não lhes tinha enviado a tempo uma embarcação para voltarem ao navio.

15 — As Ilhas que não se encontram

No dia 12 partimos de Christmas Harbour, retomando a rota de Oeste e deixando para bombordo a ilha Marion, uma das principais do arquipélago Crozet. A seguir, passámos pela ilha do Príncipe Eduardo, que também deixámos para a nossa esquerda e, depois, navegando mais para norte, atingimos passados quinze dias as ilhas de Tristão da Cunha, situadas a $37^{\circ} 8'$ de latitude Sul e $12^{\circ} 8'$ de longitude Oeste.

Este arquipélago, hoje tão bem conhecido, constituído por três ilhas circulares, foi descoberto pelos portugueses e posteriormente visitado pelos holandeses em 1643 e pelos franceses em 1767. As três ilhas formam um triângulo entre si e distam umas das outras cerca de dez milhas, existindo, assim, largas passagens entre elas. Em todas, a costa é muito alta, especialmente na ilha de Tristão da Cunha, propriamente dita, que é a maior do grupo com 15 milhas de circunferência e que é tão alta que, com bom tempo, se avista a uma distância de 80 ou 90 milhas. Uma parte da costa, do lado norte, eleva-se perpendicularmente em relação ao mar a uma altura de 1000 pés. No cimo existe um planalto que se estende até ao centro da ilha e nesse planalto ergue-se um cone semelhante ao pico de Tenerife. A metade inferior do cone está revestida de árvores grandes, mas a região superior é uma rocha nua, habitualmente escondida pelas nuvens e coberta de neve durante grande parte do ano. Nas proximidades da ilha não há nem baixios nem perigos de qualquer outra espécie; as costas são

extraordinariamente límpidas e recortadas, e as águas profundas. Na costa Noroeste existe uma baía, com uma praia de areia negra, onde um bote pode atracar facilmente, desde que seja impelido por vento do Sul. Encontra-se facilmente água em abundância e pode-se pescar com anzol ou à linha o bacalhau e outras espécies de peixe.

A segunda ilha em tamanho e a mais ocidental do grupo chama-se Inacessível. A sua posição exata é 37° 7' de latitude Sul e 12° 24' de longitude Oeste. Tem 7 a 8 milhas de circunferência e a sua costa é toda semelhante a uma muralha a pique. O topo é plano e toda a ilha é estéril, nada aí crescendo, exceto alguns arbustos enfezados.

A ilha Nightingale, a mais pequena e a mais ao Sul, situa-se a 37 26' de latitude Sul e 12° 12' de longitude Oeste. Ao largo da sua extremidade sul encontra-se um recife bastante elevado formado por pequenas ilhotas rochosas, vendo-se também algumas semelhantes a Nordeste. A terra é estéril e irregular e a ilha é cortada por um profundo vale.

Na época própria, abundam nas costas destas ilhas leões-marinhos, elefantes marinhos, focas e aves marinhas de toda a espécie. A baleia também aparece com frequência nesta zona. A facilidade com que, outrora, se apanhavam todos estes animais, fez com que o arquipélago fosse muito visitado desde a sua descoberta. Os holandeses e os franceses ali afluíam frequentemente desde muito cedo. Em 1790, o capitão Patten, comandante do navio *Industry*, de Filadélfia, fez uma viagem a Tristão da Cunha, onde permaneceu sete meses (de agosto de 1790 até abril de 1791) para recolher peles de focas. Durante este

período, arranhou nada menos do que cinco mil e seiscentas e afirmou que não teria tido dificuldade em arranjar, em três semanas um carregamento de óleo para um navio de grande tonelagem. Ao chegar, não encontrou quadrúpedes, exceto algumas cabras selvagens; hoje, existem na ilha quase todos os nossos animais domésticos que ali foram introduzidos pelos navegadores.

Julgo que foi pouco depois da expedição do capitão Patten, que o capitão Colquhoun, comandante do brigue americano *Betsey*, acostou à maior das ilhas para se reabastecer. Plantou cebolas, batatas, couves e muitos outros legumes que ainda hoje ali se encontram em abundância.

Em 1811, um tal capitão Heywood, comandante do *Nereus*, visitou Tristão da Cunha, onde encontrou três americanos, que tinham ficado na ilha para preparar o óleo e as peles de focas. Um desses homens chamava-se Jonathan Lambert e intitulava-se soberano da ilha. Tinha desbravado e cultivado cerca de sessenta acres de terra e estava empenhado em introduzir a cultura do café e da cana-de-açúcar, que lhe tinham sido fornecidos pelo embaixador americano no Rio de Janeiro. No entanto, as ilhas acabaram por ser abandonadas e, em 1817, o governo inglês enviou um destacamento ido do cabo da Boa Esperança, para tomar posse das ilhas. Entretanto, estes novos colonos não permaneceram lá durante muito tempo, embora, depois da evacuação das ilhas pelas forças britânicas, duas ou três famílias inglesas ali tivessem fixado residência sem qualquer auxílio do governo.

A 25 de março de 1824, o *Berwick*, comandado pelo capitão Jeffrey, saldo de Londres com destino à terra de Van-Diémen, atracou à ilha, onde encontrou um inglês chamado Glass, antigo

cabo da artilharia inglesa. Arrogava-se o título de governador supremo das ilhas e tinha sob o seu controle vinte e um homens e três mulheres. Fez uma descrição muito favorável da salubridade do clima e da natureza fértil do solo. A reduzida população ocupava-se principalmente na recolha de peles de foca e de óleo de elefantes marinhos, produtos que comerciava com o cabo da Boa Esperança, pois Glass era dono de uma pequena escuna. Quando nós lá chegámos, o governador ainda existia, mas a pequena comunidade tinha-se multiplicado: havia sessenta e cinco indivíduos na Tristão da Cunha, sem contar com uma colónia secundária de sete pessoas na ilha Nightingale. Não tivemos qualquer dificuldade em nos reabastecermos, pois os carneiros, os porcos, os bois, os coelhos, a criação, as cabras e peixes de várias espécies, além dos legumes, ali existiam em grande quantidade. Lançámos a âncora perto da ilha maior, sobre dezoito braças de água e levámos para bordo tudo o que necessitávamos. O capitão Guy comprou também a Glass peles de foca e uma certa quantidade de marfim. Permanecemos na zona uma semana, durante a qual os ventos sopraram sempre de Nordeste e o tempo esteve relativamente encoberto. No dia 5 de dezembro singrámos para Sudoeste para fazer uma exploração a um certo grupo de ilhas chamadas Auroras, sobre cuja existência se debatem as mais variadas opiniões.

Pretende-se que estas ilhas foram descobertas em 1762 pelo comandante do navio de três mastros *Aurora*. Em 1790 o capitão Manuel de Oyarvido, comandante do navio de três mastros *Princess*, pertencente à Companhia Real das Filipinas, afirma ter passado pelas ilhas. Em 1794, a corveta espanhola *Atrevida*, fez-se ao mar com o objetivo de verificar a sua posição exata e, num memorial

publicado pela Real Sociedade Hidrográfica de Madrid em 1809, fala-se desta exploração nos seguintes termos:

«A corveta *Atrevida* fez, de 21 a 27 de janeiro, nas proximidades destas ilhas, todas as observações necessárias e mediu com cronómetros a diferença de longitude entre estas ilhas e o porto de Soledad nas Malvinas. São três, quase todas situadas no mesmo meridiano, a do centro um pouco mais abaixo, e as outras duas são visíveis a nove léguas de distância.»

As observações feitas a bordo da *Atrevida* fornecem os seguintes resultados no que diz respeito à localização exata de cada ilha: a mais meridional está situada a 52° 37' 24" de latitude Sul e 47° 43' 15" de longitude Oeste; a do meio a 53° 2' 40' de latitude Sul e 47° 55' 22" de longitude Oeste; por fim, a mais setentrional encontra-se a 53° 15' 22" de latitude Sul e a 47° 57' 15" de longitude Oeste.

No dia 27 de janeiro de 1820, o capitão James Weddell, da marinha inglesa, partiu de Staten-Land à descoberta das Auroras. No seu relatório afirma que, embora tivesse feito as mais minuciosas pesquisas e tivesse passado não só nos pontos exatos indicados pelo comandante da *Atrevida*, mas ainda também nas suas proximidades e em todos os sentidos, não conseguiu encontrar o menor indício de terra. Estes relatórios contraditórios incitaram outros navegadores a procurar as ilhas e, por mais estranho que pareça, enquanto uns sulcam o mar em todas as direções no sítio indicado, sem as encontrar, outros e são numerosos, declaram que as viram e até que estiveram nas suas proximidades. O capitão Guy tencionava fazer os esforços para resolver uma questão tão estranhamente controversa como esta.

Continuámos a nossa rota para Sul e para Oeste com tempos variáveis, até ao dia 20 do mesmo mês, data em que nos encontrámos, por fim, no local discutido, a 52° 15' de latitude Sul e a 47° 58' de longitude Oeste, isto é, quase no sítio designado como a posição da ilha mais meridional do grupo. Como não avistámos sinais de terra, continuámos para Oeste a 53° de latitude Sul até 50 de longitude Oeste. Então, dirigimo-nos para Norte até ao paralelo 52 de latitude Sul; depois virámos para leste e mantivemo-nos no mesmo paralelo, por altura dupla, de manhã à noite, e pelas alturas meridianas dos planetas e da lua. Tendo assim avançado para Leste até à costa Oeste da Geórgia, seguimos este meridiano até atingirmos a latitude de onde tínhamos partido. Fizemos então várias diagonais através de toda a extensão de mar circunscrita, mantendo permanentemente um vigia no cimo do mastro, e repetindo cuidadosamente o nosso exame durante três semanas, no decorrer das quais o tempo se manteve sempre agradável e sem nuvens. Assim, ficámos plenamente convencidos que, se aquelas ilhas alguma vez tinham existido, agora já não havia qualquer vestígio delas. Depois do meu regresso, soube que o mesmo percurso foi cuidadosamente seguido em 1822 pelo capitão Johnson da escuna americana *Wasp*, mas com o mesmo resultado que nós.

16 — As Explorações do Polo Sul

O capitão Guy planeava inicialmente, depois de ter satisfeito a sua curiosidade em relação às Auroras, atravessar o estreito de Magalhães e navegar ao longo da costa ocidental da Patagónia, mas uma informação que recebera na ilha Tristão da Cunha, levou-o a rumar para Sul, na esperança de descobrir umas ilhotas, que, segundo lhe tinham dito, estavam situadas a 60° de latitude Sul e a 40° 20' de longitude Oeste. No caso de não encontrar as ilhas e se o tempo o permitisse, pensava dirigir-se para o Polo. Assim, a 12 de dezembro singrámos na referida direção. No dia 18 encontrávamos-nos na posição indicada por Glass e cruzámos a zona durante três dias sem descobrir o mínimo vestígio das ilhas em questão. A 21, como o tempo estava extraordinariamente bom, voltámos a rumar ao Sul, decididos a avançar tão longe quanto possível nessa direção. Antes de entrar nesta parte do meu relato, talvez seja oportuno, em especial para os leitores que não seguiram com atenção a marcha das descobertas destas regiões, fazer um sumário das tentativas já realizadas até hoje para chegar ao Polo Sul.

A expedição do capitão Cook é a primeira da qual possuímos documentos positivos. Em 1772, fez-se ao mar em direção ao Sul, no *Resolution*, acompanhado pelo tenente Fourneaux, comandante do *Adventure*. Em dezembro, encontrava-se no paralelo 58 de latitude Sul a 26° 57' de longitude leste, onde encontrou bancos de gelo com uma espessura de 8 a 10 polegadas, que se estendiam a

Nordeste e a Sudeste. O gelo apresentava-se em blocos, quase sempre tão unidos que os navios tinham grande dificuldade em abrir passagem através deles. Naquela época, o capitão Cook pensou que se encontrava perto de terra, devido à multidão de aves à vista e a outros indícios. Continuou a navegar para Sul, com tempo excessivamente frio, até ao paralelo 64 a 38° 14' de longitude Leste, onde encontrou um tempo ameno com bons ventos durante cinco dias, marcando o termómetro 36 graus Fahrenheit. Em janeiro de 1773, os navios atravessaram o Círculo Antártico, mas não conseguiram avançar mais, porque, chegados a 67° 15' de latitude, encontraram o caminho barrado por uma massa imensa de gelo que se estendia pelo horizonte Sul, a perder de vista. Este gelo tinha formas diferentes e alguns bancos enormes estendiam-se por várias milhas, formando uma massa compacta e elevando-se a 18 ou 20 pés acima do nível do mar. Como a estação já ia avançada e não podia ultrapassar aqueles obstáculos, o capitão Cook, embora contra vontade, virou rumo ao Norte.

No mês de novembro seguinte, recomeçou a sua viagem de exploração ao Polo Antártico. A 59° 40' de latitude encontrou uma forte corrente que puxava para Sul. Em dezembro, quando os navios estavam a 67° 31' de latitude e a 142° 54' de longitude Oeste, depararam com um frio excessivo, nevoeiros e ventos fortes. Também aqui havia muitas aves: albatrozes, pinguins e especialmente o petrel. A 70° 23' de latitude, encontraram vastas ilhas de gelo e um pouco mais à frente avistaram nuvens de uma brancura de neve, o que indicava a proximidade de bancos de gelo. A 71° 10' de latitude e a 106° 54' de longitude Oeste, os navegadores foram retidos, como da primeira vez, por uma imensa

extensão de mar gelado que enchia toda a linha do horizonte para Sul. O lado Norte desta planície de gelo era irregular e todos aqueles blocos estavam tão solidamente unidos que formavam uma barreira intransponível, estendendo-se por uma milha para o Sul. Para lá desta barreira, a superfície do gelo parecia muito mais plana, até uma certa distância, onde no seu limite extremo era rodeado por um anfiteatro de montanhas de gelo gigantescas, escalonadas umas nas outras. O capitão Cook concluiu que esta vasta extensão confinava com o Polo ou com um continente. O senhor J. N. Reynolds, que após muitos esforços e perseverança, levaram à organização de uma expedição nacional, cujo objetivo principal era explorar estas regiões, fala assim da viagem do *Resolution*:

«Não nos surpreendemos que o capitão Cook não tenha podido ir além de $71^{\circ} 10'$ de latitude, mas sim que tenha conseguido atingir esse ponto por $106^{\circ} 54'$ de longitude Oeste. A Terra de Palmer fica situada ao Sul das ilhas Shetland a 64° de latitude e estende-se para Sudoeste, até onde nunca nenhum navegador penetrou. Cook dirigia-se para esta terra, quando a sua marcha foi detida pelo gelo, caso que, receamos, acontecerá sempre, sobretudo numa época do ano como 6 de janeiro, e não no' surpreenderia se parte das referidas montanhas de gelo estivesse unida ao corpo principal da Terra de Palmer ou a qualquer outra parte continental, situada mais para Sul e para Sudoeste.»

Em 1803, o imperador Alexandre da Rússia encarregou os capitães Kreutzenstem e Lisiauský de uma viagem de circum-navegação. Ao tentarem avançar mais para Sul, não conseguiram ir além de $59^{\circ} 58'$ de latitude e $70^{\circ} 15'$ de longitude Oeste, onde

encontraram fortes correntes puxando para Leste. A baleia era abundante, mas não viram gelo. Relativamente a esta viagem, o senhor Reynolds salienta que, se Kreuzenster tivesse chegado àquela região mais cedo, teria, sem dúvida, encontrado gelo (era o mês de março, quando chegou à latitude referida). Os ventos que dominavam então de Sudoeste, ajudados pelas correntes, tinham empurrado os blocos de gelo para a região gelada, limitada a Norte pela Geórgia, a Leste pelas Sandwich e as Orkneys do Sul, e a Oeste pelas Shetland do Sul.

Em 1822, o capitão James Weddell, da marinha inglesa, com dois pequenos navios, avançou mais para Sul do que qualquer outro navegador precedente e até sem dificuldades de maior. Relata que, embora se visse frequentemente rodeado de gelo *antes* de atingir o paralelo 72, uma vez ali chegado, nunca mais viu um pedaço sequer e que, tendo navegado até a 74° 15' de latitude, não avistou grandes extensões de gelo, mas apenas três pequenas ilhas. O que é estranho é que, embora tivesse visto enormes bandos de aves e outros indícios de terra, e o vigia tivesse, ao Sul das Shetland, assinalado terra, Weddell tivesse persistido em recusar a ideia da possibilidade de existência de um continente nas regiões polares do Sul.

No dia 11 de janeiro de 1823, o capitão Benjamin Morrell, comandante da escuna americana *Wasp*, partiu da terra de Kerguelen com a intenção de avançar para Sul tão longe quanto possível. No dia 1 de fevereiro, encontrava-se a 64° 52' de latitude Sul e a 118° 27' de longitude Leste. Transcrevo do seu diário, a seguinte passagem, referente a esta data:

«O vento não demorou a refrescar e soprava a onze nós; aproveitámos a ocasião para nos dirigirmos para Leste; estando plenamente convencidos de que quanto mais avançássemos para Sul, passando 64°, menos teríamos de recear os gelos, rumámos um pouco para Sul e, tendo atingido o Círculo Antártico, avançámos até 69° 15' de latitude Sul. Não avistámos qualquer planície gelada, apenas algumas ilhotas de gelo.

A seguinte nota, é datada de 14 de março:

«O mar estava completamente livre de vastas zonas de gelo e nós avistámos apenas uma dezena de ilhotas. Além disso, a temperatura do ar e da água estava pelo menos 13° F. mais elevada do que é habitual entre os paralelos 60 e 62 Sul. Estávamos então a 70° 14' de latitude Sul e a temperatura do ar era 47° F. e a da água 44° F. Calculámos que o desvio da bússola fosse de 14° 27' para Leste, por azimute... Atravessei várias vezes o Círculo Antártico em meridianos diferentes e sempre verifiquei que a temperatura do ar e da água aumentava cada vez mais à medida que nos afastámos do paralelo 65 latitude Sul e que a variação magnética diminuía na mesma proporção. Porém, a Norte desta latitude, isto é, entre os paralelos 60 e 65, o navio tinha, muitas vezes, dificuldade em abrir passagem entre os enormes e numerosos blocos de gelo, alguns dos quais tinham de uma a duas milhas de circunferência e se elevavam a mais de quinhentos pés acima do nível do mar.»

Como se encontrava sem água e quase sem combustível, privado dos instrumentos suficientes, e estando a estação já muito adiantada, o capitão Morrei viu-se obrigado a voltar para trás sem tentar avançar mais para Sul, embora tivesse à sua frente um mar

completamente livre. Afirmou que, se estas circunstâncias imperiosas não o tivessem obrigado a retirar, teria chegado, senão até ao Polo, pelo menos até ao paralelo 85. Relatei com certo pormenor as suas ideias sobre este assunto a fim de que o leitor possa julgar até que ponto elas foram confirmadas pela minha experiência.

Em 1831, o capitão Briscoe, navegando por conta dos senhores Enderby, armadores de baleeiros em Londres, fez-se ao mar no brigue *Lively* em direção aos mares do Sul, acompanhado pelo cúter *Tula*. No dia 28 de fevereiro, encontrando-se a 66° e 0' de latitude Sul e a 47° 31' de longitude Leste, avistou terra e «descobriu nitidamente através da neve os picos negros de uma cadeia de montanhas, dirigidas para Leste-Sudoeste». Permaneceu naquelas paragens todo o mês seguinte, mas não conseguiu aproximar-se da costa mais de dez léguas, devido ao mau tempo. Vendo que lhe era impossível fazer qualquer nova descoberta durante aquela estação, rumou para Norte e foi passar o inverno à Terra de Van-Diémen.

No começo de 1832, voltou a rumar para Sul e, no dia 4 de fevereiro, avistou terra a Sudeste a 67° 15' de latitude e a 69° 29' de longitude Oeste. Verificou que era uma ilha, situada perto da zona mais avançada do território que descobrira anteriormente. No dia 21 do mesmo mês, conseguiu desembarcar nesta última, e dela tomou posse em nome de Guilherme IV, chamando-lhe ilha Adelaide, em honra da rainha de Inglaterra. Transmitidos estes pormenores à Real Sociedade Geográfica de Londres, esta concluiu «que uma vasta extensão de terra se estende, sem interrupção,

desde 47° 30' de longitude Leste até 69° 29' de longitude Oeste entre os paralelos 66 e 67 de latitude sul.»

Relativamente a esta conclusão, o senhor Reynolds faz a seguinte observação: «Não podemos aceitar esta conclusão como racional, não justificando as descobertas de Briscoe semelhante hipótese. Foi precisamente através deste espaço que Weddell se dirigiu para Sul, seguindo um meridiano a Leste da Geórgia, das Sandwich, da Orkney do Sul e das ilhas Shetland.» verãõ que a minha própria experiência serve para mostrar mais claramente a falsidade das conclusões a que chegou a Sociedade.

Tais são as principais tentativas que foram feitas para chegar às mais longínquas latitudes do Sul, e compreendem agora que, antes da viagem da *Jane-Guy*, havia ainda cerca de 300 graus de longitude no Círculo Antártico, onde nunca ninguém tinha penetrado. Assim, abria-se diante de nós um vasto campo de descobertas e foi com um sentimento de voluptuosa e ardente curiosidade que ouvi o capitão Guy exprimir a sua resolução de avançar corajosamente para Sul.

17 — Terra!

Durante quatro dias, depois de termos renunciado às buscas das ilhas de Glass, navegámos para o Sul, sem encontrarmos gelo. No dia 26, ao meio-dia, estávamos a 63° 23' de latitude Sul e a 41° 25' de longitude Oeste. Avistámos então grandes ilhas de gelo, e um banco que, para dizer a verdade, não era de grande extensão. Geralmente, os ventos sopravam de Sudeste, mas muito fracos. Quando tínhamos vento de Oeste, o que era muito raro, era sempre acompanhado por fortes chuvadas. Todos os dias caía neve em maior ou menor quantidade. O termómetro marcava, no dia 27, 35° F.

1 de janeiro de 1828. — Estivemos completamente rodeados de gelo e as nossas perspectivas eram, na verdade, muito tristes. Uma forte tempestade de Nordeste, fez-se sentir durante toda a manhã e atirou contra o leme e a ré grandes pedaços de gelo com tanta força que chegámos a recear pelas consequências. Ao anoitecer a tempestade ainda soprava com força, mas abriu-se à nossa frente um vasto banco e pudemos enfim, à força de velas, abrir passagem através dos pedaços de gelo mais pequenos até ao mar livre. Quando nos aproximámos, fomos diminuindo as velas gradualmente e, já fora de apuros, pusemo-nos à capa sob a vela do traquete e com um único ris.

2 de janeiro. — Tempo bastante agradável. Ao meio-dia encontrávamo-nos a 69° 10' de latitude Sul e a 42° 20' de longitude Oeste, e tínhamos passado o Círculo Antártico. Para Sul, não

avistámos muito gelo, embora atrás de nós existissem vastos bancos. Construámos uma espécie de sonda com um grande caldeirão de ferro com a capacidade de vinte galões e uma corda de duzentas braças. Verificámos que a corrente para Sul tinha uma velocidade de um quarto de milha por hora. A temperatura do ar era de cerca de 33° F.; o desvio da bússola de 14° 28' para Leste por azimute.

5 de janeiro. — Continuámos a avançar para Sul sem encontrar muitos obstáculos. No entanto, esta manhã, estando a 73° 15' de latitude Sul e a 42° 10' de longitude Oeste, fomos obrigados a parar diante de uma imensa extensão de gelo. Apesar disso, avistámos, mais para Sul, o mar aberto e convencemo-nos que acabaríamos por o alcançar. Navegando para leste, ao longo do banco, chegámos, por fim, a uma passagem com cerca de uma milha de largura, ao longo da qual prosseguimos até ao pôr do sol. O mar onde nos encontrávamos estava juncado de ilhotas de gelo, mas não tinha bancos extensos, e prosseguimos intrepidamente como antes. O frio não parecia aumentar, embora nevasse com frequência e caíssem de vez em quando violentas chuvadas de granizo. Imensos bandos de albatrozes passaram hoje por cima da escuna de Sudeste para Nordeste.

7 de janeiro. — O mar continua mais ou menos livre e aberto, permitimo-nos continuar a nossa rota sem impedimentos. Avistámos a Oeste alguns bancos de gelo de proporções inconcebíveis e, à tarde, passámos perto de uma dessas massas, cuja altura acima do nível do oceano devia ultrapassar as quatrocentas braças. Devia ter um perímetro de três quartos de légua e, em algumas fendas da superfície, corriam fios de água.

Esta espécie de ilha manteve-se no nosso horizonte durante dois dias e acabámos por a perder de vista no meio do nevoeiro.

10 de janeiro. — Logo de manhã tivemos o azar de perder um homem, que caiu ao mar. Era um americano, chamado Peters Vredenburgh, natural de Nova Iorque e um dos melhores marinheiros que a escuna tinha. Ao passar na proa, escorregou-lhe um pé e caiu entre dois pedaços de gelo, desaparecendo imediatamente. Hoje, ao meio-dia, estávamos a $78^{\circ} 30'$ de latitude e $40^{\circ} 15'$ de longitude Oeste. O frio era agora excessivo e sofríamos continuamente chuvadas de granizo de Nordeste. Nesta direção avistámos enormes bancos de gelo e todo o horizonte parecia fechado por uma região de gelos elevando-se e sobrepondo-se em anfiteatro. À noite vimos alguns blocos de madeira à deriva, em cima dos quais planavam imensas aves, entre as quais *nellies*, petréis, albatrozes e uma grande ave azul de plumagem brilhante. A variação por azimute era então um pouco menor do que anteriormente, quando atravessámos o Círculo Antártico.

12 de janeiro. — A nossa passagem para Sul tornou-se novamente duvidosa, porque, na direção do Polo, apenas se consegue ver um banco de gelo, aparentemente sem fim, encostado a verdadeiras montanhas de gelo muito recortadas, formando precipícios uns a seguir aos outros. Navegámos para Oeste até ao dia 14, na esperança de descobrir uma passagem.

14 de janeiro. — Na manhã do dia 14, chegámos à extremidade Oeste do enorme banco que nos barrava a passagem e, dobrando-a, desembocámos num mar livre onde não havia um pedaço de gelo. Utilizando uma sonda com uma corda de duzentas braças, detetámos uma corrente para Sul a uma velocidade de

meia-milha por hora. A temperatura do ar era de 47° F. e a da água de 34° F. Singrámos para Sul até ao dia 16, sem encontrar nenhum obstáculo grave. Ao meio-dia, estávamos a 81° 21' de latitude e a 42° de longitude Oeste. Sondámos novamente e encontrámos uma corrente, sempre para Sul, com uma velocidade de três quartos de milha por hora. A variação por azimute tinha diminuído e a temperatura era amena e agradável, marcando o termómetro 51° F. Não se avistava um pedaço de gelo e, a bordo, já ninguém duvidava da possibilidade de chegar ao Polo.

17 de janeiro. — O dia foi pleno de incidentes. Numerosos bandos de aves voaram por cima de nós, dirigindo-se para Sul, e disparámos alguns tiros; uma espécie de pelicano forneceu-nos um alimento excelente. A meio da manhã, o homem de vigia no turco de bombordo avistou um pequeno banco de gelo, em cima do qual parecia repousar um animal bastante corpulento. Como o tempo estava bom e quase calmo, o capitão Guy ordenou que descessem duas embarcações e fossem ver de que espécie de animal se tratava. Dirk Peters e eu acompanhámos o imediato no maior dos dois botes. Ao chegar ao banco de gelo, verificámos que estava ocupado por um gigantesco urso da espécie ártica, mas de um tamanho que ultrapassava os maiores animais desta espécie. Como estávamos bem armados não hesitámos em o atacar, tendo sido disparados vários tiros, que na sua maioria o atingiram na cabeça e no corpo. No entanto, o monstro, não parecendo incomodado, atirou-se à água e começou a nadar, de mandíbulas abertas, em direção ao bote onde eu e Peters estávamos. Devido à confusão que se gerou entre nós pela reviravolta inesperada da aventura, ninguém preparou imediatamente o seu segundo tiro e o urso

conseguiu passar metade do seu enorme corpo através da borda e apanhar um dos homens pela cintura, antes que tivéssemos feito o que quer que fosse para o repelir. Só a agilidade e prontidão de Peters nos salvou daquele perigo. Saltando sobre o dorso do animal, enterrou-lhe uma faca no pescoço, atingindo-o, ao primeiro golpe, na espinal-medula. O animal caiu à água, completamente aniquilado, mas arrastando Peters na sua queda. Este em breve apareceu e nós lançámos-lhe uma corda, a qual ele, antes de subir para o bote, atou ao corpo do animal vencido. Fizemos um regresso triunfal à escuna, rebocando o nosso troféu. Depois de medirmos o urso, verificámos que no seu maior comprimento tinha mais de quinze pés. O pelo era de uma brancura sem par, muito forte e eriçado. Os olhos eram vermelhos de sangue, maiores do que os do urso ártico e tinha o focinho mais arredondado, semelhante ao do *bulldog*. A carne era tenra, mas excessivamente rançosa e a cheirar a peixe, embora os marinheiros se tivessem regalado com ela, achando-a excelente.

Mal tínhamos içado a nossa presa para bordo, quando o homem de vigia gritou alegremente: *Terra a estibordo!* Toda a gente se alvoroçou e, como se levantou uma brisa oportuna de Nordeste, chegámos rapidamente à costa. Era uma ilhota baixa e rochosa, com cerca de uma légua de circunferência e completamente privada de vegetação, excetuando uma espécie de nopal espinhoso. Aproximando-nos pelo Norte, vimos um estranho rochedo, fazendo promontório, que imitava extraordinariamente a forma de uma bola de algodão com cordas. Ao dobrarmos este pontão para Oeste, encontrámos uma pequena baía onde os nossos botes puderam fundear facilmente.

Não precisámos de muito tempo para explorar toda a ilha, não encontrando nada de importante, com exceção de uma ou outra coisa. Na extremidade Sul, perto da costa, deparou-se-nos um pedaço de madeira, meio enterrado debaixo de um monte de pedras, o qual parecia ter sido a proa de um bote. Era evidente que alguém tentara esculpir nele qualquer coisa, que o capitão Guy julgou ser uma tartaruga, mas devo confessar que não vi qual era a semelhança. Exceto esta proa, se realmente o era, não descobrimos nenhum indício que provasse que aquele lugar alguma vez tinha recebido a visita de um ser humano. À volta da costa encontrámos alguns pequenos blocos de gelo, espalhados ao acaso, mas em pequeno número. A situação exata da ilha à qual o capitão Guy deu o nome de *Ilhota de Bennet* em honra do seu sócio coproprietário da escuna, é 82° 50' de latitude Sul e 42° 20' de longitude Oeste.

Já tínhamos avançado para Sul mais oito graus do que todos os navegadores que nos tinham precedido e o mar estendia-se à nossa frente completamente livre de obstáculos. Verificámos também que a variação diminuía regularmente à medida que avançávamos e que a temperatura do ar e depois a da água se tornavam cada vez mais amenas. Podia-se considerar que o tempo estava agradável e sentíamos uma brisa ligeira, mas constante, soprando sempre do quadrante Norte. O céu geralmente estava limpo, aparecendo de tempos a tempos um débil vapor no horizonte a sul, mas era sempre de curta duração. Só víamos duas dificuldades: tínhamos falta de combustível e já se tinham manifestado sintomas de escorbuto em alguns tripulantes. Estas considerações começavam a pesar no espírito do capitão Guy, que falava em rumar para Norte. Pela minha parte, convencido como

estava de que em breve encontraríamos terra, seguindo sempre a mesma rota, onde o solo não seria tão estéril como nas altas latitudes árticas, insistia calorosamente junto dele sobre a necessidade de prosseguir, pelo menos durante mais alguns dias, a rota seguida até ali. Nunca se tinha apresentado a ninguém uma oportunidade tão tentadora de resolver o grande problema relativo ao continente Antártico, e confesso que me sentia indignado quando o nosso comandante falava em voltar para trás. Estou firmemente convencido de que tudo o que lhe disse sobre o assunto serviu para o convencer a continuar em frente. Embora seja obrigado a deplorar os tristes e sangrentos acontecimentos que foram o resultado imediato do meu conselho, creio que devo congratular-me por ter sido, até certo ponto, o instrumento de uma descoberta, e por ter servido, de certa maneira, para desvendar aos olhos da ciência um dos mais excitantes segredos a que dedicou a sua atenção.

18 — Outros Homens

18 de janeiro. — Esta manhã continuámos a nossa rota para Sul com um tempo tão bom como nos dias precedentes. O mar estava completamente calmo, o vento soprava de Nordeste e a temperatura do ar era suficientemente quente e a da água marcava 53° F. Recomeçámos com as sondagens e, com uma corda de 150 braças, encontrámos uma corrente em direção ao Polo a uma velocidade de uma milha por hora. Esta tendência constante do vento e da corrente para Sul provocaram reflexões e até alarme entre a tripulação, e vi perfeitamente que causara forte impressão no espírito do capitão Guy. Felizmente, tinha muito receio do ridículo e consegui que se risse das suas próprias apreensões. A variação era agora quase insignificante. Durante o dia vimos algumas baleias e numerosos bandos de albatrozes sobrevoaram o navio. Apanhámos também uma espécie de arbusto com bagas vermelhas como as do espinheiro e o corpo de um animal terrestre, de aspeto muito estranho. Tinha três pés de comprimento por seis polegadas de altura, quatro pernas muito curtas, os pés com longas garras de um vermelho brilhante e semelhantes ao coral. A cauda era afilada como a de um rato e com cerca de um pé e meio de comprimento. A cabeça lembrava a de um gato, exceto nas orelhas que eram reviradas e pendentes como as de um cão. Os dentes eram do mesmo vermelho vivo das garras. O corpo estava revestido por um pelo sedoso e compacto, perfeitamente branco.

19 de janeiro. — Encontrando-nos a 83° 20' de latitude e a 43° 5' de longitude Oeste (o mar tinha um tom escuro extraordinário), o vigia avistou terra de novo e, depois de um exame atento, descobrimos que se tratava de uma ilha pertencente a um grupo de ilhas mais extensas. A costa era a pique e o interior parecia bastante arborizado, circunstância que nos causou grande alegria. Cerca de quatro horas depois de ter avistado terra, lançámos a âncora a dez braças de profundidade, com um fundo de areia, a uma légua da costa, porque uma forte ressaca, com remoinhos em várias direções, tornava a aproximação perigosa. Recebemos ordem para levar duas das embarcações maiores, e um destacamento bem armado, de que eu e Peters fazíamos parte, foi encarregado de encontrar uma abertura no recife que parecia circundar a ilha. Depois de termos procurado durante algum tempo, descobrimos uma passagem, por onde íamos entrar, quando avistámos quatro grandes canoas que largavam da margem, cheias de homens que pareciam bem armados. Deixámo-los aproximar e, como navegavam com grande velocidade, em breve estavam ao alcance da voz. O capitão Guy içou então um lenço *branco* na ponta de um remo. Os selvagens pararam e de repente começaram a tagarelar numa algaraviada muito alta e a gritar estranhas palavras, entre as quais distinguimos: *Anamoo-moo!* e *Lama-Lama!* Continuaram com aquela algazarra durante uma boa meia hora, em que pudemos observar, à vontade, as suas fisionomias.

Nas quatro canoas, que deviam ter cinquenta pés de comprimento e cinco de largura, havia ao todo cento e dez selvagens. Tinham uma estatura semelhante à dos europeus, mas mais musculosa e carnuda. A sua pele era de um negro de jade e os

cabelos longos espessos e encarapinhados. Estavam vestidos com a pele de um animal negro desconhecido que tinha longos e sedosos pelos. A pele era ajustada ao corpo, com o pelo voltado para dentro, exceto à volta do pescoço, nos punhos e nos tornozelos. As suas armas consistiam principalmente em paus de madeira preta, de aparência muito dura. No entanto, também distinguimos algumas lanças de ponta de sílex e algumas fundas. O fundo das canoas estava coberto de pedras negras do tamanho de um ovo grande.

Quando terminaram aquela discursata (pois era evidente que aquela algarviada se dirigia a nós), um deles, que parecia o chefe, pôs-se de pé na proa da sua canoa e fez-nos repetidos sinais para que nos aproximássemos. Fingimos que não percebíamos o que ele queria, pensando que era mais sensato manter, tanto quanto possível, um espaço razoável entre nós, porque eles eram quatro vezes mais do que nós. Adivinhando o nosso pensamento, o chefe pediu às outras três canoas para o seguirem enquanto ele avançava com a sua. Assim que nos alcançou, saltou para bordo do bote maior e sentou-se ao lado do capitão Guy, ao mesmo tempo que apontava para a escuna repetindo as palavras: *Anamoo-moo! Lama-Lama!* Regressámos ao navio, seguidos a alguma distância pelas quatro canoas.

Ao chegar junto do costado, o chefe mostrou sinais de uma surpresa e prazer extremos, batendo palmas, batendo nas coxas e no peito e soltando gargalhadas ensurdecedoras. Todos os seus súbditos, que o seguiam, uniram a sua alegria à do chefe, fazendo uma tremenda algazarra. Feliz por regressar ao seu navio, o capitão Guy ordenou que içassem as embarcações como medida de

precaução e deu a entender ao chefe, cujo nome em breve descobrimos que era *Too-wit*, que só podia receber a bordo vinte homens de cada vez. Este pareceu aceitar perfeitamente esta sugestão e transmitiu algumas ordens para as canoas, uma das quais se aproximou, enquanto as outras permaneciam a cerca de cinquenta jardas de distância. Subiram a bordo vinte selvagens que começaram a bisbilhotar por toda a parte, a trepar pelos mastros, como se estivessem em casa, e examinando todos os objetos com a maior curiosidade.

Era mais que evidente que nunca tinham visto um indivíduo de raça branca. Aliás a nossa cor parecia inspirar-lhes grande repugnância. Julgavam que a *Jane* era um ser vivo e dir-se-ia que receavam atingi-la com as pontas das lanças que levantavam cuidadosamente. Houve um momento em que toda a tripulação se divertiu bastante com a conduta de *Too-wit*. O cozinheiro estava a partir lenha perto da cozinha, quando, por acidente, cravou o machado na coberta, onde fez um entalhe bastante fundo. O chefe ocorreu imediatamente e, empurrando o cozinheiro com força, soltou um gemido, quase um grito, que demonstrava bem quanto sofria com as dores da escuna; depois, começou a acariciar e a esfregar a *ferida* com a mão e lavá-la com um pouco de água do mar que estava perto. Demonstrava tamanha ignorância, para a qual não estávamos preparados, que eu não pude deixar de pensar que ali havia um pouco de fingimento.

Quando os nossos visitantes satisfizeram completamente a sua curiosidade em relação à coberta, foram conduzidos ao interior, onde a sua admiração ultrapassou todos os limites. A sua estupefação parecia demasiado forte para se exprimir por palavras,

pois observavam tudo em silêncio, emitindo apenas algumas exclamações. As armas devem-lhes ter dado que pensar e permitimos-lhes que as examinassem à vontade. Penso que não tinham a mínima suspeita da sua utilidade, tomando-as por ídolos, vendo o cuidado que tínhamos e a atenção com que os olhávamos enquanto eles lhes mexiam. O seu espanto redobrou ao verem os canhões. Aproximaram-se fazendo as maiores demonstrações de veneração e de terror, mas não quiseram examiná-los minuciosamente. Havia no camarote dois grandes espelhos e isso foi o cúmulo do seu espanto. Too-wit foi o primeiro a aproximar-se e já se encontrava no meio do camarote de frente para um e de costas para o outro, mas ainda não os tinha notado. Quando o selvagem levantou os olhos e se viu refletido no espelho, julguei que ia enlouquecer; mas ao voltar-se para fugir, voltou a ver-se no espelho oposto e então julguei que ia morrer. Nada o levou a olhar-se de novo, pois todos os meios de persuasão foram inúteis. Atirou-se para o chão, escondeu a cabeça entre as mãos e permaneceu imóvel, até que resolvemos levá-lo para a coberta.

Todos os selvagens foram recebidos a bordo em grupos de vinte, mas Too-wit permaneceu todo o tempo no navio. Não descobrimos neles nenhuma propensão para o roubo e depois da sua partida não demos pela falta de nada. Enquanto durou a visita, mostraram-se sempre muito cordiais. No entanto, havia alguns traços na sua conduta que nos foi impossível compreender, como por exemplo nunca conseguimos que se aproximassem de alguns objetos inofensivos, tais como as velas da escuna, um ovo, um livro aberto ou uma chávena de farinha. Tentámos saber se possuíam alguns artigos para comerciar ou trocar, mas tivemos grande

dificuldade em nos fazer compreender. No entanto, soubemos, com grande surpresa, que nas ilhas abundavam as grandes tartarugas da espécie Galápagos, e vimos uma na canoa de Too-wit. Vimos também um escombro de mar nas mãos de um selvagem que o devorava cru com a maior avidez.

Estas anomalias, ou pelo menos aquilo que considerámos anomalias relativamente à latitude, levaram o capitão Guy a tentar uma exploração completa da região, na esperança de encontrar algo lucrativo. Pela minha parte, desejoso como estava de levar mais longe a descoberta, só tinha um objetivo, só pensava em prosseguir viagem em direção ao sul, sem mais demoras. O tempo estava bom, mas ninguém sabia quanto iria durar e, uma vez que já estávamos no paralelo 84, com um mar completamente livre à nossa frente, uma corrente forte arrastando para Sul e bom tempo, não podia estar de acordo com nenhuma proposta de permanência naquelas paragens mais tempo do que o necessário para refazer a saúde da tripulação e reabastecermos o navio em provisões e combustível. Fiz ver ao capitão que nos seria fácil aportar àquelas ilhas no nosso regresso e que até lá podíamos, passar o inverno, no caso de os gelos nos barrarem a passagem. Acabou por seguir o meu conselho (porque, não sei como, tinha adquirido grande influência sobre ele) e, por fim, foi decidido que, mesmo que encontrássemos escombros do mar em abundância, apenas ali ficaríamos uma semana, para nos restabelecermos, e que seguiríamos para Sul assim que fosse possível.

Assim, fizemos todos os preparativos necessários e, depois de conduzirmos com êxito, seguindo as indicações de Too-wit, a escuna através dos recifes, lançamos a âncora a cerca de uma

milha da costa, numa excelente baía, muito fechada, na costa Sudeste da ilha principal, sobre dez braças de água, num fundo de areia negra. Disseram-nos que, na extremidade da baía, desaguavam três riachos de água excelente e verificámos que as redondezas eram muito arborizadas. As quatro canoas seguiam-nos, mas sempre a uma distância respeitosa. Quanto a Too-wit, ficou a bordo e depois de lançarmos a âncora, convidou-nos a acompanhá-lo a terra e a visitarmos a sua aldeia no interior. O capitão Guy aceitou e, tendo ficado a bordo com dez selvagens como reféns, doze homens da nossa tripulação prepararam-se para seguir o chefe. Tivemos o cuidado de irmos bem armados, mas sem deixar transparecer a mínima desconfiança. Na escuna tinham sido tomadas todas as precauções para evitar qualquer surpresa, colocando os canhões nas portinholas e içando as redes de filarete. Foi especialmente recomendado ao imediato que não recebesse ninguém a bordo durante a nossa ausência e que, no caso de não estarmos de volta daí a doze horas, enviasse a chalupa, armada com um canhão pedreiro, à nossa procura em volta da ilha.

A cada passo que dávamos naquela terra, cada vez mais nos convencíamos que estávamos numa região completamente diferente das que até hoje foram visitadas por homens civilizados. Nada do que víamos nos era familiar. As árvores não se pareciam com as existentes nas zonas tórridas, nas zonas temperadas ou nas zonas frias do Norte, e diferiam essencialmente das existentes nas latitudes meridionais que acabávamos de atravessar. As próprias rochas nos eram desconhecidas, no volume, na cor e na contextura; e os cursos de água, por mais estranho que possa parecer, assemelhavam-se tão pouco aos de outros climas, que hesitámos

em beber dessa água e tivemos grande dificuldade em nos convenceremos que as suas qualidades eram puramente naturais. No primeiro riacho que apareceu no caminho, Too-wit e a sua comitiva pararam para beber. Devido ao aspeto estranho daquela água, recusámo-nos a beber, supondo que era insalubre, e só mais tarde compreendemos que todos os cursos de água do arquipélago eram assim. Realmente não sei como vos dar uma ideia clara da natureza daquele líquido e não sou capaz de o fazer, sem utilizar muitas palavras. Embora esta água rolasse com rapidez por todas as encostas como qualquer outra água, só nas quedas e cascatas adquiria a habitual aparência de *limpidez*. Porém, devo dizer que era tão límpida como qualquer água calcária e a diferença que existia era apenas aparente. À primeira vista, e especialmente nos casos em que o declive era pouco acentuado, parecia um pouco, quanto a consistência, uma espessa dissolução de goma-arábica em água vulgar. Mas esta era apenas uma das suas extravagantes qualidades. Não era incolor, mas não tinha uma cor uniforme, e ao deslizar apresentava à vista todas as tonalidades possíveis da púrpura, como reflexos e cambiantes de seda furta-cores. Para dizer a verdade, esta variação da tonalidade efetuava-se de uma maneira que produzia nos nossos espíritos uma surpresa tão profunda como a dos espelhos no espírito de Too-wit. Enchendo uma bacia com esta água e deixando-a assentar, verificámos que toda a massa de líquido era constituída por um certo número de veios distintos de uma cor especial, que estes veios não se misturavam e que a sua coesão era perfeita, relativamente às moléculas que os formavam, e imperfeita quanto aos veios próximos. Fazendo passar a ponta de uma faca através dos veios, a

água fechava-se imediatamente atrás da ponta e, quando a retirávamos, todos os vestígios da passagem da faca desapareciam por completo. Mas, se a faca interceptava cuidadosamente dois veios, operava-se uma separação completa, que o poder de coesão não reconstituía logo. Os fenómenos desta água formaram o primeiro elo definido de uma vasta cadeia de milagres aparentes, que me foram envolvendo.

19 — Klock-Klock

Demorámos cerca de três horas a chegar à aldeia, situada três milhas para o interior, através de uma região arborizada. Ao longo de caminho, o destacamento de Too-wit (os cento e dez selvagens das canoas) era reforçado de vez em quando por pequenos grupos de dez ou sete indivíduos, que desembocavam no caminho e se juntavam a nós como por acaso. Havia ali qualquer coisa muito estranha e não pude deixar de sentir desconfiança, acabando por transmitir as minhas apreensões ao capitão Guy.

Mas era demasiado tarde para voltar para trás e decidimos que a melhor maneira de velar pela nossa segurança era mostrar a maior confiança na lealdade de Too-wit. Assim, prosseguimos, sempre atentos às manobras dos selvagens e não lhes permitindo que rompessem as nossas alas com empurrões súbitos. Depois de atravessarmos uma ravina escarpada, deparámos com um grupo de habitações, que nos disseram ser as únicas existentes na ilha. Quando avistámos a aldeia, o chefe soltou um grito e repetiu várias vezes a palavra Klock-Klock, que pensámos ser o nome da aldeia ou talvez o nome genérico aplicado a todas as aldeias.

As habitações tinham o aspeto mais miserável que se possa imaginar, diferindo das cabanas das raças mais atrasadas conhecidas da humanidade, por não estarem construídas sobre um plano uniforme. Algumas (pertencentes aos Wampoos ou Yampoos, os grandes dignitários da ilha) consistiam numa árvore cortada e cerca de quatro pés de raiz, com uma grande pele negra estendida

em cima, caindo em pregas soltas até ao chão. Outras eram feitas de ramos de árvores, não desbastados e conservando ainda a sua folhagem ressequida, apoiadas de forma a fazerem um ângulo de quarenta e cinco graus, sobre uma base de argila, amontoada, sem qualquer preocupação de forma regular, a uma altura de cinco ou seis pés. Outras ainda eram simples buracos abertos perpendicularmente no solo e cobertos de ramagens, que o habitante era obrigado a afastar para entrar e que tinha novamente de repor no lugar. Algumas eram feitas de ramos de árvores, tal qual tinham sido encontrados, meio enterrados no solo, apoiados os superiores nos inferiores, de maneira a formarem um abrigo contra o mau tempo. As mais numerosas consistiam em pequenas cavernas, pouco profundas, que eram, por assim dizer, escavadas na superfície de uma parede de pedra negra, caindo a pique, muito parecida com a terra calcada que envolvia os três lados da aldeia. À entrada de cada uma destas cavernas grosseiras, havia um pequeno bloco de pedra, que o respetivo habitante colocava cuidadosamente à entrada, cada vez que saía do seu nicho; nunca soube para que servia, porque a pedra nunca era de tamanho suficiente para tapar mais do que um terço da passagem.

Esta aldeia, se na verdade lhe podemos chamar assim, estava situada num vale bastante profundo e só era acessível pelo lado sul, pois o barranco escarpado de que falei fechava o acesso pelos outros lados.

No meio do vale corria um riacho com a mesma aparência mágica que já referi. Notámos à volta das habitações alguns estranhos animais que pareciam completamente domesticados. Os maiores assemelhavam-se ao nosso porco vulgar, tanto pela forma

do corpo como pelo focinho, mas a cauda era peluda e as patas esguias como as do antílope. O andar do animal era indeciso e trôpego, e nunca o vimos tentar correr.

Vimos ainda alguns animais de fisionomia análoga, mas com o corpo mais comprido e coberto de lã negra. Havia uma grande variedade de aves domésticas, que andavam pelas vizinhanças e que pareciam constituir a alimentação principal dos indígenas.

Para nossa grande surpresa, vimos entre as aves albatrozes negros, completamente domesticados que iam ao mar procurar o seu alimento e voltavam sempre à aldeia, como se fosse o seu poiso, servindo-se apenas da costa sul como local de incubação.

Como de costume, estavam associados aos seus amigos pinguins, mas estes últimos nunca seguiam os albatrozes até às habitações dos selvagens. Entre as outras aves domesticadas, havia patos, que não diferiam muito do *canvass-back* ou *anas valisneria* do nosso país, búbias negras e uma grande ave parecida com o abutre, mas que não era carnívora. O peixe parecia ser abundante. Ao longo da nossa excursão, vimos uma quantidade considerável de salmões secos, bacalhaus, golfinhos azuis, cavalas, raias, congros, elefantes-do-mar, tainhas, linguados, escaros ou papagaios-do-mar, *leather-jackets*, salmonetes, badejos, patruças, paracutas e muitas outras espécies. Reparámos que, na sua maioria, se pareciam com as que se encontram na região do arquipélago de Lord Auckland a 51° de latitude Sul. A tartaruga tipo galápagos também era muito abundante. Os animais selvagens eram muito poucos, e nenhum de grandes proporções ou nosso conhecido. Uma ou duas serpentes de aspeto horrível atravessaram-se no nosso caminho, mas como os naturais não lhes prestaram atenção, concluímos que não eram

venenosas. Quando nos aproximámos da aldeia com Too-wit e o seu bando, uma imensa população precipitou-se ao nosso encontro, soltando gritos estridentes, entre os quais distinguimos os habituais *Anamoo-moo!* e *Lama-Lama!* Surpreendeu-nos bastante vermos que os recém chegados estavam, com uma ou outra exceção, totalmente nus, pois só os homens das canoas usavam peles. Todas as armas pareciam igualmente em poder destes últimos, porque não vimos nem uma nas mãos dos habitantes da aldeia. Havia também muitas mulheres e crianças, não faltando às primeiras aquilo a que chamamos beleza pessoal. Eram altas e esguias, bem feitas e dotadas de uma graça e desenvoltura que não encontramos numa sociedade civilizada, mas tinham os lábios grossos, como os dos homens, a ponto de nunca se lhes verem os dentes, mesmo quando riam. A cabeleira era de uma natureza mais fina do que a dos homens.

Entre todos os habitantes da aldeia, nus, viam-se dez ou doze homens envergando peles como o grupo de Too-wit e armados de lanças e pesadas mocas. Pareciam ter grande influência sobre os outros e nunca lhes dirigiam a palavra sem os honrar com a palavra *Wampoo*. Eram os mesmos homens que habitavam os famosos palácios de peles pretas. A habitação de Too-wit estava situada no centro da aldeia, sendo muito maior e melhor construída do que as outras do mesmo género. A árvore que lhe servia de suporte tinha sido cortada a cerca de doze pés da raiz e, abaixo do corte, tinham sido deixados alguns ramos que serviam para prolongar o teto e o impediam de bater contra o tronco. O teto que consistia em quatro grandes peles ligadas entre si por cavilhas de madeira, estava preso com pequenas estacas que o atravessavam e se enterravam

no solo, que estava juncado de folhas secas, com a função de tapete.

Fomos conduzidos a esta cabana com grande solenidade e atrás de nós entraram todos os indígenas que lá conseguiram caber. Too-wit sentou-se sobre as folhas e, por gestos, convidou-nos a seguir-lhe o exemplo. Obedecemos e então encontrámo-nos numa situação estranhamente incómoda, senão crítica, pois éramos doze sentados no chão rodeados por quarenta selvagens acorados e apertando-nos tanto que, se surgisse alguma desordem, nos seria impossível utilizar as armas ou mesmo levantar-nos.

A confusão não era apenas dentro da tenda mas também fora dela, onde provavelmente toda a população da ilha se tinha concentrado, que só não nos esmagava com os pés, porque os esforços e vociferações de Too-wit o impediam.

A nossa principal segurança residia na presença de Too-wit entre nós e, vendo que era a melhor maneira de sairmos daquele apuro, decidimos apertá-lo o mais possível entre nós, dispostos a matá-lo imediatamente à primeira manifestação hostil.

Depois de alguma algazarra, foi possível obter um pouco de silêncio e o chefe fez-nos uma longa discursata, semelhante à que nos tinha dirigido das canoas, mas desta vez havia menos *Anamoo-moo!* do que *Lama-Lama!*

Escutámos o discurso no mais profundo silêncio até ao fim, respondendo-lhe o capitão Guy, que assegurou ao chefe a sua eterna amizade e estima e concluiu a sua réplica oferecendo-lhe alguns rosários ou colares de pedras azuis e uma faca. O monarca, ao receber os colares, franziu a testa numa certa expressão de

desdém, mas a faca causou-lhe uma satisfação indescritível e ordenou que servissem imediatamente o jantar.

Os alimentos entraram na tenda, por cima das nossas cabeças e consistiam de vísceras palpitantes de algum animal desconhecido, provavelmente um daqueles porcos de patas esguias que tínhamos visto ao entrar na aldeia. Vendo que não sabíamos como comer aquilo, começou por nos dar o exemplo, devorando pedaço a pedaço aquela apetitosa comida, mas não nos foi possível suportar por muito tempo aquele espetáculo e deixámos transparecer a nossa repugnância, de tal modo que Sua Majestade se mostrou quase tão surpreendido como no caso dos espelhos. Apesar do que isso podia significar, recusámos partilhar as maravilhas culinárias que nos eram oferecidas, esforçando-nos por lhe fazer compreender que não tínhamos apetite, pois tínhamos acabado de tomar uma sólida refeição.

Quando o monarca terminou o seu repasto, começámos a interrogá-lo da maneira mais inteligente possível, com o objetivo de descobrir quais eram os principais produtos da região e se havia alguns que nos pudessem ser úteis.

Ao fim de algum tempo, parecer ter compreendido o que queríamos dizer e ofereceu-se para nos acompanhar até um determinado local da costa, onde existia (e desenhou um esboço do animal) o escombro do mar em grande abundância. Aproveitámos com agrado aquela ocasião para fugir à opressão da multidão, e demonstrámos a nossa impaciência em partir. Assim, saímos da tenda e, acompanhados por toda a população da aldeia, seguimos o chefe até à extremidade Sudeste da ilha, não muito longe da baía onde o nosso navio estava ancorado.

Esperámos ali cerca de uma hora, até que as quatro canoas, conduzidas por alguns selvagens, chegassem ao local onde estávamos. Todo o nosso grupo embarcou numa canoa e fomos conduzidos à pangaia ao longo do recife de que falei, depois até outro, onde vimos o escombro-do-mar numa abundância nunca vista mesmo pelos velhos marinheiros nos arquipélagos de latitude inferiores, tão famosos por este artigo de comércio. Permanecemos naquele lugar o tempo suficiente para nos convenceremos que teríamos facilmente carregado uma dúzia de navios se fosse necessário, após o que voltámos a bordo da escuna, e nos despedimos de Too-wit, que nos prometeu levar-nos no prazo de vinte e quatro horas tantos patos *canvass-bad* e tartarugas galápagos, quantos as suas canoas pudessem transportar.

Durante toda esta aventura, não notámos na conduta dos selvagens nada que pudesse levantar as nossas suspeitas, a não ser a maneira estranha como tinham engrossado o grupo, quando percorrermos o caminho da escuna à aldeia.

20 — Enterrados Vivos!

O chefe foi fiel à sua palavra e forneceu-nos provisões frescas em grande abundância. Achámos as tartarugas mais saborosas do que quaisquer outras que jamais tínhamos provado e os patos eram superiores às nossas melhores espécies de aves selvagens — excepcionalmente tenros, suculentos e de sabor requintado. Além disso, os selvagens trouxeram-nos, depois de lhes termos feito compreender o nosso desejo, uma grande quantidade de aipo castanho e de cocleária, ou erva contra o escorbuto, assim como uma canoa cheia de peixe fresco e seco. O aipo foi para nós um verdadeiro regalo e a cocleária teve um resultado admirável, servindo para curar aqueles de nós que já tinham manifestado sintomas de doença. Em pouco tempo todos os enfermos se curaram. Recebemos ainda outras provisões frescas em abundância, entre as quais devo citar uma espécie de marisco, que pela forma se assemelhava ao mexilhão mas que sabia a ostra. Também nos trouxeram grande quantidade de camarões das duas espécies e ovos de albatroz e de outras aves, cujas cascas eram negras. Embarcámos uma boa provisão de carne de porco, da espécie de que já falei. A maior parte dos nossos homens achou-o um alimento agradável, mas a mim pareceu-me impregnado de um cheiro a peixe absolutamente repugnante. Em troca de todas estas boas coisas oferecemos aos nativos colares de contas azuis, joias de cobre, pregos, facas e tecidos vermelhos e eles mostraram-se encantados com a troca. Estabelecemos na costa um mercado

regular, ao alcance dos canhões da escuna, e todo o tráfego se desenrolou sob a aparência da boa fé e com uma ordem que não seria de esperar da parte dos selvagens a julgar pela sua conduta na aldeia de *Klock-Klock*.

As coisas correram desta forma agradável durante alguns dias e nesse período grupos de indígenas vieram a bordo da escuna, enquanto destacamentos dos nossos homens se deslocaram várias vezes a terra, fazendo longas incursões para o interior e não sofrendo da parte dos selvagens nenhum vexame. Vendo a facilidade com que o navio podia ser carregado de escombro-do-mar, graças à disposição amistosa dos ilhéus e ao auxílio que nos podiam prestar para o apanhar, o capitão Guy resolveu entrar em negociações com Too-wit relativamente à construção de edifícios apropriados para a preparação do artigo e à forma de recompensá-lo e aos seus homens pelo trabalho de recolher o mais possível, enquanto nós aproveitaríamos o bom tempo para seguir a nossa viagem em direção ao Sul. Quando o chefe foi informado deste plano, pareceu disposto a aceitá-lo e, assim, o negócio foi concluído com vantagens para ambas as partes, ficando combinado que, depois dos preparativos necessários, tais como a escolha de um local conveniente e a construção de uma parte dos edifícios ou outras tarefas para as quais fosse preciso a participação de toda a tripulação, a escuna levantaria âncora, deixando na ilha três tripulantes para vigiarem o cumprimento do projeto e ensinarem aos nativos o modo de secar o escombro-do-mar. Quanto ao modo de pagamento dependeria do zelo e da atividade dos selvagens. Deviam receber uma certa quantidade de contas azuis, facas e panos vermelhos em troca de um certo número de *piculs* de

escombro-do-mar, que tivessem preparado durante a nossa ausência.

Uma descrição da natureza deste importante artigo de comércio e do método de o preparar pode ter algum interesse para os leitores e acho que esta é a ocasião apropriada para o fazer. O relato que se segue, relativo à substância em questão, foi tirado de uma narrativa recente de uma viagem aos mares do Sul:

«Este molusco dos mares do Sul que comercialmente é conhecido pelo nome francês de *bouche de mer* (manjar extraído do mar) é aquele a que, se não estou em erro, Cuvier chama *gasteropeda pulmonifera*. Colhe-se em abundância nas costas das ilhas do Pacífico, principalmente para o mercado chinês, onde está cotado a alto preço, quase tanto como esses famosos ninhos comestíveis, que são feitos de uma matéria gelatinosa que determinada espécie de andorinha retira dos corpos destes moluscos. Não possuem nem concha, nem patas, nem qualquer membro saliente, exceto um órgão de absorção e outro de excreção, situados em partes opostas; mas, graças aos seus anéis, elásticos como os das lagartas e dos vermes, arrastam-se para os recifes pouco profundos onde, quando a maré está baixa, são apanhados por uma espécie de andorinha, cujo bico agudo lhes penetra o corpo mole retirando uma substância gomosa e filamentosa que lhes serve, quando seca, para solidificar as paredes do ninho. Daí o nome de *gasteropeda pulmonifera*.

«Estes moluscos têm uma forma oblonga e as suas dimensões variam entre 3 e 18 polegadas de comprimento; vi alguns que atingiam os dois pés. São quase redondos, mas ligeiramente achatados num dos lados, aquele que está virado para o fundo do

mar, e têm uma espessura que varia entre 1 e 8 polegadas. Arrastam-se pelos recifes pouco fundos em certas épocas do ano, provavelmente para se reproduzirem, pois são vistos muitas vezes aos pares. Aproximam-se da costa quando o sol incidindo sobre a água a aquece e, por vezes, vão para águas tão pouco profundas que, quando a maré baixa, ficam expostos ao calor do sol. No entanto, não se reproduzem nos baixios, pois nunca vimos nenhuma cria e, quando os observámos a subir de águas mais profundas já tinham sempre atingido o seu estado adulto. Alimentam-se principalmente dessa espécie de zoófitos que o coral produz.

«O escombro-do-mar apanha-se geralmente a uma profundidade de três ou quatro pés, depois do que é levado para a costa, onde, com a ponta de uma faca, se lhe faz uma incisão numa das extremidades, com cerca de uma polegada ou mais, segundo as dimensões do molusco. Através desta abertura tiram-se as entranhas, pressionando o corpo do animal, as quais, aliás, são semelhantes às de todos os pequenos animais que habitam o mar. São então lavadas e depois postas a ferver a uma determinada temperatura que não deve ser nem muito alta nem muito baixa. Seguidamente envolvem-se em terra durante quatro horas, fervem mais um pouco e finalmente põem-se a secar ou ao lume ou ao sol. Os moluscos melhores são os que são secos ao sol, mas, enquanto por este meio se obtém o valor de um *picul* (133 libras e 1/3), ao lume podem-se secar trinta *piculs*. Quando são convenientemente secos, podem ser conservados sem perigo três ou quatro anos num local seco, embora seja necessário examiná-los de vez em quando, talvez quatro vezes por ano para ver se a humidade não os atingiu e estragou.

«Os chineses, como já disse, consideram o escombro-do-mar um dos mais deliciosos manjares, atribuindo-lhes os mais altos poderes alimentícios e fortificantes, além de o acharem apropriado para rejuvenescer um temperamento esgotado pelas volúpias desregradas. O molusco de primeira qualidade está altamente cotado em Cantão, onde se vende a 90 dólares o *picul*; o de segunda qualidade a 75 dólares; o de terceira a 50 dólares; o de quarta a 30 dólares; o de quinta a 20 dólares; o de sexta a 12 dólares; o de sétima a 8 dólares; e o de oitava a 4 dólares. No entanto, acontece que por vezes os pequenos carregamentos conseguem preços mais elevados nos mercados de Manila, Singapura e Batavia.»

Estabelecido o acordo, desembarcámos imediatamente tudo o que era necessário para começar as construções e desbravar terreno. Escolhemos um amplo terreno plano, perto da costa e da baía, onde existia em abundância água e madeira, e a uma distância conveniente dos principais recifes onde se podia procurar o escombro-do-mar. Pusemos todos mãos à obra com grande afinco e em breve, para grande surpresa dos selvagens, tínhamos abatido um número de árvores suficiente para os nossos desígnios, as quais aparelhámos e fixámos para armar as construções. Ao fim de dois ou três dias os trabalhos estavam tão adiantados, que os podíamos entregar descansados aos três homens que deviam ficar em terra. Eram eles John Carson, Alfred Harris e... Peterson (todos de Londres, segundo julgo) que aliás se ofereceram para este serviço.

No fim do mês tínhamos tudo preparado para partir. No entanto, tínhamos combinado fazer uma visita solene de despedida à aldeia, e Too-wit insistiu tanto na necessidade de cumprirmos

esta promessa, que julgámos conveniente não o ofender com uma recusa definitiva. Julgo que naquela altura nenhum de nós tinha a menor dúvida sobre a boa fé dos selvagens. Todos os nativos se tinham comportado respeitosamente, auxiliando-nos de bom grado nos nossos trabalhos, oferecendo-nos os seus produtos, muitas vezes gratuitamente e nunca, em caso algum, nos roubaram um único objeto, apesar do alto valor que atribuíam às nossas mercadorias a julgar pelas extravagantes demonstrações de alegria que faziam cada vez que os presenteávamos. Especialmente as mulheres eram muito solícitas em tudo e, numa palavra, teríamos de ser os homens mais desconfiados do mundo para suspeitarmos de qualquer pensamento de perfídia da parte de um povo que nos tratava tão bem. Porém precisámos de pouco tempo para verificarmos que aquela aparente solicitude não era mais do que o resultado de um plano bem estudado para nos levar à destruição e que aqueles ilhéus que nos tinham inspirado sentimentos de estima, pertenciam à raça dos mais bárbaros, manhosos e sanguinários miseráveis que jamais contaminaram o globo.

Foi no dia 1 de fevereiro que fomos a terra para visitar a aldeia. Embora, repito, não tivéssemos a menor suspeita, não negligenciámos nenhuma medida de precaução. Seis homens permaneceram a bordo da escuna, com ordem de não deixarem aproximar nenhum selvagem durante a nossa ausência, sob que pretexto fosse, e de estarem sempre na coberta. Recolheram-se as redes de filerete, carregaram-se os canhões com uma carga dupla de balas e metralha e as roqueiras foram carregadas com as caixas de balas de espingarda. O navio estava ancorado, com a âncora a pique, a cerca de uma milha da costa e nenhuma embarcação se

podia aproximar por qualquer dos lados sem ser vista e sem ficar imediatamente ao alcance do fogo da nossa artilharia.

Excluindo os seis homens que tinham ficado a bordo, o nosso grupo era constituído por trinta e dois indivíduos, todos armados até aos dentes com espingardas, pistolas e punhais, além de cada homem levar a sua faca de marinheiro, um pouco semelhante à faca de mato, hoje tão popularizada em todas as nossas regiões do Sul e do Oeste. Uma centena de guerreiros, envergando peles negras, foram ao nosso encontro para nos conduzirem. Devo dizer que notámos com certa surpresa que não estavam armados. Quando interrogámos Too-wit sobre o assunto, respondeu-nos simplesmente: *Mattee non we pa pa si* — isto é — *Entre irmãos não são precisas armas*. Considerámos esta resposta favorável e prosseguimos o nosso caminho.

Tínhamos já passado a nascente e o regato de que falei anteriormente e penetrávamos numa estreita garganta através de colinas de pedra, no meio das quais estava situada a aldeia. A garganta era rochosa e muito desigual, a ponto de, por ocasião da nossa primeira incursão com Too-wit, a termos passado com extrema dificuldade. A ravina devia ter uma milha ou mais de comprimento. Serpenteava em mil sinuosidades através das colinas (em épocas recuadas devia ter sido o leito de uma torrente) e nunca continuava mais de vinte jardas sem fazer uma curva brusca. Tenho a certeza de que as vertentes deste vale se elevavam a mais de 70 ou 80 pés de altura na perpendicular e, em alguns sítios, as paredes atingiam tal altura que impediam a penetração da luz do dia. A largura média era de cerca de quarenta pés, mas por vezes estreitava tanto que só cabiam cinco ou seis homens de frente. Em

suma, não podia existir melhor local para uma emboscada e não é de estranhar que nos agarrássemos às nossas armas assim que lá entrámos.

Quando agora penso na nossa enorme loucura, o que mais me espanta é que nos tivéssemos aventurado daquela maneira, sem atender às circunstâncias, pondo-nos assim à disposição de selvagens desconhecidos, a ponto de lhes permitirmos caminhar adiante e atrás de nós durante toda a extensão da ravina. No entanto, foi essa a ordem que cegamente adotámos fiando-nos estupidamente na nossa força, no desaparecimento das armas de Too-wit e dos seus homens, no efeito das nossas armas de fogo, cujo funcionamento ainda era um segredo para os nativos e, acima de tudo, nas repetidas manifestações de amizade daqueles infames canalhas. Cinco ou seis deles abriam caminho, como que para nos mostrar a estrada, fazendo gala nos seus cuidados, afastando pomposamente as grandes pedras ou outros objetos que nos entravassem o caminho. A seguir íamos nós, caminhando juntos, pois a nossa única preocupação era não nos separarmos. Atrás seguia o corpo principal dos selvagens, numa ordem e correção perfeitamente insólitas.

Dirk Peters, um tal Wilson Allen e eu caminhávamos à direita dos nossos camaradas, examinando tudo ao longo do percurso, nas estranhas estratificações da muralha que se erguiam sobre as nossas cabeças. Uma fenda na rocha despertou-nos a atenção. Era suficientemente larga para permitir a passagem de um homem e penetrava na montanha dezoito ou vinte pés em linha reta, virando depois para a esquerda. A altura do buraco, até onde podíamos ver, era de sessenta ou setenta pés. Através das sinuosidades cresciam

dois ou três arbustos enfezados, que lembravam um pouco a aveleira e que eu tive a curiosidade de examinar; com este objetivo avancei resolutamente, tirei cinco ou seis avelãs de um cacho e retirei-me a toda a pressa. Quando regressava verifiquei que Peters e Allen me tinham seguido. Pedi-lhes que recuassem, pois não havia espaço para deixar passar duas pessoas e disse-lhes que lhes daria algumas das minhas avelãs. Assim, os meus companheiros deram meia volta e dirigiram-se para o caminho. Quando Allen estava quase à entrada da gruta, senti, de repente, uma sacudidela, como nunca tinha experimentado, a qual me inspirou uma vaga ideia (se na verdade posso dizer que tive uma ideia) de que as fundações do nosso globo estavam a ruir e que a hora da destruição final tinha chegado.

21 — Cataclismo Artificial

Quando recuperei os sentidos, senti-me quase sufocado, mergulhado na mais profunda escuridão, entre uma massa de terra difusa que rolava pesadamente sobre mim vinda de todos os lados e ameaçando enterrar-me completamente. Alarmadíssimo com esta ideia, esforcei-me por me pôr de pé, o que por fim consegui. Então permaneci imóvel durante alguns instantes, tentando compreender o que me tinha acontecido e onde estava. Em breve ouvi um profundo gemido, mesmo junto a mim, e pouco depois, a voz abafada de Peters que, por amor de Deus, suplicava que o auxiliasse. A custo, dei um ou dois passos e tropecei na cabeça e nos ombros do meu camarada, que estava meio enterrado e que lutava com desespero para se livrar daquela opressão. Com toda a energia que tinha afastei a terra mole que o rodeava e acabei por conseguir libertá-lo.

Assim que recuperámos o suficiente do nosso terror e surpresa, e que pudemos raciocinar, chegámos os dois à conclusão de que as paredes da abertura, onde nos tínhamos aventurado, devido a qualquer convulsão natural ou talvez devido ao seu próprio peso, se tinham desmoronado, enterrando-nos vivos e deixando-nos perdidos para sempre. Durante bastante tempo, abandonámo-nos cobardemente à dor e ao desespero mais terríveis, que só aqueles que já passaram por uma situação semelhante poderão compreender. Estou firmemente convencido de que nenhum dos acidentes que podem semear a existência humana é mais

suscetível de criar o paroxismo da dor física e moral do que um caso semelhante ao nosso: — ser enterrado vivo! As trevas que envolvem a vítima, a opressão terrível dos pulmões, as exalações sufocantes da terra húmida juntam-se a este horrível pensamento, que estamos para lá dos confins da mais longínqua esperança e que estamos na mesma condição dos *mortos*, lançando no espírito humano um calafrio, um horror deslizante, que são intoleráveis e impossíveis de conceber.

Por fim, Peters propôs que, antes de mais, devíamos verificar até que ponto ia a nossa desgraça e investigar bem a nossa prisão, pois não era completamente impossível que conseguíssemos descobrir uma abertura por onde escapar. Agarrei-me desesperadamente a esta esperança e, apelando para toda a minha energia, esforcei-me por descobrir um caminho através daquele amontoado de terra desmoronada. Mal tinha dado um passo, quando um raio de luz chegou até mim, quase impercetível é certo, mas suficiente para me convencer que não morreríamos imediatamente por falta de ar. Então recuperámos um pouco a coragem e tentámos convencer-nos mutuamente de que tudo correria pelo melhor. Depois de termos trepado por cima de um monte de escombros que obstruíam a nossa passagem em direção à luz, foi-nos mais fácil avançar e sentimos um certo alívio da excessiva opressão que nos atormentava os pulmões. Em breve conseguíamos distinguir os objetos que nos rodeavam e descobrimos que estávamos quase na extremidade da fenda que se estendia em linha reta, isto é, no ponto onde curvava para a esquerda. Mais um esforço e atingimos a curva, onde, com alegria indescritível, distinguimos uma longa cicatriz ou fenda que se

estendia a uma grande distância em direção à parte superior, fazendo de um modo geral ângulo de cerca de quarenta e cinco graus, por vezes mais em certos pontos. O nosso olhar não conseguia verificar toda a extensão da abertura, mas pela luz que por ela entrava tínhamos quase a certeza (se acaso pudéssemos trepar até ao cimo) de encontrar uma saída para o ar livre.

Lembrei-me então que tínhamos sido três a abandonar o caminho principal para entrar na fenda e que ainda não tínhamos encontrado o nosso camarada Allen; assim; resolvemos voltar para trás para o procurar. Depois de longa busca, recheada de perigos devido à massa superior de terra que se abatera sobre nós, Peters exclamou por fim que tinha tropeçado num dos pés do nosso camarada e que todo o corpo estava tão profundamente enterrado que era impossível retirá-lo. Depressa verifiquei que Peters tinha razão e que Allen já devia estar morto há muito tempo. Com tristeza, abandonámos o corpo ao seu destino e encaminhámo-nos de novo para a curva do túnel.

A largura da fenda mal dava para os nossos corpos e, depois de uma ou duas tentativas infrutíferas para subir, começámos a desesperar de novo. Já disse que a cadeia de montanhas através da qual o desfiladeiro se estendia era formada por uma espécie de rochas semelhantes a esteatite ou pedra-sabão. As paredes da abertura que tentávamos alcançar eram feitas da mesma substância e eram tão escorregadias e húmidas que mal conseguíamos fixar os pés, mesmo nos pontos menos íngremes; noutros sítios, onde a escalada era quase perpendicular, as dificuldades eram naturalmente muito maiores e durante algum tempo pensámos que nunca conseguiríamos transpô-las. No

entanto, tirámos a coragem do nosso desespero e, tendo tido a feliz ideia de escavar degraus na rocha com as nossas facas de mato, subimos, correndo o risco de nos matarmos, apoiando-nos em pequenas saliências feitas de uma espécie de argila xistosa um pouco mais dura, que aqui e ali se destacava das paredes, e finalmente chegámos a uma plataforma natural donde se avistava uma nesga do céu azul, na extremidade de uma ravina muito arborizada. Olhando para trás e examinando com cuidado a passagem através da qual tínhamos subido, vimos claramente, pelo aspeto das paredes, que era de formação recente e concluimos que o tremor de terra que tão inesperadamente nos tinha sepultado, fosse de que natureza fosse, também nos tinha aberto um caminho de salvação. Quase esgotados devido aos esforços feitos, e tão fracos que mal podíamos manter-nos de pé e pronunciar qualquer palavra, Peters, teve a ideia de dar o alarme aos nossos companheiros, disparando as pistolas que tinha à cintura, já que tínhamos perdido as espingardas e as catanas no meio dos destroços no fundo do abismo. Os acontecimentos subsequentes provaram que, se tivéssemos feito fogo, nos teríamos arrependido amargamente, mas por felicidade uma vaga suspeita de que tínhamos sido vítimas de uma infame patifaria, despertou no meu espírito e não quisemos dar a conhecer aos selvagens o local onde nos encontrávamos.

Depois de termos descansado durante cerca de uma hora, seguimos lentamente para o cimo da ravina e ainda não tínhamos avançado muito quando ouvimos uma série de horríveis bramidos. Atingimos por fim aquilo a que podíamos chamar a superfície, porque o nosso caminho até ali, desde que tínhamos deixado a

plataforma, tinha serpenteado sob um túnel de altas rochas e folhagem, numa grande distância acima das nossas cabeças. Com a maior prudência rastejámos até uma abertura estreita, donde nos foi fácil ver toda a região que nos rodeava e, finalmente foi-nos revelado num momento e à primeira vista todo o segredo do tremor de terra.

O nosso ponto de observação não estava longe do pico mais elevado da cadeia de montanhas de esteatite. A garganta onde se tinha metido o nosso grupo de trinta e dois homens estendia-se a cinquenta pés à nossa esquerda. Mas, numa extensão de cerca de cem jardas, o desfiladeiro ou leito daquela garganta, estava completamente coberto pelos destroços caóticos de mais de um milhão de toneladas de terra e pedras, verdadeira avalanche artificial que para lá fora lançada propositadamente. O método utilizado para fazer deslizar aquela vasta massa era tão simples como evidente, pois ainda havia vestígios da criminosa ação. Em vários pontos, ao longo da crista Este da garganta (nós estávamos a Oeste) podíamos distinguir estacas de madeira enterradas no solo. Nesses sítios o terreno não cedera, mas ao longo de toda a vertente do precipício, donde a massa se tinha desprendido, era evidente, por certos vestígios deixados no solo, semelhantes aos deixados quando se fazem escavações, que outras estacas iguais às que ainda subsistiam tinham estado fixas, a uma distância de uma jarda entre si, talvez num comprimento de cem pés, sobre uma linha situada a cerca de dez pés da borda do abismo. Fortes ligamentos de videira ainda estavam presos às estacas que subsistiam na colina, e era evidente que cordas da mesma natureza deviam ter unido cada uma das outras estacas. Já mencionei a

estratificação singular destas colinas de pedra-sabão e a descrição que fiz da estreita e profunda fenda através da qual escapámos à nossa terrível sepultura deve servir para compreenderem melhor a natureza do terreno, que era tal que a primeira convulsão natural devia fender o solo em camadas perpendiculares ou linhas paralelas, e que um pequeno esforço propositado devia ser suficiente para obter o mesmo resultado. Foi desta estratificação especial que os selvagens se serviram para levar a bom termo a sua abominável traição. Não havia dúvida que a rutura parcial do solo se tinha operado graças àquela linha contínua de estacas, enterradas a uma profundidade de um ou dois pés e que um selvagem colocado na extremidade de cada uma das cordas, puxando-as (as cordas estavam presas à ponta das estacas e estendiam-se desde a crista do monte) obteria uma enorme força de alavanca capaz de precipitar, a um determinado sinal, toda a parede da colina no fundo do abismo. O destino dos nossos pobres camaradas também não podia ser objeto de dúvidas. Nós éramos os únicos sobreviventes daquele cataclismo artificial. Éramos os únicos homens brancos vivos na ilha.

22 — Tekeli-li

A nossa situação tal como se apresentava então não era menos terrível do que quando nos julgávamos enterrados vivos para sempre. A única perspectiva que se nos deparava era sermos mortos pelos selvagens ou levar no meio deles uma miserável existência de cativos. É verdade que podíamos, durante algum tempo, escapar à sua atenção nos recônditos das montanhas, ou em último caso no abismo donde acabávamos de sair, mas acabaríamos por morrer de frio e de fome durante o longo inverno polar, se não traíssemos a nossa existência para procurar alimentos.

Toda a região circundante parecia fervilhar de selvagens e de novos grupos que tinham chegado em jangadas vindos de ilhas situadas mais ao Sul, sem dúvida para ajudar a tomar e pilhar a *Jane*. O navio continuava tranquilamente ancorado na baía, não podendo os homens a bordo suspeitar do perigo que os ameaçava. Quanto desejávamos estar com eles naquele momento, fosse para os ajudar a fugir, fosse para morreremos juntos tentando defender-nos! Além disso, não tínhamos qualquer meio de os advertir do perigo sem atrair imediatamente a morte sobre as nossas cabeças, e mesmo assim poucas esperanças havia de lhes sermos úteis. Um tiro de pistola seria suficiente para lhes anunciar que tinha acontecido qualquer desgraça, mas esse aviso não lhes faria compreender que a única maneira de se salvarem seria levantar a âncora imediatamente, que nenhum princípio de honra os obrigava a ficar uma vez que os seus companheiros já não faziam parte do

número dos vivos. Por ouvirem o disparos, não se podiam preparar melhor do que estavam para receber um inimigo disposto ao ataque. Como não adviria qualquer vantagem de darmos o alarme com um tiro, antes pelo contrário daí resultariam grandes males, depois de maduras reflexões resolvemos não disparar.

Seguidamente tivemos a ideia de nos precipitarmos para o navio, de nos apoderarmos de uma das quatro canoas amarradas à entrada da baía e de tentarmos abrir caminho até à escuna, mas a absoluta impossibilidade de êxito desta tentativa em breve se tornou evidente. Como já referi, toda a região fervilhava de selvagens que rastejavam por trás dos arbustos de forma a não serem vistos da escuna. Muito perto de nós e bloqueando a única passagem por onde poderíamos chegar ao sítio ideal da costa, encontrava-se o bando de guerreiros de peles pretas, chefiado por Too-wit, que parecia esperar reforços para começar a abordagem da *Jane*. Também as canoas à entrada da baía estavam apinhadas de selvagens que, embora não estivessem armados, o mais natural é que tivessem as armas à mão; fomos portanto forçados, apesar da nossa boa vontade, a permanecer no nosso esconderijo, como simples espectadores da batalha que não tardaria a começar.

Passada cerca de meia-hora, vimos sessenta ou setenta jangadas ou balsas com balanceiros de piroga encherem-se de selvagens e dobrarem a ponta sul da baía. Parecia que as suas únicas armas eram curtas clavas e pedras amontoadas no fundo das embarcações. Logo a seguir um outro destacamento ainda mais considerável, aproximou-se na direção oposta com armas semelhantes. As quatro canoas também se encheram rapidamente com uma multidão de nativos que saíam dos bosques, se dirigiam

para a entrada do porto e se faziam logo ao mar para alcançarem os outros grupos. Assim, em menos tempo do que levei a contar e como que por magia, a *Jane* viu-se cercada por uma multidão imensa de demónios, completamente decididos a apoderar-se do navio custasse o que custasse.

Não ousámos duvidar um instante que fosse de que teriam êxito na sua empresa. Os seis homens deixados no navio, por mais resolutos que fossem a defender-se, eram insuficientes para o serviço dos canhões e, de qualquer maneira, eram incapazes de manter um combate tão desigual. Duvidava até que chegassem a oferecer resistência, mas nisso enganei-me, porque os vi orientar o navio para estibordo de maneira que o costado ficasse virado para as canoas que já estavam ao alcance das pistolas, enquanto as jangadas estavam a cerca de um quarto de milha para sotavento. Devido a qualquer razão desconhecida, talvez à agitação dos nossos pobres amigos ao verem-se numa situação tão desesperada, a descarga foi um malogro completo. Nenhuma canoa foi atingida nem nenhum selvagem foi ferido, tendo o tiro sido muito curto e a carga feito ricochete por cima das suas cabeças. O único efeito produzido sobre os nativos foi uma grande surpresa perante aquela detonação inesperada e aquela fumarada; a surpresa foi tão grande que, por instantes, pensei que iam desistir e voltar para trás. Tenho a certeza que isso teria acontecido se os nossos homens tivessem continuado o combate com uma descarga de mosquete, pois, com as canoas tão perto, acertariam em alguns selvagens, impedindo esse grupo de se aproximar e permitindo-lhes disparar novamente sobre as jangadas. Mas, ao contrário, correram para bombordo para se defenderem das jangadas e deram aos homens das canoas

tempo para recuperarem do pânico em que estavam e para olharem à sua volta verificando que não tinham sofrido qualquer dano.

A descarga de bombordo produziu um efeito terrível. A metralha e as balas arremessadas dos grandes canhões destruíram completamente sete ou oito jangadas e mataram mais de trinta ou quarenta selvagens, enquanto pelo menos uma centena se viu lançada à água, na sua maior parte gravemente ferida. Aqueles que escaparam, perdendo completamente a cabeça começaram a fugir, ignorando os companheiros feridos que nadavam à toa, gritando por socorro. No entanto, este grande êxito chegou demasiado tarde para salvar os nossos enérgicos companheiros. O grupo das canoas, cujo número era superior a cento e cinquenta homens, já estava a bordo da escuna, conseguindo a maior parte deles trepar as enxárcias e por cima das redes de fileretes, mesmo antes de as mechas serem aplicadas aos canhões de bombordo. Já nada podia sustentar a fúria daqueles brutos. Os nossos homens foram imediatamente derrubados, esmagados, pisados e feitos em pedaços, num espaço de segundos.

Vendo isto, os selvagens das jangadas recuperaram do seu terror e chegaram em magotes para a pilhagem. Em cinco minutos a *Jane* foi palco de uma devastação e desordem sem igual. A coberta foi fendida, arrancada e despedaçada; o cordame, as velas e todos os aparelhos foram demolidos como por magia; entretanto, rebocando a escuna com canoas e empurrando-a pela ré e dos lados, aquela multidão de patifes que nadava à volta do navio, conseguiu facilmente fazê-la encalhar junto à costa (o cabo da âncora tinha sido cortado) e entregá-la a Too-wit, que, durante toda

a batalha, como um general consumado, se tinha mantido no seu posto de observação no meio das colinas, mas que, agora que a vitória era tão completa como ele desejava, consentia em acorrer com o seu estado-maior felpudo a tomar parte no saque.

A descida de Too-wit permitiu-nos deixar o nosso esconderijo e fazer um reconhecimento na colina, nas redondezas da ravina. A cerca de cinquenta jardas da entrada, descobrimos uma pequena nascente onde saciámos a sede ardente que nos consumia. Não longe da nascente vimos algumas aveléiras da espécie de que já falei. Provando as avelãs achámos que tinham um sabor agradável, semelhante ao da avelã inglesa vulgar. Enchemos os chapéus com elas, colocámo-las na ravina e voltámos à colheita. Enquanto estávamos ativamente empenhados a apanhar avelãs, um barulho nos arbustos causou-nos um grande alarme e estávamos quase para rastejar em direção ao nosso esconderijo, quando uma grande ave negra do tipo alcaravão se elevou lenta e pesadamente dos arbustos. Fiquei tão surpreendido que não sabia o que fazer, mas Peters teve a presença de espírito suficiente para correr atrás da ave, antes que ela pudesse fugir, e agarrá-la pelo pescoço. O animal debatia-se furiosamente e soltava guinchos tão horríveis, que quase a soltámos, com receio de que o barulho desse o alarme aos selvagens que ainda pudessem estar emboscados nas redondezas. Mas, por fim, uma boa facada liquidou-a e arrastámo-la para a ravina, contentes por termos arranjado provisões que chegariam para uma semana.

Saímos novamente para observarmos à nossa volta, e aventurámo-nos a uma distância considerável na vertente Sul da montanha, mas não descobrimos mais nada que pudéssemos juntar

às nossas provisões. No entanto, apanhámos uma boa quantidade de madeira seca e regressámos ao ver um ou dois grandes grupos de nativos que se dirigiam para a aldeia, carregados com o produto do saque e que podiam ver-nos ao passarem pela colina.

Metemos imediatamente mãos ao trabalho para tornar o nosso esconderijo o mais seguro possível e, com este objetivo, arranjámos algumas silvas para tapar a abertura de que falei, através da qual víamos um pedaço de céu azul, quando subindo do abismo, atingimos a plataforma. Deixámos apenas um pequeno orifício suficiente para nos permitir observar a baía, sem correremos o risco de ser vistos de baixo. Quando acabámos congratulámo-nos com a segurança da nossa posição, porque, enquanto permanecêssemos na ravina sem nos aventurarmos na colina, estávamos ao abrigo de qualquer observação. Não descobrimos qualquer indício que provasse que os selvagens já tivessem estado naquele buraco, mas quando pensámos que a fenda através da qual tínhamos subido talvez tivesse sido feita recentemente devido à queda da vertente oposta e que não seria possível descobrir outro caminho para lá chegar, não só não nos alegrámos tanto pela segurança do nosso abrigo como nos assustámos com a ideia de que nos seria completamente impossível descer. Resolvemos explorar o cume da colina, assim que se apresentasse uma boa ocasião, e entretanto observávamos todos os movimentos dos selvagens através da abertura.

Já tinham devastado completamente o navio e agora preparavam-se para lhe deitar fogo. Pouco depois vimos o fumo subir em turbilhões através da escotilha principal, enquanto densas chamas irrompiam do castelo da proa. A enxárcia, os mastros e o

que ainda restava das velas ardeu imediatamente e o fogo espalhou-se com rapidez pela coberta. No entanto, uma multidão de selvagens continuava no navio, atacando com enormes pedras, machados e balas de canhão, todas as cavilhas e todas as ferragens. Na praia, nas canoas, nas jangadas e à volta da escuna havia mais de dez mil ilhéus, sem contar com os grupos que carregando o seu quinhão do saque partiam para o interior ou para as ilhas vizinhas. Estávamos a prever uma catástrofe e as nossas esperanças não foram em vão. Como primeiro sintoma produziu-se uma forte sacudidela (cujo contragolpe sentimos perfeitamente como se tivéssemos apanhado uma ligeira descarga de pilha voltaica), mas que não foi seguida de sinais visíveis de explosão. Os selvagens ficaram evidentemente surpreendidos e interromperam por um instante o trabalho e os gritos.

Quando se preparavam para recomeçar, uma súbita massa de fumo jorrou do centro do navio, semelhante a uma densa e tenebrosa nuvem elétrica; depois, como se brotasse das suas entranhas, ergueu-se uma coluna de chamas intensas a uma altura de um quarto de milha, expandindo-se a seguir em círculo. Num instante e como por magia, toda a atmosfera ficou crivada por um tremendo caos de madeira, metal e membros humanos, dando-se por fim uma explosão fortíssima que nos atirou por terra, enquanto as colinas repetiam os ecos múltiplos deste trovão e uma chuva de fragmentos impercetíveis caía à nossa volta vinda de todos os lados.

A devastação entre os ilhéus ultrapassou as nossas melhores esperanças e eles recolheram assim os frutos da sua traição. Talvez tivessem perecido mil homens na explosão, enquanto pelo menos

outros mil ficaram horrivelmente mutilados. Toda a superfície da baía estava literalmente juncada daqueles miseráveis que se debatiam e afogavam, enquanto na praia a situação ainda era pior. Pareciam estar tão aterrorizados pela inesperada catástrofe, que não se mexiam para ir em socorro dos outros. A certa altura notámos uma mudança total na sua atitude: de uma apatia total passaram ao mais alto grau de excitação; corriam de um lado para o outro desordenadamente até um certo ponto da pradaria, para fugirem logo a seguir, com as mais estranhas expressões de raiva, terror e ardente curiosidade estampadas na cara e vociferando com quanta força tinham *Tekeli-li! Tekeli-li!*

Em breve vimos um enorme grupo retirar-se para as colinas, de onde saíram passado pouco tempo com estacas de madeira, que transportaram para o local onde a multidão era mais compacta, a qual se afastou como que para nos mostrar a causa de toda aquela agitação. Distinguimos qualquer coisa *branca* que jazia no solo, mas não conseguimos aperceber-nos imediatamente de que se tratava.

Por fim, descobrimos que era o corpo do estranho animal de dentes e garras escarlates que a escuna tinha pescado no mar a 18 de janeiro. O capitão Guy tinha mandado conservar o corpo para empalhar a pele e levá-la para Inglaterra. Lembro-me que tinha dado ordens sobre o assunto, pouco antes de termos chegado àquela ilha, e que aquela espécie preciosa tinha sido levada para a cabina e guardada numa arca. Tinha sido lançado à praia pela explosão, mas o motivo por que causava tamanha agitação entre os selvagens era um mistério. Embora a multidão se tivesse aglomerado à volta do animal, a pouca distância, ninguém parecia querer aproximar-se. Então os homens armados com as estacas

espetaram-nas em círculo à volta do cadáver e, concluída esta tarefa, todos se precipitaram para o interior da ilha gritando *Tekeli-li! Tekeli-li!*

23 — O Labirinto

Durante os seis ou sete dias que se seguiram, permanecemos no nosso esconderijo da colina, saindo apenas de vez em quando e sempre com as maiores precauções, para procurar água e avelãs. Tínhamos construído sobre a plataforma uma espécie de telheiro ou cabana, que mobilámos com um leito de folhas secas e três pedras planas, as quais nos serviam ao mesmo tempo de forno e de mesa. Conseguimos facilmente lume esfregando dois pedaços de madeira um contra o outro, um mole e outro duro. A ave que tínhamos capturado forneceu-nos um excelente alimento, embora a sua carne fosse um pouco rijá. Não era uma ave oceânica, mas uma espécie de alcaravão, com a plumagem negra de jade, salpicada de cinzento e com as asas muito pequenas em relação ao seu tamanho. Mais tarde, vimos mais três aves da mesma espécie nas redondezas da ravina, as quais pareciam procurar aquela que tínhamos capturado, mas como não pousaram uma única vez não as pudemos apanhar.

Enquanto durou a carne do animal a nossa situação não era grave, mas agora estava totalmente consumida e havia a necessidade absoluta de procurar novas provisões. As avelãs não chegavam para satisfazer a agonia da fome, e além disso causavam-nos horríveis cólicas intestinais e mesmo violentas dores de cabeça, quando as comíamos em grande quantidade. Tínhamos visto algumas tartarugas enormes perto da costa a Este da colina e calculámos que nos seria fácil apanhá-las, se conseguíssemos

chegar junto delas sem sermos vistos pelos naturais. Resolvemos, portanto, tentar descer.

Começámos por descer pela encosta Sul que parecia apresentar menos dificuldades, mas ainda não tínhamos percorrido cem jardas quando encontrámos o nosso caminho completamente barrado por um ramo da garganta onde haviam perecido os nossos companheiros. Seguimos o bordo desta ravina durante cerca de um quarto de milha, mas fomos de novo obrigados a parar por um precipício profundo e, como nos era impossível descer pelas suas vertentes, tivemos de voltar para trás.

Caminhámos então para Este, mas não tivemos melhor sorte, verificando-se exatamente o mesmo. Depois de uma hora de ginástica de partir o pescoço, descobrimos que tínhamos descido num vasto abismo de granito negro, cujo fundo estava coberto por poeira fina e donde não podíamos sair, senão pelo árduo caminho por onde tínhamos descido. Percorremos, portanto aquele caminho perigoso e depois tentámos a crista Norte da montanha, onde fomos obrigados a movimentar-nos com a máxima precaução, pois, o mínimo descuido podia expor-nos à vista dos selvagens. Assim, tivemos de rastejar e, de vez em quando, éramos obrigados a permanecer deitados de barriga para baixo sob os arbustos. Devido a todas estas precauções, tínhamos andado pouco, quando chegámos a um abismo ainda mais profundo do que os outros com que tínhamos deparado e que conduzia diretamente à garganta principal. Desta forma, as nossas suspeitas ficaram completamente confirmadas: estávamos isolados e sem acesso possível à zona situada por baixo de nós. Totalmente esgotados por tanto esforço regressámos à plataforma e, atirando-nos para o nosso leito de

folhas, dormimos durante algumas horas um sono profundo e benéfico.

Depois desta exploração infrutífera, ocupámo-nos durante alguns dias a explorar todas as partes do cimo da montanha, para verificarmos quais eram os reais recursos que nos podia oferecer. Vimos que era impossível encontrar ali alimentos, exceto as perniciosas avelãs e uma espécie muito dura de cocleária que crescia num pequeno espaço com cerca de quatro varas quadradas, as quais esgotámos rapidamente. A 15 de fevereiro, se não estou em erro, não restava um único ramo e as avelãs eram muito raras: assim era-nos difícil conceber uma situação mais deplorável. No dia 16 começamos a rever a nossa prisão na esperança de encontrar uma saída, mas em vão. Tornámos a descer ao buraco onde quase tínhamos sido sepultados, esperando descobrir, seguindo pelo túnel, alguma abertura que desse para a ravina principal. Mais uma vez ficámos desapontados, mas encontrámos e trouxemos uma espingarda.

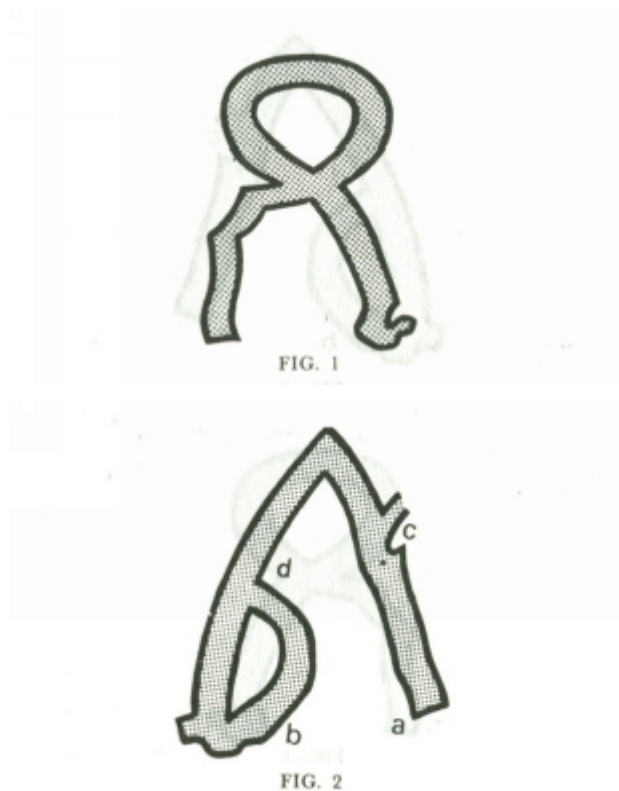
No dia 17 saímos, decididos a examinar mais pormenorizadamente o abismo de granito negro onde tínhamos penetrado por altura da nossa primeira exploração. Lembrávamo-nos de que tínhamos observado muito mal uma das fendas que se abria nas paredes do poço, e sentíamo-nos impacientes por explorá-la melhor, embora não tivéssemos grandes esperanças de descobrir uma saída.

Alcançámos o fundo sem grande dificuldade, como já o tínhamos feito anteriormente, e pudemos então examinar tudo com cuidado. Era, sem dúvida, um dos locais mais estranhos do mundo, e era-nos difícil acreditar que fosse apenas obra da natureza. O

abismo tinha da extremidade Este à Oeste cerca de quinhentas jardas de comprimento, considerando todas as suas sinuosidades alinhadas; a distância em linha reta não ultrapassaria as quarenta ou cinquenta jardas, segundo me pareceu, pois não tinha meios para tirar medidas exatas. No início da nossa descida, isto é, a cerca de uma centena de pés do cimo da colina, as paredes do abismo eram muito diferentes e pareciam nunca ter estado unidas, pois uma das superfícies era de pedra-sabão e a outra de marga granulada com uma substância metálica desconhecida. A sua máxima largura, ou intervalo entre as duas paredes, era por vezes de sessenta pés, mas em alguns sítios não existia qualquer regularidade de formação. No entanto, descendo mais, para lá do limite que indiquei, o intervalo diminuía e as paredes começavam a ser paralelas, embora, até determinada altura, continuassem a ser diferentes na matéria e no aspeto da sua superfície. Chegando a cinquenta pés de profundidade começava a regularidade perfeita. As paredes eram completamente uniformes quanto à substância, à cor e à direção lateral, sendo a matéria um granito muito negro e brilhante, e o intervalo entre os dois lados vinte jardas exatas. Compreenderão melhor a forma precisa deste fosso graças a um desenho feito no local, pois, felizmente, tinha comigo um bloco de notas e um lápis, que sempre guardei cuidadosamente ao longo das aventuras subsequentes e aos quais devo numerosas notas de toda a espécie, que de outra forma teriam desaparecido da minha memória.

A figura 1 indica o contorno geral do abismo, exceto as cavidades menores das paredes, que aliás eram muito frequentes, correspondendo cada cavidade a uma saliência oposta. O fundo do

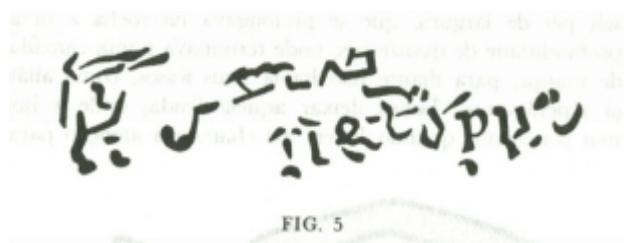
fosso estava coberto, até uma altura de três ou quatro polegadas por uma poeira quase impercetível, debaixo da qual havia um prolongamento do granito. À direita, na extremidade inferior, vê-se assinalada uma pequena abertura: é a fenda de que falei há pouco e que foi o objete da nossa segunda visita. Entrámos nela com decisão, afastando uma quantidade de silvas que nos obstruíam a passagem assim como numerosas pedras aguçadas, cuja forma nos lembrava pontas de setas. No entanto, sentimo-nos encorajados a prosseguir, ao distinguir uma luz ténue que vinha da outra extremidade. Depois de termos avançado cerca de trinta pés com a maior dificuldade, descobrimos que a abertura em questão era uma abóbada baixa e de forma regular, com um fundo da mesma poeira impercetível que cobria o abismo principal. Uma luz intensa brilhou então sobre nós e, ao dobrarmos uma curva acentuada, encontrámo-nos numa galeria mais elevada, em tudo semelhante, exceto na forma longitudinal, àquela que acabávamos de deixar. A figura 2 representa o seu aspeto geral.



O comprimento total deste fosso, começando pela abertura *a* e torneando a curva *b* até à extremidade *d* é de 550 jardas. Em *c* descobrimos uma pequena fenda semelhante àquela por onde tínhamos saído do outro abismo e que também estava cheia de silvas e de pedras amareladas em forma de flecha. Abrimos caminho através da fenda e verificámos que a uma distância de 40 pés desembocava noutro abismo. Este era igualmente semelhante ao primeiro, exceto na sua forma longitudinal representada na figura 3.



O comprimento total do terceiro fosso devia ser de 320 jardas. No ponto *a* existia uma abertura com uns seis pés de largura, que se prolongava na rocha a uma profundidade de quinze pés, onde terminava numa camada de marga; para diante não havia mais fossos, como aliás já esperávamos. Íamos deixar aquela fenda, onde a luz mal penetrava, quando Peters me chamou a atenção para uma série de entalhes de aspeto bizarro que decoravam a superfície da marga onde terminava aquele beco sem saída. Com um ligeiro esforço de imaginação seria fácil tomar-se o entalhe situado mais à esquerda, ou mais ao Norte, pela representação de uma figura humana de pé com os braços estendidos. Quanto aos outros, tinham uma certa semelhança com caracteres alfabéticos e esta opinião subsistiu — que eram realmente caracteres — acabando Peters por acreditar nisso. No entanto, acabei por o convencer do seu erro, chamando-lhe à atenção para o solo da fenda, onde entre a poeira apanhámos bocados de marga, sendo evidente, que devido a qualquer convulsão, tinham saltado da superfície onde apareciam os entalhes e que se adaptavam perfeitamente às incisões da parede, prova de que tudo aquilo era obra da Natureza. A figura 5 representa uma cópia exata do conjunto.



Depois de nos termos convencido que aquelas estranhas cavidades não nos ofereciam nenhum meio para sairmos da nossa prisão, retomámos o nosso caminho em direção ao cimo da colina, abatidos e desesperados. Durante as vinte e quatro horas seguintes nada nos aconteceu que valha a pena relatar, a não ser que, examinando o terreno a Este do terceiro fosso, descobrimos dois ou três buracos triangulares de grande profundidade, cujas paredes também eram de granito negro. Pensámos que não valia a pena descer nestes buracos, porque não tinham saída e pareciam simples poços naturais. Cada um tinha cerca de vinte pés de circunferência e a sua forma, assim como a sua posição relativamente ao terceiro fosso, está assinalada na figura 4.

24 — A Evasão

No dia 20 de fevereiro, verificando que nos era absolutamente impossível continuar a viver das avelãs, que nos causavam dores horríveis, resolvemos fazer uma tentativa desesperada para descer a vertente meridional da colina. Deste lado, a parede do precipício era de uma espécie de pedra-sabão muito mole, mas quase perpendicular em toda a sua altura (pelo menos cento e cinquenta pés) e, em certos pontos inclinada para o interior. Após longa observação, descobrimos uma estreita saliência a cerca de vinte pés da borda do precipício. Peters conseguiu saltar para lá com o meu auxílio e o dos nossos lenços atados uns aos outros. Eu também desci, embora com mais dificuldade e verificámos que havia possibilidade de chegar ao fundo utilizando o mesmo processo que tínhamos usado para trepar a fenda onde havíamos estado sepultados devido ao desmoronamento da colina, isto é, escavando, com as nossas facas, degraus na parede da esteatite. Não lhes deve ser difícil imaginar quão arriscada era esta empresa, mas como não tínhamos outra alternativa, decidimos tentar a aventura.

Na saliência onde nos encontrávamos havia algumas aveleiras selvagens e a uma delas atámos a ponta da nossa corda de lenços. A outra ponta foi presa à cintura de Peters que se suspendeu no abismo até os lenços ficarem bem esticados. Então, começou a abrir um buraco profundo (cerca de oito ou dez polegadas) na pedra sabão, cortando a pedra obliquamente até um pé mais acima, de

forma a poder cravar na superfície nivelada, uma estaca suficientemente forte, com a ajuda da coronha da pistola. Icei-o cerca de quatro pés e aí ele fez um buraco semelhante ao outro, colocou nova estaca da mesma maneira e obteve assim um ponto de apoio para os dois pés e as duas mãos. Então desatei os lenços das silvas e atirei-lhe a ponta que ele prendeu à estaca do buraco superior; seguidamente deixou-se deslizar com suavidade uns três pés abaixo do ponto onde estava, isto é, o comprimento total dos lenços. Aí fez outro buraco e colocou outra estaca; depois içou-se pelos seus próprios meios, de maneira a pôr os pés no buraco que tinha acabado de fazer, agarrando com as mãos a estaca do buraco de cima.

Devia agora desatar a ponta do lenço da estaca superior para o fixar na segunda, mas verificou que tinha cometido um erro ao fazer os buracos longe uns dos outros. No entanto, depois de algumas tentativas perigosas para chegar ao nó (só podia usar a mão direita para tentar desfazer o nó, pois com a esquerda agarrava-se à estaca) conseguiu por fim cortar a corda, deixando cerca de seis polegadas agarradas à estaca. Atando os lenços à segunda estaca desceu abaixo da terceira, tendo o cuidado de, desta vez, não a deixar muito em baixo. Graças a este processo (que eu nunca teria imaginado e que se deve inteiramente à generosidade e coragem de Peters) o meu camarada conseguiu, por fim, chegar ao fundo do abismo sem incidentes, apoiando-se de vez em quando às saliências da rocha.

Necessitei de algum tempo para reunir a energia suficiente para o seguir, mas acabei por me decidir. Peters tinha tirado a camisa antes de descer e, atando-a à minha, obtive a corda

necessária para a operação. Depois de ter atirado para o fundo a espingarda encontrada na fenda, prendi a corda às silvas e deixei-me escorregar rapidamente, esforçando-me por afastar o medo, que de outro modo não conseguiria dominar, com a rapidez dos meus movimentos.

Na verdade, este método só teve êxito para os primeiros quatro ou cinco degraus, porque a minha imaginação em breve começou a ficar perturbada, ao pensar na enorme altura que ainda tinha de descer, na fragilidade e na insuficiência das estacas e dos buracos escorregadios que eram o meu único apoio. Foi em vão que tentei afastar estes pensamentos e manter os olhos fixos na parede plana que tinha diante dos olhos. Quanto mais lutava para *não pensar*, mais vivos, intensos e nítidos eram os meus pensamentos.

Por fim, chegou a crise de imaginação, tão terrível em casos desta natureza; a crise em que vemos e sentimos tudo como se realmente caíssemos, imaginando o enjoo, a vertigem, a resistência suprema, o quase desfalecimento e por fim todo o horror de uma queda perpendicular e precipitada. Via que estas imagens se transformavam em realidade e que todos aqueles horrores se abatiam sobre mim. Sentia os joelhos baterem violentamente um contra o outro, enquanto os meus dedos largavam gradualmente o lenço a que me agarrava. Tinha um zumbido nos ouvidos e pensava: «É a morte que chega!» Então fui assaltado pelo irresistível desejo de olhar para baixo. Não podia, não desejava continuar a olhar apenas para a parede e, com uma estranha e indescritível emoção, misto de horror e alívio, mergulhei o olhar no abismo.

Por um instante os meus dedos agarraram-se convulsivamente à corda e mais uma vez a ideia da minha possível salvação voltou a pairar no meu espírito; pouco depois toda a minha alma era invadida por *um enorme desejo de cair*, um desejo e uma ternura pelo abismo! Uma paixão absolutamente irresistível! Larguei de repente a estaca e, fazendo meia-volta contra a muralha, fiquei um segundo a oscilar sobre aquela superfície polida. Mas então senti uma vertigem no meu cérebro; uma voz imaginária e estridente gritava-me aos ouvidos; uma figura negra, diabólica e obscura ergueu-se por baixo de mim; suspirei, senti o coração prestes a rebentar-me no peito e deixei-me cair nos braços do fantasma.

Tinha desmaiado e Peters tinha-me agarrado quando eu ia a cair. Do seu lugar no fundo do abismo, observara os meus movimentos e, apercebendo-se do perigo iminente que corria, tentara inspirar-me coragem por todos os meios que lhe ocorreram, mas a perturbação do meu espírito era tão grande que não só não ouvi nada do que me dizia, como nem sequer suspeitei que estava a falar comigo. Finalmente, vendo-me vacilar, apressou-se em ir em meu auxílio, chegando mesmo a tempo de me salvar. Se tivesse caído com todo o meu peso, não há dúvida que a corda de trapos se teria partido e eu teria sido precipitado no abismo, mas graças a Peters que amorteceu a queda, pude deslizar suavemente, de maneira a ficar suspenso, sem perigo, até recuperar os sentidos, o que aconteceu cerca de quinze minutos depois. Quando despertei o terror tinha-se desvanecido completamente, sentia-me como um ser novo e, ainda com o auxílio do meu camarada, atingi o fundo são e salvo.

Encontrávamo-nos então a pouca distância da ravina que tinha sido o túmulo dos nossos amigos e ao Sul do local onde a colina tinha caído. A zona tinha um estranho aspeto de devastação que me lembrava as descrições feitas pelos viajantes sobre essas lúgubres regiões que assinalam o lugar da Babilónia destruída. Para além dos escombros da colina desmoronada que formava uma barreira caótica no horizonte Norte, a superfície do solo estava semeada de vastos túmulos que pareciam os restos de gigantescas construções artificiais, mas examinando os pormenores, era impossível descobrir qualquer vestígio de arte. As escórias abundavam e grandes blocos de granito negro misturavam-se com blocos de marga, ambos granulados de metal. Tão longe quanto a vista podia alcançar não havia qualquer vestígio de vegetação em toda aquela superfície desolada. Avistámos alguns escorpiões enormes e diversos répteis que não existiam nas altas latitudes.

Como o nosso objetivo imediato era arranjar comida, resolvemos dirigir-nos para a costa, que estava situada a meia-milha, para tentarmos caçar tartarugas, cuja presença tínhamos assinalado do nosso esconderijo na colina. Tínhamos percorrido cerca de cem jardas, rastejando com a máxima precaução por trás de grandes rochas e ruínas, e íamos fazer uma curva quando cinco selvagens se lançaram sobre nós, vindos de uma pequena caverna, derrubando Peters com uma paulada. Como caiu, todo o bando se atirou a ele para se assegurar que a vítima estava dominada, dando-me tempo para recuperar daquela surpresa. Ainda tinha a espingarda, mas o cano estava tão danificado pela queda que sofrera do alto da colina, que a deitei fora, preferindo utilizar as pistolas que tinha guardado cuidadosamente e que estavam em

bom estado. Avancei sobre os assaltantes com as pistolas que descarreguei sobre eles. Dois selvagens caíram mortos e um terceiro que ia para trespassar Peters com a sua lança tombou sem cumprir o que se propunha. Com o meu companheiro livre não tivemos mais problemas. Também tinha pistolas, mas julgou ser mais prudente não as utilizar, fiando-se na sua imensa força pessoal, que na verdade era superior à de qualquer outro homem. Apoderando-se da clava de um dos selvagens, fez saltar a cabeça dos três que restavam e matou-os com um único golpe, o que nos tornou senhores absolutos do campo de batalha.

Estes acontecimentos passaram-se tão depressa que mal podíamos acreditar que fossem reais, e mantínhamo-nos de pé junto dos cadáveres, numa espécie de contemplação estúpida, até que caímos em nós ao ouvirmos gritos ao longe. Era evidente que os tiros tinham dado o alarme aos selvagens e que corríamos um grande perigo de sermos descobertos. Para regressar à montanha teríamos de caminhar em direção aos gritos e, quando chegássemos ao sopé, não conseguiríamos subir sem sermos vistos. A nossa situação era perigosíssima e não sabíamos em que direção fugir, quando um dos selvagens, sobre o qual tinha disparado e que julgava morto, se levantou e tentou fugir. No entanto, agarrámo-lo antes que desse um passo e íamos matá-lo, quando Peters pensou que ele talvez nos viesse a ser útil, se o obrigássemos a acompanhar-nos na nossa tentativa de fuga. Assim, arrastámo-lo connosco, fazendo-lhe compreender que estávamos decididos a matá-lo, se oferecesse a menor resistência. Passados alguns minutos, estava totalmente dócil, caminhando ao nosso lado, enquanto deslizávamos entre as rochas em direção ao rio.

Até ao momento, os desníveis do terreno que tínhamos percorrido, tinham-nos ocultado o mar, exceto em certos sítios, e quando por fim o avistámos totalmente devíamos estar a uma distância de duzentas jardas. Quando surgimos a descoberto na baía, vimos aterrorizados uma multidão imensa de ilhéus que vinha da aldeia e de todos os pontos da ilha em direção a nós gesticulando com furor e gritando como animais selvagens. Estávamos quase a voltar para trás e tentar esconder-nos nos abrigos que as irregularidades do terreno pudessem oferecer, quando descobrimos a proa de duas canoas que estavam atrás de uma enorme rocha que continuava para dentro de água. Corremos para elas o mais depressa que pudemos e, uma vez lá chegados verificámos que apenas estavam carregadas com três grandes tartarugas galápagos e que tinham remos para sessenta homens. Apoderámo-nos imediatamente de uma das canoas e, empurrando o nosso prisioneiro para bordo, fizemo-nos ao largo, com todo o vigor de que éramos capazes.

Mas ainda não nos tínhamos afastado mais de cinquenta jardas da costa, quando, recuperando um pouco o sangue frio, compreendemos o enorme erro que tínhamos cometido ao deixar a outra canoa nas mãos dos selvagens, que entretanto se tinham aproximado da baía e estavam agora a uma distância dupla da que nos separava. Não havia tempo a perder, embora a nossa esperança fosse débil. Era duvidoso que, mesmo fazendo o maior esforço, conseguíssemos chegar a tempo de nos apoderarmos da canoa antes deles, mas na realidade era a nossa única hipótese. Se o conseguíssemos, talvez nos salvássemos, mas se não fizéssemos

aquela tentativa nada mais poderíamos esperar do que uma inevitável carnificina.

A nossa canoa estava construída de tal maneira que a proa e a ré eram iguais e, em vez de virar, modificámos apenas a direção em que remávamos. Assim que os selvagens se aperceberam da nossa intenção redobraram os gritos e a velocidade, aproximando-se com incrível rapidez. No entanto, nós remávamos com a energia do desespero, e quando atingimos o ponto em disputa ainda só um selvagem lá tinha chegado, o qual pagou caro a sua enorme agilidade, pois Peters disparou-lhe um tiro de pistola na cabeça, ao chegar à margem. Os nativos mais adiantados estariam a uma distância de vinte ou trinta passos quando nos apoderámos da canoa. Primeiro tentámos pô-la a flutuar, mas vendo que estava solidamente presa e não tendo tempo a perder, Peters com um ou dois vigorosos golpes com a coronha da espingarda conseguiu fendê-la na proa e num dos lados. Então fizemo-nos ao largo. Entretanto, dois ilhéus tinham-se agarrado à nossa canoa e recusavam-se obstinadamente a largá-la, até que fomos obrigados a matá-los à facada.

De momento estávamos salvos e avançámos decididamente para o mar. O grosso dos selvagens, ao chegar à canoa quebrada soltou os mais aterradores gritos de raiva e desapontamento que se possam imaginar. Na verdade, depois de tudo o que soube sobre aqueles miseráveis, pareceram-me a raça mais cruel, mais hipócrita, mais vingativa, mais sanguinária, positivamente mais diabólica que jamais habitou o globo. Era evidente que não poderíamos contar com nenhuma espécie de misericórdia se caíssemos nas suas mãos. Fizeram uma tentativa insensata para

nos seguirem com a canoa danificada, mas, vendo que já não se podiam servir dela, expressaram mais uma vez a sua raiva com vociferações horríveis e voltaram para as suas colinas.

Estávamos então livres de qualquer perigo imediato, mas a nossa situação continuava a ser sinistra. Sabíamos que quatro canoas do mesmo género da nossa tinham estado, a certa altura, na posse dos selvagens e ignorávamos (o que mais tarde soubemos pelo nosso prisioneiro) que duas dessas embarcações tinham sido destruídas pela explosão da *Jane Guy*. Assim, esperávamos que seríamos perseguidos logo que os nossos inimigos dessem a volta à ilha e chegassem à baía (que distava cerca de três milhas), onde as canoas estavam normalmente amarradas. Receando isto, pusemos todo o nosso esforço para nos afastarmos da ilha e avançámos rapidamente no mar, forçando o nosso prisioneiro a remar. Cerca de meia hora depois, já devíamos ter avançado cinco ou seis milhas em direção ao Sul, quando vimos uma grande frota de jangadas e de canoas surgir no fundo da baía, com o propósito evidente de nos perseguir, mas acabaram por voltar para trás, desesperados por não nos conseguirem apanhar.

25 — O Gigante Branco

Encontrávamo-nos então no imenso e desolado Oceano Antártico, a uma latitude de mais de 84 graus, numa frágil canoa, tendo como únicas provisões as três tartarugas. Além disso não nos podíamos esquecer que o inverno polar estava perto e era indispensável refletir maduramente sobre a rota a seguir. Tínhamos seis ou sete ilhas à vista, pertencentes ao mesmo grupo, a uma distância de cinco ou seis léguas umas das outras, mas não estávamos tentados a desembarcar em nenhuma delas. Ao navegarmos para o Norte a bordo da *Jane Guy*, tínhamos gradualmente deixado para trás as regiões mais geladas e, embora isso possa parecer um absoluto desmentido das noções geralmente aceites sobre o Oceano Antártico, é um facto que a experiência não nos permite negar. Assim, tentar voltar para trás seria uma loucura, especialmente num período já tão avançado da estação. Decidimos navegar para Sul, onde tínhamos a hipótese de descobrir novas ilhas e onde era provável existir um clima mais ameno.

Até aqui o Oceano Antártico pareceu-nos semelhante ao Ártico, sem tempestades violentas nem vagas muito fortes, mas a nossa canoa era, para não dizer pior, de frágil construção, embora fosse grande, e tivemos muito trabalho para a tornar mais segura com os meios limitados de que dispúnhamos. O fundo da embarcação era muito simplesmente feito de um tronco de árvore para nós desconhecida. A armação era de verga forte, perfeitamente adaptada ao fim a que se destinava. Da proa à ré

tínhamos um espaço de cinquenta pés, por quatro a seis de largura e quatro e meio de profundidade. Como se vê, estes barcos diferem pela sua forma das embarcações dos habitantes dos mares do Sul, com os quais as nações civilizadas já contactaram. Nunca acreditámos que fossem obra daqueles ignorantes insulares que os possuíam e alguns dias mais tarde, soubemos, interrogando o nosso prisioneiro, que na verdade tinham sido construídas por habitantes de um grupo de ilhas a Sudoeste da sua região e que tinham caído acidentalmente nas mãos dos nossos horríveis bárbaros.

O que podíamos fazer pela segurança do nosso barco era realmente muito pouco. Descobrimos algumas fendas nas duas extremidades, que tapámos o melhor que pudemos com pedaços das nossas camisolas de lã. Utilizando os remos que não eram necessários e que existiam em grande quantidade, erguemos uma espécie de armação à volta da proa, com o objetivo de amortecer a força das ondas que nos pudessem ameaçar por aquele lado. Instalámos também dois remos a fazer de mastros, um de cada lado nos extremos da embarcação, em substituição de uma verga. A estes mastros atámos uma vela feita das nossas camisas, trabalho que nos foi muito difícil, já que nos foi impossível conseguir a ajuda do prisioneiro, que até então não se tinha recusado a colaborar nas outras operações. A visão da vela pareceu afetá-lo de maneira estranha e nunca conseguimos que lhe tocasse ou mesmo que se aproximasse e, quando o quisemos forçar, começou a tremer e a gritar com toda a força: *Tekeli-li!*

Quando terminámos todos os preparativos relativos à segurança da canoa, navegámos rumo a Sussudeste, de forma a dobrarmos a ilha do arquipélago situado mais ao Sul. Não se podia

considerar que o tempo estivesse desagradável: uma suave brisa soprava constantemente de Norte, o mar estava calmo e era sempre dia. Não se avistava nenhum gelo e *já não víamos um único pedaço desde que tínhamos passado o paralelo da ilhota Bennet*. A temperatura da água era demasiado elevada para permitir a existência de gelo. Matámos a tartaruga maior, que nos forneceu não só carne, mas também uma abundante provisão de água, e continuámos a nossa rota sem qualquer incidente importante durante sete ou oito dias; durante este período devemos ter avançado bastante para Sul, porque o vento foi sempre favorável e uma forte corrente impelia-nos na direção desejada.

1 de março. — Vários fenómenos insólitos anunciaram-nos que penetrávamos numa região de novidades e maravilhas. Uma alta barreira de vapor cinzento aparecia constantemente no horizonte Sul, cortada de vez em quando por longos raios luminosos tanto na direção Este-Oeste, como Oeste-Este, reunindo-se depois de forma a constituir uma única linha, ou seja, produzindo todas as maravilhosas tonalidades da aurora boreal. A altura média deste vapor, tal como se nos apresentava do ponto onde nos situávamos, era cerca de vinte e cinco graus. A temperatura do mar parecia estar sempre a aumentar e registava-se uma sensível alteração na sua cor.

2 de março. — Hoje, interrogando o nosso prisioneiro, soubemos alguns pormenores relativos à ilha onde se registou o massacre, aos seus habitantes e respetivos usos e costumes. Será que essas coisas podem *agora* interessar o leitor? No entanto, posso dizer que soubemos que o arquipélago compreendia oito ilhas, que eram governadas por um só rei chamado *Tsalemon* ou

Psalemoun, que residia na ilha mais pequena, que as peles negras usadas pelos guerreiros provinham de um animal enorme que se encontrava no vale perto da residência do rei, que os habitantes do arquipélago apenas sabiam construir jangadas e tudo o que possuíam de outro género eram as quatro canoas que tinham conseguido por acaso numa ilha grande situada a Sudoeste, que o prisioneiro se chamava *Mu-Nu* e que nunca tinha ouvido falar da ilhota *Bennet* e finalmente que a ilha onde tínhamos estado era *Tsalal*. O início das palavras *Tsalemon* e *Tsalal*, pronunciava-se com um silvo alongado que nos foi impossível imitar, mesmo depois de tentarmos várias vezes, e que lembrava precisamente o som emitido pelo alcaravão negro, que tínhamos comido no cimo da colina.

3 de março. — O calor da água era agora notável e a sua cor, sofrendo uma alteração rápida, em breve perdia a transparência, adquirindo um aspeto opaco e leitoso. À nossa volta, o mar estava geralmente calmo, e nunca era tão agitado que pusesse a canoa em perigo. Porém, admirávamo-nos várias vezes de observar, à nossa direita e à nossa esquerda, a distâncias diferentes, súbitas e vastas agitações à superfície, as quais, segundo descobrimos mais tarde, eram sempre precedidas por estranhas vacilações na barreira de vapor, situada a Sul.

4 de março. — Hoje, com o objetivo de aumentar a vela, pois a brisa do Norte diminuía sensivelmente, tirei um lenço branco do bolso do meu casaco. Nu-Nu estava sentado a meu lado e, tendo-lhe por acaso tocado com o lenço na cara, foi tomado de violentas convulsões. Esta crise foi seguida de prostração e apatia e dos seus habituais: *Tekeli-li! Tekeli-li*, murmurados em surdina.

5 de março. — O vento desaparecera por completo, mas era evidente que continuávamos a prosseguir para Sul, sob a influência de uma forte corrente. Na verdade, seria natural que tivéssemos sentido um certo terror pelo aspeto estranho que aquela aventura estava a assumir, mas não sentimos medo algum! A fisionomia de Peters nada denunciava, embora de vez em quando assumisse uma expressão misteriosa, cujo significado não conseguia entender. Era evidente que o inverno polar se aproximava, mas sem o seu cortejo de horrores. Sentia um entorpecimento do corpo e do espírito, uma surpreendente tendência para o sonho, mas era tudo.

6 de março. — O vapor já se tinha elevado muitos graus acima do horizonte e perdia gradualmente a sua tonalidade cinzenta. O calor da água era excessivo e o seu aspeto leitoso mais visível do que nunca. Hoje ocorreu uma violenta agitação da água muito perto da canoa. Foi, como de costume, acompanhada de um estranho flamejar do vapor, em cima, e de uma separação momentânea da sua base. Uma poeira branca, muito fina, semelhante a cinza, mas que evidentemente não o era, caiu sobre a canoa e sobre uma vasta extensão de mar, enquanto se desvaneciam as alterações luminosas do vapor e o mar se acalmava. Nu-Nu atirou-se de bruços para o fundo da canoa e foi-nos impossível convencê-lo a levantar-se.

7 de março. — Interrogámos Nu-Nu sobre os motivos que tinham levado os seus compatriotas a matar os nossos companheiros, mas ele parecia dominado por um terror que o impedia de nos responder. Continuava deitado no fundo da canoa e, como não parávamos de o assediar com perguntas sobre o motivo do massacre, respondia-nos com gestos idiotas como por exemplo,

levantar o lábio superior com o dedo indicador, mostrando os dentes, que eram negros. Ainda nunca tínhamos visto os dentes de um habitante de Tsalal.

8 de março. — Hoje passou ao nosso lado um desses animais brancos, cujo aparecimento na baía de Tsalal causara tanto terror entre os selvagens. Senti desejo de o agarrar, mas abateu-se sobre mim um súbito desinteresse e apatia e nunca mais pensei no caso. A temperatura do mar continuava a aumentar e já não se podia meter a mão na água. Peters falava pouco e não sabia o que pensar da sua apatia. Nu-Nu apenas suspirava.

9 de março. — A substância semelhante a cinza chovia agora incessantemente à nossa volta em enorme quantidade. A barreira de vapor ao Sul tinha-se elevado a uma altura prodigiosa acima do horizonte e começava a ter uma grande nitidez de formas. A única comparação possível é com uma catarata infinita, caindo silenciosamente sobre o mar do alto de uma imensa vertente perdida no céu. A gigantesca cortina ocupava todo o horizonte Sul e não emitia qualquer ruído.

21 de março. — Funestas trevas pairavam agora sobre nós, mas das profundezas leitosas do Oceano brotava um esplendor luminoso que deslizava pelos flancos da canoa. Estávamos quase esmagados por aquela poeira branca que caía sobre nós e a embarcação, mas que se fundia ao cair na água. O cimo da catarata perdia-se completamente na obscuridade e no espaço. No entanto, era evidente que nos aproximávamos dela com enorme velocidade. De vez em quando e momentaneamente, distinguíamos naquela imensa cortina medonhas fendas, através das quais se precipitavam

poderosas correntes de ar, que silenciosamente agitavam o mar flamejante à sua passagem.

22 de março. — As trevas tinham-se adensado e só eram quebradas pela claridade das águas, que refletiam a cortina branca erguida à nossa frente. Uma multidão de gigantescas aves de uma brancura lívida voavam incessantemente por trás da estranha barreira, emitindo o eterno grito *Tekeli-li!* que soltavam ao passarem diante de nós. Perante isto, Nu-Nu agitou-se um pouco no fundo do barco, mas quando lhe tocámos verificámos que a sua alma já tinha partido. Então precipitámo-nos nas entranhas da catarata, onde, como que para nos receber, se abriu um abismo. Mas eis que à nossa frente se desenhou uma figura humana com um véu, de proporções muito maiores do que as de um habitante da terra, enquanto a sua pele era de uma brancura imaculada de neve.

26 — Conjeturas

As circunstâncias relativas à morte do senhor Pym, tão súbita e lamentável, são já bem conhecidas do público, graças à imprensa diária. É de recear que os restantes capítulos que deviam completar o seu relato e que tinha guardado para rever, enquanto os precedentes estavam na tipografia, se tenham perdido irremediavelmente, em consequência da catástrofe em que ele próprio pereceu. No entanto, pode ser que tal não tenha acontecido e, se o manuscrito vier a ser encontrado, será publicado.

Tentaram-se todos os meios para remediar esta falta. O senhor, cujo nome é citado no prefácio e que, segundo o que se diz dele, talvez fosse capaz de preencher esta lacuna, declinou essa tarefa, alegando que os pormenores que lhe tinham sido comunicados não eram exatos, e por incredulidade relativamente à verdade das últimas partes do relato. Peters, que ainda é vivo e reside no Illinois, poderia dar algumas informações, mas não conseguimos contactá-lo. No entanto, poderemos vê-lo mais tarde e certamente não deixará de nos fornecer os documentos necessários para completar a história do senhor Pym.

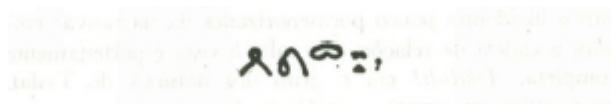
A perda dos dois ou três últimos capítulos (pois só havia dois ou três) é tanto mais lamentável quanto deviam conter matéria relativa ao próprio Polo, ou pelo menos às regiões situadas nas suas proximidades, podendo as afirmações do autor, relativamente a estas regiões, ser em breve confirmadas ou desmentidas pela

expedição ao Oceano Antártico que o governo está, neste momento, a preparar.

Há um ponto desta narrativa sobre o qual será bom fazer algumas observações; o autor deste apêndice sentirá um grande prazer, se as suas reflexões tiverem como resultado dar um certo crédito às estranhas páginas que compõem este livro. Referimo-nos aos fossos descobertos na ilha Tsalal e ao conjunto de figuras incluídas no capítulo 23.

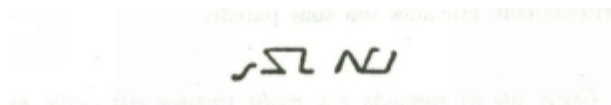
O senhor Pym apresentou os desenhos dos abismos sem fazer comentários e estava convencido de que os entalhes encontrados na extremidade do fosso situado mais a Este não eram caracteres alfabéticos, embora tivessem com eles uma semelhança fantástica. Esta afirmação é feita de uma maneira tão simples e sustentada por uma prova tão evidente (ou seja a adaptação dos fragmentos encontrados na poeira aos entalhes da parede) que somos forçados a acreditar no autor e nenhum leitor sensato suporá outra coisa. Mas como os factos relativos a *todas* as figuras são muito estranhos (sobretudo quando se comparam com certos pormenores do texto em geral) talvez seja conveniente dizer algumas palavras sobre esses factos, tanto mais que há coisas que, sem dúvida, escaparam à atenção do senhor Poe.

Assim, as figuras 1, 2, 3, 4, e 5 quando se juntam umas às outras pela ordem em que se encontram as próprias cavernas e quando se abstrai das ramificações laterais ou galerias abobadadas (as quais, segundo se lembram, apenas serviam de meios de comunicação entre as galerias principais e eram de aspeto totalmente diferente) constituem a raiz etíope — raiz

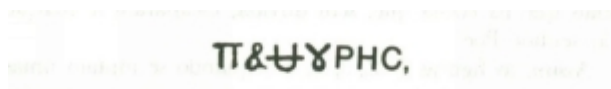


ou *ser tenebroso* — donde derivam todas as palavras relativas à sombra e às trevas.

Quanto ao entalhe, situado à *esquerda e mais ao Norte*, na figura 5, é mais provável que Peters tivesse razão e que o seu aspeto hieroglífico fosse realmente uma obra de arte e uma representação intencional da forma humana. O leitor pode observar o desenho e poderá ou não ver a semelhança referida, mas as outras incisões parecem confirmar a ideia de Peters. É evidente que a fila superior é a raiz árabe.



ou *ser branco*, donde derivam todas as palavras relacionadas com o brilho e a brancura. A fila inferior não é tão nítida nem fácil de perceber. Os caracteres estão um pouco partidos e separados, mas não há dúvida que no seu perfeito estado, formariam a palavra egípcia



ou *região sul*. Notarão que estas interpretações confirmam a opinião de Peters relativamente à figura *situada mais ao Norte*. O braço está estendido em direção ao Sul.

Tais conclusões abrem um vasto campo às mais excitantes conjeturas. Talvez exista alguma relação entre vários incidentes pouco pormenorizados da narrativa; embora a cadeia de relações não salte à vista é perfeitamente completa. *Tekeli-li!* era o grito dos naturais de Tsalal, apavorados ao verem o cadáver do animal *branco* apanhado no mar. *Tekeli-li!* era também a exclamação de terror do prisioneiro tsalaliano ao contactar com objetos *brancos* pertencentes ao senhor Pym. Era também o grito das gigantescas aves *brancas* que, voando rapidamente, saíam da cortina *branca* de vapor existente ao Sul. Em Tsalal não havia nada *branco*, enquanto essa cor predominava na viagem que se seguiu. Não é impossível que Tsalal, o nome da ilha dos abismos, sujeita a uma minuciosa análise filológica, tivesse qualquer ligação com as cavernas alfabéticas ou com os caracteres etíopes tão misteriosamente gravados nas suas paredes.

Gravei isto na montanha e a minha vingança está escrita na poeira do rochedo.

Ligeia

Título original: *Ligeia*

Publicado em 1838

Há nisto uma vontade que não morre. Quem conhece os mistérios da vontade e a sua força? Porque Deus não é mais que uma grande vontade, penetrando todas as coisas com a intensidade que lhe é própria. O homem só cede aos anjos e só se submete por completo à morte pela fraqueza da sua pobre vontade.

— Joseph Glanville

Juro-vos pela minha alma que não me lembro quando, nem onde vi, pela primeira vez, *lady* Ligeia.

Passaram-se longos anos desde esse dia e um grande sofrimento enfraqueceu a minha memória. Ou talvez aconteça *agora* o não poder recordá-lo, porque realmente o temperamento da minha amada, a sua rara cultura, o seu género de beleza tão singular e tão plácida, e a aliciante e subjugadora eloquência das suas palavras musicais e profundas, tenham penetrado no meu coração de maneira tão sub-reptícia, constante e furtiva que eu não dei conta disso.

No entanto, suponho que a encontrei pela primeira vez, e que depois voltámos a ver-nos muitas outras, numa cidade antiga das margens do Reno.

Quanto à sua família, se alguma vez me falou nela, deve ter sido numa data tão longínqua que não tenho a mais pequena ideia.

Oh, Ligeia, Ligeia!

Abismado em estudos cuja natureza amortece as impressões do mundo exterior, basta-me esta palavra tão doce — Ligeia! — para evocar ante os olhos do pensamento a imagem do que já não existe. Mesmo agora, enquanto escrevo, ilumina-me como uma luz a ideia de que *nunca soube* o nome da família da que foi, primeiro minha amiga e minha prometida, depois minha companheira de estudos e, por fim, a esposa do meu coração.

Foi um capricho de Ligeia? Foi uma prova da força do meu afeto o eu não pedir informação alguma a esse respeito? Ou então abnegação, qualquer coisa como a oferenda romântica de um culto apaixonado? Não sei. Mas se alguma vez o espírito romântico, o pálido *Ashtophet* do Egito idólatra — o das asas tenebrosas — presidiu, como dizem, a bodas de sinistro augúrio, foi, com certeza, às minhas.

Apesar de tudo, há um ponto claro na minha memória. É a *pessoa* de Ligeia.

Era alta, um pouco delgada, e nos últimos dias essa magreza aumentou extraordinariamente. Tentaria, inutilmente, pintar a majestade, a tranquila desenvoltura do seu andar e a incompreensível leveza e elasticidade dos seus passos. Ia e vinha como uma sombra. Não me apercebia da sua entrada no meu escritório a não ser pela música querida da sua voz doce e profunda, ou quando ela colocava a sua mão de mármore sobre o meu ombro.

Quanto à beleza do rosto, nenhuma mulher a igualou jamais. Era como a visão de um sonho de ópio, uma visão aérea, enfeitadora, mais estranhamente celeste que as quimeras que revolteiam nas almas submissas das filhas de Delos. No entanto, os seus traços estavam muito longe de ser vazados nesses moldes falsamente regulares que deram as obras clássicas do paganismo.

«Não existe beleza atraente — afirmou Bacon, lorde Verulam, falando com exatidão de todas as formas de beleza — sem certa estranheza nas proporções».

Embora estivesse convencido de que os traços fisionómicos de Ligeia, não eram de uma regularidade clássica; embora me apercebesse de que a sua beleza era verdadeiramente esquisita e fortemente penetrada de estranheza, em vão me esforcei por descobrir uma irregularidade e também não consegui jamais decifrar o mistério dessa estranheza. Examinava a sua fronte alta e pálida, uma fronte sem defeito — que frias são estas palavras aplicadas a uma majestade divina! — a pele que rivalizava com o mais puro marfim, a amplitude imponente, a calma, a graciosa curvatura das fontes, a cabeleira negra como as asas de um corvo, luxuriante, ondulada, justificando a expressão homérica: *cabeleira de jacinto*.

Observava as linhas delicadas do seu nariz e não me recordava de tê-las visto iguais a não ser nos graciosos medalhões hebraicos. O mesmo desenho, a mesma superfície soberbamente unida, a mesma impercetível tendência para a forma aquilina, reveladora de um espírito claro. Olhava para a boca encantadora e via nela um triunfo de todas as coisas celestiais : a curva gloriosa do lábio superior, um pouco curto, o ar docemente,

voluptuosamente, repousado do lábio inferior, e os dentes que refletiam como um relâmpago cada raio da luz bendita que caía sobre eles, o seu sorriso plácido e sereno mas radiante e triunfal.

Via a forma do queixo cheio de força e majestade, com aquela espiritualizada plenitude grega, aqueles contornos que Apoio revelou em sonhos a Cleómenes, filho de Cleómenes de Atenas.

Por fim, olhava para os grandes olhos de Ligeia. Nem na mais remota antiguidade se encontraria o modelo de semelhantes olhos. Talvez neles se ocultasse o mistério de que fala lorde Verulam. Eram maiores que os olhos de qualquer criatura humana, mais rasgados que os olhos de uma gazela dos vales de Nurjihad, mas só em certas ocasiões, em certos momentos de excessiva animação essa particularidade me surpreendia. Nesses momentos, a sua beleza era, ou, pelo menos, o meu espírito inflamado assim o supunha, como a beleza das famosas huris turcas. As pupilas possuíam um negro brilhante e as pestanas, longas e igualmente negras, tinham a negrura profunda das suas sobrelanceiras ligeiramente irregulares. A estranheza dos seus olhos era, no entanto, independente da forma, da cor e do brilho, e devia, portanto, atribuir-se à *expressão* deles.

Mas esta palavra não tem sentido e não é mais que um som de vaga significação com que a nossa ignorância se defende dos mistérios espirituais.

A expressão dos olhos de Ligeia! Quantas horas (e que longas!) eu meditei sobre ela! Quantas vezes, nas noites estivais, eu tentei sondá-la! Que era esse não sei quê, essa qualquer coisa mais profunda que o fogo de Demócrito que existia no fundo das

pupilas da minha bem amada? Ignorava-o. Mas estava possuído pela obsessão de descobri-lo.

Oh, os seus olhos! As suas largas, brilhantes e divinas pupilas! Chegaram a ser para mim como as estrelas gémeas de Leda e, por elas, fui o mais apaixonado dos astrónomos.

Entre as numerosas e incompreensíveis anomalias da ciência psicológica não há nenhuma tão interessante, tão excitante como querer a gente recordar-se de uma coisa esquecida há muito tempo, encontrarmo-nos à *beira mesmo* da recordação, sem a atingir completamente.

Desta maneira, quantas vezes ao tentar a análise ardente dos olhos de Ligeia senti aproximar-se o completo conhecimento do segredo da sua expressão! E, no entanto, nunca consegui apoderar-me dele, pois acabava por desaparecer de todo.

No entanto (oh estranho, oh mais estranhos dos mistérios!), sempre encontrei nos objetos mais comezinhos e vulgares do mundo uma série de analogias com essa expressão. Desde a época em que a beleza de Ligeia se introduziu no meu espírito e se instalou ali como num relicário, muitos seres do mundo material me provocaram uma sensação análoga à que eu sentia flutuar sobre mim, ou em mim, sob a influência das suas enormes e luminosas pupilas. Mas nem por isso eu deixei de ser incapaz de definir exatamente esse sentimento e de o analisar. Reconheci-o muitas vezes no rápido crescimento de uma vinha, na contemplação de uma falena, de uma borboleta, de uma crisálida, ou numa corrente de água borbulhante. Encontrei-o no Oceano e na passagem de um meteoro. Pressenti-o no olhar de alguns velhos centenários.

Há no céu uma ou duas estrelas, sobretudo uma dupla e lucilante que se encontra próximo da grande estrela da Lira, que vistas com o telescópio me produziram um sentimento análogo. Também experimentei a mesma sensação com certos sons de instrumentos de corda, assim como em algumas passagens das minhas leituras.

Entre outros inumeráveis exemplos lembro-me bem de que em certo livro de Joseph Glanville encontrei qualquer coisa extraordinariamente expressiva e evocadora: «Há nisto uma vontade que não morre. Quem conhece os mistérios da vontade e a sua força? Porque Deus não é mais que uma grande vontade, penetrando todas as coisas com a intensidade que lhe é própria. O homem só cede aos anjos e só se submete por completo à morte pela fraqueza da sua pobre vontade».

Reli e meditei muitas vezes este parágrafo e acabei por estabelecer uma certa, embora longínqua, relação entre as palavras do filósofo e moralista inglês e o caráter de Ligeia. Uma *intensidade* singular no pensamento, na ação, na palavra, seria talvez o resultado, ou, pelo menos, o indício dessa gigantesca potência volitiva, que no decorrer das nossas longas relações havia de dar outras e mais positivas provas da sua existência.

De todas as mulheres que conheci, a plácida Ligeia, de aspeto tão tranquilo, era a presa mais dilacerada pelos tumultuosos abutres da paixão cruel. Eu não podia avaliar essa paixão a não ser pelo milagroso eflúvio daqueles olhos caridosos e ao mesmo tempo assustadores, pela melodia quase mágica, a modulação, a nitidez e doce calma da sua voz profunda, e pela selvagem energia das

estranhas palavras que habitualmente pronunciava e cujo efeito se duplicava contrastando com a forma como as proferia.

Já falei da cultura de Ligeia. Era imensa, não igualada por nenhuma mulher. Conhecia profundamente as línguas clássicas, e, no que diz respeito aos meus próprios conhecimentos das línguas modernas da Europa, nunca a surpreendi na mais pequena falta. No fim de contas, porém, a sua cultura não se revelava só na linguística, mas em qualquer tema de erudição académica. Ligeia não tinha defeito. A conclusão da sua superioridade infinita fazia com que eu me resignasse, com a confiança de um estudante, e me deixasse conduzir por ela no mundo caótico das investigações metafísicas, pelas quais me fez interessar desde os primeiros anos do nosso matrimónio,

Com que delícia triunfal, com que esperança etérea eu via como Ligeia, inclinada sobre mim, desdobrava a admirável perspetiva, a ampla avenida esplêndida e virgem pela qual chegava ao fim de uma sabedoria demasiado preciosa e demasiado divina para não ser proibida! Com que terrível dor não vi depois, ao cabo de alguns anos, que todas essas esperanças fugiam voando rapidamente!

Sem Ligeia, eu não era mais que um menino às apalpadelas na noite. Só a sua presença, as suas lições, podiam iluminar com luz viva os mistérios transcendentais que aprofundávamos.

Privado do fulgor lustral dos seus olhos, toda aquela literatura alada e áurea, de começo, se tornava fastidiosa e pesada como chumbo.

Os seus olhos cada vez iluminavam menos as páginas que eu ia decifrando. Ligeia caiu doente. Os seus olhos estranhos ardiam

com uma luz brilhante de mais, os dedos pálidos tomaram a cor da morte, uma cor transparente e cerúlea. As veias azuis da sua fronte palpitavam impetuosas. Compreendi que ela ia morrer e lutei desesperadamente contra o horrível Azrael.

Com grande espanto meu, os esforços dessa mulher apaixonada foram ainda mais enérgicos. A julgar pela seriedade da sua natureza, supus que a morte chegaria para ela livre de terrores; mas não foi assim.

Não conheço forma para exprimir a feroz resistência que ela desenvolveu nas suas lutas com a Sombra. Eu gemia de angústia ao presenciar aquele lamentável espetáculo. Desejaria acalmá-la, esgotar todos os raciocínios, mas perante a intensidade selvagem do seu desejo de viver — de viver, *nada mais do que viver* — qualquer consolação e qualquer raciocínio seriam o cúmulo da loucura.

No entanto, até ao último momento, no meio das torturas e das convulsões do seu espírito, não desmentiu um só instante a aparente lucidez da sua conduta.

A sua voz tornava-se mais doce, mais profunda, e eu ficava, extasiado a ouvir essa melodia sobre-humana, na qual havia ambições e aspirações que a humanidade não conheceu antes dela. Tive sempre a certeza absoluta da sua ternura e de que, num peito como o seu, o amor era uma paixão avassaladora ; mas só perto da morte compreendi toda a força e toda a grandeza do seu carinho. Passava longas horas com as mãos nas minhas, desafogando o coração demasiado cheio e cujo amor por mim chegava até à idolatria. Ignoro o que fiz para merecer as suas confissões. Ignoro também qual foi o meu delito para que me castigassem

arrebatando-me a minha adorada naqueles doces instantes. Não posso alargar-me muito sob este ponto. Só direi que no abandono mais que feminino de Ligeia a um amor não merecido e, no entanto, concedido gratuitamente, reconheci por fim a razão da sua ardente, da sua selvagem dor por abandonar a vida tão precocemente. Não poderia descobrir esse ardor desordenado, essa veemência no seu desejo de viver, apenas na vida.

Na noite da sua morte, chamou-me para junto do seu leito e obrigou-me a recitar uns versos que compusera uns dias antes. Obedeci:

*Vejam a noite engalanada,
Depois de tantos anos desolados,
E esse coro angélico e alígero
Que oculta as suas lágrimas nos véus.
Sentai-vos no teatro para ver
Um drama de esperanças e temores
Enquanto a orquestra suspira
A música das esferas.
Os adores, tal como o deus que os criou,
Simulam as palavras, em silêncio,
E giram de um extremo a outro extremo
Como pobres bonecos que obedecem
Ao mandato dos seres invisíveis,
Os seres estranhos que os cenários mudam,
E que com asas de condor espalham
A desgraça invisível.
Oh, drama estranho que de ninguém*

*Poderá ser esquecido,
Com seu fantasma eternamente perseguido
E inatingível para a multidão!
Há um circulo que gira, gira sempre,
Sempre em torno, na mesma direção,
E muito de loucura e de pecado,
Que são os fios trágicos da intriga.
Mas olhem: através dos adores,
Um ser rasteja e no recinto entra,
Vermelho e ensanguentado ele contorce-se
E lá do fundo do cenário avança...
Como estremece! Com que mortais ânsias,
Os adores em suas fauces se debatem!
E os serafins soluçam de tristeza.
Vendo que dos seus dentes
Escorre sangue humano.
Já se extinguem as luzes,
Já se apagaram todas,
E sobre a forma trágica e tremente
Desce como um sudário
O pano.
E eis que os anjos, soluçando pálidos,
Erguem-se e revelam
Que este drama é o Homem,
E o seu herói é o Verme.*

— Meu Deus! — exclamou Ligeia soerguendo-se e estendendo os braços para o céu num movimento espasmódico quando terminei

de recitar os versos. — Oh, meu Deus! Pai celestial! É possível que se cumpram irremissivelmente todas estas coisas? O verme não será nunca vencido? Não somos uma parte de Ti mesmo? Quem conhece os mistérios da vontade e a sua força? O homem só cede aos anjos e só se submete à morte pela fraqueza da sua pobre vontade.

E de súbito, esgotada pela comoção, deixou cair bruscamente os braços, e entre os seus últimos suspiros ouvi que saía dos seus lábios, como um murmúrio, o final do pensamento de Glanville: «O homem só cede aos anjos e só se submete à morte pela fraqueza da sua pobre vontade».

Morreu. E eu, esmagado, pulverizado pela dor, não pude suportar muito tempo a espantosa desolação daquela casa na sombria cidade cheia de ruínas, das margens do Reno.

Não me faltava aquilo que o mundo chama fortuna. Além disso, Ligeia dera-me muito mais do que possui a maioria dos mortais. No entanto, passados alguns meses de uma vida de vagabundagem inútil, refugiei-me no fundo de uma abadia, cujo nome não direi, e que adquiri com o fim de me isolar numa das províncias mais incultas e menos frequentadas da bela Inglaterra. A sombria e triste grandeza do edifício, o aspeto quase selvagem dos arredores, as melancólicas e veneráveis recordações ligadas a ele, estavam de acordo com o sentimento de completo abandono da minha alma, que me obrigara a procurar aquela longínqua e solitária região.

Conservei à abadia o seu aspeto exterior, o seu caráter primitivo, e não quis arrancar sequer o musgo que lhe atapetava os muros arruinados. Mas tentei distrair-me, com infantil desejo, das

minhas amarguras, espalhando dentro dela magnificências verdadeiramente régias.

Desde muito novo que tive certa tendência para o fausto e, agora, como consequência da minha dor, regressava aos meus primitivos sentimentos. Ai, de mim! Em todos aqueles esplêndidos e fantásticos tapetes, nas solenes esculturas egípcias, nas talhas medievais e nos móveis de extravagantes arabescos não era difícil descobrir um começo de loucura. O ópio tinha-me escravizado entre as suas garras, e os meus atos e as minhas ideias estavam como que impregnados da cor dos meus sonhos. Não esquecerei nunca aquele refúgio, mil vezes maldito, onde num momento de alienação mental tomei por esposa, depois da inolvidável Ligeia, a *lady* Rowena Trevanion de Tremaine, a da loura cabeleira e olhos azuis. Não esqueci nem um só pormenor daquela alcova nupcial que terei sempre presente ante os meus olhos. Como pôde a altiva família de minha noiva consentir que uma filha tão ternamente amada entrasse naquela casa decorada de tão estranha maneira?

Aquele quarto fazia parte de uma das torres da abadia, fortificada como um castelo, e tinha a forma de um pentágono de grandes dimensões. O lado sul do aposento era uma enorme e única janela formada por um imenso cristal de Veneza, de uma só peça e de cor sombria, que deixava passar o sol e a lua com sinistros fulgores. Por cima dessa enorme janela prolongavam-se os ramos de uma velha parreira abraçada e retorcida sobre os muros da torre. O teto era de roble enegrecido pelo tempo, excessivamente alto e cheio de extravagantes arabescos, semigóticos e semidruídicos.

No centro do artesanado estava suspensa uma lâmpada de ouro. Tinha a forma de um incensório perfurado caprichosamente, de maneira que as luzes multicores pareciam serpentinas. Algumas poltronas e candelabros orientais estavam dispersos pelo aposento e, no centro, ficava o leito nupcial, em estilo indiano, esculpido em ébano maciço e coberto por um baldaquino negro como o de uma câmara ardente. Em cada um dos cantos da alcova havia sarcófagos de granito negro, arrancados das augustas campas de Luxor e lavrados com primorosas esculturas. Mas onde a fantasia mais se manifestava era na tapeçaria. As paredes prodigiosamente altas, desproporcionadas até, estavam cobertas de cima abaixo com uma tapeçaria pesada, feita do mesmo tecido que recobria as poltronas, o baldaquino do leito e as sumptuosas cortinas que quase tapavam a janela. Era um tecido de ouro fino, bordado simetricamente com arabescos e grinaldas caprichosas, que se destacavam em negro sobre fundo doirado. Mas o que havia de curioso nesses desenhos era que, em virtude de um processo que já existia na mais remota antiguidade, mudavam de aspeto e de forma. Quando se entrava no aposento pareciam apenas simples e caprichosas monstruosidades; mas, à medida que se avançava, desaparecia gradualmente esta característica e o visitante via-se rodeado por uma multidão de formas inquietadoras como os cortejos macabros criados pela superstição nórdica ou como os desfiles diabólicos que perturbam os sonhos culposos dos frades. O efeito fantasmagórico dessas figuras de pesadelo aumentava com a passagem de uma corrente de ar contínua, provocada artificialmente, que vinha de trás dos estofos e os fazia ondular em movimentos assustadores.

Tal era a câmara nupcial daquela mansão, onde passei com Rowena Trevanion as ímpias horas do primeiro mês do nosso matrimónio. Devo confessar que não sentia demasiada inquietação; apercebia-me de que minha esposa era taciturna e não nutria grande amor por mim. Mas isso quase me divertia. Eu sentia por ela um ódio quase diabólico e pensava constantemente — e com que intensidade! — em Ligeia, a amada, a augusta, a bela, a morta. Era uma orgia de recordações: comprazia-me com evocar a sua pureza, a sua sabedoria, a sua elevada e etérea natureza, o seu amor apaixonado e idólatra. Consumia o meu espírito numa chama mais violenta que a que inflamou o seu. No entusiasmo dos meus sonhos de ópio gritava o seu nome em voz alta durante o silêncio da noite, durante o dia nos mais sombrios e recônditos refúgios do vale, como se a energia ressuscitasse a paixão solene, e o ardor do meu amor pela defunta pudessem fazê-la voltar àquela vida que abandonou; *para sempre?*

No começo do segundo mês do nosso casamento, *lady* Rowena caiu doente. Durante a noite aumentara-lhe a febre; no meio do delírio, falava de estranhos ruídos produzidos na alcova e que, sem dúvida, eram devidos às influências fantasmagóricas do mobiliário e da tapeçaria.

Mal se tinha restabelecido da sua enfermidade quando esta se agravou nova e subitamente, vendo-se obrigada a guardar o leito, e, desde então, todos os esforços da ciência foram inúteis para lhe devolver a saúde perdida. À medida que o seu mal, tornado crónico, aumentava, crescia nela uma irritação nervosa constante e uma excitação tal que as coisas mais vulgares adquiriam aos seus olhos um terrível aspeto. Nessa altura começou a falar, e cada vez com

maior obstinação, em ruídos e movimentos insólitos atrás das cortinas.

Uma noite, no fim de setembro, insisti com mais energia que nunca na sua preocupação, Despertou de repente, depois de um sonho agitadíssimo, e a modificação brusca do seu rosto enfraquecido encheu-me de ansiedade e de terror. Eu estava sentado à cabeceira da cama, numa das poltronas; minha mulher soergueu-se e, em voz baixa, tornou a falar-me de ruídos que ela escutava mas que eu não podia ouvir, e de movimentos que ela percebia mas que eu não podia perceber.

O vento continuava a correr atrás das tapeçarias e procurei demonstrar-lhe — embora, confesso-o, eu não estivesse muito certo disso — que aqueles suspiros meio articulados e aquelas mudanças quase insensíveis nas figuras negras não eram mais do que o efeito natural da corrente de ar. Mas a sua lividez, cada vez mais profunda, demonstrou-me que todos os meus esforços para a tranquilizar eram inúteis. Supus que perdia o conhecimento e aterrou-me a solidão em que estávamos. Como nenhum criado se encontrava ao alcance da minha voz, atravessei a alcova para ir buscar o remédio que o médico aconselhara para estes casos. Ao passar debaixo da luz da lâmpada senti que qualquer coisa de palpável mas invisível tinha roçado levemente a minha pessoa e vi, sobre a tapeçaria dourada, no centro mesmo do clarão projetado pelo incensório, uma sombra — uma sombra débil, indefinida, de aspeto angélico — tal como poderia ser a sombra de uma sombra. Mas, como estava sob a ação de uma dose excessiva de ópio, não lhe dei a menor importância e não disse nada a Rowena. Encontrei o remédio, atravessei de novo o quarto e enchi o copo que levei aos

lábios de minha mulher. Ela tinha recobrado um pouco as forças e bebeu a poção sem auxílio. Então deixei-me cair sobre o divã.

De súbito, ouvi distintamente um leve ruído de passos sobre o tapete, perto do leito, e, um segundo depois, no preciso instante em que Rowena levava o copo à boca, vi — talvez o sonhasse — vi cair, no copo, como de uma fonte invisível suspensa no ar, três ou quatro gotas de um fluido brilhante, cor de rubi.

Rowena não viu nada : engoliu o líquido sem hesitar e eu não pensei em falar-lhe de uma circunstância que, no fim de contas, talvez fosse filha da autossugestão da minha imaginação excitada, cuja influência mórbida só poderia aumentar o terror de minha mulher — e era porventura o resultado do ópio e das altas horas da noite.

Não posso ocultar, no entanto, que imediatamente após a queda das três gotas vermelhas se deu uma transformação fatal na enfermidade de minha mulher. De tal forma que, na terceira noite, as mãos dos seus servidores a amortalharam e eu fiquei só, com o seu corpo envolto no sudário, nessa câmara fantástica que a recebeu como segunda esposa.

Estranhas visões, que o ópio provocava, voltejavam como sombras em torno de mim. Olhava com olhos inquietos para os sarcófagos, para os cantos escuros do quarto, para as figuras móveis da tapeçaria, para as luzes vermiculares e furta-cores da lâmpada. E, de súbito, o olhar voltou a fixar-se naquele ponto do círculo luminoso onde vira passar a sombra ligeira de uma sombra. Mas desta vez não vi nada; e, respirando já mais livremente, olhei então para o lívido e rígido rosto imóvel sobre o leito. Então acudiram ao meu pensamento todas as recordações de Ligeia. Senti

afluir ao meu coração, com a tumultuosa violência da maré, toda aquela dor inefável que sentira ao vê-la *a ela também* envolta num sudário. A noite avançava e eu continuava com os olhos fixos sobre o corpo de Rowena e com o coração cheio *dela*, essa *ela* única que foi o meu amor supremo.

Cerca da meia-noite, ou talvez depois da meia-noite, porque perdi a noção do tempo, um soluço muito ténue, muito leve, mas muito distinto, despertou-me do meu sonho. *Senti* que vinha do leito de ébano, do leito da morta; apurei o ouvido com a angústia do terror supersticioso. Concentrei o olhar com angustiado esforço, procurando descobrir o menor movimento do corpo. O corpo porém jazia imóvel. E, no entanto, era impossível que eu me tivesse equivocado. Tinha a certeza de ter ouvido o soluço e fixei a minha atenção obstinadamente sobre o cadáver. Passaram alguns minutos, e, pouco a pouco, uma ligeira coloração muito débil, quase impercetível, aqueceu as faces e estendeu-se ao longo das pálpebras cerradas. Sob a ação de um horror e de um terror profundos, senti que as pulsações do meu coração paravam e que os meus membros arrefeciam. Imaginei logo que tínhamos sido precipitados ao fazer os preparativos fúnebres. Rowena ainda vivia. Era necessário agir imediatamente, mas a alcova estava tão separada da parte da abadia onde dormiam os criados que não podia pedir a ajuda deles sem abandonar a câmara mortuária.

Decidi-me, portanto, a agir sozinho, mas ao olhar novamente para o cadáver notei que a cor desaparecera das pálpebras e das faces : a lividez era mais profunda, os lábios crispavam-se ainda mais com o ricto espectral da morte. Uma frialdade e uma viscosidade repulsivas estenderam-se rapidamente sobre toda a

superfície do corpo, sobrevivendo, depois, uma completa rigidez cadavérica. Voltei a cair no divã e abandonei-me novamente ao sonho e à apaixonada evocação de Ligeia.

Decorрera aproximadamente uma hora quando — seria possível, grande Deus? — tive novamente a sensação de que um rumor vago vinha até a mim do leito mortuário. Escutei atentamente e voltei a ouvir um suspiro. Então precipitei-me sobre o corpo e vi, vi claramente que os lábios estremeciam. Um minuto depois abriram-se, descobrindo a linha brilhante dos dentes nacarados. Senti que a vista se me obscurecia, que a razão me abandonava, e só por um violento esforço de vontade tive a coragem de dominar os nervos. Agora, sobre a fronte, as faces e a garganta estendia-se uma imperfeita coloração. O corpo fora penetrado por um calor sensível e até se começaram a notar as pulsações do coração. *Minha* mulher *vivia*, e eu, cheio de terror, procurei ajudar a ressurreição com fricções e por todos os processos que a experiência e as numerosas leituras médicas me sugeriam.

Mas tudo foi inútil. Subitamente, a cor desapareceu, as pulsações cessaram, o «rictus» da morte voltou-lhe aos lábios, e um momento depois todo o seu corpo recobrava a frialdade gelada, o tom lívido, a rigidez completa de um corpo que jazesse na campa há vários dias. Novamente voltei a cair no sonho de Ligeia e de novo — compreenderéis que eu trema ao escrever estas linhas? — *de novo* um soluço afogado saiu do leito de ébano.

Mas para que narrar minuciosamente os inefáveis horrores daquela noite? Bastará dizer que até madrugada se repetiu muitas vezes o terrível drama da ressurreição. A cada nova queda, a morte era mais rígida e mais irremediável; cada nova agonia parecia uma

luta contra um adversário invisível e cada luta era seguida de estranhas alterações na fisionomia de *lady* Rowena.

Já perto da madrugada, a morta moveu-se mais distintamente, embora revelando uma morte mais irreparável. Há muito já que eu cessara todo o esforço e todo o movimento e permanecia desesperadamente enterrado na poltrona.

O corpo, como disse, movia-se; as cores voltaram ao rosto com uma energia singular; os membros perderam a sua rigidez, e, exceto o facto de as pálpebras continuarem pesadamente cerradas e o sudário comunicar ao seu rosto o aspeto sepulcral, dir-se-ia que Rowena sacudira por completo as cadeias da morte. Mas a suposição não tardou em transformar-se em certeza. Não pude duvidar por mais tempo quando, levantando-se do leito, vacilante, com passos débeis, os olhos fechados, como uma pessoa perdida num sonho, aquele ser envolto no sudário avançou audazmente até meio do aposento.

Eu não tremia, não me movia sequer, porque inúmeros pensamentos inexplicáveis, causados pelo aspeto, pela estatura do fantasma, entraram de improviso no meu cérebro, paralisando-o e petrificando-o. Não me movia, mas contemplava a aparição. Era realmente a *viva* Rowena que estava na minha frente? *Aquilo* podia ser realmente Rowena, *lady* Rowena Trevanion de Tremaine, a da cabeleira loura e olhos azuis?

Porque duvidava? O pano branco tapava-lhe a boca. Porque não havia de ser a boca respirante de *lady* Rowena? E as faces? Não eram as rosas meridionais da sua vida? E o queixo, com as suas graciosas covinhas, não era o seu?

Mas *crecera ela depois da sua enfermidade?* Que inexplicável delírio se apoderou de mim perante esta ideia! De um salto, caí a seus pés. Ela fugiu ao meu contacto e libertou a cabeça do horrível sudário. Então, espalhou-se no ar pesado da câmara mortuária uma massa enorme de longos e desordenados cabelos. *Eram mais negros que as asas da meia-noite, a hora que tem a plumagem do corvo.*

E no rosto que tinha na minha frente abriram-se lentamente, lentamente, *os olhos.*

— Oh! Enfim! — exclamei. — Como pude enganar-me?

Eram os olhos, os olhos adoravelmente rasgados, os olhos estranhos do meu amor perdido — os olhos de *lady Ligeia.*

Colóquio entre Eiros e Charmion

Título original: *The Conversation of Eiros and Charmion*

Publicado em 1839

Eiros — Porque me chamas Eiros?

Charmion — Porque assim te chamarás de hoje em diante. Esquece igualmente o meu nome terrestre e chama-me Charmion.

Eiros — Não será isto um sonho?

Charmion — Não há sonhos onde agora estamos; mas deixemos por enquanto esses mistérios. Alegro-me de ver em ti o aspeto da vida e a lucidez da razão. As cataratas da sombra desapareceram já dos teus olhos. Anima-te e não temas nada; os dias da estupefação passaram para ti. Amanhã, eu própria quero introduzir-te nas alegrias perfeitas e nas maravilhas da tua nova existência.

Eiros — Efetivamente não sinto a mínima estupefação. A vertigem e as trevas deixaram-me de todo; já não ouço aquele barulho insensato, precipitado, terrível, semelhante ao rugido do mar. Contudo, Charmion, sobressalta-me a percepção do novo.

Charmion — Isso há de passar depressa; compreendo a comoção que sentes. Por tudo isso passei eu há cerca de dez anos terrestres e ainda não pude perder a lembrança desse alvoroço intraduzível. Mas é o teu último transe, o único pelo qual terás de passar no céu.

Eiros — No céu?

Charmion — Sim, no céu.

Eiros — Oh! meu Deus, tende piedade de mim! Sinto-me esmagada pela majestade de tudo o que me rodeia, pela revelação do desconhecido, pelo Futuro, ontem vaga conjetura, convertido hoje no Presente augusto e certo.

Charmion — Não te entregues por ora a semelhantes pensamentos; amanhã falaremos nisso. As recordações do passado acalmarão melhor a agitação do teu espírito vacilante. Não olhes em redor de ti, nem tão pouco para a frente. Olha para trás. Estou ansiosa por ouvir a narrativa do acontecimento prodigioso que te trouxe aqui. Conta-me isso. Conversemos de coisas familiares e falemos a antiga linguagem desse mundo que acaba de perecer de um modo tão espantoso.

Eiros — Espantoso, sim, e real! Não é sonho.

Charmion — Os sonhos acabaram para nós. Mas conversemos, minha Eiros. Primeiro que tudo diz-me: quando eu morri chorou-se muito por mim lá na terra?

Eiros — Oh! profundamente, Charmion. A tua família nunca mais teve alegria. Até à hora da destruição, pesou sempre sobre nós uma nuvem intensa de saudade e de melancolia.

Charmion — Fala-me dessa última hora. Além do simples facto da catástrofe, não sei de nada. Na época em que saí da fila dos humanos para entrar nos domínios da noite, parece-me que não se pressentia ainda a catástrofe que vos submergiu. Mas é verdade que eu estava pouco ao corrente da filosofia especulativa do tempo.

Eiros — Dizes bem. Aquela catástrofe era absolutamente inesperada. Entretanto acidentes análogos haviam desde muito suscitado discussões entre os nossos astrónomos. Não preciso dizer-

te, minha amiga, que mesmo na época em que nos deixaste já os homens interpretavam as passagens da escritura sagrada, que falam da destruição de todas as coisas pelo fogo, como referindo-se ao globo terrestre. Mas com respeito ao agente imediato da ruína, o pensamento humano perdia-se em conjeturas desde a época em que a ciência astronómica despojara os cometas do seu terrível carácter incendiário. A insignificante densidade desses corpos havia sido evidentemente demonstrada. Tínhamo-los visto atravessar os satélites de Júpiter sem causar a mínima alteração nas órbitas desses planetas secundários. Havia muito tempo que os olhávamos como viajantes inofensivos, criações vaporosas de uma tenuidade inconcebível, incapazes de prejudicar o nosso globo maciço, mesmo no caso de um contacto. Portanto, a ideia de procurar na classe dos cometas o agente ígneo da destruição profetizada era desde longos anos considerada como inadmissível.

Mas ultimamente o espírito do maravilhoso e as imaginações bizarras predominavam singularmente na humanidade e, posto que o receio verdadeiro não pudesse atacar senão os ignorantes, todavia, quando os astrónomos anunciaram um cometa novo, esse anúncio foi recebido com uma espécie de agitação e de desconfiança.

Os elementos do astro estrangeiro, tendo sido logo examinados, todos os observadores reconheceram, de comum acordo, que a sua marcha devia trazê-lo, no periélio, a uma grande proximidade da Terra. Houve dois ou três astrónomos de reputação secundária que sustentaram resolutamente que o contacto era certo. Não te posso descrever o efeito que aquela notícia produziu no mundo. Durante alguns dias recusámo-nos a acreditar numa

asserção que a inteligência humana, materializada nas considerações mundanas, não podia compreender. Mas a verdade, quando se trata de um facto de importância vital, penetra depressa nos espíritos, por mais espessos que estes sejam. Por fim toda a gente viu que a ciência astronómica não mentia.

Esperámos o cometa. Primeiro, a sua aproximação não foi sensivelmente rápida nem o seu aspeto apresentou nada de notável. Era de um vermelho escuro e tinha uma cauda regular. Durante sete ou oito dias o seu diâmetro aparente não sofreu aumento notório. A cor é que variou um pouco. Entretanto, todos os negócios e ocupações ordinárias foram abandonados, absorvidos por uma discussão imensa que se travou entre os sábios relativamente à natureza dos cometas. Os homens mais grosseiros e mais ignorantes elevaram as suas faculdades mesquinhas até àquelas altas considerações. Os sábios empregaram então toda a sua inteligência, todo o seu saber, toda a sua energia; não para diminuir o receio, não já para sustentar uma teoria predileta, mas para procurar a verdade; a verdade e nada mais! Consumiram-se a procura-la! Chamaram em altos brados a ciência perfeita! A verdade ergueu-se na pureza da sua força e da sua excessiva majestade! Os sábios inclinaram-se e adoraram-na.

A opinião de que pudesse resultar do contacto temido um prejuízo real para o nosso globo ou para os seus habitantes todos os dias perdia terreno entre os sábios. Fora demonstrado que a densidade do núcleo do cometa era muito inferior à das camadas mais altas da nossa atmosfera. A passagem inofensiva de um visitante semelhante através dos satélites de Júpiter era um ponto sobre o qual se insistia constantemente e que não serviu de pouco

para diminuir o terror. Os teólogos, com um zelo animado pelo medo, persistiam nas profecias bíblicas, explicando-as ao povo com uma retidão e uma simplicidade da qual até ali nunca haviam dado exemplo. A destruição final da terra devia operar-se pelo fogo, diziam eles com uma eloquência que impunha por toda a parte a convicção — mas os cometas não eram de natureza ígnea. Essa verdade, que ninguém ignorava já, punha-nos ao abrigo de recear, por agora, a grande catástrofe profetizada.

É notável que os erros e os preconceitos populares relativos às pestes e às guerras, preconceitos que ressuscitavam de cada vez que aparecia um cometa novo, não tivessem figurado então. Parece que o bom senso, fazendo um esforço supremo, derrubara, de repente, do trono a superstição. O excesso do interesse atual havia dado energia até às inteligências mais fracas.

Os desastres de pequena gravidade que podiam resultar do contacto foram assunto de laboriosas discussões. Os sábios falavam de ligeiras perturbações geológicas, de alterações prováveis nos climas e por conseguinte na vegetação, da possibilidade de influências magnéticas e elétricas. Muitos sustentavam que não se produziria nenhum efeito visível.

Enquanto estas discussões continuavam, o objeto delas avançava progressivamente, dilatando-se de um modo visível e aumentando de esplendor. À sua aproximação toda a humanidade empalideceu. Suspenderam-se todos os trabalhos terrestres.

Houve uma fase assinalada no curso do sentimento geral; foi quando o cometa atingiu finalmente uma grandeza que ultrapassava a de qualquer outra aparição de que houvesse memória. O mundo então, privado da última esperança (de que os

astrónomos podiam ter-se enganado), sentiu toda a certeza da desgraça. O terror tinha perdido o seu carácter quimérico: os corações mais valentes da nossa raça palpitavam de medo e poucos dias bastaram para converter essas primeiras provações em receios mais intoleráveis ainda.

Não podíamos já aplicar ao meteoro estrangeiro as noções ordinárias. Os seus atributos históricos haviam desaparecido; o seu aspeto terrível oprimia-nos pela *novidade* da emoção. Víamo-lo não já como um fenómeno astronómico no céu, mas como um pesadelo que nos esmagava o coração, como uma sombra medonha pairando sobre as nossas cabeças. A sua forma agora era a de um manto gigantesco de chamas vermelhas, sempre estendido sobre a terra em todas as direcções.

Passou mais um dia; os homens respiraram melhor. Era evidente que estávamos já sob a influência do cometa e vivíamos ainda! Gozávamos até de uma elasticidade de membros e de uma vivacidade de espírito anormais. A excessiva tenuidade do objeto terrível era manifesta, porque através dele víamos distintamente todos os corpos celestes. Ao mesmo tempo a vegetação prodigiosamente alterada aumentava a nossa fé nas palavras dos sábios, que haviam predito aquela circunstância. Os vegetais ostentavam repentinamente uma superabundância de folhagem desconhecida até então.

Passou-se outro dia. O flagelo não estava absolutamente sobre nós, mas já se conhecia que o núcleo era a primeira parte do cometa que devia tocar-nos. Os homens sofreram então uma alteração nova: a primeira sensação de dor foi o rebate terrível das lamentações e do horror geral. Esse primeiro sentimento de dor

consistia numa constrição cruel do peito e dos pulmões, e numa secura de pele insuportável. Não se podia negar que a nossa atmosfera estava radicalmente atacada; a composição da atmosfera e as modificações a que podia estar sujeita foram desde logo os pontos de discussão. O resultado do exame foi um estremecimento elétrico de terror intraduzível através do coração universal do homem.

Sabia-se, desde longo tempo, que o ar que nos envolvia era composto de vinte e uma partes de oxigénio e setenta e nove de azoto. O oxigénio, princípio da combustão e veículo do calor, era absolutamente necessário à manutenção da vida animal e representava o agente mais poderoso e mais enérgico da natureza. O azoto, ao contrário, era impróprio para sustentar a vida ou a combustão animal. Do aumento anormal do oxigénio devia resultar a elevação da vitalidade que nós tínhamos já experimentado. Era a ideia dessa ampliação continuada e levada ao extremo que criava o terror. O que devia resultar da extração total do azoto? Uma combustão irresistível, devoradora, onnipotente, imediata! O cumprimento terrível e exato das profecias flamejantes do Livro Santo.

É necessário relatar-te, Charmion, o desespero frenético que se apoderou então dos homens? A tenuidade da matéria do cometa, que fora primeiro a nossa esperança, era agora o nosso desespero. Na sua natureza impalpável e gasosa, percebíamos claramente a consumação do destino.

Passou-se ainda um dia, mas esse dia levou consigo a última sombra de esperança! A rápida modificação do ar sufocava-nos; o sangue revolvia-se-nos tumultuosamente nas veias. Os homens

arrebatados num delírio furioso erguiam os braços inteiriçados para o céu ameaçador, soltando gritos lancinantes.

Contudo, o núcleo exterminador estava agora sobre nós! Mesmo aqui, no céu, não posso falar disso sem tremer! Serei breve, breve como a catástrofe. Durante um momento não se viu mais que uma luz estranha, lúgubre, que nos envolvia por todos os lados. Depois (prostrámo-nos, Charmion, ante a suprema majestade do Deus todo poderoso!), depois ouviu-se um som estrepitoso que ecoou por toda a terra, tremendo, penetrante, como se houvesse saído da própria boca do Criador! E toda a massa de éter que nos cercava flamejou, de repente, numa labareda intensa cuja luz maravilhosa e devorante calor não têm nome, nem mesmo entre os anjos, no céu, onde a ciência é pura!

Assim acabou o mundo.

O Homem das Multidões

Título original: *The Man of the Crowd*

Publicado em 1840

Houve quem dissesse muito judiciosamente de certo livro alemão: *Es Ioesst sich nicht lesen* (não se deixa ler). Do mesmo modo há segredos que não se deixam revelar.

Quantos homens morrem nos seus leitos torcendo convulsivamente as mãos dos espectros que os confessam e cravando neles olhos lastimáveis! Quantos morrem com o desespero na alma, convulsionados pelo horror dos mistérios que não querem ser revelados! Algumas vezes, ai!, a consciência humana geme sob o peso de um horror tão fundo que só o tumulto pode aliviá-la desse fardo. Assim a essência do crime não pode jamais ser explicada.

Ainda não há muito tempo, ao cair de uma tarde de outono, estava eu sentado à janela do hotel D... em Londres. Convalrescia então de uma doença de alguns meses e, à medida que ia recuperando as forças, sentia-me numa destas disposições felizes que são precisamente o contrário do aborrecimento; disposições em que a apetência moral está vivamente estimulada pelo desaparecimento das cataratas que cobriam a visão espiritual; em que o espírito eletrizado ultrapassa tão prodigiosamente as suas faculdades ordinárias que a ingénua e sedutora divisa de Leibnitz vence a retórica louca e fraca de Górgias. A simples ação de

respirar era um gozo para mim; e mesmo de coisas muito plausíveis para desgosto a minha sensibilidade tirava um prazer positivo. Tudo me inspirava interesse e curiosidade. Durante a maior parte da tarde, com um cigarro na boca e um jornal em cima dos joelhos, diverti-me ora a ver os anúncios, ora a observar a sociedade mista do salão, ora a olhar para a rua através dos vidros embaciados pelo fumo.

A rua do hotel D..., uma das principais artérias da cidade, estivera todo o dia cheia de gente. Com o cair da noite, a multidão aumentara ainda, de sorte que, ao acender dos revérberos, duas correntes de povo, espessas e contínuas, desfilavam por defronte da porta. Aquele oceano tumultuoso de cabeças humanas penetrava-me de uma emoção deliciosa e perfeitamente nova. Nunca me sentira numa situação semelhante àquela em que me achava nesse momento particular da noite. Por fim, deixei de prestar atenção alguma ao que se passava no hotel, absorto na contemplação da cena interior.

As minhas primeiras observações foram abstratas e gerais, olhando os transeuntes em massa e não os considerando senão na sua harmonia coletiva. Depois descí ao detalhe e examinei, com um interesse minucioso, as inumeráveis variedades de figuras, de *toilettes*, de aspetos, de andamentos, de rostos e de expressões fisionómicas.

A maior parte dos que passavam tinham o ar decidido de quem vai em serviço e pareciam não pensar senão em abrir caminho através da multidão. O seu aspeto era carrancudo e os olhos moviam-se-lhes nas órbitas com extraordinária vivacidade; quando eram empurrados por algum transeunte vizinho,

concertavam o fato e seguiam para diante sem mostrarem o mínimo sintoma de impaciência.

Outros (uma classe ainda muito numerosa), vermelhos, inquietos nos seus movimentos, falavam consigo mesmos e gesticulavam, como que sentindo-se sós pelo próprio facto da multidão inumerável que os cercava. Esses, quando alguém lhes impedia o caminho, deixavam logo de resmonear, mas redobravam de gesticulação e, com um sorriso exagerado, esperavam a passagem da pessoa que lhes servia de obstáculo. Se os empurravam, cumprimentavam profusamente os empurradores e pareciam ficar muito confusos. Nestas duas classes de homens, além das circunstâncias que acabo de notar, não havia nada de característico. O seu vestuário pertencia a esta ordem que está exatamente definida pela palavra: decente. Eram, sem dúvida nenhuma passeantes, procuradores, negociantes, fornecedores, agiotas, enfim, o ordinário banal da sociedade; homens ociosos e homens ativamente ocupados de negócios pessoais, conduzindo-os sob a sua própria responsabilidade. Esta gente não me mereceu grande atenção.

A raça dos caixeiros saltava aos olhos. Aí distingui duas divisões notáveis. Havia os caixeiros das lojas de modas, mancebos esterlicados dentro dos seus fraques, com botas brilhantes, cabelo perfumado e ar petulante. Pondo de parte um certo não sei quê de rococó nas maneiras, que cheirava a metro e a paninho a léguas de distancia, o género destes indivíduos pareceu-me o exato fac-símile do que fora a perfeição do bom tom doze ou dezoito meses atrás. Quero dizer que apresentavam o rebotalho das graças da *gentry* e isto compreende, a meu ver, a melhor definição desta classe.

Quanto aos primeiros caixeiros das casas sólidas, ou *steady old fellows*, era impossível confundi-los. Conheciam-se pelos seus fatos pretos ou escuros, de uma aparência confortável, pelas suas gravatas e coletes brancos; pelos sapatos largos e sólidos com meias grossas ou polainas. Tinham todos a cabeça um pouco calva e a orelha direita singularmente derrubada pelo hábito de trazer a pena. Observei que tiravam e tornavam a pôr o chapéu com as duas mãos e que traziam os relógios presos por cadeias de ouro, de um feitio sólido e antigo. A sua afetação era a respeitabilidade (não pode haver afetação mais honrosa).

Havia também um bom número de indivíduos de aparência brilhante que reconheci logo por pertencerem à raça dos gatunos de alta esfera, de que todas as cidades grandes estão infestadas. Estudei curiosamente esta espécie de *gentry* e pareceu-me incrível como chegam a passar por verdadeiros *gentlemen*, mesmo entre os próprios *gentlemen*. A exageração dos punhos e o seu ar de franqueza excessiva deviam traí-los à primeira vista.

Os jogadores de profissão (e descobri uma boa quantidade deles) reconheciam-se ainda melhor. As suas *toilettes* eram variadíssimas, desde a do perfeito proxeneta trapaceiro, de colete de veludo, gravata vistosa, corrente de chumbo dourado e botões de filigrana, até à *toilette* clerical escrupulosamente simples, incapaz de levantar a mínima suspeita. Todos porém se distinguiam por uma cor baça e doentia, por não sei que obscuridade vaporosa do olhar, pela compressão e palidez dos lábios. Havia, ainda, outros dois sinais que me permitiam logo detetá-los: um tom baixo e reservado na conversação e uma disposição mais do que ordinária

para estender o dedo polegar até formar um ângulo reto com os outros dedos.

Muitas vezes, em companhia destes marotos, vinham outros um pouco diferentes. Contudo via-se que eram aves da mesma pena. Podemos defini-los assim: *gentlemen* que vivem do seu espírito. Esta raça divide-se em dois batalhões para explorar o público: género dandy e género militar. Na primeira classe, as características principais são longos cabelos e sorrisos; na segunda, longos casacos e franzimentos de sobrolho.

Descendo a escala do que se chama *gentility*, achei assuntos de meditação mais negros e mais profundos. Vi bufarinheiros judeus com os olhos de falcão brilhantes, em fisionomias cujo resto não era senão abjeta humildade. Mendigos de profissão empurrando pobres de melhor espécie a quem só o desespero lançara nas sombras da noite para implorar a caridade.

Inválidos fraquíssimos, semelhantes a espectros, sobre os quais a morte havia já pousado mão segura, que coxeavam ou vacilavam através da multidão, erguendo para todos olhos suplicantes como que em busca de alguma consolação fortuita, de alguma esperança perdida! Raparigas honestas regressando de um labor prolongado a um lar sombrio e tremendo, mais tristes que indignadas, diante das olhadelas dos atrevidos, cujo contacto direto não podiam mesmo evitar. Prostitutas de todas as espécies e de todas as idades; a beleza incontestável no primor da sua feminidade, fazendo lembrar a estátua de Luciano, cuja superfície era mármore de Paros e o interior cheio de imundícies; a leprosa em andrajos, repelente e absolutamente decaída; a bruxa velha, rugosa, pintada, estucada, carregada de bijutarias, fazendo uma

última tentativa para a mocidade; a criança pura, apenas formada, mas já experiente, por uma longa camaradagem, nas monstruosas provocações do seu comércio e ardendo em desejos de ser classificada ao nível das suas primogénitas no vício. Bêbados inumeráveis e indiscreíveis. Estes esfarrapados, cambaleantes, desarticulados, com o rosto pisado e os olhos turvos; aqueles com os fatos inteiros ainda, porém sujos, uma arrogância irresoluta no olhar, lábios grossos e sensuais, rostos rubicundos e sinceros; outros, vestidos de pano, que noutra tempo havia sido bom e ainda agora escrupulosamente escovados; alguns caminhando com passo firme e mais largo que o natural, mas cujas fisionomias eram terrivelmente pálidas, os olhos atrozmente espantados e vermelhos e que, no seu andar extravagante através da multidão, agarravam com os dedos trémulos todos os objetos que se achavam ao seu alcance. Depois vinham os pasteleiros, os moços de recados, os carvoeiros, os limpa-chaminés, com os tocadores de órgão, os saltimbancos, os trovadores ambulantes. Por fim os artistas maltrapilhos e os operários de todas as espécies, esgotados pelo trabalho. E toda aquela turba ia com uma atividade ruidosa e desordenada cujas discordâncias mortificavam o ouvido e produziam nos olhos uma sensação dolorosa.

À medida que a noite se profundava, profundava-se também o meu interesse pela cena; porque não só se ia alterando o carácter geral da multidão (as suas feições mais nobres desvanecendo-se com a retirada gradual da melhor parte da povoação e realçando-se as mais grosseiras à medida que o adiantamento da hora tirava da toca novas espécies de infâmia), mas os raios dos bicos de gás, fracos primeiro, enquanto lutavam com o crepúsculo da tarde,

tinham agora vencido e derramavam sobre todos os objetos uma luz brilhante e agitada. Tudo era negro, mas resplandecente, como aquele ébano com o qual comparavam o estilo de Tertuliano.

Os estranhos efeitos da luz obrigaram-me a reparar nas fisionomias dos indivíduos, e bem que a rapidez com que aquela multidão fugia diante da janela não me permitisse lançar sobre cada rosto senão uma vista de olhos, parecia-me, contudo, que graças à minha singular disposição moral podia ler, muitas vezes, no breve intervalo de um olhar, a história de longos anos.

Com a fronte encostada aos vidros, ocupava-me assim a examinar a multidão quando descobri, de repente, uma fisionomia (a de um velho decrépito de sessenta e cinco a setenta anos), uma fisionomia que me atraiu e absorveu logo a atenção pela sua absoluta idiosincrasia. Nunca vira na minha vida expressão semelhante àquela. Lembro-me que o meu primeiro pensamento, ao vê-lo, foi que Retzch, se o houvesse contemplado, tê-lo-ia preferido grandemente às figuras que lhe serviram de modelo para pintar o seu demónio.

Como eu procurava, durante o curto instante de um primeiro olhar, fazer uma análise qualquer do sentimento geral que aquela criatura estranha me comunicara, senti elevar-se-me confusa e paradoxalmente no espírito as ideias da vasta inteligência, da circunspeção, da cupidez, da avareza sórdida, do sangue frio, da perversidade, da sede sanguinária, do triunfo, da alegria, do excessivo terror, do desespero intenso e supremo. Senti-me singularmente estimulado, absorto, fascinado. Quão extraordinária deve ser — digo eu comigo mesmo — a história escrita naquele

peito! Veio-me então um desejo ardente de não perder o homem de vista, sem saber alguma coisa a seu respeito.

Enfiei precipitadamente o meu *paletot*, peguei no chapéu e na bengala, e marchei para a rua, metendo-me pelo meio da multidão, na direção que lhe tinha visto tomar, porque a singular criatura havia já desaparecido. Descobri-o por fim, não sem alguma dificuldade. Aproximei-me e segui-o de muito perto, com grandes precauções, de forma a que ele não desse por mim.

Podia agora estudá-lo à minha vontade. Era baixo, muito magro e aparentemente fraco. Trazia o fato porco e rasgado, mas quando passou defronte de um candelabro reparei que a sua camisa, apesar de suja, era de boa qualidade; e se os olhos não me enganaram, através de um rasgão do capote evidentemente comprado em segunda mão, que o envolvia todo, brilhavam um diamante e um punhal. Estas observações excitaram-me a tal ponto a curiosidade que resolvi seguir o desconhecido por toda a parte onde lhe aprobevesse ir.

Era já noite cerrada e o nevoeiro espesso, que pairava sobre a cidade, ia-se convertendo em chuva grossa e contínua. Aquela mudança de tempo produziu um efeito bizarro sobre a multidão, que se agitou com um movimento novo, escondendo-se sob um mundo de chapéus de chuva.

A ondulação, os encontrões e o zunzum das vozes tornaram-se dez vezes mais fortes. Pela minha parte não fiz grande caso da chuva (ardia-me ainda no sangue um resto de febre antiga, de sorte que a humidade para mim, embora perigosa, era uma voluptuosidade). Atei um lenço à volta do pescoço e deixei-me ir. Durante mais de meia hora o velho lutou com dificuldades para

abrir caminho através da grande artéria e eu então quase que tinha de caminhar em cima dele para não o perder de vista. Mas como nunca se voltava para trás, não podia dar por mim. Daí a pouco meteu-se por uma travessa, a qual, embora cheia de gente, não estava tão atulhada como a rua principal que acabávamos de deixar. Quando chegou ali começou a andar lentamente, com uma certa hesitação. Atravessou e tornou a atravessar a multidão diferentes vezes sem fim algum aparente; e a multidão era tão espessa que cada movimento novo me obrigava a segui-lo mais de perto. A rua era estreita e comprida. O homem passeou-a durante cerca de uma hora e nesse meio tempo a turba dos transeuntes reduziu-se, a pouco e pouco, à quantidade de gente que se vê de ordinário em Broadway, perto do parque, tão grande é a diferença entre a concorrência de Londres e a da cidade americana mais populosa.

Uma segunda mudança de itinerário levou-me a uma praça brilhantemente iluminada, exuberante de vida. Então as maneiras do homem voltaram à primeira forma: deixou pender a barba sobre o peito, ergueu os olhos por baixo das sobancelhas carregadas, olhou para todos os lados e apressou o passo. Causou-me surpresa vê-lo voltar para trás depois de ter dado a volta à praça e fiquei ainda mais admirado quando o vi recomeçar aquele passeio umas poucas de vezes. De uma vez, ao voltar-se subitamente, ia-me descobrindo. Este exercício levou-lhe ainda uma hora, durante a qual a quantidade de transeuntes havia diminuído consideravelmente. A chuva caía grossa, o ar resfriava, cada um tratava de se recolher.

Com um movimento de impaciência, o homem errante passou para uma rua obscura, relativamente deserta. Depois desatou a correr (durante cerca de um quarto de milha) com uma agilidade que eu não teria nunca suspeitado num ser tão velho. A sua agilidade era tal que me custava a segui-lo. Pouco depois desembocámos num bazar vasto e tumultuoso. O desconhecido, que apresentava sempre um ar apropriado às localidades, retomou o seu andar primitivo, furando por aqui e por ali através da multidão de compradores e vendedores.

Durante a hora ou hora e meia que divagámos naquele lugar, tive de fazer uso de uma total prudência para não o perder de vista sem ao mesmo tempo lhe atrair a atenção. Felizmente as minhas galochas de borracha não faziam no solo o mínimo ruído; por isso, o nosso homem não chegou nunca a perceber que era seguido. Ele entrava sucessivamente em todas as lojas, não comprava nada, não dizia uma palavra e mirava tudo com um olhar vago e espantado. A sua conduta maravilhava-me cada vez mais, estimulando-me a não o largar enquanto não tivesse satisfeito a minha curiosidade.

Ao soar das onze horas, toda a gente se deu pressa a sair do bazar. Tendo sido empurrado por um lojista, que fechava apressadamente os mostradores, o homem estremeceu violenta e convulsivamente, saiu para a rua, olhou um instante com ansiedade em redor de si, depois marchou, com uma velocidade incrível, através de muitas travessas tortuosas e desertas, até chegarmos outra vez à grande rua do hotel de onde havíamos partido. Contudo, o aspeto da rua tinha mudado. O gás dos revérberos continuava a brilhar, mas a chuva caía copiosamente e apenas de

vez em quando se viam alguns viandantes. O desconhecido empalideceu. Deu alguns passos, com um ar triste, na avenida há pouco populosa, depois suspirou profundamente, tomou a direção do rio e, internando-se num labirinto de travessas e becos afastados, chegou finalmente defronte de um dos teatros principais, que estava prestes a fechar e cujo público se precipitava para a rua por todas as portas. O homem abriu a boca, como que para respirar, e meteu-se no meio da multidão. Ao mesmo tempo pareceu-me ver diminuir a tristeza profunda da sua fisionomia. Deixou pender outra vez a cabeça sobre o peito e retomou a forma sob a qual me aparecera da primeira vez. Observei que se dirigia sempre para onde o apertão era maior; mas de resto não pude compreender absolutamente nada do seu comportamento bizarro.

Entretanto, o público ia-se dispersando e na mesma proporção voltaram ao velho a sua tristura e as suas hesitações. Seguiu de perto, durante muito tempo, um grupo de dez ou doze estroinas, mas pouco a pouco, um a um, o número diminuiu, reduzindo-se a três indivíduos que ficaram todos numa rua estreita, obscura e pouco frequentada. Então o desconhecido fez uma pausa e pareceu ficar, durante um momento, imerso em profundas reflexões. De súbito, com uma agitação evidente, enfiou a toda a pressa por um caminho que nos conduziu ao extremo da cidade, a regiões muito diferentes das que havíamos atravessado até ali.

Estávamos agora no bairro mais insalubre de Londres, onde todos os objetos têm o estigma horrível da pobreza misérrima e do vício incurável. À luz accidental de um revérbero sombrio, apercebiam-se as casas de pau, altas, antigas, carunchosas, ameaçando ruína e em direções tão várias e tão numerosas que

mal se podia adivinhar, no meio delas, a aparência de uma passagem. As pedras da calçada, expulsas dos seus alvéolos pela relva triunfante, andavam espalhadas ao acaso; as valas das ruas estavam obstruídas pelas imundícies estagnadas. Toda a atmosfera regurgitava de desolação. Contudo, à medida que avançávamos, sentíamos reavivarem-se gradualmente os ruídos da vida humana. Por fim apareceram, oscilantes por aqui e por acolá, vastos bandos de homens dos mais infames que compõem a povoação de Londres. O espírito do velho tornou a palpitar, como a luz de um candeeiro prestes a extinguir-se. Avançou outra vez com um passo elástico. De repente, ao quebrar de uma esquina, apareceu-nos a luz flamejante de um desses templos enormes suburbanos da intemperança, um palácio do demónio Gin.

Era quase madrugada, mas a turba dos bêbados miseráveis apertava-se ainda em torno da faustosa porta. Ante aquele espetáculo tumultuoso, o velho deu quase um grito de alegria; retomou logo a fisionomia primitiva e começou a passar e a repassar em todos os sentidos, pelo meio da multidão, sem fim algum aparente. No entanto, não havia ainda muito tempo que ele se entregava àquele exercício quando um movimento anormal na direção das portas anunciou que o taverneiro achava estar na hora de fechar. O que observei então na fisionomia do ser singular que me inspirava tanto interesse foi alguma coisa mais intensa do que o desespero. Todavia, sem um momento de hesitação e com uma energia louca, voltou imediatamente atrás, ao centro da poderosa Londres. Correu ligeiramente durante muito tempo (e eu sempre atrás dele, com um espanto crescente que me incitava cada vez

mais a não abandonar uma investigação na qual o meu espírito se absorvia tão inteiramente).

Enquanto prosseguíamos a nossa carreira, levantou-se o sol. Quando chegámos outra vez ao ponto de reunião comercial da populosa cidade, a rua do hotel D... apresentava um aspeto de atividade e de movimento humanos quase igual ao que havíamos presenciado na noite precedente. E ainda ali, no meio da confusão sempre crescente, obstinei-me longo tempo a seguir o desconhecido.

Como de ordinário ele passeava de um para o outro lado e em todo o dia não saiu do turbilhão daquela rua. Aproximavam-se já as sombras da segunda noite... Eu estava extenuado! Então, estacando defronte do homem errante, olhei-o intrepidamente. Mas sem me prestar a mínima atenção, continuou o seu passeio solene, ao passo que eu, tendo renunciado a persegui-lo mais tempo, ficava absorto e pasmado na sua contemplação!

Este velho, disse eu por fim para comigo, é o tipo e o génio do crime profundo: o homem que não pode estar só, o homem das multidões. Segui-lo-ia em vão, pois nunca chegaria a saber coisa alguma, nem dele nem das suas ações!

Um coração perverso é um livro mais repelente do que o *Hostulus animae*; e é talvez uma das grandes misericórdias de Deus que *es loesst sich nicht lesen* (que não se deixa ler).

Colóquio entre Monos e Una

Título original: *The Colloquy of Monos and Una*

Publicado em 1841

Una — *Ressuscitado?*

Monos — Sim, bela e adorada Una, *ressuscitado*. Tal era a palavra sobre cujo sentido místico meditei tanto tempo, desprezando as explicações da padralhada, até que a morte veio, ela própria, trazer-me a chave do enigma.

Una — A Morte!

Monos — Como as tuas palavras fazem eco das minhas, doce Una! Os teus passos vacilam e brilha-te nos olhos um alvoroço anormal! Vê-se que estás ainda perturbada, oprimida pela novidade majestosa da Vida Eterna! Sim, era da Morte que eu falava. Mas como esta palavra parece estranha agora, esta palavra que, noutro tempo comunicava a tristeza a todos os corações e desluzia todos os prazeres!

Una — Ah! a Morte, o espectro terrível que se sentava a todas as mesas! Quantas vezes eu e tu, Monos, nos perdemos em conjeturas a seu respeito! Como ela se erguia, autoridade suprema e misteriosa, ante a ventura humana, dizendo: *Daqui não se passa!* Lembras-te, meu Monos, como, ao princípio, o amor nos fazia felizes e como nos lisonjeávamos, em vão, de ver progredir com ele a nossa ventura! Ai! esse amor progrediu, mas com ele progredia, nos nossos corações, o terror da hora fatal que devia separar-nos

para sempre! E assim, com o tempo, o amor tornou-se-nos um suplício; o ódio ter-nos-ia sido uma misericórdia!

Monos — Não te lembres mais dessas penas, querida Una; minha agora, minha para sempre!

Una — Meu amigo, não é na lembrança das mágoas passadas que consiste a alegria do presente? Deixa-me falar muito tempo, muito tempo ainda das penas que já não existem. Conta-me os incidentes da tua viagem através da Sombra e do negro Vale. Tenho imenso desejo de os conhecer!

Monos — Jamais a radiante Una pedirá em vão seja o que for ao seu Monos! Contar-te-ei tudo minuciosamente; mas, diz-me, em que ponto devo começar a narrativa misteriosa?

Una — Em que ponto?

Monos — Sim, em que ponto?

Una — Compreendo, Monos. A morte revelou-nos a ambos a tendência do homem a definir o indefinível. Não direi pois: *começa no ponto em que a vida para*, mas sim: *começa nesse momento de tristeza infinda, em que, a febre tendo desaparecido, caíste num torpor sem respiração nem movimento; quando os meus dedos trémulos de amor cerravam as tuas pálpebras lívidas.*

Monos — Deixa-me dizer-te primeiro, minha Una, duas palavras acerca da condição geral do homem nessa época. Deves lembrar-te que um ou dois sábios de entre os nossos antepassados (sábios verdadeiros, bem que a opinião do mundo não os considerasse assim) tinham ousado duvidar da propriedade da palavra Progresso, aplicada à marcha da nossa civilização. Durante os cinco ou seis últimos séculos, que precederam a nossa morte, aparecia sempre, de vez em quando, uma ou outra inteligência

vigorosa, lutando corajosamente por estes princípios cuja evidência ilumina agora a nossa razão emancipada, enfim, dos prejuízos terrestres; princípios, que deveriam ter ensinado à raça humana a deixar-se guiar pelas leis naturais sem querer submete-las à sua crítica. De tempos a tempos apresentavam-se pois alguns espíritos soberanos para os quais todos os progressos nas ciências práticas não eram senão um resumo na ordem da verdadeira utilidade. Às vezes, o espírito poético (que nós sabemos agora a mais sublime de todas as faculdades; visto que as verdades mais importantes só podiam ser-nos reveladas por essa analogia, cuja eloquência, irresistível para a imaginação, não tinha poder algum sobre a razão enferma e solitária) às vezes, digo, o espírito poético passou além da filosofia cega, inferindo da parábola mística da árvore da ciência e do seu fruto proibido, gerador de morte, uma advertência clara, a saber: que a ciência não convinha ao homem, durante a menoridade da sua alma. E esses homens, os poetas, que viviam e morriam desprezados pelos utilitários, pedantes rudes que usurpavam um título do qual só os desprezados eram dignos, os poetas referiram os seus devaneios e as suas justas saudades a esses dias primitivos em que os desejos do homem eram tão simples como penetrantes os seus gozos, em que a palavra alegria era desconhecida, tão profunda e invariável era a felicidade humana! Dias santos, augustos e abençoados quando os rios azulados corriam a transbordar das colinas invioladas, prolongando-se ao longe nas florestas primitivas, odoríferas e virgens!

Contudo essas nobres exceções ao absurdo em geral só serviam de o avigorar pela oposição. Ai! os piores de todos os nossos dias maus eram chegados. O *Grande impulso* (tal era a

linguagem da época), perturbação mórbida, moral e física, caminhava sempre! A arte... as artes, quero dizer, foram elevadas à dignidade suprema e, uma vez instaladas sobre o trono, subjugarão a inteligência que as havia elevado. O homem, que não podia deixar de reconhecer a majestade da natureza, cantou nesciamente vitória pelas suas conquistas progressivas sobre os elementos da mesma natureza. Mas enquanto ele se pavoneava, fingindo-se Deus, acometia-o-uma imbecilidade infantil! Como se poderia ter previsto desde a origem da doença, infetaram-no logo uma quantidade de sistemas e de abstrações; embaraçaram-no as generalidades.

Entre outras ideias bizarras, predominava a da igualdade universal. E à face de Deus e da analogia (em despeito dos brados das leis da gradação, que tão intimamente penetram todos os objetos do céu e da terra), fizeram-se esforços insensatos para estabelecer uma democracia universal. Este mal era a consequência necessária do primeiro: a ciência. O homem não podia, ao mesmo tempo, submeter-se e saber.

Entretanto, edificaram-se um sem número de cidades enormes e famosas. As folhas verdes torceram-se sob o hálito ardente dos fornos. O formoso rosto da natureza parecia desfigurado pelos estragos de alguma doença repugnante. O sentimento do forçado e do investigar demasiado teria devido deter-nos naquele ponto. Mas parece que pervertendo o gosto, ou antes esquecendo-nos de o cultivar nas escolas, tínhamos concluído loucamente a própria destruição. Porque, na verdade, em semelhante crise só o gosto (esta faculdade que sendo o intermédio entre a pura inteligência e o senso moral não pode nunca ser desprezada impunemente)

haveria então tido o poder de nos fazer voltar ao belo, à natureza e à vida! Mas, ai!, puro espírito contemplativo e majestosa intuição de Platão! Ai! *Mousiké* compreensiva que ele considerava, com justiça, como educação suficiente para a alma! Ai! onde estáveis? Era exatamente quando havíeis desaparecido no esquecimento e no desprezo universais que o mundo vos chamava com desespero.

Pascal, um filósofo a quem ambos amávamos, cara Una, disse (com que verdade!) que *todo o raciocínio se reduz a ceder ao sentimento*. Assim, se a época o tivesse permitido, talvez que o sentimento do natural tivesse retomado o seu antigo ascendente sobre a selvagem razão matemática das escolas. Mas não podia ser. A decrepitude do mundo aproximava-se prematuramente, trazida pelas orgias da ciência. É o que a massa da humanidade não via ou o que fingia não ver, vivendo com sofreguidão, posto que sem felicidade.

Quanto a mim, a história da terra havia-me ensinado a esperar a ruína mais completa como prémio inevitável da mais alta civilização. A comparação da China, simples e robusta, com a Síria arquiteta, o Egito astrólogo e a Núbia ainda mais subtil, mãe turbulenta de todas as artes, tinha-me dado a presciência do nosso destino. Os anais desses países haviam-me mostrado um reflexo do futuro. As especialidades industriais destes três últimos reinos eram doenças locais da terra, e a ruína de cada uma foi a aplicação do remédio local; mas para o mundo infetado em globo não havia regeneração possível senão na morte. Ora o homem não podendo, como raça, ser destruído conclui que lhe era preciso renascer.

E era então, bela e querida Una, que os nossos espíritos divagavam quotidianamente pelo país dos sonhos. Era então que

discorríamos à hora do crepúsculo sobre os dias futuros, quando a epiderme da terra cicatrizada, tendo sofrido esta purificação (a única coisa que podia fazer desaparecer as suas abominações retangulares), tornaria a ostentar as verduras, as colinas e as águas risonhas do paraíso e voltaria a ser uma habitação apropriada ao homem; ao homem purificado pela morte; ao homem cuja inteligência enobrecida não acharia mais um veneno na ciência; ao homem resgatado, regenerado, beatificado, desde então imortal, contudo revestido ainda da matéria!

Una — Lembro-me perfeitamente dessas conversações, querido Monos, mas a época do fogo destruidor não estava tão próxima como imaginávamos e como a corrupção de que falas nos dava certamente razão de acreditar. Os homens viveram e morreram individualmente. Tu mesmo, vencido pela doença, desceste ao túmulo, onde a tua constante Una não tardou a seguir-te. E bem que os nossos sentidos adormecidos não tenham sido torturados pela impaciência, nem tenham sequer percebido a longa duração do século que se passou depois e cuja revolução final nos restituiu um ao outro, contudo, caro Monos, passou-se ainda um século!

Monos — Diz antes um ponto no vago infinito. A minha morte realizou-se incontestavelmente durante a decrepitude da terra. Fatigado de mágoas provenientes da desordem e da decadência geral, sucumbi à febre cruel que me atacou. Depois de poucos dias de sofrimento e de muitos dias cheios de delírios, de sonhos e de êxtases fui, como dizes, acometido por uma letargia, sem respiração nem movimento, e as pessoas que me rodeavam disseram que era a morte. As palavras são coisas vagas; o meu

espírito não me privava do sentimento, era pouco mais ou menos a extrema quietação de uma pessoa que, tendo dormido muito tempo profundamente, imóvel, prostrada sob a calmaria do solstício ardente, começa a voltar lenta e furtivamente a si sem atentar no movimento exterior.

Não respirava. O pulso estava imóvel. O coração havia cessado de bater. A volição não tinha desaparecido, mas era ineficaz. Os meus sentidos gozavam de uma atividade insólita, posto que exercendo-a de um modo irregular e usurpando reciprocamente as suas funções ao acaso. O sabor e o olfato misturavam-se numa confusão inextricável, não formando já senão um sentido anormal e intenso. A água de rosas com que me humedeceste ternamente os lábios no momento supremo dulcificava-me o espírito com ideias de flores, flores fantásticas, infinitamente mais belas do que flor alguma da terra antiga semelhantes às que vemos hoje florescer em torno de nós. As pálpebras, transparentes e exangues, não opunham o mínimo obstáculo à visão. Como a vontade estava suspensa, os globos não podiam mover-se nas órbitas, mas todos os objetos situados ao alcance do hemisfério visual eram percebidos mais ou menos distintamente; os raios que caíam sobre a retina externa ou no canto do olho, produzindo um efeito mais vivo do que os que batiam na superfície interna ou a atacavam de frente. Contudo, no primeiro caso esse efeito era tão anormal que me parecia mais um som; som doce ou discordante, conforme os objetos que se apresentavam ao meu lado; eram luminosos ou sombrios; arredondados ou angulosos. Ao mesmo tempo o ouvido, posto que sobre-excitado, não tinha nada de irregular na sua ação, apreciando

os sons reais com uma precisão não menos hiperbólica que a sua sensibilidade. O tato, esse, sofrera uma mudança mais notável. As suas impressões vinham lentamente, mas conservavam-se e produziam sempre um prazer físico dos mais pronunciados.

Assim, a pressão dulcíssima dos teus dedos sobre as minhas pálpebras não foi, ao princípio, percebida senão pelo órgão da visão; mas por fim, e longo tempo depois de os teres retirado, embriagou-me com um prazer sensual inapreciável. Digo: um prazer sensual. Todas as minhas percepções eram puramente sensuais. Quanto aos materiais fornecidos pelos sentidos ao cérebro passivo, a inteligência morta, incapaz de os trabalhar, não lhes dava forma alguma. Havia em todas aquelas sensações um pouco de dor, muita voluptuosidade, mas nem a sombra de um prazer ou de um desgosto moral. Os teus soluços impetuosos fluíam-me no ouvido com todas as suas cadências doridas, apreciados em todas as variações dos seus tons melancólicos, mas eram notas musicais e nada mais, não trazendo à razão extinta a mínima noção das dores que os causavam, ao passo que a copiosa e incessante chuva de lágrimas que caía sobre o meu rosto penetrava-me simplesmente de êxtase. E, na verdade, era realmente a Morte, de quem todos os assistentes falavam respeitosamente e em voz baixa; e tu, minha doce Una, com voz convulsiva, entrecortada de soluços e de gritos!

Três ou quatro figuras sombrias que passavam e repassavam de um para o outro lado com ar azafamado vestiram-me para o túmulo. Quando estas figuras atravessavam a linha direta da minha visão afetavam-me como *formas*; mas quando passavam ao meu lado, as suas imagens traduziam-se-me no cérebro por gritos,

gemidos e outras expressões lúgubres, de terror, de repugnância ou de sofrimento. Só as ondulações do teu vestido branco, em qualquer direção que te agitasses, vibravam sempre musicalmente em redor de mim.

O dia baixava, e à medida que a luz se esvaecia acometia-me uma inquietação vaga (uma ansiedade semelhante à de um homem que dorme ao som de ruídos tristes e reais; sons de sinos longínquos, solenes e periódicos, acompanhando-lhe algum sonho melancólico). A noite veio, e com as suas sombras, uma desolação profunda que me oprimia todo com um peso enorme, palpável! Havia também um som lúgubre, assaz semelhante ao eco longínquo da ressaca, mas mais moderado, que começara ao crepúsculo e aumentara com as trevas. De repente, iluminaram o aposento e, no mesmo instante, interrompeu-se o tal eco prolongado, transformando-se em explosões frequentes, desiguais, com o mesmo som, mas menos lúgubres e menos distintos. A opressão esmagadora diminuiu em grande parte. Senti brotar da chama de cada lâmpada (eram muitas) um canto de uma monotonia melodiosa. E quando, aproximando-te do leito em que eu jazia, vieste graciosamente sentar-te ao meu lado, exalando o perfume desses lábios deliciosos e pousando-os sobre a minha fronte, ergueu-se-me no peito uma perturbação trémula, confusa, semelhante às sensações puramente físicas, produzidas pelas circunstâncias; alguma coisa análoga à própria sensibilidade; um sentimento que apreciava em parte o teu amor ardente e a tua dor e quase lhes correspondia. Mas esse sentimento não se implantava no coração paralisado; parecia mais uma sombra que uma realidade e esvaeceu-se rapidamente, primeiro com uma quietação

extrema, depois com um prazer puramente material, como primitivamente.

E então, do naufrágio, do caos de todos os sentidos pareceu elevar-se em mim um sexto sentido absolutamente perfeito. A sua ação era um deleite esquisito, mas físico, sendo que a inteligência não se lhe associava de modo algum. O movimento no ser animal havia cessado completamente. Nenhuma fibra tremia, não vibrava um único nervo nem uma artéria palpitava. Mas parecia que no meu cérebro tinha nascido este não sei quê do qual palavra alguma pode dar uma concepção, mesmo confusa, a uma inteligência puramente humana. Deixa-me defini-lo assim: vibração do pêndulo mental. Era a personificação moral da ideia abstrata do Tempo. É pela igualação absoluta desse movimento, ou de algum outro análogo, que são regidos os ciclos dos globos celestes. Foi assim que medi as irregularidades do pêndulo do fogão e as dos relógios das pessoas presentes, cujos tiquetaques me soavam harmoniosamente ao ouvido. Os seus desvios mais ligeiros (e esses desvios eram frequentes) afetavam-me exatamente como, entre os vivos, a violação da verdade abstrata afeta as faculdades morais. Posto que não houvesse, em todo o aposento, dois movimentos que marcassem os segundos exatamente, não me custava nada a reter imperturbavelmente no espírito o timbre de cada uma das suas diferenças relativas. E este sentimento da duração, vivo, perfeito, existindo propriamente, sem dependência de uma série qualquer de factos (modo de existência talvez incompreensível para o homem) essa ideia, esse sexto sentido, surgindo das minhas ruínas, era o primeiro passo sensível, decisivo, da alma intemporal para os umbrais da Eternidade.

Era meia noite. Tu continuavas sentada ao meu lado; os outros, depois de me haverem metido no caixão, tinham deixado o quarto da Morte. As vacilações das luzes traduziam-se em mim pelos trinados dos cantos monótonos. Mas, de repente, esses cantos diminuíram de clareza e de volume e por fim cessaram. Extinguiram-se os perfumes; desapareceram da visão todas as imagens. O meu peito foi aliviado da opressão das Trevas. Percorreu-me o corpo uma comoção surda, seguida do desaparecimento total da ideia do tato.

Tudo o que restava dos chamados sentidos do homem fundiu-se na simples consciência da entidade e no sentimento único e imutável do Tempo. A Destruição irremediável havia por fim aniquilado o corpo mortal.

E, portanto, a sensibilidade não havia desaparecido de todo, porque a consciência e o sentimento substituíam algumas das suas funções por meio de uma intuição letárgica. Eu percebia a mudança horrorosa que começava a operar-se na carne; contudo, assim como o homem, em sonhos, tem às vezes a consciência da presença corporal de alguém, assim também eu sentia vagamente a minha doce Una sentada junto de mim.

Do mesmo modo, quando chegaram as doze horas do outro dia, a minha quase inconsciência pôde ainda apreciar os movimentos que se seguiram. Tu desapareceste! Fecharam-me no caixão, colocaram-me no carro mortuário e conduziram-me ao túmulo. Depois meteram-me lá dentro, carregaram-me de terra e deixaram-me só com os vermes, no escuro e na podridão, entregue ao meu sono triste e solene!

E ali, naquela prisão que tão poucos segredos tem a revelar, passaram-se os dias, as semanas, os meses, e a alma contava escrupulosamente cada segundo que corria e registava a sua fuga sem esforço e sem objeto.

Passou-se um ano. A consciência do ser tornara-se gradualmente mais confusa, dominada, em grande parte, pela da localidade. A ideia da identidade afogara-se na ideia do lugar. O pequeno espaço que confinava o que outrora havia sido corpo constituía agora o próprio corpo. Por fim, como acontecia às vezes sobre a terra ao homem profundamente adormecido, (o sono e o mundo do sono são as únicas imagens da morte) quando um raio de luz o fazia estremecer, deixando-o meio desperto, meio engolfado nos sonhos, assim surgiu para mim, nas profundezas da Sombra, a única luz que podia talvez fazer-me estremecer: a luz do Amor imortal! Levantaram a terra húmida que me encerrava na fria noite do túmulo e sobre os meus ossos descarnados desceu o caixão de Una! E depois tudo voltou ao Nada. Aquela luz nebulosa extinguiu-se. Aquele tremor impercetível desvaneceu-se outra vez na imobilidade. Decorreram lustros e lustros. A poeira voltou a ser poeira. Acabara-se o pasto dos vermes. O sentimento do ser havia por fim desaparecido inteiramente. Em seu lugar, em lugar de tudo o mais, reinavam, autocratas supremos e eternos, o Lugar e o Tempo. Para *o que não era nada*; para o que não tinha forma, nem pensar, nem sentimento; para o que estava sem alma e não possuía já um átomo de matéria; para aquele nada e para aquela imortalidade, o túmulo era ainda um habitáculo: as horas corrosivas uma sociedade.

Leonor

Título original: *Eleonora*

Publicado em 1841

Sub conservatione formae specificae salva anima.

— Raimond Lully

Eu sou oriundo de uma raça caracterizada pelo vigor da fantasia e pelo ardor da paixão. Os homens chamaram-me doido; mas ainda não está resolvido o problema — se a loucura é ou não a suprema inteligência — se muito do que é glorioso — se tudo o que é profundo — não tem a sua origem numa doença do pensamento — em modalidades do espírito exaltadas à custa das faculdades gerais. Aqueles que sonham de dia sabem muitas coisas que escapam àqueles que somente de noite sonham. Nas suas vagas visões obtêm relances de eternidade, e, quando despertam, estremecem ao verem que estiveram mesmo à beira do grande segredo. Penetram, sem leme nem bússola, no vasto oceano da «luz inefável»; e de novo, como os aventureiros do geógrafo núbio, *aggressi sunt mare tenebrarum, quid in eo esset exploraturi.*

Diremos, então, que estou doido. Concordo, pelo menos, em que há dois estados distintos da minha existência mental — o estado de uma razão lúcida, que não pode ser contestada, e pertencente à memória de acontecimentos que constituem a primeira época da minha vida — e um estado de sombra e dúvida,

que abrange o presente e a recordação do que constitui a segunda grande era do meu ser. Por consequência, acreditai tudo o que eu disser do primeiro período da minha existência; e dai ao que eu vier a contar dos derradeiros tempos o crédito que se vos afigurar justo; ou ponde-o completamente em dúvida; ou, se não puderdes duvidar, fazei de Édipo e procurai decifrar o seu enigma.

Aquela que na minha mocidade eu amei, e de quem agora, serena e lucidamente, estou traçando estas recordações, era a filha única da única irmã de minha mãe havia muito falecida.

Minha prima chamava-se Leonor. Havíamos sempre vivido juntos, sob um sol tropical, no vale de Many-Coloured Grass. Jamais viandante algum aventurou seus passos por aquele vale; pois estendia-se por entre uma cadeia de montes gigantescos, que sobre ele debruçavam as suas escarpas, vedando o acesso dos raios solares aos seus mais aprazíveis recônditos. Nas suas proximidades atalho algum jamais fora trilhado, e, para chegarmos ao nosso ditoso lar, não precisávamos de afastar, com força, a folhagem de milhares de árvores florestais, nem de esmagar milhões de fragrantes flores. Assim vivíamos nós sozinhos, nada sabendo do mundo para além do vale — eu, minha prima e sua mãe.

Das obscuras regiões de além dos montes, no extremo superior dos nossos domínios, descia um estreito e profundo rio, que excedia em brilho e limpidez tudo menos os claros olhos de Leonor; e, serpeando furtivamente em intrincados meandros, embrenhava-se por fim através de uma sombria garganta, por entre montes ainda mais negros do que aqueles de que brotara. Denominávamo-lo o «Rio do Silêncio», pois as suas águas pareciam ter a faculdade de tudo emudecer. Do seu leito nenhum murmúrio

se erguia, e tão de mansinho ia desfiando o seu curso que os diáfanos seixinhos que esmaltavam o fundo e que nós tanto gostávamos de contemplar, permaneciam absolutamente imóveis, refulgindo eternamente no velho sítio onde um dia se quedaram.

A margem do rio e de muitos cintilantes riachos que, por tortuosos rodeios, a ele afluíam, bem como os espaços que das margens desciam até o leito de seixos do fundo das águas — todos estes lugares, não menos do que toda a superfície do vale, desde o rio até as montanhas que o circundavam, eram tapetados por uma relva verde, macia, espessa, curta, perfeitamente lisa e perfumada a baunilha, mas tão profusamente matizada com botões de ouro, margaridas, violetas e asfódelos, que a sua extraordinária beleza falava aos nossos corações, com eloquência e paixão, do amor e da glória de Deus.

E, aqui e além, em maciços que se diriam antes matas de sonhos, brotavam fantásticas árvores, cujos altos e esguios troncos se não erguiam a prumo, mas, torcendo-se, inclinavam-se para a luz que ao meio dia irrompia pelo centro do vale. A sua casca apresentava ao mesmo tempo o esplendor do marfim e da prata e era mais macia do que tudo menos as macias faces de Leonor; de sorte que, se não fora o verde brilhante das enormes folhas que das suas copas se alastravam em linhas compridas e trémulas, embaladas pelos zéfiros, poderia alguém imaginá-las gigantescas serpentes da Síria prestando homenagem ao seu Soberano — o Sol.

De mãos dadas, durante quinze anos, vagueei eu com Leonor por este vale, antes de o Amor penetrar em nossos corações. Era uma tarde, ao cerrar-se o terceiro lustro da sua vida e o quarto da minha: nós estávamos sentados, abraçados um no outro, debaixo

das árvores-serpentes e contemplávamos as nossas imagens refletidas no espelho das águas do «Rio do Silêncio. Nem mais uma palavra pronunciámos durante o resto daquele doce dia, e na manhã seguinte ainda as nossas palavras eram trémulas e raras. Do fundo das águas havíamos tirado o deus Eros, e agora sentíamos que havíamos ateado dentro de nós as almas ardorosas dos nossos maiores. As paixões que durante séculos haviam caracterizado a nossa raça acudiam agora de tropel com as fantasias que os haviam igualmente distinguido e bafejavam venturas e bênçãos sobre o vale de Many-Coloured Grass. Tudo como por encanto mudou. Sobre as árvores onde jamais se conhecera uma flor desabrocharam agora estranhas flores em forma de estrela. Tornaram-se mais carregados os tons das alfombras de verdura; e quando, uma a uma, murcharam as brancas margaridas, surgiram, em seu lugar, dez a dez, os asfódelos da cor dos rubis. E a vida brotava nos nossos atalhos; pois o alto flamingo, até aqui nunca visto, com todas as alacres e variegadas aves, ostentava ante nós a sua plumagem escarlata. Peixes de ouro e de prata acorriam agora ao rio, de cujo seio se erguia, de mansinho, um murmúrio que, por fim, foi engrossando até se transformar numa suave melodia mais divina do que a da harpa de Éolo, mais doce do que tudo menos a voz de Leonor. E agora, também uma enorme nuvem, que por muito tempo dominara as regiões do Hesper, avançara num deslumbramento de carmesim e ouro e viera pairar serenamente sobre nós, descendo dia a dia até pousar sobre os cumes dos montes, transfigurando-os com o seu glorioso esplendor, e encerrando-nos, como que para todo o sempre, dentro de uma mágica prisão de magnificência e glória.

O encanto de Leonor era o de um Serafim; mas ela era uma rapariga ingênua e simples como a curta vida que vivera entre as flores. Nenhum artifício mascarava o amor que lhe estava no coração, e ela examinava comigo os seus mais íntimos recessos, quando juntos passeávamos no vale de Many-Coloured Grass e conversávamos sobre as notáveis transformações que nele ultimamente se haviam operado.

Um dia, finalmente, tendo falado, banhada em pranto, da triste e derradeira transformação que a Humanidade deve sofrer, nunca mais deixou de discutir este doloroso assunto, intercalando-o em todas as nossas conversas, como nos cantos do bardo de Schiraz estão constantemente ocorrendo as mesmas imagens, a cada passo repetidas em cada impressionante variação de frase.

Ela tinha visto que o dedo da Morte se lhe cravara no seio — que, como o efémero, ela fora feita perfeita em encanto e beleza somente para morrer; mas para ela os terrores do túmulo apenas consistiam numa apreensão, que uma tarde, ao crepúsculo, ela me revelou passeando comigo pelas margens do «Rio do Silêncio». O que a penalizava era pensar que, após havê-la sepultado no vale de Many-Coloured Grass, eu abandonaria para sempre aquelas ditosas paragens, transferindo o amor, que só dela tão apaixonadamente agora era para alguma rapariga do mundo exterior e banal. E, então, ao ouvir-lhe exprimir este pesar, atirei-me aos pés de Leonor e jurei-lhe que nunca me ligaria pelo casamento a filha alguma da Terra — que jamais eu, fosse de que maneira fosse, trairia a sua querida recordação ou a recordação do devotado afeto que tamanha ventura trouxera à minha vida. Invoquei o onipotente Senhor do Universo como testemunha da pia solenidade do meu

juramento. E a maldição que de Deus e dela impetrei, no caso de eu atraiçoar o meu juramento, envolvia uma pena cujo extraordinário horror me não permite referi-la aqui.

Os claros olhos de Leonor tornaram-se mais claros, quando eu assim exprimi o carinho que a prendia à minha vida; suspirou, como se do peito lhe arrancaram um peso mortal; tremeu e chorou amargamente; mas (que era ela senão uma criança?) aceitou o juramento, que lhe tornava mais macio o leito da morte. E disse-me, não muitos dias depois, finando-se tranquilamente, que, em vista do que eu fizera para alívio e consolo do seu espírito, velaria sempre por mim depois de morta, e, se tal lhe fosse permitido, voltaria visivelmente a visitar-me nas vigílias da noite; se, porém, isto ultrapassasse o que às almas no Paraíso é permitido, dar-me-ia, pelo menos, frequentes indicações da sua presença, suspirando sobre mim nos ventos da tarde ou enchendo o ar que eu respirasse com o perfume dos turíbulos dos anjos. E, com estas palavras nos lábios, exalou a sua inocente vida, pondo termo à primeira época da minha.

Até aqui é fiel o relato que fiz. Mas, quando transponho a barreira formada pela morte da minha amada e penetro na segunda era da minha existência, sinto uma sombra empolgar-me o cérebro e não confio na perfeita sanidade das minhas palavras. Mas prossigamos.

Os anos foram-se arrastando pesadamente e eu continuei habitando no vale de Many-Coloured Grass; — mas uma segunda transformação se operara em todas as coisas. As flores estreladas secaram nas árvores e não mais reapareceram. Apagaram-se os matizes do verde tapete de relva; e, um a um, murcharam os

rubros asfódelos, e, em seu lugar, surgiram, dez a dez, escuras violetas contorcidas e sempre carregadas de orvalho.

A Vida desapareceu dos nossos atalhos; o alto flamingo já não exibia ante nós a sua plumagem escarlate, mas tristemente fugiu do vale para os montes com todas as alacres aves multicores que em sua companhia haviam vindo. Os peixes de ouro e de prata nunca mais esmaltaram o nosso doce rio. A suave melodia que encantara mais do que a harpa de Éolo e fora mais divina do que tudo menos a voz de Leonor, foi-se a pouco e pouco extinguindo, sumindo-se em murmúrios cada vez mais débeis, até que, por fim, o rio voltou à solenidade do seu primitivo silêncio. E então ergueu-se de novo a enorme nuvem, e, abandonando os píncaros dos montes à sua antiga tristeza, recuou para as regiões do Hesper, e consigo levou todo o áureo esplendor e todas as radiosas magnificências que por alguns anos transfiguraram o vale de Many-Coloured Grass.

Todavia, as promessas de Leonor não ficaram no olvido; pois eu ouvia os sons do baloiçar dos turíbulos dos anjos; correntes de um sagrado perfume flutuavam permanentemente sobre o vale; nas horas ermas, quando o meu coração palpitava pesadamente, os ventos que me refrescavam a fronte vinham carregados de brandos suspiros; indistintos murmúrios enchiam muitas vezes o ar da noite; e uma vez — oh, mas só uma vez! eu fui despertado de um sono, que se me afigurava o sono da morte, pela pressão duns lábios espirituais sobre os meus.

Mas o vácuo dentro do meu coração recusava-se, ainda assim, a ser preenchido. Tinha saudades do amor que o enchera a transbordar. Por fim o vale fazia-me sofrer pelas recordações de

Leonor, e abandonei-o então para sempre, trocando-o pelas vaidades e pelos turbulentos triunfos do mundo.

Encontrei-me dentro de uma estranha cidade, onde todas as coisas poderiam ter servido para me apagarem da lembrança os doces sonhos que por tanto tempo sonhara no vale de Many-Coloured Grass. O luxo e a pompa de uma corte majestosa, o doido clangor das armas e a radiosa beleza das mulheres desvairaram-me e embriagaram-me o cérebro. Até aqui, porém, ainda a minha alma permanecera fiel aos seus juramentos, e nas horas silentes da noite ainda até mim chegavam as revelações da presença de Leonor.

De súbito cessaram estas manifestações; o mundo escureceu de todo ante os meus olhos; e eu quedei-me espavorido ante o escaldante pensamento que me possuía — ante as terríveis tentações que me empolgavam; pois de muito longe, de uma terra distante e ignota, viera para a alegre corte do rei que eu servia, uma menina a cuja beleza todo o meu perjuro coração imediatamente se rendeu — a cujos pés me curvei sem uma luta, no mais ardente, no mais abjeto culto de amor.

Que era, na verdade, a minha paixão pela rapariguinha do vale comparada com o fervor e o delírio, o alucinado êxtase de adoração com que eu depunha toda a minha alma em pranto aos pés da etérea Hermengarda? — Oh, que deslumbrante era a angélica Hermengarda! e na minha alma para ninguém mais havia lugar. — Oh, que divina era a celestial Hermengarda! e quando eu

sondava as profundezas dos seus olhos inolvidáveis, só neles pensava — só neles e *nela*!

Casei; não me arreceei da maldição que invocara; nem senti o amargor de haver infringido um juramento solene.

Mas uma vez, no silêncio da noite, chegaram até mim, através das minhas persianas, os brandos suspiros que havia muito eu já não ouvia; e, numa voz familiar e doce, percebi estas palavras que jamais esquecerei:

— Dorme em paz! — pois o Espírito do Amor reina e governa, e, acolhendo no teu apaixonado coração aquela que se chama Hermengarda, tu és absolvido, por motivos que só no céu te serão explicados, dos juramentos que fizeste a Leonor!»

Os Crimes da Rua Morgue

Título original: *The Murders in the Rue Morgue*

Publicado em 1841

As faculdades de espírito que se definiram pelo termo «analíticas» são elas próprias muito pouco suscetíveis de análise. Não as apreciamos senão pelos seus resultados. O que sabemos, entre outras coisas, é que elas são para aquele que as possui num grau extraordinário uma das mais intensas fontes de prazer. Do mesmo modo que o homem forte se regozija com a sua aptidão física e se compraz com os exercícios que põem os seus músculos em ação, a análise orgulha-se desta atividade espiritual cuja função é a de discernir. Sente mesmo prazer nas ocasiões mais triviais em que põe o seu talento em jogo. Apaixonam-no os segredos, enigmas figurados, hieróglifos. Manifesta em cada uma das soluções uma forte perspicácia, que vulgarmente assume um caráter sobrenatural. Os resultados habilmente deduzidos pelo próprio espírito e essência do seu método revelam realmente intuição.

Esta faculdade de «resolução» é talvez baseada num estudo intenso das matemáticas e, em particular, no mais elevado grau desta ciência, que muito impropriamente e devido simplesmente às suas operações retrógradas se designou análise, como se ela fosse análise por excelência. Porque, em suma, todo o cálculo não é em si uma análise.

Um jogador de xadrez, por exemplo, faz perfeitamente uma coisa sem a outra, pelo que se deduz que este jogo não é devidamente apreciado quanto aos seus efeitos sobre o espírito.

Não quero escrever um tratado de análise, mas apenas pôr em evidência, no início de um singular relato, algumas observações apanhadas aqui e ali e que lhe servirão de prefácio.

Aproveito, portanto, esta ocasião para proclamar que o grande poder de reflexão é bem mais ativo e mais utilmente explorado pelo modesto jogo de damas que por toda a laboriosa futilidade do xadrez. Neste último jogo em que todas as pedras são dotadas de movimentos diversos e estranhos, e representam valores diferentes e variados, a complexidade é tomada — erro bastante comum — por profundidade. A atenção é o principal neste jogo.

Se enfraquece por um instante, comete um grande erro, do qual resulta uma perda ou uma grande derrota. Como os movimentos possíveis não são somente variados, mas desiguais em «potência», as oportunidades de semelhantes erros são múltiplas; em nove de dez casos é o jogador mais atento que ganha e não o mais hábil.

Nas damas, pelo contrário, em que o movimento é simples e não sofre senão poucas variações, as probabilidades de inadvertência são muito menores, e a atenção não sendo absoluta e completamente monopolizada, todas as vantagens alcançadas por cada um dos jogadores não podem ser adquiridas senão por uma perspicácia superior.

Para pôr de parte essas abstrações, suponhamos um jogo de damas em que a totalidade das peças seja reduzida a quatro «damas», e onde naturalmente não há ocasião de se entregar a

distrações. É evidente que a vitória não pode ser decidida — se as duas partes são absolutamente iguais — senão por hábil tática resultante de qualquer esforço poderoso do intelecto. Privado de recursos vulgares, o analítico perscruta o espírito do seu adversário, identifica-se com ele e muitas vezes descobre num relance o único meio — um meio algumas vezes absurdamente simples — de o induzir a um erro ou de o precipitar num falso cálculo.

Por muito tempo se citou o *whist* pela sua ação sobre a faculdade de cálculo: e conheceram-se homens de uma grande inteligência que pareciam ter um prazer incompreensível e desdenhavam o xadrez como um jogo frívolo. Com efeito, não há nenhum jogo análogo que faça trabalhar mais a faculdade de análise. O melhor jogador de xadrez da cristandade não pode nunca ser outra coisa senão o melhor jogador de xadrez; mas a potência do *whist* implica com o poder de vencer em todas as especulações, assim como noutras importantes em que o espírito se debate com outro espírito.

Quando digo força, digo esta perfeição ao jogo que compreende a inteligência em todos os casos, dos quais se pode legitimamente obter benefício.

Eles são não só diversos, mas complexos, e são subtraídos muitas vezes da profundidade de pensamentos absolutamente inacessíveis a uma inteligência vulgar. Observar atentamente é recordar-se distintamente: e, sob esse ponto de vista, o jogador de xadrez é capaz de uma atenção muito intensa e jogará muito bem ao *whist*, porque as regras de Hoyle, baseadas elas próprias num simples mecanismo do jogo, são facilmente e em geral inteligíveis.

Por conseguinte, ter uma memória fiel e proceder segundo a razão são pontos que constituem para o vulgar o *summum* do bom jogador. Mas é para os casos que fogem à regra que o talento da análise se manifesta: faz em silêncio uma infinidade de observações e de deduções. Os seus parceiros fazem outras tantas, talvez; e a diferença de extensão nos conhecimentos assim adquiridos, não permanece tanto na validade da dedução, como na qualidade de observação. Importa saber, sobretudo, o que é preciso observar. O nosso jogador não se confina ao seu jogo, e, se bem que este jogo seja o objetivo da sua atenção, não rejeita por isso as deduções que surgem de objetos estranhos ao jogo.

Ele examina a fisionomia do parceiro e compara-a cuidadosamente com a de cada uma dos seus adversários. Considera a maneira como cada um distribui as cartas; conta muitas vezes, graças aos olhares que deixam escapar os jogadores satisfeitos, com os trunfos *honneurs*, um a um.

Repara ainda em cada expressão fisionômica, à medida que o jogo se desenrola e recolhe o necessário dos pensamentos, das expressões variadas de confiança, de surpresa, de triunfo ou de mau humor. Pela forma de apanhar uma vaza, adivinha se a mesma pessoa pode fazer uma outra em seguida. Reconhece se o que foi jogado na mesa é um disfarce astucioso. Uma palavra acidental, involuntária, uma carta que cai ou que se volta por acaso, que se apanha com ansiedade ou imprevidentemente; o contar das vazas e a ordem com que são arrumadas; o embaraço, a hesitação, a vivacidade, o nervosismo. Tudo é para ele sintoma, diagnóstico, e influi para esta percepção — intuição aparente — do verdadeiro estado das coisas. Quando se fazem as duas ou três primeiras

jogadas, ele conhece a fundo o jogo que está em cada mão, e pode desde então jogar as suas cartas com perfeito conhecimento de causa, como se todos os outros jogadores tenham mostrado as deles.

A faculdade de análise não deve ser confundida com o simples engenho; porque enquanto o analista é forçosamente engenhoso, acontece muitas vezes que o homem engenhoso é absolutamente incapaz de analisar. A faculdade de combinar, ou construtividade, que os frenologistas — erram, quanto a mim — consideram um órgão à parte, supondo que ela seja uma faculdade primordial, apareceu em seres cuja inteligência era limítrofe da idiotice, bastantes vezes para atrair a atenção geral dos escritores psicológicos. Entre o engenho e a aptidão analítica há uma diferença muito maior do que entre o imaginativo e a imaginação, mas de um caráter rigorosamente análogo. Em suma, ver-se-á que o homem engenhoso está sempre cheio de imaginação è que o homem imaginativo não passa de um analítico. A narrativa que se segue será para o leitor um comentário elucidativo das proposições que acabei de expor.

Morava eu em Paris — durante a primavera e uma parte do verão de 18... — quando travei aí conhecimento com um certo C. Auguste Dupin. Este jovem *gentleman* pertencia a uma excelente família, uma ilustre família mesmo; mas, devido a imensos acontecimentos desastrosos, ficou numa tal pobreza que sucumbiram todas as energias do seu caráter e acabou por se aventurar na vida a tentar restabelecer a fortuna. Graças à cortesia dos seus credores, ficou de posse de um resto do seu património, e do rendimento que recebia dele, arranhou forma, devido a uma

economia rigorosa, de fazer face às necessidades da vida, sem se inquietar absolutamente nada com as coisas supérfluas. Os livros eram na verdade o seu único luxo, e em Paris obtêm-se facilmente.

O nosso primeiro encontro ocorreu num obscuro gabinete de leitura da Rua Montmartre, por um acaso, quando estávamos ambos à procura do mesmo livro, bastante notável e muito raro. A partir de então passámos a ver-nos com frequência. Interessei-me profundamente pela sua historiazinha de família, que ele me contava minuciosamente com a candura e o à vontade — a semcerimónia do eu — que é próprio de todos os Franceses quando falam dos seus próprios negócios. Fiquei muito admirado com a prodigiosa vastidão das suas leituras e acima de tudo senti o meu espírito enlevado pela fresca vitalidade da sua imaginação. Ao procurar em Paris certos objetivos que consistiam o meu único estudo, vi que a companhia de semelhante homem seria para mim um tesouro incalculável e desde então dediquei-me francamente a ele. Decidimos enfim que viveríamos juntos todo o tempo da minha estada nesta cidade. E, como os meus negócios eram um pouco menos complicados que os seus, encarreguei-me de alugar e de mobilar, num estilo apropriado à melancolia fantástica dos nossos dois caracteres, uma casinha antiga e estranha, de cujas superstições nós desdenhámos, bem como do motivo que a teria feito abandonar — quase que em ruínas, e situada numa rua solitária de Saint-Germain.

Se a rotina da nossa vida neste lugar fosse conhecida no mundo, nós teríamos passado por dois doidos — talvez daqueles do género inofensivo. A nossa reclusão era completa; não recebíamos nenhuma visita. O lugar do nosso retiro permaneceu um segredo —

cuidadosamente guardado — para os meus antigos camaradas, e havia vários anos que Dupin deixara de ver gente e de percorrer Paris. Nós não vivíamos senão um para o outro.

O meu amigo tinha um humor estranho. Como defini-lo? Amava a noite, pelo amor à noite; ela era a sua paixão, e eu mesmo participava tranquilamente nesta mania, como em todas as outras que lhe pertenciam, deixando-me levar ao sabor de todas as suas estranhas originalidades num perfeito abandono. A negra divindade não poderia morar sempre connosco, mas fechávamos as pesadas persianas do nosso casebre, acendíamos duas velas muito perfumadas que não davam senão uma luz muito fraca e muito pálida. Apenas com esta débil claridade a nossa alma entregava-se aos seus sonhos: líamos, escrevíamos ou falávamos, até que o relógio nos anunciava a verdadeira escuridão. Então, andávamos pelas ruas abraçados, continuando a conversa do dia, caminhando ao acaso até a uma hora tardia e procurando através das luzes desordenadas e das trevas da populosa cidade, essas inumeráveis excitações espirituais que o estudo calmo não pode proporcionar.

Nestas circunstâncias, eu não podia impedir-me de reparar e de admirar — se bem que o rico idealismo de que ele era dotado tivesse de me preparar para tal — uma aptidão analítica particular de Dupin. Parecia sentir um prazer amargo em exercê-la — talvez mesmo em expô-la — e confessava sem cerimónia o prazer que sentia com isso. Dizia-me, com um sorrisinho muito aberto, que muitos homens tinham para ele uma janela fechada em vez do coração, e habitualmente acompanhava uma asserção semelhante de provas imediatas e das mais surpreendentes, tiradas de um conhecimento profundo da minha própria pessoa. Nesses

momentos, os seus modos eram frios e distantes. Os seus olhos fixavam o vácuo e a sua voz — uma bela voz de tenor — elevava-se, como de costume, uma oitava, com petulância, sem a absoluta deliberação do seu falar e a certeza absoluta da sua acentuação. Observava-lhe os seus passos e sonhava muitas vezes com a velha filosofia «de desdobramento da alma» e divertia-me a ideia de um Dupin duplo — um Dupin criador e um Dupin analista. Não imaginem, depois do que acabo de contar, que vou desvendar um grande mistério ou escrever um romance. O que observei neste francês singular, era simplesmente o resultado de uma inteligência superexcitada, talvez doentia. Mas um exemplo dará uma melhor ideia da natureza das suas observações na época a que me refiro.

Uma noite em que passávamos numa rua longa e suja, na vizinhança do Palais Royal, mergulhados nos nossos próprios pensamentos, pelo menos aparentemente, e depois de estarmos quase um quarto de hora sem pronunciar uma palavra, de repente Dupin proferiu estas palavras:

— É um rapaz bem pequeno, na verdade, e onde ele estaria melhor era no teatro de Variedades.

— Sem dúvida alguma — repliquei sem pensar, tão absorvido estava, na singular maneira como as palavras do observador se adaptavam ao meu próprio sonho.

Um instante depois, ao cair em mim, o meu espanto foi profundo.

— Dupin — disse eu muito gravemente — isso ultrapassa o meu raciocínio. Confesso-lhe sem rodeios que estou estupefacto e acredito dificilmente nas minhas faculdades. Como conseguiu adivinhar o que eu pensava a...?

Mas parei, para me assegurar de que ele tinha adivinhado o meu pensamento.

— A respeito de Chantilly? — disse. — Para que havia de se interromper? Vi que refletia nesse momento que a estatura dele não era a indicada para a tragédia.

Era precisamente o assunto das minhas reflexões. Chantilly era o ex-sapateiro da Rua de Saint-Denis que tinha a paixão pelo teatro e havia tentado o papel de Xerxes na tragédia de Crebillon. As suas pretensões eram irrisórias e todos troçavam dele.

— Diga-me, pelo amor de Deus, o método — se existe método — pelo qual foi ajudado e pôde penetrar na minha mente!

Na realidade, eu estava ainda mais espantado do que queria confessar.

— Foi o vendedor de fruta — respondeu o meu amigo — que o levou à conclusão de que o sapateiro não tinha estatura para representar Xerxes e todos os papéis deste género.

— O vendedor de fruta? Desconcerta-me! Eu não conheço nenhum vendedor de fruta.

— O homem que foi de encontro a nós quando entrámos na rua, há talvez um quarto de hora.

Recordei então que, efetivamente, um vendedor de fruta, que trazia à cabeça um grande cesto de maçãs, um desastrado, tinha-me deitado quase ao chão quando nós passávamos na Rua C..., na artéria principal onde estávamos então. Mas que relação tinha com Chantilly? Era-me impossível compreender. Não havia uma parcela mínima de imposturice no meu amigo Dupin.

— Vou explicar isso — disse — e, para que possa compreender nitidamente, vamos primeiro retomar a série das suas reflexões

desde o momento de que falo até ao do encontro com o vendedor de fruta em questão. Os elos principais da corrente seguem assim: Chantilly, Órion, o doutor Nichols, Epicuro, a estereotomia, os pavimentos, o vendedor de fruta.

Há poucas pessoas que se não tenham divertido, num dado momento da sua vida, a reavivar o curso das suas ideias e a procurar por alguma via que o seu espírito chegue a certas conclusões. Muitas vezes esta ocupação é cheia de interesse e aquele que a experimenta pela primeira vez fica admirado com a incoerência e a distância entre o ponto de partida e o de chegada.

Imaginem, pois, o meu espanto, quando ouvi o meu francês falar como o tinha feito, pelo que fui constrangido a reconhecer que tinha dito a pura verdade.

Ele prosseguiu:

— Falávamos nós de cavalos — se a minha memória me não atraíça — precisamente antes de sairmos da Rua C... Fora o nosso último assunto de conversa. Quando passávamos nesta rua, um vendedor de fruta, com um cesto enorme à cabeça, passou precipitadamente à nossa frente, e atirou-o para cima do cascalho amontoado num sítio em que a rua estava em reparação. Você pôs o pé em cima de uma pedra oscilante; escorregou e esfolou ligeiramente o tornozelo: pareceu-me um pouco vexado, resmungão. Murmurou algumas palavras; virou-se para observar o monte de pedras e continuou a caminhar calado, para eu não reparar em tudo que fazia, mas para mim a observação tornou-se, de há muito, quase uma necessidade.

«Os seus olhos fixaram-se no chão, vigiando com uma espécie de irritação os buracos e os sulcos da calçada (de forma que eu via

bem que pensava sempre nas pedras) até que atingimos a pequena passagem que se chama a passagem Lamartine, onde se acabou de experimentar a calçada de madeira, um sistema de blocos unidos e solidamente ligados. Aqui a sua fisionomia alegrou-se, e vi os seus lábios mexerem-se e adivinhei, sem ficar com dúvidas, a palavra *estereotomia*, um termo aplicado muito pretensiosamente a este género de calcetamento.

«Eu sabia que não podia dizer esta palavra sem ser induzido a pensar nos átomos e nas teorias de Epicuro. E, como na discussão que nós tivemos a esse respeito, ainda não há muito tempo, fiz notar que as vagas conjeturas do ilustre grego tinham sido confirmadas singularmente, sem que ninguém prestasse atenção às últimas teorias sobre as nebulosas e as recentes descobertas cosmogónicas, senti que não poderia impedir os seus olhos de se virarem para a grande nebulosa de Órion, o que certamente esperava. Você não falhou e fiquei então certo de ter seguido rigorosamente o curso do seu pensamento. Ora neste amargo dito espirituoso sobre Chantilly, que apareceu ontem no le Musée, o redator, ao fazer alusões incivis na modificação do nome do sapateiro quando calçou o coturno, citava um verso latino do qual nós temos falado muitas vezes. Quero falar do verso: *Perdidit anliquum littera prima sonum*. Dissera eu já que tinha traído Órion, que se escrevia primitivamente Urion, e por causa de uma certa mordacidade misturada nesta discussão estava certo de que a não tinha esquecido. Era evidente que daí em diante não pudesse deixar de associar as duas ideias de Órion e de Chantilly. Esta associação via-se pelo *style* do sorriso que se desenhava nos seus lábios. Você pensava na imolação do pobre sapateiro. Até aí

caminhara curvado, mais então vi-o endireitar-se a toda a sua altura. Estava bem certo de que pensava na pequena estatura de Chantilly. Foi nesse momento que interrompi as suas reflexões para lhe fazer notar que esse Chantilly era um pobre aborto e que ele estaria melhor no teatro de Variedades.»

Algum tempo depois deste “assunto de conversa”, ao percorrermos a edição da noite da *Gazette des Tribunaux*, eis que os parágrafos seguintes despertaram a nossa atenção:

DUPLO ASSASSÍNIO DOS MAIS SINGULARES. — Esta manhã, pelas três horas, os habitantes do bairro Saint-Roch foram despertados por uma série de gritos assustadores que pareciam vir do quarto andar de uma casa da Rua Morgue ocupada apenas pela senhora L’Espanaye e sua filha Camila L’Espanaye. Depois de alguma demora causada pelos esforços infrutíferos para se abrir a bem, a enorme porta foi forçada com uma alavanca e oito ou dez vizinhos entraram acompanhados por dois polícias.

Entretanto, os gritos cessaram. Mas, no momento em que toda a gente chegava ao primeiro andar, distinguiram-se duas vozes fortes, talvez mais, que pareciam discutir violentamente e que vinham da parte superior da casa. Quando chegaram ao segundo patamar, o barulho tinha terminado e tudo estava perfeitamente calmo. Os vizinhos passaram de um quarto para o outro. Ao chegarem à vasta divisão situada nas traseiras do quarto andar, e da qual se forçou a porta que estava fechada à chave por dentro, eles

encontraram um espetáculo que emocionou todos os assistentes com um terror não menor do que o seu espanto.

O quarto estava na mais estranha desordem, os móveis quebrados e espalhados em todos os sentidos. Não havia senão uma cama, os colchões tinham sido arrancados e lançados para o meio da casa. Numa cadeira, encontrou-se uma navalha cheia de sangue; na lareira, três grandes molhos de cabelos grisalhos que pareciam ter sido arrancados violentamente pela raiz. No soalho estavam caídos quatro napoleões, um brinco com um topázio cravado, três grandes colheres de prata, e dois sacos contendo cerca de quatro mil francos de ouro. Num canto, as gavetas da cómoda estavam abertas e deviam ter sido pilhadas, sem dúvida, se bem que se encontrassem nelas vários artigos intactos. Um cofrezinho de ferro foi encontrado sobre as roupas da cama (não em cima da cama); estava também aberto, com a chave na fechadura. Continha apenas algumas cartas antigas e outros papéis sem importância.

Não se encontrou nenhum vestígio da senhora L'Esplanade, mas havia uma grande quantidade de fuligem na casa. Fez-se uma busca na chaminé e — horrível coisa para descrever! — tiraram de lá o corpo da menina, com a cabeça para baixo: tinha sido introduzido à força e empurrado pela estreita abertura, até a uma distância bastante considerável. O corpo estava ainda quente. Ao examiná-lo, descobriram-se numerosas escoriações

ocasionadas, sem dúvida, pela violência com que fora introduzido e que fora preciso empregar para o retirar. A cara tinha alguns arranhões grandes, e a garganta estava marcada com equimoses negras e profundas marcas de unhas, como se a morte tivesse sido provocada por estrangulamento.

Depois de um exame minucioso a cada divisão da casa, que não trouxe nenhuma nova descoberta, os vizinhos passaram para um patiozinho calcetado situado nas traseiras da casa. Jazia ali o cadáver da senhora idosa, com a garganta tão perfeitamente cortada que, ao tentar erguê-la, a cabeça soltou-se do tronco. O corpo, bem como a cabeça, estavam terrivelmente mutilados e esta a tal ponto que lhe restava apenas uma aparência humana. Todo este caso permanece num mistério e até agora não se descobriu, que se saiba, o menor pormenor elucidativo.

O número seguinte trazia estes pormenores complementares:

O DRAMA DA RUA MORGUE. — Um bom número de indivíduos foram interrogados a respeito deste terrível e extraordinário acontecimento, mas nada transpirou que possa esclarecer um pouco o caso. Transcrevemos as seguintes declarações obtidas:

Pauline Dubourg, lavadeira, depôs que conhecia as vítimas e que lhes lavava a roupa há já três anos. A senhora de idade e a filha pareciam dar-se bem — muito afetuosas uma para a outra. Eram de boas pagas. Ela não

pôde dizer nada relativo ao seu género de vida e aos seus meios de existência. Ela crê que a senhora L'Españaye devia viver com bem-estar. Esta senhora passava por ter dinheiro amealhado. Ela nunca encontrara qualquer pessoa na casa, quando ia entregar ou buscar a roupa. Era certo que essas senhoras não tinham nenhuma criada ao seu serviço. Parecia-lhe que não havia móveis em nenhuma parte de casa exceto no quarto andar.

Pierre Moreau, vendedor de tabaco, depôs que fornecia a senhora L'Españaye e vendia-lhe pequenas quantidades de tabaco, algumas vezes em pó. Ele nasceu no bairro e morou sempre lá. A defunta e a filha ocupavam há mais de seis anos a casa onde encontraram os cadáveres. De início, fora habitada por um joalheiro que subalugou os apartamentos superiores a diferentes pessoas. A casa pertencia à senhora L'Españaye. Ela mostrou-se muito descontente com o seu locatário, que estragava a casa, motivo por que ela foi habitar a sua própria casa, recusando alugar uma única parte. A bondosa senhora era ainda nova. A testemunha viu a filha cinco ou seis vezes no decorrer desses seis anos. As duas levavam uma vida excessivamente retirada e tinham fama de ter alguma coisa de seu. Ele ouviu dizer aos vizinhos que a senhora L'Españaye levava vida livre, mas não acreditou. Ele nunca vira alguém transpor a porta, exceto a senhora idosa e a filha, um moço de recados uma ou duas vezes, e o médico oito ou dez.

Outras pessoas diferentes da vizinhança depuseram no mesmo sentido. Não se citou ninguém como frequentador da casa. Não sabiam se a senhora e a filha tinham parentes vivos.

As persianas das janelas da frente abriam-se raramente. As de trás estavam sempre fechadas, exceto as da divisão grande das traseiras do quarto andar. A casa era bastante boa e não muito velha.

Isidore Muset, policia, depôs que fora chamado, por volta das três horas da manhã, e que encontrara na porta da entrada vinte ou trinta pessoas, que se esforçaram por penetrar na casa. Que forçaram a porta com uma baioneta e não com uma alavanca e não tiveram grande dificuldade em abri-la, porque ela era de dois batentes e não estava fechada nem em cima, nem em baixo. Os gritos continuaram até que a porta foi metida dentro, depois acabaram de repente. Dir-se-iam os gritos de uma ou de várias pessoas tomadas pelas mais intensas dores; gritos altos e muito prolongados — nada de gritos fracos nem precipitados. A testemunha subiu a escada. Quando chegou ao primeiro patamar ouviu duas vozes: uma era aguda, a outra, muito mais aguda, uma voz muito estranha. Distinguiu algumas palavras da primeira, era a de um francês. Estava convencido que não era uma voz de mulher. Pôde distinguir as palavras "sagrado" e "diabo". A voz aguda era a de um estrangeiro. Ele não sabe precisamente se era voz de homem ou de mulher. Não pôde adivinhar o que ela dizia mas presume que falava

espanhol. Esta testemunha reparou no estado do quarto e dos cadáveres nos mesmos termos que referimos ontem.

Henrique Duval, um vizinho, e ourives de profissão, declarou que fazia parte do grupo dos que entraram primeiro na casa. Confirma totalmente o testemunho de Muset. Assim que se introduziram na casa, fecharam a porta para impedir a passagem à gente que se comprimia consideravelmente apesar de ser de madrugada. A voz aguda, a acreditar na testemunha, era a de um italiano. De certeza absoluta que não era uma voz francesa. Ele não sabia bem ao certo se era voz de mulher; no entanto poderia bem sê-lo. A testemunha não está familiarizada com a língua italiana: não pôde distinguir as palavras, mas está convencida, pelo sotaque, que o indivíduo que falava era um italiano. A testemunha conhecia a senhora L'Espanaye e a sua filha. Frequentemente conversara com elas. Era certo que a voz aguda não era de nenhuma das vítimas.

Odenheimer, dono de um restaurante, ofereceu-se para testemunhar. Não fala francês e interrogaram-no por meio de um intérprete. É natural de Amsterdão. Passava em frente da casa no momento dos gritos. Estes eram prolongados, muito agudos e muito aterrorizantes — gritos aflitivos, que duraram alguns minutos. Odenheimer é um dos que penetraram na casa. Confirma o testemunho precedente, com exceção de um só ponto. Está convencido de que a voz aguda era a de um homem — de um francês — e não pôde distinguir as palavras pronunciadas. Falava

alto e num tom desigual — e exprimia o medo e a cólera. A voz era áspera, mais áspera do que aguda. Não se lhe pode chamar precisamente aguda. A voz grossa disse várias vezes: “Maldito”, “diabo” — e uma vez: “Meu Deus!”

Jules Mignaud, banqueiro, da casa Mignaud e filho, rua Deloraine. É o filho mais velho dos Mignaud. A senhora L’Espanaye tinha uma pequena fortuna. Ele abria-lhe uma conta no seu banco oito anos antes, na primavera. Ela depositou muitas vezes, no banco, pequenas quantias. Nunca lhe entregara nenhum dinheiro até ao terceiro dia anterior à sua morte, em que ela foi pedir-lhe pessoalmente uma quantia de quatro mil francos. Esta soma foi-lhe paga em luíses de ouro e um empregado encarregou-se de lha levar a casa.

Adolphe Lebon, empregado dos Mignaud e filho, depôs que, no dia em questão, perto do meio-dia, acompanhou a senhora L’Espanaye a sua casa, com quatro mil francos em dois sacos. Quando a porta se abriu, a menina L’Espanaye apareceu e tirou-lhe das mãos um dos sacos enquanto que a senhora idosa o aliviava do outro. Ele cumprimentou-as e foi-se embora. Não viu ninguém nesse momento na rua. É uma rua suspeita, muito solitária.

William Bird, alfaiate, informou que é um dos que se introduziram na casa. É inglês. Viveu dois anos em Paris. Ouviu as vozes que discutiam. A voz rude era a de um francês. Pôde distinguir algumas palavras mas não se recorda delas. Ouviu distintamente “maldito” e “meu

Deus". Ouvia-se nesse momento um barulho como de várias pessoas que lutavam — o ruído de uma luta e de objetos que se partem. A voz aguda era forte, mais forte do que rude. Ele estava convencido de que a voz não era de um inglês. Parecia-lhe a de um alemão; talvez mesmo uma voz de mulher. A testemunha não sabe alemão.

Quatro das testemunhas acima mencionadas foram ouvidas de novo e afirmaram que a porta do quarto onde foi encontrado o corpo da menina L'Esplanaye achava-se fechada por dentro quando chegaram lá. Estava tudo em perfeito silêncio; nem gemidos, nem barulho de nenhuma espécie. Depois de se ter forçado a porta não viram ninguém. As janelas do quarto das traseiras e da frente estavam fechadas por dentro. A porta que ligava o quarto da frente ao corredor estava fechada à chave e esta por dentro; uma pequena divisão para a frente da casa, no quarto andar, à entrada do corredor, encontrava-se aberta. Esta divisão estava cheia de madeira velha, uma cama, malas, etc. Desarrumaram-na cuidadosamente e inspecionaram esses objetos. Inspecionaram a chaminé. A casa é de quatro andares, com sótão. Um alçapão, que dá para o telhado, estava pregado e não parecia ter sido aberto há já uns anos. As testemunhas variam sobre a duração do tempo decorrido entre o momento em que se ouviram as vozes que discutiam e o de forçar a porta do quarto. Alguns avaliam-no demasiado breve, dois ou três minutos — outros, cinco minutos. A porta não se abriu senão com grande custo.

Alfonso Garcia, empregado da agência funerária, que mora na Rua Morgue. Nasceu em Espanha. É um dos que entraram na casa. Não subiu a escada. Tem os nervos muito delicados e teme as consequências de um violento choque nervoso. Ouviu as vozes que discutiam. A voz grossa era a de um francês. Ele não pôde distinguir o que dizia. A voz aguda era a de um inglês, está bem certo disso. A testemunha não sabe inglês, mas depreende pelo sotaque.

Alberto Montani, doceiro, declarou que foi também dos primeiros que subiram a escada. Ouviu a voz em questão. Ela era rouca e de um francês. O indivíduo que falava parecia fazer repreensões. Ele não pôde adivinhar o que dizia a voz aguda. Falava depressa e às sacudidelas, e assemelhava-se à voz de um russo. Confirma em absoluto os testemunhos precedentes. É italiano; confessa que nunca conversou com um russo.

Algumas testemunhas, de novo instadas, confirmam que as chaminés de todas as casas no quarto andar são muito estreitas para dar passagem a um ser humano. Quando falaram da limpeza das chaminés, referiam-se às escovas de forma cilíndrica de que se servem para limpá-las. Fizeram-nas passar de cima para baixo, em todos os tubos da chaminé. Não há nas traseiras nenhuma passagem que tenha podido facilitar a fuga de um assassino enquanto as testemunhas subiam a escada. O corpo da menina L'Espanaye estava solidamente entalado

na chaminé, pois que foi preciso, para a retirar, que quatro ou cinco das testemunhas empregassem as suas forças.

Paul Dumas, médico, depôs que foi chamado de manhãzinha para examinar os cadáveres. Permaneciam ambos sobre poças de sangue, na cama do quarto onde tinha sido encontrada a menina L'Esplanade. O corpo da jovem estava muitíssimo pisado e escoriado. Estas particularidades explicam-se pelo facto de a terem introduzido na chaminé. A garganta estava singularmente esfolada. Havia precisamente por baixo do queixo, várias arranhadelas profundas, com uma série de manchas lívidas, resultante evidente da pressão dos dedos. A cara estava terrivelmente pálida e os globos dos olhos saíam das órbitas. A língua achava-se cortada pelo meio. Tinha uma grande pisadura na cavidade do estômago produzida pela pressão de um joelho. Na opinião de M. Dumas a menina L'Esplanade fora estrangulada por um ou por vários indivíduos desconhecidos. O corpo da mãe estava horrivelmente mutilado. Todos os ossos da perna e do braço esquerdo mais ou menos despedaçados; a tíbia esquerda partida em esquírolas, assim como as costelas do mesmo lado. Todo o corpo pisado e descorado. Era impossível explicar-se como semelhantes pancadas tivessem sido dadas. Uma pesada maça de madeira ou uma larga pinça de ferro, uma arma grossa e contundente não teria produzido semelhante resultado, se manejada pelas mãos de um homem excessivamente robusto. Fosse qual fosse a arma, nenhuma mulher poderia ter dado tais

pancadas. A cabeça da defunta, quando a testemunha a viu, estava completamente separada do tronco e, como o resto — estranhamente maltratada. A garganta fora, evidentemente, cortada por um instrumento muito afiado, provavelmente por uma navalha.

Alexandre Étienne, cirurgião, foi chamado ao mesmo tempo que M. Dumas para observar os cadáveres; confirma o testemunho e a opinião de M. Dumas.

Ainda que várias pessoas tenham sido interrogadas, não se pôde obter nenhuma outra informação de qualquer valor. Jamais um assassínio tão misterioso, tão intrincado, fora cometido em Paris, se na verdade houve assassínio.

A Polícia está absolutamente desorientada, caso bastante corrente em assuntos desta natureza. E verdadeiramente impossível encontrar um indício deste caso.

A edição da noite fazia saber que reinava uma agitação permanente no bairro de Saint-Roch, que os lugares tinham sido objeto de um segundo exame, que as testemunhas tinham sido de novo interrogadas, mas tudo isso sem resultado. No entanto, um *post scriptum* anunciava que Adolphe Lebon, o empregado do banco, fora preso e encarcerado, se bem que nada nos factos já conhecidos parecesse suficiente para o incriminar.

Dupin parecia interessar-se extraordinariamente pelo seguimento deste caso, pelo menos no que eu podia julgar nos seus modos, porque ele não fazia nenhum comentário. Foi só depois de o jornal ter anunciado a prisão de Lebon que ele me perguntou que

opinião eu tinha relativamente a estes dois crimes. Não pude confessar-lhe senão que pensava como Paris inteira e que o considerava um mistério insolúvel. Não via nenhum meio de encontrar o rasto do criminoso.

— Não devemos julgar os meios possíveis — diz Dupin — apenas por um conhecimento embrionário. A Polícia parisiense, tão gabada pela sua ação, é muito astuciosa, nada mais. Proceda sem método, não tem outro processo, apenas o do momento. Faz-se aqui um grande alarde de medidas, mas acontece muitas vezes que são tão inoportunas e tão mal adequadas que dão que pensar a M. Jourdain, que pedia o «seu roupão para ouvir melhor a música». Os resultados obtidos são algumas vezes surpreendentes, mas são, na maior parte dos casos, simplesmente devidos à diligência e à atividade. No caso destas faculdades serem insuficientes, os planos falham. Vidocq, por exemplo, era bom de compreender e um homem paciente, mas o seu raciocínio não estava suficientemente educado, enveredava constantemente por uma pista falsa, pelo próprio ardor das suas investigações. A intensidade da sua visão diminuía ao observar o objeto demasiado perto. Podia sim, observar um ou dois pontos com uma clareza estranha, mas devido ao seu procedimento, perdia a visão do seu conjunto. A isso pode chamar-se o meio de ser demasiado profundo. A verdade nem sempre está num poço. Em suma, quanto ao que se refere às noções que nos interessam mais de perto, creio que está invariavelmente à superfície. Procuramo-la na profundidade do vale e é no cume das montanhas que o descobrimos.

«Encontram-se na contemplação dos corpos celestes exemplos e amostras excelentes deste género de erro. Repare numa estrela

de relance, olhe obliquamente, voltando para ela a parte lateral da retina (muito mais sensível à luz fraca que o centro), e verá nitidamente a estrela; terá a apreciação mais justa do seu brilho, brilho esse que diminui à medida que dirige para ela toda a pupila.

«No último caso, incide no olho um maior número de raios, mas no primeiro tem uma receptividade mais completa, uma suscetibilidade muito mais intensa. Uma profundidade exagerada enfraquece o pensamento e torna-o inseguro; e é possível fazer desaparecer do firmamento a própria Vénus devido a uma atenção demasiado mantida, muito concentrada e muito direta.

«Quanto a este assassinio, façamos nós mesmos um exame antes de formar uma opinião. Uma investigação provocará uma diversão (encontrei esta palavra estranha aplicada ao caso em questão, mas não digo palavra); e, além disso, Lebon prestou-me um serviço e não posso mostrar-me ingrato. Iremos aos lugares, para examinar com os nossos próprios olhos. Eu conheço G..., o prefeito da Polícia, e obteremos sem dificuldade a necessária autorização.»

Depois de a obtermos fomos direitos à Rua Morgue. É uma dessas miseráveis passagens que ligam a Rua Richelieu à Rua de Saint-Roch. Fomos da parte da tarde, e chegámos a uma hora bastante avançada, porque este bairro está situado a uma grande distância do que habitamos. Encontrámos bem depressa a casa, porque havia uma imensidade de pessoas que a contemplavam do outro lado da rua, com uma curiosidade doentia. Era uma casa como todas as de Paris, com um portal largo, e num dos lados um nicho quadrado, envidraçado, com uma armação móvel que representa o cubículo da porteira. Antes de entrarmos subimos a

rua, virámos numa alameda e passámos pelas traseiras da casa. Dupin, entretanto, examinava os arredores, bem como a própria casa, com uma minuciosa atenção cujo objetivo eu não podia adivinhar.

Voltámos para a frente; tocámos, declinámos a nossa identidade e os polícias permitiram a entrada. Subimos até ao quarto onde tinham encontrado o corpo da menina L'Españay e onde permaneciam ainda os dois cadáveres. A desordem do quarto tinha sido respeitada como é costume fazer-se em semelhantes casos. Não vi nada mais do que tinha constado na *Gazette des Tribunaux*. Dupin analisou minuciosamente tudo, sem excetuar os corpos das vítimas.

Entrámos em seguida nos outros quartos e descemos para os pátios, sempre acompanhados por um polícia.

Este exame durou muito tempo e era noite quando nos retirámos. Ao regressar à nossa casa, o meu camarada parou por alguns instantes no escritório de um jornal. Disse já que o meu amigo tinha todas as espécies de excentricidades e que eu as respeitava. Desta vez deu-lhe para se recusar a qualquer conversa relativamente ao assassinio, até ao meio-dia do dia seguinte.

Foi então que ele me perguntou bruscamente se eu tinha notado alguma coisa de «particular» no local do crime. Ele teve uma entoação «particular» ao pronunciar essa palavra, o que me fez arrepiar sem que eu soubesse porquê.

— Não, nada de particular — respondi. — Nada mais, pelo menos, do que ambos lemos no jornal.

— A *Gazette* — prosseguiu — não penetrou no horror insólito deste caso. Mas deixemos por aqui as opiniões idiotas deste jornal.

Parece-me que o mistério é considerado como insolúvel, pela mesma razão que deveria fazê-lo encarar como de fácil solução, e quero falar do caráter excessivo sob o qual ele aparece. Os polícias estão confundidos também pela ausência aparente de motivos legitimando não o assassinio em si, mas a atrocidade do assassino. Estão embaraçados também pela impossibilidade aparente em conciliar as vozes que altercavam com o facto de se não encontrar no alto da escada outra pessoa senão a menina L'Españaye, assassinada, e que não tinha nenhuma forma de sair sem ser vista pelas pessoas que subiam a escada. A estranha desordem do quarto, o corpo introduzido com a cabeça para baixo na chaminé, a medonha mutilação do corpo da senhora idosa — estas considerações juntas às que mencionei e às outras das quais não tenho necessidade de falar, bastam para paralisar a ação dos agentes do ministério e para derrotar completamente a sua perspicácia tão elogiada. Eles cometeram a enorme e muito comum falta de confundir o extraordinário com o absurdo. Mas é justamente ao seguir estes desvios do curso vulgar da natureza que a razão encontrará o seu caminho, se a coisa é possível e se está encaminhada para a verdade. Nas investigações do género da que nos preocupa não é preciso perguntar como as coisas se passaram, mas sim estudar porque é que elas se distinguem de tudo o que aconteceu até ao presente. A faculdade pela qual chegarei — ou já cheguei — à solução do mistério, está na razão direta da sua insolubilidade aparente aos olhos da Polícia.

Fixei Dupin com um espanto mudo.

— Espero agora — continuou ele, deitando um olhar para a porta do nosso quarto — um indivíduo, que, se bem que não seja

talvez o autor desta carnificina, deve encontrar-se em parte implicado na sua perpetração. E provável que esteja inocente da parte atroz do crime. Espero não me enganar nesta hipótese, porque é baseado nesta hipótese que espero decifrar todo o enigma. Aguardo aqui o homem — neste quarto — de um momento para o outro. É verdade que pode muito bem não vir, mas há algumas possibilidades de que venha. Se vier, será necessário vigiá-lo. Estão aqui as pistolas e ambos sabemos para que é que elas servem quando a ocasião o exige.

Peguei nas pistolas sem saber muito bem o que fazia, mal podendo acreditar no que ouvia — enquanto Dupin continuava mais ou menos num monólogo. Já falei dos seus modos distraídos nesses momentos. O seu discurso dirigia-se a mim; mas a sua voz, se bem que regulada por um diapasão muito vulgar, tinha essa entoação que se dá habilmente ao falar a alguém colocado a uma grande distância. Os seus olhos tinham uma expressão vaga, não deixavam de fixar a parede.

— As vozes que discutiam — dizia ele — as que se ouviam quando as pessoas subiam a escada não eram as dessas infelizes mulheres. Isso é uma prova bem evidente. Isto leva-nos a abandonar a hipótese de que a senhora de idade teria assassinado a filha e se teria suicidado em seguida.

«Não falo do caso senão por amor ao método, porque a força da senhora L'Españaye era absolutamente insuficiente para introduzir o corpo da filha na chaminé, da maneira como a descobriram; e a natureza dos ferimentos encontrados na sua própria pessoa exclui por completo a ideia de suicídio. Portanto, o

assassínio foi cometido por terceiros, e as vozes deles eram as que se ouviram a questionar.

«Permita-me agora chamar a sua atenção — não sobre os depoimentos relativos a essas vozes — mas sobre o que havia de “particular” nestas.»

— Reparei que, enquanto todas as testemunhas concordavam em considerar a voz grossa como sendo a de um francês, havia um grande desacordo em relação à voz aguda, ou, como definira um só indivíduo, à voz áspera.

— Isso constitui a evidência — disse Dupin — mas não a particularidade da evidência. Não reparou em nada de especial; no entanto, havia «qualquer coisa» para observar. As testemunhas, repare bem, estão de acordo sobre a voz grossa, são unânimes nisso. Mas, relativamente à voz aguda, há uma particularidade — não consiste no seu desacordo — mas nisto, pois que um italiano, um inglês, um espanhol, um holandês, tentam descrevê-la; cada um fala como de uma voz de «estrangeiro», cada qual está seguro de que não era a de um compatriota.

«Cada um compara-a, não com a voz de um indivíduo cujo idioma lhe seria familiar, mas justamente ao contrário. O francês presume que era a voz de um espanhol e poderia distinguir algumas palavras se ele estivesse familiarizado com o espanhol. O holandês afirma que era a voz de um francês; mas está estabelecido que a testemunha, não sabendo o francês, foi interrogada por meio de um intérprete. O inglês pensa que era a voz de um alemão, e ele não compreende o alemão. O espanhol está absolutamente certo de que era a voz de um inglês, mas julga apenas pela pronúncia, porque não tem nenhum conhecimento de

inglês. O italiano crê que é a voz de um russo, mas nunca conversou com uma pessoa da Rússia.

«Um outro francês, no entanto, difere do primeiro e está certo de que era a voz de um italiano; mas não tendo conhecimento desta língua faz como o espanhol, certifica-se pela pronúncia. Ora esta voz era, portanto, bem insólita e bem estranha, para que se não possa a seu respeito ter testemunhos semelhantes? Uma voz cuja entoação alguns cidadãos de cinco partes da Europa não puderam identificar. Dir-me-á que era talvez a voz de um asiático ou de um africano. Os africanos e os asiáticos não abundam em Paris; mas, sem negar a possibilidade do caso, chamaria simplesmente a sua atenção sobre três pontos.

«Uma testemunha descreve a voz assim: "Mais áspera do que aguda." Duas outras falam como de uma voz "rápida e sacudida". Estas testemunhas não distinguem nenhuma palavra — nenhum som que se pareça com palavras.»

— Não sei — continuou Dupin — que impressão possa fazer sobre o seu raciocínio, mas não hesito em afirmar que se podem tirar deduções legítimas em relação às duas vozes. A voz grossa e a voz aguda são suficientes em si para levantar uma dúvida que indicaria o caminho em toda esta investigação ulterior do mistério.

«Eu disse: deduções legítimas, mas esta expressão não exprime completamente o meu pensamento. Eu queria que compreendesse que estas deduções são as únicas convenientes e que esta dúvida surgiu inevitavelmente disso como o único resultado possível. No entanto, não lhe direi imediatamente de que natureza era esta dúvida. Desejo simplesmente demonstrar que

esta dúvida era mais que suficiente para dar um caráter decisivo, uma tendência positiva na investigação que queria fazer no quarto.

«Agora transportemo-nos em imaginação a esse quarto. Qual será o primeiro objeto da nossa investigação? Os meios de evasão empregados pelos assassinos. Podemos afirmar — não é assim? — que não acreditamos, nem um nem o outro, em acontecimentos sobrenaturais? As senhoras L'Españay não foram mortas pelos espíritos. Os autores do crime eram seres materiais e fugiram materialmente.

«Ora como? Felizmente, não há senão uma maneira de raciocinar sobre esse ponto e é essa maneira que nos conduzirá a uma conclusão positiva. Examinemos, portanto, um a um os meios possíveis de evasão. É evidente que os assassinos estavam no quarto onde se encontrou a menina L'Españay ou, pelo menos, no quarto contíguo quando as pessoas subiram as escadas. Portanto, é apenas nesses dois quartos que vamos procurar a saída. A Polícia levantou o soalho, abriu os tetos, sondou a alvenaria das paredes. Nenhuma saída secreta pôde escapar à sua perspicácia. Mas não acredito nos olhos deles e examino-os com os meus: não há ali nenhuma saída secreta. As duas portas que dão para o corredor estavam solidamente fechadas e as chaves por dentro.

«Vejam as chaminés. Estas, que são de uma largura vulgar até uma distância de oito ou dez pés acima da lareira, não dariam suficiente passagem a um gato gordo.

«A impossibilidade de fuga, pelo menos pelas vias acima indicadas, estava pois absolutamente estabelecida, reduzida somente às janelas. Ninguém poderia fugir pelas do quarto da frente sem ser visto pelas pessoas que estavam lá fora. Seria

preciso, portanto, que os criminosos se escapassem pelas janelas do quarto das traseiras.

«Agora, conduzidos como somos a esta conclusão por deduções também irrefutáveis, não temos o direito, como seres pensantes, de a rejeitar por causa da sua aparente impossibilidade. Apenas nos resta demonstrar que esta impossibilidade aparente não existe na realidade.

«Há duas janelas no quarto. Uma delas não está obstruída pelos móveis, encontra-se inteiramente livre.

«A parte inferior da outra está escondida pela cabeceira da cama que é muito maciça e que está completamente encostada.

«Verificou-se que a primeira está solidamente presa por dentro. Ela resistiu aos esforços mais violentos daqueles que tentaram levantá-la. Fez-se mesmo um grande buraco com uma broca no caixilho e encontrou-se um grande prego enterrado quase até à cabeça. Ao examinar a outra janela, encontraram cravado um outro prego semelhante. A Polícia ficou desde então plenamente convencida de que nenhuma fuga tinha sido efetuada por esta forma. Foi, portanto, considerado como supérfluo retirar os pregos e abrir as janelas.

«O meu exame foi um pouco mais minucioso, e isso pela razão que lhe dei há pouco. Acontecia que eu já sabia ser necessário demonstrar que a impossibilidade não era apenas aparente.

«Continuei a raciocinar assim — *a posteriori*. Os assassinos tinham-se evadido por uma das janelas. Sendo assim, eles não podiam ter pregado os caixilhos por dentro, como os encontraram, consideração que, pela sua evidência, limitou as investigações da Polícia nesse sentido. No entanto, estas janelas estavam bem

fechadas. Era preciso que se pudessem fechar elas próprias. Não havia forma de escapar a esta conclusão. Dirigi-me para a janela que não estava pregada, tirei o prego com alguma dificuldade, e tentei levantar o caixilho. Resistiu a todos os meus esforços, tal como eu já esperava. Havia, portanto, estava certo agora disso, uma mola escondida; e feito isto, corroborando a minha ideia, convenci-me pelo menos da justeza das minhas premissas, por muito misteriosas que me parecessem as circunstâncias relativas aos pregos. Um exame minucioso fez-me em breve descobrir a mola secreta.

«Empurrei-a e, satisfeito com a minha descoberta, abster-me de levantar o caixilho.

«Tornei a colocar o prego no lugar e examinei-o atentamente. Uma pessoa ao passar pela janela, podia tê-la fechado e a mola teria feito a sua obrigação. Mas o prego não teria sido novamente colocado. Esta conclusão era clara e limitava ainda o campo das minhas investigações. Era preciso que os assassinos tivessem fugido pela outra janela. Supondo, pois, que as molas dos dois caixilhos fossem semelhantes, como era provável, era preciso, no entanto, encontrar uma diferença nos pregos, ou pelo menos na maneira como eles tinham sido fixados.

«Subi para o enxergão da cama e observei minuciosamente a outra janela por cima da cabeceira da cama. Passei a mão por detrás, descobri facilmente a mola e fi-la funcionar; era como eu imaginara, idêntica à primeira. Então examinei o prego. Era tão grosso como o outro e fixado da mesma maneira, enterrado quase até à cabeça.

«Dirá que eu estava embaraçado; mas se teve semelhante pensamento, é porque desprezou a natureza das minhas intenções. Para empregar um termo de jogo, não tinha cometido uma única falta; não perdera a pista um só instante, não havia uma lacuna no elo da cadeia. Seguiu o segredo até à sua última fase e ela era o prego. Assemelhava-se, disse eu, em todos os aspetos com o que havia na outra janela, mas esse facto, por pouco concludente que fosse na aparência, tornava-se absolutamente nulo em face desta consideração dominante ao verificar que nesse prego terminava o fio condutor. E preciso, disse eu, que haja nesse prego qualquer coisa defeituosa. Toquei-lhe, e a cabeça, com um pedaço do prego, talvez um quarto de polegar, ficou-me nos dedos. O resto dele ficou no buraco onde se partira. Esta fratura era bastante antiga, porque os bordos estavam cheios de ferrugem e ele partira-se com uma pancada do martelo que tinha enterrado em parte a cabeça do prego no fundo do caixilho. Reajustei cuidadosamente a cabeça com o bocado que o compunha, e parecendo depois um prego intacto, a fenda passava despercebida. Carreguei na mola, levantei suavemente a janela algumas polegadas; a cabeça do prego veio agarrada a ela sem sair do buraco. Tornei a fechar a janela e o prego parecia novamente completo. Até aqui o enigma estava deslindado. O assassino fugira pela janela rente à cama. Ainda que ela se tivesse fechado por si depois da fuga ou que ela tivesse sido fechada por mão humana, ela estava presa pela mola, e a Polícia atribuíra esta resistência ao prego. Assim, qualquer investigação ulterior foi considerada supérflua.

«Agora, perguntava a mim mesmo, como teria fugido o assassino? Nesse ponto, tinha satisfeito o meu espírito na volta

dada em redor do prédio. A cinco pés e meio, em volta da dita janela passa o cabo do para-raios. Por este cabo seria impossível alcançar a janela, e, muito menos, entrar.

«Todavia, reparei que as portas da janela do quarto andar eram de um tipo particular, que os marceneiros parisienses chamam *ferrades*, género de portas muito pouco usadas atualmente, mas que se encontram nas velhas casas de Lião e de Bordéus. São feitas como uma porta vulgar (simples, sem batente duplo), à exceção da parte inferior, que é trabalhada e com grades, o que dá às mãos um excelente apoio.

«Neste caso, as portas da janela são largas, com uns bons três pés e meio. Quando nós as examinámos por detrás da casa, elas estavam ambas meio abertas, quer dizer que faziam ângulo reto com a parede.

«É de supor que a Polícia examinara, como eu, a parte posterior do prédio; mas ao observar estas *ferrades*, no sentido transversal (como ela inevitavelmente as viu), não reparou nesta largura, ou pelo menos não lhe ligou a importância necessária. Em suma, os agentes, quando lhes foi demonstrado que a fuga não tinha podido efetuar-se por esse lado, fizeram apenas um exame sucinto. No entanto, era evidente para mim, que a janela situada à cabeceira da cama, que se supunha fixada, encontrava-se a dois pés do cabo do para-raios. Era também evidente que com uma energia e de uma coragem insólitas, alguém poderia, com a ajuda do cabo, ter saltado para a janela. Ao chegar à distância de dois pés e meio (supondo agora a porta da janela completamente aberta) um ladrão teria podido encontrar nas grades um ponto de apoio sólido. Teria podido então, largando o cabo e, apoiando os

pés contra a parede, lançar-se energicamente, cair no quarto e atirar violentamente a porta de forma a fechá-la — supondo, como é natural, a janela aberta nesse momento.

«Note bem, peço-lhe, que falei numa energia muito pouco comum, necessária para conseguir um empreendimento tão difícil como ousado. O meu fim é provar, primeiro, que isso se podia praticar, e em segundo lugar, e “principalmente”, chamar a sua atenção sobre o caráter “muito extraordinário”, quase sobrenatural, da agilidade necessária para o realizar.

«Dir-me-á, sem dúvida, empregando a terminologia judicial, que para dar a minha prova *a fortiori*, deveria de preferência subestimar a energia necessária neste caso a acentuar o seu exato valor. É talvez o costume dos tribunais, mas isso não se coaduna com o uso da razão. O meu fim atual é induzi-lo a comparar esta energia com esta voz aguda (ou áspera), com esta voz irregular, cuja nacionalidade não pode ser definida pelo acordo de duas testemunhas e da qual ninguém compreendeu palavras articuladas, nem sílabas.»

Ao ouvir isto, uma concepção vaga e embrionária do pensamento de Dupin surgiu no meu espírito. Pareceu-me estar no limite da compreensão. Tal como as pessoas que por vezes estão quase a recordar-se e, no entanto, não conseguem lembrar-se. O meu amigo continuou com a sua argumentação:

— Veja — disse-me — que relacionei a pergunta sobre a forma de saída, como sendo a da entrada. O meu plano consistia em demonstrar que elas se efetuaram da mesma forma e no mesmo ponto. Voltemos agora ao interior do quarto. Examinemos todos os pormenores. Disseram que as gavetas da cómoda foram saqueadas

e, no entanto, encontraram nelas vários artigos de *toilette* intactos. Esta conclusão é absurda; é uma simples conjectura — uma conjectura razoavelmente insignificante e nada mais. Como poderemos saber se os artigos encontrados nas gavetas não representam tudo o que elas continham? A senhora L'Españaye e a sua filha levavam uma vida excessivamente isolada, ninguém eis via, saíam raramente, tinham, portanto, poucas ocasiões para mudar de *toilette*. As que se encontraram eram, pelo menos, de tão boa qualidade como aquelas que possuíam estas senhoras. E se um ladrão tivesse tirado algumas, por que não teria tirado as melhores, por que não tiraria mesmo todas?

«Resumindo, por que teriam deixado os quatro mil francos de ouro para se apoderarem de um embrulho de roupas? O ouro fora abandonado, a totalidade da soma mencionada pelo banqueiro Mignaud fora encontrada no chão, nos sacos. Quero assim afastar do seu pensamento a ideia absurda de um interesse, ideia engendrada no cérebro da Polícia pelos depoimentos que falam do dinheiro entregue mesmo à porta da casa. Coincidências dez vezes mais notáveis do que esta (a entrega do dinheiro e o crime cometido três dias depois), apresentam-se em cada hora da nossa vida sem atrair a nossa atenção, nem sequer um minuto. Em geral, as coincidências são pedras enormes de obstáculos no caminho destes pobres pensadores mal preparados que não sabem a primeira palavra da teoria das probabilidades, teoria à qual os conhecimentos humanos devem as suas mais gloriosas conquistas e as suas mais belas descobertas. No presente caso, se o ouro tivesse desaparecido, o facto de ter sido entregue três dias antes, levava a pensar em qualquer coisa mais do que numa coincidência. Isso

corroboraria a ideia de interesse. Mas nas circunstâncias reais em que nos encontramos, se supuséssemos que o ouro foi o móbil do assalto, é preciso supormos esse criminoso bastante indeciso e suficientemente idiota para esquecer ao mesmo tempo o seu ouro e o móbil que o fez agir.

«Fixe bem na sua mente os pontos para os quais chamei a sua atenção — essa voz particular, essa agilidade sem igual e esta ausência tão impressionante de interesse num crime tão singularmente atroz como este. Agora, examinemos o absurdo em si mesmo. Eis uma mulher estrangulada, com as mãos, e introduzida numa chaminé, de cabeça para baixo. Criminosos vulgares não empregam semelhantes processos para matar. E muito menos esconderiam os cadáveres das suas vítimas. Nesta maneira de introduzir o corpo na chaminé, admitirá que há aqui qualquer coisa de absolutamente inconciliável com tudo o que nós conhecemos geralmente dos atos humanos, mesmo supondo que os autores fossem os mais perversos dos homens.

«Pense também que força prodigiosa foi precisa para empurrar esse corpo por uma abertura semelhante, e empurrá-lo tão fortemente que os esforços de várias pessoas foram necessários e dificilmente o retiraram de lá.

«Encaminhemos agora a nossa atenção sobre outros indícios deste vigor excepcional. Na lareira encontraram-se madeixas de cabelos — mas muito espessos, de cabelos grisalhos. Foram arrancados pela raiz. Imagine a força poderosa que é necessária para arrancar da cabeça vinte ou trinta cabelos ao mesmo tempo. Viu as madeixas mencionadas tão bem como eu. As raízes tinham pele agarrada — espetáculo medonho — prova evidente da

prodigiosa força que foi empregada para desenraizar cinco ou seis mil cabelos de uma só vez.

«Não só o pescoço da senhora de idade estava cortado, mas a cabeça completamente separada do corpo: o instrumento fora uma simples navalha de barbear. Peço que repare nesta ferocidade bestial. Não falo das pisaduras da senhora L'Españaye. M. Dumas e o seu digno confrade, M. Étienne, afirmaram que elas tinham sido produzidas por um instrumento contundente e nisso estes senhores acertaram. O instrumento contundente foi, evidentemente, o pavimento do pátio para o qual a vítima caiu, da janela que está junto à cama. Esta ideia por muito simples que pareça agora, escapou à Polícia pela mesma razão que a impediu de reparar na largura das portas das janelas; porque, graças à circunstância dos pregos, a sua percepção era bloqueada pela ideia de que as janelas não se podiam abrir.

«Se, entretanto, você refletiu convenientemente na desordem estranha do quarto, encontramos-nos bastante adiantados para coordenar as ideias: uma agilidade maravilhosa e uma ferocidade bestial, um morticínio sem motivo, um grotesco horrível, absolutamente estranho à humanidade, e uma voz cuja pronúncia é desconhecida ao ouvido de homens de várias nações — uma voz desprovida de qualquer sílaba distinta e compreensível. Vejamos, que deduz disto? Que impressão lhe desperta na sua imaginação?»

Senti um arrepio quando Dupin me fez esta pergunta.

— Um doido — respondi-lhe — terá cometido estas mortes, qualquer maníaco fugido de um manicômio da vizinhança.

— Nada mal — replicou. — O seu raciocínio é quase aplicável. Mas as vozes dos doidos, mesmo nos mais selvagens paroxismos,

nunca estão de acordo com o que se diz desta voz singular ouvida da escada. Os doidos pertencem a alguma nação e a sua língua, por muito incoerente que seja em palavras, é sempre silabada. Além de que o cabelo de um doido não se parece com o que eu tenho agora na mão. Retirei este tufo de cabelos dos dedos rígidos e crispados da senhora L'Espanaye. Diga-me que pensa disto?

— Dupin! — disse completamente transtornado — estes cabelos são bem extraordinários, não são cabelos humanos!

— Não afirmei que o fossem — disse ainda. — Antes de nos decidirmos sobre esse ponto, desejo que dê uma vista de olhos pelo desenho que tracei neste pedaço de papel. É um fac-símile que representa o que certos depoimentos definiram como as pisaduras negras e as profundas marcas de unhas encontradas no pescoço da menina L'Espanaye, e que M. Dumas e M. Etienne chamam *uma série de manchas lívidas, evidentemente causadas pela pressão dos dedos*. Veja — continuou o meu amigo desdobrando o papel na mesa — que este desenho dá a ideia de um punho sólido e firme. Não parece que os dedos tivessem escorregado. Cada dedo agarrou, talvez até à morte da vítima, a terrível presa que fizera e na qual se fixara. Experimente agora colocar todos os seus dedos, ao mesmo tempo, cada um na marca análoga que vê.

Experimentei, mas inutilmente.

— É possível — disse Dupin — que não façamos esta experiência de uma maneira decisiva. O papel está desdobrado numa superfície plana, e a garganta humana é cilíndrica. Eis um rolo de madeira cuja circunferência é aproximadamente a de um pescoço. Estenda o desenho em volta e repita a experiência.

Obedeci, mas a dificuldade foi ainda mais evidente do que da primeira vez.

— Isto não tem a configuração de uma mão humana — observei.

— Leia agora esta passagem de Cuvier — ordenou Dupin.

Era a história minuciosa, anatômica e descritiva do grande orangotango fulvo das ilhas da Índia Oriental. Todos conhecem suficientemente a gigantesca estatura, a força e a agilidade prodigiosa, a ferocidade selvagem e as faculdades imitativas deste mamífero.

Compreendi imediatamente a horrível violência do crime.

— A descrição dos dedos — disse-lhe quando acabei a leitura — concorda perfeitamente com o desenho. Vejo que nenhum animal — exceto um orangotango, e da espécie mencionada — poderia ter feito marcas tais como as que desenhou. Este molho de pelos fulvos é também de um caráter idêntico ao do animal de Cuvier. Mas não me apercebi facilmente dos pormenores deste medonho mistério. Aliás, ouviram-se «duas» vozes a discutir, e uma delas era incontestavelmente a voz de um francês.

— É verdade; e recorda-se de uma expressão atribuída quase por unanimidade a esta voz — a expressão «meu Deus!». Estas palavras, nas circunstâncias presentes, foram caracterizadas por uma das testemunhas (Montani, o pasteleiro) como exprimindo uma censura e uma admoestação. Foi relacionada com estas duas palavras que eu baseei as minhas esperanças em deslindar completamente o enigma. Um francês teve conhecimento do crime. É possível — é mesmo mais que possível que esteja inocente de qualquer participação neste sangrento caso. O orangotango

pode ter-lhe fugido. É possível que tivesse seguido o rasto até ao quarto, mas que, devido às circunstâncias terríveis que se seguiram, ele não pudesse prendê-lo. O animal está ainda à solta. Não prosseguirei nestas conjeturas, não tenho o direito de dar outro nome a estas ideias, pois que a sombra de reflexões que lhes servem de base são de uma profundidade dificilmente suficiente para serem apreciadas pelo meu próprio raciocínio, e não pretenderia que fossem apreciadas por uma outra inteligência. Classificá-las-emos, portanto, de conjeturas, e tomá-las-emos como tal. Se o francês em questão está, como suponho, inocente desta atrocidade, este anúncio que entreguei ontem à noite, quando voltávamos a casa, no escritório do jornal O Mundo (folha dedicada aos assuntos marítimos e muito procurada pelos marinheiros), há de trazê-lo até nós.

Estendeu um papel, no qual li:

AVISO: — Encontrou-se no bosque de Bolonha, na manhã do... do corrente (era a manhã do assassinio), de madrugada, um enorme orangotango fulvo, da espécie de Bornéu. O proprietário (que se sabe ser um marinheiro que pertence à tripulação de um navio maltês) pode reaver o animal, depois de o identificar satisfatoriamente e de ter reembolsado de algumas despesas a pessoa que o apanhou e o guardou. Dirigir-se à rua..., n.º... — bairro de Saint-Germain, terceiro andar.

— Como pôde saber que o homem era um marinheiro — perguntei-lhe — e pertencia a um navio maltês?

— Não sei — respondeu-me. — Não estou bem certo. Eis, no entanto, um pedaço de fita que, a julgar pela sua forma e aspeto gorduroso, serviu evidentemente para atar os cabelos num longo rabicho, o que torna os marinheiros tão orgulhosos e tão ridículos. Além disso, este nó é um dos que poucas pessoas sabem fazer, exceto os marinheiros, e em particular os malteses. Apanhei a fita por baixo do cabo do para-raios. É possível que tenha pertencido a uma das duas vítimas. Apesar de tudo, se me não engano ao deduzir que esta fita é de um marinheiro francês que pertence a um navio maltês, não poderei fazer mal a ninguém com o meu anúncio. Se eu estiver enganado, ele pensará simplesmente que cometi um erro, por qualquer circunstância que não se preocupará a investigar. Mas se estiver no bom caminho, há um ponto importante já ganho. O francês que teve conhecimento do assassinio, se bem que esteja inocente, hesitará naturalmente em responder ao anúncio — a reclamar o seu orangotango. Raciocinará assim: «Estou inocente; sou pobre; o meu orangotango vale muito — é quase uma fortuna numa situação como a minha; por que havia de o perder, por causa de um medo estúpido? Encontraram-no no bosque de Bolonha, a uma grande distância do local do crime. Não vão supor que um animal de tal espécie tenha podido executar o crime. A Polícia está despistada — ela não consegue encontrar o mais insignificante indício esclarecedor. Mesmo que estivessem na pista do animal, seria impossível provar que eu tivesse conhecimento do assassinio ou incriminar-me por causa deste conhecimento. Enfim e antes de mais, “eu sou conhecido”. O redator do anúncio considerou-me como o proprietário do animal. Mas não sei a que ponto vai a sua certeza; se evito reclamar uma propriedade de um tão grande valor,

que é sabido pertencer-me, posso atrair sobre o animal uma dúvida perigosa. Seria da minha parte uma má política chamar a atenção para o animal e a minha pessoa. Responderei devidamente ao anúncio do jornal, terei novamente o meu orangotango e fechá-lo-ei solidamente até que o caso esteja esquecido.»

Nesse momento, ouvimos passos subirem a escada.

— Prepare-se — ordenou Dupin — e pegue nas suas pistolas, mas não se sirva delas nem as mostre sem um sinal meu.

Tinham deixado aberto o portal, e o visitante havia entrado sem bater e subido vários degraus da escada. Mas dir-se-ia que agora hesitava. Dupin dirigiu-se apressadamente para a porta, quando ouvimos que ele subia novamente. Desta vez, não fugiu, mas avançou deliberadamente e bateu à porta do nosso quarto.

Dupin convidou-o a entrar, com uma voz alegre e cordial. Apresentou-se um homem. Era, evidentemente, um marinheiro, alto, robusto, um indivíduo musculoso com uma expressão audaciosa, com os diabos!, que não era de todo desagradável! A cara dele estava semiescondida com as suíças e os bigodes. Trazia uma bengala de carvalho, mas não parecia ter qualquer outra arma. Cumprimentou-nos desajeitadamente e deu-nos as boas-noites em francês, se bem que com um ligeiro sotaque suíço e lembrava bastante uma origem parisiense.

— Sente-se, meu amigo, suponho que vem por causa do seu orangotango. Palavra de honra que quase o invejo; é notavelmente belo e, sem dúvida, um animal de grande preço. Quantos anos tem?

O marinheiro suspirou longamente, com o aspeto de quem se sente aliviado de um peso e respondeu com uma voz calma.

— Não poderia dizê-lo muito bem. No entanto, não deve ter mais de quatro ou cinco anos. Tem-no aqui?

— Oh! Não; não tínhamos lugar apropriado para o fechar. Está numa cavalaria, perto daqui, em Dubourg. Já o terá amanhã de manhã. Poderá comprovar o direito de propriedade?

— Sim, senhor, certamente.

— Ficarei triste por me separar dele — respondeu-lhe Dupin.

— Não compreendo por que se incomodou por tão pouco; não contava com isso, senhor. Pagarei de boa vontade uma gratificação à pessoa que encontrou o animal e uma recompensa, se entender.

— Muito bem — respondeu-lhe o meu amigo — tudo isso é muito justo. Vejamos, que daria então? Oh! Vou dizer-lhe. Eis qual será a minha recompensa: contar-me tudo o que sabe acerca dos dois crimes da Rua Morgue.

Dupin pronunciou estas últimas palavras em voz baixa e muito tranquila. Dirigiu-se depois para a porta com a mesma calma, fechou-a e meteu a chave no bolso. Tirou então uma pistola do bolso e colocou-a sem a menor emoção sobre a mesa. O rosto do marinheiro tornou-se escarlate como se estivesse a sentir-se sufocado. Ergueu-se e agarrou na bengala, mas um segundo depois sentou-se pesadamente no banco, tremendo violentamente e com a morte estampada na cara.

Não podia articular uma palavra. Lamentava-o de todo o meu coração.

— Meu amigo — disse Dupin, com uma voz cheia de bondade — alarma-se sem motivos. Garanto-lhe que não queremos causar-lhe nenhum mal. Dou a minha palavra que não temos nenhuma má intenção contra si. Sei perfeitamente que está inocente dos

horrores da Rua Morgue. Contudo, isso não quer dizer que não esteja um pouco implicado. Por pouco que lhe tenha dito, devo provar-lhe que tive sobre este caso meios de informação dos quais jamais teria desconfiado. Agora, a coisa é clara para nós. Não fez nada que pudesse evitar, nada de certeza que o torne culpado. Teria podido roubar impunemente. Não tem nada a esconder, não tem razão para esconder seja o que for. Por outro lado, é constrangido por todos os princípios de honra a confessar tudo o que sabe. Um homem inocente está presentemente preso e acusado de um crime cujo autor o senhor pode indicar.

Enquanto Dupin pronunciava estas palavras, o marinheiro recobrou em grande parte a presença de espírito; mas toda a sua ousadia inicial desaparecera.

— Que Deus me valha! — exclamou ele depois de uma pequena pausa. — Direi tudo o que sei deste caso, mas não espero que acredite nem metade, seria verdadeiramente idiota se o pensasse! No entanto, estou inocente e direi tudo o que tenho no meu coração mesmo que me custe a vida.

Eis pormenorizadamente o que nos contou. Tinha feito ultimamente uma viagem ao arquipélago indiano. Um grupo de marinheiros, do qual fazia parte, desembarcou no Bornéu e penetrou no interior para aí fazer uma excursão. Ele e um dos seus camaradas apanharam o orangotango. O camarada morreu e o animal tornou-se, portanto, propriedade sua, exclusiva. Depois de muitos transtornos causados pela indomável ferocidade do cativo, durante a travessia ele conseguiu, depois, instalá-lo na sua própria casa, em Paris, e para não atrair a insuportável curiosidade dos vizinhos, conservou o animal cuidadosamente fechado, até o curar

de uma ferida num pé, que fizera a bordo, com uma lasca de osso. O seu intento era vendê-lo.

Ao acordar, uma noite, ou antes, uma manhã — na do crime — depois de uma orgiazinha de marinheiros, encontrou o animal instalado no quarto dele: escapara-se da divisão do lado, onde o julgava seguramente fechado. Com uma navalha na mão e cheio de espuma de sabão, estava sentado diante de um espelho e tentava barbear-se, como, sem dúvida, vira fazer ao dono, ao espreitá-lo pelo buraco da fechadura. Aterrorizado por ver uma arma perigosa nas mãos de um animal tão feroz, muito capaz de se servir dela, o homem durante uns instantes, não soube o que devia fazer. Como de costume, ele domava o animal, mesmo nos acessos mais furiosos, por meio de chicotadas, e quis recorrer a elas, uma vez mais. Mas ao ver o chicote, o orangotango saltou pela porta do quarto, desceu rapidamente pelas escadas, e, aproveitando uma janela aberta, por desgracia, saltou para a rua.

O francês, desesperado, perseguiu o macaco; este, segurando sempre a navalha, parava de vez em quando, voltava-se e fazia caretas ao homem que o perseguia, até se ver quase apanhado. Depois retomava a corrida. As ruas estavam absolutamente desertas, porque seriam umas três da manhã. Ao atravessar uma passagem da rua por detrás da Rua Morgue, a atenção do fugitivo foi despertada por uma luz que se via na janela da senhora L'Esplanaye, no quarto andar do prédio. Precipitou-se para a parede, avistou o cabo do para-raios, e apoiando-se nele, trepou com uma inconcebível agilidade, agarrou-se à porta da janela que estava junto à parede, e apoiando-se por cima, lançou-se direito à cabeceira da cama.

Toda esta ginástica não durou um minuto. A porta foi atirada de novo para a parede, pelo salto que o orangotango dera ao deitar-se para dentro do quarto.

Entretanto, o marinheiro ficou ao mesmo tempo alegre e inquieto. Tinha muitas esperanças de agarrar o animal, que podia dificilmente escapar-se da armadilha em que se tinha aventurado e onde poderia impedir-lhe a fuga. Por outro lado, tinha razão para estar bastante inquieto pelo que ele poderia fazer dentro de casa.

Esta última reflexão incitou o homem a perseguir o fugitivo. Não é difícil para um marinheiro trepar pelo cabo de um para-raios mas, quando chegou à altura da janela situada bastante longe, à esquerda, ele sentiu-se desorientado; tudo quanto pôde fazer foi erguer-se de forma a deitar uma vista de olhos para o interior do quarto. Mas o que viu fê-lo quase desprender-se, aterrorizado. Foi então que se ouviram os gritos horríveis que, no silêncio da noite, despertaram em sobressalto os habitantes da Rua Morgue. A senhora L'Españay e a sua filha, já com as suas roupas de dormir, estavam ocupadas certamente a arrumar alguns papéis no cofre de ferro, que já se mencionou e que fora atirado para o meio da casa. Este achara-se aberto, o seu conteúdo espalhado no chão. As vítimas, sem dúvida, de costas para a janela, e a julgar pelo tempo que decorreu entre a invasão do animal e os primeiros gritos, é provável que não se apercebessem imediatamente. O bater da porta da janela podia ser na realidade atribuído ao vento.

Quando o marinheiro olhou para dentro do quarto, o terrível animal tinha agarrado a senhora L'Españay pelos cabelos, que estavam soltos porque estava a penteá-los, e o animal andava à volta da casa, imitando os gestos de um barbeiro. A filha tombara

no chão, desmaiada, imóvel. Os gritos e esforços da senhora idosa, enquanto os cabelos lhe foram arrancados da cabeça, fizeram com que transformasse em fúria as disposições provavelmente pacíficas do orangotango. Com um golpe rápido do braço musculoso, separou-lhe quase a cabeça do tronco. Rangia os dentes e lançava chispas dos olhos. Deitou-se em cima do corpo da jovem, enterrando-lhe as unhas na garganta e conservando-as ali até ela estar morta. Os seus olhos espantados, selvagens, avistaram nesse momento a cabeceira da cama, por cima da qual pôde avistar a cara do seu dono paralisado pelo horror.

A fúria do animal, que sem dúvida alguma se recordava do terrível chicote, transformou-se imediatamente em terror. Sabendo bem que tinha merecido um castigo, parecia querer esconder os vestígios sangrentos do seu ato, e saltando, nervoso, acotovelando e quebrando os móveis a cada um dos seus movimentos, arrancou os colchões da cama. Por fim, agarrou no corpo da jovem e empurrou-o para dentro da chaminé na posição em que foi encontrado. A seguir pegou no da senhora, atirando, primeiramente, a cabeça pela janela.

Como o macaco se aproximasse da janela com o seu fardo totalmente mutilado, o marinheiro, espantado, baixou-se e deixou-se escorregar pelo cabo sem precauções, e fugiu a correr até casa, temendo as consequências desta carnificina e, aterrorizado, abandonou de boa vontade toda a preocupação sobre o destino do seu orangotango.

As vozes ouvidas pelas pessoas eram as suas exclamações de horror, misturadas com os guinchos diabólicos do animal.

Quase nada mais tenho a acrescentar. O orangotango escapara-se sem dúvida do quarto, pelo cabo do para-raios, no momento em que a porta foi arrombada. Ao passar pela janela ele fechara-a, evidentemente.

Foi apanhado mais tarde pelo próprio dono, que o vendeu por bom preço ao Jardim Botânico.

Lebon foi imediatamente posto em liberdade, depois de nós contarmos pormenorizadamente todo o caso, temperado com alguns comentários de Dupin, no gabinete do chefe da Polícia. Este funcionário, por muito bem disposto que estivesse para com o meu amigo, não podia disfarçar o seu mau humor vendo este processo dar esta reviravolta e não deixou de falar com sarcasmo, sobre «a mania que as pessoas têm de se intrometer na vida alheia».

— Deixem-no falar — disse Dupin, que não julgou a propósito replicar. — Deixem-no criticar que isso aliviará a sua consciência. Estou contente por o ter batido no seu próprio terreno. O facto de ele não decifrar este mistério não é razão nenhuma para se espantar, porque, na verdade, o nosso amigo chefe é um homem demasiado esperto para ser profundo. A sua ciência não tem fundamento. Ela é toda cabeça e não tem corpo, tal como a deusa Laverna, ou, se gostarem mais, toda cabeça e ombros, como o bacalhau. Mas, apesar de tudo, é um homem valente. Adoro-o em particular por um maravilhoso género de afetação ao qual deve a reputação de génio. Quero falar da sua mania de «negar o que é e de explicar o que não é».

Uma Descida ao Maelstrom

Título original: *A Descent into the Maelstrom*

Publicado em 1841

Tínhamos atingido o cume do rochedo mais elevado. O velho, durante alguns minutos, pareceu-me demasiado esgotado para falar.

— Não há ainda muito tempo — disse ele por fim — tê-lo-ia guiado por aqui tão bem como o mais novo dos meus filhos. Mas, há três anos, aconteceu-me a aventura mais extraordinária que jamais suportou um ser mortal, ou pelo menos tão extraordinária que homem algum pôde sobreviver a ela para a contar, e as seis horas desesperantes que passei despedaçaram-me o corpo e a alma. Julgam-me muito velho, mas não o sou. Bastou um quarto de dia para me embranquecer os cabelos negros, ao ponto de tremer depois do mais pequeno esforço e ficar amedrontado por uma sombra. Saiba que mal posso olhar de cima deste pequeno promontório sem sentir vertigens.

O pequeno promontório à beira do qual se deitara tão negligentemente para repousar, de maneira que a parte mais pesada do seu corpo se inclinava e não estava livre de cair senão pelo ponto de apoio que tinha graças ao cotovelo na aresta aguda e escorregadia — o promontório, elevava-se aproximadamente a mil e quinhentos ou mil e seiscentos pés de um caos de rochedos abaixo de nós, imenso precipício de granito luzidio e negro. Por

nada do mundo me teria aventurado a seis pés da borda. Na verdade, eu estava tão profundamente agitado pela situação perigosa do meu companheiro que me deixei cair a todo o comprimento no solo, encostando-me a alguns arbustos que estavam perto, não ousando sequer levantar os olhos para o céu. Esforçava-me em vão por me desembaraçar da ideia de que o furor do vento punha em perigo a própria base da montanha. Foi-me preciso tempo para raciocinar e encontrar a coragem de me sentar no meu banco e perscrutar o espaço.

— Não há de que ter medo — disse-me o guia — porque o trouxe aqui para lhe fazer ver à vontade o local do acontecimento de que lhe falava há pouco e lhe contar toda a história com o próprio cenário à sua frente.

«Nós estamos agora — prosseguiu com essa maneira minuciosa que o caracterizava — estamos agora mesmo na costa da Noruega, a 68 graus de latitude, na grande província de Nortland e no lúgubre distrito de Lofoden. A montanha cujo cume ocupamos chama-se Helseggen, a Nebulosa. Agora, levante-se um pouco; agarre-se aos arbustos se sentir vir a vertigem — isso mesmo — e olhe para além desta cintura de vapores que esconde o mar a nossos pés.»

Olhei apressadamente e vi uma vasta extensão de mar cuja cor de tinta me recordou imediatamente o quadro do geógrafo núbio e o seu «Mar Tenebroso». Era um panorama mais espantosamente desolador do que o que seria dado a uma imaginação humana conceber. A direita e à esquerda, tão longe quanto a vista podia alcançar, alongavam-se, como as muralhas do mundo, as linhas de uma falésia terrivelmente negra e escarpada,

cujo caráter sombrio era poderosamente reforçado pela ressaca que subia até à crista branca e lúgubre, uivando e mugindo eternamente. Mesmo em frente do promontório, no cume do qual nós estávamos colocados, a uma distância de seis milhas no mar, avistava-se uma ilha que parecia deserta, ou antes, adivinhava-se no amontoado enorme de escolhos em que estava envolvida. A duas milhas aproximadamente mais perto da terra, erguia-se um ilhéu mais pequeno, horrivelmente pedregoso e estéril, rodeado por grupos descontínuos de rochas negras.

O aspeto do oceano, na extensão compreendida entre a margem e a ilha mais afastada, tinha qualquer coisa de extraordinário. Nesse momento soprava do lado da terra uma brisa tão forte que um brigue, muito ao largo, estava à capa com as velas nos rizes e o seu casco desaparecia algumas vezes por completo. Contudo, nada havia que se assemelhasse a uma onda regular, mas somente, e a despeito do vento, a um marulhar de água, vivo e incómodo em todos os sentidos, e muito pouca espuma, exceto na vizinhança imediata dos rochedos.

— A ilha que vê lá em baixo — continuou o velho homem — é chamada pelos noruegueses Vurrgh. A que está a meio caminho é Moskoe. A que está a uma milha ao norte é Ambaaren. Lá em baixo são: Islesen, Hotholm, Keildhelm e Buckholm. Mais longe — entre Moskoe e Vurrgh — Otherholm, Flimen, Sandflesen e Stockholm. São estes os verdadeiros nomes destes lugares; mas não consigo compreender porque julguei necessário dizê-los a si. Ouve alguma coisa? Vê alguma mudança na água?

Nós estávamos já há cerca de dez minutos no cimo de Helseggen, onde subíramos a partir do interior de Lofoden, de

forma que não podíamos avistar o mar, e eis que ele nos aparecera de repente do cume mais elevado. Enquanto o velho falava, tive a percepção de um ruído mais forte, que ia crescendo como o mugido de uma imensa manada de búfalos numa pradaria da América, e nesse mesmo momento vi o que os marinheiros chamam o caráter ondulante do mar tornar-se rapidamente numa corrente que se deslocava para leste. Enquanto eu olhava, esta corrente adquiriu uma prodigiosa rapidez. Aumentava de velocidade de um momento para o outro com uma impetuosidade incrível. Em cinco minutos todo o mar, até Vurrgh, foi fustigado por uma fúria indomável; mas era entre Moskoe e a costa que principalmente a borrasca dominava. Ali, o vasto leito das águas, sulcado por mil correntes contrárias, rebentava repentinamente em convulsões frenéticas, ofegando, borbulhando, assobiando, voltando-se em gigantescos e inumeráveis turbilhões, rodopiando e precipitando-se totalmente para leste, com uma rapidez que não se manifesta nem nas cataratas.

Passados alguns minutos, o panorama sofreu uma outra mudança radical. A superfície geral tornou-se um pouco mais uniforme, e os turbilhões desapareceram um a um, enquanto prodigiosas manchas de espuma apareceram onde eu não vira nenhuma até então. Depois estas manchas alongaram-se até uma grande distância e, combinando-se entre elas, adotaram o movimento giratório dos turbilhões acalmados e pareceram formar o gérmen de um vórtice mais vasto. De repente, muito de repente, este apareceu e tomou uma forma distinta e definida, num círculo de mais de uma milha de diâmetro. O extremo do turbilhão estava marcado por uma cintura de espuma luminosa, mas nem uma

parcela deslizava para a garganta do terrível funil, cujo interior, tão longe quanto o olhar podia avistar, tinha uma parte líquida, lisa, brilhante e de um negro de azeviche, formando com o horizonte um ângulo de cerca de 45 graus, rodando sobre si próprio sob a influência de um movimento ensurdecedor e projetando para o ar uma voz medonha, meio grito, meio rugido, tal como nem as cataratas do Niágara nas suas convulsões jamais enviaram para os céus.

A montanha tremia mesmo na base e o rochedo mexia-se. Deitei-me de bruços, e num excesso de agitação nervosa, encostei-me à relva rala.

— Isto — disse-me por fim o velhote — não pode ser outra coisa senão o turbilhão do Maelstrom. Chamam-lhe algumas vezes assim, mas nós, os noruegueses, chamamos-lhe o Moskoe-Strom, por causa da ilha de Moskoe, que está situada a meio caminho.

As descrições vulgares deste turbilhão não me tinham de maneira alguma preparado para o que eu via. A de Jonas Ramus, que é talvez mais pormenorizada do que nenhuma outra, não dá a mais ligeira ideia da magnificência e do horror do quadro — nem a estranha e encantadora sensação de novidade que confunde o espectador. Eu não sei precisamente qual o ponto de vista, nem a que horas o viu o escritor em causa, mas não pôde ser nem do cume de Helseggen, nem durante uma tempestade. Há contudo algumas passagens da sua descrição que podem ser citadas pelos pormenores, se bem que sejam muito insuficientes para dar uma ideia do espetáculo.

«Entre Lofoden e Moskoe — diz ele — a profundidade da água é de trinta e seis a quarenta braças, mas do outro lado, do lado de

Ver (quer dizer, Vurrgh), esta profundidade diminui a ponto de um navio não poder procurar aí uma passagem sem correr o perigo de se despedaçar sobre as rochas, o que pode acontecer com o tempo mais calmo. Quando vem a maré, a corrente lança-se no espaço compreendido entre Lofoden e Moskoe com uma tumultuosa rapidez, mas o rugido do seu terrível refluxo é apenas igualado com dificuldade pelas mais altas e terríveis cataratas. Ouve-se o barulho a várias léguas, e os turbilhões ou torrentes cavadas são de uma tal extensão e de uma tal profundidade que se um navio entrar na zona da sua atração é inevitavelmente absorvido e arrastado para o fundo, sendo ali feito em pedaços de encontro aos rochedos. E quando a corrente enfraquece, os destroços são trazidos à superfície. Mas estes intervalos de tranquilidade não surgem senão entre o refluxo e o fluxo, quando o tempo está calmo, e duram apenas um quarto de hora; depois a violência da corrente recomeça gradualmente.

«Quando se agita ao máximo e quando a sua força é aumentada por uma tempestade, é perigoso aproximar-se mesmo a uma milha de distância. Barcaças, iates e navios são arrastados por se não acautelarem antes de se encontrarem ao alcance da sua esfera de atração. Acontece muito frequentemente que as baleias vêm demasiado perto da corrente e são dominadas pela sua violência; e é impossível descrever os seus uivos e rugidos perante a inutilidade dos esforços para se libertarem.

«Uma vez, um urso, ao tentar passar a nado o estreito entre Lofoden e Moskoe, foi arrastado pela corrente e levado para o fundo. Rugia tão horrorosamente que se ouvia na margem. Enormes troncos de pinheiros engolidos pela corrente reapareciam

quebrados, despedaçados e a tal ponto que dir-se-ia que lhes tinham arrancado a casca. Isso demonstra claramente que o fundo é constituído por rochas pontiagudas sobre as quais eles rolaram. Esta corrente é regulada pelo fluxo e refluxo do mar, que se observa de seis em seis horas. No ano de 1645, no domingo da Sexagésima, muito cedo, pela manhã, precipitou-se o turbilhão com um tal estrondo e uma tal impetuosidade que pedras foram arrancadas às casas da encosta...»

No que se refere à profundidade da água, não compreendo como puderam avaliá-la na proximidade imediata do turbilhão. As *quarenta braças* devem referir-se somente nas partes do canal mais próximas da margem, quer de Moskoe, quer de Lofoden. A profundidade no centro do Moskoe-Strom deve ser incomensuravelmente maior, e basta, para adquirir a certeza, dar uma vista de olhos pelo abismo do turbilhão, quando se está no cume mais elevado de Helseggen. Ao relancear o olhar pelo cimo deste pico no Phlégéthon uivante, não pude deixar de sorrir da simplicidade com a qual o bom Jonas Ramus conta, como coisas difíceis de acreditar, as suas anedotas de ursos e de baleias, porque me parecia que era coisa evidente que o maior navio, se chegasse ao alcance desta mortal atração, devia resistir a ele tanto quanto uma pena a um sopro de vento e desaparecer imediatamente como por encanto.

As explicações que se têm dado ao fenómeno — de que recordo algumas que me pareciam suficientemente plausíveis à leitura — tinham agora um aspeto muito diferente e muito pouco satisfatório. A explicação geralmente dada era que, como os três turbilhões das ilhas Feroé, este «não tinha outra coisa senão o

choque das vagas, subindo e descendo como o fluxo e o refluxo, ao longo de um banco de rochas que contém as águas e as lança como uma catarata; e que assim, quanto mais a maré sobe, mais profunda é a queda, e que o resultado natural é um turbilhão ou vórtice, cujo prodigioso poder de sucção é suficientemente demonstrado pelos mais pequenos exemplos». Tais são as palavras da *Enciclopédia Britânica*. Kircher e outros imaginam que no meio do canal de Maelstrom está um abismo que atravessa o globo e termina em alguma região muito afastada; o golfo de Bótnia foi mesmo designado uma vez, um pouco levianamente. Esta opinião bastante pueril era aquela à qual, enquanto eu contemplava o lugar, a minha imaginação dava da melhor vontade a sua adesão. E quando a manifestei ao guia, fiquei bastante surpreendido depois de o ouvir dizer que, se bem que fosse a opinião quase geral dos noruegueses a esse respeito, não era todavia a sua. Quanto a esta ideia, confessou que era incapaz de a compreender, e acabei por estar de acordo com ele, porque, por muito convincente que parecesse no papel, tornara-se absolutamente incompreensível e absurda face ao estrondear do abismo.

— Agora que viu bem o turbilhão — disse o velho — se quer que nos coloquemos por detrás desta rocha, ao abrigo do vento, de maneira que amortença o barulho da água, vou contar-lhe uma história que o convencerá de que devo saber alguma coisa disso, do Moskoe-Strom!

«Eu e os meus dois irmãos possuíamos outrora um barco aparelhado em goleta, de setenta toneladas mais ou menos, com o qual pescávamos perto de Vurrgh. Todos os violentos remoinhos do mar dão boa pesca, contanto que se apanhe um tempo oportuno e

que se tenha a coragem de tentar a aventura. Mas entre todos os da costa, só nós os três íamos com regularidade às ilhas, como lhe disse. Os pescadores vulgares vão em muito maior quantidade para o sul. Pode apanhar-se o peixe a qualquer hora, sem correr grande risco, e, naturalmente, esses sítios são preferidos; mas os pesqueiros, por aqui, entre os rochedos, dão não só o peixe da melhor qualidade, mas também em maior abundância. Tão bem que apanhávamos muitas vezes, num só dia, o que os tímidos no ofício não poderiam alcançar numa semana. Resumindo, nós fazíamos disso uma espécie de negócio desesperado — o risco da vida substituía o trabalho e a coragem ocupava o lugar principal.

«Abrigávamos o nosso barco de pesca numa enseada a cinco milhas da costa acima desta, e era nosso costume, quando estava bom tempo, para aproveitar a trégua de quinze minutos, lançarmos através do canal de Moskoe-Strom, mesmo por cima do buraco, e ir lançar a âncora em qualquer parte na proximidade de Otterholm ou de Sandflesen onde os remoinhos não são tão violentos como noutras partes. Ali esperávamos vulgarmente quase até à hora da acalmia das águas. Nós não nos aventurávamos jamais nesta espécie de expedição sem um vento de popa para a ida e vinda — e raramente nos enganávamos sobre esse ponto. Duas vezes, em seis anos, fomos obrigados a passar a noite à âncora, em consequência de uma acalmia absoluta, o que é um caso bem raro nestas paragens. E, uma outra vez, ficámos em terra perto de uma semana, esfomeados até mais não, devido à ventania que começou a soprar, pouco depois da nossa chegada, e tornou o canal demasiado tempestuoso para pensar em atravessá-lo. Nessa ocasião, teríamos sido arrastados pelo vento a despeito de tudo

(porque os turbilhões balançavam-nos para aqui e para acolá, com uma tal violência, que por fim tivemos de largar, ao vermos a âncora partir-se) se não tivéssemos derivado para uma dessas inumeráveis correntes que se formam, aqui hoje e amanhã noutra parte, e que nos conduz para Flimen, aonde, por felicidade, nós pudéssemos fundear.

«Não direi a vigésima parte dos perigos que passámos nas pescarias era uma má paragem, mesmo com bom tempo — mas encontrávamos sempre meio de desafiar o Moskoe-Strom sem acidente. Por vezes, contudo, o coração quase me saltava da boca quando estávamos um minuto adiantados ou atrasados em relação à acalmia. Algumas vezes, o vento não era tão forte como nós esperávamos ao colocar a vela, e então íamos menos depressa do que teríamos querido, enquanto a corrente tornava o barco mais difícil de governar.

«O meu irmão mais velho tinha um filho de dezoito anos, e eu tinha para me ajudar dois grandes rapagões. Ainda que tivessem sido um grande auxílio em semelhantes casos, quer pegando os remos, quer pescando na popa, na verdade, se bem que nós consentíssemos em arriscar a nossa vida, não tínhamos a coragem de deixar os nossos filhos afrontar o perigo, porque, pensando bem, estas expedições eram muitíssimo perigosas. É a pura verdade.

«Há já três anos menos alguns dias que aconteceu o que vou contar. Estávamos a 10 de julho de 18..., um dia que as pessoas desta terra não mais esquecerão — porque foi um dia em que soprou a mais horrível tempestade que jamais caiu da calote dos céus. No entanto, toda a manhã e mesmo muito antes da tarde, tivemos uma agradável brisa que vinha do sudoeste, o sol estava

soberbo, tão bom que o mais velho lobo-do-mar não teria podido prever o que ia acontecer.

«Tínhamos passado os três, os meus dois irmãos e eu, através das ilhas, cerca das duas horas da tarde, e logo carregámos o barco de muito bom peixe, que — já tínhamos os três notado — era abundante nesse dia como nunca tínhamos visto. Eram precisamente sete horas no meu relógio quando levantámos a âncora para voltar às nossas casas, de forma a percorrer a parte mais perigosa do Strom no intervalo em que as águas estavam tranquilas, o qual, conforme nós sabíamos, seria às oito horas.

«Partimos com uma boa brisa a estibordo, e durante algum tempo, seguimos muito em círculo, sem pensar sequer no mais pequeno perigo, porque na realidade não víamos o mais pequeno motivo para apreensões.

«De repente, fomos apanhados por um pé de vento que vinha de Helseggen. Fora na verdade espantoso — uma coisa que nunca nos acontecera — e começava a estar um pouco inquieto, sem saber exatamente porquê. Fomos envolvidos pelo vento, e como não pudemos mais cortar os remoinhos estive a ponto de propor o regresso ao ancoradouro, quando, ao olhar para trás, vimos todo o horizonte envolvido numa nuvem estranha, cor de cobre, que subia com uma espantosa velocidade.

«Ao mesmo tempo, a brisa que até há pouco nos empurrava de estibordo amainou, e surpreendidos então por uma acalmia absoluta, vogámos à mercê de todas as correntes. Mas esta situação não durou o tempo suficiente para nos deixar refletir. Em menos de um minuto, a tempestade achava-se por cima de nós — e também um minuto depois, o céu estava por completo carregado,

tornando-se de repente tão negro e com um nevoeiro tão cerrado que não nos podíamos já ver uns aos outros.

«Tentar descrever semelhante ventania seria loucura. O mais velho marinheiro da Noruega nunca vira coisa semelhante. Tínhamos amainado as velas antes que o golpe de vento nos surpreendesse, mas, após a primeira rajada, os nossos dois mastros tombaram por cima das bordas como se tivessem sido serrados pela base — o mastro grande arrastou consigo o meu irmão mais novo que, por prudência, se encontrava encostado a ele.

«O nosso barco assemelhava-se muito a um levíssimo brinquedo que tivesse deslizado para o mar. Possuía uma ponte com uma só escotilha à frente e nós tínhamos por costume fechá-la seguramente ao atravessar o Strom, boa precaução num mar como aquele. E nas circunstâncias presentes, teríamos soçobrado logo ao primeiro golpe de mar, porque durante alguns instantes ficámos literalmente metidos na água. Como é que o meu irmão mais velho escapou à morte? Não posso dizê-lo, nunca o poderei explicar. Pela minha parte, logo que deixei o traquete, lancei-me pela ponte, de bruços, com os pés encostados a uma estreita plataforma da vante, e as mãos agarradas a uma argola, perto da base do mastro da mezena. O puro instinto fizera-me agir assim — era indubitavelmente o que tinha de melhor a fazer — porque estava demasiado aturdido para pensar.

«Durante alguns minutos, ficámos por completo inundados, como lhe dizia, e retive a respiração todo esse tempo e agarrei-me à argola.

«Quando senti que não podia ficar assim por muito tempo sem ficar sufocado, ajoelhei-me segurando-me sempre com as mãos.

Então, o nosso barquinho, deu uma sacudidela tal como um cão que sai da água e ergueu-se em parte para fora do mar. Esforçava-me então para reagir o melhor possível contra o espanto que me invadira e recobrar suficientemente a serenidade, para ver o que tinha a fazer, quando senti que alguém me agarrava o braço.

«Era o meu irmão mais velho, e o meu coração regozijou-se porque julgava que ele caíra pela borda; mas, um momento depois, toda esta alegria transformou-se em horror quando chegou a boca ao meu ouvido e gritou estas simples palavras: "Moskoe-Strom!"

«Ninguém poderá saber jamais o que foram nesses instantes os meus pensamentos. Tremia da cabeça aos pés, como se tivesse um violento acesso de febre. Compreendia suficientemente o que ele queria dizer, sabia bem o que ele desejava que eu compreendesse! Com o vento que nos empurrava, agora iríamos ter ao turbilhão do Strom e nada nos podia salvar.

«Você compreendeu que ao atravessar o canal de Strom nós seguíamos sempre o nosso caminho, por cima do turbilhão, mesmo no tempo calmo, e mesmo assim tínhamos o cuidado de observar o fluxo da maré. Mas, agora, corríamos direitos para o abismo e com uma tempestade daquelas! "Certamente, pensei eu, chegaremos lá no momento da acalmia, e havia ainda uma pequena esperança." Via perfeitamente que estávamos condenados, mesmo que estivéssemos a bordo do maior navio de guerra. Nesse momento, o primeiro furor da tempestade passara, ou talvez não a sentíssemos porque fugíamos à frente da tempestade mas em todo o caso, o mar, que o vento tinha primeiro açoutado, agora chão e com espuma, erguia-se em verdadeiras montanhas. Uma modificação singular se realizara também no céu. À nossa volta, em todas as

direções, estava negro como breu, mas, quase por cima de nós, havia uma abertura circular — um céu claro, claro como nunca o vira, de um azul brilhante e escuro — e através dessa clareira resplandecia a Lua cheia que iluminava tudo à nossa volta com perfeita nitidez. Deus do Céu! Que cena!

«Por uma ou duas vezes tentei falar ao meu irmão, mas o estrondo, sem que eu soubesse explicar como, aumentara a tal ponto que não consegui que ele ouvisse uma única palavra, se bem que lhe gritasse ao ouvido com toda a força dos meus pulmões. De repente ele sacudiu a cabeça, ficou de uma palidez cadavérica e levantou um dos dedos como para me dizer: “Escuta!”

«Primeiro, não compreendi o que queria dizer, mas em breve um espantoso pensamento me esclareceu. Tirei o meu relógio do bolso. Não trabalhava. Olhei para o mostrador à claridade do luar e chorei amargamente deitando-o para longe, para o mar. *Ele parara às sete horas! Tínhamos deixado passar o fluxo da maré e o turbilhão estava em plena fúria.*

«Quando um navio é bem construído, devidamente equipado e não muito carregado, as ondas, com o vento forte e quando ele está ao largo, parecem passar sempre por baixo da quilha, o que parece também estranho a quem não seja marinheiro e que se chama em linguagem de bordo *cavalgar* (riding). Isso ia ajudar, e nós trepávamos apressadamente para a onda; mas subitamente um mar alteroso vinha apanhar-nos e atirava-nos para cima, como para nos empurrar para o céu. Nunca teria acreditado que uma onda pudesse subir tão alto. Depois descíamos fazendo uma curva, uma escorregadela, como se caíssemos em sonho de uma alta e imensa montanha. Mas do alto da onda deitara um rápido olhar à minha

volta e bastou este olhar. Vi num segundo exatamente a nossa posição. O turbilhão do Moskoe-Strom, que estava a cerca de um quarto de milha à nossa frente, assemelhava-se pouco ao Moskoe-Strom de todos os dias: apresentava um aspeto muito mais imponente. Se não soubéssemos onde estávamos e o que tínhamos a esperar, não teria reconhecido o lugar. Tal como o vi, fechei involuntariamente os olhos, horrorizado: as minhas pálpebras colaram-se num espasmo.

«Dois minutos depois, sentimos de repente a onda acalmar, e fomos envolvidos pela espuma. O barco deu uma volta brusca a bombordo e partiu em nova direção como um raio. No mesmo instante, o rugido da água perdeu-se numa espécie de clamor agudo — um tal som que pode concebê-lo imaginando as válvulas de vários milhares de barcos a largarem ao mesmo tempo o vapor das caldeiras. Estávamos então na cintura encrespada que circula sempre o turbilhão; e acreditava, como é natural, que num segundo íamos mergulhar no abismo, cujo fundo não conseguíamos ver distintamente por causa da prodigiosa velocidade com a qual éramos arrastados para lá.

«O barco não parecia mergulhado na água, mas tocar-lhe levemente, como a bolha de ar que rodopia sobre a superfície da onda. Tínhamos o turbilhão a estibordo, e a bombordo erguia-se o vasto oceano donde tínhamos vindo. Elevava-se como um muro gigantesco, entrepondo-se entre nós e o horizonte. Isto pode parecer estranho; mas quando ficámos mesmo sobre a garganta do abismo, senti mais sangue-frio do que quando nos aproximávamos. Tendo perdido qualquer sombra de esperança fui libertado de uma grande parte deste terror que me tinha primeiro invadido. Suponho

que era o desespero que me retesava os nervos. Tomará isto talvez por uma fanfarronice, mas o que lhe disse é a verdade: comecei a pensar que coisa magnífica era morrer de semelhante forma, e quanto eu era tolo por me ocupar do vulgar interesse pela minha salvação individual em face de uma tão prodigiosa manifestação de Deus. Creio que corei de vergonha quando esta ideia surgiu no meu espírito. Instantes depois, apoderou-se de mim uma curiosidade ardente relativa ao próprio turbilhão. Senti positivamente o desejo de explorar as suas profundezas mesmo à custa do sacrifício que ia fazer; o meu principal desgosto era pensar que jamais poderia contar aos meus velhos camaradas os mistérios que ia conhecer. Eram esses, sem dúvida, estranhos pensamentos para ocupar o espírito de um homem em semelhante extremo — e tive muitas vezes a ideia, desde então, de que as evoluções em volta do vórtice tinham-me aturdido a cabeça.

«Houve uma outra circunstância que contribuiu para me tornar mais seguro de mim: a calma do vento que não podia atingir-nos mais na nossa situação atual — porque, como pode julgar por si, o círculo de espuma está consideravelmente abaixo do nível do oceano, e este último dominava-nos agora, como a crista de uma alta e negra montanha. Se nunca se encontrou no mar durante uma grande tempestade não pode fazer uma ideia da perturbação de espírito ocasionada pela ação simultânea do vento e do bater das vagas. Isto cega-o, atordoa-o, estrangula-o e tira-lhe toda a faculdade de ação ou de reflexão. Mas nós estávamos agora aliviados de todos os embaraços — como esses miseráveis condenados à morte a quem se concedem na prisão alguns

pequenos favores que se lhes recusaram enquanto a sentença lhes não fora pronunciada.

«Quantas vezes demos a volta a este círculo é-me impossível dizê-lo. Nós corremos em volta, aproximávamo-nos cada vez mais do centro do turbilhão e sempre mais perto, cada vez mais perto do seu espantoso interior.

«Durante todo esse tempo não largara a argola. O meu irmão estava atrás segurando-se a uma pequena barrica vazia, solidamente amarrada sob a torre de vigia, por detrás da bitácula; era o único objeto de bordo que não fora varrido quando o golpe de vento nos surpreendera.

«Quando nos aproximávamos da borda do poço movediço, ele largou o barril e procurava agarrar a argola que, na agonia do terror, se esforçava por arrancar das minhas mãos e que não era bastante larga para nos dar a segurança suficiente aos dois.

«Nunca senti um desgosto tão profundo, como o que tive ao vê-lo tentar semelhante ação, se bem que visse que o terror o tornara num louco furioso.

«Todavia, não tentei disputar-lhe o lugar. Sabia bem que importava muito pouco a quem pertenceria a argola; dei-lha e fui eu para o barril, para a ré. Não fora muito difícil praticar essa manobra; porque o barco agora corria em volta com bastante aprumo e muito direito sobre a quilha, empurrado algumas vezes aqui e acolá pelas imensas ondas e o cachoar do turbilhão. Mal me acomodara na minha nova posição, tivemos uma violenta sacudidela a estibordo e fomos de frente para o abismo. Murmurei uma rápida oração a Deus, e pensei que tudo estava terminado.

«Como eu sofresse o efeito doloroso da náusea da descida, agarrei-me instintivamente ao barril com mais força e fechei os olhos. Durante alguns segundos não ousei abri-los, esperando uma destruição instantânea e admirando-me de não estar nas angústias supremas da imersão. Mas os segundos decorriam; vivia ainda. A sensação da queda cessara, e o movimento do navio assemelhava-se muito ao que era já, quando fôramos levados na cintura de espuma, com a diferença de que o barco estava mais inclinado. Encorajei-me de novo e olhei uma vez mais para o que me rodeava.

«Jamais esquecerei as sensações de medo, de horror e admiração que senti ao olhar à minha volta. O barco parecia suspenso como por magia, a meio caminho da sua queda, na superfície interior de um funil de uma vasta circunferência, de uma profundidade prodigiosa, e cujas paredes admiravelmente polidas poderiam parecer de ébano, se não fosse a surpreendente velocidade com a qual elas piruetavam e a brilhante e horrível claridade que elas repercutiam sob os raios da lua que, desde o buraco circular que já descrevi, deixava cair um rio de ouro e de esplendor ao longo das paredes negras e penetrava até à mais íntima profundidade do abismo.

«Primeiro, eu estava demasiado perturbado para observar fosse o que fosse com alguma exatidão. A explosão geral desta magnificência aterradora era tudo o que se podia ver. Contudo, quando vim um pouco a mim, o meu olhar dirigiu-se instintivamente para o fundo. Nessa direção, podia alongar o olhar sem obstáculo por causa da posição do nosso barco, que estava suspenso sobre a superfície inclinada do abismo; corria sempre sobre a quilha, isto é, a sua ponte formava um plano paralelo ao da água que fazia como

um talude inclinado a 45 graus, de forma que parecia sustentarmos sobre um lado. Não podia deixar de reparar, contudo, que não tinha mais dificuldade em me manter com as mãos e pés nesta posição do que se estivéssemos em plano horizontal, e isso acontecia, suponho, devido à velocidade com que nós girávamos.

«Os raios da lua pareciam procurar o fim do fundo do abismo; no entanto, não podia distinguir nitidamente, por causa de um espesso nevoeiro que envolvia tudo e sobre o qual pairava um magnífico arco-íris semelhante a esse ponto estreito e vacilante que os muçulmanos afirmam ser a passagem entre o Tempo e a Eternidade. Este nevoeiro, ou esta espuma, era sem dúvida ocasionado pelo choque das grandes paredes do funil; quanto ao rugido que subia desse nevoeiro para o céu, não tentarei descrevê-lo.

«A nossa primeira escorregadela para o abismo, a partir do círculo de espuma, tinha-nos levado para uma grande distância da vertente; mas posteriormente a nossa descida não se efetuou tão rapidamente, ao aproximarmos-nos. Nós navegámos sempre em círculos, que por vezes nos projetavam para cima centenas de jardas e outras vezes faziam-nos descrever uma volta completa, em torno do turbilhão. A cada volta, aproximávamo-nos do abismo, lentamente, é certo, mas de uma maneira muito sensível. Olhei em redor, sobre o vasto deserto de ébano que nos retinha, e apercebi-me que o nosso barco não era o único objeto que caíra nas garras do turbilhão. Por cima e por baixo de nós viam-se destroços de barcos, grandes pedaços de madeira, troncos de árvores, bem como um bom número de artigos mais pequenos, tais como peças de mobiliário, malas partidas, barris e aduelas. Já descrevi a

curiosidade sobrenatural que substituíra os meus primeiros terrores. Parecia-me que ela aumentava à medida que me aproximava do meu espantoso destino. Comecei então a espiar com um estranho interesse os numerosos objetos que flutuavam junto de nós. Era preciso que eu estivesse a delirar, porque encontrava mesmo uma espécie de divertimento a calcular as velocidades relativas na descida para o turbilhão de espuma.

«Este pinheiro, surpreendi-me uma vez a dizer, será a primeira coisa que dará o terrível mergulho e que desaparecerá; e fiquei muito desapontado de ver que um barco da marinha mercante holandesa tomara a dianteira e se afundara primeiro. O decorrer do tempo, depois de ter feito conjeturas desta natureza, e de me ter sempre enganado, este facto — o facto do meu invariável erro — lançou-me numa ordem de reflexões que fizeram de novo tremer os meus membros e bater o meu coração ainda mais apressadamente.

«Não era um novo terror que me afetava assim, mas o nascer de uma esperança bem mais emocionante. Esta esperança surgia em parte da memória, em parte também da observação presente. Recordei a imensa variedade de destroços que juncavam a costa de Lofoden e que todos eram absorvidos e reenviados para o Moskoe-Strom. Estes artigos, na maioria, eram desfeitos da maneira mais extraordinária — despedaçados, esfolados, a ponto de terem o aspeto de estarem cheios de pontas e lascas. Mas recordava-me distintamente então de que havia alguns que não estavam desfigurados por completo. Não podia agora reparar nesta diferença supondo que os fragmentos esfolados fossem os únicos que tivessem sido completamente absorvidos; os outros, ao entrarem no turbilhão num período bastante avançado da maré, ou depois de

terem entrado ali, bastante lentamente, para não atingir o fundo antes do fluxo ou do refluxo, conforme os casos. Admiti como possível, nos dois casos, que tivessem subido rodopiando de novo até ao nível do oceano sem sofrer a sorte dos que tinham sido arrastados mais cedo ou absorvidos mais rapidamente. Fiz também três observações importantes: a primeira, que, regra geral, quanto mais pesado é o corpo, mais rápida é a descida; a segunda, que duas massas tendo um comprimento igual, uma esférica e a outra seja qual for a forma, é maior a velocidade de descida para a esférica; a terceira, que tendo duas massas de um volume igual, uma cilíndrica e a outra seja de qual for a forma, a cilíndrica era absorvida mais lentamente.

«Desde o meu salvamento, tive a este respeito algumas conversas com um velho mestre-escola do distrito, e foi ele que me ensinou o emprego das palavras cilindro e esfera. Explicou-me — mas esqueci a explicação — que aquilo que eu observava era a consequência natural da forma dos destroços flutuantes e demonstrou-me como um cilindro girando num turbilhão, apresentava mais resistência à sucção e era atraído com mais dificuldade do que um corpo de outra forma qualquer e de um volume igual.

«Não hesitei por muito tempo sobre o que tinha a fazer. Resolvi agarrar-me com confiança à barrica a que me conservara sempre abraçado, desatar o cabo que a retinha à bitácula, e atirar-me com ela ao mar. Esforcei-me, por sinais, por despertar a atenção do meu irmão sobre os barris flutuantes, ao pé dos quais nós passávamos e fiz tudo o que pude para lhe fazer compreender o que ia tentar. Julguei, passado algum tempo, que ele adivinhara o

meu desígnio; mas tivesse-o ou não compreendido, sacudiu a cabeça com desespero e recusou abandonar o lugar junto da argola. Era-me impossível agarrá-lo; a conjuntura não permitia demoras. Assim, com uma amarga angústia, abandonei-o ao seu destino; amarrei-me à barrica com o cabo que a amarrara à torre de vigia e, sem hesitar nem mais um momento, precipitei-me com ela para o mar.

«O resultado foi precisamente a que eu esperava. Como sou eu próprio que lhe conto esta história, como vê, escapei — e como já conhece a maneira que empreguei para me salvar, pode desde já prever tudo o que teria para lhe dizer — abreviarei a minha história e irei direito à conclusão.

«Decorrera cerca de uma hora desde que abandonara o barco quando ele, depois de ter descido a uma grande distância deu, uma após outra, três ou quatro voltas precipitadas e, arrastando o meu bem-amado irmão, mergulhou de proa, rapidamente e para sempre, no caos da espuma.

«O barril ao qual eu estava amarrado vogava já quase até metade da distância que separava o fundo do abismo do sítio de onde me precipitara pela borda, quando ocorreu uma grande mudança no turbilhão. A vertente das paredes do vasto funil tomou-se cada vez menos escarpada. As evoluções do turbilhão tomaram-se gradualmente menos rápidas. Pouco a pouco a espuma e o arco-íris desapareceram, e o fundo do abismo pareceu elevar-se lentamente.

«O céu tornou-se claro, o vento abrandou, e a Lua cheia desapareceu radiosamente a oeste, quando me encontrei à superfície do oceano, mesmo em frente da costa de Lofoden, e por

cima do lugar onde antes estava o turbilhão de Moskoe-Strom. Era a hora da acalmia, mas o mar elevava-se ainda em vagas enormes, em consequência da tempestade. Fui levado violentamente para o canal de Strom e lançado em poucos minutos à costa, entre os pescadores. Um barco apanhou-me, esgotado de fadiga, e, embora o perigo tivesse desaparecido, a recordação destes horrores tinham-me tomado mudo. Os que me levaram para bordo eram meus velhos camaradas do mar e companheiros de todos os dias, mas não me reconheceram, como não teriam reconhecido um homem que viesse do mundo dos espíritos. Os meus cabelos, que na véspera eram de um negro de asas de corvo, estavam tão brancos como os vê agora. Disseram-me também que toda a expressão da minha fisionomia estava mudada. Contei-lhes a minha história — não quiseram acreditar. Conto-lha agora a si, mas mal me atrevo a esperar que o senhor acredite mais em mim que os pescadores de Lofoden.»

A Ilha da Fada

Título original: *The Island of the Fay*

Publicado em 1841

A música — diz Marmontel nesses *Contos Morais* que os nossos tradutores persistem em chamar *Moral Tales*, como que a zombar do seu espírito — *é o único dom que provoca prazer por si só; todos os outros exigem testemunhas*. Ele confunde aqui o prazer de ouvir sons agradáveis com a faculdade de os criar. Do mesmo modo que qualquer outro *dom*, a música não é capaz de dar um gozo completo se não houver uma segunda pessoa para apreciar a sua execução. E a faculdade de produzir efeitos que se gozem plenamente na solidão não lhe é particular; ela é comum a todos os outros dons. A ideia, que o contista não conseguiu conceber claramente, ou que, na sua expressão, sacrificou ao amor nacional do *conceito* é, sem dúvida, a ideia muito defensável de que a música do mais elevado estilo é a mais sentida quando estamos absolutamente sós. A proposição, sob esta forma, será admitida à primeira vista por aqueles que amam a lira por amor da lira e pelas suas vantagens espirituais.

Mas há um prazer que está sempre ao alcance da humanidade decaída — e é talvez o único —, que deve ainda mais que a música à sensação acessória do isolamento. Refiro-me à felicidade que se experimenta na contemplação de um quadro da natureza.

Na verdade, o homem que pretende contemplar de frente a glória de Deus na Terra deve contemplar essa glória na solidão. Para mim, pelo menos, a presença, não apenas da vida humana, mas da vida sob qualquer outra forma como a da dos seres verdejantes que crescem no solo e não têm voz, é um opróbrio para a paisagem; ela está em guerra com o génio do cenário. Sim, na verdade, eu gosto de contemplar os vales sombrios, as rochas pardacentas, as águas que sorriem silenciosamente, as florestas que suspiram em sono ansioso, e as montanhas orgulhosas e vigilantes que olham tudo do alto. Gosto de contemplar essas coisas pelo que elas são: membros gigantesco de um imenso *todo*, animado e sensível — um todo cujo forma (a da esfera) é a mais perfeita e a mais compreensível de todas as formas; cuja rota se faz na companhia de outros planetas; cuja serva dócil é a Lua; cujo senhor mediatizado é o Sol; cuja vida é a eternidade; cujo pensamento é o de um Deus, a fruição do qual é conhecimento; cujos destinos se perdem na imensidade; para quem nós somos uma noção correspondente à noção que temos dos animálculos que infestam o cérebro —, um ser que nós olhamos, conseqüentemente, como inanimado e puramente material — apreciação muito semelhante à que esses animálculos devem fazer de nós.

Os nossos telescópios e as nossas investigações matemáticas confirmam-nos totalmente — não obstante a hipocrisia da padralhada mais ignorante — que o espaço, e, por consequência, o volume, é uma consideração importante aos olhos do Omnipotente. Os círculos em que se movem as estrelas são os mais apropriados à evolução, sem conflito, do maior número de corpo» possível. As formas desses corpos são exatamente escolhidas para conterem,

sob uma dada superfície, a maior quantidade possível de matéria; e as próprias superfícies estão dispostas de forma a receberem uma população mais numerosa da que poderiam conter se essas mesmas superfícies estivessem dispostas de outro modo. E do facto de o espaço ser infinito nenhum argumento se pode tirar contra esta ideia: que o volume tem um valor aos olhos de Deus, pois para preencher esse espaço pode haver um infinito de matéria. E como vemos claramente que dotar a matéria de vitalidade é um princípio — e mesmo, até onde nos é dado julgar, o princípio capital nas operações da Divindade —, será lógico supô-lo confinado na ordem da pequenez, onde ele se nos revela diariamente, e excluí-lo das regiões do grandioso? Como nós descobrimos círculos nos círculos, sempre e sem fim — todos, porém, evoluindo à volta de um centro infinitamente distante, que é a Divindade —, não poderemos supor, analogicamente e da mesma maneira, a vida na vida, a menor na maior, e todas; no Espírito divino? Em suma: nós erramos nesciamente por fatuidade, imaginando que o homem, nos seus destinos temporais ou futuros, é, perante o Universo, muito mais importante que o vasto *lodo do vale* que ele cultiva e que despreza, e a que recusa uma alma pela pouca profunda razão de que não a vê atuar.

Estas ideias e outras análogas deram sempre às minhas meditações, no meio das montanhas e das florestas, junto dos rios e do oceano, uma cambiante que as pessoas vulgares não deixarão de apodar de fantástica. Os meus passeios errantes no meio de quadros deste género têm sido numerosos, singularmente curiosos, muitas vezes solitários; e o interesse com que eu vagueei por mais de um vale profundo e sombrio, ou contemplei o *céu* de muitos

lagos límpidos, era grandemente aumentado pela ideia de que vagueava só, de que contemplava *sozinho*. Um francês tagarela, aludindo à bem conhecida obra de Zimmermann, disse: *A solidão é uma bela coisa, mas é necessário alguém para nos dizer que a solidão é uma bela coisa*. Como epigrama, é perfeito. Mas esse «é necessário»... Tal necessidade é coisa que não existe.

Foi numa das minhas viagens solitárias, numa região longínqua — montanhas complicadas por montanhas, meandros de rios melancólicos, lagos sombrios adormecidos —, que se me deparou certo regatozito onde havia uma ilha. Cheguei ali subitamente num mês de junho, o mês da folhagem, e deitei-me no chão, sob os ramos de um arbusto odorífero que me era desconhecido, no intuito de repousar e, ao mesmo tempo, contemplar o quadro. Reconheci que só daquela maneira o poderia ver bem, tal era o seu ângulo de visão.

De todos os lados, exceto a oeste, onde o sol mergulharia dentro em pouco, se erguiam as muralhas verdejantes da floresta. O riozinho, que fazia um cotovelo brusco, e assim se furtava subitamente à vista, parecia não conseguir escapar da sua prisão; dir-se-ia, porém, que ele era absorvido para leste pela densa verdura das árvores, e do lado oposto (assim me parecia, deitado e com o olhar voltado para o céu) caía no vale, sem transição e sem ruído, uma cascata maravilhosa de ouro e púrpura, provinda das fontes ocidentais do céu.

Pouco mais ou menos ao centro da estreita perspectiva que o meu olhar visionário abrangia repousava no meio do solitário regato uma pequena ilha circular, magnificamente recoberta de tons verdejantes.

*A margem e a sua imagem de tal modo se fundiam
Que o todo parecia suspenso no ar.*

A água transparente assemelhava-se tanto a um espelho que era quase impossível adivinhar em que ponto do talude de esmeralda começava o seu domínio de cristal.

A posição em que me encontrava permitia que eu abrangesse com um só olhar as duas extremidades, leste e este, da ilha; e nos seus aspetos observei uma diferença singularmente nítida.

A ocidente era tudo um radioso harém de belezas de jardim. Abrasado e avermelhado pelo olhar oblíquo do sol, sorria extaticamente em todas as flores. A relva era curta, elástica, odorífera e entremeada de belas cores. As árvores eram flexíveis, alegres, eretas, esbeltas e graciosas, orientais pela forma e pela folhagem, de casca polida, luzidia e versicolor. Dir-se-ia que circulava por toda a parte um sentimento profundo de vida e de alegria; e, embora do céu não soprasse a menor brisa, tudo, porém, parecia agitado por bandos de borboletas que se poderiam tomar, nas suas fugas graciosas em ziguezague, por tulpas aladas.

O outro lado, o lado leste da ilha, estava submerso na mais negra sombra. Pairava sobre todas as coisas uma tristeza fúnebre, mas cheia de calma e beleza. As árvores tinham uma cor escura, as suas formas e as suas atitudes eram lúgubres; torciam-se como espectros tristes e solenes, evocando ideias de irremediável desgosto e morte prematura. A relva revestia-se da cor carregada do cipreste, e das suas hastes pendiam languidamente as pontas. Erguiam-se, dispersos, vários montículos disformes, baixos,

estreitos, não muito compridos, com o aspeto de túmulos, mas que o não eram, embora acima deles e à sua volta medrassem a arruda e o alecrim. A sombra das árvores tombava pesadamente na água e parecia ali sepultar-se, impregnando de trevas as profundezas do elemento. Persuadia-me de que cada sombra, à medida que o Sol descia, se separava contrariada do tronco que lhe dera origem e era absorvida pelo regato, enquanto outras sombras nasciam a cada instante das árvores, tomando o lugar que pertencera às suas defuntas irmãs mais velhas.

Esta ideia, desde que se me apoderou da imaginação, excitou-me fortemente e perdi-me logo em devaneios.

«Se houve jamais ilha encantada — dizia eu para comigo —, é esta, com toda a certeza. É o ponto de encontro de algumas graciosas Fadas que sobreviveram à destruição da sua raça. E estes verdes túmulos serão os delas? Findarão elas a sua doce vida da mesma maneira que a humanidade? Ou não será, pelo contrário, a sua morte uma espécie de melancólico definhar? Entregarão elas a sua existência a Deus, pouco a pouco, exaurindo lentamente a sua substância até à morte, do mesmo modo que as árvores entregam as suas sombras uma após outra? Aquilo que a árvore que se exaure é para a água que lhe absorve a sombra, tornando-se mais negra com a presa que devora, não poderia a vida da Fada ser o mesmo para a Morte que a devora?»

Enquanto assim devaneava, com os olhos semicerrados, e o Sol descia rapidamente para o seu leito, e turbilhões giravam a toda a volta da ilha, levando no seu seio grandes e luminosas escamas brancas, soltas dos troncos dos sicómoros — escamas que uma imaginação viva poderia, graças às suas variadas posições na

água, converter naquilo que mais lhe agradasse —, enquanto eu assim devaneava, pareceu-me ver o vulto de uma dessas Fadas com que tinha sonhado destacar-se da parte luminosa e ocidental da ilha e avançar lentamente para as trevas. Mantinha-se ereta sobre uma canoa singularmente frágil, que ela movia com um remo fantástico. Enquanto estive sob a influência dos últimos e belos raios do Sol, a sua atitude parecia revelar alegria, mas, assim que passou à região das sombras, a tristeza alterou-lhe as feições. Lentamente, foi deslizando, pouco a pouco, dando a volta à ilha, e reentrou na zona de luz.

«O circuito que a Fada acaba de fazer — continuei eu, sempre a sonhar — é o ciclo de um breve ano da sua vida. Ela atravessou o seu inverno e o seu verão. Aproximou-se um ano da morte; eu bem vi que, quando ela entrava na obscuridade, a sua sombra se separava dela e era tragada pela água escura, tornando a sua negridão ainda mais profunda.»

E o barquinho apareceu de novo com a Fada; de novo da luz para a escuridão, que se tornava mais densa de minuto a minuto, e novamente a sua sombra, destacando-se, caiu no ébano líquido e foi absorvida pelas trevas.

Várias vezes ainda ela fez o circuito da ilha, enquanto o Sol se precipitava para o seu leito; e, de cada vez que ela emergia para a luz, mais tristeza havia na sua expressão e mais fraca, mais abatida e indistinta ela se mostrava; e de cada vez que passava à obscuridade, destacava-se dela um espectro mais escuro, que se submergia numa sombra mais profunda. Mas, por fim, quando o Sol desapareceu totalmente, a Fada — a pobre inconsolável! — agora simples fantasma de si própria, entrou com o seu barco na região

do rio de ébano, — e se jamais de lá saiu não o posso dizer, pois as trevas tombaram sobre todas as coisas, e eu não tomei a ver a sua encantadora figura...

A Máscara da Morte Vermelha

Título original: *The Masque of the Red Death*

Publicado em 1842

Havia muito que a «Morte Vermelha» assolava a região. Jamais houve peste tão fatal ou tão hedionda. O sangue era o seu avatar ou o seu selo — a vermelhidão e o horror do sangue. Sentiam-se dores agudas, seguidas de um súbito estonteamento, dos poros brotava profusamente o sangue, e, por fim, sobrevinha a morte. As manchas escarlates no corpo, e especialmente na cara, eram o estigma que baniam a vítima de todo o convívio humano, a isolavam de todo o auxílio e de toda a simpatia dos seus semelhantes. E a doença acometia um desgraçado, torturava-o e matava-o em menos de meia hora.

O Príncipe Próspero, porém, era feliz, intrépido e sagaz. Quando os seus domínios se achavam meio despovoados, chamou para junto de si mil amigos robustos e joviais, escolhidos dentre os fidalgos e damas da sua corte, e com eles se retirou para o remoto remanso de uma das suas abadias acasteladas.

Era esta um edifício extenso e magnífico, criação do gosto excêntrico, mas majestoso, do Príncipe. Circundava-a uma forte e alta muralha com portões de ferro. Os cortesãos, logo que entraram, serviram-se de forjas e pesados martelos e soldaram os ferrolhos dos portões. Havia resolvido vedar todos os meios de saída ou de entrada aos impulsos súbitos do desespero ou da

loucura. A abadia estava fartamente abastecida. Com tais precauções podiam desafiar o contágio. O mundo exterior que cuidasse de si. No entretanto, era loucura sofrer ou cismar. O Príncipe preparara para os seus hóspedes todos os gozos do prazer. Havia bobos, havia improvisadores, havia bailarins, havia músicos, havia Beleza, havia vinho. Dentro havia o prazer e a tranquilidade. Fora havia a «Morte Vermelha.»

Foi pelos fins do quinto ou sexto mês da sua reclusão, e enquanto a epidemia lavrava mais furiosamente pelo país, que o Príncipe Próspero mimoseou os seus mil amigos com um baile de máscaras da mais rara magnificência.

Foi um espetáculo voluptuoso aquele *baile*. Mas antes deixem-me descrever as salas em que se realizou a festa. Eram sete — à moda imperial. Em muitos palácios estas salas são a seguir umas às outras, formando uma perspectiva extensa e retilínea, de modo que de uma pode abranger-se o conjunto de todas as outras. Aqui, porém, o caso era muito diferente, como, aliás, era de esperar do amor do Príncipe por tudo o que fosse fantástico e extravagante. As salas estavam de tal modo dispostas, que a vista pouco mais de uma podia abranger de cada vez. De vinte em vinte metros, pouco mais ou menos, havia um ângulo muito agudo, e a cada canto que se dobrava descortinava-se um efeito novo.

À direita e à esquerda, ao meio de cada parede, uma janela gótica, alta e estreita, dava para um corredor que seguia a todo o comprimento das salas. Estas janelas eram de vitrais, cuja cor variava consoante o tom predominante nas decorações da sala a que pertencia. A do extremo oriental, por exemplo, era forrada de azul — e, portanto, rutilamente azuis eram os vitrais da sua janela.

A segunda sala era de púrpura nos seus adornos e nas suas tapeçarias, e a janela era igualmente purpúrea. A terceira era toda verde, e verdes eram os seus vitrais. A quarta era toda cor de laranja, a quinta forrada de veludo negro, que revestia as paredes, do teto ao chão, caindo em pesadas pregas sobre um tapete do mesmo estofado e da mesma cor. Mas só nesta sala é que a cor da janela não correspondia à das decorações. Os vidros eram, aqui, escarlata — cor de sangue.

Em nenhuma das sete salas havia qualquer espécie de lâmpada ou candelabro, por entre a profusão de ornatos de ouro que se exibiam aqui e ali ou pendiam do teto. Nenhuma espécie de luz de lâmpada ou vela iluminava aquela série de salas. Mas nos corredores que marginavam as salas, em frente a cada janela, erguia-se uma pesada trípode, em que ardia uma grande chama, cujos raios, coando-se através dos vitrais, resplandeciam na sala. Obtinham-se assim efeitos pulquérrimos e fantásticos. Mas na sala do extremo ocidental, a sala negra, o efeito da luz que incidia sobre o veludo negro, através dos vitrais cor de sangue, era sumamente tétrico, e imprimia uma aparência tão estranha às fisionomias de quem lá entrava, que poucas pessoas tinham a coragem de penetrar naquele recinto.

Era também nesta sala que, encostado à parede ocidental, se erguia um gigantesco relógio de ébano. O seu pêndulo oscilava com um som lúgubre, pesado, monótono; e, quando o ponteiro dos minutos completava o circuito do mostrador, e a hora batia, saía dos pulmões de bronze do relógio um som nítido, forte e profundo e extraordinariamente musical, mas de um timbre e de uma ênfase tão singulares, que, a cada hora que batia, os músicos da orquestra

eram obrigados a parar, momentaneamente, para escutarem o estranho som; e desse modo quem andava valsando cessava forçosamente as suas evoluções. Todo aquele alegre bulício se retraía e perturbava por uns momentos; e enquanto soavam as badaladas do relógio, notava-se que os mais arrebatados empalideciam, e os mais idosos e calmos passavam as mãos pelas frentes, como se de súbito se abismassem em confusa meditação ou absorto cismar.

Quando, porém, se apagavam os ecos importunos, imediatamente retumbava por toda a sala uma estridente gargalhada; os músicos olhavam uns para os outros e sorriam, como se deles próprios, do seu nervosismo e da sua insensatez, sorrissem, e juravam uns aos outros que o badalar seguinte do relógio os deixaria absolutamente indiferentes; mas, passados sessenta minutos (que abrangem três mil e seiscentos segundos do Tempo que voa) o relógio batia de novo as suas badaladas sinistras, e produzia-se a mesma estupefação, o mesmo nervosismo e a mesma meditação que anteriormente.

Apesar de tudo isto, porém, a festa decorria alegre e magnífica. Os gostos do Príncipe eram sem par. Tinha um olho apuradíssimo para cores e efeitos. Desdenhava as meras sugestões da moda. Os seus pianos eram arrojados, vibrantes de estro e de fogo. Havia quem o considerasse doido. Os que mais com ele privavam sentiam que o não era. Era necessário ouvi-lo, vê-lo e tocá-lo para se ter a *certeza* de que o Príncipe não era doido.

Ele próprio dirigira, em grande parte, as ornamentações das sete salas, por ocasião desta grande festa; e fora o seu gosto que dera caráter aos mascarados. Fiquem certos de que eram

grotescos. Havia cintilações, refulgências, mordacidades e fantasmas — muito do que depois se viu no *Hernani*. Havia muita coisa bela, muita coisa frívola, muita coisa extravagante, alguma coisa terrível e não pouco daquilo que poderia suscitar asco ou tédio. Para um lado e para outro, nas sete salas, deambulava uma multidão de *sonhos*. E estes — os sonhos — entravam e saíam, como que torcendo-se, revestindo-se da cor das salas, e fazendo com que a desaustinada música da orquestra parecesse como que o eco dos seus passos.

De repente, ouve-se o badalar do relógio de ébano da sala de veludo negro. E então, por um momento, tudo se queda em silêncio, todas as vozes se calam, menos a voz do relógio. Os sonhos estacam, como que gelados, no sítio onde estão. Mas os ecos das badaladas apagam-se prestes — duraram apenas um instante — e uma álcree gargalhada adeja pelas salas. E de novo voam pelo ambiente as vibrações da música, os sonhos voltam à vida e entram e saem, mexem-se e contorcem-se mais jovialmente do que antes, revestindo-se das cores dos vitrais por onde se coam as fulgurações das trípodes.

Mas na sala que fica mais a oeste, na sala forrada de negro, é que nenhum dos mascarados se abalança agora a penetrar; pois a noite vai já muito alta, e é de um rubro mais carregado a luz que dos vitrais cor de sangue agora cai; o negrume dos estofos aterra; e para aquele que pisa o tapete de veludo negro tem o relógio de ébano uma pancada surda, mais solenemente enfática do que as que ferem os ouvidos daqueles que se comprazem nas mais remotas folganças das outras salas.

As outras salas estavam densamente concorridas e nelas palpitava febrilmente o coração da vida. A orgia prosseguia delirantemente como o redemoinho de um turbilhão, até que o relógio começou a bater compassadamente a meia-noite. Parou a música, como acima disse; cessaram os rodopios das valsas; extinguiram-se todos os ruídos; houve, como das outras vezes, uma inquieta paralisação de tudo.

Agora, porém, eram doze as badaladas que o relógio devia vibrar; e, assim, aconteceu que, sendo mais largo o lapso de tempo, mais demoradas e profundas foram, decerto, as meditações em que se abismaram os que foliavam. E, foi por isso, talvez, que, antes de se apagarem os ecos da última badalada, muitas pessoas da turba foliona tiveram ensejo de dar pela presença de um mascarado que até aí a atenção de ninguém atraía. E, como logo de boca em boca se divulgasse a surpreendente nova, de toda a assistência se ergueu um zunzum, um murmúrio expressivo de repúdio e surpresa — e, por fim, de pasmo, de horror e de asco.

Numa assembleia de fantasmas como aquela que descrevi, é lícito supor que nenhuma aparição banal daria causa a tamanha excitação. Na verdade, quase não tinha limites a liberdade de que, naquela noite, fruía cada mascarado; não havia peias que detivessem a fantasia de cada um; mas o mascarado em questão excedera tudo o que se poderia conceber e transpusera mesmo as indefinidas barreiras do decoro do Príncipe. Há cordas nos corações dos mais afoitos que se não podem desferir sem emoção. Mesmo para os homens absolutamente perdidos, para quem a vida e a morte são igualmente gracejos, há coisas com que se não pode brincar.

Toda aquela gente, efetivamente, parecia agora sentir profundamente que no traje e no porte do intruso nem havia espírito nem propriedade. Era alto e magro e embrulhava-se, da cabeça aos pés, numa mortalha funerária. A máscara que lhe ocultava a cara tinha as feições rígidas de um cadáver, imitadas com tal perfeição, que o mais atento exame teria dificuldade em perceber o logro. E, todavia, tudo isto podia ter sido admitido, se não aprovado, pelos loucos foliões que se aglomeravam nas salas. O mascarado, porém, levara o seu atrevimento até o ponto de assumir a forma e o tipo da *Morte Vermelha!* A mortalha que o envolvia estava pintalgada de sangue — e a sua ampla fronte, tal qual como a cara, estava toda salpicada com o horror escarlate.

Quando os olhos do Príncipe Próspero deram com esta figura espectral (que com um movimento lento e solene, como que para mais realce dar ao seu papel, passeava por entre os valsantes), acometeu-o, de súbito, um violento tremor convulso, de terror ou de enfado; mas, passado um momento, as faces coraram-se-lhe de raiva.

— Quem ousa? — perguntou, em voz rouca, aos cortesãos que o rodeavam. — Quem ousa insultar-nos com esta blasfema zombaria? Agarrem-no e desmascarem-no, para nós sabermos quem havemos de enforcar, ao raiar da alva, nas ameias do palácio!

Estava o Príncipe Próspero na sala azul ao proferir estas palavras. Elas ressoaram pelas sete salas em voz vibrante e nítida — pois o Príncipe era audaz e robusto, e a música calara-se a um aceno da sua mão.

O Príncipe achava-se, como disse, na sala azul, rodeado por um grupo de pálidos cortesãos. A princípio, quando ele falou, os

presentes fizeram uma leve menção de se atirarem ao intruso, que, nesse momento, se achava muito perto e agora, com passo resoluto e firme, se aproximara mais do Príncipe.

Mas, por uma espécie de terror inominado que as macabras atitudes do mascarado infundiram em todos os circunstantes, não houve um só que se atrevesse a lançar-lhe a mão; de modo que pôde, à sua vontade, passar a menos de um metro da pessoa do Príncipe; e, enquanto todos, obedecendo a um só impulso, recuavam para junto das paredes, ele seguia ininterruptamente o seu caminho, com o mesmo passo solene e cadenciado que desde o princípio o distinguira: passou da sala azul para a purpúrea — da purpúrea para a verde — da verde para a cor de laranja — desta para a branca — e desta para a roxa, sem que o mínimo gesto o detivesse.

Foi então que o Príncipe Próspero, louco de cólera e de vergonha da sua momentânea cobardia, se precipitou em desabalada correria através das seis salas; nenhum dos seus amigos o seguiu, em virtude do terror mortal que deles todos se apoderara. Brandia no ar um punhal, e havia chegado, no ímpeto da perseguição, até cerca de um metro do fugitivo quando este, havendo atingido o extremo da sala de veludo negro, parou de repente e fez frente ao seu perseguidor.

Ouviu-se um agudo grito — e o punhal caiu, cintilando, no tapete negro, sobre o qual, um instante depois, tombava, prostrado de morte, o Príncipe Próspero...

Então, acicatados pela desvairada coragem do desespero, os cortesãos irromperam em tropel pela sala negra, e, agarrando o mascarado, cujo alto vulto se quedara, ereto e imóvel, na sombra

do relógio de ébano, arquejaram de inexprimível horror ao verificarem que, por baixo da lúgubre mortalha e da macabra máscara que seguravam com violenta sanha, nenhuma forma tangível se encontrava!...

Reconheceu-se então a presença da Morte Vermelha. Entrara de noite, como um ladrão. E um a um, todos os foliões caíram mortos nas salas, orvalhadas de sangue, onde tumultuara a sua orgia. E a vida do relógio de ébano terminou quando o último exalou o seu suspiro derradeiro. Apagaram-se as chamas das trípodes. E as trevas, as ruínas e a Morte Vermelha firmaram sobre tudo o seu domínio ilimitado...

A Quinta de Arnheim

Título original: *The Landscape Garden*

Publicado em 1842

Desde o berço até ao túmulo, o meu amigo Ellison foi sempre embalado por uma brisa de prosperidade. E neste caso não emprego a palavra *prosperidade* no sentido puramente mundano, mas sim como sinónimo de felicidade. A pessoa de que falo parecia ter sido criada para simbolizar as doutrinas de Turgot, de Price, de Priestley e de Condorcet; para fornecer um exemplo individual do que se denominou *a quimera dos perfeccionistas*.

A curta existência de Ellison é uma refutação do dogma que pretende que na própria natureza do homem jaz um princípio misterioso inimigo da felicidade. Um exame minucioso da sua carreira fez-me compreender que a miséria da espécie humana nasce, em geral, da violação de algumas leis simples da humanidade; que temos em nosso poder elementos de contentamento ainda não empregados e que, mesmo agora, nas trevas presentes e no estado delirante do pensamento humano sobre a grande questão das posições sociais, não seria impossível que o homem, como indivíduo, pudesse ser feliz em certas circunstâncias insólitas e notavelmente fortuitas.

O meu jovem amigo estava também intimamente compenetrado das mesmas opiniões; não é inútil observar que a

felicidade contínua, que caracterizou toda a sua vida, foi em grande parte o resultado de um sistema concebido.

É evidente que, sem esta filosofia instintiva que em muitos casos substitui a experiência, M. Ellison ter-se-ia visto precipitado, pelo extraordinaríssimo sucesso da sua vida, no turbilhão comum de desgraça que se abre diante de todos os homens maravilhosamente dotados pela sorte. Mas o meu fim não é de modo algum escrever um tratado sobre a felicidade. As ideias do meu amigo podem resumir-se em algumas palavras.

Ele não admitia senão quatro princípios ou, mais estritamente, quatro condições elementares de felicidade. A principal era a simples condição, puramente física, do exercício ao ar livre. “A saúde — dizia ele — que se pode obter por outros meios quase não é digna desse nome.” Ele citava as voluptuosidades do caçador de raposas e designava os cultivadores da terra como as únicas pessoas que podiam ser seriamente consideradas como mais felizes do que as outras. A segunda condição era o amor da mulher. A terceira, a mais difícil de realizar, era o desprezo de todas as ambições. A quarta era o objeto de uma pretensão incessante; e afirmava que, as outras coisas sendo iguais, a extensão da felicidade que se pode atingir estava na proporção da espiritualidade deste quarto objeto.

Ellison foi um homem notável pela profusão contínua com que a fortuna o sobrecarregou de seus dons. Em graça e beleza pessoal não havia homem que se lhe comparasse. A sua inteligência era tal que, para ele, a aquisição dos conhecimentos era menos um trabalho do que uma intuição e uma necessidade. Pertencia a uma das famílias mais ilustres do estado e tinha por esposa a mais

deliciosa e a mais dedicada das mulheres. A sua fortuna havia sido sempre considerável; mas quando chegou à maioridade, o destino tinha-lhe preparado um destes acasos extravagantes que estupeficom o meio social em que acontecem e que não deixam nunca de alterar radicalmente a constituição moral daqueles a quem favorecem.

Parece que cem anos antes da maioridade de M. Ellison tinha morrido, numa província remota, um tal M. Seabright Ellison. Este *gentleman* havia amontado uma fortuna principesca e, não tendo herdeiros imediatos, concebera a fantasia de deixar acumular aquela fortuna durante um século depois da sua morte. Tendo indicado ele mesmo, minuciosamente e com a maior sagacidade, os diferentes modos de empregar o dinheiro, legou a massa total ao seu parente mais próximo que vivesse na época em que terminasse o centésimo ano. Tinham-se feito muitas tentativas para obter a anulação daquele legado singular, mas todas haviam abortado, como confutadas de um caráter retroativo. A única coisa que resultou daquelas diligências foi a promulgação de um decreto pelo qual ficavam proibidas, para o futuro, semelhantes acumulações de capitais. Contudo, aquele decreto não pôde impedir o jovem Ellison de entrar em posse, no vigésimo primeiro aniversário do seu nascimento, como herdeiro direto de Seabright, de uma fortuna de quatrocentos e cinquenta milhões de dólares.

Quando a cifra prodigiosa da herança foi conhecida fizeram-se, como era natural, uma multitude de reflexões sobre a maneira de a empregar. A enormidade da soma e a sua aplicação imediata deslumbravam todos aqueles que pensavam na questão. Se se tivesse tratado do possuidor de qualquer fortuna apreciável, teria

sido simples imaginá-lo executando um ou outro de mil projetos. Dotado de uma fortuna maior que as de todos os outros cidadãos, teria sido natural supô-lo a lançar-se em todos os excessos de extravagâncias , ou então a entregar se a intrigas políticas, ou a aspirar ao poder ministerial, ou a comprar um título elevado, ou fazendo vastas coleções artísticas, ou representando o papel magnífico de Mecenas das letras, das ciências e das artes, ou fundando grandes instituições de caridade e dando-lhes o seu nome. Mas relativamente à riqueza inconcebível de que o herdeiro se achava agora investido, estes objetos e todos os outros objetos ordinários de despesa pareciam não oferecer senão um campo muito limitado. Verificou-se que, mesmo a três por cento, o rendimento anual da herança não montava a menos de treze milhões e quinhentos mil dólares, isto é, um milhão cento e vinte e cinco mil dólares por mês, ou trinta e seis mil novecentos e oitenta e seis dólares por dia, ou mil quinhentos e quarenta e um dólares por hora, ou vinte e seis dólares por minuto. Assim o caminho batido das suposições achava-se absolutamente cortado. Os homens não sabiam o que conjeturar. Alguns iam até imaginar que M. Ellison se despojaria voluntariamente de metade daquela fortuna, como representando uma opulência absolutamente supérflua, para enriquecer todos os seus parentes. Com efeito, Ellison estabeleceu aos mais próximos a fortuna pouco ordinária de que ele gozava já antes daquela herança monstruosa.

Contudo, eu não me surpreendi de ver que Ellison tinha, desde muito tempo, ideias determinadas sobre o assunto que causava entre os seus amigos uma tão grande discussão; e a natureza da sua decisão não me inspirou maior surpresa. Relativamente às

caridades individuais, satisfizera a sua consciência. Quanto à possibilidade de um aperfeiçoamento qualquer propriamente dito, efetuado pela pessoa do homem na condição geral da humanidade, não lhe merecia grande crédito, confesso-o com mágoa. Em suma, por sua felicidade ou por sua desgraça, Ellison concentrava-se geralmente consigo mesmo.

Era um poeta no sentido mais nobre e mais vasto da palavra. Além disso compreendia o verdadeiro caráter, o fim augusto, a necessidade suprema e a dignidade do sentimento poético. O seu instinto dizia-lhe que a mais perfeita, senão a única satisfação, própria a este sentimento, consistia na criação de novas formas de beleza. Algumas particularidades da sua educação primária ou mesmo da natureza da sua inteligência haviam introduzido nas suas especulações éticas uma porção do que se chama materialismo. E foi talvez esta disposição de espírito que o conduziu a acreditar que o campo mais vantajoso, senão o único legítimo, para o exercício da faculdade poética consiste na criação de novos modos de beleza puramente física. Foi por isso que ele não se fez músico nem poeta (se empregarmos esta última palavra na sua aceção ordinária). Ou talvez que não se tivesse feito uma coisa nem outra, simplesmente em consequência da sua ideia favorita, a saber: que é no desprezo da ambição que reside um dos princípios essenciais da felicidade sobre a terra. Em verdade, não podemos nós conceber que, se uma inteligência superior deve ser necessariamente ambiciosa, haja uma espécie de inteligência ainda mais superior que esteja acima do que se chama ambição? E, portanto, não é possível supormos que tenham existido inteligências muito maiores que as de Milton, que hajam ficado voluntariamente "mudas e ingloriosas"?

Pela minha parte, creio que o mundo não viu nunca, e que salvo o caso em que uma série de acidentes estimulassem a inteligência da classe mais nobre, obrigando-a aos esforços repugnantes da aplicação prática, o mundo não verá jamais a perfeição triunfante de execução de que a natureza humana é positivamente capaz nos mais ricos domínios da arte.

Ellison não se fez pois músico nem poeta, dado que jamais homem algum tenha existido mais profundamente enamorado da música e da poesia. Em circunstâncias diferentes daquelas que o envolviam, talvez se tivesse feito pintor. A escultura, posto que rigorosamente poética por sua natureza, é uma arte cujo domínio e efeitos são muito limitados para lhe ter ocupado a atenção por muito tempo.

Acabo de enumerar todos os departamentos nos quais, segundo a aquiescência dos entendedores, o espírito poético pode estabelecer-se. Mas Ellison afirmava que o domínio mais rico, o mais verdadeiro e o mais natural da arte, senão absolutamente o mais vasto, tinha sido inexplicavelmente esquecido. Nunca se tinha feito uma definição do jardineiro-paisagista como do poeta; e, contudo, o meu amigo pensava que a criação do jardim-paisagem oferecia a mais magnífica das oportunidades a uma musa particular. Ali, com efeito, abria-se o mais belo campo para o desenvolvimento de uma imaginação aplicada à infinita combinação das formas novas da beleza: os elementos a combinar eram de uma classe superior e os mais admiráveis que a terra podia oferecer.

Na multiplicidade de cores e de formas das árvores e das flores, Ellison reconhecia os esforços mais diretos e os mais enérgicos da natureza para a beleza física. Era na direção ou

concentração desse esforço, ou antes na sua acomodação aos olhos destinados a contemplar os seus resultados sobre a terra, que ele se sentia chamado a empregar os melhores meios, a trabalhar o mais frutuosamente para a realização não só do seu próprio destino como poeta, mas também dos augustos desígnios em vista dos quais a Divindade implantou no homem o sentimento poético.

“Sua acomodação aos olhos destinados a contemplar os seus resultados sobre a terra.” Explicando esta frase, M. Ellison resolvia quase o que tinha sempre sido para mim um enigma; quero falar do facto, incontestável para todos, exceto para os ignorantes, de não existir na natureza combinação alguma decorativa, tal como o pintor de talento poderia produzi-la. Não se acham na realidade paraísos semelhantes àqueles que as telas de Claude Lorrain ostentam. Na mais bela das paisagens naturais descobre-se sempre um defeito ou um excesso, mil excessos e mil defeitos. Ainda mesmo que as partes constitutivas pudessem desafiar, cada uma individualmente, a habilidade de um artista consumado, a disposição dessas partes seria sempre suscetível de aperfeiçoamento. Em suma, não existe um lugar sobre a vasta superfície da terra natural onde os olhos de um contemplador atento não se sintam desagradavelmente impressionados por algum defeito no que se chama a composição da paisagem. E contudo, como isto é inteligível! Em qualquer outra matéria ensinaram-nos justamente a venerar a natureza como perfeita. Quanto aos detalhes, tremeríamos de ousar rivalizar com ela. Quem terá a presunção de imitar as cores da tulipa ou de aperfeiçoar as proporções da açucena do vale? A crítica, que diz a propósito de escultura e de pintura que a natureza deve ser enobrecida ou

idealizada, engana-se. Não há combinação de elementos de beleza humana, em pintura ou em escultura, que possa fazer mais do que aproximar-se da beleza viva e respirante. Só na paisagem o princípio da crítica é verdadeiro; e como ela o sentiu verdadeiro neste ponto, o maldito espírito de generalização levou-a a considerá-lo verdadeiro em todos os domínios da arte.

Sentiu o verdadeiro neste ponto, digo eu; porque o sentimento não é nem afetação nem quimera. As matemáticas não fornecem demonstrações mais absolutas do que as que o artista tira do sentimento da sua arte. O artista não crê só, sabe também que estas e aquelas disposições da matéria, arbitrárias em aparência, são as únicas bases da verdadeira beleza. As suas razões, contudo, não se firmaram ainda até à fórmula. Resta um trabalho reservado à análise (uma análise de uma profundidade até agora desconhecida ao mundo), o qual será procurar essas razões e formulá-las completamente. Entretanto, o artista é confirmado nas suas opiniões instintivas pela voz de todos os seus irmãos. Suponhamos uma composição defeituosa; e suponhamos também uma correção operada simplesmente na combinação da forma, a qual correção seja submetida ao julgamento de todos os artistas do mundo. A necessidade da correção será admitida por todos. Mais ainda! Para remediar o defeito da dita composição, cada membro da confraria teria sugerido uma correção idêntica.

Repito pois que somente na composição da paisagem a natureza física é suscetível de aperfeiçoamento e que esta exceção única era um mistério que eu não pudera nunca resolver. Todas as minhas reflexões sobre este assunto repousavam na ideia de que a intenção primitiva da natureza devia ter disposto a superfície da

terra de maneira a satisfazer, em todos os pontos, o sentimento humano da perfeição no belo, no sublime ou no pitoresco; mas que esta intenção primitiva havia sido desmanchada pelas perturbações geológicas conhecidas, perturbações que tinham sido ressentidas pelas formas e pelas cores, na correção e na reunião das quais jaz a alma da arte. Contudo, a força daquela ideia diminuía consideravelmente pela respetiva necessidade de considerar estas perturbações como anormais e destituídas de toda a espécie de fim. Foi Ellison que me sugeriu que elas eram prognósticos de morte, explicando-se assim: "Admitamos que a imortalidade terrestre do homem tenha sido a intenção primeira. Desde então, podemos conceber uma disposição primitiva da superfície da terra, apropriada a esse estado bem-aventurado do homem, estado que não chegou a realizar-se, mas que foi concebido. As perturbações não foram senão preparativos para a sua condição mortal, concebida posteriormente.

"Ora, acrescentava o meu amigo, o que nós consideramos como um enobrecimento da paisagem pode muito bem ser um enobrecimento real, apenas debaixo do ponto de vista moral ou humano. Quem sabe se qualquer mudança na decoração natural não produziria um defeito no quadro, se o supuséssemos visto em ponto grande, em massa, de qualquer ponto afastado da superfície da terra, ou mesmo além dos limites da sua atmosfera? Compreende-se facilmente que o aperfeiçoamento de um pormenor, examinado de perto, possa ao mesmo tempo estragar um efeito geral, um efeito apreciável a uma grande distância. Pode ser que exista uma classe de seres pertencentes outrora à humanidade, invisíveis agora para ela, a cujos olhos, na sua região longínqua, a

nossa desordem apareça como uma ordem, o nosso não pitoresco como pitoresco; anjos terrestres, numa palavra, dotados de um sentimento do belo, purificado pela morte, e para os olhares dos quais, mais especialmente do que para os nossos, Deus quis talvez ostentar os imensos jardins-paisagens dos hemisférios.”

No curso da discussão, o meu amigo citava algumas passagens de um escritor que se ocupou da questão do jardim-paisagem e que é considerado como uma autoridade.

“Não há propriamente senão dois estilos de jardim-paisagem, o natural e o artificial. Um procura imitar a beleza original dos campos, apropriando os seus meios à decoração circunvizinha, cultivando as árvores que estejam em harmonia com as colinas ou as planícies das terras próximas, descobrindo e pondo em evidência estas relações delicadas de tamanho, de proporção e de cor que, escondidas para os olhos do observador vulgar, aparecem por toda a parte ao discípulo experimentado da natureza. O resultado do estilo natural, relativamente a jardins, manifesta-se antes da ausência de todo e qualquer defeito ou incongruência, no predomínio da ordem e de uma harmonia sã do que na criação de milagres e de maravilhas especiais. O estilo artificial, compreendendo tantas variedades como de gostos diferentes há a satisfazer, implica uma certa relação geral com os diferentes estilos de arquitetura. Há as majestosas avenidas e os retiros de Versailles; há os terraços italianos; e há ainda um velho estilo inglês que tem alguma relação com a arquitetura gótica, doméstica e a do século de Isabel. Apesar de tudo o que se pode dizer contra os abusos do jardim-paisagem, a introdução da arte pura numa decoração rústica presta-lhe uma grande beleza; é em parte moral,

em parte feita para agradar aos olhos pela apresentação da ordem e da intenção tornada visível. Um terraço, com uma velha balaustrada coberta de musgo, evoca imediatamente para os olhos do observador as belas criaturas que ali passearam outrora. O mais ligeiro indício de arte é um testemunho de solicitude e de interesse humanos

“Depois das minhas observações precedentes, disse Ellison, compreende já que rejeito a ideia, exprimida pelo autor, de imitar a beleza original dos campos. Essa beleza original não é nunca tão grande como a que o homem pode dar-lhe. Naturalmente, tudo depende da escolha de um lugar apropriado. O que diz respeito à arte de descobrir e pôr em evidência as relações delicadas de tamanho, de proporção e de cor não é senão um destes modos vagos de falar que servem para cobrir a insuficiência do pensamento. A frase em questão pode significar alguma coisa, pode não significar nada e não pode guiar ninguém. Que o resultado do estilo natural, em matéria de jardins, se manifesta antes na ausência de todo e qualquer defeito ou incongruência do que na criação de milagres e de maravilhas especiais, é uma destas proposições mais bem adaptadas à inteligência rasteira do vulgar do que aos sonhos ardentes do homem de talento. O merecimento negativo em questão depende desta crítica defeituosa que, na ordem literária, elevaria Addison à apoteose. Para dizer a verdade, a virtude que consiste puramente em evitar o vício apela diretamente para a inteligência e pode ser, por conseguinte, circunscrita pela regra; mas a virtude mais alta que rutila em criações não pode ser apreciada senão nos seus resultados. A regra só se aplica aos merecimentos negativos, às qualidades que

aconselham a abstenção. Além dessa regra, a arte do crítico não pode senão sugerir. Podemos saber como se constrói um Gatão, mas nunca poderemos aprender a conceber um Partenon ou um Inferno. E contudo, a coisa feita, o milagre cumprido, a faculdade de o compreender torna-se universal. Os sofistas da escola negativa, que por serem incapazes de criar injuriam a criação, são agora os seus mais ruidosos aplaudidores. O que na sua condição embrionária de princípio lhes ofendia a razão magistral não deixa nunca, na madureza da execução, de arrancar a admiração ao seu instinto natural do belo.

“As observações do autor sobre o estilo artificial — continuava Ellison — são menos repreensíveis. A introdução da arte pura na decoração rústica, presta-lhe uma grande beleza. Esta frase é justa; e justa é também a observação relativa ao sentimento do interesse humano. O princípio, tal como está expresso, é incontestável, mas talvez haja ainda alguma coisa a acrescentar-lhe. Talvez que exista um efeito em acordo com o princípio; um efeito fora do alcance dos meios de que dispõem ordinariamente os indivíduos, o qual, uma vez atingido, introduziria no jardim-paisagem um encanto muito maior do que aquele que pode dar-lhe o sentimento do interesse puramente humano. Um poeta que dispusesse de meios pecuniários extraordinários poderia, conservando sempre a ideia necessária de arte, de cultura ou, conforme a expressão do autor, de interesse impregnar também os seus planos de beleza nova e de imensidade na beleza que estes sugerissem forçosamente ao espectador o sentimento de uma intervenção espiritual. Já se vê que, para a criação de semelhante resultado, é necessário que o poeta conserve todos os benefícios do interesse humano ou do plano e

que, ao mesmo tempo, desembarace a sua obra da dureza e da técnica da arte vulgar. No mais áspero dos desertos, na mais selvagem das decorações da pura natureza manifesta-se a arte de um criador; contudo, essa arte não é aparente senão para um espírito refletido, nem tem, de forma alguma, a força irresistível de um sentimento. Ora suponhamos essa expressão do desígnio do Todo-Poderoso abaixada um grau, posta em harmonia e apropriada com o sentimento da arte humana de maneira a formar uma espécie de intermediário entre os dois. Imaginemos, por exemplo, uma paisagem onde a vastidão e a delimitação, habilmente combinadas, onde a reunião da beleza, da magnificência e da raridade sugerirão a ideia de cuidados, de cultura e de superintendência da parte de seres superiores — embora aliados à humanidade — então o sentimento do interesse achar-se-á preservado e a arte nova, que há de penetrar essa obra, dar-se-á o ar de uma natureza intermediária ou secundária, uma natureza que não é Deus nem a emanção de Deus, mas que é a natureza tal como ela sairia das mãos dos anjos que pairam entre o homem e Deus.”

Foi consagrando a sua enorme fortuna à incorporação de uma tal ideia; foi no exercício físico ao ar livre, necessário à fiscalização pessoal dos seus planos; foi no objeto permanente para o qual tendiam todos esses planos, na alta espiritualidade desse objeto; no desprezo de todas as ambições, tirado de uma ambição mais etérea; nas fontes perpetuas que esse fim abria à sua sede de beleza, paixão dominante e insaciável da sua alma; foi sobretudo na simpatia, verdadeiramente feminina, de uma mulher cuja beleza e amor lhe envolviam a existência numa atmosfera purpureada de

paraíso que Ellison julgou poder achar, e achou realmente, a isenção dos cuidados ordinários da humanidade, assim como uma soma de felicidade positiva bem superior a todas as imaginadas nos arrebatadores devaneios de madame de Stael.

Não tenho esperança de dar ao leitor uma ideia distinta das maravilhas que o meu amigo chegou a executar. Desejava descrevê-las, mas sinto-me desanimado pela dificuldade da descrição, hesitando entre os pormenores e as generalidades. Talvez que o melhor partido a tomar fosse reunir os dois.

O ponto essencial para M. Ellison era, evidentemente, a escolha de um lugar; e apenas ele começou a pensar na questão, acudiu-lhe ao espírito a natureza luxuriante das ilhas Pacíficas. Com efeito, projetou uma viagem aos mares do sul, mas uma noite de reflexão bastou para lhe fazer repelir essa ideia. "Se eu fosse um misantropo, disse ele, tal era o lugar que me convinha. O isolamento completo, a reclusão absoluta e a dificuldade de entrar e de sair seriam então o encanto dos encantos! Mas eu não sou por enquanto um Timon. Aspiro ao sossego, mas não à monotonia da solidão. Quero descansar quando eu quiser, mas não quero descansar sempre. Além disso, há de haver ocasiões em que eu precise da simpatia dos espíritos poéticos para continuar a minha obra. Devo pois procurar um sítio que não esteja muito longe de uma cidade populosa e cujos habitantes possam de alguma maneira coadjuvar a execução dos meus planos.

Ellison viajou muitos anos antes de encontrar a situação desejada; nessa viagem acompanhei-o eu. Mil lugares que à primeira vista se me afiguravam encantadores eram rejeitados por ele, sem hesitação, com razões que depois me pareciam de toda a

sagacidade. Um dia vimos um planalto elevado de uma beleza e de uma fertilidade surpreendentes, que dava uma perspectiva panorâmica quase tão extensa como a que se descobre do alto do Etna, e ultrapassando muito, na nossa opinião, esta vista tão afamada em todos os elementos verdadeiros do pitoresco.

— Não ignoro — disse-me o viajante, depois de uma boa hora de êxtase, com um suspiro de voluptuosidade profunda arrancado pela contemplação do quadro — sei com certeza que nas minhas circunstâncias os nove décimos dos homens mais delicados dar-se-iam por satisfeitos com semelhante achado. Este panorama é realmente esplêndido e delicioso, em toda a extensão da palavra. Todos os arquitetos que eu conheço têm um gosto especial pelo ponto de vista, o que os leva a colocar as suas edificações no alto das montanhas; mas isto é um erro evidente. A grandeza, em todas as suas formas, e particularmente na da extensão, excita e entusiasma, é verdade; mas por fim fatiga e oprime. Para uma paisagem de ocasião, não há nada melhor; para uma vista constante, não há nada pior. E numa vista constante, a expressão mais repreensível da grandeza é a extensão; a pior forma da extensão é o espaço. Quando olhamos do alto de um monte sentimo-nos, por assim dizer, fora do mundo, estrangeiros ao mundo! Quem quer que está triste evita as perspectivas longínquas como uma peste.

Não foi senão depois de quatro anos de pesquisas que encontramos, por fim, um lugar a contento de Ellison. Não precisamos dizer onde esta localidade se acha situada. A morte recente do meu amigo, franqueando a entrada da sua propriedade a certas classes de visitantes, deu a Arnheim uma espécie de

celebridade secreta e privada, senão solene, alguma coisa semelhante, bem que infinitamente superior, àquela de que Fonhill gozou muito tempo.

Ordinariamente ia-se a Arnheim pelo rio. O visitante saía da cidade pela manhã cedo. Durante a tarde, passava entre margens de uma beleza tranquila e doméstica, onde pastavam inumeráveis rebanhos de ovelhas cujo velo matizava de branco a relva brilhante dos prados ondulados. Pouco a pouco, a impressão da cultura convertia-se na de uma vida puramente pastoral, e esta perdia-se lentamente numa sensação de isolamento, a qual se transformava por seu turno numa perfeita consciência de solidão. À medida que a noite se aproximava, o canal estreitava; as ribas apareciam cada vez mais escarpadas e revestidas com uma folhagem mais rica, mais abundante e mais sombria. A transparência da água aumentava. O rio serpenteava em mil rodeios, de sorte que a sua superfície brilhante não se mostrava senão a pequenas distâncias. A cada instante, o barco parecia preso num círculo encantado, formado por paredes de folhas impenetráveis, com um fundo de cetim ultramarino e sem plano inferior, a quilha oscilando com uma simetria admirável sobre a de uma barca fantástica que parecia voltada de cima para baixo, flutuando de conserva com a verdadeira barca como que para sustentá-la. O canal convertia-se então em *garganta*; sirvo-me deste termo, talvez impróprio, porque a língua não me fornece palavra que represente melhor a feição dominante e distintiva da paisagem. Este feitio de garganta não se manifestava senão pela altura e pelo paralelismo das margens, desaparecendo em todas as outras feições principais. As espécies de paredes entre as quais a água corria, sempre clara e serena,

subiam a uma altura de cem e algumas vezes de cento e cinquenta pés, inclinando-se uma para a outra e tapando quase a entrada da luz; os longos e espessos musgos que pendiam, como penachos invertidos, dos arbustos entrelaçados em abóbada davam a todo o abismo um ar de melancolia fúnebre. Os rodeios tornavam-se cada vez mais frequentes e complicados. Às vezes, pareciam retrogradar, de sorte que o viajante chegava a perder toda a noção de orientação. Além disso, envolvia-o um sentimento de elegante extravagância. A ideia da natureza subsistia ainda, mas alterada e sofrendo já no seu caráter uma modificação interessante. Uma simetria misteriosa e solene, uma uniformidade admirável, uma correção mágica caracterizavam estas obras novas. Não se via uma braça morta, uma folha seca, uma pedra dispersa ou um torrão. A água, cristalina, corria sobre o granito liso ou sobre o musgo, imaculada, com uma acuidade de linha que ao mesmo tempo espantava e deleitava a vista.

Durante algumas horas seguia-se através as sinuosidades daquele canal, cuja obscuridade aumentava de instante para instante, quando de repente a barca, fazendo uma volta rápida, chegava, como se houvesse caído do céu, a uma bacia circular de uma extensão assaz considerável, comparada com a largura da garganta. Esta bacia tinha pouco mais ou menos duzentas jardas de diâmetro e era cercada por todos os lados, exceto por aquele que fazia face ao navio no momento da saída, de colinas geralmente iguais, em altura, às paredes do abismo, mas com um caráter inteiramente diferente. Os seus lados erguiam-se em talude, seguindo um ângulo de quarenta e cinco graus. Desde a base até ao cume revestia-os, sem lacuna perceptível, um tapete formado por

magníficas flores; neste mar de cores odorífero e variado apenas se via, aqui e ali, uma folhinha verde. A bacia tinha uma grande profundidade, mas a água era tão transparente que o fundo (que parecia consistir numa massa espessa de pequenos calhaus de alabastro redondos) via-se distintamente quando os olhos podiam deixar de ver nele a repercussão do céu invertido e a florescência das colinas. Sobre estas últimas não havia árvores nem mesmo arbustos.

As impressões que um tal quadro produzia sobre o observador eram as da riqueza, do calor, do sossego, da cor, da uniformidade, da delicadeza, da elegância, da voluptuosidade e de uma extravagância de cultura milagrosa que fazia lembrar alguma nova raça de fadas laboriosas dotadas de um espírito perfeito, magníficas e minuciosas. Mas quando os olhos subiam ao longo do talude omnicolor, desde a sua fina linha de junção com a água até à sua extremidade, vagamente sombreada pelas nuvens, era verdadeiramente impossível não imaginar uma catarata panorâmica de rubis, de safiras, de opalas e de crisólitos, precipitando-se silenciosamente do céu.

O visitante, caindo de repente nesta baía ao sair das trevas do canal, fica ao mesmo tempo encantado e estupefacto ao ver, no ocaso, o vasto globo do sol que julgava já escondido sob o horizonte, mas que agora se lhe apresenta na frente, formando a única barreira de uma perspectiva imensa que se abre através de outra fenda prodigiosa, separando as colinas.

O viajante deixa então o navio que o conduziu até ali e entra numa ligeira canoa de marfim, enfeitada tanto por dentro como por fora com desenhos arabescos de um escarlata ardente. A popa e a

proa deste barco são muito elevadas acima da água e terminam por uma ponta aguda; o que lhes dá a forma geral de um crescente irregular. Ele repousa sobre a superfície da baía com a graça de um soberbo cisne. O fundo, coberto de arminhos, sustenta uma prancha articulada de pau de férula; mas não se vê nem criado nem remeiro. A visita é convidada a entrar sem medo; as Parcas velarão sobre ela. O barco grande, então, desaparece e a pessoa fica só, dentro da canoa, que repousa, sem movimento aparente, no meio do lago. Mas como pensa no caminho a seguir, percebe na barca mágica um movimento muito suave; depois vê-a girar lentamente até voltar a proa para o sol e avançar com uma velocidade branda, mas gradualmente acelerada, ao passo que o ligeiro murmúrio que ela produz parece exalar em torno das suas bordas de marfim uma melodia sobrenatural; isto é, parece oferecer a única explicação possível à música carinhosa e melancólica cuja origem invisível o viajante procura debalde em torno de si.

A canoa marcha resolutamente, aproximando-se da barreira penhascosa da avenida líquida, de sorte que a vista pode melhor medir-lhe as profundezas. À direita eleva-se uma cadeia de altas colinas, cobertas de árvores de uma exuberância selvagem. Contudo, o caráter de limpeza maravilhosa, no lugar onde a riba mergulha na água, predomina sempre. Não se vê um único vestígio do carregamento dos rios ordinários. À esquerda, o caráter da paisagem é mais doce e mais visivelmente artificial. Ali os baixios emergem da corrente em talude e elevam-se, suavemente, até a uma grande altura, formando um largo tabuleiro de relva que parece exatamente um tecido de veludo, de um verde tão brilhante como o da mais pura esmeralda. Este planalto varia de dez a

trezentas jardas e termina num muro de cinquenta pés de altura, o qual se alonga, descrevendo uma infinidade de curvas, mas seguindo sempre o curso geral do rio, até perder-se no espaço, para os lados do ocidente. O muro, feito de um rochedo contínuo, foi formado cortando perpendicularmente a parede do precipício, que formava a margem meridional do rio; mas não se percebe o mínimo vestígio deste trabalho. A pedra, cortada a cinzel, está abundantemente revestida de hera, de madressilva, de rosas bravas e de clematites. A uniformidade das duas linhas do muro é, desde o cume até à base, modificada, a propósito, por árvores de uma altura gigantesca, elevando-se isoladamente ou em pequenos grupos, colocados ora ao longo do tabuleiro de relva, ora na quinta, por detrás do muro, mas sempre muito próximos deste último, de tal modo que as vastas ramas, saltando-lhe por cima, mergulham na água as suas extremidades.

Os olhos não podem passar além; a vista da quinta é rigorosamente escondida por um biombo de folhas impenetrável.

É enquanto a canoa se aproxima gradualmente do ponto que denominámos a barreira da avenida que se observam detalhadamente todas estas circunstâncias. Contudo, com a aproximação desvanece-se o carácter de abismo. À esquerda aparece uma outra via de esgotamento e o muro segue também nesta direção, costeando sempre o curso do rio. Através desta nova abertura, a vista não pode penetrar muito longe porque o rio, sempre acompanhado pelo muro, curva-se cada vez mais para a esquerda e tanto um como o outro não tardam a desaparecer por entre a folhagem.

O barco, entretanto, desliza magicamente no canal sinuoso. A margem oposta ao muro é sempre a mesma cadeia de colinas elevadas, tomando algumas vezes proporções de montanhas, cobertas de uma vegetação selvagem que esconde completamente a paisagem.

O viajante, navegando devagar, mas com uma velocidade ligeiramente crescente, acha, depois de muitos desvios inesperados, o seu caminho aparentemente fechado por uma barreira colossal ou antes por uma porta de ouro brunido, curiosamente trabalhada, a qual reflete os raios diretos do sol que, agora, desce rapidamente e coroa com os seus últimos fogos toda a floresta circunvizinha. Esta porta está inserida no muro, o qual parece, aqui, cortar o rio em ângulo reto. Mas ao cabo de alguns instantes vê-se que a corrente de água principal foge sempre para a esquerda, seguindo uma curva longa e suave, ainda acompanhada pelo muro, enquanto que um regato de volume considerável, separando-se da primeira, abre caminho por debaixo da porta e desaparece à vista com um ligeiro murmúrio. A canoa entra no pequeno canal e avança para a porta cujos pesados batentes se abrem lenta e musicalmente. Então desliza pelo meio deles e começa a descer rapidamente, num anfiteatro vasto, completamente fechado por montanhas purpureadas cuja base é banhada por um rio brilhante em toda a extensão do seu circuito.

No mesmo instante, surge à vista todo o paraíso de Arnheim. Ouve-se uma melodia deliciosa; perfumes exóticos e delicados deleitam-nos o olfato; descobre-se, como um vasto sonho, um mundo vegetal onde se confundem as esbeltas árvores do oriente, os arbustos silvestres, os bandos de pássaros dourados e

vermelhos, os lagos guarnecidos de açucenas, os prados de violetas, de tulipas, de papoulas, de jacintos e de tuberosas, os longos fios de água entrelaçando seus braços de prata; e surgindo confusamente no meio de tudo aquilo, uma massa de arquitetura meia gótica, meia sarracena, que parece sustentar-se nos ares como que por encanto, fazendo resplandecer sob a vermelha claridade do sol as suas janelas de sacada, os seus mirantes, os seus minaretes e as suas torrinhas, dir-se-ia a obra fantástica dos Silfos, das Fadas, dos Génios e dos Gnomos!

O Coração Delator

Título original: *The Tell-Tale Heart*

Publicado em 1842

É verdade! nervoso, muito nervoso, terrivelmente nervoso fui e sou; mas por que motivo hão de dizer que eu sou doido? A doença havia apurado os meus sentidos, não os havia destruído, não os havia embotado. O que em mim suplantava todos os mais sentidos era a acuidade do ouvido. Ouvia tudo o que ocorria, quer fosse no céu, quer fosse na terra. Ouvia até muitas coisas que ocorriam no inferno. Por que dizem, então, que eu estou doido? Escutem! e observem a serenidade, a sã lucidez com que lhes posso contar a história toda.

É impossível dizer como foi que esta ideia primeiro penetrou no meu cérebro; mas uma vez concebida, obsidiou-me dia e noite. Não existia móbil. Não existia paixão. Eu era amigo do velho. Nunca me fizera mal. Nunca me insultara. Eu não lhe cobiçava o ouro. Creio que foi o olho! sim, foi isso! Tinha um olho de abutre — um olho de um azul pálido, coberto de uma membrana. Sempre que me fitava, gelava-me o sangue; e assim, a pouco e pouco — muito lentamente — foi-se gerando em mim a decisão de matar o velho como o único modo de me libertar para sempre daquele olho maldito.

Agora aqui é que está o nó da questão. Julgais-me doido. Os doidos nada sabem. Mas devíeis-me ter visto. Devíeis ter visto o

tino com que procedi — a cautela — a previsão — a dissimulação com que operei! Eu nunca fora mais afável para com o velho do que durante a semana que precedeu o seu assassínio.

Todas as noites, cerca da meia-noite, desandava o fecho da sua porta e abria-a — oh, com que extremos de cuidado! E então, depois de abrir uma estreita fresta, introduzia uma lanterna de furta-fogo, tendo o cuidado de evitar que a sua luz pudesse ser vista, e depois enfiava a cabeça. Oh, havíeis de rir, se vísseis quão astutamente eu enfiava a cabeça pela fresta da porta! Movia-a lentamente — muito lentamente — afim de não perturbar o sono do velho. Levava-me uma hora a passar a cabeça pela exígua abertura, até o poder ver estendido na cama. Ah, teria um doido procedido com todos estes cuidados? E depois, quando já tinha a cabeça toda dentro do quarto, apagava a lanterna cautelosamente — muito devagarinho, de modo que só um ténue raio ficasse incidindo sobre o olho de abutre.

Fiz isto durante sete longas noites — sempre à mesma hora, à meia noite — mas sempre encontrei fechado o olho; era assim impossível levar a cabo o meu plano; pois o que me incomodava, o que se tornava para mim incomportável, não era o homem, mas sim o olho maldito!

Todas as manhãs, ao romper do dia, entrava com todo o descaro no quarto dele, e falava-lhe afoitamente, tratando-o pelo seu nome com todo o carinho e perguntando-lhe como passara a noite: Vedes, pois, que era mister que ele fosse um homem muito perspicaz para suspeitar de que todas as noites, ao bater das doze, eu espreitava o seu dormir!

Na oitava noite fui mais cauteloso do que de costume ao abrir a porta. O ponteiro de um relógio é mais ligeiro do que era a minha mão. Antes daquela noite nunca eu sentira o alcance das minhas forças — da minha sagacidade. Mal podia exprimir a minha sensação de triunfo! Pensara que eu me achava ali, abrindo a porta, pouco a pouco, e que ele nem sequer sonhava o que eu secretamente fazia ou pensava!

Ri-me francamente, com ufania e regozijo, a esta ideia; e talvez ele me ouvisse, pois que se mexeu na cama subitamente, como que sobressaltado. Pensais talvez que recuei — mas não! O quarto estava escuro como breu, mergulhado em trevas espessas (pois, por medo dos gatunos, as portadas das janelas estavam solidamente aferrolhadas) e, por isso, eu sabia que ele não podia ver a abertura da porta: continuei, portanto, a abri-la de mansinho, mas com mão firme.

Já tinha a cabeça dentro e ia abrir a lanterna quando me escorregou o polegar no puxador da porta, e o velho deu um pulo na cama, exclamando:

— Quem anda aí?

Quedei-me imóvel e em silêncio. Durante uma hora não mexi um músculo, e nesse lapso de tempo não o ouvi deitar-se de novo. Continuava sentado na cama, de ouvidos à escuta — tal qual como eu, que passei noites após noites escutando os ralos da parede.

Daí a pouco ouvi um leve gemido, que eu sabia ser o gemido do terror mortal. Não era um gemido de dor ou de queixume — oh, não! — era o som débil, sumido, que sobe do âmago da alma empolgada pelo terror. Eu conhecia bem esse som. Muitas noites, precisamente ao cair da duodécima badalada, quando todo o

mundo dormia, ele se escoou do meu próprio peito, tornando mais profundo ainda, com o seu temeroso eco, os terrores que me desvairavam. Repito: conhecia-o muito bem. Eu sabia o que o homem sentia e tinha pena dele, e, todavia, no íntimo do coração exultava. Sabia que ele ficava acordado desde que ouvira o primeiro rumor, quando se mexera na cama. Os seus receios foram-se avolumando. Tentara persuadir-se de que eram infundados, mas não pudera. Dissera repetidas vezes consigo mesmo: «é apenas o vento na chaminé, é só um rato a atravessar o quarto» ou «é apenas o raspar de asas de um grilo». Sim, ele tentara confortar-se com estas hipóteses: mas achara tudo baldado. *Tudo baldado*; porque a Morte, aproximando-se dele, pairava na sua frente com a sua negra sombra, e envolvia a vítima. E era a lúgubre influência da invisível sombra que o fazia sentir — embora nada visse nem ouvisse — *sentir* a presença da minha cabeça a dentro do quarto...

Tendo esperado muito tempo, muito pacientemente, sem o ouvir deitar-se, resolvi abrir uma estreitíssima fenda na lanterna. Depois abri-a — não podeis imaginar com que requintes de cautela — até que, finalmente, um ténue raio, semelhante ao fio de uma teia de aranha, atravessou a fenda e incidiu em cheio sobre o olho de abutre.

Estava aberto — arregalado — e eu fiquei furioso ao fitá-lo. Via-o com perfeita nitidez — todo azul, velado de uma membrana hedionda que me gelou até à medula; eu, porém, nada mais podia ver do rosto ou do corpo do velho: pois dirigira o raio, como que por instinto, precisamente sobre o ponto maldito.

E agora não vos disse eu já que aquilo que vós erradamente tomais por loucura nada mais é do que hiperagudeza dos sentidos?

— agora, chegava-me aos ouvidos um ruído abafado, soturno, acelerado, semelhante ao que faz um relógio embrulhado em algodão. Eu conhecia muito bem esse ruído. Era o palpitar do coração do velho. Multiplicou a minha fúria, do mesmo modo que o rufar do tambor espicaça a coragem do soldado.

Apesar de tudo, porém, refreei-me e mantive-me quieto e em silêncio. Quase nem respirava.

A lanterna immobilizara-se-me na mão. Tomei a peito ver com que firmeza podia deter o raio sobre o olho. Entrementes, o diabólico palpitar do coração redobrava de intensidade. Batia cada vez com mais força e mais depressa. O terror do velho devia ser extremo! As pancadas eram cada vez mais fortes, cada vez mais fortes, reparais bem? Já vos disse que sou nervoso: sou-o na verdade. E agora, àquela hora avançada da noite, no silêncio pavoroso daquela velha casa, um ruído assim tão estranho excitava-me até às raias de um terror incoercível. Todavia, consegui reprimir-me por mais uns minutos. As palpitações, porém, continuavam num crescendo de intensidade! Parecia-me que o coração do velho ia rebentar.

Apoderou-se de mim então uma nova ansiedade — e se os vizinhos ouvissem aquelas insólitas pancadas?

Chegara a hora do velho! Com um berro de raiva dei a força toda à lanterna e saltei para dentro do quarto. Agitou-o todo um tremor — mas só um. Num instante arrastei-o para o soalho, e atirei-lhe para cima a pesada cama. Sorri então alegremente, ao verificar que tudo estava consumado.

Durante muitos minutos, porém, o coração continuou a bater com um som abafado. Isto, no entanto, não me incomodava: não

se podia ouvir do outro lado da parede. Por fim cessou. O velho estava morto. Afastei a cama e examinei o cadáver. Sim, estava rígido como pedra, morto e bem morto. Pousei a mão sobre o coração e conservei-a aí uns poucos de minutos. Não se percebia a mais ténue palpitação. Não havia que duvidar: estava morto! Aquele olho nunca mais me atormentaria.

Se ainda me tendes por doido, mudareis de parecer, logo que eu vos descreva as ponderadas precauções que tomei para ocultar o cadáver. A noite ia avançando e eu apressava-me na minha tarefa, mas em silêncio. A primeira coisa que fiz foi esquartejar o cadáver. Cortei-lhe a cabeça, os braços e as pernas.

Depois arranquei três tábuas do soalho do quarto e sepultei tudo entre os barrotes. Tornei a colocar as tábuas tão habilmente, tão atiladamente, que não havia olho humano — nem mesmo o dele — que pudesse lobrigar fosse o que fosse de anormal. Nada havia que lavar — não havia mancha nenhuma. O sangue caíra todo numa bacia que eu tivera a prudência de utilizar — ah! ah!

Quando terminei todo este trabalho, eram quatro horas, e ainda estava tão escuro como se fora meia noite. Ao bater a última badalada no sino ouvi que alguém batia à porta da rua.

Desci para abri-la, serenamente, afoitamente — pois que tinha eu *agora* que recear?

Entraram três homens, que se apresentaram, com toda a delicadeza, como agentes de polícia. Um vizinho ouvira um grito durante a noite; levantaram-se suspeitas de que algum crime se houvesse perpetrado, e eles, os agentes, haviam sido incumbidos de passar uma busca ao prédio.

Sorri — pois que havia eu de temer? Dei as boas-vindas aos recém-chegados e franqueei-lhes a casa. O grito, expliquei, fora eu próprio quem em sonhos o soltara. O velho, acrescentei, achava-se ausente na aldeia. Acompanhei os visitantes por toda a casa. Pedi-lhes que examinassem — que examinassem bem. Levei-os, por fim, ao quarto dele.

Mostrei-lhes os seus tesouros, arrumados, intactos. No entusiasmo da minha confiança, levei cadeiras para o quarto e convidei-os a descansarem das suas fadigas, enquanto eu, na desvairada audácia do meu perfeito triunfo, colocava a minha cadeira mesmo no sítio por baixo do qual jazia o cadáver da minha vítima.

Os agentes estavam satisfeitos. As minhas maneiras haviam-nos convencido. Eu estava perfeitamente à minha vontade. Eles estavam sentados, e, enquanto eu lhes respondia jovialmente, conversavam sobre coisas familiares.

Passado pouco tempo, porém, senti-me empalidecer e, no meu íntimo, desejei que eles se fossem já embora. Doía-me a cabeça e parecia-me ter uma zoeira nos ouvidos: eles, porém, continuavam sentados e não cessavam de cavaquear.

A zoeira nos ouvidos tornava-se agora mais nítida: falei mais alto a fim de me libertar daquela sensação; mas o ruído continuava e era cada vez mais nítido, até que, por fim, percebi que o ruído não residia dentro dos meus ouvidos.

Nesta conjuntura, fiquei, sem dúvida, muito pálido; mas falei com mais fluência e engrossei a voz. O ruído, porém, intensificava-se — e que podia eu fazer? Era um *ruído abafado, soturno,*

acelerado, muito semelhante ao que faz um relógio embrulhado em algodão.

Arquejava, ofegante — e, todavia, os polícias nada ouviam. Falei mais depressa, mais entusiasticamente; o ruído, porém, aumentava de intensidade. Levantei-me e pus-me a discutir sobre frioleiras, num tom de voz forte e com gestos violentos. Por que é que eles se não iam embora? Comecei a andar de uma banda para outra, batendo pesadamente com os pés no chão, fingindo-me enfurecido pelas considerações dos homens — mas o ruído aumentava, aumentava sempre...

Ó meu Deus! que podia eu fazer? Espumei, disparei, praguejei. Agarrei na cadeira em que estivera sentado e pus-me a raspar com ela as tábuas do soalho, mas o ruído suplantava tudo e cada vez se ouvia mais. Era cada vez mais forte — cada vez mais forte, cada vez mais!

E, no entanto, os homens continuavam a conversar prazenteiramente e sorriam. Era possível que eles não ouvissem? Deus onipotente! — não, não! Eles ouviam! — eles suspeitavam! — eles sabiam! — estavam zombando do meu horror! era o que eu pensava, e é o que penso. Mas tudo, fosse o que fosse, era preferível àquela agonia! Tudo era mais tolerável do que aquela irrisão!

Não podia suportar por mais tempo aqueles sorrisos hipócritas! Sentia que tinha de gritar ou de morrer! e então as pancadas continuavam — escutai! — a bater cada vez com mais força! cada vez com mais força!

— Patifes! bradei então, no auge do desespero, não dissimulem mais! Confesso o crime! Arranquem essas tábuas! aqui,

aqui! — vejam, são as palpitações do seu hediondo coração!

O Escaravelho de Ouro

Título original: *The Gold-Bug*

Publicado em 1842

Há já alguns anos, liguei-me intimamente com um tal William Legrand. Pertencia a uma antiga família protestante e, em tempos, fora rico. Mas uma série de desgraças reduziram-no à miséria. Para evitar a humilhação dos seus desastres financeiros, deixou Nova Orleães, a cidade dos seus antepassados, e montou a sua casa na ilha de Sullivan, perto de Charleston, na Carolina do Sul.

Esta ilha é das mais singulares, composta apenas de areia e mar e com cerca de três milhas de comprimento. De largura tem somente um quarto de milha.

Está separada do continente por uma enseada que mal se vê, por onde a água se filtra através de uma massa de juncos e de lodo, ponto de reunião das galinhas d'água. A vegetação, como se poderá supor, é pobre, ou por assim dizer, rasteira.

Não se encontram ali árvores de grande porte. Na extremidade ocidental, à direita, onde se erguem o forte de Moultrie e algumas miseráveis construções de madeira, habitadas durante o verão por pessoas que fogem das poeiras e das febres de Charleston, encontra-se, na verdade, a palmeira anã. Mas toda a ilha, com exceção deste ponto ocidental e de um espaço triste e esbranquiçado, que bordeja o mar, está coberta de espessas moitas de mirto odorífero, tão apreciado pelos horticultores ingleses.

O arbusto cresce ali a uma altura de quinze ou vinte pés; forma um mato quase impenetrável, perfumando a atmosfera.

No mais recôndito dessa mata, não longe da extremidade oriental da ilha, isto é, da mais afastada, Legrand construíra ele mesmo uma cabanazinha onde morava, quando pela primeira vez, e por acaso, o conheci. Este conhecimento transformou-se bem depressa em amizade, porque havia certamente, nesse recluso algo que despertava o interesse e a estima. Vi que ele recebera uma educação sólida, felizmente mantida pelas faculdades espirituais pouco comuns, mas que estava imbuído de misantropia e sujeito a penosas alternativas de entusiasmo e melancolia. Se bem que tivesse em casa muitos livros, lia-os raramente. As suas principais distrações consistiam em caçar, pescar ou passear ao acaso pela praia e através do mirto, à procura de marisco e de amostras entomológicas — a sua coleção teria podido causar inveja ao próprio Swammerdann. Nas suas excursões, acompanhava-o quase sempre um velho negro chamado Júpiter, que tinha sido libertado antes do revés da família, mas que não pôde nunca decidir-se, nem por ameaças nem por promessas, a deixar o seu *massa Will*; ele considerava como direito seu o de o seguir por toda a parte. É provável que os pais de Legrand, pensando que este estivesse um pouco desequilibrado, tivessem apoiado Júpiter na sua obstinação, com o fim de pôr uma espécie de guarda e de vigilante junto do fugitivo.

Na latitude da ilha de Sullivan, os Invernos são raramente rigorosos e é um acontecimento quando, no declínio do ano, a fogueira se torna indispensável. Entretanto, em meados de outubro de 18..., houve um dia de frio intenso. Mesmo ao pôr do Sol, abri

um caminho através da mata para a cabana do meu amigo, que não conseguia ver há já algumas semanas. Morava eu então em Charleston, a uma distância de nove milhas da ilha, e as facilidades para ir e voltar eram bem menores do que hoje. Ao chegar à cabana bati conforme o meu costume, e, como não recebesse resposta, procurei a chave onde sabia que estava escondida, abri a porta e entrei. Um belo lume crepitava na lareira. Era uma surpresa e certamente uma das mais agradáveis.

Despi o casaco, arrastei uma poltrona para perto das achas incandescentes, e esperei pacientemente a chegada dos meus hospedeiros.

Eles chegaram pouco depois do anoitecer e fizeram-me um acolhimento muitíssimo cordial. Júpiter ria-se escancarando a boca, enquanto trabalhava e preparava algumas galinhas d'água para a ceia.

Legrand estava numa das suas «crises» de entusiasmo. Que outro nome lhe poderia dar? Porque tinha encontrado um bivalve de uma espécie desconhecida, e, ainda melhor, conseguira apanhar, com o auxílio de Júpiter, um escaravelho que julgava ser completamente novo e sobre o qual desejava ouvir a minha opinião no dia seguinte, de manhã.

— E por que não esta noite? — perguntei-lhe esfregando as mãos diante do lume, e enviando em pensamento ao diabo toda a família dos escaravelhos.

— Ah! Se eu soubesse que estava aqui! — disse-me Legrand. — Mas há tanto tempo que o não via! E como poderia eu adivinhar que me visitaria justamente esta noite? Ao voltar a casa encontrei o tenente G..., do forte, e impensadamente emprestei-lhe o

escaravelho, de forma que será impossível que o veja antes de amanhã de manhã. Fique aqui esta noite, e enviarei Júpiter de madrugada para o trazer. É a coisa mais encantadora da criação.

— O quê, a madrugada?

— Oh!, não, que diabo! O escaravelho. É de uma cor de ouro brilhante, da grossura mais ou menos de uma noz, com duas manchas de um negro azeviche numa extremidade das costas, e uma terceira um pouco mais alongada, na outra. As antenas são de um estranho...

— Não há absolutamente nada de estanho nele, *massa Will*, aposto consigo — interrompeu Júpiter. — O escaravelho é um escaravelho de ouro, e ouro maciço, de uma extremidade à outra, por dentro e por toda a parte, exceto as asas; nunca vi, na minha vida, um escaravelho que pesasse metade.

— Pois bem, admitamos que tens razão, Júpiter — replicou Legrand um pouco mais depressa, segundo me pareceu, do que exigia a situação. — É razão para deixares queimar as galinhas? A cor do inseto — e virou-se para mim — bastaria na verdade para tornar verosímil a ideia de Júpiter. Nunca vi um brilho metálico mais intenso do que o dos seus élitros; mas não poderá apreciá-lo senão amanhã de manhã. Enquanto espera, tentarei dar-lhe uma ideia da sua forma.

Prosseguindo a conversa, sentou-se a uma mesinha na qual havia uma caneta e tinta, mas papel não. Procurou numa gaveta, mas não encontrou.

— Não faz mal — disse por fim — isto bastará.

E tirou da algibeira do colete qualquer coisa que me deu a impressão de um pedaço de velho pergaminho muitíssimo sujo, e

traçou por cima dele um desenho com a pena. Entretanto, eu arranjava lugar ao pé do lume, porque continuava a ter muito frio. Quando acabou o desenho, passou-mo sem se levantar. No momento em que o recebi das suas mãos ouviu-se um forte rosnar seguido de um arranhar à porta. Júpiter abriu, e um enorme terranova, que pertencia a Legrand, precipitou-se no quarto, pôs as patas nos meus ombros e encheu-me de festas, porque eu o tinha tratado muito bem nas outras visitas anteriores.

Quando ele acabou, por fim com os saltos, olhei para o papel e, para dizer a verdade, fiquei um bocadinho intrigado com o desenho do meu amigo.

— Sim! — disse-lhe depois de o ter contemplado alguns minutos. — É um estranho escaravelho, confesso. É novo para mim. Nunca vi coisa semelhante, a não ser um crânio ou uma caveira, ao qual se assemelha mais do que a nenhuma outra coisa que eu tenha examinado.

— Uma caveira! — repetiu Legrand. — Ah!, sim, compreendo, há uma semelhança com isso no papel. As duas manchas pretas superiores são os olhos, e a mais comprida, que está mais abaixo, representa a boca, não é assim? Além disso a forma em geral é oval...

— É talvez isso — disse — mas receio, Legrand, que não seja muito artista. Esperarei até que veja o próprio animal para fazer uma ideia do seu aspeto.

— Muitíssimo bem! Não sei como isso aconteceu — respondeu um pouco amuado. — Eu desenho bastante bem, ou pelo menos deveria fazê-lo, porque tive bons mestres e gabo-me de não ser completamente idiota.

— Nesse caso, meu amigo, este desenho é uma brincadeira? Isto é um crânio perfeito, segundo todas as ideias recebidas relativas a esta parte da osteologia, e o seu escaravelho seria o mais estranho de todos os do mundo se se assemelhasse a este. Poderíamos estabelecer acerca dele algumas suposições surpreendentes. Presumo que chamará ao seu inseto *scarabaeus caput hominis*, ou qualquer coisa parecida. Há nos livros de História Natural muitos nomes desse género. Mas onde estão as antenas de que falava?

— As antenas! — respondeu Legrand que se exaltava inexplicavelmente. — Deve ver asi antenas, estou certo disso. Desenhei-as tão claramente como são no original, e presumo que isso é o suficiente.

— Admitamos que as tivesse feito. No entanto, é verdade que as não vejo.

Estendi-lhe o papel, sem fazer nenhuma observação, não querendo pressioná-lo mais, mas estava tão espantado pela reviravolta que o caso tinha dado, o seu mau humor intrigava-me, e quanto ao esboço do inseto, não tinha de certeza antenas visíveis, e o conjunto, sem equívocos, parecia-se com a imagem vulgar de uma caveira. Ele pegou de novo no papel com um modo desabrido e esteve quase a amarrotá-lo, sem dúvida para o deitar no lume, quando o seu olhar incidiu, por acaso, no desenho e toda a sua atenção pareceu estar presa nele. Durante alguns minutos, sem se mexer do lugar, continuou a examinar cuidadosamente o desenho.

Passado um bocado, levantou-se, tirou uma vela da mesa e foi sentar-se em cima de um baú, na outra extremidade do quarto. Ali, recomeçou a examinar curiosamente o papel, virando-o em todos

os sentidos. Contudo, não disse coisa alguma, e a sua conduta causou-me um espanto extraordinário, mas julguei prudente não exasperar com qualquer comentário o seu mau humor crescente. Tirou, por fim, da algibeira do casaco, uma carteira, guardou lá cuidadosamente o papel e colocou tudo numa secretária que fechou à chave. Ficou daí em diante com um aspeto mais calmo e o seu primeiro entusiasmo desapareceu totalmente. Tinha um ar mais de concentrado do que de amuado. A medida que decorria a noite, absorvia-se cada vez mais no seu sonho e nenhuma das minhas graças o conseguiu distrair. Primeiro, tivera a intenção de passar a noite na cabana, como já tinha feito mais de uma vez, mas, ao ver o humor do meu hospedeiro, julguei mais conveniente despedir-me. Ele não fez esforço algum para me reter, mas quando saí apertou-me a mão com uma cordialidade ainda mais viva do que de costume.

Cerca de um mês depois desta aventura — e durante este intervalo, não ouvira mais falar de Legrand — recebi em Charleston uma visita do seu criado Júpiter. Nunca vira o bom velho negro tão completamente abatido e receei que tivesse acontecido ao meu amigo qualquer desgraça.

— Pois bem, Jup, diz-me o que há de novo. Como está o teu patrão?

— Ora essa! Para dizer a verdade, *massa*, não está tão bem como eu desejava.

— Não está bem! Estou na verdade aflito por saber isso. Mas de que se queixa?

— Ah! Esse é o mal! Nunca se queixa, mas apesar disso está muito doente.

— Muito doente, Júpiter? Eh!, por que me não disseste logo? Está de cama?

— Não, não está de cama. Não está bem em parte alguma e é justamente o que me aflige. Tenho o meu espírito inquieto a respeito do pobre *massa Will*.

— Júpiter, gostava bem de compreender alguma coisa de tudo que me contaste. Dizes que o teu patrão está doente. Não te disse do que é que sofria?

— Oh!, *massa*, é em vão que cansa a cabeça. *Massa* diz que não tem absolutamente nada; mas então por que é que ele anda de um lado para o outro, muito pensativo, a olhar para o chão, de cabeça baixa, de ombros descaídos e pálido como um ganso? E por que é que faz sempre e sempre algarismos?

— Faz o quê, Júpiter?

— Faz algarismos e sinais, numa ardósia — os sinais mais estranhos, como nunca vi. Começo a ter medo, apesar de tudo. É preciso que eu tenha o olhar posto nele, somente nele. Um dia destes, fugiu antes de amanhecer e andou por fora todo o santo dia. Cortara propositadamente um bom pau para lhe dar um corretivo, com os diabos!, quando ele voltasse; mas sou tão estúpido que não tive coragem; tinha um aspeto tão infeliz!

— Ah!, creio que fizeste bem em ser indulgente para o pobre rapaz. Não é preciso chicoteá-lo, Júpiter, não está em estado de o suportar. Mas não podes fazer uma ideia do que provocou esta doença, ou por outra, esta modificação na sua conduta? Aconteceu-lhe alguma coisa triste desde que nos vimos?

— Não, *massa*, não lhe aconteceu nada triste desde então, mas antes disso, sim, e tenho medo disso. Foi no próprio dia em

que esteve lá.

— Como? O que queres dizer?

— *Massa*, quero falar do escaravelho, eis tudo.

— De quê?

— Do escaravelho... Estou certo que *massa Will* foi mordido em qualquer lado da cabeça pelo escaravelho de ouro.

— E que razão tens, Júpiter, para fazer semelhante suposição?

— Tem bastantes pinças para isso, *massa*, e uma boca também. Nunca vi um escaravelho tão endiabrado: apanha e morde tudo o que se aproxima dele. *Massa Will* apanhou-o primeiro, mas depressa o soltou, asseguro-lhe; foi então, sem dúvida, que foi mordido. O aspeto desse escaravelho e a boca dele nunca me agradaram. Por isso não quis apanhá-lo com os meus dedos. Peguei num pedaço de papel e embrulhei-o, com um pedacinho de papel na boca — eis como procedi.

— E tu pensas, portanto, que o teu patrão foi realmente mordido pelo escaravelho e que esta mordedura o deixou doente?

— Não penso absolutamente nada; sei-o! Por que é que ele sonha sempre com ouro, senão por que foi mordido pelo escaravelho de ouro? Já ouvi falar desses escaravelhos de ouro.

— Mas como sabes que ele sonha com ouro?

— Como sei? Porque fala dele, mesmo quando dorme. É assim que sei.

— Com efeito, Júpiter, talvez tenhas razão. Mas a que feliz circunstância devo hoje a honra da tua visita?

— Que quer dizer, *massa*?

— Trazes-me uma mensagem do teu patrão?

— Não, *massa*, trago-lhe aqui uma carta.

E Júpiter estendeu-me um papel no qual li:

Meu caro,

Por que não o vejo há já tanto tempo? Espero que não seja tão acriançado para amuar com uma brusquidão da minha parte. Não, duvido muito disso.

Desde que o vi, tive um motivo de grande inquietação. Tenho uma coisa para lhe dizer, mas dificilmente saberei fazê-lo. Poderei mesmo dizer-lha?

Não tenho estado completamente bem há já alguns dias e o pobre velho Júpiter aborrece-me insuportavelmente com todas as suas atenções.

Acredita? Ele tinha preparado um dia destes um grande pau com o fim de me castigar, por lhe ter fugido e ter passado o dia só, no meio das colinas, no continente. Creio, realmente, que o meu mau parecer me livrou da pancada.

Não aumentei nada à minha coleção desde que nos vimos. Volte com o Júpiter se não tiver alguma coisa importante para fazer. "Venha, venha." Desejo vê-lo esta noite por causa de um assunto grave. Garanto-lhe que é da mais alta importância.

O seu muito dedicado,

William Legrand.

Havia no conteúdo desta carta qualquer coisa que me causava uma grande inquietação. O estilo diferia absolutamente do habitual de Legrand. Com que diabo sonharia? Que novo capricho se

apoderara do seu cérebro excitado? Que assunto «tão importante» poderia ter a expor-me? As palavras de Júpiter não pressagiavam nada de bom. Eu temia que a contínua intranquilidade tivesse desarranjado a razão ao meu amigo. Sem hesitar, preparei-me, pois, para acompanhar o negro.

Ao chegar ao cais, reparei numa foice e em três pás novas que estavam no fundo do barco no qual íamos embarcar.

— O que é que significa tudo isto, Júpiter?

— Isso é uma grande foice, *massa*, e pás.

— Bem vejo, mas o que é que estão a fazer aqui?

— *Massa Will* disse-me para lhas comprar na cidade e paguei-as bem caro. Isto custou-me um dinheirão.

— Mas, com todo este mistério, o que é que vai fazer o teu *massa Will* com a foice e as pás?

— Pergunta-me mais do que sei; o próprio *massa* não sabe mais também; diabos me levem, se não estou convencido disso. Tudo isto é por causa do escaravelho.

Vendo que não podia obter nenhum esclarecimento de Júpiter, cuja compreensão parecia absorvida pelo escaravelho, entrei no barco e desfraldei a vela. Uma bela e forte brisa empurrou-nos bem depressa para a enseada ao norte do forte Moultrie, e depois de um passeio de cerca de duas milhas, chegámos à cabana. Eram quase três da tarde. Legrand esperava-nos com viva impaciência. Apertou-me a mão com uma nervosa solicitude que me alarmou e reforçou as suspeitas que me assaltavam. O seu rosto tinha uma palidez espectral, e os seus olhos, vulgarmente muito fundos, brilhavam com um fulgor sobrenatural. Depois de algumas perguntas relativas

à sua saúde, perguntei-lhe, por não encontrar nada melhor, se o tenente G... lhe tinha finalmente entregado o seu escaravelho.

— Oh!, sim — respondeu, corando muito. — Ele deu-mo no dia seguinte, de manhã. Por nada deste mundo me separaria desse escaravelho. Sabe que Júpiter tem absoluta razão a respeito dele?

— Em quê? — perguntei-lhe com um triste pressentimento no coração.

— Suponho que é um escaravelho de ouro autêntico.

Ele disse isto com uma profunda seriedade que me fez um mal indizível.

— Este escaravelho está destinado a fazer a minha fortuna e — continuou com um sorriso de triunfo — a devolver-me os bens da minha família. Será, portanto, de estranhar que o tenha em tão alto apreço? Pois que a Fortuna julgou por bem conceder-mo, não tenho senão que aproveitar-me dele, convenientemente, e obterei o ouro do qual é o indício. Júpiter, traz-mo!

— O quê? O escaravelho, *massa*? Prefiro não ter nada a ver com o escaravelho. Pode ir buscá-lo o patrão.

Ao ouvir isto, Legrand levantou-se com ar grave e imponente e foi buscar o inseto colocado numa campânula de vidro. Era um soberbo escaravelho, desconhecido dos naturalistas dessa época e que devia ser de um grande valor sob o ponto de vista científico. Tinha numa das extremidades do dorso duas manchas negras e redondas e na outra uma mancha de forma alongada. Os élitros eram excessivamente duros e luzidios e tinham positivamente o aspeto de ouro polido.

O inseto era extraordinariamente pesado, a ponto de parecer justificar a opinião de Júpiter, mas que Legrand concordasse com

ele a esse respeito, isso era-me impossível compreender, e, mesmo que se tratasse da minha vida, não teria encontrado a chave do enigma.

— Pedi-lhe que viesse — disse-me com um tom especial quando acabei de examinar o inseto — e fi-lo para lhe pedir um conselho e assistência na realização dos objetivos do Destino e do escaravelho...

— Meu caro Legrand — exclamei interrompendo-o — certamente não está bem de saúde e seria muito melhor que tomasse algumas precauções. Vai meter-se na cama, e ficarei ao pé de si alguns dias, até que esteja restabelecido. Tem febre e...

— Apalpe o meu pulso — disse-me.

Tomei-lhe o pulso e, para dizer a verdade, não lhe encontrei o mais ligeiro sintoma de febre.

— Mas poderá estar muito doente, sem ter febre. Permita-me, desta vez, que faça apenas de seu médico. Antes de mais, vai meter-se na cama. Em seguida...

— Engana-se — interrompeu-me — estou tão bem quanto se pode esperar neste estado de excitação. Se realmente quer ver-me perfeitamente bem, alivie esta excitação.

— E o que é preciso para tal?

— É muito fácil. Júpiter e eu partiremos para uma expedição às colinas, no continente, e temos necessidade da ajuda de uma pessoa em que nós possamos confiar em absoluto. Você é a única pessoa. Quer a nossa empresa seja um malogro ou um êxito, a excitação que vê em mim será igualmente acalmada.

— Tenho um enorme desejo de lhe ser útil — respondi. — Mas pretenderá dizer que este infernal escaravelho tenha qualquer

ligação com a nossa expedição às colinas?

— Sim, certamente.

— Então, Legrand, é-me impossível colaborar numa empresa perfeitamente absurda.

— Desgosta-me muito o que diz, porque teremos de tentar a empresa sozinhos.

— Sozinhos! Ah!, o desgraçado está doido de certeza! Mas vejamos, quanto tempo durará essa excursão?

— Provavelmente toda a noite. Vamos partir imediatamente, e em qualquer dos casos, estaremos de regresso ao amanhecer.

— E promete-me pela sua honra, que passado este capricho, e o caso do escaravelho — bom Deus! — satisfeito plenamente, voltará para casa e seguirá as minhas prescrições exatamente como as do seu médico?

— Sim, prometo-lhe, e agora partamos porque não há tempo a perder.

Acompanhei o meu amigo, com o coração confrangido.

Às quatro horas metemo-nos a caminho, Legrand, Júpiter, o cão e eu. Júpiter pegou na foice e nas pás. Insistiu em se encarregar delas, pelo que me pareceu mais com o receio de deixar um desses instrumentos nas mãos do seu patrão, do que por excesso de zelo e de complacência. Ele estava aliás com um bom humor de cão, e estas palavras: «Escaravelho maldito!», foram as únicas que lhe escaparam durante toda a viagem. Eu fora encarregado de levar as duas lanternas apagadas. Quanto a Legrand, contentara-se com o escaravelho que levava atado na extremidade de um pedaço de cordel e que fazia girar em volta dele ao caminhar com ares de mágico. Quando observei esse

sintoma supremo de demência no meu pobre amigo, a custo pude conter as lágrimas. Pensei, no entanto, que valia mais satisfazer a sua fantasia, pelo menos de momento, até que pudesse tomar algumas medidas enérgicas com possibilidade de êxito. Entretanto, experimentei, mas inutilmente, sondá-lo em relação ao fim da expedição. Ele tinha conseguido persuadir-me a acompanhá-lo, pouco disposto a estabelecer conversa sobre um assunto de uma tão fraca importância. A todas as minhas perguntas, não se dignava responder senão com um: «Depois veremos!»

Atravessámos num escaler a enseada até ao extremo da ilha, e trepando pelos terrenos montanhosos da margem oposta, dirigimo-nos para o noroeste, através de uma região horrivelmente selvagem e desolada onde era impossível descobrir o rasto de um pé humano. Legrand seguia o caminho com decisão, parando apenas de vez em quando para consultar certas indicações que parecia ter deixado ele mesmo numa ocasião precedente. Caminhámos assim cerca de duas horas, e o Sol estava no ocaso quando entrámos numa região muitíssimo mais sinistra de que tudo o que tínhamos visto até então. Era uma espécie de planalto próximo do cimo de uma montanha muitíssimo escarpada, coberta por um bosque da base ao cume e, à mistura, uma enorme profusão de blocos de pedra, espalhados no chão, e alguns seriam infalivelmente precipitados nos vales inferiores, sem o amparo das árvores em que se apoiavam. As ravinas profundas irradiavam em diversas direções e davam à cena um carácter de solenidade lúgubre.

A plataforma natural para a qual tínhamos trepado era tão profundamente pejada de cardos que sem a foice teria sido

impossível abrir passagem. Júpiter, segundo as ordens do seu patrão, começou a abrir-nos um caminho que ia até uma tulipeira gigantesca que se erguia rodeada por oito ou dez carvalhos, sobre a plataforma, e que os ultrapassava a todos, assim como a todas as árvores que vira até ali, pela beleza da sua forma e folhagem, pelo enorme desenvolvimento dos seus ramos e por toda a majestade do seu aspeto. Quando nos aproximámos desta árvore, Legrand voltou-se para Júpiter e perguntou-lhe se se sentia capaz de a trepar. O pobre velho parecia ligeiramente aturdido com esta pergunta e ficou alguns instantes sem responder. Contudo, aproximou-se do grande tronco, deu lentamente uma volta e examinou-o com uma atenção minuciosa. Quando acabou de o observar disse simplesmente:

— Sim, *massa*; Júpiter nunca viu uma árvore a que não possa subir.

— Então, sobe. Vamos, vamos! E depressa, porque em breve estará muito escuro para ver o que fazemos.

— Até onde é preciso subir, *massa*? — perguntou Júpiter.

— Tropa primeiro para o tronco e depois dir-te-ei que caminho deves seguir. Ah!, um instante! Leva este escaravelho contigo.

— O escaravelho, *massa Will!*, o escaravelho de ouro! — gritou o negro aterrorizado. Por que é preciso levar comigo este escaravelho para a árvore? Eu fique amaldiçoado se o fizer!

— Júpiter, se tens medo, tu, um negro alto, gordo e forte, de tocar num pequeno inseto morto e inofensivo, pois bem, podes levá-lo com um cordel; mas se o não levares contigo, de uma maneira ou de outra, vejo-me na cruel necessidade de te rachar a cabeça com esta pá.

— Meu Deus! O que é que tem? — disse Júpiter, que com a vergonha se tornara evidentemente mais complacente. — É preciso estar sempre zangado com o seu velho negro? Era uma brincadeira. Eu, ter medo do escaravelho! Estou a rir-me do escaravelho.

Pegou com precaução na extremidade da corda e, agora com o inseto longe dele, tanto quanto as circunstâncias permitiam, pôs-se a tentar trepar à árvore.

Quando nova, a tulipeira, ou *liriodendron tulipiperum*, a mais magnífica espécie das florestas americanas, tem um tronco singularmente liso e muitas vezes de uma grande altura, sem deitar ramos laterais; mas quando chega à maturidade, a casca torna-se rugosa e desigual e aparecem imensos rebentos de ramos. Por isso a escalada, no caso atual, era muito mais difícil na aparência do que na realidade. Enlaçando o melhor possível o enorme cilindro com os braços e os joelhos, e segurando com as mãos alguns dos rebentos, apoiando os pés descalços nos outros, Júpiter depois de ter escorregado uma ou duas vezes, içou-se a custo até ao primeiro ramo e pareceu daí em diante encarar a tarefa como eficazmente realizada. Com efeito, o risco principal da empresa desapareceu, se bem que o valente negro se encontrasse a setenta pés do solo.

— Para que lado é preciso que eu vá agora, *massa Will*? — perguntou-lhe.

— Segue sempre o ramo mais grosso, o deste lado — disse Legrand.

O negro obedeceu-lhe prontamente, e, sem mostrar demasiada dificuldade, subiu, subiu sempre mais alto até que por fim o vulto forte que trepava desapareceu na espessura da

folhagem e ficou por completo invisível. Então, a sua voz ouviu-se ao longe. Ele gritava:

— Até onde é preciso subir ainda?

— A que altura estás? — perguntou Legrand.

— Tão alto, tão alto — respondeu o negro — que posso ver o céu através do cimo da árvore.

— Não te importes com o céu, presta atenção ao que te digo. Vê o tronco e conta os ramos abaixo de ti, desse lado. Quantos ramos passaste?

— Um, dois, três, quatro, cinco. Passei cinco ramos grossos, *massa*, deste lado daqui.

— Então sobe mais um ramo.

Passados alguns minutos, ouviu-se de novo a sua voz. Ele informava-o que havia atingido o sétimo ramo.

— Agora, Júpiter — gritou Legrand, num estado evidente de agitação — é preciso que encontres o meio de avançares por cima desse ramo, tão longe quanto puderes. Se vires qualquer coisa de extraordinário nesse ramo, dir-me-ás.

Desde então, algumas dúvidas que tinha tentado manter a respeito da demência do meu pobre amigo desapareceram completamente. Não podia já considerá-lo como tido por alienado mental e comecei a inquietar-me seriamente com a maneira de o levar para casa.

Enquanto meditava sobre o que seria melhor, de novo se ouviu a voz de Júpiter:

— Tenho medo de me encontrar um pouco mais longe neste ramo; é um ramo seco a quase todo o comprimento.

— Júpiter, dizes que é um ramo morto? — gritou Legrand com uma voz trémula pela emoção.

— Sim, *massa*, morto como o meu avô. Está completamente seco.

— Valha-me Deus, que hei de fazer? — perguntou Legrand, que parecia verdadeiramente desesperado.

— O que fazer? — disse-lhe, satisfeito por ter ocasião para dizer uma palavra razoável. — Volte para casa e vamo-nos deitar. Vamos, venha! Seja gentil, meu amigo. Faz-se tarde e, depois, recorde-se da sua promessa.

— Júpiter — gritou Legrand, sem me ouvir sequer — ouves-me?

— Sim, *massa Will*, ouço-o perfeitamente.

— Corta, portanto, a madeira com a tua faca e diz-me se a encontras muito apodrecida.

— Apodrecida, *massa*, bastante apodrecida — respondeu em seguida — mas não tão apodrecida como o meu avô. Poderia aventurar-me um pouco mais pelo ramo, mas sozinho.

— Sozinho! O que queres dizer?

— Quero falar do escaravelho. É bastante pesado. Se eu o deixasse primeiro, o ramo aguentaria bem, sem partir, só o peso de um negro.

— Grande patife! — gritou Legrand que tinha um aspeto bastante aliviado. — Que tolices dizes dai? Se deixas cair o inseto, torço-te o pescoço. Presta atenção a isto, Júpiter. Ouves-me, não é verdade?

— Sim, *massa*, não vale tratar assim um pobre negro.

— Pois bem, escuta-me! Se te aventurares sobre o ramo tão longe que possas fazê-lo sem perigo e sem deixares cair o escaravelho, dar-te-ei de presente um dólar de prata, logo que desças.

— Eu vou lá, *massa Will*. Já cá estou — respondeu o negro — estou quase na ponta.

— Na ponta! — gritou Legrand, mais serenamente. — Queres dizer que estás na ponta do ramo?

— Estarei em breve na ponta, *massa*; oh!, oh!, oh! Senhor Deus! Misericórdia! O que é que há em cima da árvore?

— Pois bem — gritou Legrand no auge da alegria — o que é que há?

— Eh! Apenas uma caveira; alguém que deixou a cabeça em cima da árvore e os corvos debicaram a carne toda.

— Um crânio, dizes? Muito bem! Como está agarrado ao ramo? O que é que o segura?

— Oh!, está bem preso. Mas é preciso ver... Ah!, é uma coisa curiosa, palavra! A caveira tem um prego grosso que a segura à árvore.

— Bem!, agora, Júpiter, faz exatamente o que vou dizer-te. Ouves-me?

— Sim, *massa*.

— Presta muita atenção! Procura o olho esquerdo da caveira.

— Oh!, oh! Vejam que estranho! Não tem vestígios do olho esquerdo.

— Maldita estupidez! Sabes distinguir a tua mão direita da tua mão esquerda?

— Sim, sei, eu sei tudo isso, mas a mão esquerda é aquela com que racho a lenha.

— Sem dúvida, tu és canhoto; e o teu olho esquerdo está no mesmo lado que a tua mão esquerda. Agora, suponho que poderás encontrar o olho esquerdo da caveira, ou o lugar onde estava o olho esquerdo. Encontraste?

Seguiu-se um longo silêncio; por fim o negro perguntou:

— O olho esquerdo da caveira está do mesmo lado que a mão esquerda da caveira? Mas a caveira não tem mãos! Isso não interessa nada! Já encontrei o olho esquerdo, está aqui o olho esquerdo! O que é preciso fazer agora?

— Deixa passar o escaravelho através dele, tão longe quanto possa ir o cordel. Mas toma bem nota de soltar a ponta do cordel quando chegar ao fim.

— Já fiz isso, *massa Will*. É fácil fazer passar o escaravelho pelo buraco. Olhe, veja-o descer.

Enquanto durou este diálogo, o corpo de Júpiter ficou invisível, mas o inseto que ele deixou passar aparecia agora na ponta do cordel e brilhava como uma bola de ouro polido pelos últimos raios do Sol poente, dos quais alguns iluminavam fracamente o ponto elevado em que estávamos colocados. O escaravelho, ao descer, emergia dos ramos, e se Júpiter o tivesse soltado imediatamente, teria caído aos nossos pés. Legrand pegou prontamente na foice, abriu um espaço circular de três ou quatro jardas de diâmetro, precisamente por baixo do inseto e, ao acabar esta tarefa, ordenou a Júpiter que soltasse o cordel e descesse da árvore.

Com um escrupuloso cuidado, o meu amigo enterrou na terra uma cavilha, no sítio preciso onde o escaravelho caíra, e tirou do

seu bolso uma fita métrica. Atou-a por uma ponta no sítio do tronco da árvore que estava mais perto da cavilha, desenrolou-a até à cavilha, e continuou assim a desenrolar na direção dada pelos dois pontos — a cavilha e o tronco — até à distância de cinquenta pés. Entretanto, Júpiter cortava com a foice as silvas em redor. No ponto assim achado, Legrand enterrou uma segunda cavilha, que tomou como centro, e em volta da qual descreveu grosseiramente um círculo de cerca de quatro pés de diâmetro.

Pegou então numa pá, deu uma a Júpiter e outra a mim, e pediu-nos para cavar tão depressa quanto possível. Para falar francamente, nunca tivera muito gosto por semelhante distração, e no caso presente passaria bem sem isso porque a noite avançava e sentia-me razoavelmente fatigado pelo exercício que já fizera. Mas não via forma alguma de me esquivar e temia perturbar com a minha recusa a prodigiosa serenidade do meu pobre amigo. Se pudesse contar com a ajuda de Júpiter, não teria hesitado em levar à força o nosso doido para casa dele, mas eu conhecia muitíssimo bem o caráter do velho negro para esperar o seu auxílio no caso de uma luta corpo a corpo com o patrão e não importa em que circunstâncias. Não duvidava que Legrand tivesse o cérebro sugestionado por alguma das inumeráveis superstições do Sul, relativas aos tesouros escondidos e que esta ideia fosse confirmada pelo achado do escaravelho, ou talvez mesmo pela obstinação de Júpiter em afirmar que era um escaravelho de ouro autêntico. Um espírito desequilibrado podia muito bem deixar-se arrastar por semelhantes sugestões, sobretudo quando elas concordam com as suas ideias favoritas preconcebidas; depois recordava-me do discurso do pobre rapaz relativo ao escaravelho, *indício da sua*

fortuna! Acima de tudo, estava cruelmente atormentado e embaraçado; mas, enfim, resolvi fazer das tripas coração e cavar de boa vontade, o mais depressa possível, para convencer o meu visionário o mais depressa possível, de uma maneira palpável, da inutilidade dos seus sonhos.

Acendemos lanternas e cumprimos a nossa tarefa com um zelo digno de uma causa mais louvável e, enquanto a luz incidia sobre as nossas pessoas e a ferramenta, não pude deixar de pensar que compúnhamos um grupo verdadeiramente pitoresco, e que se algum intruso fosse parar por acaso junto de nós, julgaria que estávamos a fazer um trabalho bem estranho e suspeito.

Nós cavámos sem descanso durante duas horas. Falávamos pouco. O nosso principal embaraço era causado pelos uivos do cão que tomava um interesse cada vez maior pelos nossos trabalhos. Com o decorrer do tempo, tornou-se de tal forma turbulento que receámos que ele alertasse alguns malfeitores — ou antes, era a grande preocupação de Legrand — porque no que me dizia respeito, eu ficaria regozijado com qualquer interrupção que me teria permitido levar o meu amigo para casa.

Por fim, o estrondo foi sufocado, graças a Júpiter que se lançou para fora do buraco com um ar furioso; decidido, apertou as mandíbulas do animal com um dos seus suspensórios e depois voltou ao trabalho com um risinho de triunfo.

Decorridas duas horas, tínhamos atingido uma profundidade de cinco pés, e nenhum indício de tesouro se nos deparara. Descansámos todos e pensei que a farsa estivesse a chegar ao fim. Entretanto, Legrand, se bem que evidentemente desconcertado, enxugou a testa com um ar pensativo e tornou a pegar na pá. O

buraco ocupava já toda a extensão do círculo de quatro pés de profundidade. Aumentámos ligeiramente este limite e cavámos ainda mais dois pés. Não apareceu nada. O meu pesquisador de ouro, do qual eu tinha imensa piedade, saltou por fim para fora do buraco com o mais espantoso desapontamento estampado no rosto e decidiu-se a vestir o casaco, que tirara antes de começar o trabalho.

Evitei fazer-lhe qualquer observação. Júpiter, a um sinal do patrão, começou a reunir a ferramenta. Feito isto, e depois de tirar o açaimo ao cão, voltámos a pôr-nos em marcha num silêncio profundo. Tínhamos dado talvez uma dúzia de passos quando Legrand, soltando uma terrível praga, saltou para Júpiter e agarrou-o pelo pescoço. O negro estupefacto abriu os olhos e a boca a toda a largura, deixou cair as pás e caiu de joelhos.

— Celerado! — gritava Legrand sibilando as sílabas entre dentes. — Negro do diabo! Vil negro! Fala, ordeno-te! Responde-me neste instante e, sobretudo, não mintas. Qual é o teu olho esquerdo?

— Ah!, misericórdia, *massa Will!* não é este o meu olho esquerdo? — rugiu Júpiter espantado, colocando a mão sobre o olho direito, e mantinha-a agora com a força do desespero, como se receasse que o seu patrão lho quisesse arrancar.

— Eu já desconfiava! Bem o sabia! Bravo! — vociferou Legrand largando o negro, e dando uma série de saltos e cabriolas, com grande espanto do seu criado que se levantara e olhava, sem dizer palavra, para o patrão e para mim.

— Vamos, é preciso voltar — disse ele ao negro. — A partida não está perdida.

E dirigiu-se de novo para a tulipeira.

— Júpiter — disse-lhe quando chegámos ao pé da árvore — vem aqui! O crânio está pregado com a face voltada para o exterior ou voltada para o centro do ramo?

— A caveira está pregada ao ramo exterior, *massa*, de forma que os corvos puderam comer os olhos sem nenhuma dificuldade.

— Bem. Então, foi por este olho ou pelo outro que fizeste escorregar o escaravelho? — E Legrand tocou alternadamente nos dois olhos de Júpiter.

— Por este olho aqui, *massa*, pelo olho esquerdo, justamente como me havia dito.

E era ainda o seu olho direito que indicava o pobre negro.

— Vamos, vamos! É preciso recomeçar.

Então o meu amigo, na loucura da qual agora eu via, ou julgava ver, certos indícios de método, colocou a cavilha que marcava o sítio onde o escaravelho caíra a três polegadas, para oeste, da sua primeira posição. Estendendo de novo o seu cordel do ponto mais próximo do tronco até à cavilha, como já tinha feito, e continuando a estender em linha reta a uma distância de cinquenta pés, marcou um novo ponto afastado várias jardas do sítio em que tínhamos anteriormente cavado.

Em volta deste novo centro, foi traçado um círculo pouco mais largo do que o primeiro, e pusemo-nos de novo a trabalhar. Eu estava muitíssimo fatigado, mas sem me dar conta do que influíra para uma modificação no meu pensamento, não sentia já uma grande aversão pelo trabalho que me fora imposto. Interessei-me inexplicavelmente. Diria mais: sentia-me excitado. Talvez houvesse, em toda a estranha conduta de Legrand, um certo ar deliberado,

um certo ar profético que me impressionava. Eu cavava ardentemente e, de vez em quando, surpreendia-me a procurar, por assim dizer, com os olhos, com um sentimento que se assemelhava ao da espera desse tesouro imaginário, cuja visão tinha transtornado o meu infeliz camarada. Num desses momentos em que as divagações se tinham apoderado estranhamente de mim, e quando tínhamos já trabalhado aproximadamente hora e meia, fomos novamente interrompidos pelos uivos do cão. A sua inquietação no primeiro caso não fora evidentemente senão o resultado de um capricho ou de uma alegria doida. Desta vez, porém, tinha um tom mais violento e mais caracterizado. Quando Júpiter se esforçou de novo a açaimá-lo, ele resistiu furiosamente e, saltando para a cova pôs-se a esgaravatar freneticamente a terra com as unhas. Passados alguns segundos, o cão tinha descoberto uma massa de ossos humanos, formada por dois esqueletos completos e misturados com vários botões de metal e outra coisa que nos pareceu ser lã velha, apodrecida e esfarelada. Uma ou duas pazadas fizeram saltar a lâmina de uma grande faca espanhola. Cavámos ainda mais e apareceram três ou quatro moedas de ouro e de prata espalhadas.

Ao ver isto, Júpiter pôde a custo conter a sua alegria, mas a fisionomia do seu patrão exprimiu um desapontamento medonho. Pediu, no entanto, para continuarmos os nossos esforços, e mal acabara de falar, tropecei e caí para a frente, com a biqueira da minha bota metida num grande aro de ferro que jazia meio enterrado sob um monte de terra fresca. Recomeçámos o trabalho com um novo ardor. Eu nunca passara dez minutos de uma tão viva exaltação. Ao fim desse tempo, desenterrámos completamente um

cofre de forma oblonga que, a julgar pelo seu perfeito estado de conservação e a sua espantosa resistência, devia ter sido submetido a qualquer processo de mineralização, talvez com cloreto de mercúrio. Este cofre tinha três pés e meio de profundidade. Estava solidamente reforçado por duas lâminas de ferro forjado pregadas e formando em volta uma espécie de grinalda. De cada lado do cofre, perto da tampa, havia três argolas de ferro, seis ao todo, por meio das quais seis pessoas podiam levantá-lo. Todos os nossos esforços reunidos, conseguiram movê-lo apenas ligeiramente do lugar. Vimos imediatamente a impossibilidade de levar um tão grande peso. Por felicidade, a tampa estava apenas presa por dois ferrolhos que fizemos deslizar, tremendo e cheios de ansiedade. De súbito, deparou-se-nos um tesouro de um valor incalculável. Os raios das lanternas incidiam na cova e faziam brilhar, numa mistura confusa, o ouro e as joias, com reflexos e esplendores que nos deslumbravam positivamente.

Nunca poderei tentar descrever os sentimentos com que contemplei este tesouro. Como é de supor, a estupefação dominou todos os outros. Legrand parecia esgotado pela sua excitação e apenas pronunciava algumas palavras. Quanto a Júpiter, com o rosto de uma palidez mortal, se é possível numa cara negra, parecia estupefacto, fulminado.

Em breve, caiu de joelhos na cova e mergulhando os braços nus no ouro, até aos cotovelos, deixou-os estar demoradamente, como se gozasse da volúpia de um banho.

— Enfim! — exclamou ele com um profundo suspiro, como se falasse com ele mesmo. — E tudo isto por causa do escaravelho de ouro? O lindo escaravelho de ouro! O pobre escaravelhozinho que tu

injuriavas, que caluniavas. Não tens vergonha de ti mesmo, negro? Que tens para responder?

Foi preciso, entretanto, que eu despertasse, por assim dizer, o patrão e o criado, e que lhes fizesse compreender que havia urgência em levar o tesouro.

Já era tarde e era preciso empregar qualquer sistema, se queríamos que tudo ficasse em segurança em nossa casa antes de amanhecer.

Não sabíamos que resolução deveríamos tomar e perdemos muito tempo a deliberar. Por fim, aliviámos o cofre levando dois terços do conteúdo e pudemos, enfim, mas não sem custo ainda, arrancá-lo da cova. Os objetos que nós tínhamos tirado foram colocados entre os cardos e confiados à guarda do cão, a quem Júpiter recomendou severamente que não se mexesse sob nenhum pretexto e que não abrisse a boca até ao nosso regresso.

Então pusemo-nos precipitadamente a caminhar com o cofre; alcançámos a cabana sem incidentes, mas muito cansados e à uma hora da manhã. Esgotados como estávamos não pudemos entregarmo-nos imediatamente à tarefa, seria ultrapassar as forças humanas. Descansámos até às duas, depois ceámos; por fim, metemo-nos a caminho pelas montanhas com três sacos que encontrámos, por sorte, na cabana. Chegámos um pouco antes das quatro horas à cova, e dividimos tão igualmente quanto possível o resto do achado, e sem nos darmos ao trabalho de taparmos o buraco, pusemo-nos a caminho para a nossa casa, onde colocámos os nossos preciosos fardos, precisamente quando os primeiros clarões da aurora apareciam a leste, por cima das árvores.

Estávamos absolutamente exaustos; mas a profunda excitação impediu-nos de repousar. Depois de um sono inquieto de três ou quatro horas, levantámo-nos, como se estivéssemos combinados, para proceder ao exame do nosso tesouro.

O cofre estava cheio até às bordas e passámos o dia inteiro e a maior parte da noite seguinte a inventariar o conteúdo. O cofre tinha sido cheio sem nenhuma ordem, de qualquer maneira. Quando fizemos cuidadosamente uma classificação geral, encontrámo-nos de posse de uma fortuna que ultrapassava o que nós tínhamos pensado. Havia em espécies mais de quatrocentos e cinquenta mil dólares, valorizando as moedas tão rigorosamente quanto possível, segundo as cotações da época. No meio de tudo isso nem uma parcela de prata. Tudo de ouro muito antigo e de uma grande variedade: moedas francesas, espanholas e alemãs, alguns guinéus ingleses, e algumas moedas francesas de que nunca víramos nenhum exemplar. Havia várias moedas muito grandes e pesadas, mas tão gastas que nos foi impossível decifrar as inscrições. Nenhuma moeda americana. Quanto ao valor das joias, era um caso muito mais difícil. Encontrámos diamantes, dos quais alguns muito belos e de um tamanho invulgar — ao todo cento e dez — e nem um só era pequeno; dezoito rubis de um brilho notável; trezentas e dez esmeraldas, todas muito belas; vinte e uma safiras e uma opala. Todas essas pedras tinham sido arrancadas das suas armações e metidas de qualquer maneira no cofre. Quanto às armações, que pusemos numa categoria diferente do outro ouro, pareciam ter sido amachucadas à martelada, como que para ficarem irreconhecíveis. Além de tudo isso, havia uma enorme quantidade de ornamentos de ouro maciço. Perto de

duzentos anéis ou brincos maciços; belas correntes, umas trinta, se a memória não me falha; oitenta e três crucifixos muito grandes e muito pesados; cinco incensórios de ouro de grande preço; uma gigantesca tigela de ouro, de grande valor, decorada com folhas de videira e figuras de bacantes cinzeladas; dois cabos de espada maravilhosamente trabalhados e enorme quantidade de outros artigos mais pequenos, dos quais não me recordo. O peso de todos estes valores ultrapassava as 350 libras; nesta avaliação omiti cento e noventa e sete relógios de ouro, que valiam, pelo menos quinhentos dólares cada um. Vários eram velhos, e sem nenhum valor como peças de relojoaria, pois tinham sofrido, mais ou menos, a ação corrosiva da terra, mas todos eram magnificamente ornados de pedrarias e as caixas de grande preço. Avaliámos, nessa noite, o conteúdo total do cofre num milhão e meio de dólares; e quando mais tarde demos destino joias e pedras, depois de termos guardado algumas para nosso uso pessoal, achámos que o tínhamos avaliado abaixo do seu justo valor.

Assim que acabámos o inventário e que a nossa terrível exaltação ficou em parte apaziguada, Legrand, ao ver que eu morria de impaciência por possuir a solução deste prodigioso enigma, deu-me todos os pormenores.

— Recorda-se — disse-me — da noite em que mostrei o esboço que fizera do escaravelho. Lembra-se também que fiquei sentido pela sua insistência em me fazer notar que o meu desenho se parecia com uma caveira. A primeira vez que fez essa observação, julguei que brincava. Em seguida, recordei-me das manchas particulares no dorso do inseto e reconheci que a sua observação tinha na realidade qualquer fundamento. Contudo, a

sua ironia quanto às minhas faculdades gráficas irritou-me, porque sou tido como um artista razoável e por isso, quando estendeu o pedaço do pergaminho, estive quase a amarfanhá-lo e atirá-lo ao lume.

— Quer referir-se ao pedaço de *papel*?

— Não. Tinha todo o aspeto de papel, e eu mesmo assim supus, mas depois, ao querer desenhar em cima dele descobri logo que era um pedaço de pergaminho muito fino. Ele estava bastante sujo, você recorda-se. No momento em que eu o ia limpar, os meus olhos incidiram no desenho que você tinha visto e pode conceber qual foi o meu espanto quando me apercebi da imagem precisa de uma caveira mesmo no sítio onde eu julgava ter desenhado um escaravelho. Durante um momento, senti-me demasiado aturdido para pensar com clareza. Sabia que o meu esboço diferia desse novo desenho em todos os pormenores, se bem que tivesse uma certa analogia no contorno geral. Peguei então numa vela e sentando-me na outra extremidade do quarto, procedi logo a uma análise mais minuciosa do pergaminho. Ao virá-lo, vi o meu próprio desenho pelo avesso, precisamente como o tinha feito. A minha primeira impressão foi simplesmente de surpresa. Havia nele uma semelhança realmente notável no contorno, e era uma coincidência que a imagem de uma caveira, desconhecida para mim, ocupasse o outro lado do pergaminho, mesmo por baixo do meu desenho do escaravelho — e de uma caveira que se assemelhava ao meu desenho, não só no contorno como nas dimensões. Confesso que esta coincidência me deixou positivamente estupefacto, por um instante. É o efeito vulgar desta espécie de coincidências. O espírito esforça-se em estabelecer uma relação, uma ligação da causa com

o efeito e, julgando-se impotente para o conseguir, sofre uma espécie de paralisia momentânea. Mas, quando voltei a mim deste espanto, senti nascer em mim, a pouco e pouco, uma convicção que me chocou ainda mais do que essa coincidência. Comecei a recordar-me distintamente, positivamente, que não havia nenhum desenho no pergaminho quando eu fiz nele o esboço do escaravelho. Tinha a certeza absoluta, porque me recordo de o ter virado e tornado a virar, procurando o sítio mais limpo. Se a caveira estivesse visível, tê-lo-ia notado. Havia nela realmente um mistério que me sentia capaz de desvendar, e desde então, pareceu-me ver antecipadamente um pálido clarão nas regiões mais profundas e mais secretas da minha compreensão, uma espécie de pirilampo de luz intelectual, uma conceção em embrião da verdade, da qual a nossa aventura na outra noite nos forneceu uma esplêndida demonstração. Levantei-me decididamente e, pegando no pergaminho, deixei toda a reflexão para o momento em que pudesse estar só.

«Quando você se fosse embora e o Júpiter estivesse bem adormecido, entregar-me-ia a uma investigação um pouco mais meticulosa sobre o assunto. E, primeiro, quis compreender de que forma este pergaminho viera parar às minhas mãos. O sítio em que descobrimos o escaravelho, fora na costa, a cerca de uma milha a leste da ilha, mas a uma pequena distância acima do nível da maré-alta. Quando o apanhei, mordeu-me cruelmente, e eu deixei-o fugir. Júpiter, com a sua prudência costumada, antes de apanhar o inseto que voara já do seu lado, procurou em volta dele uma folha ou outra coisa semelhante com que pudesse pegar-lhe. Foi nesse momento que descobriu o pedaço de pergaminho, que julgou ser

papel. Estava meio enterrado na areia, com uma ponta de fora. Perto do lugar, onde o achámos, observei os restos de um casco de uma grande embarcação, pelo menos pelo que pude observar. Os destroços do naufrágio estavam ali provavelmente há já muito tempo, porque a custo se poderia reconhecer a armação de um barco.

«Júpiter embrulhou o inseto e deu-mo. Pouco depois prosseguimos o caminho até à cabana e encontrámos o tenente G... Mostrei-lhe o inseto e ele pediu-me que deixasse levá-lo ao forte. Disse-lhe que sim e ele meteu-o no bolso do colete, mas sem o pergaminho que lhe servia de invólucro e que eu conservara na mão enquanto ele examinava o escaravelho. Talvez tivesse medo que eu mudasse de opinião e julgou prudente guardar primeiro o inseto; sabe que ele é doido por História Natural e por tudo o que com ela se relaciona. E então, sem pensar nisso, meti o pergaminho no bolso.

«Recorda-se que assim que me sentei à mesa para desenhar o escaravelho, não encontrei o papel no lugar em que o ponho habitualmente. Vi na gaveta e não havia lá nenhum. Procurei nas minhas algibeiras, esperando encontrar uma carta já antiga, quando os meus dedos encontraram o pergaminho. Dou-lhe pormenorizadamente toda a série de circunstâncias que o puseram nas minhas mãos, porque todas elas impressionaram o meu espírito.

«Sem dúvida alguma, você julgar-me-ia um sonhador, mas eu já tinha estabelecido uma espécie de conexão. Já unira dois grandes elos de uma grande cadeia.

«Um barco que naufragara na costa e não longe deste barco um pergaminho — não um papel — que continha a imagem de uma caveira. Vai naturalmente perguntar-me onde está a relação? Responderei que a caveira é o emblema, bem conhecido, dos piratas. Em todos os ataques içam sempre o pavilhão com a caveira.

«Disse-lhe que era um pedaço de pergaminho e não de papel. O pergaminho é uma coisa de muita duração, quase que não se deteriora. Não se confiam ao pergaminho documentos de mínima importância, pois que é menos fácil de utilizar para escrever e menos ainda para desenhar. Esta reflexão levou-me a pensar que devia ter qualquer relação com a caveira, qualquer sentido estranho. Como é natural, não deixei de reparar no formato do pergaminho. Embora um dos cantos tivesse sido destruído por qualquer acidente via-se bem que a forma primitiva era oblonga. Era, portanto, uma dessas tiras que se escolhe para escrever, para assinar um documento importante, um apontamento que se quer conservar por muito tempo e cuidadosamente.»

— Mas — interrompi-o — diz que a caveira não estava no pergaminho quando desenhou nele o escaravelho. Como pode estabelecer, portanto, uma relação entre o barco e a caveira, pois que esta última, segundo confessou, foi de facto desenhada? Deus sabe como e por quem foi desenhada, posteriormente ao seu desenho do escaravelho?

— Ah!, é nisso que reside todo o mistério, se bem que eu tivesse pouca dificuldade em resolver esse ponto do enigma. A minha dedução estava certa e não podia levar-me senão a um único resultado. O meu raciocínio era este: quando desenhei o meu

escaravelho, não tinha nenhum vestígio de caveira no pergaminho: quando acabei o meu desenho passei-lho e não o perdi de vista até que mo restituiu. Por conseguinte, não foi você que desenhou a caveira e não havia ali outra pessoa para o fazer. Não tinha sido, portanto, feito por mão humana, e no entanto ali estava diante dos meus olhos!

«As minhas reflexões levaram-me a tentar recordar e, com efeito, lembrei-me com uma perfeita exatidão, de todos os incidentes que ocorreram nesse intervalo. A temperatura era baixa — oh!, a feliz casualidade! — e um bom lume crepitava na lareira. Estava suficientemente aquecido pelo exercício e sentei-me perto da mesa. Você, entretanto, virara a sua cadeira para muito perto da lareira, justamente no momento em que lhe passei o pergaminho para mão, e quando o ia examinar, *Wolf*, o meu terra-nova, entrou e saltou-lhe aos ombros. Você afagou-o com a mão esquerda, e procurava afastá-lo deixando descair vagarosamente a sua mão direita, a que segurava o pergaminho, entre os seus joelhos e muito perto do fogo. Julguei por uns momentos que a chama ia atingi-lo e estive quase a dizer-lhe para ter cuidado. Mas, antes que eu falasse, você retirou-o e pôs-se a examiná-lo. Quando considerei bem estas circunstâncias, não duvidei por um instante de que o calor tivesse sido o agente que fizera aparecer no pergaminho o desenho da caveira. Sabe que há — e desde sempre houve — preparações químicas, por meio das quais se pode escrever no papel caracteres que são invisíveis até serem submetidos à ação do calor. Emprega-se algumas vezes o óxido de cobre misturado com água régia e diluído em quatro partes do seu peso de água, combinação que dá uma cor verde. O óxido de cobalto dissolvido no

ácido nítrico dá uma cor vermelha. Estas cores desaparecem, mais ou menos tempo depois de arrefecer a substância na qual se escreveu, mas reaparecem facilmente sob a ação do calor.

«Examinei então a caveira com o maior cuidado. Os contornos exteriores, isto é, os mais próximos da beira do pergaminho estavam muito mais nítidos do que os outros. Evidentemente que a ação do calor fora imperfeita e desigual. Acendi imediatamente o lume e submeti o pergaminho inteiro a um calor escaldante. Primeiro, não teve outro efeito senão avivar as linhas um pouco sumidas da caveira; mas, ao prosseguir a experiência, vi aparecer a um canto da tira, no diagonalmente oposto àquele em que estava traçada a caveira, uma figura que eu supus primeiro ser uma cabra. Mas um exame mais atento convenceu-me de que se tratava de um cabrito.

— Ah!, ah! — exclamei. — Não tenho o direito de trocar de si. Um milhão e meio de dólares, é uma coisa demasiado séria para que se brinque. Mas não poderá juntar um terceiro elo à sua cadeia, não encontrará nenhuma referência especial entre os seus piratas e uma cabra. Como sabe, os piratas não têm nada a ver com cabras. Isso refere-se aos granjeiros.

— Mas acabei de lhe dizer que a imagem não era de uma cabra.

— Bom!, seja um cabrito. É quase a mesma coisa.

— Quase, mas não por completo — disse Legrand. — Ouviu decerto falar de um certo capitão Kidd. Eu considerei imediatamente a figura deste animal como uma espécie de assinatura hieroglífica (*kidd*: cabrito). Digo assinatura, porque o lugar que ela ocupava no pergaminho sugeria naturalmente esta

ideia. Quanto à caveira, colocada na extremidade diagonalmente oposta, tinha o aspeto de um timbre, de uma estampilha. Mas fiquei cruelmente desconcertado pela ausência de qualquer texto.

— Presumo que esperava encontrar algumas linhas entre o selo e a assinatura.

— Qualquer coisa desse género. O facto é que me sentia irresistivelmente impressionado por um pressentimento de uma imensa e iminente fortuna. Porquê? Não poderia dizê-lo muito bem. Afinal, talvez fosse mais um desejo do que uma crença positiva. Mas acreditaria que o dito absurdo de Júpiter, de que o escaravelho era de ouro maciço, teve uma influência notável na minha imaginação? Depois desta série de incidentes e coincidências era na verdade extraordinário! Notou tudo o que há de fortuito nisto? Foi preciso que todos os acontecimentos ocorressem no mesmo dia do mesmo ano, em que houve frio, e bastante, para ser preciso aquecimento e, sem este lume e sem a intervenção do cão, no momento preciso em que apareceu, nunca teria tomado conhecimento da caveira e nunca teria possuído o tesouro.

— Vá, vá. Estou em brasas.

— Pois bem, vai ter conhecimento de uma louca história sobre a qual correram mil rumores vagos, relativos aos tesouros escondidos, em alguma parte da costa atlântica, por Kidd e os seus sócios. Resumindo, todos estes rumores deviam ter qualquer fundamento. E esses rumores duravam já há tanto tempo e com tanta persistência, que isso não podia, quanto a mim, ter senão uma razão: é que o tesouro continuava escondido. Se Kidd tivesse desenterrado o tesouro, esses rumores não teriam, sem dúvida, chegado até nós de uma maneira tão persistente. Repare que as

histórias em causa falam nas pessoas que procuram o tesouro e nunca nas que o encontraram. Se o pirata tivesse ido buscá-lo, o caso ficaria por aí. Parecia-me que algum acidente, por exemplo, a perda da indicação que marcava o sítio exato, privá-lo-ia do meio para o descobrir. Suponho que este incidente chegou ao conhecimento dos seus companheiros — de outra forma nunca teriam sabido que um tesouro estava enterrado — e com suas pesquisas infrutíferas, sem um guia e indicações positivas, deram início a este rumor universal e a estas lendas hoje tão comuns. Ouviu falar alguma vez de algum tesouro importante descoberto na costa?

— Nunca.

— Ora, é notório que Kidd acumulou imensas riquezas. Considerava, portanto, como uma coisa certa que a terra as guardava ainda; e não se espantará muito se eu lhe disser que sentia em mim uma esperança que era quase uma certeza: que o pergaminho, tão estranhamente encontrado, conteria a indicação desaparecida do lugar onde fora feito o depósito.

— Mas como procedeu?

— Expus novamente o pergaminho ao lume, depois de ter aumentado o calor, mas não apareceu nada! Pensei que a camada de gordura podia influir no insucesso, e por isso limpei cuidadosamente o pergaminho deitando água quente em cima dele. Depois, coloquei-o numa caçarola de ferro fundido, com a caveira para cima e pu-lo em cima de um fogão de carvão em brasa. Passados alguns minutos, retirei a tira de pergaminho e apercebi-me, com uma alegria inexprimível, que estava marcado em vários sítios com sinais que se assemelhavam a algarismos dispostos em

linhas. Tornei a pô-lo na caçarola e, quando o retirei de lá, estava tal como vai ver.

Ao dizer isto, Legrand, tendo de novo aquecido o pergaminho, submeteu-o a um exame meu. Apareceram os seguintes caracteres a vermelho, grosseiramente traçados entre a caveira e o cabrito:

53##+305))6*;4826)4#.)4#);806*;48+8n60))85;1#(::#*8+83(88)5
*+;46(;88*96*?;8)*#(;485);5*+2:*#(;4956*2(5*-4)8n8*;4069285)
;)6+8)4##;1(#9;48081;8:8#1;48+85;4)485+528806*81(#9;48;88;4
(#?34;48)4#;161;:188;#?;

— Mas — disse-lhe ao devolver a tira de pergaminho — não compreendo lá muito bem. Se todos os tesouros do mundo fossem para mim o prémio da solução deste enigma, eu estaria absolutamente convencido de o não ganhar.

— E, no entanto — disse Legrand — a solução não é assim tão difícil como parece à primeira vista. Estes caracteres, como pode adivinhar-se facilmente, formam um código, quer dizer, representam um sentido; mas, depois do que se sabe de Kidd, não o julgaria capaz de fabricar um mostruário de criptografia abstrusa. Pensei, pois, antes de tudo, que era de uma espécie bem simples — tal como deve parecer absolutamente indecifrável à inteligência rude de um marinheiro, sem a chave.

— E você decifrou-o?

— Muito facilmente. Já resolvi outros, dez mil vezes mais complicados. As circunstâncias e uma certa tendência espiritual, levaram-me a tomar interesse por esta espécie de enigmas e é na verdade duvidoso que o engenho humano possa criar um enigma

deste género, que outro ser humano não consiga decifrar. Por isso, uma vez que consegui estabelecer uma série de caracteres legíveis, dignei-me apenas pensar na dificuldade de decifrar o significado dele.

«No caso presente — em suma, em todos os casos de código — a primeira pergunta a fazer é a *língua* dos algarismos; porque os princípios da solução, quando se trata dos números mais simples, dependem do carácter de cada idioma e podem ser modificados. Em geral, não há outro meio senão tentar sucessivamente, conforme as probabilidades, todas as línguas que são do seu conhecimento até que tenha encontrado a indicada! Mas, no hieróglifo de que nos ocupamos, qualquer dificuldade a esse respeito era resolvida pela assinatura. A procura sobre a palavra *kidd* não era possível senão em língua inglesa. Sem essa circunstância teria começado as minhas tentativas pelo espanhol e o francês, como sendo as línguas das quais um pirata dos mares espanhóis e franceses usaria para guardar um segredo desta natureza. Mas, no caso presente, eu presumia que o criptograma era inglês.

«Repare que não há espaço entre as palavras. Se houvesse espaços, a tarefa seria mais fácil. Neste caso, eu teria começado por fazer uma escolha e uma análise das palavras mais curtas e, se tivesse encontrado — como é sempre provável — uma palavra de uma só letra, *a* ou *l* (um, eu) por exemplo, teria considerado a solução como certa. Mas, já que não havia espaços, o meu primeiro dever era assinalar as letras predominantes, assim como as que se encontravam menos vezes. Contei-as todas e formei o seguinte quadro:

O caractere 8 encontra-se 33 vezes
 O caractere ; encontra-se 26 vezes
 O caractere 4 encontra-se 19 vezes
 Os caracteres ÷ e) encontram-se 16 vezes
 O caractere * encontra-se 13 vezes
 O caractere 5 encontra-se 12 vezes
 O caractere 6 encontra-se 12 vezes
 O caractere (encontra-se 10 vezes
 Os caracteres + e 1 encontram-se 8 vezes
 O caractere 0 encontra-se 6 vezes
 Os caracteres 9 e 2 encontram-se 5 vezes
 Os caracteres : e 3 encontram-se 4 vezes
 O caractere ? encontra-se 3 vezes
 O caractere n encontra-se 2 vezes
 O caractere - encontra-se 1 vez

«Ora a letra que se encontra mais frequentemente em inglês é *e*. As outras letras sucedem-se por esta ordem: *a o i d h n r s t u y c f g l m w b k p q x z*. E predomina tão estranhamente, que é muito raro encontrar uma frase de um certo comprimento em que não seja o carácter principal.

«Nós temos, pois, logo ao começar, um ponto de partida que é melhor do que uma simples conjectura. O uso geral que se pode fazer desta tabela é evidente; mas, para este código particular não nos serviremos muito dela. Visto que o nosso carácter dominante é 8, começaremos por o tomar pelo *e* do alfabeto natural. Para verificar esta suposição, vejamos se 8 se encontra muitas vezes em duplicado porque o *e* repete-se frequentemente em inglês; como

por exemplo em: *meet, fleet, speed, seen, been, agree, etc.* Ora, no caso presente, nós vemos que não se repete menos de cinco vezes, se bem que o criptograma seja muito curto.

«Portanto, 8 representará *e*. Agora, de todas as palavras da língua, *the* é a mais usada; por consequência, é preciso ver se não a encontramos repetida várias vezes na mesma combinação de três caracteres, este 8 sendo o último dos três. Se encontramos repetições desse género elas representarão provavelmente a palavra *the*. Feita a verificação, encontrámo-la pelo menos 7 vezes; e os caracteres são :48. Podemos, pois, supor que : representa *t*, que 4 representa *h*, e que 8 representa *e* — o valor do último encontrando-se assim confirmado de novo. Há agora um passo andado.

«Nós determinámos apenas uma palavra, mas essa única palavra permite-nos estabelecer um ponto muito mais importante, isto é, os princípios e as terminações de outras palavras. Vejamos, por exemplo, o antepenúltimo caso onde se apresenta a combinação ;48, quase ao fim do enigma. Sabemos que o ; que vem imediatamente depois é o princípio de uma palavra, e os seis caracteres que seguem esse *the*, não conhecemos menos de cinco. Substituamos, pois, estes caracteres pelas letras que representam, deixando um espaço para o desconhecido:

t eeth.

«Nós devemos antes de mais nada afastar o *th* como não podendo fazer parte da palavra que começa pelo primeiro *t*, pois nós vemos, experimentando sucessivamente todas as letras do

alfabeto para combinar a falta, que é impossível formar uma palavra cujo *th* possa fazer parte. Reduzamos, portanto, os nossos caracteres a

t ee,

e recomeçando todo o alfabeto, se for preciso, construímos a palavra *tree* (árvore), como a única versão possível. Ganhamos assim uma nova letra, *r*, representada por mais duas palavras justapostas *the tree* (a árvore).

«Um pouco mais longe encontramos ;48, e servimo-nos dela como de uma terminação que precede imediatamente. Isso dá-nos a combinação seguinte:

the tree ;(?34 the,

ou, substituindo-lhe letras pelos caracteres que nós conhecemos,

the tree the #? 3h the,

Agora, se substituirmos os caracteres desconhecidos por espaços ou pontos, teremos:

the tree thr... h the,

e a palavra *through* (por, através) sobressai por assim dizer de si própria. Mas esta descoberta dá-nos três letras a mais, *o*, *u* e *g*, representadas por

? e 3

«Procuremos agora atentamente no criptograma as combinações dos caracteres conhecidos e encontraremos, não longe do princípio, a seguinte combinação:

83(88, ou *egree*,

que é evidentemente a terminação da palavra *degree* (grau), e que nos dá ainda um letra *d*, representado por +.

«Quatro letras mais longe de *degree*, segue-se a combinação:

;46(;88*

de que traduzimos os caracteres conhecidos e representamos o desconhecido por um ponto; isso dá-nos

th . rtee,

arranjo que nos sugere imediatamente a palavra *thirteen* (treze), e nos acresce duas novas letras, *e* e *n*, representadas por 6 e *.

«Voltemos agora ao princípio do criptograma e acharemos a combinação

53##+

Traduzido como temos feito, obteremos

good,

o que nos prova que a primeira letra é um *a* e que as duas primeiras palavras são *a good* (um bom, uma boa).

«É já tempo de evitar qualquer confusão, dispondo todas as nossas descobertas num quadro. Isso dar-nos-á um começo do enigma:

5 = a

+ = d

8 = e

3 = g

4 = h

6 = i

* = n

‡ = o

(= r

; = t

? = u

«Assim, já temos nada menos de dez letras das mais importantes, e é inútil que prossigamos na solução através de todos os pormenores. Já lhe disse o bastante para o convencer de que enigmas desta natureza são fáceis de resolver e para lhe dar um vislumbre de análise raciocinada que serve para os desenredar. Mas tenha como certo que o espécime que vamos ler pertence à categoria dos mais simples da criptografia. Basta-me apenas dar a

tradução completa do documento, como se nós tivéssemos decifrado sucessivamente todos os símbolos. Ei-la:

*A good glass in the bishop's hostel in the devil's seat
forty-one degrees and thirteen minutes northeast and by
north main branch seventh limb east side shoot from the
left eye of the death's-head a bee line from the tree
through the shot fifty feet out.*

(Um bom copo na estalagem do bispo na cadeira do diabo quarenta e um graus e treze minutos quadrante nordeste tronco principal sétimo ramo lado leste deitada no olho esquerdo da caveira uma linha de abelha da árvore através da bola cinquenta pés de largura.)

— Mas — observei — o enigma parece-me tilo complicado como dantes. Como pôde tirar sentido de toda esta confusão de *cadeira do diabo, caveira, estalagem do bispo?*

— Concordo — respondeu Legrand — que este enigma não parece completamente resolvido, mas o meu primeiro cuidado foi tentar encontrar na frase as divisões naturais que estavam na mente daquele que a escreveu.

— Pontuá-la, quer você dizer?

— Uma coisa parecida.

— Mas como diabo fez isso?

— Refleti que aquele que a escreveu estabeleceu a regra de reunir as palavras sem nenhuma divisão, esperando tornar a solução mais difícil. Ora um homem que não é excessivamente astuto estará quase sempre inclinado, em semelhante tentativa, a

ultrapassar a medida. Quando no decorrer da sua composição surge uma interrupção de sentido, que pediria naturalmente uma pausa ou um ponto, é fatalmente levado a unir os caracteres mais do que habitualmente. Examinei este manuscrito, e descobri facilmente cinco lugares desse género onde há, por assim dizer, amontoamento de caracteres. Ao orientar-me depois deste índice, estabeleci a seguinte divisão:

*A good glass in the bishop's_ hostel in the devil's seat
— forty-one degrees and thirteen minutes — northeast and
by north — main branch seventh limb east side — shoot
from the left eye of the death's head — a bee line from the
tree through the shot fifty feet out.*

(Um bom copo na estalagem do bispo na cadeira do diabo — quarenta e um graus e treze minutos — norte e quarto de norte — tronco principal sétimo ramo lado leste — deitada do olho esquerdo da caveira — uma linha de abelha da árvore através da bola cinquenta pés de largura.)

— Apesar da sua divisão — disse-lhe — continuo sem compreender.

— Também me aconteceu o mesmo durante alguns dias — respondeu Legrand. — Durante esse tempo, investiguei pela vizinhança da ilha de Sullivan acerca de um prédio que devia chamar-se *Estalagem do Bispo*, porque não me inquietava a ortografia antiga da palavra. Como não tivesse tido nenhuma informação a esse respeito, procurava a forma de alargar o círculo

das minhas averiguações e de proceder de uma maneira mais sistemática, quando, numa manhã, verifiquei que este *bishop's hostel* podia muito bem ter relação com uma antiga família chamada Bessop, que de longa data eram senhores do solar, a cerca de quatro milhas a norte da ilha. Fui portanto à plantação e recomecei com o meu inquérito entre os negros velhos do lugar. Enfim, uma das mulheres mais idosas, disse-me que ela ouvira falar de um sítio, chamado *Bessop's castle* (castelo de Bessop) e que pensava poder conduzir-me até lá, mas que não era um castelo nem hospedaria, mas sim uns grandes rochedos.

«Ofereci-me para a recompensar bem pelo trabalho e, depois de hesitar, anuiu a acompanhar-me até àquele lugar. Descobrimo-lo sem grande dificuldade, despedi-me dela, e comecei a examinar o local. O *castelo* consistia num conjunto irregular de picos e de rochedos, sendo um deles notável pela sua altura, bem como pela sua configuração quase artificial. Trepei ao cume e ali fiquei muito tempo, sem saber o que fazer a seguir.

«Enquanto eu ali sonhava, os meus olhos repararam numa saliência estreita na face oriental do rochedo, a cerca de uma jarda abaixo da ponta onde eu estava colocado. Esta saliência projetava-se a 18 polegadas aproximadamente, e não teria nunca mais de um pé de largura; um nicho cavado no pico, mesmo por cima, tinha uma grosseira semelhança com as cadeiras de costas côncavas das quais se serviam os nossos antepassados. Não duvidava já que não fosse a *cadeira do diabo* da qual havia menção no manuscrito, e pareceu-me desde então que tinha o segredo do enigma.

«*O bom copo*, sabia-o, não podia significar outra coisa senão um vasto panorama; porque os marinheiros empregam raramente a

palavra *glass* noutro sentido. Compreendi imediatamente que era preciso servir-me de um óculo colocando-o num ponto de mira definido e *não admitindo nenhuma variante*. Ora as frases: *quarenta e um graus e treze minutos e nordeste quarto de norte* — não hesitei um instante em crer — deviam dar a direção para orientar o óculo. Muito excitado por todas estas descobertas, precipitei-me para casa, e procurei um óculo, voltando depois ao rochedo.

«Deixei-me escorregar sobre a cornija, e apercebi-me que não me podia manter sentado senão numa certa posição. Este facto confirmou a minha conjetura. Pensei então em me servir do óculo. Naturalmente, os quarenta e um graus e treze minutos não podiam ter outra significação, referia-se acima do horizonte visível, pois que a direção horizontal era claramente indicada pelas palavras *norte e um quarto de norte*. Estabeleci esta direção por meio de uma bússola de algibeira, depois, apontando tanto quanto possível, pela aproximação, o meu óculo num ângulo de quarenta e um graus de elevação, fi-lo mover com precaução de alto a baixo e de baixo para cima até que a minha atenção se fixou numa espécie de buraco circular ou uma claraboia, por entre a folhagem de uma grande árvore que dominava todas as que estavam próximas na extensão visível. No centro desse buraco, avistei um ponto branco, mas não pude a princípio distinguir o que era.

«Depois de ter focado melhor o óculo, olhei novamente e certifiquei-me de que era uma caveira. Logo a seguir a esta descoberta, que me encheu de confiança, considerei o enigma como resolvido; porque a frase: *principal tronco, sétimo ramo, lado leste*, não podia ter outra indicação senão a de se referir à posição da

caveira em cima da árvore, e esta: *deitada do olho esquerdo da caveira*, não admitia sequer outra interpretação, visto que se tratava da procura de um tesouro escondido. Compreendi que seria preciso deixar cair uma bola do olho esquerdo da caveira, e apenas uma linha de abelha, ou por outras palavras, uma linha reta partindo do ponto mais próximo do tronco e estendendo-se através da bola, isto é, através do ponto onde caísse a bola, indicaria o sítio certo, e por baixo desse lugar pensei que havia pelo menos a possibilidade de existir um depósito precioso que estava ainda escondido.»

— Tudo isso — disse-lhe — é excessivamente claro, e ao mesmo tempo engenhoso, simples e explícito. E quando saiu da *Estalagem do Bispo* que fez?

— Tendo marcado cuidadosamente a minha árvore, a sua forma e a sua posição, voltei para a minha casa. Logo que saí da *cadeira do diabo*, o buraco circular desapareceu e, de qualquer lado que me voltasse era impossível doravante avistá-lo. O que me pareceu obra-prima do engenho em todo este caso, e que faz (porque eu repeti a experiência e estou convencido que era um facto) com que a abertura circular em causa não fosse visível senão de um único ponto, e este ponto de vista único era a estreita cornija no flanco do rochedo.

«Esta última expedição à *Estalagem do Bispo* fora seguida por Júpiter que observava, sem dúvida, há algumas semanas, o meu ar preocupado, e Unha um cuidado especial em não me deixar só. Mas, no dia seguinte, levantei-me muito cedo, consegui escapar-lhe e corri para as montanhas à procura da minha árvore. Tive muita dificuldade em encontrá-la. Quando voltei para casa, à noite,

o meu criado dispunha-se a dar-me pancada. Quanto ao resto da aventura, penso que já está tão bem informado como eu.»

— Suponho — disse — que, na nossa primeira escavação, errou o sítio por causa da estupidez de Júpiter que deixou cair o escaravelho pelo olho direito da caveira em vez de o deixar escorregar pelo esquerdo.

— Precisamente. Este descuido provocou uma diferença de cerca de duas polegadas e meia em relação à *bola*, isto é, à posição da cavilha perto da árvore. Se o tesouro estivesse sob o sítio marcado pela *bola*, este erro era de pouca importância, mas a *bola* e o ponto mais aproximado da árvore eram dois pontos que apenas serviam para estabelecer uma linha de ligação; naturalmente o erro, muito pequeno a principio, aumentaria em proporção ao comprimento da linha, quando nós chegámos a uma distância de cinquenta pés, tínhamo-nos desviado por completo. Se não fosse ideia fixa de que estava possuído, que havia decerto ali, em qualquer ponto, um tesouro escondido, teriam sido em vão todos os nossos esforços.

— Mas a sua ênfase, as suas atitudes solenes ao balancear o escaravelho! Que extravagâncias! Eu julgava-o completamente doido. E por que é que exigiu que deixasse cair da caveira o seu inseto em vez de uma bola?

— Para ser franco, confesso que me sentia vexado pelas suas dúvidas relativas ao meu estado mental e resolvi castigá-lo calmamente, à minha maneira, com um bocadinho de fria mistificação. Eis porque balanceei o escaravelho e porque o quis deixar cair do cimo da árvore. Uma observação que você fez acerca do seu peso invulgar sugeriu-me esta última ideia.

— Sim, compreendo. E agora, há apenas um ponto que atrapalha. Que dizer dos esqueletos encontrados na cova?

— Ah!, é uma pergunta a que não poderia responder-lhe melhor do que você. Não vejo senão uma forma plausível de explicá-la e a minha hipótese implica uma tal atrocidade que é horrível de acreditar. É claro que Kidd — se é certo que foi ele que escondeu o tesouro, do que não duvido, pela minha parte — é claro que Kidd quis que o auxiliassem no seu trabalho. Mas, terminada a tarefa, ele julgou conveniente fazer desaparecer os que possuíam o segredo. Dois golpes fortes de enxada bastaram talvez, enquanto os seus ajudantes estavam ainda ocupados na fossa. Talvez tivesse precisado de lhes dar uma dúzia de golpes... Quem poderá dizer-nos?

O Retrato Oval

Título original: *Life in Death*

Publicado em 1842

O castelo onde o meu criado achara por bem penetrar à força, em vez de me condenar, deploravelmente ferido como eu estava, a passar uma noite ao relento, era uma dessas construções, misto de grandeza e de melancolia, que por longo tempo ergueram a sua frente orgulhosa no meio dos Apeninos, tanto na realidade como na imaginação da Sr.^a Radcliffe. Segundo toda a aparência, tinha sido temporária e recentemente abandonado.

Instalámo-nos numa das dependências menos amplas e menos sumptuosamente mobiladas, situada numa torre afastada do edifício. A sua decoração era rica, mas antiquada e em ruínas. As paredes, ornamentadas com numerosos troféus heráldicos de todas as formas, eram cobertas de tapeçarias, assim como de uma coleção prodigiosa de pinturas modernas, de grande estilo, em ricas molduras de ouro ao gosto arabesco.

Tomei profundo interesse — talvez fosse o meu delírio a causa disso — por esses quadros, suspensos não só nas principais paredes mas também nos inúmeros recantos que a extravagante arquitetura do castelo tornava inevitáveis; de tal modo que mandei Pedro fechar as pesadas portas das janelas do aposento — pois era já noite —, acender um grande candelabro de vários braços, colocado junto da minha cabeceira, e abrir de par em par os reposteiros de

veludo preto, guarnecidos de franjas, que cercavam o leito. Dei estas ordens para que ao menos, no caso de eu não poder dormir, me deleitasse alternadamente com a contemplação dessas pinturas e com a leitura de um pequeno volume que encontrara sobre o travesseiro e que continha a descrição e a análise dos quadros.

Li durante muito tempo, muito tempo; contemplei religiosamente, devotamente; as horas consumiam-se, rápidas e gloriosas, e chegou a profunda meia-noite. A posição do candelabro não me agradava; por isso, estendendo a mão com dificuldade, para não incomodar o meu criado que repousava, coloquei o objeto de maneira que fizesse incidir os seus raios plenamente sobre o livro.

Mas o efeito produzido foi absolutamente inesperado. Os raios de luz das numerosas velas (porque eram muitas) caíram então sobre um recanto do quarto que até aí uma das colunas do leito mergulhara em sombra densa. Vi à luz viva uma pintura que, a princípio, me tinha passado despercebida. Era o retrato de uma rapariga já amadurecida, quase mulher. Deitei ao quadro um olhar rápido e fechei os olhos. Porquê? Ao princípio eu próprio não soube porquê. Mas, enquanto mantinha as pálpebras fechadas, analisei rapidamente a causa que me obrigara a fechá-las assim. Fora um movimento voluntário para ganhar tempo e para pensar — para me certificar de que a vista não me enganara, para acalmar e preparar o espírito para uma contemplação mais a frio e mais segura. Ao fim de alguns instantes, olhei de novo fixamente para o quadro.

Não podia duvidar, *mesmo que quisesse*, de que via então com toda a nitidez, pois o primeiro fulgor do candelabro sobre aquela tela dissipara o espanto e o devaneio de que os meus

sentidos estavam possuídos, e chamara-me num instante à vida real.

O retrato, como já disse, era o de uma rapariga. Era simplesmente uma cabeça, com as espáduas, tudo naquele estilo que se chama, em linguagem técnica, estilo *de vinheta*, bastante à maneira de Sully nas suas cabeças prediletas. Os braços, o seio e até a extremidade dos cabelos radiosos fundiam-se impercetivelmente na sombra vaga, mas profunda, que dava contraste ao conjunto. O caixilho era oval, magnificamente dourado e lavrado em metal, ao gosto mourisco. Como obra de arte, não se podia encontrar nada mais digno de admiração do que a própria pintura. Mas é possível que não fosse nem a execução da obra nem a imortal beleza da fisionomia o que tão de súbito e tão fortemente me impressionou. Ainda menos devo acreditar que a minha imaginação, saída de uma meia sonolência, tivesse tomado a cabeça pela de uma pessoa viva. Antes de mais compreendi que os pormenores do desenho, o estilo de vinheta e o aspeto da moldura teriam imediatamente dissipado tal sortilégio e me preservariam de qualquer ilusão por momentânea que fosse. Enquanto fazia e aprofundava estas reflexões, conservei-me meio estendido, meio sentado, uma hora inteira talvez, com os olhos pregados naquele retrato. Por fim, depois de ter descoberto o verdadeiro segredo do efeito que ele produzia, deixei-me cair de novo no leito. Adivinhara que o *encanto* da pintura residia numa expressão vital absolutamente adequada à própria vida, que a princípio me fizera estremecer e, finalmente, me deixara confuso, subjugado, amedrontado. Com profundo e respeitoso terror, tornei a pôr o candelabro na sua posição primitiva. Depois de ter assim furtado

aos meus olhos a causa de tão grande perturbação, procurei vivamente o livro que continha a análise dos quadros e a sua história. Indo direito ao número que designava o retrato oval, li o vago e singular relato que se segue:

«Era uma rapariga de raríssima beleza e não menos gentil que alegre. Maldita foi a hora em que ela viu, amou e desposou o pintor. Este, apaixonado, estudioso, austero, já tinha encontrado esposa na sua Arte; ela, rapariga de rara beleza e não menos gentil que alegre, toda luz e sorrisos, com o feitio folgazão de uma jovem corça, amando com ternura todas as coisas e odiando apenas a Arte que era sua rival, só temia a paleta e os pincéis, e os outros instrumentos que a privavam da presença do seu bem-amado. Terrível coisa foi para a dama ouvir o pintor exteriorizar o desejo de pintar também a sua jovem esposa. Mas ela, humilde e obediente, posou durante longas semanas, na sombria e alta câmara da torre, onde a luz se filtrava unicamente pelo teto e incidia sobre a desmaiada tela. Ele, porém, o pintor, punha toda a sua glória naquela obra, que progredia de hora para hora. — Era um homem apaixonado, estranho, meditabundo, perdido em devaneios; de tal maneira que não *queria* ver como a luz que tão lugubremente caía naquela torre isolada ressequia a saúde e o espírito de sua mulher, que definhava visivelmente para toda a gente menos para ele. E ela sorria sempre, sempre, sem se queixar, pois via que o pintor (de tão grande renome) sentia vivo e ardente prazer na sua tarefa, e trabalhava noite e dia para pintar aquela que tão ternamente amava — mas que enlanguescia, cada vez mais, de dia para dia. E, na verdade, aqueles que contemplavam o retrato falavam em voz baixa da semelhança, como de extrema maravilha, como de uma

prova do talento do pintor, não menor que o seu amor profundo por aquela que ele tão miraculosamente pintava.

Um dia, contudo, quando a tarefa estava no fim, ninguém mais foi admitido na torre; o pintor enlouquecera com o ardor que punha no seu trabalho e raramente desviava o olhar da tela, mesmo para contemplar o rosto da mulher. Ele não *queria* ver que as cores que espalhava na tela eram *tiradas* das faces daquela que estava junto de si. E quando muitas semanas já se tinham passado e muito pouco restava para fazer, nada mais que um retoque na boca e uns laivos nos olhos, o espírito da retratada ainda palpitou como a chama viva de uma lâmpada. Foi então feito o retoque e postos os laivos; e, por momentos, o pintor quedou-se em êxtase diante do trabalho concluído; mas, um minuto depois, ainda a contemplá-lo, ele estremeceu e, tomado de assombro, gritou com voz estrepitosa: «Mas é a própria *Vida!*» E então, bruscamente, voltou-se para contemplar a sua bem-amada: — Estava morta!

O Mistério de Marie Roget

Título original: *The Mystery of Marie Roget*

Publicado em 1842

Poucas pessoas haverá, mesmo entre os mais calmos pensadores, que não tenham sido alguma vez invadidas por uma vaga mas marcante semicrença no sobrenatural, em face de certas *coincidências* de um caráter aparentemente tão maravilhoso que o espírito se sente incapaz de admiti-las como puras coincidências. Tais sentimentos (pois as semicrenças de que falo nunca têm a perfeita energia do *pensamento*), tais sentimentos, repete-se, só muito dificilmente podem ser reprimidos, a menos que se recorra à ciência da sorte ou, segundo a denominação técnica, ao cálculo das probabilidades. Ora, este cálculo é, na sua essência, apenas matemático, e temos assim a anomalia de a ciência mais rigorosamente exata aplicada à sombra e à espiritualidade do que há de mais impalpável no mundo da especulação.

Os extraordinários pormenores que me convidaram a publicar constituem, como se verá, quanto à sucessão das épocas, o primeiro ramo de uma série de *coincidências* quase inimagináveis de que todos os leitores encontrarão o ramo secundário ou final no assassinio recente de Mary Cecilia Rogers, em Nova Iorque.

Quando, num artigo intitulado *Os Crimes da Rua Morgue*, me apliquei, há cerca de um ano, a descrever alguns dos traços mais salientes do caráter espiritual do meu amigo C. Auguste Dupin, não

me ocorreu a ideia de que teria algumas vezes de voltar ao mesmo assunto. Apenas tinha o objetivo de descrever esse caráter, o que era perfeitamente conseguido através da estranha série de circunstâncias feitas para trazer à luz a idiossincrasia de Dupin. Teria podido acrescentar outros exemplos, mas com isso não teria provado qualquer coisa mais. Todavia, acontecimentos recentes, na sua surpreendente evolução, despertaram bruscamente na minha memória alguns outros pormenores, que guardarão assim, presumo, um certo ar de confissão arrancada. Depois de saber tudo o que só muito recentemente me foi contado, seria verdadeiramente estranho que guardasse silêncio sobre o que ouvi e vi há já muito tempo.

Após a conclusão da tragédia ligada à morte da senhora L'Esplanade e da sua filha, o cavaleiro Dupin expulsou o caso do seu espírito e recaiu nos velhos hábitos de sombrio devaneio. Muito inclinado, desde sempre, para a abstração, o seu caráter não tardou em impeli-lo uma vez mais nesse sentido, e, continuando a ocupar o nosso apartamento no bairro Saint-Germain, abandonámos aos ventos toda e qualquer preocupação quanto ao futuro, e embalámo-nos tranquilamente no presente, bordando com os nossos sonhos a trama fastidiosa do mundo circundante.

Estes sonhos, contudo, não decorreram sem interrupções. Adivinha-se facilmente que o papel desempenhado pelo meu amigo no drama da Rua Morgue deixou uma certa impressão no espírito da Polícia parisiense. Entre os seus agentes, o nome de Dupin tinha-se tornado uma palavra familiar. Nunca tendo sido explicado ao prefeito, nem a qualquer outro indivíduo, com exceção de mim próprio, o caráter simples das induções através das quais

desvendara o mistério, não é de estranhar que o caso tenha sido considerado quase milagre, ou que as faculdades analíticas de Dupin lhe tenham valido a aura maravilhosa da intuição. A sua franqueza tê-lo-ia sem dúvida levado a desenganar todos os que persistissem em tal erro, mas a indolência foi o motivo por que um assunto que para ele deixara havia muito de ter interesse não fosse novamente agitado. Aconteceu assim que Dupin se tornou o foco para o qual se voltavam os olhos da Polícia, e em mais de uma ocasião a Prefeitura envidou esforços no sentido de conseguir o concurso dos seus talentos. Um desses casos mais notáveis foi o do assassinio de uma jovem chamada Marie Roget.

Este acontecimento ocorreu cerca de dois anos depois do horror da Rua Morgue. Marie, cujos nomes de batismo e de família atrairão sem dúvida a atenção pela semelhança que apresentam com os de uma jovem e infortunada vendedora de charutos, era a única filha da viúva Estelle Roget. O pai morrera durante a infância da jovem e, desde essa data até dezoito meses antes do assassinio que constitui o tema do nosso relato, mãe e filha sempre tinham vivido juntas na Rua Pavée-Saint-André, onde a senhora Roget governava uma pensão burguesa, com a ajuda de Marie. E as coisas correram assim até que a jovem fez 22 anos, quando a sua grande beleza atraiu as atenções de um negociante de perfumes que ocupava uma das lojas do rés do chão do Palais Royal, e cuja clientela era principalmente constituída pelos aventureiros que infestam as vizinhanças. O senhor Le Blanc apercebeu-se imediatamente das vantagens que poderia tirar da presença da bela Marie no seu estabelecimento de perfumaria, e as suas

propostas foram vivamente aceites pela jovem, ainda que tenham despertado na senhora Roget qualquer coisa mais do que hesitação.

As esperanças do negociante realizaram-se, e os encantos da bela caixeira não tardaram em pôr em voga os seus salões. Ocupava o lugar havia cerca de um ano quando os seus admiradores foram lançados na desolação pela sua brusca desapareição da loja. O senhor Le Blanc confessou-se incapaz de dar contas desta ausência, e a senhora Roget ficou louca de inquietação e terror. Os jornais apoderaram-se imediatamente do assunto e a Polícia preparava-se para levar a cabo uma investigação a fundo quando, uma bela manhã, uma semana mais tarde, Marie, de perfeita saúde, mas com um ar ligeiramente entristecido, reapareceu, como de costume, atrás do balcão da perfumaria. Todas as investigações, exceto as que se revestiam de um carácter privado, foram imediatamente interrompidas. O senhor Le Blanc continuava, como anteriormente, a nada saber. Marie e a mãe respondiam, a quem as interrogava, que tinham passado a última semana em casa de um parente, no campo. O caso caiu assim num esquecimento geral, pois a jovem, com o objetivo de subtrair-se à impertinência da curiosidade, abandonou de vez a perfumaria e foi refugiar-se em casa da mãe, na Rua Pavée-Saint-André.

Havia cerca de seis meses que regressara a casa, quando os seus amigos foram alarmados por uma súbita e nova desapareição. Passaram-se três dias sem que se ouvisse falar a respeito da jovem. Ao quarto dia, o seu corpo foi descoberto flutuando no Sena, perto da margem que faz face ao bairro da Rua Saint-André, num local não muito distante dos arredores pouco frequentados da barreira do Roule.

A atrocidade do crime (pois foi imediatamente evidente que de crime se tratava), a juventude e a beleza da vítima, e, ainda por cima, a sua notoriedade anterior — tudo contribuía para suscitar uma intensa excitação nos espíritos dos sensíveis parisienses. Não me recordo de um caso semelhante que tenha causado um efeito tão vivo e tão geral. Durante algumas semanas, até as graves questões políticas da altura foram substituídas nas discussões por este único e absorvente tema; e todas as forças da Polícia parisiense foram lançadas na investigação na máxima força.

Quando o cadáver foi descoberto, ninguém supôs que o assassino pudesse escapar por muito tempo às pesquisas imediatamente ordenadas. Só ao cabo de uma semana se julgou necessário oferecer uma recompensa, e até essa recompensa se limitou, na altura, à soma de mil francos. Todavia, a investigação continuava com vigor, embora sem discernimento, e numerosos indivíduos foram interrogados, mas sem resultado. Entretanto, a ausência total de fio condutor neste mistério mais não fazia do que aumentar a excitação popular. Ao fim do décimo dia, considerou-se oportuno duplicar a soma inicialmente proposta, e pouco a pouco, tendo decorrido a segunda semana sem que se chegasse a qualquer conclusão, e porque a má opinião que Paris sempre formou a respeito da Polícia se houvesse manifestado em vários motins de alguma gravidade, o prefeito resolveu oferecer a soma de vinte mil francos «pela denúncia do assassino», ou, se várias pessoas estivessem implicadas no caso, «pela denúncia dos assassinos». Na proclamação que anunciava esta recompensa, era prometida plena amnistia a todo o implicado que depusesse espontaneamente contra o seu cúmplice, e à declaração oficial,

onde quer que fosse afixada, juntava-se um cartaz privado, emanado de uma comissão de cidadãos, que oferecia dez mil francos, além da soma proposta pela Prefeitura. A recompensa inteira ascendia assim a trinta mil francos, o que pode ser considerado uma soma extraordinária, tendo em conta a humilde condição da pequena e a frequência com que, nas grandes cidades, se registam atrocidades no género.

A partir de então já ninguém duvidou de que o mistério seria rapidamente descoberto. Mas ainda que, num ou dois casos, tenham sido efetuadas prisões que aparentemente poderiam permitir um esclarecimento, nada se descobriu que incriminasse as pessoas suspeitas, as quais foram imediatamente postas em liberdade. Por estranho que isso possa parecer, três semanas tinham já passado sobre a descoberta do cadáver, três semanas decorridas sem que fosse lançada a mais débil réstia de luz sobre o assunto, e nem o mais fraco rumor a respeito dos acontecimentos que tão violentamente agitavam a opinião pública tinha ainda chegado aos nossos ouvidos. Dupin e eu, dedicados a pesquisas que absorviam toda a nossa atenção havia mais de um mês, não puséramos, nem um nem o outro, o pé na rua, não recebêramos qualquer visita e mal tínhamos lançado um olhar aos principais artigos políticos de um dos jornais quotidianos. A primeira notícia sobre o crime foi-nos levada por G... em pessoa. Foi procurar-nos a 13 de julho de 18..., ao começo da tarde, e ficou connosco até bastante tarde. Estava vivamente mortificado pelo insucesso dos seus esforços para descobrir os assassinos. A sua reputação, dizia, com um ar essencialmente parisiense, estava em jogo, a sua própria honra comprometia-se no caso. Os olhos do público, de

resto, estavam cravados nele, e não havia verdadeiramente sacrifício que não estivesse disposto a fazer para conseguir o esclarecimento do mistério. Terminou o seu discurso, razoavelmente divertido, com um cumprimento relativo àquilo a que quis chamar o *facto* de Dupin, e fez-lhe uma proposta direta, certamente muito generosa, mas cujo valor não me assiste o direito de revelar aqui, além do que não tem qualquer relação com o objeto do meu relato.

O meu amigo rejeitou o cumprimento o melhor que pôde, mas aceitou imediatamente a oferta, ainda que as suas vantagens fossem absolutamente condicionais. Estabelecido este ponto, o prefeito lançou-se imediatamente numa explicação das suas próprias ideias, intercalando-lhe longos comentários sobre os depoimentos, os quais não possuíamos. Discorria longamente e até, sem dúvida, doutamente, quando eu arrisquei uma observação sobre a noite que avançava, convidando ao sono. Dupin, firmemente sentado no seu cadeirão habitual, era a encarnação da respeitosa atenção. Conservara os óculos durante toda a entrevista e, lançando de vez em quando um olhar ao seu rosto protegido pelas lentes verdes, tinha-me convencido de que, embora silencioso, o seu sono não fora menos profundo durante as sete ou oito últimas e pesadas horas que precederam a partida do prefeito.

Na manhã seguinte, obtive, na Prefeitura, um relatório completo de todos os depoimentos obtidos até então, e, nas redações de diversos jornais, um exemplar de cada um dos números em que, desde o primeiro ao último momento, aparecera qualquer documento com interesse relativo ao triste caso.

Desembaraçada do que podia positivamente considerar-se falsidade, esta massa de informações reduzia-se ao seguinte:

Marie Roget saíra de casa da mãe, na Rua Pavée-Saint-André, no domingo 22 de junho de 18..., por volta das nove da manhã. Ao sair dera parte ao senhor Jacques Saint-Eustache, e só a ele, da sua intenção de passar o dia em casa de uma tia, que vivia na Rua Drômes. A Rua Drômes é uma passagem curta e estreita, mas muito populosa, não muito longe da margem do rio, e situada a uma distância de duas milhas, em linha reta, da pensão da senhora Roget. Saint-Eustache era o pretendente confessado de Marie, e vivia na pensão, onde tomava igualmente as suas refeições. Deveria ir buscar a noiva ao fim da tarde para acompanhá-la a casa. Mas, da parte da tarde, começara a chover copiosamente e, supondo que a jovem passaria a noite em casa da tia (como já fizera em circunstâncias semelhantes), Saint-Eustache não julgara necessário manter a sua promessa. Já noite cerrada, a senhora Roget (que era velha e doente), expressara o receio de «não voltar a ver Marie», mas na altura ninguém tinha dado muita atenção a estas palavras.

Na segunda-feira, verificou-se que a jovem não fora a casa da tia, e quando o dia passou sem que dela houvesse notícias, organizou-se então uma tardia busca em diversos pontos da cidade e dos arredores. Todavia, só no quarto dia sobre a desapareição se soube qualquer coisa de importante a seu respeito. Nesse dia (quarta-feira, 25 de junho), um tal senhor Beauvais, que com um amigo procurava vestígios de Marie perto da barreira do Roule, na margem do Sena oposta à Rua Pavée-Saint-André, foi informado de que um corpo acabava de ser trazido para terra por uns pescadores,

os quais o haviam encontrado a flutuar no rio. Ao ver o corpo, Beauvais declarou, após alguma hesitação, tratar-se do da jovem da perfumaria. O amigo reconheceu-o mais prontamente.

O rosto estava coberto de sangue negro, em parte jorrado da boca. Não havia espuma, como acontece nos casos de pessoas simplesmente afogadas, nem descoloração no tecido celular. O pescoço apresentava contusões e marcas de dedos. Os braços, rígidos, estavam dobrados sobre o peito. A mão direita crispada, a esquerda meio aberta. O pulso esquerdo apresentava duas escoriações circulares, aparentemente causadas por cordas, ou por uma corda a que tivesse sido dada mais de uma volta. Uma parte do pulso direito estava também muito arranhado, assim como as costas, em toda a sua extensão, mas particularmente nas omoplatas. Para levar o corpo para a margem, os pescadores tinham-no amarrado com uma corda, mas não fora essa a causa das escoriações em questão. A carne do pescoço estava muito inchada. Não havia golpes aparentes, nem marcas que parecessem resultado de pancadas. Descobriu-se um pedaço de fio de tal modo apertado em torno do pescoço que se tornava difícil distingui-lo: estava completamente cravado na carne, e preso com um nó debaixo da orelha esquerda. Só isso teria bastado para causar a morte. O relatório dos médicos garantia firmemente a virtude da defunta. Tinha sido vencida, diziam, pela força bruta. O cadáver de Marie, ao ser encontrado, apresentava-se em condições tais que não podia deixar de haver, da parte dos seus amigos, certa dificuldade em reconhecê-la.

O vestuário apresentava-se rasgado e em grande desordem. Da roupa exterior fora rasgada, de baixo para cima, uma tira com

cerca de trinta centímetros de largura, da orla da saia até à cintura. Esta tira, que não chegara a ser arrancada, fora enrolada três vezes em torno da cintura e presa nas costas por um nó muito sólido. A peça de roupa imediatamente por baixo do vestido era de musselina fina; desta peça fora arrancada, mas muito regularmente e com grande nitidez, uma tira com a largura de quarenta centímetros, que foi encontrada em torno do pescoço, mas colocada de modo a ficar muito larga, presa por um nó apertado. Por cima desta tira de musselina e do pedaço de fio, estavam amarradas as tiras de um chapéu. O nó que prendia estas tiras não era como os que geralmente fazem as mulheres, mas um nó corrediço, à maneira dos marinheiros.

Depois de identificado, o corpo não foi, como é habitual, transportado para a morgue (tendo-se esta formalidade tornado supérflua), mas enterrado à pressa não muito longe do ponto da margem onde fora encontrado. Graças aos esforços de Beauvais, o caso foi cuidadosamente abafado, tanto quanto foi possível; e assim se passaram alguns dias antes que dele resultasse qualquer emoção pública. Finalmente, no entanto, um hebdomadário pegou no assunto; o cadáver foi exumado e ordenou-se novo inquérito, do qual nada resultou que não tivesse já sido observado. Todavia, as roupas foram então apresentadas à mãe e aos amigos da defunta, que as reconheceram perfeitamente como sendo as que a jovem vestia ao sair de casa.

Entretanto, a excitação pública crescia de hora para hora. Vários indivíduos foram presos e novamente postos em liberdade. Saint-Eustache, em particular, pareceu suspeito, e não soube a princípio esclarecer com lucidez os passos que dera no domingo em

cuja manhã Marie saíra de casa. Mais tarde, no entanto, apresentou ao senhor G... as provas que explicavam de uma maneira satisfatória o uso que fizera de cada hora do dia em questão. Como o tempo passava sem levar a qualquer descoberta, mil rumores contraditórios foram postos em circulação, e os jornalistas puderam dar rédea às suas *inspirações*. De entre todas estas hipóteses, uma atraiu particularmente as atenções: a que admitia que Marie Roget estava viva e que o cadáver encontrado no Sena era o de qualquer outra infeliz. Parece-me útil submeter ao leitor algumas das passagens relativas a esta insinuação. Estas passagens são tiradas textualmente do *L'Étoile*, jornal geralmente dirigido com grande habilidade.

A menina Roget saiu de casa de sua mãe na manhã de domingo, 22 de junho, com a intenção expressa de ir visitar uma tia, ou qualquer outra parente, residente na Rua Drômes. A partir desse instante, não é possível encontrar alguém que a tenha visto. Dela não há o mais pequeno rasto, a mais pequena notícia...

Ninguém se apresentou declarando tê-la visto nesse dia, depois de ela ter atravessado o umbral da casa materna...

Ora, se não temos qualquer prova indicando que Marie Roget era ainda deste mundo a partir das nove horas da manhã de domingo 22 de junho, temos, contudo, a certeza de que até esse momento estava viva. Quarta-feira, ao meio-dia, foi descoberto um corpo de mulher flutuando no rio, perto da barreira do Roule. Mesmo

supondo que Marie Roget tenha sido lançada à água três horas após o instante em que saiu de casa da mãe, isto dar-nos-ia três dias decorridos sobre o momento da sua partida — três dias exatos. Mas é absurdo imaginar que o crime, se Marie foi vítima de um crime, possa ter sido consumado com suficiente rapidez para permitir aos assassinos lançar o corpo ao rio antes do meio da noite. Os que perpetram crimes tão horríveis preferem as trevas à luz do dia...

Assim, vemos que, se o corpo encontrado no rio fosse o de Marie Roget, não poderia ter estado na água mais de dois dias e meio, no máximo três dias. A experiência mostra que os corpos afogados, ou lançados à água imediatamente após uma morte violenta, necessitam de um período que vai de seis a dez dias para que uma decomposição suficiente os faça voltar à superfície. Um cadáver sobre o qual se dispara um tiro de canhão, e que se eleva antes que a imersão tenha durado pelo menos cinco ou seis dias, volta a mergulhar se abandonado a si mesmo. Perguntamos agora: que terá podido, no caso presente, alterar o curso habitual da natureza?...

Se o corpo, em estado de decomposição, tivesse sido conservado na margem até à noite de terça-feira, encontrar-se-iam nessa mesma margem alguns vestígios dos assassinos. É também muito duvidoso que o corpo tenha podido voltar tão depressa à superfície, mesmo admitindo que tenha sido lançado à água dois dias após a sua morte. Por fim, é excessivamente improvável que os

malfeitores, depois de terem cometido um crime tal como o que se lhes atribui, lançassem o corpo à água sem um peso para o lastrar, quando seria tão fácil tomar essa precaução.

O redator do jornal esforça-se em seguida por demonstrar que o corpo deve ter ficado na água *não apenas três dias, mas pelo menos cinco vezes três dias*, uma vez que estava de tal modo decomposto que Beauvais teve dificuldade em reconhecê-lo. Este último ponto, todavia, era completamente falso. Continuo a citação:

Quais são pois os factos em que o senhor Beauvais se apoia para dizer que não duvida de que o corpo seja o de Marie Roget? Rasgou a manga do vestido e encontrou, segundo diz, marcas que provam a identidade. O público supôs de um modo geral que tais marcas deviam consistir numa espécie de cicatriz. O senhor Beauvais passou a mão pelo braço, e encontrou *pelos* — facto que nos parece menos estranho que se possa imaginar, e que é tão pouco concludente como encontrar um braço dentro de uma manga. O senhor Beauvais não voltou a casa nessa noite, mas mandou recado à senhora Roget, às sete da tarde de quarta-feira, para lhe dizer que o inquérito respeitante à filha seguia o seu curso. Mesmo admitindo que a senhora Roget, devido à idade e à dor, estava incapaz de dirigir-se ao local (o que, na verdade, é conceder demasiado) alguém teria decerto considerado útil ir até lá e seguir a investigação, se na verdade se pensasse tratar-se

realmente do corpo de Marie. Mas ninguém foi. Nada se disse nem nada se ouviu dizer a respeito do assunto na Rua Pavée-Saint-André, que tivesse chegado aos ouvidos dos locatários da casa. O senhor Saint-Eustache, o apaixonado e o futuro marido de Marie, alojado em casa da mãe da jovem, afirma só ter ouvido falar da descoberta do corpo da sua noiva na manhã seguinte, quando o próprio senhor Beauvais entrou no seu quarto para lho comunicar. Que uma notícia tão importante como esta tenha sido recebida tão tranquilamente, é coisa que nos assombra.

O jornal esforça-se assim por sugerir uma certa apatia entre os parentes e amigos de Marie, apatia que seria absurda supondo que esses mesmos parentes e amigos julgassem verdadeiramente que o corpo encontrado era o da jovem. O *L'Étoile* procura, em suma, insinuar que Marie, com a conivência dos amigos, se ausentou da cidade por razões relacionadas com a sua virtude, e que esses mesmos amigos, tendo encontrado no Sena um corpo semelhante ao da jovem, haviam aproveitado a ocasião para espalhar a notícia da sua morte. Mas o *L'Étoile* precipitou-se. Provou-se claramente que a alegada apatia de modo algum correspondia à verdade. A velha senhora estava excessivamente fraca, e tão agitada, que lhe seria impossível ocupar-se fosse do que fosse; Saint-Eustache, longe de receber a notícia com frieza, ficou louco de dor e deu tais mostras de desespero que o senhor Beauvais julgou aconselhável encarregar um dos seus amigos e parentes de vigiá-lo e impedi-lo de assistir ao exame que se

seguiria à exumação. Além disso, ainda que o *L'Étoile* afirme que o corpo foi reenterrado a expensas do Estado, que uma vantajosa oferta de sepultura particular foi absolutamente recusada pela família, e que nenhum membro da família assistiu à cerimónia; ainda que o *L'Étoile*, dizia eu, afirme tudo isso, a fim de corroborar a impressão que deseja causar, *todas* estas afirmações foram vitoriosamente refutadas. Num dos números seguintes do mesmo jornal, faz-se um esforço para lançar as suspeitas sobre o próprio Beauvais. O redator diz o seguinte:

Acaba de verificar-se uma alteração no caso. Contam-nos que em certa ocasião, quando uma tal senhora *B.* estava em casa da senhora Roget, o senhor Beauvais, que saía, disse-lhe que havia de aparecer ali um polícia, recomendando-lhe que nada lhe dissesse até que ele estivesse de volta, e que lhe deixasse o encargo de resolver o assunto...

Na presente situação, parece que o senhor Beauvais tem todo o segredo do assunto fechado na cabeça. É impossível avançar um passo sem o senhor Beauvais. Para onde quer que nos voltemos, é ele que se nos depara...

Por uma razão qualquer, decidiu que ninguém, exceto ele, poderia ocupar-se do inquérito e, a dar crédito às recriminações dos parentes, pô-los de parte de um modo bastante estranho. Pareceu muito obstinado com a ideia de impedir os parentes de ver o cadáver.

O facto que se segue terá emprestado alguma verosimilhança às suspeitas lançadas sobre Beauvais. Alguém que o fora visitar no seu escritório, alguns dias antes do desaparecimento da jovem e durante uma ausência do mesmo Beauvais, observara uma rosa espetada no orifício da fechadura e a palavra *Marie* escrita numa ardósia colocada ao alcance da mão.

A impressão geral, pelo menos tanto quanto nos foi possível deduzir dos jornais, era a de que Marie fora vítima de um bando de miseráveis furiosos, que a transportara para a margem, tendo-a aí maltratado e assassinado. No entanto, um jornal de vasta projecção, o *Commercial*, combatia vivamente esta ideia popular. Extraio uma ou duas passagens das suas colunas:

Estamos convencidos de que a investigação seguiu até agora uma falsa pista, pelo menos na medida em que foi dirigida para a barreira do Roule. É impossível que uma jovem, conhecida, como era o caso de Marie, de vários milhares de pessoas, tenha podido percorrer um extenso trajeto sem encontrar alguém a quem o seu rosto fosse familiar. E quem a tivesse visto ter-se-ia recordado, pois Marie inspirava simpatia a todos os que a conheciam. Saiu de casa numa altura em que as ruas estão sempre cheias de gente...

É impossível que tenha chegado até à barreira do Roule ou até à Rua Drômes sem ter sido reconhecida por uma dúzia de pessoas. Nenhum depoimento afirma, todavia, que alguém a tenha visto senão à porta de casa da mãe, e não há sequer provas de que tenha realmente

chegado a sair, excetuando o testemunho referente à *intenção manifestada por ela*. Um pedaço do seu vestido foi rasgado, apertado em torno do corpo e preso com um nó: o corpo pode ter sido assim transportado, como um fardo. Se o crime tivesse sido cometido na barreira do Roule, não teria sido necessário tomar tais disposições. O facto de o corpo ter sido encontrado a flutuar perto da barreira não constitui prova quanto ao local onde foi lançado à água...

Um pedaço de uma das saias da infeliz jovem, com sessenta centímetros de comprimento e trinta de largura, tinha sido arrancado, amarrado em torno do pescoço e preso atrás com um nó, provavelmente para a impedir de gritar. Isto foi feito por indivíduos que nem sequer tinham um lenço de bolso.

Um ou dois dias antes de o prefeito nos visitar, a Polícia obtivera uma informação bastante importante que parecia destruir a argumentação do *Commercial*, pelo menos na sua parte principal. Dois garotos, filhos de um tal senhor Deluc, vagabundeando pelos bosques, perto da barreira do Roule, tinham-se embrenhado por acaso num denso grupo de moitas, onde se encontravam três ou quatro grandes pedras formando uma espécie de cadeira, com costas e assento. Sobre a pedra superior jazia uma saia branca; na segunda havia um xale de seda. Foi ainda encontrada uma sombrinha, luvas e um lenço de bolso. O lenço ostentava o nome «Marie Roget». Nos espinhos das moitas circundantes encontraram-se pedaços de roupas. O solo estava espezinhado, havia ramos

quebrados; verificavam-se todos os sinais de uma luta. Entre as moitas e o rio, verificou-se que os arbustos tinham sido partidos e que a terra conservava o rastro de um pesado fardo que fora arrastado.

Um hebdomadário, *Le Soleil*, fazia sobre estas descobertas os seguintes comentários, que não passavam do eco dos sentimentos de toda a imprensa parisiense:

Os objetos estiveram no local, segundo toda a evidência, durante pelo menos três ou quatro semanas; estavam completamente estragados pela ação da chuva, e colados uns aos outros pela humidade. Em redor, a erva havia crescido, chegando até a cobri-los parcialmente. A seda da sombrinha era sólida, mas as varetas estavam fechadas, e a parte superior, onde o tecido era reforçado, roída e apodrecida pela humidade, rasgou-se logo que foi aberta (...) Os fragmentos de tecido presos aos arbustos tinham cerca de oito centímetros de largura por dezasseis de comprimento. Um deles era um pedaço da bainha do vestido, que tinha sido remendada, outro um pedaço da saia, mas não da bainha. Davam a impressão de tiras arrancadas e estavam suspensas de moitas espinhosas, a cerca de trinta centímetros do solo (...) Não é pois impossível duvidar de que foi finalmente descoberto o teatro do abominável crime.

Imediatamente após esta descoberta, apareceu um novo testemunho. A senhora Deluc contou que tinha um albergue à beira

da estrada, não longe da margem do rio oposta à barreira do Roule. Os arredores são solitários... muito solitários. É ali, ao domingo, o ponto de encontro habitual dos elementos suspeitos da cidade, que atravessam o rio em canoa. Por volta das três horas, na tarde do domingo em questão, uma jovem havia chegado ao albergue, acompanhada por um homem moreno. Tinham lá ficado ambos durante algum tempo. Depois de saírem, dirigiram-se aos densos bosques das imediações. A atenção da senhora Deluc fora despertada pela indumentária da jovem, devido à sua semelhança com a de uma das suas parentes já falecida, principalmente o xale. Logo após a partida do casal, apareceu um bando de *desavergonhados*, que fizeram uma balbúrdia indescritível, comeram, beberam e saíram sem pagar, seguindo o mesmo caminho que o homem e a jovem, e regressaram ao albergue ao fim da tarde, passando o rio a toda a pressa.

Foi pouco depois do cair da noite, nesse mesmo dia, que a senhora Deluc, assim como o filho mais velho, ouviu gritos de mulher nas proximidades do albergue. Os gritos foram violentos, mas não duraram muito tempo. A senhora Deluc reconheceu não só o xale encontrado entre as moitas, mas também o vestido que cobria o cadáver. Um condutor de ônibus, Valence, declarou então igualmente que tinha visto Marie Roget atravessar o rio, na companhia de um homem novo e moreno. Ele, Valence, conhecia Marie e não podia, portanto, ter-se enganado quanto à sua identidade. Os objetos encontrados no bosque foram reconhecidos pela família de Marie.

Esta amálgama de depoimentos e de informações que assim recolhi nos jornais, a pedido de Dupin, compreendia ainda um

ponto, mas um ponto de capital importância. Parece que, imediatamente após a descoberta dos objetos acima citados, foi encontrado, na vizinhança do local onde se julgava então ter sido cometido o crime, o corpo inanimado ou quase inanimado de Saint-Eustache, o noivo de Marie. Junto dele havia um frasco vazio, ostentando uma etiqueta onde se lia: «Láudano.» O seu hálito cheirava a veneno. Morreu sem pronunciar uma palavra. Num dos seus bolsos foi encontrada uma carta falando do seu amor por Marie e da sua intenção de suicidar-se.

— Creio não ter necessidade de dizer-lhe — afirmou Dupin, ao acabar de ler as minhas notas — que estamos em presença de um caso muito mais complicado do que o da Rua Morgue, do qual difere num ponto muito importante. É um exemplo de crime cruel, mas *vulgar*. Nele nada encontramos de particularmente *estranho*. Observe, peço-lhe, que foi exatamente por essa razão que o mistério pareceu simples, ainda que seja justamente a mesma razão que deveria tê-lo feito considerar como mais difícil de resolver. Por isso se julgou ao princípio supérfluo oferecer uma recompensa. Os homens de G... eram suficientemente fortes para compreender como e porquê uma tal atrocidade podia ser cometida. Não lhes era difícil imaginar um modo... vários modos... e um motivo... vários motivos. E como não era impossível que um desses numerosos modos e motivos fosse o único real, consideraram como demonstrado que o real devia ser um deles. Mas a facilidade com que conceberam estas diversas ideias, e até o carácter plausível de que cada uma delas se revestia, deveriam ter sido tomados como indícios da dificuldade e não da facilidade para a explicação do enigma. Já lhe fiz notar que é só através do que

sobressai do plano ordinário das coisas que a razão deve encontrar a via na sua procura da verdade, e que, em casos como este, o importante não é perguntar: *Quais são os factos que se apresentam?* mas sim: *Quais são os factos que se apresentam e que nunca se apresentaram antes?* Nas investigações efetuadas em casa da senhora L'Españaye, os agentes de G... foram desencorajados por essa mesma *estranheza* que teria sido, para uma inteligência bem formada, o mais seguro presságio de êxito; e essa mesma inteligência seria mergulhada no desespero pelo caráter vulgar de todos os factos que se oferecem a exame no caso da jovem perfumista, que por enquanto nada revelaram de positivo, a não ser a presunção dos funcionários da Prefeitura.

«No caso da senhora L'Españaye e da filha, não tivemos, logo a partir do começo da nossa investigação, a mais pequena dúvida de que fora cometido um crime. A ideia de suicídio estava imediatamente excluída. No caso presente, podemos igualmente excluir qualquer ideia de suicídio. O corpo encontrado na barreira do Roule foi pescado em circunstâncias tais que não nos permitem qualquer hesitação sobre este importante ponto. Mas insinuou-se que o corpo encontrado não é o de Marie Roget, cujo assassino ou assassinos não foram ainda encontrados. Ora, é oferecida uma recompensa pela descoberta desses assassinos e são eles o único objeto do nosso contrato com o prefeito. Tanto você como eu conhecemos esse cavalheiro. Não devemos fiar-nos demasiado nele. Ou seja, se, tomando o corpo encontrado como ponto de partida e seguindo a pista de um assassino, viermos a descobrir que esse corpo não é o de Marie, ou se, tomando como ponto de partida Marie ainda viva, acabarmos por encontrá-la não assassinada,

teremos trabalhado em vão, pois é com o senhor G... que temos de entender-nos. Logo, para nosso próprio bem e para o bem da justiça, é indispensável que o nosso primeiro passo seja a verificação de que o corpo encontrado é realmente o de Marie Roget.

«Os argumentos de *L'Étoile* encontraram crédito junto do público, e o próprio jornal está convencido da sua importância, como se deduz do modo como inicia um dos artigos sobre o assunto em questão: *Alguns dos jornais da manhã falam do concludente artigo de L'Étoile no seu número de segunda-feira*. A mim, o artigo só me parece concludente no que respeita ao zelo do redator. Não devemos esquecer que, regra geral, o objetivo dos nossos jornais é criar uma sensação, provocar excitação, mais do que servir a causa da verdade. Este último objetivo só é perseguido quando parece coincidir com o primeiro. Jornal que se ponha de acordo com a opinião vulgar, por bem fundada que seja essa opinião, não encontra crédito entre as massas. A generalidade do povo só considera *profundo* aquele que emite *contradições que briguem* com a opinião geral. Na lógica, como na literatura, é o *epigrama* o género mais imediatamente e mais universalmente aceite. Em ambos os casos, é o género mais baixo na escala do mérito.

«Quero dizer que foi o carácter mesclado de epigrama e de melodrama, dessa ideia sugerida por *L'Étoile*, de que Marie Roget continua viva, e que, mais do que um verdadeiro carácter plausível, lhe garantiu um acolhimento favorável entre o público. Examinemos os pontos principais da argumentação desse jornal e atentemos bem na incoerência de que ela se reveste logo de início.

«O jornalista visa, antes de mais nada, provar-nos, através da brevidade do período transcorrido entre a desapareição de Marie e a descoberta do corpo flutuante, que esse corpo não pode ser o de Marie. Reduzir esse intervalo à mais pequena dimensão possível torna-se imediatamente um ponto capital para o argumentador. Na prossecução deste objetivo, lança-se de cabeça na pura suposição. *É loucura* — diz ele — *supor que o crime, se crime houve, possa ter sido cometido com suficiente rapidez para permitir aos assassinos lançar o corpo ao rio antes da meia-noite.* Perguntamos imediatamente, e muito naturalmente, *porquê.* Por que motivo é loucura supor que o crime foi cometido *cinco minutos* depois de a jovem ter saído de casa da mãe? Por que motivo é loucura supor que o crime foi cometido a um momento qualquer do dia? Cometem-se assassínios a todas as horas. Mas, ainda que o crime tenha tido lugar a qualquer momento entre as nove da manhã de domingo e a meia-noite menos um quarto, haveria sempre tempo suficiente *para lançar o corpo ao rio antes da meia-noite.* Esta suposição reduz-se, pois, ao seguinte: o crime não foi cometido no domingo, e, se permitirmos a *L'Étoile* que suponha isto, então teremos de conceder-lhe todas as liberdades possíveis. Pode imaginar-se que o parágrafo começando por: *É loucura pensar que o crime, etc.,* ainda que impresso sob esta forma por *L'Étoile*, foi realmente concebido no cérebro do redator sob esta outra forma: *É loucura supor que o crime, se crime houve, possa ter sido cometido com suficiente rapidez para permitir aos assassinos lançar o corpo ao rio antes da meia-noite.* É uma loucura, dizemos nós, supor isto, e ao mesmo tempo supor (como nós quereríamos supor) que o corpo só tenha sido lançado à água passada a meia-noite. Opinião

relativamente mal deduzida, mas que mesmo assim não é tão irracional como a que foi impressa.

«Se eu tivesse simplesmente por objetivo — continuou Dupin — refutar esta passagem da argumentação do *L'Étoile*, poderia perfeitamente deixar as coisas como estão. Não é, porém, com *L'Étoile* que temos de entender-nos, mas com a verdade. A frase em questão, no caso atual, só tem um sentido e esse sentido estabeleci-o claramente. Mas é essencial que penetremos nas palavras para procurar uma ideia que essas palavras dão a entender, sem a exprimirem positivamente. O objetivo do jornalista era afirmar ser improvável, fosse qual fosse a hora do crime, no domingo, que os assassinos se tenham arriscado a levar o corpo para o rio antes da meia-noite. É precisamente aqui que reside a suposição de que me queixo. Supõe-se que o crime foi cometido num tal local e em tais circunstâncias que se tornou obrigatório *transportar* o corpo até ao rio. Ora, o assassinio pode perfeitamente ter sido cometido na margem do rio, ou no próprio rio. Assim, o lançamento do corpo à água, processo a que houve já quem recorresse a qualquer hora do dia ou da noite, ter-se-ia apresentado o modo de ação mais imediato, mais à mão. Compreenda que não estou a sugerir coisa alguma que me pareça mais provável ou que esteja mais de acordo com a minha própria opinião. Até este momento, não tenho em vista os *próprios elementos* da causa. Desejo apenas pô-lo em guarda contra o tom geral das *sugestões* de *L'Étoile* e chamar a sua atenção para o caráter de *ideia preconcebida* que se manifesta imediatamente.

«Tendo assim prescrevido um limite acomodado às suas ideias já feitas, tendo suposto que, se o corpo fosse o de Marie, só poderia

ter permanecido na água durante muito pouco tempo, o jornal diz o seguinte:

«A experiência mostra que os corpos de afogados, ou lançados à água imediatamente após uma morte violenta, necessitam de um período que vai de seis a dez dias para que uma decomposição suficiente os faça voltar à superfície. Um cadáver sobre o qual se dispara um tiro de canhão, e que se eleva antes que a imersão tenha durado menos de cinco ou seis dias, volta a mergulhar se abandonado a si mesmo.

«Estas asserções foram tacitamente aceites por todos os jornais de Paris, com exceção do *Moniteur*. Este último esforça-se por combater a parte do parágrafo que se refere exclusivamente aos *corpos de afogados*, citando cinco ou seis casos de corpos de pessoas notoriamente afogadas que foram encontrados a flutuar após um lapso de tempo inferior ao fixado pelo *L'Étoile*. Mas há qualquer coisa de demasiado antifilosófico nesta tentativa que o *Moniteur* faz para refutar a afirmação geral de *L'Étoile*, militando contra essa afirmação com a citação de casos particulares. Mesmo que fosse possível alegar cinquenta casos, em vez de cinco, de cadáveres encontrados à superfície das águas ao cabo de dois ou três dias, esses cinquenta exemplos poderiam legitimamente ser considerados puras exceções à regra de *L'Étoile*, até que a própria regra fosse refutada. Admitida esta regra — e o *Moniteur* não a nega, insiste apenas nas exceções — a argumentação de *L'Étoile* conserva toda a sua força, pois esta argumentação não pretende implicar mais do que uma questão de probabilidade relativamente a um corpo poder ou não elevar-se até à superfície em menos de três dias, e essa probabilidade será a favor de *L'Étoile* até que os

exemplos, tão puerilmente alegados, sejam em número suficiente para constituir uma regra contrária.

«O meu amigo compreendeu já que toda a argumentação deste género deve ser dirigida contra a própria regra e, com este objetivo, devemos fazer a análise racional dessa regra. Ora, o corpo humano não é, em geral, nem muito mais leve, nem muito mais pesado do que a água do Sena. Isto é: o peso específico do corpo humano, na sua condição natural, é aproximadamente igual ao volume de água doce que se desloca no rio. Os corpos dos indivíduos gordos e carnudos, com ossos pequenos, e geralmente os das mulheres, são mais leves do que os de indivíduos magros, de ossos grandes, geralmente os dos homens. E o peso específico da água de um rio é de algum modo influenciado pelo fluxo do mar. Mas, abstraindo-nos da maré, pode-se afirmar que poucos corpos humanos se submergirão, mesmo em água doce, *espontaneamente*, pela sua própria natureza. Quase todos, caindo num rio, poderão flutuar, se estabelecerem um equilíbrio conveniente entre o peso específico da água e o seu próprio peso, isto é: deixarem-se submergir completamente, à exceção do menor número de partes possível. A melhor posição para aquele que não sabe nadar é a vertical — tal como o homem que caminha em terra — com a cabeça completamente deitada para trás e submersa, deixando apenas a boca e as narinas acima do nível da água. Nessas condições poderemos todos flutuar sem dificuldades e sem esforço. É evidente, todavia, que o peso do corpo e do volume de água deslocado ficam então exatamente contrabalançados, e que um nada bastará para dar a preponderância a um ou ao outro. Um braço erguido acima da água, por exemplo, e conseqüentemente

sem o apoio líquido, é um peso adicional suficiente para fazer mergulhar toda a cabeça, ao passo que o socorro accidental de um pedaço de madeira nos permitirá erguê-la suficientemente para olhar em torno. Ora, nos esforços de uma pessoa que não tenha a prática da natação, os braços erguem-se invariavelmente para o ar, e há do mesmo modo a teimosia de conservar a cabeça na sua posição normal, a vertical. O resultado é a imersão da boca e das narinas e, em consequência dos esforços para respirar debaixo de água, a introdução de líquido nos pulmões. O estômago absorve também uma grande quantidade de água, e todo o corpo se torna mais pesado, devido à diferença de peso entre o ar que anteriormente distendia essas cavidades e o líquido que agora as enche. Esta diferença basta, regra geral, para fazer mergulhar o corpo. Mas não é assim nos casos de pessoas que tenham ossos pequenos e uma quantidade anormal de matéria flácida ou adiposa. Essas flutuam, mesmo depois de se terem afogado.

«O cadáver, que suporemos no fundo do rio, aí permanecerá até que, de uma maneira ou de outra, o seu peso específico se tome novamente inferior ao volume da água deslocada. Este efeito é provocado pela decomposição, ou por qualquer outro agente. A decomposição tem como resultado a geração de gases que distendem os tecidos celulares e dão aos cadáveres esse aspeto inchado que é tão horrível de ver. Quando esta distensão chega ao ponto em que o volume do corpo é sensivelmente aumentado sem um acréscimo correspondente de matéria sólida ou de peso, o respetivo peso específico torna-se inferior ao da água deslocada e esse corpo surge imediatamente à superfície.

«A decomposição, porém, pode ser modificada por incontáveis circunstâncias, apressada ou retardada por numerosos agentes — pelo calor ou pelo frio da estação, por exemplo; pela impregnação mineral ou a pureza da água; pela sua maior ou menor profundidade; pela corrente ou a estagnação mais ou menos marcadas; e também pelo estado original do corpo, segundo este estivesse já infetado ou puro de doença antes da morte. É assim evidente que não podemos fixar com exatidão a data em que o corpo deverá elevar-se em consequência da decomposição. Em determinadas condições, a emersão pode verificar-se ao cabo de uma hora; noutras, porém, talvez nunca chegue a verificar-se. Há infusões químicas que podem preservar indefinidamente da corrupção todo o sistema animal, como o bicloreto de mercúrio, por exemplo. Mas, além de decomposição, pode haver — e há geralmente — uma formação de gases no estômago (devido à fermentação acética da matéria vegetal, ou devido a outros fenómenos verificados em diferentes cavidades), suficiente para criar uma distensão capaz de trazer o corpo à superfície. O efeito produzido pelo tiro de canhão é um efeito de simples vibração. Pode libertar o corpo dos limos ou do lodo que o prendam, permitindo-lhe assim elevar-se, depois de outros agentes já o terem preparado para isso ou, então, pode vencer a aderência de quaisquer partes putrefactas do sistema celular, e facilitar a distensão das cavidades sob a influência do gás.

«Tendo assim à nossa frente toda a filosofia do tema, podemos verificar as asserções de *L'Étoile*. *A experiência mostra, diz este jornal, que os corpos de afogados ou de lançados à água imediatamente após uma morte violenta, necessitam de um*

período que vai de seis a dez dias para que uma decomposição suficiente os faça voltar à superfície. Um cadáver sobre o qual se dispara um tiro de canhão, e que se eleva antes que a imersão tenha durado pelo menos cinco ou seis dias, volta a mergulhar se abandonado a si mesmo.

«Todo o parágrafo nos aparece agora como uma teia de inconseqüências e de incoerências. A experiência *nem sempre* mostra que os corpos de afogados *tenham necessidade* de cinco ou seis dias para que uma decomposição suficiente os faça voltar à superfície. A ciência e a experiência reunidas provam que a altura dessa emersão é e deve ser necessariamente indeterminada. Além disso, caso um corpo seja trazido à superfície por um tiro de canhão, *não voltará a mergulhar, mesmo se abandonado a si mesmo*, sempre que a decomposição tenha atingido o grau necessário para permitir a libertação dos gases engendrados. Mas desejo chamar a sua atenção para a distinção feita entre os corpos de afogados e os corpos de pessoas lançadas à água imediatamente após uma morte violenta. Ainda que o redator admita esta diferença, coloca os dois casos na mesma categoria. Já demonstrei como o corpo de um homem que se afoga adquire um peso específico mais considerável do que o volume de água deslocada, e provei que não se submergiria sozinho, sem o movimento que faz de erguer os braços acima da cabeça, e sem as tentativas de respirar debaixo de água que permitem ao líquido invadir o lugar do ar nos pulmões. Mas estes movimentos e estas tentativas não se registrarão no caso de um corpo *lançado à água imediatamente após uma morte violenta*. Assim, neste último caso, *a regra geral é que o corpo não deve submergir-se... facto que*

L'Étoile, evidentemente, ignora. Quando a decomposição chega a um ponto muito adiantado, quando a carne já deixou completamente os ossos, então, mas só então, vemos o corpo mergulhar e afundar-se.

«E que pensaremos agora do raciocínio segundo o qual o cadáver encontrado não pode ser o de Marie Roget, por ter sido encontrado após um lapso de tempo de apenas três dias? Se se afogou, pode não ter-se afundado, por ser uma mulher; se se afundou, pode ter reaparecido ao cabo de vinte e quatro horas, ou até menos. Mas ninguém supõe que a jovem se afogou e, tendo sido morta antes de ser lançada à água, teria flutuado e poderia ter sido encontrado a qualquer momento posterior.

«Mas — diz L'Étoile — se o corpo ficou m margem em estado de deterioração até à noite de terça-feira, devem ter sido encontrados nessa mesma margem alguns indícios dos assassinos.

«Neste ponto é difícil captar imediatamente a intenção do redator. Tenta prevenir o que imagina poder ser uma objeção à sua teoria, a saber: que o corpo, tendo permanecido dois dias na margem, deve ter sofrido uma decomposição rápida... mais rápida do que se estivesse mergulhado na água. Supõe que, se fosse esse o caso, o corpo poderia ter voltado à superfície na quarta-feira, e pensa que só nessas circunstâncias teria podido reaparecer. Apressa-se pois a provar que o corpo *não pode ter permanecido na margem*, pois, nesse caso, ter-se-iam encontrado quaisquer rastros dos assassinos. Presumo que esta consequência o fará sorrir. Não consegue sem dúvida compreender de que modo uma estada *mais ou menos prolongada* do corpo na margem teria *multiplicado os rastros* dos assassinos. E eu também não.

«O jornal continua: *Por fim, é excessivamente improvável que os malfeitores, depois de cometerem um crime tal como o que se lhes atribui, tenham lançado o corpo à água sem um peso para o lastrar, quando seria tão fácil tomar esta precaução.*

«Observe aqui a risível confusão de ideias! Ninguém, nem sequer *L'Étoile*, contesta que foi cometido um crime no corpo encontrado. Os sinais de violência são demasiado evidentes. O objetivo do nosso argumentador é apenas provar que esse corpo não é o de Marie. Deseja provar que Marie não foi assassinada, mas não afirma que o cadáver encontrado não seja o de uma pessoa assassinada. No entanto, a sua observação só nos prova este último ponto. Há um corpo a que nenhum peso foi amarrado. Assassinos, ao lançá-lo à água, não teriam deixado de fazê-lo. Logo, não foi lançado à água por assassinos. Eis tudo o que está provado, se alguma coisa pode está-lo. A questão da identidade não é sequer abordada, e *L'Étoile* esforça-se por contradizer agora o que afirmava há pouco. *Estamos perfeitamente convencidos* — escreve — *que o cadáver encontrado é o de uma mulher assassinada.*

«E não é este o único ponto, ainda nesta parte do tema, em que o nosso argumentador, sem dar por isso, age contra si mesmo. O seu objetivo evidente, já o disse, é reduzir o mais possível o intervalo de tempo compreendido entre o desaparecimento de Marie e a descoberta do corpo. No entanto, vemo-lo insistir no facto de ninguém ter visto a jovem a partir do momento em que ela saiu de casa da mãe. *Não temos*, afirma o jornal, *qualquer depoimento provando que Marie Roget fosse ainda deste mundo a partir das nove horas de domingo, 22 de junho.*

«Como o seu raciocínio enferma, é evidente, de opinião formada, teria feito melhor em abandonar este aspeto da questão, uma vez que tivesse sido encontrado alguém que houvesse visto Marie na terça ou na quarta-feira, o intervalo em questão ficaria consideravelmente reduzido, e, segundo a maneira de pensar do redator, seria outro tanto reduzida a probabilidade de o corpo encontrado poder ser o da caixeira. E, todavia, divertido observar que *L'Étoile* insiste neste ponto com a firme convicção de estar a reforçar a sua argumentação geral.

«Examinemos agora, uma vez mais, a parte da argumentação que se refere à identificação do corpo por Beauvais. Relativamente aos *pelos* no braço, *L'Étoile* manifesta evidente má fé. O senhor Beauvais, não sendo idiota, nunca teria, para constatar a identidade de um corpo, argumentado ter esse corpo pelos num braço. Não há braços sem pelos. A *generalidade* das frases de *L'Étoile* é uma simples perversão das palavras da testemunha. Beauvais deve necessariamente ter falado de qualquer particularidade desses pelos; particularidade de cor, de quantidade, de comprimento ou de localização.

«O jornal diz: *Os pés eram pequenos. Há milhares de pés pequenos. A liga não é uma prova, como não o são os sapatos, pois as ligas e os sapatos vendem-se aos montes. O mesmo se pode dizer quanto às flores do chapéu. Um facto sobre o qual Beauvais insiste fortemente é que o gancho da liga foi recuado para a tornar mais estreita. Isto nada prova, pois quase todas as mulheres compram ligas que depois arranjam em casa, de preferência a experimentá-las na loja.*

«Aqui, é difícil supor o argumentador no seu juízo perfeito. Se o senhor Beauvais, quando procurava o corpo de Marie, descobriu um cadáver semelhante, nas proporções gerais e no aspeto, à jovem desaparecida, pode legitimamente ter suposto terminada a sua busca, pondo até de parte a questão da indumentária. Se, além do aspeto, das proporções gerais e do contorno, encontrou num braço desse cadáver uma aparência pilosa já observada no braço de Marie viva, a sua opinião pode ter sido reforçada, e deve tê-lo sido em razão da particularidade ou do carácter insólito dessa marca pilosa. Se os pés de Marie eram pequenos, e os pés do cadáver encontrado são igualmente pequenos, a probabilidade de que o cadáver seja o de Marie aumenta, numa proporção não apenas aritmética, mas ainda geométrica, acumulativa. Acrescente a tudo isto sapatos iguais aos que a jovem calçava no dia do desaparecimento, e, se bem que os sapatos se vendam *aos montes*, sentirá a probabilidade aumentar ao ponto de enraizar a certeza. Aquilo que, por si só, não seria um sinal de identidade, torna-se pela sua posição corroborativa, a mais segura das provas. Conceda-nos, finalmente, as flores do chapéu, iguais às que usava a jovem desaparecida, e nada mais podemos desejar. *Uma só dessas flores*, e nada mais temos a desejar... Mas que diríamos se tivéssemos, duas, ou três, ou até mais? Cada unidade sucessiva é um testemunho múltiplo, uma prova não *acrescentada* à prova precedente, mas *multiplicada* por cem ou por mil. Descobrimos agora na defunta ligas iguais às que usava a pessoa viva: na verdade, é quase loucura continuar a procurar. Mas acontece que essas ligas foram apertadas por meio de uma deslocação do gancho, tal como Marie tinha feito às suas, pouco antes de sair de

casa. Continuar a duvidar é demência ou hipocrisia. O que *L'Étoile* diz em relação a esta operação, que, no seu entender, é uma coisa vulgaríssima, só prova a teimosia em laborar no erro. A natureza elástica de uma liga basta para demonstrar o caráter *excepcional* da, alteração. O que é feito para ajustar-se bem só deve ter necessidade de aperfeiçoamentos em casos muito raros. Deve ter sido devido a um acidente, no sentido mais estrito da palavra, que as ligas de Marie tiveram necessidade de ser apertadas. Sozinhas, bastariam para estabelecer a identidade. Mas o importante não é que o cadáver tenha as ligas da jovem desaparecida, ou os seus sapatos, ou o seu chapéu, ou as flores do chapéu, ou os mesmos pés, o mesmo aspeto e iguais proporções gerais. O importante é que tenha cada uma destas coisas *e as tenha a todas coletivamente*. Se se provou que o redator de *L'Étoile*, nestas circunstâncias, concebeu *realmente* uma dúvida, então não há, para o seu caso, a mínima necessidade de uma comissão de *lunático inquirendo*. Julgou dar provas de sagacidade ao fazer-se eco das tagarelices dos homens de lei, que, na maioria, se contentam, eles próprios, em fazer-se eco dos preceitos retilíneos dos tribunais criminais. Far-lhe-ei notar, de passagem, que muito do que um tribunal se recusa a admitir como prova é, para a inteligência, o que há de melhor em matéria de provas. Ora, guiando-se pelos princípios gerais nesta matéria, pelos princípios reconhecidos e inscritos nos livros, o tribunal tem repugnância em desviar-se para razões particulares. E esta teimosa dedicação aos princípios, juntamente com o rigoroso desdém pela exceção contraditória, é o modo de conseguir, a longo prazo, o máximo de verdade que é permitido esperar; a prática é, pois, *em conjunto*, filosófica, mas

não é menos certo que engendra grandes erros em determinados casos.

«Quanto às insinuações dirigidas contra Beauvais, basta um sopro para dissipá-las. O meu amigo já penetrou o verdadeiro carácter deste cavalheiro. É um funcionário, com um espírito muito inclinado para o romanesco e com pouco discernimento. Todo o homem assim constituído será facilmente levado, num caso de emoção real, a conduzir-se de modo a tornar-se suspeito aos olhos de pessoas demasiado subtis ou suscetíveis à desconfiança. O senhor Beauvais, como resulta das suas notas, teve algumas entrevistas pessoais com o diretor de *L'Étoile*, a quem chocou ao exprimir a opinião de que, não obstante a sua teoria, o cadáver era positivamente o de Marie. *O senhor Beauvais insiste* — diz o jornal — *em afirmar que o corpo é o de Marie, mas não é capaz de acrescentar qualquer circunstância às que já comentámos, para conseguir que outros partilhem desta crença.* Ora, sem voltar a este ponto, o de lhe ter sido impossível, *para conseguir que outros partilhem desta crença*, apresentar qualquer prova mais forte do que as já conhecidas, observemos o seguinte: é fácil conceber um homem perfeitamente convicto, num caso deste género, e todavia, incapaz de apresentar uma só razão que convença uma segunda pessoa. Nada é mais vago do que as impressões relativas à identidade de uma pessoa. Todo o homem reconhece o seu vizinho, e no entanto são poucos os casos em que uma pessoa vulgar seja capaz de dar uma razão para esse *reconhecimento*. O redator de *L'Étoile* não tem, pois, o direito de sentir-se chocado pela convicção não raciocinada do senhor Beauvais.

«As circunstâncias suspeitas de que se rodeou quadram bem melhor com a minha hipótese de um caráter oficioso, tateante e romanesco, do que com a insinuação do jornalista relativa à sua culpabilidade. Adotando a interpretação mais caridosa, não temos qualquer dificuldade em explicar a rosa no orifício da fechadura, nem a palavra *Marie* escrita na ardósia, nem o facto de ter *afastado os parentes masculinos e tão-pouco a sua oposição a deixá-los ver o corpo*, menos ainda a recomendação feita à senhora *B.* de não falar com o polícia antes de ele regressar, nem, por fim, essa aparente resolução de *não permitir que mais ninguém se ocupe do inquérito*. Parece-me incontestável que Beauvais era um dos adoradores de Marie; que ela se fez coqueta com ele; e que ele aspirava a dar a entender que gozava da sua confiança e da sua intimidade completas. Nada mais direi sobre este ponto, e como a evidência refuta completamente a asserção de *L'Étoile* em relação à *apatia* de que acusa a mãe e os restantes parentes, apatia que é irreconciliável com a suposição de estarem convencidos de que o corpo encontrado é, na verdade, o da jovem perfumista, procederemos a partir de agora como se a questão da identidade estivesse estabelecida a nosso contento.

— E que pensa — perguntei então — das opiniões do *Commercial*?

— Que, pela sua natureza, são muito mais dignas de crédito do que qualquer das outras emitidas sobre o assunto. As deduções das premissas são filosóficas e subtis: mas essas premissas, em pelo menos dois pontos, baseiam-se numa observação imperfeita. O *Commercial* pretende dar a entender que Marie foi apanhada por um bando de patifes, não longe da porta da casa da mãe. *É*

impossível que uma jovem conhecida por vários milhares de pessoas, como era o caso de Marie, tenha podido percorra um extenso trajeto sem encontrar alguém a quem o seu rosto fosse familiar... É a ideia de um homem residindo há muito em Paris, de um homem público, cujas idas e vindas foram quase sempre limitadas às proximidades das administrações públicas. Sabe que *e/le* raramente se afasta uma dúzia de quarteirões do seu próprio gabinete sem ser reconhecido e abordado. E, medindo a extensão do conhecimento que tem dos outros, e o que os outros têm dele, compara a sua notoriedade com a da perfumista, não encontra grande diferença entre as duas, e chega imediatamente à conclusão de que ela devia, nas suas deslocações, estar tão exposta a ser reconhecida quanto ele nas que faz. Esta conclusão só seria legítima se as deslocações dela tivessem a mesma natureza invariável e metódica, e fossem confinadas à mesma região que as dele. Ele vai e vem, a intervalos regulares, numa periferia limitada, repleta de indivíduos cujas ocupações, análogas às suas, os levam naturalmente a interessarem-se por ele e a observar a sua pessoa. Mas as deslocações de Marie podem, de um modo geral, considerar-se de uma natureza errante. No caso particular que nos ocupa, deve considerar-se como muito provável que seguiu uma linha o mais possível afastada dos seus caminhos habituais. O paralelo que supusemos existir no espírito do *Commercial* só seria sustentável no caso de indivíduos atravessando toda a cidade. Mas também nesse caso, tendo em conta que as relações pessoais são iguais, serão também semelhantes as probabilidades de que encontre um número equivalente de conhecimentos. Pelo meu lado, mantenho que é não só possível, mas infinitamente provável, que Marie tenha

seguido, a não importa que hora, por qualquer dos numerosos caminhos que conduzem da sua residência à da tia, sem encontrar um único indivíduo que conhecesse ou de quem fosse conhecida. Para julgar bem esta questão, para julgá-la à sua verdadeira luz, é preciso pensar na imensa desproporção que existe entre os conhecimentos pessoais do indivíduo mais popular de Paris e a população inteira da cidade.

«Também em relação à veracidade que pareça ainda revestir a argumentação do *Commercial*, essa veracidade ficará bastante diminuída se considerarmos a hora a que a jovem saiu. *Foi — diz o jornal — numa altura em que as ruas estão cheias de gente.* Mas isto não é verdade. Eram nove horas da manhã. Ora, às nove horas da manhã, durante toda a semana, *exceto ao domingo*, as ruas da cidade estão, é verdade, cheias de gente. As nove da manhã de domingo, cada um está geralmente em sua casa, *preparando-se para ir à igreja.* Não há razoável observador que não tenha notado o aspeto particularmente deserto da cidade, ao domingo, entre as oito e as dez da manhã. Entre as dez e as onze, as ruas estão cheias de gente, mas nunca a uma hora tão matinal como a que foi designada.

«Há um outro ponto em que o espírito de observação parece ter faltado ao *Commercial*. *Um pedaço de uma das saias da infeliz jovem, com sessenta centímetros de comprimento e trinta de largura, tinha sido arrancado, amarrado em torno do pescoço e preso atrás com um nó, provavelmente para impedi-la de gritar. Isto foi feito por indivíduos que nem sequer tinham um lenço de bobo.* Se esta ideia tem ou não fundamento é o que tentaremos mais tarde examinar; mas com as palavras *indivíduos que nem*

sequer tinham um lenço de bolso, o editor pretende designar a mais vil classe de patifes. No entanto, esse é justamente o género de gente que tem sempre lenços, mesmo quando não tem camisa. Já teve ocasião de observar a que ponto, nestes últimos anos, o lenço de bolso se tornou um objete que o perfeito patife não pode dispensar.

— E que devemos pensar — perguntei — do artigo do *Soleil*?

— Que é uma pena que o seu redator não tenha nascido papagaio, pois nesse caso teria sido o mais ilustre espécime da sua raça. Limitou-se simplesmente a repetir fragmentos das opiniões individuais já expressas, que foi buscar, com uma louvável habilidade, a tal ou tal diário. *Os objetos* — afirma o *Soleil* — *estiveram no local, segundo toda a evidência, durante pelo menos três ou quatro semanas... Não é pois possível duvidar de que foi finalmente descoberto o teatro do abominável caso.* Os factos aqui novamente enunciados pelo *Soleil* não bastam para dissipar as minhas próprias dúvidas quanto a este ponto, e teremos de examiná-los mais particularmente nas suas implicações com uma outra parte da questão.

«De momento, devemos ocupar-nos de outras investigações. Decerto não deixou de notar uma extrema negligência no exame do cadáver. É verdade que a questão da identidade foi facilmente resolvida, ou deve tê-lo sido, mas havia outros pontos a verificar. Teria sido o corpo, de algum modo, *despojado*? Teria a defunta alguns artigos de bijutaria consigo quando saiu de casa? Se tinha, foram esses artigos encontrados no corpo? São perguntas importantes, absolutamente negligenciadas pelo inquérito, e há outras de um valor igual que não atraíram a mínima atenção.

Tentaremos responder-lhes através de uma investigação pessoal. O caso de Saint-Eustache necessita ser novamente examinado. Não tenho suspeitas contra esse indivíduo, mas procedamos com método. Verificaremos escrupulosamente a veracidade das atestações referentes aos lugares onde foi visto nesse domingo. Esse género de testemunhos escritos são muitas vezes meios de mistificação. Se nada encontrarmos, poremos Saint-Eustache fora de causa. O seu suicídio, se bem que pareça corroborar as suspeitas, caso encontremos qualquer trapaça nos *affidavit*, não é uma circunstância inexplicável ou que deva fazer-nos desviar de uma linha de análise ordinária.

«No seguimento do que agora lhe proponho, afastaremos os pontos ocultos do drama e concentraremos a nossa atenção no contorno exterior. Em investigações deste género, comete-se frequentemente o erro de limitar o inquérito aos factos imediatos e desprezar absolutamente os factos colaterais ou acessórios. É a detestável rotina dos tribunais criminais: confinar a instrução e a discussão ao domínio do relativo aparente. No entanto, a experiência provou, e a verdadeira filosofia prová-lo-á sempre, que uma vasta parte da verdade, talvez a mais considerável, brota de elementos aparentemente estranhos à questão. Foi pelo espírito, se não mesmo pela letra deste princípio, que a ciência moderna chegou a *calcular sobre o imprevisto*. Mas talvez não me compreenda? A história da ciência humana mostra-nos, de uma forma tão contínua, que é aos factos colaterais, fortuitos e acidentais, que devemos as nossas mais numerosas e mais preciosas descobertas, que se tornou finalmente necessário, em todo o balanço do progresso futuro, dar uma parte não só muito

grande, mas a maior possível, às invenções que nascerão do acaso, e que estão completamente fora das previsões normais. Doravante já não é filosófico ter por base uma visão do que há de ser. O *acidente* deve ser admitido como parte da criação. Fazemos do acaso a matéria para um cálculo rigoroso. Submetemos o inesperado e o inconcebível às fórmulas matemáticas das escolas.

«Repito: é um facto provado que a melhor parte da verdade nasce do acessório, do indireto; e é conformando-me com simplicidade ao princípio implicado neste facto que gostaria, no caso presente, de desviar a instrução do batido e infrutuoso terreno do acontecimento em si, e levá-la para as circunstâncias contemporâneas que o rodeiam. Enquanto o meu amigo verifica a validade dos *affidavit*, tratarei de examinar os jornais de um modo mais geral. Até agora, limitámo-nos ao reconhecimento do campo de investigação, mas seria verdadeiramente estranho que um exame compreensivo dos jornais, tal como tenciono fazê-lo, não nos trouxesse quaisquer pequenas informações que servirão para dar uma nova diretriz às averiguações.

De acordo com a ideia de Dupin, fui verificar escrupulosamente os *affidavit*. O resultado deste exame foi uma firme convicção da sua validade e, conseqüentemente, da inocência de Saint-Eustache. Ao mesmo tempo, o meu amigo aplicava-se, com uma minúcia que me parecia absolutamente supérflua, ao exame de coleções de diversos jornais. Ao cabo de uma semana, colocou sob os meus olhos os seguintes extratos:

a) «Há seis meses, pouco mais ou menos, foi provocada uma emoção semelhante pelo desaparecimento da mesma Marie Roget, da perfumaria do senhor Le Blanc, no Palais Royal. No entanto, ao

cabo de uma semana, a jovem reapareceu atrás do seu balcão habitual, com excelente aspeto, se excetuarmos uma leve palidez que lhe cobria as faces. A mãe da jovem e o senhor Le Blanc limitaram-se a declarar que Marie tinha ido visitar quaisquer parentes residentes no campo, e o assunto foi prontamente esquecido. Presumimos que a sua ausência atual é da mesma natureza, e que ao fim de uma semana ou de um mês a veremos voltar ao nosso convívio.» *Journal du Soir*, segunda-feira, 23 de junho.

b) «Um jornal da tarde, no seu número de ontem, recorda uma primeira e misteriosa ausência da menina Roget. É do conhecimento geral que, durante essa ausência da perfumaria Le Blanc, que durou uma semana, esteve na companhia de um jovem oficial da Marinha, conhecido pelos seus gostos depravados. Uma zanga providencial, ao que se supõe, levou-a a regressar a casa. Sabemos o nome do Lotário em questão, que se encontra atualmente de licença em Paris, mas, por razões facilmente compreensíveis, abstemo-nos de publicá-lo.» *Le Mercure*, terça-feira, 24 de junho.

c) «Um atentado dos mais odiosos foi cometido nos arredores desta cidade durante o dia de anteontem. Ao cair da noite, um cavalheiro, com a mulher e a filha, desejando atravessar o rio, contratou os serviços de seis jovens que andavam pelo Sena numa lancha, aparentemente sem destino. Chegados à margem oposta, os três passageiros puseram pé em terra, e tinham-se já afastado bastante da margem, quando a jovem se apercebeu de que havia deixado a sua sombrinha na embarcação. Voltou, para reavê-la, mas foi agarrada pelo bando de energúmenos, transportada para o

rio, amordaçada, terrivelmente maltratada e, finalmente, deposta num ponto da margem não muito distante daquele onde tinha primitivamente subido para o barco na companhia dos pais. Os miseráveis escaparam de momento à ação da Polícia, que todavia lhes anda na pista, e alguns deles não tardarão a ser capturados.» *Journal du Matin*, 25 de junho.

d) «Recebemos uma ou duas comunicações que têm como objetivo imputar a Mennais o odioso crime recentemente cometido. Uma vez, porém, que este cavalheiro ficou ilibado por um inquérito judiciário, e como os argumentos do nosso correspondente parecem marcados mais por excitação do que por sagacidade, não consideramos conveniente publicá-los.» *Journal du Matin*, 28 de junho.

e) «Recebemos várias cartas energicamente escritas, que parecem provir de fontes diversas e afirmam ser um facto consumado que a infortunada Marie Roget foi vítima de um dos numerosos bandos de energúmenos que infestam, ao domingo, os arredores da cidade. A nossa própria opinião é decididamente a favor desta tese. Tentaremos de futuro expor aqui alguns dos argumentos apresentados.» *Journal du Soir*, segunda-feira, 30 de junho.

f) «Na segunda-feira, um dos bateleiros afetos ao serviço do fisco viu no Sena um barco abandonado e vogando ao sabor da corrente. As velas estavam arriadas no tombadilho. O bateleiro rebocou o barco até junto da delegação das autoridades fluviais. Na manhã seguinte, verificou-se que este barco fora desamarrado e desaparecera sem que qualquer dos funcionários o notasse. O

respetivo leme ficou na delegação.» *La Diligence*, quinta-feira, 26 de junho.

Ao ler estes diferentes extratos, não só me pareceram alheios à questão, como não me foi possível descobrir qualquer modo de relacioná-los com ela. Fiquei à espera de uma explicação de Dupin.

— Não é de momento minha intenção — disse-me ele — demorar-me no exame do primeiro e do segundo desses extratos. Copiei-os, sobretudo, para lhe mostrar a extrema negligência dos agentes da Polícia, que, a acreditar no prefeito, não se preocuparam absolutamente nada com o oficial de marinha mencionado. No entanto, seria loucura afirmar que não temos o direito de *supor* uma relação entre a primeira e a segunda ausência de Marie. Admitamos que a primeira fuga teve como resultado uma zanga entre os dois amantes e o regresso da jovem traída. Mais do que o resultado de novas propostas por parte de um segundo indivíduo, podemos considerar um segundo rapto — se soubermos que houve um segundo rapto — indício de novas tentativas por parte do traidor. Pode considerar-se esta nova fuga mais como o *recomeço* do antigo amor do que o início de um novo. Ou aquele que já uma vez fugira com Marie lhe propôs uma nova evasão, ou Marie teria aceitado propostas semelhantes feitas por um outro indivíduo. Mas há duas probabilidades contra uma a favor da primeira suposição. E aqui permita-me chamar a sua atenção para o facto de o período decorrido entre a primeira e a segunda evasões ultrapassar poucos meses apenas o período normal de cruzeiro dos nossos navios de guerra. O amante, interrompido na sua primeira infâmia pela necessidade de voltar ao mar, aproveitou a primeira oportunidade, após o regresso, para renovar as vis tentativas, até

então não coroadas de êxito, ou, pelo menos para ele, não absolutamente satisfeitas? Sobre todas estas coisas nada sabemos.

«Dir-me-á, talvez, que no segundo caso a fuga que supomos não se consumou. Certamente que não. Mas podemos afirmar que não houve uma tentativa falhada? Com exceção de Saint-Eustache, e talvez de Beauvais, não sabemos de nenhuns amantes de Marie reconhecidos, declarados, honestos. Não se falou de qualquer outro. Quem é então o amante secreto de que os parentes — pelo menos na sua maioria — nunca ouviram falar, mas com quem Marie se encontrou no domingo de manhã, e em quem confia tanto que não hesita em ficar com ele até que as sombras da noite comecem a envolver os bosques solitários da barreira do Roule? Quem é, repito, esse amante secreto de que a maioria dos parentes nunca ouviu falar? E que significam estas estranhas palavras da senhora Roget, na manhã do domingo em que Marie desapareceu: *Receio nunca mais voltar a vê-la?*

«Ora, mesmo que a senhora Roget não tivesse conhecimento do projeto de fuga, não poderemos ao menos imaginar que esse projeto foi concebido pela filha? Ao sair de casa, deu a entender que ia visitar uma tia, residente na Rua Drômes, e Saint-Eustache foi encarregado de ir buscá-la ao fim da tarde. Ora, à primeira vista, este facto milita fortemente contra a minha opinião; mas reflitamos um pouco. Que ela encontrou algum companheiro, que atravessou com ele o rio e chegou à barreira do Roule a uma hora bastante adiantada, cerca das três da tarde — tudo isso é sabido. Mas, ao consentir em acompanhar o tal indivíduo, com qualquer desígnio conhecido ou não da mãe, deve ter pensado na desculpa dada ao sair de casa, assim como na surpresa e nas suspeitas que

nasceriam no coração do noivo, Saint-Eustache, quando, ao ir buscá-la à Rua Drômes à hora combinada, lhe fosse dito que ela não tinha aparecido, e quando, além disso, ao regressar à pensão com esta alarmante notícia, soubesse da sua prolongada ausência de casa. Deve, repito, ter pensado em tudo isto. Deve ter previsto o desgosto de Saint-Eustache, as suspeitas de todos os seus amigos. É possível que lhe tenha faltado a coragem para regressar e enfrentar estas suspeitas. Mas tais suspeitas deixariam de ter a mínima importância para ela, se supusermos que a sua intenção inicial era *não* regressar.

«Podemos imaginar que raciocinou deste modo:

«Tenho um encontro com uma certa pessoa, com o objetivo de fugir com ela ou com vista a certos outros projetos de que só eu sei. É preciso eliminar toda a possibilidade de ser surpreendida. É necessário que tenhamos todo o tempo necessário para iludir qualquer perseguição. Darei a entender que vou visitar a minha tia e que passarei o dia em sua casa, na Rua Drômes. Direi a Saint-Eustache para só lá ir buscar-me ao fim da tarde. Deste modo, a minha ausência de casa, prolongada o mais possível sem provocar suspeitas nem inquietação, poderá explicar-se, e ganharei bastante tempo. Se pedir a Saint-Eustache que vá buscar-me ao fim da tarde, ele decerto o fará mais cedo, mas, se deixar de pedir-lhe que vá buscar-me, o tempo de que disporei para a fuga ficará consideravelmente diminuído, pois esperar-me-ão cedo de regresso. Ora, se fosse minha intenção regressar, se tivesse em vista um simples passeio com a pessoa em questão, não seria de boa política pedir a Saint-Eustache que fosse buscar-me, pois, ao chegar, ele não deixaria de aperceber-se de que tinha sido enganado, coisa que

podia esconder-lhe indefinidamente saindo de casa sem dar parte da minha intenção, regressando antes da noite e dizendo então que fui passar o dia com a minha tia. Mas, uma vez que o meu projeto é não voltar... pelo menos antes que passem várias semanas ou até que tenha conseguido esconder certas coisas... a necessidade de ganhar tempo é a única coisa com que devo inquietar-me.

«Terá observado, nas suas notas, que a opinião geral sobre este triste caso é, e sempre foi, de que a jovem foi vítima de um bando de patifes. Ora, em determinadas condições, a opinião popular não deve ser desdenhada. Quando surge por si mesma, quando se manifesta de um modo absolutamente espontâneo, devemos considerá-la um fenómeno análogo a essa *intuição* que é a idiosincrasia do homem de génio. Em noventa por cento dos casos, confiarei nas suas decisões. Mas é muito importante que não se descubram traços palpáveis de *uma sugestão exterior*. A opinião deve ser rigorosamente o *pensamento pessoal* do público, e é muitas vezes difícil captar esta distinção e mantê-la. No caso presente, parece-me, a mim, que esta *opinião pública*, relativa a *um bando*, foi inspirada pelo acontecimento paralelo e acessório relatado no terceiro dos meus extratos.

«Paris inteira fica excitada pela descoberta do cadáver de Marie, uma jovem bela e conhecida. Este cadáver é encontrado com marcas de violência e flutuando no rio. Mas está agora provado que no mesmo dia em que se supõe ter a jovem sido assassinada, um atentado semelhante ao sofrido pela defunta, ainda que menos sensacional, foi consumado, por um bando de jovens patifes, sobre uma outra jovem. Será de surpreender, se o primeiro atentado conhecido tiver influenciado o julgamento popular relativamente ao

outro, ainda obscuro? Este julgamento aguardava uma direção, e o atentado conhecido parecia indicar-lha com tanta oportunidade! Também Marie foi encontrada no rio; e foi nesse mesmo rio que o atentado conhecido fora consumado. A conexão dos dois acontecimentos tinha em si qualquer coisa de tão palpável, que seria milagre o povo não a captar e não se apoderar dela. De facto, porém, um atentado cujo processo de execução se torna conhecido, é indício — e o mais seguro — de que o outro, cometido numa época quase coincidente, *não foi cometido da mesma maneira*. Na verdade, poder-se-ia considerar um espanto se, enquanto um bando de patifes consumava, num dado local, um determinado atentado, um outro bando semelhante, na mesma zona da mesma cidade, nas mesmas circunstâncias, cometesse, com os mesmos meios e os mesmos processos, um crime semelhante, e precisamente na mesma altura! E a que, pergunto-lhe, nos levaria a acreditar a opinião pública, *acidentalmente sugerida*, senão nesta espantosa série de coincidências?

«Antes de irmos mais longe, consideremos o suposto teatro do crime, no bosque da barreira do Roule. Este bosque, muito denso, é verdade, é vizinho próximo de uma via pública. No seu interior, dizem-nos, há três ou quatro grandes pedras, formando uma espécie de cadeira, com espaldar e assento. Sobre a pedra superior, foi descoberta uma saia branca; na segunda, um xaile de seda. Encontrou-se igualmente uma sombrinha, um par de luvas e um lenço. O lenço tinha um nome: Marie Roget. Fragmentos de um vestido apareceram presos aos espinhos das moitas circundantes. A terra estava espezinhada, os arbustos partidos, havia ali todos os sinais de uma luta violenta.

«A despeito do júbilo com que a imprensa saudou a descoberta deste bosque, e da unanimidade com que se supôs ser ele o verdadeiro teatro do crime, é preciso admitir que há mais de uma boa razão para duvidar disto. Se o verdadeiro teatro do crime tivesse sido, como insinua o *Commercial*, as proximidades da Rua Pavée-Saint-André, os autores, que suporemos ainda em Paris, ficariam naturalmente assustados pela atenção pública, tão vivamente dirigida no bom sentido, e qualquer espírito de mediano discernimento teria imediatamente sentido a necessidade de fazer qualquer coisa suscetível de desviar essa atenção. Assim, tendo o bosque da barreira do Roule atraído já uma vez as suspeitas gerais, a ideia de nele colocar os objetos em questão pode ter sido naturalmente inspirada. Não há provas reais, diga o *Soleil* o que disser, de que os objetos encontrados tenham lá estado mais de um pequeno número de dias, ao passo que é mais do que presumível que não poderiam ter lá estado, sem serem descobertos, durante os vinte dias decorridos entre o domingo fatal e a tarde em que toram encontrados pelos rapazinhos. *Estavam completamente estragados pela ação da chuva* — diz o *Soleil*, tirando esta opinião de outros jornais que falaram antes dele — *e colados uns aos outros pela humidade. Em redor, a erva crescera, chegando até a cobri-los parcialmente. A seda da sombrinha era sólida, mas as varetas estavam fechadas, e a parte superior, onde o tecido era reforçado, roída e apodrecida pela humidade, rasgou-se logo que foi aberta.* No que respeita à erva, que cresceu *em redor* e cobriu *parcialmente* os objetos, é evidente que o facto só pode ter sido comprovado segundo os dizeres dos dois garotos, pois esses dois garotos pegaram nos objetos e levaram-nos para casa antes que

fossem vistos por qualquer outra pessoa. Mas a erva cresce, particularmente numa temperatura quente e húmida, como a observada na data do crime, cerca de cinco a sete centímetros por dia. Uma sombrinha caída num terreno com ervas pode, no espaço de uma semana, ficar completamente coberta. E quanto a essa *humidade*, em que o redator do *Soleil* insiste tão teimosamente, ao ponto de utilizar a palavra pelo menos duas vezes no curto parágrafo citado, ignorará verdadeiramente a sua natureza? Será necessário ensinar-lhe que se trata de uma das numerosas espécies de fungos cuja característica mais ordinária é crescer e morrer num espaço de vinte e quatro horas?

«Vemos assim, ao primeiro olhar, que tudo quanto foi tão pomposamente alegado para apoiar a ideia de que os objetos permaneceram no local *durante pelo menos três ou quatro semanas*, tem valor absolutamente nulo, como prova seja do que for. Por outro lado, é demasiado difícil acreditar que esses objetos tenham podido permanecer no bosque em questão durante mais de uma semana, durante um intervalo mais longo que de um domingo ao outro. Os que conhecem um pouco os arredores de Paris sabem da extrema dificuldade que há em encontrar um *retiro*, a não ser a grande distância dos arrabaldes. Um recanto inexplorado, ou até raramente visitado, nesses bosques e matagais, é coisa impensável. Um verdadeiro amante da natureza, condenado pelo seu dever à poeira e ao calor desta grande metrópole, pode tentar, até durante os dias de trabalho, satisfazer a sua sede de solidão nesses cenários de beleza natural e campestre que nos rodeiam. Antes que tenha podido dar dois passos, sentirá o encanto nascente desfeito pela voz ou a aparição de qualquer patife ou de um bando

de pândegos ociosos. Procurará o silêncio nas sombras mais espessas, mas sempre em vão. É precisamente nesses recantos que abundam os crápulas, são esses os templos mais profanados. Com o coração inundado de desgosto, o passeante regressará a Paris, como para uma cloaca de impureza menos grosseira e, conseqüentemente, menos odiosa. Mas, se os arredores da cidade são assim infestados durante os dias de semana, são-no muito mais ainda ao domingo. É sobretudo então que, libertado das amarras do trabalho ou privado das ocasiões mais favoráveis ao crime, o malandro da cidade se espalha pelos arredores, não por amor da natureza campestre, que despreza, mas para escapar aos incômodos e às convenções sociais. Não são o ar fresco e as verdes árvores o que deseja, mas a absoluta *liberdade* do campo. Aí, no albergue à beira da estrada ou na sombra dos bosques, exclusivamente observado pelos seus dignos companheiros, entrega-se aos excessos furiosos de uma falsa alegria, filha da liberdade e do *álcool*. Nada digo que não salte aos olhos de um observador imparcial, quando afirmo que a permanência de quaisquer objetos durante um período superior a uma semana sem serem vistos, em qualquer bosque dos arredores de Paris, seria coisa digna de ser considerada quase como um milagre.

«Não nos faltam, todavia, motivos para pensar que esses objetos foram lá colocados para desviar as atenções do verdadeiro teatro do crime. Em primeiro lugar, permita-me que lhe faça notar a data desta descoberta. Compare-a com data do quinto dos meus extratos, na revista que eu próprio passei aos jornais. Verificará que a descoberta foi feita quase logo após as cartas urgentes enviadas ao jornal da tarde. Essas cartas, ainda que variadas e provindo

aparentemente de fontes diversas, tendem todas para o mesmo fim: o de chamar a atenção para um bando de malfeitores que teriam sido os autores do crime, e para os arredores da barreira do Roule, como teatro do feito. Ora, o que pode surpreender-nos, não é, naturalmente, que os objetos tenham sido encontrados pelos garotos, depois de as cartas terem surgido e depois de a atenção pública ter sido dirigida para esse lado; mas poder-se-ia supor com lógica que, se os objetos não foram encontrados *mais cedo*, foi porque ainda não se encontravam no bosque, porque foram colocados ali numa data posterior — a mesma, ou pouco anterior à das cartas... pelos próprios culpados e autores dessas cartas.

«O bosque era um bosque singular... excessivamente singular. De uma rara espessura. No interior das suas muralhas naturais, havia três pedras extraordinárias, *formando uma cadeira com espaldar e assento*. E esse bosque, onde a natureza imitava tão bem a arte, situava-se a escassas centenas de metros da casa da senhora Deluc, cujos filhos tinham o costume de percorrer os bosques circundantes. Seria temerário apostar — mil contra um — que não se passava um dia sem que pelo menos um dos garotos fosse esconder-se nessa sala de verdura e sentar-se nesse trono natural? Os que hesitarem em apostar ou nunca foram crianças ou esqueceram a natureza infantil. Repito, é demasiado difícil compreender que esses objetos possam ter permanecido no bosque mais de um ou dois dias sem terem sido descobertos; há assim boas razões para supor, a despeito da dogmática ignorância do *Soleil*, que foram colocados, numa data bastante tardia, no local onde os encontraram.

«Para que se acredite, porém, que as coisas se passaram realmente assim, há ainda outras razões, mais fortes do que as já apresentadas. Deixe-me agora chamar a sua atenção para a disposição por de mais artificial dos objetos. Sobre a pedra superior encontrava-se uma saia branca; sobre a segunda pedra, um xale de seda; espalhados em redor, uma sombrinha, luvas e um lenço de bolso marcado com o nome de Marie. É justamente uma disposição como deve tê-la imaginado um espírito pouco subtil, com o objetivo de montar uma encenação natural. Mas não se trata de modo algum de uma disposição natural. Preferiria ver *todas* as coisas caídas por terra, e espezinhadas. No estreito espaço do bosque, seria quase impossível que a saia e o xale mantivessem a sua posição sobre as pedras, expostos às sacudidelas resultantes de uma luta entre várias pessoas. Havia, diz-se, sinais de luta, a terra estava espezinhada, os arbustos partidos, mas a saia e o xale foram encontrados muito bem arrumados em cima das pedras. Os fragmentos de roupas, encontrados presos aos arbustos, tinham cerca de oito centímetros de largura por dezasseis de comprimento. Um deles era um pedaço da bainha... *Davam a impressão de liras arrancadas...* Aqui, sem o notar, o *Soleil* utilizou uma frase excessivamente suspeita. Os fragmentos, tal como nos foram descritos, *dão a impressão de liras arrancadas*, mas propositadamente, à mão. E acidente dos mais raros, que possa ser *inteiramente arrancado* um pedaço de tecido, como os que são descritos, pela ação de *um só espinho*. Pela própria natureza do tecido, um espinho ou um prego que nele se prenda rasga-o retangularmente... abre-o com duas fendas longitudinais, em ângulo reto e encontrando-se no ponto onde o espinho entrou. Mas

é quase impossível compreender que a tira tenha sido *completamente arrancada*. Nunca vi tal coisa, e o meu amigo também não. Para *arrancar* um pedaço a um tecido, são necessárias, em quase todos os casos, duas forças distintas, agindo em sentidos diferentes. Se o tecido apresenta dois bordos, se, por exemplo, se trata de um lenço, e caso se deseje arrancar-lhe uma tira, então bastará uma única força. Mas, no caso vertente, trata-se de um vestido que só apresenta um bordo. Quanto a arrancar um pedaço do meio, que não apresenta qualquer bordo, seria um milagre vários espinhos conseguirem fazê-lo, agindo um em duas direções diferentes, e o outro numa só direção. E isto supondo ainda que o bordo não tem bainha. Se a tem, a coisa torna-se quase impossível. Vimos que grandes e numerosos obstáculos impedem que os pedaços tenham sido arrancados pela simples ação de espinhos. No entanto, somos convidados a acreditar que não só um, mas vários pedaços, foram arrancados deste modo. *E um desses pedaços era a bainha da saia!* Outro era uma parte da saia, *mas não da bainha*, isto é: tinha sido arrancado completamente pela ação dos espinhos, de uma parte que não oferecia qualquer bordo! Eis, afirmo, coisas em que é perdoável não acreditar; no entanto, tomadas coletivamente, constituem um motivo menos plausível de suspeita do que esta única circunstância tão surpreendente, a saber: que os objetos tenham podido ser deixados no bosque por assassinos que tomaram a precaução de fazer desaparecer o cadáver. Todavia, não captou bem o meu pensamento, se ficou com a ideia de que a minha intenção é negar que o bosque foi o teatro do atentado. Que lá tenha acontecido qualquer coisa de grave, é possível; mais verosimilmente, uma

desgraça, em casa da senhora Deluc. Mas, em suma, é um ponto de importância secundária. Prometemos descobrir os assassinos, e não o local do crime. Todos os argumentos que aleguei, apesar da minúcia com que o fiz, tinham como único objetivo provar-lhe, antes de mais nada, a estupidez das asserções tão positivas e tão impetuosas do *Soleil*, em seguida, e principalmente, levá-lo, por uma via natural, a uma outra dúvida... examinar se o crime foi ou não obra de um bando.

«Atacarei esta questão com uma simples alusão aos revoltantes pormenores dados pelo cirurgião interrogado na altura do inquérito. Bastar-me-á dizer que, publicadas as conclusões do cirurgião, relativamente ao número de assaltantes, foram estas justamente ridicularizadas — eram falsas e absolutamente destituídas de base — por todos os anatomistas honestos de Paris. Não digo que a coisa *não possa ter*, materialmente, acontecido como ele diz; mas não vejo razões suficientes para as suas conclusões; não as haveria suficientes, porém, para uma outra?

«Reflitamos agora sobre os *sinais de luta*, e perguntemos o que se pretende provar com esses sinais. A presença de um bando? Mas não provarão antes a *ausência* de um bando? Que espécie de luta, que luta suficientemente violenta e prolongada para deixar sinais em todos os sentidos, se pode imaginar entre uma débil jovem indefesa e o suposto bando de patifes? Um par de rudes braços segurando-a silenciosamente, e seria o fim dela. A vítima ficaria absolutamente passiva e à mercê dos assaltantes. Observará aqui que os nossos argumentos contra o bosque, considerado teatro do atentado, só se lhe aplicam como teatro de um atentado cometido *por mais de um indivíduo*. Se supusermos um *único*

homem disposto à violação, então, e só então, poderemos compreender uma luta suficientemente violenta e prolongada para marcas tão visíveis.

«Outra coisa ainda... Já fiz notar as suspeitas sugeridas pelo facto de os objetos em questão terem podido permanecer no bosque onde foram encontrados. Parece quase impossível que estas provas de crime tenham lá sido deixadas acidentalmente. Houve suficiente presença de espírito (isto supõe-se) para levar o cadáver e, no entanto, uma prova mais concludente do que o próprio cadáver — cujas feições teriam sido rapidamente alteradas pela decomposição — fica imprudentemente abandonada no local do crime. Faço alusão ao lenço de bolso, onde está gravado o nome da defunta. Se foi esquecimento acidental, não terá sido por um bando. Só o podemos explicar da parte de um indivíduo isolado. Vejamos. Foi um indivíduo quem cometeu o crime. Ei-lo sozinho com o espectro da defunta. Está assustado pelo que jaz imóvel, à sua frente. Passado o furor da paixão, há agora no seu coração amplo espaço para o natural horror pelo ato cometido. Não sente de modo algum esse género de segurança que inspira a presença de vários. Está *sozinho* com a morta. Treme, está assustado. No entanto, é preciso esconder o cadáver algures. Leva-o para o rio, mas deixa atrás de si os outros traços do crime; pois é-lhe difícil, para não dizer impossível, levar tudo de uma só vez, e terá sempre tempo de voltar e ir buscar o que falta. Mas, no seu laborioso caminho até ao rio, os receios aumentam. Os ruídos da vida rodeiam-no. Uma dúzia de vezes ouve, ou julga ouvir, os passos de alguém a espiá-lo. As próprias luzes da cidade assustam-no. Finalmente, no entanto, após longas e frequentes pausas cheias de

angústia, alcança a margem do rio e desembaraça-se do seu sinistro fardo, servindo-se talvez de um barco. *Agora*, porém, que tesouro deste mundo, que ameaça de castigo, teriam o poder de obrigar esse assassino solitário a voltar, pela mesma fatigante e perigosa rota, ao terrível bosque cheio de arrepiantes recordações? Não regressa, deixa que as consequências sigam o seu curso. Mesmo que quisesse voltar, *não poderia!* A sua única ideia é fugir imediatamente. Volta *para sempre* as costas àqueles bosques, cheio de medo, e foge como se fosse perseguido pela ira do céu.

«Mas se supusermos um bando de indivíduos?... O número ter-lhes-ia inspirado audácia, se, na verdade, a audácia pode alguma vez ter faltado no coração de um patife, e é só de patifes que se supõe um bando composto. O número, dizia eu, tê-los-ia preservado desse terror irracional que, segundo a minha teoria, paralisou o indivíduo isolado. Admitamos, se quiser, a possibilidade de um esquecimento num em dois ou em três desses indivíduos; o quarto repararia a negligência. Nada teriam deixado ficar para trás, pois o seu número permitir-lhes-ia levar tudo de uma vez. Não teriam necessidade de voltar.

«Examine agora a circunstância de que, nas vestes superiores do cadáver, *uma tira, com cerca de trinta centímetros de largura, tinha sido rasgada de baixo para cima, desde a orla até à cintura, mas não completamente arrancada. Fora enrolada três vezes em torno da cintura e presa atrás por um sólido nó.* Isto foi feito com o objetivo evidente de proporcionar uma pega para transportar o corpo. Ora, um grupo de homens teria necessidade de recorrer a tal expediente? Os membros do próprio cadáver constituiriam pegas não só suficientes, mas muito mais cómodas. É pois a invenção de

um só homem, o que nos leva ao facto seguinte: *Entre o bosque e o rio, descobriu-se que os arbustos tinham sido abatidos, e a terra conservava o rastro de um pesado fardo que fora arrastado!* Mas um grupo de homens não se teria dado ao trabalho de abater um arbusto para arrastar um cadáver, sendo-lhes mais fácil levantá-lo e fazê-lo passar por cima. Teria um grupo de homens arrastado o cadáver, a menos que para deixar marcas evidentes desse ato?

«E aqui temos de voltar a uma observação do *Commercial*, sobre a qual já me detive um pouco: *Um pedaço de uma das saias da infeliz jovem fora arrancado, amarrado em torno do pescoço e preso atrás com um nó, provavelmente para impedi-la de gritar. Isto foi feito por indivíduos que nem sequer tinham um lenço de bolso.*

«Já sugeri que um perfeito patife nunca anda sem um lenço de bolso. Mas não é para esse facto que quero agora chamar a sua atenção. Essa tira não foi arrancada nem por falta de um lenço, nem com o fim suposto pelo *Commercial*. Prova-o o lenço de bolso deixado no bosque, e prova também que não foi para impedi-la de gritar o facto de a tira ter sido utilizada de preferência ao que teria servido melhor para o efeito. Mas a instrução, falando da tira em questão, diz que foi encontrada em torno do pescoço, amarrada de maneira a ficar muito larga, e presa por um nó. Estes termos são vagos, mas diferem materialmente dos do *Commercial*. A tira tinha uma largura de cerca de trinta centímetros e devia, dobrada e enrolada longitudinalmente, constituir uma corda suficientemente forte, apesar de ser de musselina. Eis a minha conclusão: o assassino solitário, tendo transportado o cadáver até uma certa distância — do bosque ou de qualquer outro local — servindo-se da

tira amarrada em torno da cintura, chegou à conclusão de que o peso transportado daquele modo, excedia as suas forças; há indícios que provam que um fardo foi arrastado. Para o fazer foi preciso amarrar qualquer coisa como uma corda a uma das extremidades. O ideal era amarrá-la em torno do pescoço, pois a cabeça impedi-la-ia de deslizar do laço. Nesse momento o assassino pensou evidentemente em servir-se da tira amarrada em torno dos rins. E tê-la-ia sem dúvida utilizado se não fosse o enrolamento dessa tira em torno do corpo, o nó que a prendia e o facto de não ter sido completamente arrancada ao vestido. Era mais fácil rasgar uma nova tira da saia. Rasgou-a, amarrou-a em torno do pescoço da vítima e serviu-se dela para arrastar o corpo até ao rio. Que esta tira, cujo mérito era o de estar imediatamente à mão, mas que não satisfazia perfeitamente o desígnio desejado, tenha sido utilizada, demonstra que a sua necessidade surgiu numa altura em que o assassino não estava em condições de reaver o lenço. Isto é, como supusemos, quando já tinha deixado o bosque... se na verdade foi o bosque... e se encontrava a meio caminho para o rio.

«Mas, dir-me-á, o depoimento da senhora Deluc designa expressamente um bando de patifes, que se encontrariam nas vizinhanças do bosque, na altura, ou por volta da altura do crime. Estou de acordo. Acredito até que havia uma dúzia de bandos como o que descreveu a senhora Deluc, à hora, ou por volta da hora, a que decorreu a tragédia. Mas o bando que atraiu sobre si a aversão especial da senhora Deluc, ainda que o depoimento desta última tenha sido um tanto ou quanto tardio e de algum modo suspeito, é o único designado por essa velha e honesta dama como tendo

comido os seus bolos e bebido a sua aguardente sem se dar ao incómodo de pagar. *Et hinc illae irae?*

«Mas quais são os termos precisos do depoimento da senhora Deluc? *Apareceu um bando de desavergonhados, fizeram uma balbúrdia infernal, comeram, beberam e saíram sem pagar, indo pelo mesmo caminho que tinham seguido a jovem e o homem, tendo regressado ao albergue ao cair da tarde e passado o rio a toda a pressa.*

«Ora, este *a toda a pressa* pode ter parecido mais apressado à senhora Deluc, que pensava, com dor e inquietação, nos seus bolos e na aguardente roubados, e pelos quais talvez tivesse alimentado, até ao último momento, uma leve esperança de compensação. Por outro lado, uma vez que se fazia tarde, porque deu ela tanta importância a essa pressa? Não é certamente surpreendente que um grupo, mesmo de patifes, queira regressar apressadamente, quando tem um rio a atravessar em barcos pequenos, perante a ameaça de uma tempestade e quando a noite se aproxima.

«Digo *aproxima*, pois a noite não tinha ainda caído completamente. Foi ao *fim da tarde* que a indecorosa precipitação dos *desavergonhados* ofendeu os castos olhos da senhora Deluc. Mas é-nos dito que nessa mesma noite a senhora Deluc, assim como o seu filho mais velho, *ouviram gritos de mulher nas proximidades do albergue*. E de que modo designa a senhora Deluc o instante em que ouviu esses gritos? Foi, diz ela, *pouco depois do cair da noite*. Mas, *pouco depois do cair da noite* é pelo menos noite, e *ao fim da tarde*, é ainda dia. Assim, é suficientemente claro que o bando atravessou o rio antes dos gritos ouvidos por acaso (?) pela senhora Deluc. E ainda que, nos numerosos relatos da

instrução, estas duas expressões distintas tenham sido citadas tal como eu as cito nesta conversa, nenhum jornal, nem nenhum dos falcões da Polícia, notou até ao momento a contradição que implicam.

«Só tenho mais um argumento a acrescentar contra o famoso bando; mas um argumento cujo peso é, pelo menos para a minha inteligência, irresistível. No caso de uma bela recompensa e de um perdão total oferecidos a qualquer cúmplice que deponha contra o cúmplice, não se pode supor por um instante sequer que um membro qualquer de um bando de vis malandros, ou de uma qualquer outra associação de homens, não tivesse há já muito tempo traído os seus companheiros. Cada indivíduo desse bando nem está até tão desejoso de receber a recompensa, ou tão desejoso de escapar, *como aterrado pela ideia de uma possível traição*. E trai imediatamente, para não ser ele o traído. O facto de o segredo não ter sido revelado é, em suma, a melhor das provas de que se trata realmente de um segredo. Os horrores deste tenebroso caso só são conhecidos por um ou dois seres humanos, e por Deus.

«Reunamos agora os factos — mesquinhos, é verdade, mas positivos — da nossa longa análise. Chegámos à convicção, seja de um acidente fatal em casa da senhora Deluc, seja de um crime cometido no bosque da barreira do Roule, por um amante ou, pelo menos, por um amigo íntimo e secreto da defunta. Esse amigo tem uma tez bronzeada. Essa tez, o nó da tira enrolada em torno da cintura e o nó das tiras do chapéu da defunta, apontam para um homem do mar. A camaradagem com a defunta, jovem um pouco leviana, é verdade, mas não abjeta, denuncia-o como homem de

posto superior ao de simples marujo. Ora, as cartas urgentes, enviadas aos jornais, muito bem escritas, servem para reforçar a nossa hipótese. O facto de uma escapada anterior, revelada pelo *Mercure*, leva-nos a fundir no mesmo indivíduo o marinheiro e o oficial de marinha, já conhecido por ter induzido a infeliz em falta.

«E aqui, muito oportunamente, apresenta-se uma outra consideração, a que se relaciona com a ausência prolongada desse indivíduo de pele bronzeada. Insistamos na pele deste homem, escura e bronzeada; uma pele levemente bronzeada não poderia ter constituído o único ponto comum nas recordações de Valence e da senhora Deluc. Mas por que está este homem ausente? Foi assassinado pelo bando? Se foi, por que se encontravam *só* rastros da jovem? O teatro dos dois assassinios deve ser o mesmo. E ele, o cadáver dele, onde está? Os assassinos teriam provavelmente feito desaparecer os dois da mesma maneira. Não, pode-se afirmar que o homem está vivo e que o que o impede de dar-se a conhecer é o temor de ser acusado do crime. Só agora, decorrido tanto tempo, podemos supor esta consideração agindo fortemente sobre ele... uma vez que uma testemunha afirma tê-lo visto com Marie. Mas esse temor não teria qualquer influência na altura do crime. O primeiro impulso de um inocente seria denunciar o atentado e ajudar a encontrar os malfeitores. O seu próprio interesse aconselhá-lo-ia a fazê-lo. Foi visto com a jovem, atravessou o rio com ela, num barco descoberto. A denúncia dos assassinos teria parecido, mesmo a um idiota, como o meio mais seguro, como o único meio de escapar ele próprio às suspeitas. Não podemos supô-lo, nessa noite fatal, simultaneamente inocente e ignorante do atentado. No entanto, só nessas circunstâncias impossíveis

poderíamos compreender que, vivo, tenha faltado ao dever de denunciar os criminosos.

«E que meios possuímos para chegar à verdade? Veremos esses meios multiplicarem-se e tornarem-se mais distintos à medida que avançarmos. Passemos a crivo essa velha história de uma primeira fuga. Tomemos conhecimento de toda a história desse oficial, assim como das circunstâncias atuais que o rodeiam e dos locais onde se encontrava na época precisa do assassinio. Comparemos cuidadosamente as diversas comunicações enviadas ao jornal, tendo como objetivo incriminar um bando. Feito isto, comparemos essas comunicações, tendo em conta o estilo, com as que foram enviadas numa época anterior a um outro jornal, e insistindo tão fortemente na culpabilidade de Mennais. Depois, comparemos novamente essas comunicações com a caligrafia do oficial. Tentemos obter, através de um interrogatório mais minucioso à senhora Deluc e aos seus filhos, e também a Valence, condutor de ônibus, qualquer coisa de mais preciso sobre a aparência física do *homem de pele bronzeada*. Perguntas habilmente dirigidas tirarão com toda a certeza de qualquer destas testemunhas informações sobre este ponto particular — ou sobre outros — informações que as testemunhas possuem sem que talvez elas próprias o saibam. E depois sigamos o rasto desse barco recolhido pelo bateleiro na manhã de segunda-feira, dia 23 de junho, e que desapareceu da delegação sem que o oficial de serviço desse por isso, e *sem leme*, numa época anterior à da descoberta do cadáver. Com cuidado, com uma perseverança conveniente, seguiremos infalivelmente esse barco, pois não só o bateleiro que o encontrou pode reconhecê-lo, como também dispomos do leme que

lhe pertence. Não é possível que, quem quer que seja, de coração alegre e sem fazer perguntas, tenha abandonado o leme de um barco à vela. Não houve anúncio público referente à descoberta desse barco. Foi silenciosamente levado para a delegação e silenciosamente voltou a desaparecer. Mas como é possível que o proprietário do barco tenha podido, sem anúncio público, numa época tão aproximada como a manhã de terça-feira, saber onde estava amarrada a embarcação encontrada à deriva na manhã de segunda-feira, a menos que o julgemos em comunicação com a Marinha, numa relação pessoal e permanente, implicando o conhecimento dos mais pequenos interesses e das mais pequenas notícias locais?

«Ao falar do assassino solitário arrastando o seu fardo para o rio, já disse que deve ter tido necessidade de servir-se de um barco. Compreendemos agora que Marie Roget deve ter sido lançada à água de bordo de um barco. A coisa, muito naturalmente, passou-se dessa maneira. O cadáver não deve ter sido confiado às águas baixas do rio. As marcas encontradas nas costas e nos ombros da vítima revelam as escoriações provocadas pelo fundo de um barco. O facto de o corpo ter sido encontrado sem um peso só vem corroborar a nossa ideia. Se tivesse sido lançado da margem, ter-se-ia certamente tomado a precaução de lastrá-lo. Só podemos explicar a ausência de um lastro supondo que o assassino se esqueceu de arranjar um antes de fazer-se ao largo. No momento de confiar o cadáver ao rio, deve certamente ter-se apercebido do seu esquecimento, mas não tinha à mão com que remediá-lo. Preferiu arriscar tudo a voltar à margem maldita. Uma vez desembaraçado da fúnebre carga, o assassino apressou-se a

regressar à cidade. Então, em qualquer cais obscuro, pôs pé em terra. Mas o barco, tê-lo-á posto em segurança? Estava demasiado apressado para pensai em tal ninharia! E até, amarrando-o ao cais, estaria, na sua ideia, a deixar uma prova contra si mesmo; o seu pensamento mais natural era afastar para longe de si, o mais longe possível, tudo o que tivesse qualquer relação com o crime. Não só deve ter fugido para longe do cais, como não deve ter consentido ao barco que lá ficasse. Com toda a certeza, deixou-o à deriva.

«Prossigamos o nosso pensamento... Na manhã seguinte, o miserável fica aterrorizado ao ver que o barco foi encontrado e está amarrado junto a um local onde talvez seja forçado pelo dever a dirigir-se frequentemente. Na noite seguinte, *sem ousar reclamar o leme*, faz desaparecer a embarcação. Onde está agora esse barco sem leme? Vamos a descobri-lo, e que seja essa uma das nossas primeiras investigações. Esse barco conduzir-nos-á, com uma rapidez que nos espantará a nós próprios, ao homem que dele se serviu na fatal noite de domingo. A confirmação acrescentar-se-á à confirmação e seguiremos a pista desse homem.»

Por motivos que não especificaremos, mas que saltam aos olhos dos nossos numerosos leitores, permitimo-nos suprimir aqui, no manuscrito que nos foi entregue, a parte onde se encontra pormenorizada a investigação levada a cabo com base no indício, aparentemente tão ligeiro, descoberto por Dupin. Julgamos que bastará dizer que o resultado desejado foi obtido, e que o prefeito cumpriu escrupulosamente, embora não sem repugnância, os termos do seu contrato com o meu amigo.

O artigo do senhor Poe conclui nestes termos:

Compreender-se-á que falo de simples coincidências e de *nada mais*. O que já disse a este respeito deve bastar. Não há no meu coração qualquer espécie de fé no sobrenatural. Que a Natureza e Deus fazem dois, nenhum homem no seu perfeito juízo negará. Que o último, tendo criado a primeira, possa, à Sua vontade, governá-la ou modificá-la, é igualmente incontestável. Digo: *à Sua vontade*, pois é uma questão de vontade, e não de poder, como supuseram absurdos lógicos. Não é que a Divindade *não possa* modificar as Suas leis, mas não A insultemos imaginando uma necessidade possível de modificação. Essas leis foram feitas, desde a origem, para abarcar *Iodas* as contingências que possam estar escondidas no *futuro*. Porque para Deus tudo é *presente*.

Repito, pois, que falo destas coisas simplesmente como de coincidências. Algumas palavras ainda. Encontrar-se-á na minha narrativa com que estabelecer um paralelo entre a sorte da infortunada Mary Cecilia Rogers, pelo menos na medida em que a sua sorte é conhecida, e a de uma tal Marie Roget, até uma dada época da sua história... paralelo de que a minuciosa e surpreendente exatidão é feita para embaraçar a razão. Sim, tudo isso saltará aos olhos. Mas que não se suponha por um só instante que, prosseguindo a triste história de Marie a partir do ponto em questão e seguindo até ao *desenlace* todo o mistério que a envolvia, eu tenha tido o desígnio secreto de sugerir uma extensão do paralelo ou sequer insinuar que as medidas tomadas em Paris para descobrir o assassino de uma caixeira ou que medidas baseadas num método de raciocínio análogo produziram um resultado análogo.

Pois, relativamente à última parte da suposição, deve considerar-se que a mais pequena variação nos elementos dos dois problemas poderia engendrar os mais graves erros de cálculo, fazendo divergir as duas correntes de acontecimentos, aproximadamente da mesma maneira que, em aritmética, um erro, que por si só parece irrisório, pode produzir mais tarde, pela força acumulativa da multiplicação, um resultado assustadoramente distante da verdade.

E, quanto à primeira parte, não devemos esquecer que esse mesmo cálculo das probabilidades, que já invoquei, proíbe toda e qualquer ideia de extensão do paralelo... proíbe-a com um rigor tanto mais imperioso quanto esse paralelo já foi mais extenso e mais exato. Eis uma afirmação anormal que, embora pareça saída do domínio do pensamento geral (o pensamento estranho às matemáticas), só foi até agora bem compreendida pelos matemáticos. Nada, por exemplo, é mais difícil do que convencer o leitor não especialista de que, se um jogador de dados conseguiu tirar os dois seis duas vezes seguidas, o facto é uma razão suficiente para apostar forte em como à terceira vez não sairão os dois seis. Uma opinião deste género é geralmente rejeitada pela inteligência. Não se compreende de que modo possam as duas jogadas já feitas, e já completamente perdidas no passado, influenciar uma jogada que ainda só existe no futuro. A probabilidade de tirar os dois seis parece igual à que havia em qualquer outro momento do jogo — isto é: exclusivamente submetida à influência das variadíssimas incógnitas do rolar de um par de dados.

E é uma reflexão que parece tão evidente que todo e qualquer esforço para contradizê-la é na maioria das vezes acolhido com um sorriso trocista, ou por uma condescendência atenciosa. O erro em questão, grande erro, cheio por vezes de consequências, não pode ser criticado dentro dos limites que aqui me são impostos, e para os filósofos não tem necessidade de sê-lo. Basta dizer que faz parte de uma série infinita de enganos em que a Razão tropeça no seu caminho, devido à infeliz propensão para procurar a verdade *no pormenor*.

O Gato Preto

Título original: *The Black Cat*

Publicado em 1843

Para a abstrusa, conquanto singelíssima narrativa que vou escrever, não espero nem solicito crédito. Doido seria eu se o esperasse, num caso em que os meus próprios sentidos repudiam a sua própria evidência. Contudo — doido é que eu não estou — e tenho a certeza de que não estou sonhando. Mas morro amanhã, e quero hoje descarregar a minha consciência.

O meu fito imediato é colocar diante do mundo, singelamente, sucintamente, e sem comentários, uma série de meros episódios domésticos. Nas suas consequências estes episódios aterrorizaram-me — torturaram-me — aniquilaram-me. Não tentarei, porém, expô-los. A mim apenas um certo horror infundiram — a muitos parecerão menos terríveis do que *barocos*. Mais tarde, talvez apareça alguma inteligência que reduza o meu fantasma as humildes proporções de uma banalidade — alguma inteligência mais calma, mais lógica e muito menos excitável do que a minha, que nas circunstâncias que eu, horrorizado, pormenorizo, nada mais verá do que uma sucessão ordinária de naturalíssimas causas e efeitos...

Desde a minha infância que eu era apreciado pela docilidade e lhaneza da minha índole. Tão bom era o meu coração, que até muitas vezes os meus companheiros faziam de mim o seu brinquedo.

Tinha uma particular afeição pelos animais, e os meus pais permitiam-me possuir uma grande variedade dos que eu mais apreciava, e com estes passava a maior parte do tempo, nunca me sentindo tão feliz como quando lhes dava de comer ou os acarinhava. Esta peculiaridade de carácter intensificou-se com a idade; e, quando cheguei a homem, era dela que eu auferia uma das minhas principais fontes de prazer.

Aqueles que nutriram uma afeição profunda por um cão fiel e atilado, quase me dispensam do incómodo de explicar a natureza ou a intensidade do prazer que eu experimentava. Há alguma coisa na abnegação e no desinteressado amor de um animal que profundamente cala no coração daquele que teve frequentes ocasiões de apreciar a fútil amizade e a fugaz fidelidade do que se chama *Homem*.

Casei cedo, e tive a dita de encontrar em minha mulher um feitio adequado ao meu. Observando a minha predileção pelos animais domésticos, não perdia ensejo de adquirir os mais bonitos e interessantes. Tínhamos pássaros, peixes dourados, um belo cão, coelhos, um macaquinho e um *gato*.

Este era um corpulento e belo animal, inteiramente preto, e extraordinariamente inteligente. Falando da sua inteligência, minha mulher, que, no íntimo, tinha o seu quê de supersticiosa, aludia frequentemente à antiga crença popular que considerava todos os gatos pretos como bruxas disfarçadas. Não quero dizer que ela afirmasse isto *a sério*, mas, se menciono o facto, é pela única razão de que vem precisamente a propósito o recordá-lo.

Plutão — assim se chamava o gato — era o meu companheiro predileto. Só eu é que lhe dava de comer, e ele acompanhava-me

sempre por toda as dependências da casa. Era até com grande dificuldade que eu o podia impedir de me seguir na rua.

A nossa amizade durou assim uns poucos de anos, até que o meu feitio geral e o meu caráter começaram — devido à ação do Demónio Intemperança — a sofrer (coro ao confessá-lo) uma radical alteração para pior. Tornei-me, dia após dia, mais quezilento, mais irritável, mais desdenhoso dos sentimentos alheios. Permitia-me até usar de palavras desabridas para com minha mulher. Por fim, até cheguei à violência corporal. Os animais meus prediletos tiveram também, é claro, de sentir a mudança do meu temperamento. Não só os desprezei, mas até os maltratei. O Plutão, porém, ainda eu me coibia de o maltratar, mas nos coelhos, no macaco ou mesmo no cão nenhum escrúpulo tinha em bater, quando, por acaso, ou pela sua afeição por mim, se me atravessavam no caminho. Mas a minha doença ia-se agravando — pois que doença há comparável ao Álcool? — até que por fim o próprio Plutão, que com os anos estava já um tanto rabugento — o próprio Plutão começou a sentir os efeitos do meu mau gênio.

Uma noite, recolhendo a casa muito intoxicado pelo álcool, pareceu-me que o gato evitava a minha presença. Agarrei-o; mas, no susto que lhe causou a minha violência, mordeu-me levemente a mão. Apoderou-se de mim, num relance, uma fúria demoníaca. Nem eu mesmo me conhecia já. A minha alma parecia ter já abandonado o meu corpo, e uma maldade ultrademoníaca, alimentada a álcool, impregnava cada fibra do meu ser. Tirei do bolso do colete um canivete, abri-o, agarrei o pobre bicho pela garganta, e, resolutamente, cortei-lhe um olho, arranquei-lho da órbita! Coro, ardo, tremo, ao descrever a abominável atrocidade.

Quando, de manhã, recobrei a razão — depois de o sono haver dissipado os fumos da orgia noturna — experimentei um sentimento, meio de horror, meio de remorso, pelo crime que perpetrara; mas era, na melhor das hipóteses, um sentimento frouxo e equívoco, e a alma mantinha-se indiferente. Atasquei-me de novo nos excessos, e não tardei a afogar em vinho toda a lembrança do ocorrido.

Entrementes, o gato foi-se lentamente restabelecendo. A órbita do olho perdido apresentava, é certo, um aspeto horrendo, mas o bicho parecia já não sofrer. Andava pela casa como de costume, mas, como era de esperar, fugia, espavorido, sempre que eu me aproximava. Restava-me ainda tanto do meu velho coração, que a princípio me magoava esta evidente aversão da parte de um ser que outrora tão meu afeiçoado se mostrara. Este sentimento, porém, depressa cedeu o lugar à irritação. E então surgiu, como que para meu final e irrevogável descalabro, o espírito da perversidade.

À filosofia não interessa este espírito. Todavia, eu não estou mais certo de que a minha alma existe, do que o estou de que essa perversidade é um dos primitivos impulsos do coração humano — uma das indivisíveis faculdades primárias, ou sentimentos, que orientam e dirigem o caráter do Homem. Quem, mil vezes, se não encontrou a cometer uma torpeza ou uma estupidez, sem outra razão do que a de saber que *não* devia fazer tal coisa? Não temos nós uma perpétua tendência para violar aquilo que é *Lei*, simplesmente porque entendemos que é lei? Foi este espírito de perversidade, como ia dizendo, que veio apressar a minha derrocada final. Foi esta insondável ansiedade da alma de se

molestar a si própria — de violentar a sua própria natureza — de fazer mal somente pelo prazer de fazer mal — que me instigou a prosseguir e finalmente a consumir a série de maldades que eu vinha infligindo ao inofensivo animal.

Uma manhã, a sangue frio, enfiei-lhe o pescoço num laço e enforquei-o no galho de uma árvore; — enforquei-o com as lágrimas a correrem-me dos olhos e com o mais acerbo remorso no coração; — enforquei-o, *porque* sabia que ele fora meu amigo e *porque* sentia que ele nenhum motivo me dera para o maltratar; enforquei-o *porque* sabia que, fazendo-o, cometia um pecado — um pecado mortal que arriscaria tanto a minha alma como se eu a colocara, se tal fosse possível, para além do alcance da infinita mercê do misericordiosíssimo e terribilíssimo Deus.

Na noite do dia em que perpetrei esta cruel façanha, fui acordado do sono pelo grito de fogo. Estavam em chamas os cortinados da minha cama. Toda a casa estava a arder. Foi com grande dificuldade que eu, minha mulher e uma criada nos conseguimos salvar. Foi completa a destruição. Perdi todos os meus haveres e abandonei-me, daí em diante, ao desespero.

Conservo-me superior à fraqueza de procurar estabelecer uma sequência de causa e efeito, entre o desastre e a atrocidade. Mas estou pormenorizando uma cadeia de factos e não quero que fique um só elo imperfeito.

No dia imediato ao incêndio, visitei as ruínas. Das paredes só uma ficara de pé. Era uma parede interior, não muito espessa, que ficava a meio da casa, e à qual estava encostada a cabeceira da minha cama. A cal resistira aí, numa grande extensão, à ação do fogo, o que eu atribuí ao facto de a parede haver sido caiada

recentemente. Em roda desta parede aglomerava-se uma densa multidão, e muitas pessoas pareciam estar examinando um certo pedaço dela com minuciosa e ávida atenção. As palavras «estranho!» «singular!» e outras expressões similares excitaram grandemente a minha curiosidade. Aproximei-me, e vi, como que gravada em baixo-relevo sobre a superfície branca da parede, a figura de um gigantesco *gato*. O desenho era de uma perfeição deveras maravilhosa. Em volta do pescoço do animal estava atada uma corda.

Quando dei com os olhos nesta aparição, atingi o auge do pasmo e do terror. Mas, por fim, veio a reflexão em meu auxílio. O gato, lembrei-me, fora enforcado num jardim adjacente à casa. Ao ser dado o alarme de fogo, este jardim fora imediatamente invadido pela multidão, e uma pessoa qualquer decerto cortara da árvore o animal e atirara-o, por uma janela aberta, para dentro do meu quarto. Provavelmente isto fora feito com o fim de me acordar. As paredes, desmoronando-se, comprimiram a vítima da minha crueldade contra a cal recente; esta, as chamas e o amoníaco do cadáver completaram a imagem que tanto espanto suscitava.

Embora à minha inteligência eu apresentasse estas razões, que, aliás, não satisfaziam cabalmente a minha consciência, o facto é que o portentoso caso não deixou de impressionar profundamente a minha imaginação. Durante meses não pude ver-me livre do fantasma do gato; e, durante este período, voltou-me ao espírito um semissentimento que me pareceu, mas não era, remorso. Cheguei a lastimar a perda do animal e a procurar em roda de mim, por entre os torpes lugares que eu agora costumava frequentar,

outro bicho da mesma espécie e um tanto ou quanto parecido com ele para suprir a sua falta.

Uma noite, estando eu sentado, meio amodorrado, num antro ultrainfame, foi a minha atenção de chofre atraída para um objeto preto, pousado em cima de uma das imensas pipas de aguardente ou de rum que constituíam o principal mobiliário da casa. Tinha já estado a olhar atentamente para aquela pipa, durante alguns minutos, e o que me surpreendia agora era o eu não ter mais cedo visto ali aquele objeto. Aproximei-me e apalpei-o: era um gato preto, um gato enorme, do tamanho do Plutão e que dele só num ponto diferia: o Plutão não tinha em todo o corpo um só pelo branco; este, porém, tinha uma grande malha branca, de contornos indefinidos, que lhe cobria quase todo o peito.

Mal o toquei, o gato levantou-se imediatamente, rosnou com força, roçou-se pela minha mão e deu mostras de satisfação por se ver alvo das minhas atenções. Era este, enfim, o bicho que eu andava procurando.

Pedi imediatamente ao dono que mo vendesse; mas este nada quis pelo animal — pois não sabia donde viera, nunca o tinha visto...

Continuei a afagá-lo; e, quando ia a retirar-me, o bichano mostrou-se disposto a acompanhar-me. Permiti-lhe que o fizesse, e de vez em quando, pelo caminho, baixava-me e dava-lhe umas palmaditas. Quando chegou a casa, familiarizou-se imediatamente, e dentro em pouco minha mulher tinha por ele uma especial predileção.

Quanto a mim, devo confessar que daí a pouco comecei a sentir uma crescente antipatia por aquele animal. Era precisamente

o inverso do que eu previra; mas — não sei como ou porque foi — a sua evidente afeição por mim aborrecia-me e enojava-me. A pouco e pouco estes sentimentos de aborrecimento e nojo foram-se transformando no azedume do ódio, Evitava o animal; e evitava-o, porque um certo sentimento de vergonha e a recordação da minha crueldade para com o outro, me inibiam de lhe fazer mal. Passaram-se semanas sem que eu lhe batesse ou de qualquer modo o maltratasse; mas a pouco e pouco — a pouco e pouco — comecei a encará-lo com uma repugnância inexprimível e a fugir silenciosamente da sua odiosa presença, como do bafo de um pestífero.

O que, sem dúvida, mais fez com que eu odiasse o animal foi o ter descoberto, na manhã seguinte à sua vinda para minha casa, que, como ao Plutão, também lhe faltava um olho.

Esta circunstância, porém, fez com que minha mulher lhe consagrasse maior estima, pois ela, como já disse, possuía, num alto grau, essa humanidade de sentimento que fora em tempo o meu característico apanágio, e o manancial de que brotavam muitos dos meus mais simples e mais puros prazeres.

Com a minha aversão por este gato, porém, parecia aumentar a sua simpatia por mim. Seguia os meus passos com uma pertinácia que o leitor teria dificuldade em compreender. Todas as vezes que eu me sentava, deitava-se por baixo da minha cadeira, ou saltava-me para os joelhos, cobrindo-me das suas repugnantes carícias. Se me levantava, metia-se-me entre os pés e seguia-me assim para onde quer que eu dirigisse os meus passos, ou, então, fincava-me à roupa as compridas e aguçadas garras e trepava-me até o peito. Nessas ocasiões, eu ardia na ânsia de o matar com um murro, mas

retinha-me de o fazer, já pela recordação do meu crime anterior, já, e principalmente — deixem-me imediatamente confessá-lo — por um absoluto medo do animal.

Este medo não era precisamente medo de mal físico — e, no entanto, eu sentir-me-ia embaraçado para doutro modo o definir. Quase me envergonho de o confessar — mesmo, nesta cela da cadeia, eu quase me envergonho de o confessar— que o medo e o horror que o animal me infundira foram exacerbados por uma das quimeras mais banais que seria possível conceber. Minha mulher muitas vezes me chamou a atenção para a malha branca de que falei e que constituía a única diferença visível entre o estranho animal e o que eu matara. O leitor há de lembrar-se de que esta malha, apesar de grande, era indefinida no seu contorno; mas, por transições muito lentas — transições quase impercetíveis e que por muito tempo a minha Razão se esforçara por repelir como fantasiosas — assumira finalmente uma forma rigorosamente nítida. Era agora a representação de um objeto que eu não posso nomear sem estremecer — e era por este motivo, mais que por qualquer outro, que eu execrava e temia o monstro e dele me teria desfeito, *se o tivesse ousado* — era agora, dizia eu, a imagem de uma coisa hedionda — de uma coisa tétrica — da *Forca!* — Ó lúgubre e terrível engenho de Horror e de Crime — de Agonia e de Morte!

Era agora eu o mais miserável dos miseráveis! E um *bruto animal* — cujo semelhante eu vilmente assassinara — *um bruto animal* a torturar-me — a mim, homem feito à imagem e semelhança de Deus — a torturar-me com as angústias mais inoportáveis! Ai de mim! Nem de dia nem de noite eu conheci

mais a ventura do descanso! De dia o monstro não me deixava um momento só; de noite, acordava hora a hora de sonhos de indizível pavor, em que recebia na cara o bafo quente do bicho e sentia o seu enorme peso — um terrível pesadelo que eu não tinha força para sacudir — esmagando-me eternamente o coração!

Sob a pressão de tais tormentos, os débeis restos de bondade que ainda havia dentro de mim não tardaram a sucumbir. Os pensamentos ruins tornaram-se os meus únicos íntimos — os mais negros e os mais ruins dos pensamentos. Passei a odiar todos os seres e toda a humanidade; enquanto, dos súbitos, amiudados e indomáveis acessos de fúria a que eu agora cegamente me abandonava, era a minha resignada esposa, ai de mim!, a mais frequente e a mais paciente das vítimas.

Um dia acompanhou-me, por qualquer necessidade doméstica, ao subterrâneo do velho prédio que a nossa pobreza nos obrigava a habitar. O gato desceu comigo as escadas e, como me fizesse tropeçar, exasperou-me até a loucura. Agarrando num machado, esquecendo na minha cólera o pueril medo que até aí me detivera a mão, visei o animal e vibrei uma machadada, que o teria morto instantaneamente, se o machado tivesse obedecido ao meu desejo. Mas o golpe foi sustido pela mão de minha mulher. No auge de uma cólera mais que demoníaca, desenvencilhei dela o braço e cravei-lhe o machado no crânio. Caiu morta imediatamente, sem um gemido.

Consumado este horroroso assassinio, apliquei-me, com toda a decisão, à tarefa de esconder o cadáver. Sabia que não podia retirá-lo de casa, nem de dia nem de noite, sem correr o risco de ser visto pelos vizinhos. Atravessaram-me o cérebro muitos

projetos. Uma vez pensava em retalhar o cadáver em pequenos fragmentos e destruí-los pelo fogo. Outras vezes, resolvia abrir uma cova no chão do subterrâneo. Outras, decidia escondê-lo no poço do pátio; outras ainda, achava que o melhor era metê-lo numa caixa com outras coisas, e mandá-la por um carregão para longe de casa. Finalmente decidi-me pela solução que se me afigurou a melhor de todas — emparedar o cadáver, como se conta que faziam os monges da Idade Média às suas vítimas.

Para isto era magnífico o subterrâneo. As suas paredes eram de tijolos e haviam sido pouco antes revestidas de cal grosseira, que a humidade da atmosfera não deixara endurecer. Além disso, numa das paredes havia um falso, restos antigos de uma chaminé ou de um fogão, que fora depois revestido de maneira a ficar igual ao resto do compartimento. Certifiquei-me de que podia prontamente deslocar neste sítio os tijolos, esconder o cadáver e tapar a parede, de maneira a ninguém poder enxergar o mínimo vestígio suspeito.

E não me enganei neste cálculo. Por meio de uma alavanca de ferro, facilmente removi os tijolos; e, tendo cuidadosamente depositado o cadáver de encontro à parede interior, finquei-o nessa posição, enquanto, sem grande trabalho, pus de novo tudo tal qual anteriormente se encontrava. Com todas as precauções possíveis, arranjei cal e areia e apliquei sobre os tijolos uma camada, que não poderia facilmente distinguir-se da velha. Terminada a minha tarefa, senti-me satisfeito ao verificar que tudo estava nos devidos termos. A parede não apresentava o mais leve vestígio de haver sido bulida. Apanhei com o maior cuidado os detritos que caíram ao chão. Olhei triunfantemente em roda de mim e exclamei:

— Até que enfim! não foi em vão o meu trabalho!

O meu primeiro cuidado foi, depois, procurar o animal que fora causa de tanta malvadez; pois resolvera, finalmente, matá-lo. Se tivesse podido apanhá-lo naquele momento, nenhuma dúvida poderia haver sobre a sua sorte, mas parecia que o astuto bicho, alarmado com a violência da minha fúria, evitava agora a minha presença. É impossível descrever ou imaginar a profunda, a abençoada sensação de alívio que na minha alma causou a ausência do detestado animal. Passou a noite toda sem aparecer; e, assim, por uma noite, pelo menos, desde que o trouxe para casa, eu dormi profunda e tranquilamente — sim, *dormi*, mesmo com um assassinio a pesar-me na alma!

Passaram-se mais dois dias, e o meu algoz não apareceu. Respirei como um homem livre.

O monstro, aterrado, fugira de casa para sempre! Nunca mais o veria! A minha felicidade era suprema! O meu negro feito pouco me inquietava. Havia sido feitas umas investigações, mas a todas respondi com presteza. Tinham até feito uma busca; mas é claro que nada descobriram. Considerava assegurada a minha felicidade futura.

No quarto dia depois do crime, entraram-me inesperadamente em casa uns polícias e procederam a uma nova busca em toda a casa. Certo, porém, da impenetrabilidade do meu segredo, eu nenhuma espécie de receio sentia. Os polícias pediram-me que os acompanhasse na busca. Não deixaram recanto algum por explorar. Por fim, pela terceira ou quarta vez, desceram ao subterrâneo. Nem um músculo me tremeu. O coração batia-me serenamente, como bate o do inocente que dorme.

Percorri o subterrâneo de lés a lés. Cruzei os braços sobre o peito e pus-me a passear, tranquilamente, de um lado para outro. Os polícias mostravam-se absolutamente satisfeitos e dispunham-se a retirar-se. O júbilo do meu coração era forte demais para poder ser reprimido. Ardia na ânsia de dizer uma palavra só que fosse, uma palavra de triunfo, que lhes duplicasse a certeza da minha inocência.

— Senhores, disse, finalmente, quando os polícias subiam as escadas, tenho muito prazer em ter destruído as suas suspeitas. Desejo-lhes saúde e um bocadinho mais de cortesia. A propósito, cavalheiros, isto — isto é que é uma casa bem construída! (No desvairado desejo de dizer alguma coisa, eu mal sabia o que dizia.) Permitam-me dizer-lhes que é uma casa *excelentemente* construída. Vejam estas paredes — são de uma solidez a toda a prova!

Ao proferir estas palavras, por mero frenesi de bravata, bati fortemente com uma bengala que tinha na mão, no sítio da parede onde estava oculto o cadáver da esposa da minha alma.

Mas Deus me proteja e me livre das garras do Demónio! Ainda bem se não tinha apagado o eco das pancadas, quando ouvi uma voz oriunda do túmulo! — um grito, a princípio abafado e entrecortado, como soluçar de criança, e depois engrossando e dilatando-se até se transformar num berro longo, retumbante, absolutamente anómalo e inumano — um uivo — um grito ululante, misto de horror e de triunfo, como só do Inferno poderia sair, simultaneamente, das gargantas dos réprobos na sua agonia e dos demónios que exultam com os sofrimentos das suas vítimas.

Loucura seria falar dos meus sentimentos. Desmaiei e caí de encontro à parede. Por uns momentos, os polícias quedaram-se imóveis, nas escadas, no auge do terror e do assombro. Passados esses momentos, em que a surpresa os paralisara, doze braços vigorosos atiraram-se à cal da parede. Caiu logo toda de uma vez. O cadáver, já muito decomposto e coalhado de sangue, surgiu, de pé, ante os olhos atónitos dos espectadores. Empoleirado sobre a sua cabeça, com a boca rubra distendida e o olho único faiscante, estava o hediondo animal, cuja manha me levara ao assassínio e cuja voz denunciante me entregava às mãos do carrasco!...

Havia entaipado o monstro dentro do túmulo da minha mulher!

A Carta Roubada

Título original: *The Purloined Letter*

Publicado em 1844

Em 18... encontrava-me em Paris. Após uma sombria e tempestuosa tarde de outono, gozava a dupla voluptuosidade da meditação e de um cachimbo de espuma, na companhia do meu amigo Dupin, na sua pequena biblioteca ou gabinete de estudo, no número 33 da Rua Dunot, terceiro andar, no bairro de Saint-Germain. Durante mais de uma hora tínhamo-nos mantido em profundo silêncio, e qualquer observador não acreditaria que havíamos estado profunda e exclusivamente absorvidos na contemplação das irregulares espirais de fumo que enchiam a divisão. Por meu lado, discutia comigo mesmo certos pontos que, durante a primeira parte do serão tinham sido o tema da nossa conversa, isto é, os crimes da Rua Morgue e o mistério referente ao assassinio de Marie Roget. Estava eu a pensar na estranha semelhança que existia entre os dois crimes quando a porta se abriu para dar passagem ao nosso velho amigo G..., prefeito da Polícia.

Saudámo-lo cordialmente, porque aquele homem tinha o seu lado bom e o seu lado mau, e já não o víamos há alguns anos. Como nos encontrávamos quase completamente às escuras, Dupin levantou-se para acender um candeeiro. No entanto, sentou-se prontamente, sem fazer mais nenhum gesto, ao ouvir o senhor G...

dizer que tinha ido consultar-nos ou, melhor, pedir a opinião do meu amigo acerca de um assunto que o trazia muito preocupado.

— Se é um caso que exige reflexão — observou Dupin sem acender a luz — é melhor examiná-lo nas trevas.

— Aí está uma ideia extravagante — volveu o prefeito, que tinha a mania de chamar extravagâncias a todas as coisas que ficavam além da sua compreensão, o que o levava, certamente, a viver no meio de uma enorme legião de extravagâncias.

— É verdade — concordou Dupin, estendendo um cachimbo na direção do visitante e oferecendo-lhe uma cómoda poltrona.

— Bem, quer agora explicar-nos qual é esse assunto difícil? — perguntei. — Espero que não seja outro assassínio...

— Oh, não! Nada disso. O caso é muito simples e não duvido que pudéssemos resolver o problema, mas pensei que não desagradaria a Dupin conhecer os pormenores deste assunto, precisamente porque é extremamente *estranho*.

— Simples e estranho — disse Dupin.

— Isso mesmo. No entanto, a expressão não é exata: se preferir, pode escolher uma ou ambas as definições. O certo é que o caso traz-nos preocupados e inseguros, porque, apesar da sua simplicidade, estamos completamente desorientados.

— Talvez seja a própria simplicidade que os desorienta — replicou o meu amigo.

— Que contrassenso! — exclamou o prefeito, rindo a bom rir.

— Pode ser que o mistério seja *demasiado* claro — disse Dupin.

— Deus do Céu! Quem é que já ouviu dizer uma coisa, dessas?

— *Demasiado* evidente!

— Ah! ah! ah! — riu o nosso visitante, que sem dúvida se sentia muito divertido. — Oh, meu caro Dupin, ainda me faz morrer de riso!

— Mas, afinal, do que se trata?

— Eu já conto — respondeu o prefeito, lançando uma baforada de fumo e instalando-se melhor na poltrona. — Direi tudo em poucas palavras, mas, antes de começar, permita-me que o avise de que o caso requer o maior sigilo, e eu perderia provavelmente o meu lugar se soubessem que eu tinha confiado o segredo a alguém.

— Comece — incitei-o.

— Ou não comece — disse Dupin.

— Está bem, começo. Segundo informação que me deram pessoalmente, e proveniente de altas esferas, um documento da maior importância foi subtraído dos aposentos reais. Sabe-se quem é o indivíduo que o roubou, isto não oferece dúvidas, pois viram-no apoderar-se dele. Também podemos afirmar que o documento continua em seu poder.

— Como sabe disso?

— Deduziu-se claramente da natureza do documento e da ausência de certos resultados que se produziriam imediatamente se o papel saísse das mãos do ladrão. Por outras palavras: se fosse empregado para alcançar o objetivo que o indivíduo se propunha, evidentemente, alcançar.

— Quer ser um pouco mais explícito? — pedi.

— Pois bem, direi que esse papel confere ao seu possuidor certo poder num lugar onde qualquer influência é extraordinária. — O prefeito adorava este palavreado com um certo saber a intriga diplomática.

— Continuo a não perceber nada — declarou Dupin.

— Absolutamente nada? Então... Se este documento fosse revelado a uma terceira pessoa, cujo nome não direi, poria em situação embaraçosa uma pessoa da mais elevada posição. E é isto que dá ao detentor desse documento um ascendente sobre a ilustre pessoa cuja honra e segurança se encontram desta maneira em perigo.

— Mas esse ascendente — interrompi — depende disto: o ladrão sabe que a pessoa roubada sabe quem foi que cometeu o roubo? Quem se atreveria...?

— O ladrão — explicou G... — é D..., que se atreve a tudo o que é indigno de um homem, mas muito digno dele. O procedimento que utilizou no roubo foi tão engenhoso como ousado. O documento em questão, uma carta, para lhe ser franco, foi recebido pela pessoa roubada enquanto se achava no seu aposento real. Enquanto o lia, foi interrompida repentinamente pela entrada de outra personagem, de quem pretendia especialmente esconder aquela missiva. Depois de ter tentado inutilmente guardá-la numa gaveta, viu-se obrigada a deixá-la, aberta, em cima da mesa. No entanto, deixou-a voltada para baixo, com o endereço para cima e, escondido desta maneira, o conteúdo não chamou a atenção. Entretanto, chegou o ministro D... Os seus olhos de lince fixaram-se no papel, reconheceram a letra do endereço e, ao ver a embaraçosa situação em que se achava a pessoa a quem a carta tinha sido dirigida, adivinhou o seu segredo.

Depois de tratar de alguns assuntos, despachados apressadamente, na sua maneira habitual, tirou da algibeira uma carta parecida com a referida, abriu-a, fingiu lê-la e colocou-a

precisamente ao lado da outra. Durante um quarto de hora pôs-se novamente a falar dos assuntos políticos. Pouco tempo depois pediu licença para se retirar e pousou a mão em cima da carta comprometedora, à qual não tinha qualquer direito. A pessoa roubada viu tudo, mas, como é natural, não se atreveu a chamar a atenção para este facto, devido à presença da terceira pessoa de que lhes falei. E o ministro abandonou a sala, deixando em cima da mesa a sua carta, uma carta sem importância.

— Deste modo — disse Dupin voltando-se para mim — é um caso em que o ascendente é completo: o ladrão sabe que a pessoa roubada sabe quem a roubou.

— Sim — replicou o prefeito — e de há uns meses para cá tem-se aproveitado muito bem do poder conquistado graças a este estratagema, com um fim político e até um ponto muito perigoso. A pessoa roubada está dia a dia mais convencida da necessidade premente e absoluta de recuperar a carta. Mas, obviamente, não pode fazê-lo de uma maneira descarada. Assim, chegada a este extremo, essa pessoa encarregou-me do caso.

— Suponho que não é possível — observou Dupin, que estava cercado por uma auréola de fumo — escolher, nem sequer imaginar, um agente mais sagaz.

— Está a lisonjear-me — disse o prefeito — mas talvez tenham formado a meu respeito uma opinião desse género.

— É evidente — comentei — que, como fez notar, a carta continua nas mãos do ministro, uma vez que é o facto de a ter na sua posse e não a utilização que cria o poder sobre o roubado. O ascendente desapareceria com a utilização.

— É verdade — disse G... — e é guiado por essa convicção que tenho encaminhado as investigações. O meu primeiro cuidado foi fazer uma inspeção minuciosa ao palacete do ministro, e a minha principal dificuldade fazê-lo sem ele o saber. Estava em guarda sobretudo contra o perigo que poderia haver se lhe desse um motivo para suspeitar das nossas intenções.

— Mas o senhor está absolutamente à vontade nesse género de investigações — fiz-lhe notar. — A Polícia parisiense tem feito numerosas vezes trabalhos desses.

— Oh, sem dúvida, e é por isso que tenho muitas esperanças. Por outro lado, os hábitos do ministro proporcionam-me grandes vantagens. Dorme fora com frequência, e embora tenha vários criados, como dormem a boa distância do quarto do patrão e ainda para mais são napolitanos, deixam-se embriagar de boa vontade. Como sabe, disponho de chaves com que posso abrir todos os quartos e salas de Paris. Durante três meses não passei uma única noite que não tenha consumido, pelo menos em grande parte, a inspecionar pessoalmente o palacete de D... A minha honra está nisto comprometida, e para que fique a saber tudo dir-lhe-ei que a recompensa é enorme. Assim, não abandonei as buscas senão quando me convenci de que o ladrão é mais sagaz que eu. Julgo que revistei todos os cantos onde é possível esconder um papel.

— Mas não é possível — insinuei — que a carta, embora continue em poder do ministro, esteja escondida fora da casa dele?

— Isso não é possível — respondeu Dupin. — A situação particular da corte e especialmente a natureza da intriga de que o senhor D... tomou conhecimento criam a necessidade de o documento se encontrar ao alcance da mão, para poder ser

utilizado imediatamente. Este ponto é tão importante como a posse do documento.

— A possibilidade de mostrá-lo? — perguntei.

— Ou, se preferir, de destruí-lo — acrescentou Dupin.

— Sim, é verdade — concordei. — É evidente que o papel se encontra no palacete. E consideramos absurdo que o ministro o traga consigo.

— Sem dúvida — confirmou o prefeito. — Mandei-o deter por duas vezes por falsos ladrões, que o revistaram da cabeça aos pés, diante dos meus olhos.

— Podia ter-se poupado a esse trabalho. Segundo presumo, o senhor D... não é louco e deve ter previsto esse expediente como arma muito provável.

— Não é louco *declarado* — volveu G... — mas, no entanto, é poeta, o que significa que não está muito longe da loucura.

— Isso é verdade — disse Dupin, depois de ter lançado uma grande baforada do seu cachimbo de âmbar — e digo-lhe até que já escrevi alguns poemas...

— Vamos — atalhei — conte-nos os pormenores exatos das suas investigações.

— O facto é que temos perdido tempo e que procurámos *em toda a parte*. Tenho grande experiência destes assuntos e no caso presente revistámos sala por sala, dedicando a cada uma as noites de uma semana inteira. Primeiro, examinámos os móveis de cada divisão. Abrimos todas as gavetas e, como sabem, não existem gavetas secretas para um agente bem treinado. Qualquer homem que permite que lhe escape um esconderijo deste género, numa investigação destas, é um imbecil. A tarefa é tão fácil! Existe em

cada divisão uma certa quantidade de volumes e superfícies de que podemos dar-nos conta. Temos para isso regras exatas. Não pode escapar-nos um décimo de milímetro. Inspecionámos também todo o género de assentos. Os estofos e as almofadas foram sondados com agulhas iguais às que já me viu empregar, também retirámos os tampos das mesas.

— Sim? Porquê?

— Por vezes, os tampos das mesas são levantados para esconder alguma coisa. Para isso, faz-se um furo num dos pés da mesa, guarda-se o objeto na cavidade e torna a colocar-se o tampo. Faz-se o mesmo com as tábuas ou a cabeceira das camas.

— Mas não podia descobrir-se a cavidade dando pancadas, até soar a oco? — perguntei.

— Não, senhor. Porque, ao depositar o objeto, a pessoa deve ter o cuidado de envolvê-lo numa capa espessa de algodão e não se dá por nada. Além disso, nós não podíamos fazer barulho.

— Mas não tiveram possibilidade de desmontar todas as peças de mobiliário onde podiam ler escondido o objeto da maneira que descreveu. Uma carta pode ser enrolada numa espiral muito delgada, ficando com o volume de uma agulha de tricotar grossa, e deste modo ser metido no pé de uma cadeira, por exemplo. Desmontaram todas as cadeiras?

— Não, mas fizemos melhor do que isso. Examinámos os pés das cadeiras e as junções de todos os móveis, com a ajuda de um potente microscópio. Se tivesse havido alguma mexida recente, certamente teríamos descoberto. Um único grão de serradura produzido por uma verruma, por exemplo, apareceria aos nossos olhos quase com o tamanho de uma maçã. A menor alteração na

cola, uma simples separação das juntas revelar-nos-iam o esconderijo.

— Suponho que o senhor examinou os espelhos e que inspecionou as camas, as cortinas das camas, os cortinados e os tapetes.

— Naturalmente, e ao mesmo tempo que inspecionávamos esses objetos examinámos a respetiva divisão. Fizemos um exame da totalidade de superfície, dividindo-a em partes que numerámos, a fim de ficarmos certos de não ter omitido alguma, e cada polegada quadrada foi submetida a novo exame microscópico. Chegámos até a inspecionar as casas adjacentes.

— As casas vizinhas?! — exclamei. — Mas que trabalho tiveram!

— Tem muita razão! Mas, repito, a recompensa é enorme.

— Examinaram também o soalho?

— O chão é de ladrilhos e não nos deu relativamente muito trabalho. Ao observarmos a argamassa entre os ladrilhos pudemos certificar-nos de que estava intacta.

— Decerto examinaram os papéis do senhor D... e os livros da sua biblioteca.

— Evidentemente. Abrimos todos os embrulhos e todos os livros, e não nos limitámos simplesmente a sacudi-los, como alguns polícias fazem: vimo-los folha por folha. Também medimos a espessura de cada encadernação e observámo-las ao microscópio. Se tivessem recentemente introduzido algum papel numa das capas, o facto não teria escapado à nossa observação. Cinco ou seis volumes que haviam chegado das mãos do encadernador foram conscienciosamente sondados longitudinalmente com agulhas.

— Examinaram o chão, debaixo dos tapetes?

— Sim, levantámos os tapetes e observámos o chão ao microscópio.

— E o papel das paredes?

— Também.

— Foram aos sótãos?

— Fomos.

— Então, enganaram-se na pista — declarei — e a carta não está, como supunham, no hotel.

— Receio que o senhor tenha razão — disse o prefeito. — E agora, Dupin, que me aconselha a fazer?

— Uma investigação completa.

— É absolutamente inútil — respondeu G... — A carta não está no palacete!

— Não posso dar-lhe outro conselho melhor. O senhor conhece a forma, a letra e demais pormenores necessários para identificar a carta?

— Oh, sim! — O prefeito puxou por uma agenda e começou a ler vem voz alta a descrição minuciosa do documento perdido, do seu aspeto interior e principalmente do seu aspeto exterior. Pouco depois de ter terminado a leitura desta descrição, o homem despediu-se de nós tomado de um desânimo que nunca lhe tínhamos visto.

Cerca de um mês mais tarde, o prefeito fez-nos segunda visita, encontrando-nos ocupados da mesma maneira. Pegou num cachimbo, puxou por uma poltrona e falou de diversas coisas. Ao fim de algum tempo, perguntei-lhe:

— Então, meu caro prefeito, onde está a carta roubada? Calculo que acabou finalmente por compreender que é difícilimo vencer o ministro.

— Que vá para o diabo! Apesar de tudo, voltei a começar as pesquisas, conforme me aconselhou Dupin. No entanto, como calculava, foi trabalho perdido.

— A quanto ascende a recompensa? O senhor disse...?

— É... muito elevada... uma recompensa verdadeiramente excepcional, mas não quero dizer-lhe a quanto ascende. Todavia, estaria disposto a pagar cinquenta mil francos a quem me encontrasse essa carta. O facto é que o assunto é cada vez mais urgente e a recompensa foi duplicada há pouco tempo. Mas mesmo que desse três vezes mais que a princípio, o meu zelo não poderia por isso ser maior.

— Sim, acredito — disse Dupin, arrastando as palavras no meio de baforadas de fumo. — Acredito no que me diz. Parece-me, no entanto, que o senhor não fez tudo o que era possível... que não chegou ao fundo da questão. Podia fazer... um pouco mais... Pelo menos assim me parece... Hum?

— Como? Em que sentido?

— Ah... (uma baforada de fumo) o senhor podia (uma série de baforadas) pedir conselho sobre o assunto, hem? (três baforadas). Lembra-se da história que contam acerca de Abernethy?

— Não! Esse Abernethy que vá para o diabo!

— Está bem. Escute. Uma vez, um rico muito avarento concedeu a ideia de obter gratuitamente de Abernethy uma consulta médica. Com este objetivo, entabulou com ele, no meio de outras pessoas, uma conversa banal, através da qual insinuou ao

médico o seu próprio caso, como se se tratasse de um doente hipotético.

«— Suponhamos — disse o avarento — que os sintomas são estes e aqueles. Que me aconselharia?

«— Pois... aconselhava-o... a que fosse ao meu consultório.

— Mas — retorquiu o prefeito um pouco desconcertado — eu estou disposto a ouvi-lo e a pagar-lhe. Se alguém me tirasse deste apuro, receberia *sem dúvida alguma*, cinquenta mil francos.

— Nesse caso — disse Dupin, abrindo uma gaveta e tirando de lá um livro de cheques — pode preencher um cheque desse montante. Depois de o ter assinado dar-lhe-ei a carta.

Fiquei estupefacto. Por seu turno, o prefeito parecia aterrado. Ficou alguns minutos de boca aberta, mudo e imóvel, fitando o meu amigo com ar incrédulo e com os olhos quase fora das órbitas.

Por fim, recobrou parte do sangue-frio, pegou numa caneta e, após uma certa hesitação, com o olhar perturbado e o rosto quase sem expressão, assinou o cheque de cinquenta mil francos e entregou-o a Dupin. Este examinou o cheque cuidadosamente, guardou-o na carteira, e em seguida abriu uma escrivaninha e tirou de lá uma carta que entregou ao prefeito. O homem pegou-lhe com alegria, abriu-a com dedos trémulos, lançou uma olhadela ao seu conteúdo e, sem dizer uma palavra, precipitou-se na direção da porta e desapareceu. Não pronunciara uma palavra a partir do momento em que Dupin lhe pedira que preenchesse o cheque.

Logo que ele fechou a porta, o meu amigo deu-me algumas explicações.

— A Polícia parisiense é muito hábil nas suas funções — disse-me. — Os agentes são perseverantes, engenhosos, sagazes e

possuem os conhecimentos exigidos pelo seu papel específico. Assim, quando G... nos pormenorizou a maneira como tinham inspecionado a residência de D..., mostrou inteira confiança nos seus talentos e estava certo de ter feito uma investigação conscienciosa, dentro da sua especialidade.

— Dentro da sua especialidade?

— Sim. As medidas adotadas não só eram as melhores no género, mas também foram executadas com absoluta perfeição. Se a carta tivesse estado no raio das suas investigações, os agentes tê-la-iam encontrado, sem sombra de dúvida.

Soltei uma gargalhada. Dupin, porém, parecia falar muito seriamente.

— Portanto, as medidas eram boas — continuou — e foram admiravelmente executadas. Mas tinham o defeito de ser inaplicáveis ao caso presente e a tal homem. Para o prefeito existe uma série de meios muito engenhosos, que aplica em todos os casos e aos quais adapta todos os planos. Infelizmente, erra sempre por demasiada profundidade ou por excessiva superficialidade nos casos que não se enquadram nos seus esquemas, e qualquer criança inteligente será capaz de raciocinar melhor do que ele.

«Conheci um garoto de oito anos cuja infalibilidade no jogo do “par ou ímpar” causava admiração geral. Este jogo é simples e joga-se geralmente com berlindes. Um dos jogadores fecha na mão um certo número de berlindes e pergunta ao outro: “Par ou ímpar?» Se este último adivinha, ganha um berlinde, mas se se engana, perde um. O garoto de quem estou a falar ganhava todos os berlindes da escola. Evidentemente, tinha um sistema para

adivinhar baseado na simples observação, no conhecimento da agudeza de espírito do adversário. Suponhamos que o seu adversário é um perfeito pateta e, mostrando a mão fechada, pergunta: "Par ou ímpar?" O nosso estudante responde "ímpar" e perde. Na vez seguinte ganha porque diz para si: "O tolo pôs par da primeira vez e a sua esperteza não o levará mais longe que pôr ímpar da segunda. Portanto, vou dizer 'ímpar'! e ganho." E assim sucede.

«Mas com um adversário menos estúpido teria pensado deste modo: "Este rapaz vê que eu disse 'ímpar' e à segunda vez pensará — é a primeira ideia que lhe ocorrerá — em fazer uma pequena variação, como faz o primeiro estudante. Porém, uma segunda reflexão dir-lhe-á que esta mudança é muito simples, e finalmente decide pôr 'par', como na primeira vez. Vou dizer 'par'." Diz "par" e ganha. Muito bem. A maneira de raciocinar do nosso estudante, a que os companheiros chamam sorte, o que é, na realidade?

— É — respondi — uma identificação das ideias do raciocinador com as do seu adversário.

— Exatamente — confirmou Dupin. — E quando perguntei a esse rapazinho por que meios alcançava esta perfeita identificação, que o levava a ganhar sempre, respondeu-me desta maneira:

«— Quando quero saber até que ponto uma pessoa é esperta ou estúpida, até que ponto é boa ou má, e quais são os seus pensamentos, dou à minha cara a mesma expressão que a da pessoa que observo e espero pelos pensamentos que possam nascer no meu espírito ou no meu coração e que correspondam àquela minha expressão.»

Esta resposta deixa reduzida à expressão mais simples a profundidade sofisticada atribuída a La Rochefoucauld, a Bruyère, a Maquiavel e a Campanella.

— E a identificação de ideias do raciocinador com o seu adversário depende, compreendo-o perfeitamente, da exatidão com que é avaliado o intelecto do adversário.

— Em termos práticos — prosseguiu Dupin — esse facto é a condição principal, e se o prefeito e os seus subordinados se enganam frequentemente, isto deve-se a essa falta de identificação, e em segundo lugar a uma apreciação inexata ou, melhor, a uma falta de apreciação da inteligência do adversário. Essas pessoas só vêm as suas ideias engenhosas, e quando procuram alguma coisa escondida pensam apenas nos meios que utilizariam para a esconder. Os polícias têm razão ao pensar que o seu próprio engenho é uma fiel representação do da multidão. Porém, quando têm de enfrentar um malfeitor especial cuja sagacidade é de espécie diferente da sua, este malfeitor, como é natural, *engana-os*.

«Isto sucede sempre que a sua astúcia é maior que a dos adversários, e sucede também frequentemente mesmo quando é inferior. Os polícias não variam os seus métodos de investigação, e ainda menos quando são estimulados por algum caso extraordinário ou por uma recompensa pouco comum. Nestas circunstâncias exageram e levam ao extremo as suas velhas rotinas, mas sem modificar os princípios.

«No caso de D..., por exemplo, que fizeram para alterar o sistema? Que significam todas aquelas perfurações, pesquisas, sondagens, exames ao microscópio e a divisão da superfície em

polegadas quadradas e numeradas senão o exagero na prática desses princípios ou de vários princípios de investigação baseados numa ordem de ideias relativas ao engenho humano e àqueles a quem o prefeito se acostumou na vasta rotina das suas funções?

«Não vê que o prefeito considera como facto demonstrado que todos os homens que pretendem esconder uma carta se servem, se não precisamente de um furo feito com uma verruma na perna de uma cadeira, pelo menos de algum furo, de algum canto estranho que engendraram, o que também pertence à mesma linha de pensamento que o buraco feito com uma verruma?

«Você também se aperceberá facilmente de que esses esconderijos tão originais só se empregam nos casos correntes e não são adotados senão pelas inteligências vulgares, porque em todos os casos em que há objetos escondidos é sempre de admitir esta maneira rebuscada de os ocultar. Assim, a descoberta não depende das peripécias, mas simplesmente do cuidado, da paciência e da determinação dos investigadores. Ora bem, quando o caso é importante ou a recompensa considerável, veem-se fracassar todas estas boas qualidades. Agora compreenderá o que eu queria dizer ao afirmar que, se a carta roubada tivesse sido escondida dentro do raio das pesquisas do nosso prefeito, por outras palavras, se o princípio inspirador da pessoa que escondeu estivesse compreendido nos limites dos princípios do prefeito, este tê-la-ia descoberto. G... foi completamente ludibriado, e a causa primeira e original do seu fracasso assenta na suposição de que o ministro era um louco, porque tinha reputação de poeta. Todos os loucos são poetas, concluiu para si o prefeito, que só é culpado de

uma falsa colocação do termo médio do silogismo, daí deduzindo que todos os poetas são loucos.

— E o ministro é realmente poeta? Sei que são dois irmãos e ambos conquistaram certa reputação como escritores. Segundo creio, o ministro escreveu um livro muito notável sobre cálculo diferencial e integral. Assim, ele é matemático e não poeta.

— Engana-se. Conheço-o muito bem e sei que é poeta e matemático. Como poeta e matemático deve ter raciocinado corretamente, ao passo que o simples matemático teria raciocinado mal e cairia nas malhas do prefeito.

— Essa opinião — repliquei — deixa-me surpreendido e é desmentida pelo mundo inteiro. Espero que não tenha a intenção de reduzir a nada a ideia amadurecida ao longo dos séculos. A razão matemática é há muito considerada a razão por *excelência*.

— *Pode-se apostar* — disse Dupin, citando Chamfort — *que toda a ideia pública, que toda a convenção aceite é um disparate, porque conveio à maioria*. Os matemáticos, concordo, fizeram todo o possível para propagar o erro popular de que você falou e que, apesar de ter sido difundido como verdade, não deixa de ser um perfeito erro. Por exemplo, acostumaram-nos, com uma arte digna da melhor causa, a aplicar a palavra *análise* às operações algébricas. Os franceses são os primeiros responsáveis por essa trapaça científica. Porém, se se reconhece que os termos da linguagem têm uma importância real, se as palavras fundamentam o seu valor na aplicação, oh!, então concedo que *análise* signifique *álgebra*, como geralmente em latim *ambitus* significa *ambição*, *relegio* significa *religião* e *homines honesti* quer dizer *gente honrada*.

— Estou a ver — observei — que você vai arranjar questões com muitos matemáticos de Paris.

— Dou-me conta do valor e dos resultados de uma razão cultivada por um processo especial que não seja a lógica abstrata e verifico particularmente o raciocínio extraído do estudo das matemáticas. As matemáticas são a ciência das formas e das quantidades e o raciocínio matemático não é outra coisa senão a simples lógica aplicada à forma e à quantidade. O grande erro consiste em supor que as verdades a que chamam puramente algébricas são verdades abstratas ou gerais. Este erro é tão grande que me espanta a unanimidade com que é acolhido. Os axiomas matemáticos não são axiomas de uma verdade geral. O que é verdade no que se refere à forma ou à quantidade é frequentemente um erro grosseiro quando se refere, por exemplo, à moral. Nesta última é absolutamente falso que a soma das frações seja igual ao todo. Da mesma maneira, o axioma também não é correto na química. Tão-pouco é certo na avaliação de uma força motriz, porque dois motores, cada um de uma dada potência, não têm, quando estão associados, uma potência igual à soma das potências tomadas separadamente. Há uma multiplicidade de verdades matemáticas que apenas são verdades nos limites da *relação*. Mas os matemáticos argumentam incorrigivelmente segundo essas *verdades finitas*, como se elas fossem de aplicação geral e absoluta, valor que, aliás, toda a gente lhes atribui. Bryant, na sua muito notável *Mitologia*, cita uma fonte análoga de erros quando diz que, embora ninguém acredite nas fábulas do paganismo, nós próprios esquecemo-lo de tal maneira que algumas vezes extraímos deduções delas, como se fossem realidades vivas.

Por outro lado, entre os nossos matemáticos, que são pagãos, há certas fábulas pagãs a que dão crédito e das quais extraíram conclusões, não devido a negligência, mas sim a uma incompreensível perturbação do cérebro. Ora bem, nunca encontrei um matemático puro em quem tenha podido ter confiança fora das suas raízes e das suas equações; não conheci um único que ocultamente não aceite como verdade indesmentível $x^2 + px$ não seja igual a q . Como experiência, diga a um desses senhores, se isso o distrair, que você crê na possibilidade de haver casos em que $x^2 + px$ não seja absolutamente igual a q , e depois de lhe fazer compreender o que deseja, afaste-se o mais depressa possível, porque ele tentará com certeza bater-lhe.

— Isto quer dizer — continuou Dupin, enquanto eu fazia um grande esforço para não me rir com as suas últimas observações — que se o ministro não fosse mais que um matemático, o prefeito não teria tido necessidade de assinar este cheque. Conheço-o como matemático e como poeta e tinha tomado as minhas medidas tendo em conta a sua capacidade e tendo em conta as circunstâncias em que se encontrava. Sabia também que era um diplomata e um intrigante obstinado. Refletindo, cheguei à conclusão de que um homem assim devia estar ao corrente dos procedimentos policiais. Evidentemente, devia ter previsto, e os acontecimentos provam-no, as armadilhas que lhe tinham sido preparadas e as pesquisas secretas no palacete. Estas frequentes ausências noturnas, que o nosso bom prefeito acolheu como uma ajuda positiva para o seu futuro êxito e eu interpretei como artimanha para facilitar as investigações da Polícia e para persuadi-la mais facilmente de que a carta não estava no palacete. Também compreendi que toda a série

de ideias referentes aos princípios invariáveis da ação policial, ideias que lhe expliquei há pouco, não sem trabalho, também compreendi, dizia eu, que todas essas ideias deviam necessariamente ter surgido no espírito do ministro.

«Por isso, este desdenharia necessariamente de todos os esconderijos vulgares. Um tal homem não podia duvidar que o esconderijo mais complicado, o recanto mais inacessível do seu palacete seria tão pouco secreto como uma antecâmara ou um armário, para os olhos, as agulhas, as verrumas ou os microscópios do prefeito. Finalmente, concluiu que devia utilizar um processo simples. Você deve lembrar-se, sem dúvida, das gargalhadas com que o prefeito acolheu a ideia que lhe expus na nossa primeira entrevista: que se o mistério se apresentava tão intrincado devia ser por causa da sua simplicidade.

— Sim — respondi — lembro-me perfeitamente da hilaridade dele. Cheguei a pensar que ia ter um ataque de nervos.

— O mundo material — prosseguiu Dupin está cheio de analogias exatas com o imaterial, e é isso que dá um tom de verdade ao dogma da retórica que diz que uma metáfora ou uma comparação tanto podem dar força a um argumento como embelezar uma descrição.

«O princípio da inércia, por exemplo, parece idêntico nas duas naturezas, físicas e metafísica. Um corpo grande põe-se em movimento com mais dificuldade que um corpo pequeno, e a quantidade de movimento está na razão direta desta dificuldade. Isto é tão positivo como esta proposição análoga: os intelectos de grande capacidade, que ao mesmo tempo são mais tempestuosos, mais constantes e mais acidentados nos seus movimentos que os

de grau inferior, são aqueles que se movem com maior dificuldade e os que mais vacilam quando se põem em marcha. Outro exemplo: já reparou quais são as tabuletas das lojas que mais chamam a atenção?

— Nunca pensei nisso — confessei.

— Há um jogo de adivinhas em que se utiliza um mapa. Um dos jogadores pede a um dos presentes que descubra uma palavra dada, o nome de uma povoação, rio, estado ou império, enfim, de qualquer palavra que se encontra no mapa pormenorizado. Geralmente, o principiante neste género de jogo pretende atrapalhar o adversário dando-lhe para descobrir nomes escritos numa letra quase impercetível. Porém, aqueles que se distinguem neste jogo escolhem palavras impressas em grandes letras, de um extremo ao outro do mapa. Estas palavras, tal como as tabuletas com letras enormes, escapam ao observador devido à sua excessiva evidência; e aqui o esquecimento material é precisamente análogo à desatenção moral de um espírito que deixa escapar as considerações demasiado palpáveis, tão evidentes que chegam a ser vulgares e importunas. Todavia, segundo parece, este é um caso que se encontra acima ou abaixo da inteligência do prefeito. Este último nunca acreditaria que o ministro tivesse colocado a carta diante dos narizes dos polícias, para melhor a esconder.

«Quanto mais refletia, mais audacioso e brilhante me parecia o engenho de D..., que, desta maneira, tinha o documento ao alcance da mão, para fazer imediatamente uso dele e para mostrar ao prefeito, de uma maneira decisiva, que o documento não se achava escondido nos limites de uma pesquisa vulgar e em regra, pois eu estava convencido de que o ministro havia recorrido ao

procedimento mais engenhoso e mais simples, isto é, ao de não esconder a carta.

«Convencido disto, uma manhã pus uns óculos verdes e apresentei-me em casa do ministro, como que por casualidade. Como tinha suposto, encontrei o senhor D... bocejando, sonolento, e declarando-se preocupado com um enorme aborrecimento. O senhor D... é um dos homens mais enérgicos da atualidade, mas unicamente quando está seguro de não ser visto por ninguém.

«Para não ficar atrás, queixei-me da fraqueza dos meus olhos e da necessidade de usar óculos. Porém, através dos óculos inspecionava cuidadosa e minuciosamente toda a divisão, procedendo como se prestasse grande atenção às palavras do ministro.

«Prestei particular atenção a uma secretária grande, junto de que ele estava sentado e em cima da qual se achavam misturados, numa estranha confusão, várias cartas e diversos outros papéis, assim como dois instrumentos musicais e alguns livros. Depois de um prolongado exame, feito com todo o tempo necessário, nada vi que pudesse despertar particularmente as minhas suspeitas.

«Finalmente, os meus olhos, ao percorrerem a sala, detiveram-se num modesto porta-cartas com enfeites dourados, pendurado por cima da lareira por meio de uma fita azul bastante antiga. O porta-cartas, que dispunha de três ou quatro divisões, continha cinco ou seis cartões de visita e uma única carta. Esta última encontrava-se muito suja, amarrotada e quase rasgada ao meio, como se tivessem pensado em rasgá-la completamente, como se faz a uma missiva sem interesse, mas depois houvessem mudado de ideias.

«Esta carta exibia um grande monograma negro de D... e era dirigida ao próprio ministro. O endereço parecia escrito por mão feminina, com letra muito pequena. Aparentemente, a carta havia sido colocada negligentemente num dos compartimentos do porta-cartas.

«Mal lancei uma olhadela à carta, deduzi imediatamente que era aquela que eu procurava. O aspeto dela era, evidentemente, absolutamente diferente do que o prefeito me descrevera. Neste, o monograma era negro e grande; no outro, pequeno e encarnado, com as armas ducais da família S... Nesta a escrita era miúda e feminina; na outra, o endereço tinha o nome de uma personagem real e a letra era firme e vigorosa. As duas cartas apenas se pareciam num ponto: as dimensões. Porém, o carácter exagerado das diferenças, particularmente a sujidade, e o estado do papel, amachucado e rasgado, tão em contraste com os verdadeiros costumes metódicos de D..., denunciavam a intenção de a mostrar como um documento sem valor. Tudo isto, juntamente com o facto de o documento se achar diante dos olhos de todos os visitantes e por concordar com as minhas deduções anteriores, parecia corroborar as minhas suspeitas.

«Prolonguei a minha visita o máximo tempo possível e enquanto mantinha uma discussão muito viva com o ministro acerca de um problema de grande interesse para ele, não deixei de observar a carta, refletindo sobre o seu aspeto exterior e a maneira como tinha sido posta no porta-cartas e fiz uma descoberta que eliminou qualquer pequena dúvida que ainda me restasse. Analisando os rebordos do papel, notei que estavam mais estragados que numa carta em idênticas circunstâncias, isto é, via-

se claramente que tinha sido *trabalhada*. A carta, de papel grosso, apresentava o aspeto de ter sido aberta, descolada e novamente dobrada, pelos mesmos vincos, mas em sentido inverso. Esta descoberta foi o bastante. Desde então não tive mais dúvidas de que a carta havia sido voltada como uma luva, colada de novo e lacrada segunda vez. Pedi licença para me retirar, tendo o cuidado de deixar esquecida em cima da secretária uma tabaqueira de ouro.

«Na manhã seguinte fui buscar a tabaqueira e reencetámos animadamente a discussão da véspera. Enquanto conversávamos, ouviu-se na rua uma forte detonação, seguida de gritos e exclamações de uma multidão assustada. O ministro D... correu para uma janela, abriu-a e olhou para a rua. Ao mesmo tempo, eu dirigi-me ao porta-cartas, peguei na carta, meti-a no bolso e substituí-a por outra, uma espécie de fac-símile (quanto ao exterior) que tinha preparado na minha casa, falsificando o monograma do senhor D... com uma espécie de sinete de miolo de pão.

«O tumulto na rua tinha sido provocado pelo insensato capricho de um homem armado de uma espingarda, que havia disparado a arma no meio de uma multidão de mulheres e crianças. Enfim, como a arma não estava carregada com cartuchos com balas, tomaram o indivíduo por um louco ou um bêbado e deixaram-no seguir o seu caminho. Depois de o homem se retirar, o senhor D... afastou-se da janela, onde eu fora fazer-lhe companhia depois de ter-me apoderado da preciosa carta. Despedi-me dele pouco depois. O pretense louco era um homem pago por mim.

— Mas que pretendia você — perguntei ao meu amigo — ao substituir a carta por outra falsificada? Por que não se apoderou

dela aquando da sua visita, sem outras precauções?

— O senhor D... — respondeu Dupin — é capaz de tudo e, além disso, é um homem vigoroso. Por outro lado, tem servidores completamente dedicados à sua causa. Se eu tivesse posto em prática a extravagante tentativa que você me sugeriu, não teria saído vivo de casa dele e o bom povo de Paris nunca mais ouviria falar em mim. Ora bem, à parte essas considerações, tinha um objetivo particular. Você já conhece as minhas simpatias políticas e neste caso procedi como partidário da dama em questão, que desde há dezoito meses está nas mãos do ministro. Agora, porém, inverteram-se os papéis, e como ele ignora que a carta desapareceu da sua casa, quererá continuar a impor-se. É quase certo que, ao tentar o próximo golpe, consumará a sua ruína política. A sua queda será tão brusca como ridícula. Fala-se bastante descuidadamente do *facilis descensus Avernus*, mas, quanto a ascensões, pode dizer-se o mesmo que a Catalani dizia do canto: é mais fácil subir que descer. O senhor D... é um verdadeiro *monstrum horrendum*, um homem de génio sem princípios. No entanto, confesso que não me desagradaria conhecer os pensamentos dele quando, desafiado pela personagem a quem o prefeito chamava *uma certa pessoa*, se vir obrigado a abrir a carta que eu lhe deixei no porta-cartas.

— Quê?! Você escreveu alguma coisa na carta falsa?

— Pois claro! Não me pareceu bem deixar o papel em branco. Isso pareceria um insulto. Certa vez, em Viena, o senhor D... pregou-me uma valente partida e reagi, dizendo-lhe, com um sorriso, que não me esqueceria. Assim, como estava convencido de que ele sentiria curiosidade em saber quem fora a pessoa que lhe

tinha trocado a carta, pensei que era lamentável não lhe deixar um indício. Como o ministro conhece a minha letra, copiei, no meio da carta os seguintes versos:

*...desígnio tão funesto,
Se não é digno de Atreu, é digno de Tiestes.*

Você encontrará isto no *Atreu*, de Crébillon!

As Recordações de Bedloe

Título original: *A Tale of the Ragged Mountains*

Publicado em 1844

Nos fins do ano de 1827, quando eu vivia perto de Charlottesville, na Virgínia, conheci casualmente o senhor Augusto Bedloe. Desde o primeiro momento ele despertou-me curiosidade e interesse. Era-me impossível compreender quer o seu aspeto físico quer o seu aspeto moral. Não consegui obter nenhum pormenor positivo acerca da sua família.

Donde vinha? Não o soube nunca. Quanto à idade, parecia jovem e até alardeava juventude; mas havia momentos em que ninguém hesitaria em dar-lhe uma centena de anos.

Mas o mais estranho nele era o seu aspeto exterior. Extraordinariamente alto e delgado, curvava-se muito a andar, tinha a testa enorme, a boca larga e flexível, e os dentes, embora são, eram os mais irregulares que jamais vi numa boca humana.

No entanto, a expressão do seu sorriso não era desagradável, como se podia supor, mas exprimia uma profunda melancolia, uma tristeza constante. Os olhos eram grandes e redondos como os dos gatos, e até as pupilas tinham contrações e dilatações proporcionais ao aumento e diminuição da luz, exatamente como acontece com os felinos. Nos momentos de excitação, essas pupilas tornavam-se brilhantes até um ponto inconcebível e pareciam emitir raios luminosos nascidos de um fogo interior. Habitualmente, porém,

permaneciam opacos, lembrando os olhos de um morto enterrado há muito tempo.

Todas estas particularidades pareciam incomodá-lo muito e aludia constantemente a elas num estilo meio explicativo meio justificativo que, a primeira vez que se ouvia, impressionava penosamente.

No entanto, acostumei-me bem depressa a isso e não voltei a sentir o menor mal-estar quando ele falava. Tinha a obsessão de insinuar, mais do que afirmar positivamente, que fora sempre diferente do que era agora, e que uma longa série de ataques nervosos lhe haviam transformado a sua antiga beleza pessoal. Há muitos anos que cuidava da sua saúde um velho médico chamado Templeton, que encontrara em Saratoga e que, dada a fortuna de Bedloe, consentiu em consagrar exclusivamente toda a sua experiência médica a tratar do doente.

O doutor Templeton, que teria aproximadamente setenta anos, viajara muito durante a sua juventude e foi, em Paris, um dos discípulos mais entusiastas das doutrinas de Mesmer. Para aliviar as dores violentas do enfermo empregava exclusivamente remédios magnéticos, conseguindo inspirar a Bedloe uma grande confiança nesse sistema de cura. Além disso, o doutor, como todos os entusiastas de uma causa ou de um sistema, tinha conseguido fazer de Bedloe um perfeito prosélito e conseguira por fim que ele se submetesse a toda a espécie de experiências. A sua repetição dera como resultado qualquer coisa que naquela época era ainda muito rara na América. Refiro-me à relação magnética, cada vez mais absoluta e forte, que se estabeleceu entre o doutor Templeton e Bedloe. Não tenho, no entanto, a pretensão de afirmar que essa

relação se estendia para além da faculdade de o adormecer, mas sim que este poder tinha uma grande intensidade. Na primeira tentativa feita para provocar o sono hipnótico, o discípulo de Mesmer fracassou por completo. Na quinta ou sexta não conseguiu mais que um resultado imperfeito e à custa de grandes esforços. Unicamente na oitava o triunfo foi completo. Desde então, a vontade do paciente sucumbiu rapidamente sob a do médico, tanto que, quando eu os conheci, o sono chegava instantaneamente por um simples ato volitivo do operador, embora o enfermo não se apercebesse da sua presença. Por isso, agora, no ano de 1845, quando todas essas coisas já deixaram de ser milagre, me atrevo a revelar um facto positivo mas aparentemente impossível.

O temperamento de Bedloe era sensível, excitável e entusiasta no mais alto grau. A sua imaginação, singularmente vigorosa e criadora, obtinha, sem dúvida, energias adicionais pelo uso habitual do ópio, que consumia em grande quantidade e sem o qual lhe teria sido impossível viver. Tinha por costume tomar uma boa dose, imediatamente depois do pequeno-almoço, que consistia numa chávena de café forte. Depois disso partia, sem outra companhia que a de um cão, ao longo da cadeia de montes selvagens situada a oeste e a sul de Charlottesville e que foram crismados com o nome de *Ragged Mountains* (Montes Desgarrados).

Numa manhã sombria, quente e nevoenta de novembro, e durante o estranho período de tempo que na América chamamos o verão indiano, o senhor Bedloe saiu, como todos os dias, para dar o seu passeio habitual. Chegaram, porém, as oito da noite e ainda não tinha voltado.

Serriamente alarmados por essa prolongada ausência, dispúnhamo-nos já a sair à sua procura quando reapareceu subitamente. O relato que nos fez da sua expedição e do que lhe aconteceu foi dos mais singulares.

— «Devem lembrar-se — disse — que eram aproximadamente nove horas da manhã quando saí de Charlottesville. Dirigi-me para o monte e, cerca das dez, entrava num desfiladeiro completamente desconhecido para mim. Segui todas as sinuosidades daquela passagem com verdadeiro interesse. O espetáculo que se oferecia aos meus olhos, embora sem merecer o nome de sublime, apresentava um aspeto indiscreível de lúgubre desolação, que muito me agradava. A solidão absoluta tinha qualquer coisa de virginal. Saboreava o prazer de imaginar que ninguém antes de mim ali pusera os pés. Era tão estreita a entrada do desfiladeiro e de tal maneira estava oculta e parecia inacessível, que esta minha crença não me parecia disparatada.

«A bruma espessa e tão singular, característica do verão indiano, estendia-se pesadamente sobre tudo, e era tão densa que não se distinguiam os objetos a doze jardas de distância. O caminho apresentava-se cheio de curvas, e a ausência da luz solar tornava-o de tal forma vago que perdi por completo o sentido da direção. Não se esqueçam também de que o ópio tinha produzido o seu efeito costumado, aumentando a intensidade emocional do meu mundo interior. O estremecer de uma folha, a cor de uma hastezinha de erva, a forma caprichosa de uma moita de trevo, o zumbido de uma abelha, o brilho de uma gota de orvalho, o suspiro do vento, os vagos perfumes que vinham do bosque, produziavam-me um mundo de sugestões, uma procissão mágica de pensamentos

desordenados e rapsódicos. Absorto nos meus sonhos, caminhei muitas horas, durante as quais a névoa se foi tornando mais espessa à minha volta, o que me obrigava, em algumas ocasiões, a andar tateando com as mãos. Um indefinível mal-estar, uma espécie de irritação nervosa que me fazia estremecer o corpo, apoderou-se de mim. Houve um momento em que tive medo de avançar e de me precipitar nalgum abismo. Lembrei-me também das estranhas histórias dos *Montes Desgarrados*, das raças selvagens que habitam os seus bosques, da sua selva e das suas cavernas. De súbito, a minha atenção foi atraída pelo rufar de um tambor.

«Como é natural, fiquei estupefacto. Um tambor naqueles sítios era uma coisa insólita. Não me surpreenderia mais o soar da trombeta do Arcanjo. Mas não tive tempo de continuar na minha perplexidade, porque outro facto mais extraordinário chamou a minha atenção.

«Senti aproximar-se um tinir estranho, como o que produziria um molho de chaves batendo umas nas outras, e quase imediatamente passou à minha frente, soltando um grito agudo, um homem meio nu, de rosto muito moreno. Passou tão perto de mim que senti na face a sua respiração ardente. Levava na mão um objeto feito de anilhas de ferro, que ia sacudindo à medida que corria. Mal desaparecera na névoa quando, arquejante, se lançou em sua perseguição uma fera enorme, com as fauces abertas e os olhos em brasa. Conheci-a logo: era uma hiena. A vista desse monstro, em vez de aumentar o meu terror, tranquilizou-me, porque então fiquei convencido de que sonhava e fiz todos os esforços para despertar.

«Comecei a andar mais rapidamente que antes. Esfreguei as pálpebras, gritei muito alto, belisquei-me nos braços, e, aproveitando uma pequena fonte que encontrei, lavei as mãos, a cabeça e o pescoço. Senti dissiparem-se as sensações equívocas que até aí me tinham atormentado e pareceu-me até, ao voltar a mim, ser um homem diferente. Já em melhor disposição de ânimo, continuei a andar pela senda desconhecida.

«Não tardei a sentar-me junto de uma árvore, quase esgotado pelo exercício e pelo peso da pressão atmosférica. Naquele momento, apareceu um ténue raio de sol que recortou a sombra das folhas sobre a erva, vagamente. Olhei espantado para essa sombra e, depois, levantei os olhos. A árvore era uma palmeira.

«Ergui-me rapidamente num estado de agitação terrível. Já não podia atribuir ao sono o que via. Tinha a certeza de estar no pleno uso das minhas faculdades, e, no entanto, os sentidos traziam à minha alma um mundo de sensações inéditas e singulares.

«O calor era intolerável; a brisa tinha um perfume penetrante. Um murmúrio profundo e contínuo, como o de um largo rio, chegou aos meus ouvidos, misturado ao rumor característico da multidão. Enquanto eu escutava, o vento, como uma varinha mágica, dissipou a névoa que cobria a terra e encontrei-me num vale através do qual passava majestosamente um grande rio, ao pé de uma montanha enorme. Nas margens do rio erguia-se uma povoação de aspeto oriental, como as descritas em *«As mil e uma noites»*, mas com um aspeto ainda mais estranho. Do sítio onde eu estava colocado, muito acima do nível da povoação, podia observar todos os seus aspetos como se estivessem desenhados num mapa. As ruas eram

inumeráveis e entrecruzavam-se irregularmente em todas as direções, largas como avenidas, e cheias de gente.

«As casas eram extraordinariamente pitorescas, com grande profusão de balcões, terraços, minaretes e torrezinhas de fantásticas ameias. Eram numerosos os bazares, e as mais ricas mercadorias eram exibidas neles com enorme abundância: sedas, musselinas, alfaias magníficas e joias preciosas. Entre a multidão, havia palanquins e liteiras, no fundo dos quais se viam vultos de mulher, com o rosto severamente velado. Passavam elefantes cobertos de panos faustosos, ídolos talhados grotescamente, bandeirolas, lanças, tudo no meio do som múltiplo dos tambores e dos gongos. Noutros lugares, entre milhares de homens negros e amarelos com turbantes de cores vistosas e barbas flutuantes, circulava uma porção de bois cobertos de fitas, enquanto legiões de macacos sujos e sagrados trepavam, palradores, às cornijas das mesquitas ou se dependuravam dos minaretes e das torrezinhas. Das mas, cheias de gente, desciam para os cais junto ao rio inumeráveis escadarias que conduziam aos banhos, e, mesmo dentro das águas, era difícil encontrar uma passagem livre através dos navios engalanados que sulcavam a sua superfície, por todos os lados.

«Na parte exterior dos muros da cidade havia majestosos bosques de palmeiras e coqueiros e de outras árvores seculares, gigantescas e solenes. Aqui e ali avistava-se um arrozal, a cabana de um camponês, uma cisterna, um ou outro templo solitário, ou a silhueta pura e graciosa de uma rapariga dirigindo-se para o rio com o cântaro bíblicamente pousado na cabeça. Estais a pensar que tudo isto era um sonho. De forma alguma. Tudo aquilo que eu via,

ouvia, palpava, nada tinha que ver com a forma característica e inconfundível do sonho. Quando alguém, sonhando, dá conta do seu estado, a sua suspeita não deixa de confirmar-se e a pessoa adormecida desperta imediatamente. É certa a afirmação de Novalis quando diz *que estamos mais perto de despertar quando sonhamos que sonhamos*. Se aquele espetáculo se me tivesse oferecido, tal como o descrevi, sem que suspeitasse de que se tratava de um sonho, então poderia ter sido realmente um sonho. Mas apresentando-se como eu disse, suspeitado e comprovado como foi, tenho de classificá-lo noutra espécie de fenómenos.

— Nisso não creio que o senhor se engane — observou o doutor Templeton. — Mas continue. O senhor dizia que se levantara e se dirigira para a cidade...

Augusto Bedloe olhou profundamente para o doutor.

— Justamente. Como o senhor diz, levantei-me e dirigi-me para a cidade. Em breve me encontrei no meio de uma imensa multidão que seguia em determinado sentido, dando mostras da maior agitação. Subitamente, por virtude de um inconcebível influxo, senti-me penetrado de interesse pelo que ia acontecer. Tive até o pressentimento de que ia representar o papel principal, sem compreender exatamente qual seria.

«Um estranho e profundo sentimento de hostilidade fez-me odiar a multidão e fugir dela para entrar na cidade por um estreito e afastado caminho. Tudo à minha volta era tumulto e discórdia. Grupos de homens meio índios meio europeus lutavam contra outros que vestiam uniformes ingleses. Sem reparar no que fazia, agarrei nas armas de um oficial morto e comecei a ferir a torto e a direito com a ferocidade nervosa do desespero.

«Depressa fugimos vencidos pelo número e fomos obrigados a refugiar-nos numa espécie de quiosque, onde nos fortificámos, ficando momentaneamente em segurança. Através de uma floresta, do alto do quiosque, vi que a multidão, furiosamente enraivecida, assaltava um formoso palácio situado na margem do rio, e, em breve, de uma das janelas superiores do palácio, vi descer uma personagem de aspeto efeminado, que, servindo-se de uma corda feita de turbantes, conseguiu chegar até uma embarcação, na qual fugiu para a margem oposta.

«Então dirigi-me aos meus companheiros e, com palavras precipitadas mas enérgicas, convenci-os a sairmos da nossa fortaleza. Lançámo-nos entre a multidão assaltante, que a princípio recuou mas que logo retrocedeu para lutar com nova coragem. Por fim, vimo-nos perdidos em ruas estreitas, ladeados por altos edifícios que as sombreavam, e onde nunca chegavam os raios do sol.

«A população caiu impetuosamente sobre nós, ameaçando-nos com as lanças e fazendo-nos curvar a cabeça sob uma nuvem de flechas. Eram curiosas essas flechas, semelhantes aos *kriss* retorcidos dos malaios, semelhantes a serpentes, pois são grandes e negros como elas e têm a ponta envenenada. Uma dessas flechas feriu-me na fonte direita. Dei uma volta e caí pesadamente. Um mal instantâneo e terrível se apoderou de mim, agitei-me convulsivamente, tentei respirar e por fim pareceu-me que morria».

— Suponho — exclamei sorrindo — que o senhor já não se obstinará em teimar que a sua aventura não foi um sonho! A não ser que esteja disposto a sustentar que está morto...

Esperava, ao pronunciar estas palavras, que Bedloe me respondesse artificialmente, mas com grande espanto meu vi-o empalidecer até à lividez, o corpo estremecer-lhe estranhamente e guardar silêncio. Então olhei para Templeton. Estava imóvel na sua cadeira, os dentes batiam-lhe e tinha os olhos quase fora das órbitas.

— Continue — disse por fim a Bedloe em voz rouca.

— Durante alguns minutos — continuou Bedloe — a minha única sensação foi a da noite e a do não ser, com a consciência da morte. Por fim, uma sacudidela violenta e súbita, como um choque elétrico, atravessou a minha alma e recobrei com ela o sentido da elasticidade e da luz. Digo o sentido porque não via a luz mas sentia-a. Pareceu-me que abandonava a terra, mas que já não possuía presença corporal, visível e palpável.

«A multidão retirara-se. O tumulto cessara. A cidade estava tranquila. Debaixo de mim, jazia o meu corpo com a flecha cravada na fronte, com o rosto desfigurado e terrivelmente inchado.

«Mas tudo isto eu não o via; sentia-o. Nada me interessava e parecia-me nada ter de comum com o cadáver. Esvaíra-se-me a vontade e pareceu-me que voava para fora da cidade, seguindo o mesmo caminho que pisara para entrar nela.

Quando cheguei ao desfiladeiro, ao próprio lugar onde encontrara a hiena, senti novo choque, como o que é produzido pela corrente de uma pilha, e a sensação de peso, de volição e de substância tornou a entrar em mim. Voltei a ser eu mesmo, o meu próprio indivíduo, e orientei rapidamente os meus passos para aqui, mas sem que o que se passara perdesse a energia viva da realidade. Desta forma, nem sequer por um minuto posso

contradizer a minha inteligência considerando que tudo tenha sido um sonho».

— E não é — disse Templeton com um ar de solenidade profunda. — Mas seria difícil encontrar o termo que melhor definisse o fenómeno. Suponhamos que a alma do homem moderno se encontra à beira de prodigiosas descobertas psíquicas. Contentemo-nos, por enquanto, com esta hipótese, e vejamos esta aguarela, que já lhes teria mostrado se um indefinível sentimento de horror mo não tivesse impedido.

E apresentou-nos uma pintura que, para mim, nada tinha de extraordinário, mas cujo efeito sobre Bedloe foi prodigioso.

Apenas a viu, quase desmaiou, e, no entanto, não era mais do que uma miniatura, um retrato maravilhosamente acabado da sua própria fisionomia tão original. Pelo menos, foi isto, naturalmente, o que me ocorreu ao vê-lo.

— Vejam os senhores a data da pintura — disse Templeton. — É bem visível aqui, neste canto: 1780. Foi feita, sem dúvida, neste mesmo ano. Trata-se de um amigo meu, já falecido, um tal Oldeb, de quem em Calcutá fui muito íntimo durante o governo de Warren Hasting. Eu tinha então vinte anos. E quando o vi pela primeira vez, amigo Bedloe, em Saratoga, a milagrosa semelhança que existia entre o senhor e este retrato fez com que eu procurasse a sua amizade e tentasse realizar a combinação de nunca nos separarmos.

«Ao fazer isto, era impelido, principalmente, não pela triste recordação do falecido mas por uma inquietação não desprovida de terror e de curiosidade. Ao relatar a visão que teve na montanha, o senhor descreveu minuciosamente a cidade indostânica de Benares,

nas margens do Rio Sagrado. Os tumultos, os combates e as cenas de extermínio foram episódios reais da insurreição de Cheyte-Sing, em 1780, quando a vida de Hasting corria os maiores perigos. O homem que fugiu valendo-se dos turbantes dos seus criados era o próprio Cheyte-Sing. A tropa do quiosque era composta de cipaio e oficiais ingleses, capitaneados pelo próprio Hasting. Eu fazia parte dêsse destacamento e empreguei todos os esforços para impedir a imprudente e fatal saída do oficial que caiu morto pela flecha envenenada de um bengali. Esse oficial era o meu queridíssimo amigo Oldeb. O senhor verá por este manuscrito — e o narrador mostrava um livro de notas de que algumas páginas pareciam de data muito recente — que, enquanto o senhor *pensava* essas coisas no meio do monte, eu estava ocupado aqui, em sua casa, a *escrevê-las* no papel».

Uma semana aproximadamente depois desta conversa foi publicado num jornal de Charlottesville o seguinte comunicado:

Cumprimos o doloroso dever de anunciar a morte do senhor Augusto Bedlo, um cavalheiro cujo excelente trato e afáveis qualidades o tinham tornado muito estimado dos nossos conterrâneos.

Há já algum tempo que o senhor Bedlo sofria de umas terríveis nevralgias, que por várias vezes lhe iam causando a morte; mas, no entanto, a causa do seu falecimento foi bem diferente. Numa excursão feita há dias aos «Montes Desgarrados» contraiu umas febres que foram seguidas de congestão cerebral. Para o aliviar, o doutor Templeton pensou que seria oportuna uma sangria

local e aplicaram-se sanguessugas nas fontes. O senhor Bedlo faleceu quase imediatamente e, ao ser examinado o recipiente que continha as sanguessugas, viu-se então que, desgraçadamente, havia entre elas um desses vermes venenosos tão abundantes nesta região. A sua extrema semelhança com a sanguessuga medicinal deu lugar à confusão. E, no entanto, a sanguessuga venenosa de Charlottesville pode distinguir-se da medicinal pela sua cor negra e especialmente pelas suas contorções vermiculares, que se parecem muito com as de uma serpente.

Falando com o diretor do jornal, perguntei-lhe dias depois porque tinha escrito o nome do defunto suprimindo-lhe o e final. O diretor encolheu os ombros:

— Foi uma simples gralha tipográfica. Já se sabe que o nome era Bedloe com um e final e nunca o vi escrito de outra forma.

Eu pensei então numa verdade muito mais estranha que todas as ficções. Os outros podiam supor que se tratava de uma gralha tipográfica, mas, na realidade, a palavra Bedlo, sem e final, não é outra senão a palavra Oldeb ao contrário.

Revelação Magnética

Título original: *Mesmeric Revelation*

Publicado em 1844

Embora as trevas da vida envolvam ainda as teorias positivas do magnetismo animal, os seus inegáveis efeitos são quase universalmente admitidos. Os que continuam a duvidar desses efeitos são incrédulos de profissão, pertencentes a uma casta impotente e pouco honrosa.

Perderia hoje, sem dúvida, o tempo quem duvidasse do facto de um homem poder, por uma simples atuação da sua vontade, impressionar suficientemente um seu semelhante, e colocá-lo numa situação anormal cujas características se parecem com as da morte, ou que, pelo menos, se parecem com ela muito mais que outro qualquer dos fenómenos produzidos em circunstâncias normais conhecidas. Não seria menos absurdo duvidar de que, durante todo o tempo que esta situação se mantém, a pessoa hipnotizada utiliza com dificuldade os órgãos exteriores dos sentidos, apercebendo-se, no entanto, com uma perspicácia singularmente subtil, e como que através de um canal misterioso, dos objetos situados fora do alcance dos próprios órgãos. As suas faculdades intelectuais exaltam-se e fortificam-se de uma maneira prodigiosa; a sua simpatia pela pessoa que hipnotiza torna-se profunda e, finalmente, a suscetibilidade das impressões hipnóticas cresce à maneira que se

tornam mais frequentes, ao mesmo tempo que os fenómenos particulares obtidos se ampliam e revelam em idêntica proporção.

Seria supérfluo demonstrar os factos diversos com os quais se define a lei geral do magnetismo animal e quais as suas características principais. Não imporei aos meus leitores uma demonstração tão perfeitamente inútil hoje em dia. É outro o meu propósito. Sinto a necessidade, para além de toda a espécie de preconceitos, de contar, sem nenhum comentário mas com toda a espécie de pormenores, o interessante diálogo que tivemos, um hipnotizado e eu.

Há muito tempo que tinha o hábito de hipnotizar o senhor Van Kirk, e a *suscetibilidade* viva, a exaltação do sentido magnético manifestava-se sempre claramente quando fazia essa experiência. Durante muitos meses, o senhor Van Kirk sofrera bastante de uma tuberculose muito adiantada, cujos efeitos mais cruéis foram minorados com os meus passes magnéticos.

Estavam as coisas nestes termos quando na noite de quarta-feira, 15 do corrente, me chamaram a sua casa.

O doente sofria de dores violentas na região cardíaca e respirava com grande dificuldade, apresentando os sintomas habituais de um ataque de asma. Noutras ocasiões encontrara algum alívio com cataplasmas de mostarda nos centros nervosos, mas, desta vez, fora inútil o remédio.

Quando me viu entrar na alcova, cumprimentou-me sorrindo, e, embora cheio de dores físicas agudas, pareceu-me absolutamente tranquilo sob o ponto de vista espiritual.

— Mandei-o chamar — disse-me — não para me aliviar fisicamente, mas para satisfazer tanto quanto possa certas

inquietações psíquicas que me têm causado muita surpresa e ansiedade. Não preciso de lhe dizer até que ponto eu era cético sobre a imortalidade da alma, nem também ocultar-lhe que, nessa mesma alma negada por mim, existia sempre um sentimento vago e impreciso da sua própria existência. Mas nunca esse sentimento alcançou o estado de convicção e todos os meus esforços para o conseguir apenas aumentavam o meu ceticismo. Conheço tudo o que Cousin escreveu sobre este assunto tanto em livros como em jornais e revistas. Li também atentamente o «*Carlos Elwood*», de Wrounson, que tem uma certa lógica, mas precisamente a parte onde essa lógica se manifesta constitui o argumento principal do herói incrédulo da obra. Portanto, a conclusão do livro esqueceu a intenção que o criara, como Trínculo o seu governo. Digo-lhe tudo isto a si como demonstração da minha crença de que, se o homem deve estar intelectualmente convencido da sua própria imortalidade, não será nunca em virtude das puras abstrações que, de há um tempo para cá, constituem a monomania dos moralistas ingleses, franceses e alemães. Essas abstrações poderão ser um recreio e até um exercício ginástico para a inteligência, mas não conseguem apoderar-se, por completo, do espírito. Enquanto vivermos sobre a terra, a filosofia incomodar-nos-á inutilmente com a sua intenção de considerar as qualidades como seres. A vontade poderá permiti-lo, mas a alma e a inteligência nunca. Insisto nisto porque o senti quase sempre, mas jamais o acreditei intelectualmente. No entanto, de há um tempo para cá tem havido, em mim, um aumento da acuidade desse sentimento que alcançou a intensidade suficiente para provocar uma certa aquiescência da razão, a ponto de me parecer muito difícil distinguir uma da outra.

Tenho o direito de atribuir sensatamente este efeito à influência hipnótica, isto é: a exaltação magnética torna-me apto para conceber um sistema de raciocínio que durante o tempo em que estou submetido a ela me convence, mas em virtude da sua inteira subordinação ao fenómeno hipnótico, não se transmite, exceto nos seus *efeitos*, à minha existência normal. Durante o período de hipnotismo há simultaneidade, coetaneidade, entre o raciocínio e a conclusão, entre a causa e o efeito. Ao voltar ao estado natural, a causa desvanece-se e o efeito subsiste, embora muito enfraquecido. Estas considerações levam-me a pensar que se poderiam obter excelentes resultados de uma série de perguntas bem dirigidas à minha inteligência, em estado hipnótico. O senhor deve ter observado o profundo conhecimento de si mesmo que o hipnotizado manifesta e a amplidão de conhecimento científico que revela em tudo o que diz respeito ao estado magnético. Por consequência, deste conhecimento de si próprio se poderiam obter os dados suficientes para a redação racional de um catecismo.

Consenti, naturalmente, em fazer a experiência que o senhor Vankirk me propunha.

Bastaram alguns passes para o mergulhar no sono magnético. A sua respiração normalizou-se e parecia não sentir já nenhum mal-estar físico.

Transcrevo a seguir a conversa que tivemos e na qual a letra *V* indicará as palavras do hipnotizado e a letra *P* as minhas.

P — Está a dormir?

V — Sim... Não... Gostaria de dormir mais profundamente.

P (*Depois de alguns novos passes*) — Dorme agora bem?

V — Sim.

P — Como supõe que a sua doença acabará?

V (*Depois de uma longa hesitação, e falando com esforço*). —
Com a minha morte.

P — E aflige-o a ideia da morte?

V (*Com vivacidade*)— Não! Não!

P — Agrada-lhe essa perspectiva?

V — Se estivesse acordado, preferiria morrer, mas agora não o posso desejar. O estado hipnótico aproxima-se suficientemente da morte para me satisfazer por si.

P — Gostaria de uma explicação mais clara, senhor Vankirk.

V — Eu também gostaria, mas isso exige-me maior esforço do que me sinto capaz de fazer. Não me está a perguntar bem.

P — Então que devo perguntar-lhe?

V — Deve começar pelo princípio.

P — O princípio? Qual é o princípio?

V — O senhor já sabe que o princípio é Deus.

Disse isto num tom baixo, ondulante e com sinais da mais profunda veneração.

P — E que é Deus?

V (*Hesitando alguns minutos*) — Não o posso dizer.

P — Deus não é um espírito?

V — Quando estava acordado, eu sabia o que o senhor entende por espírito; mas agora não me parece mais que uma palavra, como, por exemplo, Verdade, Beleza, uma qualidade, enfim.

P — Deus é imaterial?

V — Não há imaterialidade. O que não é matéria, não é, a menos que as qualidades sejam consideradas seres.

P — Deus é então material?

V — Não.

Esta resposta atordoou-me.

P — Então o que é?

V (*Depois de uma longa pausa e tartamudeando*) — Vejo-o; vejo-o; mas é muito difícil dizer. — *Outra pausa igualmente longa.* — Não é espírito, porque existe. Também não é matéria, *como o senhor a entende.* Há *gradações* de matéria acerca das quais o homem não tem o menor conhecimento; a mais densa arrasta a mais subtil; a mais subtil penetra a mais densa. A atmosfera, por exemplo, põe em movimento o princípio elétrico; ao mesmo tempo, o princípio elétrico penetra a atmosfera. Estas *gradações* de matéria aumentam em rarefação e em subtilidade, até que chegamos a uma matéria sem moléculas, indivisível, una. E ao chegar a isto, a lei da impulsão e da penetração modifica-se.

«A matéria suprema ou indivisível não só penetra os seres como põe todos os seres em movimento. Portanto, ela é todos os seres em *um*, que são ela própria. Esta matéria é Deus. O que os homens tentam personificar na palavra *pensamento* é a matéria em movimento.

P — Os metafísicos sustentam que toda a ação se reduz a movimento e a pensamento, e que este é a origem daquele.

V — Sim. Vejo agora a confusão de ideias. O movimento é a ação do *espírito*, não do *pensamento*. A matéria indivisível, ou seja Deus, no estado de repouso, é, tal como nós podemos concebê-lo, o que os homens chamam espírito, e esta faculdade de

automovimento, equivalente, com efeito, à vontade humana, é na matéria indivisível o resultado da sua unidade e da sua onipotência. Como? Não o sei e agora vejo, claramente, que nunca o saberei. Mas a matéria indivisível, posta em movimento por uma lei ou uma qualidade contida nela, é pensante.

P — Não poderia o senhor dar-me uma ideia mais precisa do que entende por matéria indivisível?

V — As matérias de que o homem tem conhecimento escapam aos sentidos, à maneira que se sobe na escala delas. Suponhamos, por exemplo, um metal, um pedaço de madeira, uma gota de água, a atmosfera, um gás, o calor, a eletricidade, o éter luminoso. Agora chamemos a todas essas coisas matéria, e compreendamos toda a matéria numa definição geral. Pois, apesar disso, não há duas ideias mais essencialmente distintas que as que concedemos ao metal e ao éter luminoso. Se tomarmos este último, sentiremos uma tentação quase irresistível de o classificarmos como espírito ou como *nada*. A única consideração que nos detém é o conceito da sua constituição atômica. E, no entanto, temos necessidade de recordar a noção primitiva do átomo, quer dizer, qualquer coisa que possui, na sua infinita pequenez, tangibilidade, solidez e peso. Suprimamos a ideia de constituição atômica; ser-nos-á impossível considerar o éter como uma entidade, ou, pelo menos, como matéria. À falta de palavra melhor, podemos chamá-lo espírito. Muito bem: subamos um grau para além do éter luminoso e imaginemos uma matéria que esteja para o éter, no que diz respeito à rarefação, como o éter está para o metal. Desta maneira, chegaremos, por fim, apesar de todos os dogmas escolásticos, a uma massa única, a uma matéria indivisível. Porque,

se podemos admitir uma infinita pequenez nos átomos, supor uma infinita pequenez nos espaços que os separam, seria absurdo. Haverá também outro ponto — um grau de rarefação — em que os átomos são em número suficiente, os espaços se desvanecem e a matéria será absolutamente *una*. Mas ao prescindir da constituição atômica propriamente dita, a natureza desta massa *desliza* insensivelmente para a nova concepção de espírito. E, no entanto, é claro que continua a ser tão *matéria* como antes. O que não oferece dúvidas é que é tão impossível conceber o que é espírito como imaginar o que o não é. E quando nos vangloriamos de ter encontrado finalmente este conceito, enganamos simplesmente a nossa inteligência através da consideração da matéria infinitamente rarefeita.

P — Parece-me que há uma objeção irrefutável para essa ideia da coesão absoluta: a fraquíssima resistência dos corpos celestes nas suas revoluções siderais — resistência que existe indubitavelmente mas em grau tão ínfimo que escapou à sagacidade do próprio Newton. Já sabemos que a resistência dos corpos está em relação direta com a sua densidade. A absoluta coesão é a absoluta densidade. Onde não há intervalos não pode haver passagem. Um éter absolutamente denso constituiria um obstáculo muito mais eficaz para a marcha de um planeta que um éter diamantino ou férreo.

V — O senhor faz-me essa observação com uma certeza que está, pouco mais ou menos, na razão direta da sua irrefutabilidade aparente. Se uma estrela marcha, que importa que passe através do éter ou que o éter a atravesse? Não há erro astronómico mais inexplicável que o que concilia o conhecido atraso dos cometas com

a ideia da sua passagem através do éter. Porque, por muito rarefeito que se suponha, o éter sempre apresentará obstáculos a qualquer revolução sideral num período singularmente mais curto que o admitido até agora por todos os astrónomos obstinados em passar por cima, maliciosamente, de um ponto que lhes parece insolúvel. O atraso real é, portanto, idêntico ao que poderia resultar da fricção etérea na sua passagem incessante através dos astros. A força retardadora é, antes de tudo, instantânea e completa em si mesma, e, além disso, infinitamente crescente.

P — No entanto, nessa identificação da matéria com Deus, não haverá qualquer coisa de irrespeitoso?

Fui obrigado a repetir a pergunta para que o hipnotizado pudesse compreender plenamente o meu pensamento.

V — Poderá dizer-me por que razão a matéria é menos respeitável que o espírito? Esquece que a matéria de que eu falo é, sob todos os pontos de vista, e principalmente pelas suas altas propriedades, a verdadeira *inteligência* ou *espírito* dos escolásticos, e ao mesmo tempo a *matéria* tal como eles a entendem. Deus, com todos os poderes atribuídos ao espírito, não é mais que a perfeição da matéria.

P — Então o senhor afirma que a matéria indivisível em movimento é pensamento?

V — Em geral, este movimento é o pensamento universal, do universal espírito. Este pensamento cria. Todas as coisas criadas não são mais que o pensamento de Deus.

P — O senhor diz em *geral*?

V — Sim. O espírito universal é Deus. Para as novas individualidades, a matéria é necessária.

P — Mas o senhor fala agora do espírito e da matéria como os metafísicos...

V — Falo assim para evitar confusões. Quando digo espírito, subentende-se a matéria indivisível ou última. Sob o nome de matéria, compreendo todas as demais espécies.

P — O senhor disse que, para as nossas individualidades, é necessária a matéria...

V — Sim. Porque o espírito, na sua existência incorpórea, é Deus. Para criar seres individuais e pensantes era necessário incarnar parte do espírito divino. Desta maneira o homem individualiza-se. Despojado do sentimento corporal, seria Deus. Pois bem: o movimento especial das partes incarnadas da matéria indivisível é o pensamento do homem; como o movimento de conjunto é o de Deus.

P — Segundo a sua opinião, despojado do seu corpo, o homem será Deus.

V (*Depois de hesitar*) — Eu não podia dizer isso, porque é absurdo.

P (*Consultando as suas notas*) — O senhor afirmou que, se se despojasse da vestimenta corporal, o homem seria Deus.

V — Isso sim. O homem, libertado dessa maneira, seria Deus; seria desindividualizado. Mas não pode ser desindividualizado, não o será nunca, porque, para isso, seria preciso conceber a ação de Deus contra si mesmo, uma ação fútil e sem objeto. O homem é uma criatura. As criaturas são os pensamentos de Deus. E precisamente a natureza de um pensamento consiste em ser irrevogável.

P — Não compreendo bem. O senhor diz que o homem não poderá nunca despojar-se do seu corpo...

V — O que eu digo é que não estará nunca sem corpo.

P — Explique-se.

V — Há dois corpos: o rudimentar e o completo, correspondentes aos dois estados do verme e da mariposa. O que chamamos morte não é mais que uma metamorfose dolorosa. A nossa incarnation atual é progressiva, preparatória, temporal. A nossa incarnation futura é perfeita, definitiva, imortal. A vida definitiva é o objetivo supremo.

P — No entanto, nós temos uma noção palpável da metamorfose do verme.

V — Nós, sim; o verme, não. A matéria de que está revestido o nosso corpo rudimentar encontra-se ao alcance dos órgãos desse mesmo corpo. Mais claramente: os nossos órgãos rudimentares correspondem à matéria que forma o corpo rudimentar, mas não à do corpo supremo. O corpo ulterior, escapa assim à nossa sensação rudimentar e a única coisa que percebemos é a casca que cai e se separa da forma interior, mas não a forma íntima em si mesma. Porque esta forma interior, tal como a sua casca, só pode ser apreciada pelos que já conseguiram conquistar a vida ulterior.

P — O senhor disse frequentes vezes que o estado magnético se parece, de maneira singular, com a morte. Porquê?

V — Quando digo que se parece com a morte deve entender-se que se parece com a vida ulterior. Porque, durante o estado hipnótico, os sentidos da vida rudimentar descansam e apercebo-me das coisas exteriores diretamente sem órgãos, por um agente que estará ao meu serviço na vida ulterior ou inorgânica.

P — Inorgânica?

V — Sim. Os órgãos são mecanismos, em virtude dos quais o indivíduo se põe em relação sensível com certas categorias e formas de matéria, com exceção de outras categorias e de outras formas. Os órgãos humanos são próprios para a sua condição rudimentar, mas nada mais. A sua condição ulterior, sendo inorgânica, corresponde a uma compreensão infinita de todas as coisas menos uma, que é a natureza da vontade de Deus, quer dizer: o movimento da matéria indivisível. Formar-se-á uma ideia aproximada do corpo definitivo concebendo-o como se fora todo cérebro. Um corpo luminoso comunica uma vibração ao éter encarregado de transmitir a luz. Esta vibração engendrará outras semelhantes na retina, as quais se comunicam ao nervo ótico. O nervo ótico leva-as ao cérebro e o cérebro à matéria indivisível que o penetra. O movimento desta é o pensamento, de que a percepção é o seu primeiro estado vibratório. Tal é a maneira pela qual o espírito da vida rudimentar comunica com o exterior. E este mundo exterior encontra-se, na vida rudimentar, limitado pela idiosincrasia dos órgãos. Mas, na vida ulterior, inorgânica, o mundo exterior comunica com o corpo interior, que, conforme lhe disse, é de determinada substância com certa afinidade com o cérebro, sem outra intervenção além de um éter infinitamente mais subtil que o luminoso. Então todo o corpo vibra em uníssono com esse éter e põe em movimento a matéria indivisível de que está penetrado. Assim, pois, devemos atribuir à ausência de órgãos idiosincráticos a percepção quase ilimitada da vida ulterior. Os órgãos são como invólucros indispensáveis onde se encerram os seres até que se libertem pelo sofrimento.

P — O senhor fala dos seres rudimentares. Haverá, por acaso, outros seres rudimentares, pensantes, além do homem?

V — A incalculável aglomeração de matéria subtil nas nebulosas, os planetas, os sóis e outros corpos que não são nebulosas, nem sóis, nem planetas, têm como único destino servir de alimento aos órgãos idiossincráticos de uma infinidade de seres rudimentares. Mas, sem esta necessidade da vida rudimentar que conduz à vida definitiva, todos estes mundos não teriam existido. Cada um deles está ocupado por uma variedade diferente de criaturas orgânicas, rudimentares e pensantes. Em todas elas os órgãos variam com as características gerais do seu habitáculo. Com a morte, essas criaturas metamorfoseiam-se e desfrutam a vida ulterior, a imortalidade, e conhecem todos os segredos, exceto o *único*. Praticam todos os seus atos e movem-se em todos os sentidos por simples efeito da vontade. Vivem então, não nos astros, que até agora nos parecem os únicos mundos existentes, e para cuja comodidade imaginamos estupidamente que foi criado o espaço, mas no próprio espaço, nesse infinito cuja imensidade verdadeiramente substancial absorve os astros como sombras.

P — O senhor afirmou que, sem a *necessidade* da vida rudimentar, não teriam sido criados os astros. Para que serve essa necessidade?

V — Na vida orgânica, tal como geralmente na matéria inorgânica, não há nada que possa contradizer a ação dessa lei simples e única que constitui a volição divina. A vida e a matéria orgânicas, complexas, substanciais, e governadas por uma lei múltipla, foram constituídas com o fim de criar um impedimento.

P — E que necessidade havia de criar esse impedimento?

V — O resultado da lei inviolada é perfeição, justiça, felicidade negativa. O resultado da lei violada é imperfeição, injustiça, dor positiva. Graças ao obstáculo posto pelo número, a complexidade ou a substancialidade das leis da vida e da matéria orgânicas, a violação da lei chega a ser praticável de certo modo. Desta maneira, a dor que é impossível na vida inorgânica é possível na vida orgânica.

P — E que resultado satisfatório se procura com essa possibilidade de criar a dor?

V — Todas as coisas são boas ou ruins por comparação. A mais simples análise demonstrará que o prazer não é mais que o contraste da dor. O prazer positivo é uma ideia pura. Para se ser feliz até certo ponto é necessário ter-se sofrido até esse mesmo ponto. Não sofrer nunca, equivaleria a nunca ter sido feliz. Mas está demonstrado que, na vida inorgânica, a dor não pode existir. E daí a sua necessidade na vida orgânica. A dor da vida primitiva sobre a terra é a única base, a única garantia da felicidade na vida ulterior, no céu.

P — Ainda me falta compreender uma das suas expressões: a imensidade verdadeiramente *substancial* do infinito.

V — Isso é devido provavelmente ao facto do senhor não ter uma noção suficientemente genérica da expressão *substância*. Não devemos considerá-la como uma qualidade, mas como um sentimento; é a percepção dos seres pensantes, da apropriação da matéria pelo seu organismo. Existem muitas coisas na terra que não seriam nada para os habitantes de Vénus, assim como há muitas coisas visíveis e tangíveis em Vénus cuja existência não podemos apreciar. Mas, para os seres inorgânicos — chamemos-

lhes anjos — a totalidade da matéria indivisível é substância, isto é, para eles a totalidade do que chamamos espaço é a verdadeira substancialidade. Portanto, os astros, apreciados sob o ponto de vista material, escapam ao sentido angélico na mesma proporção em que a matéria indivisível escapa ao sentido orgânico sob o ponto de vista imaterial.

Ao dizer estas últimas palavras, a voz do hipnotizado enfraqueceu de uma maneira extraordinária e observei no seu rosto uma expressão tão singular que me alarmou e me decidiu a despertá-lo imediatamente. Mal acabava de o fazer quando ele caiu sobre as almofadas e expirou, sem deixar de sorrir, com um sorriso resplandecente que iluminava todos os seus traços.

Em menos de um momento, o seu corpo adquiriu a imóvel rigidez da pedra. A sua frente estava fria de gelo. Talvez que a última parte da sua resposta tivesse sido proferida já do fundo da região das sombras.

O Caso do Senhor Valdemar

Título original: *The Facts in the Case of M. Valdemar*

Publicado em 1845

É lógico que o extraordinário caso do senhor Valdemar provocasse discussões. Seria milagre que não sucedesse assim, sobretudo em tais circunstâncias. O desejo dos interessados em manter o assunto secreto, pelo menos por agora, e esperar a oportunidade de uma nova investigação, e os nossos esforços para o conseguir, deram lugar a uma versão incompleta e exagerada, que, ao tornar-se pública, se apresentou com características desagradavelmente falsas e foi causa de grande descrédito.

É necessário, em vista disso, que eu revele os *factos*, como os conheço e compreendo, com toda a lealdade.

Várias vezes, e em ocasiões diversas, a minha atenção foi atraída, nestes últimos anos, pelo magnetismo animal. Há aproximadamente nove meses fui assaltado pela ideia súbita de que, na série de experiências feitas até agora, havia uma considerável e inexplicável lacuna: ninguém tinha sido ainda hipnotizado *in articulo mortis*.

Faltava saber, naturalmente, se, em semelhante estado, existia no paciente uma recetividade propícia ao influxo magnético; e se ela era aumentada ou diminuída por essa circunstância especial. Em terceiro lugar, era necessário saber até que ponto a ação da morte poderia ser detida por essa operação.

Havia mais pontos a esclarecer, mas não me interessavam tanto como estes três, sobretudo o último, por causa da importância excepcional das suas consequências.

Procurando em volta de mim o paciente que me esclarecesse estes pontos, fixei os olhos no meu amigo Ernesto Valdemar, o compilador bem conhecido da «*Biblioteca Forense*» e autor (sob o pseudónimo de Issachar Marx) das traduções polacas do «*Wallesten*» e de «*Gargântua*».

O senhor Valdemar, que residia habitualmente em Harlem (Nova Iorque) desde 1839, distinguia-se principalmente pela sua excessiva magreza e também pela brancura das suas suíças, que formavam um contraste tão estranho com a sua cabeleira negra que muita gente supunha que ele usava capachinho. O seu temperamento era singularmente nervoso e, portanto, excelente para as experiências hipnóticas. Em duas ou três ocasiões consegui adormecê-lo sem grande dificuldade, mas fiquei desanimado acerca de outros resultados, que a sua constituição particular me autorizava a esperar. A sua vontade não ficava nunca totalmente submetida à minha influência, e no que se refere a *clarividência* nunca pude obter nenhum resultado definitivo. Atribuo tais factos ao seu mau estado de saúde. Poucos meses antes de o conhecer, os médicos diagnosticaram-lhe uma tuberculose claramente definida, e tinha o costume de falar do seu próximo fim como um facto que não podia ser evitado nem lamentado.

Ninguém serviria melhor que o senhor Valdemar para a minha experiência. Conhecia demasiado a sua sólida resignação filosófica para ter qualquer escrúpulo a seu respeito, e, além disso, ele não tinha parentes na América que pudessem opor-se aos meus

desejos. Posto isto, falei-lhe francamente, e, com grande surpresa minha, pareceu interessar-se muito pelo caso. Digo com grande surpresa porque, embora sempre se tivesse prestado amavelmente a toda a espécie de experiências, nunca me pareceu que as olhasse com grande simpatia.

A sua doença era das que permitem um cálculo exato sobre a data do *desenlace*. Combinámos, portanto, que, vinte e quatro horas antes do prazo fixado pelos médicos para a sua morte, ele me avisaria.

Há aproximadamente sete meses que recebi do senhor Valdemar a seguinte carta:

Meu querido Poe:

O senhor pode vir agora. D... e F... estão de acordo em que não passarei de amanhã à meia-noite e eu creio que não se devem enganar muito na conta.

Seu

Valdemar

Recebi esta carta meia hora depois de ter sido escrita e não levei quinze minutos a chegar à alcova do moribundo. Havia já seis dias que o não via e fiquei aterrado com a horrível transformação que ele sofrera nesse lapso de tempo. Tinha o rosto cor de chumbo, os olhos quase extintos e era tão grande a sua magreza que os malares furavam-lhe a pele. Tinha muita expetoração e mal se lhe conhecia o pulso.

Conservava, no entanto, todas as suas faculdades intelectuais e alguma força física.

Falava claramente e tomava, sem auxílio, os seus remédios. Quando entrei estava a escrever algumas notas num caderno. Soerguido no leito, era amparado pelas almofadas. Dos dois lados, os doutores D... e F... observavam-no atentamente.

Depois de apertar a mão a Valdemar, chamei os médicos de parte e eles explicaram-me minuciosamente o estado do enfermo. Havia dezoito meses que o pulmão esquerdo estava ossificado e cartilaginoso, e ineficaz, portanto, para qualquer função vital. Quanto ao direito, também estava, em parte, ossificado na sua região superior, ao passo que a inferior já não era mais que uma massa de tubérculos purulentos que se interpenetravam. Existiam muitas cavernas profundas e, em certos pontos, uma aderência permanente das costelas.

Todos estes fenómenos patológicos eram relativamente recentes. A ossificação estabelecera-se com insólita rapidez e a aderência só fora observada três dias antes.

Independentemente da tísica, suspeitava-se de um aneurisma da aorta, mas a ossificação tornava impossível qualquer diagnóstico exato a esse respeito. A opinião dos dois médicos era de que o senhor Valdemar morreria no dia seguinte, domingo, cerca da meia-noite. Estávamos no sábado, e eram sete horas da tarde.

Ao abandonarem a cabeceira do moribundo para falar comigo, os doutores D... e F... despediram-se dele. Tinham o propósito de não voltar mais; mas, cedendo ao meu pedido, consentiram em vir ver o paciente às dez da noite. Quando se foram embora, falei tranquilamente com o senhor Valdemar da sua morte próxima, e

em particular da experiência que tínhamos projetado. Continuava muito interessado por ela e apressou-me para que a fizéssemos quanto antes.

Tinha dois criados, um homem e uma mulher, para nos auxiliarem, mas eu não me atrevia a empreender uma experiência tão grave sem outras testemunhas mais qualificadas que pudessem comprovar o seu caráter puramente científico, em caso de acidente súbito.

Retardei, portanto, a operação até às oito da noite, mas a chegada de um estudante de medicina, meu amigo, Teodoro L..., decidiu-me a começá-la quanto antes, sem necessidade de esperar pelos médicos. Para me decidir, contribuiu também bastante o vivo desejo do senhor Valdemar e, sobretudo, a certeza que tinha de que não devíamos perder um instante.

L... foi bastante amável para concordar e encarregou-se de tomar notas de tudo o que fosse sucedendo. Assim, a narração que se segue é composta palavra por palavra pelo que foi escrito pelo meu amigo, ou condensando o que ele escreveu.

Eram aproximadamente oito menos cinco quando, pegando na mão do moribundo, lhe pedi que confirmasse ao senhor L..., o mais claramente que pudesse, a sua vontade expressa de que eu fizesse com ele uma experiência em tais condições.

— Sim; desejo ser hipnotizado — respondeu débil mas distintamente. E imediatamente acrescentou: — Temo que o senhor se tenha atrasado demasiadamente.

Enquanto falava, iniciei os passes que a experiência me demonstrara como eficazes para adormecê-lo. O primeiro movimento da minha mão teve, sem dúvida, nos seus olhos, uma

certa influência, mas apesar de todo o meu poder hipnótico não se manifestou nenhum outro movimento sensível até às dez e dez, hora a que chegaram os médicos D... e F...

Expliquei-lhes em poucas palavras o meu propósito e, como não fizeram a mais pequena objeção, limitando-se a dizer que o doente entrara já em período agónico, continuei com decisão, mudando, às vezes, os passes transversais em passes longitudinais e concentrando todo o meu olhar nas pupilas do moribundo. Durante esse tempo, o pulso tornou-se-lhe impercetível e a respiração interrompia-se de meio em meio minuto.

Assim decorreu um quarto de hora sem nenhuma modificação notável. Passado esse tempo, escapou-se do peito do moribundo um suspiro natural, embora horrivelmente profundo, e a sua respiração rouca, isto é, o estertor, cessou por completo.

As extremidades do paciente estavam geladas.

Às onze menos cinco notei sintomas inequívocos da influência hipnótica. A lucilação das suas pupilas transformara-se nessa penosa impressão do olhar *para dentro* que só se vê nos casos de sonambulismo e acerca da qual não são possíveis confusões. Executei rapidamente alguns passes transversais, que lhe fizeram palpitar as pálpebras como quando o sono se apodera de nós, até que consegui que se fechassem por completo. Não era só isto o que me propunha, e continuei energicamente a projetar a minha vontade até conseguir paralisar por completo os membros do paciente, depois de os ter colocado numa posição aparentemente cómoda: as pernas estendidas, os braços a uma distância regular dos rins e a cabeça levantada.

Era já meia-noite e pedi aos médicos que examinassem o senhor Valdemar. Ambos reconheceram que se encontrava num estado de sono magnético extraordinariamente perfeito.

A curiosidade dos médicos excitava-se enormemente, mas só o doutor D... se decidiu a passar a noite connosco, na companhia do senhor L... e dos criados. Quanto ao doutor F... despediu-se de nós, prometendo voltar no dia seguinte muito cedo.

Deixámos tranquilo o senhor Valdemar até às três da madrugada. A essa hora encontrei-o no mesmo estado que três horas antes. Continuava na mesma posição: o pulso era impercetível e a respiração suave, apenas se dava por ela chegando-lhe um espelho aos lábios. Os olhos estavam fechados naturalmente, e os membros rígidos e frios como o mármore. No entanto, o seu aspeto geral não era o da morte.

Aproximando-me do senhor Valdemar, fiz um pequeno esforço para conseguir que o seu braço direito obedecesse ao meu nos movimentos diferentes que descrevia em diversas direções. Das outras vezes, ao fazer esta mesma experiência, não o tinha conseguido por completo, e com certeza não teria agora melhor sucesso; mas com grande assombro meu o seu braço obedeceu suave e debilmente, seguindo todas as direções marcadas pelo meu. Então decidi-me a tentar uma conversação.

— Senhor Valdemar, está a dormir?

Não me respondeu, mas um ligeiro tremor dos seus lábios mostrou que me tinha ouvido. Repeti pela segunda e terceira vez a pergunta. À terceira, todo o seu ser estremeceu. As pálpebras ergueram-se deixando ver uma linha esbranquiçada do globo ocular.

Os lábios moveram-se lentamente e deixaram escapar estas palavras como um murmúrio:

— Sim, agora durmo. Não me despertem. Deixem-me morrer assim.

Toquei-lhe nos membros: estavam rígidos. O braço direito, porém, continuava a obedecer aos movimentos da minha mão.

Voltei a perguntar ao sonâmbulo:

— Dói-lhe o peito, senhor Valdemar?

Demorou a responder. A sua resposta foi menos clara que a primeira.

— Dor?... Não... Estou a morrer...

Não me pareceu conveniente atormentá-lo mais naquela altura e esperámos a chegada do doutor F., que apareceu um pouco antes do nascer do sol e que mostrou um assombro sem limites ao encontrar o senhor Valdemar ainda vivo. Depois de lhe tomar o pulso e de lhe pousar um espelho sobre os lábios, pediu-me que voltasse a interrogá-lo. Obedeci.

— Senhor Valdemar, está a dormir?

Como anteriormente, passaram alguns minutos sem me responder. Parecia que o moribundo concentrava toda a sua energia para falar. Tive que repetir por quatro vezes a pergunta e respondeu muito debilmente, quase de um modo ininteligível.

— Sim... durmo... estou a morrer.

Por conselho dos médicos, deixámos o senhor Valdemar naquele estado de calma aparente até que sobreviesse a morte, o que devia ter lugar antes de cinco minutos.

Passado esse tempo, tornei a perguntar:

— Senhor Valdemar, está a dormir?

Enquanto eu falava, transformou-se extraordinariamente a fisionomia do hipnotizado. Os olhos giraram-lhe nas órbitas, descobertos vagarosamente pelas pálpebras que se abriam. A pele tomou um tom cadavérico geral mais parecido com o pergaminho que com o papel, e as duas manchas hécticas que até aí apareciam no centro da face *apagaram-se* de súbito. Emprego esta expressão porque a sua rapidez em desaparecer fazia pensar numa vela soprada brusca e vigorosamente. O lábio superior descobriu os dentes, enquanto o maxilar inferior caía com uma sacudidela brusca, deixando a boca aberta e descobrindo a língua inchada e negra.

Embora todas as testemunhas estivessem já familiarizadas com os horrores de um leito mortuário, era de tal forma terrível o aspeto do senhor Valdemar naquele instante que todos recuaram instintivamente. (Chegámos a um ponto da minha narrativa em que talvez o leitor se mostre incrédulo. Não importa: eu tenho o dever de continuar).

Já não havia no senhor Valdemar o mais débil sintoma de vitalidade. Convencidos da sua morte, íamos já entregá-lo às mãos dos enfermeiros quando um estranho movimento vibratório, que durou pouco mais de um minuto, se manifestou na língua dele. Ao cabo desse tempo, dos maxilares, separados e imóveis, saiu uma voz que seria loucura tentar descrever. Há, no entanto, dois ou três epítetos que podem empregar-se, embora nenhum deles nos dê a sensação real. Poderia dizer-se que o som era áspero, esfarrapado e cavernoso; mas a autêntica repulsão que provocava não é definível, porque nunca voz como aquela soara aos ouvidos de nenhum ser humano.

Havia, no entanto, duas particularidades que poderiam ser tomadas como características da entoação e davam uma ideia da sua estranheza ultraterrena.

Em primeiro lugar, a voz parecia chegar aos nossos ouvidos, pelo menos aos meus, como de muito longe, de algum abismo subterrâneo. Em segundo lugar, impressionou-me da mesma maneira que as matérias aglutinantes ou gelatinosas impressionam o tato.

Falei ao mesmo tempo de som e de voz. Quero repetir agora que no som se destacavam as sílabas distinta e terrivelmente. O senhor Valdemar *falava* sem dúvida para responder à pergunta que lhe havia dirigido minutos antes. Lembrar-se-ão de que lhe perguntei se continuava dormindo. E respondia agora:

— Sim... Não... *Dormi. Agora... agora estou morto.*

Nenhum dos presentes tentou negar, nem sequer reprimir o indescritível e profundo terror que estas palavras, claramente pronunciadas, produziram em nós. O estudante L... desmaiou. Os enfermeiros fugiram imediatamente da alcova e foi impossível convencê-los a voltar. Durante uma hora, ocupámo-nos, silenciosos, em fazer voltar a si o senhor L... Quando o conseguimos, continuámos com as nossas investigações. Examinámos o senhor Valdemar. Tudo continuava no mesmo estado, exceto o espelho, que já não acusava nenhum sinal respiratório.

Uma tentativa de sangria, no braço, não deu resultado. Os seus membros já não obedeciam à minha vontade, visto que o braço direito não seguia as indicações da minha mão. Não restava portanto nenhuma influência hipnótica, a não ser o movimento vibratório da língua cada vez que eu dirigia alguma pergunta ao

senhor Valdemar. Mas se era outra pessoa que o interrogava, embora eu pusesse alguma parte do meu corpo em contacto com o seu, a língua do morto permanecia imóvel.

Substituímos por outros os dois enfermeiros e, às dez da manhã, saí de casa do senhor Valdemar em companhia dos dois médicos e do meu amigo estudante.

Ao meio-dia voltámos todos para o ver. O seu estado continuava o mesmo. Discutimos acerca da oportunidade de o despertar, visto que todos concordávamos em que a morte, ou o que se define habitualmente pela palavra *morte*, tinha sido contida pela operação magnética. Portanto, despertar o senhor Valdemar seria simplesmente confirmar o seu minuto supremo, ou pelo menos acelerar a sua desorganização.

Desde então até ao fim da última semana, ou seja durante um período de *sete meses*, retinimo-nos quotidianamente em casa de Valdemar, acompanhados de médicos e de outros amigos.

Durante todo esse tempo, o magnetizado permanecia *exatamente* tal como o descrevi. Os enfermeiros velavam alternadamente e a vigilância era contínua.

Por fim, na última sexta-feira, resolvemos despertá-lo, ou, pelo menos, tentá-lo. Foi talvez o resultado deplorável desta última tentativa que, dando lugar a tantas discussões nos círculos públicos e particulares, me obrigou a escrever este verídico relato.

Para libertar o senhor Valdemar do sono magnético, empreguei os passes costumados.

Durante algum tempo, foram inúteis.

O primeiro sintoma de regresso à vida foi uma depressão parcial da íris, coincidindo com ela o fluxo abundantíssimo de um

líquido amarelado, e um cheiro acre fortemente desagradável.

Aconselharam-me então a que tentasse influenciar o braço do paciente, como fizera no começo da experiência.

Não o pude conseguir.

Então o doutor F... manifestou o desejo de que eu lhe fizesse uma pergunta.

Obedeci:

— Senhor Valdemar, pode explicar-nos o que sente, e o que deseja neste momento?

Voltaram bruscamente as rosetas tuberculosas às faces e a língua estremeceu violentamente na cavidade bucal, embora os maxilares e os lábios permanecessem imóveis. Por fim, aquela mesma voz horrível, que já tentei descrever, surgiu impetuosa:

— Por amor de Deus! Vamos, vamos! Adormeça-me ou acorde-me! Depressa! *Já lhe disse que estou morto!*

Durante um minuto, não soube o que fazer. O cadáver mostrava uma agitação extrema e, no meu atordoamento, que era como um colapso na minha própria vontade, em vez de acalmar o paciente fiz o possível para o despertar. Depressa me apercebi de que esta tentativa seria bem sucedida e de que, além disso, todos os presentes a desejavam como uma libertação.

No entanto, na realidade, ninguém podia esperar o que sucedeu.

Enquanto eu fazia rapidamente os passes magnéticos, no meio dos gritos de «Morto! Morto!» que o cadáver soltava, que brotavam da sua língua e não dos seus lábios, o seu corpo desfez-se, esmigalhou-se, apodreceu completamente debaixo das minhas mãos.

No leito, diante de todos, jazia uma massa repugnante, quase líquida, em estado de completa putrefação.

O Poder da Palavra

Título original: *The Power of Words*

Publicado em 1845

Oinos — Perdoa, Agathos, a fraqueza de um espírito revestido ainda há pouco da imortalidade.

Agathos — Não tenho nada que te perdoar, meu caro Oinos. O conhecimento não é instintivo, nem mesmo aqui. Quanto ao saber, pede-o aos anjos com confiança!

Oinos — Mas na existência passada imaginava eu que o conhecimento de todos os objetos me viria de uma só vez e, com ele, a felicidade absoluta.

Agathos — Ah! não é na ciência que está a felicidade, mas sim na aquisição da ciência! Saber para sempre é a beatitude eterna: mas saber tudo seria uma condenação de demónio!

Oinos — Mas visto que os nossos conhecimentos aumentam a cada minuto, não é inevitável que cheguemos por fim a conhecer tudo?

Agathos — Contempla o abismo imenso do Universo. Deixa cansarem-se-te os olhos a penetrar as inumeráveis perspectivas de estrelas, através das quais deslizamos serenamente e sem fim! Não sentes estacar a própria visão espiritual ante as áureas muralhas circulares dos céus, muralhas feitas de miríades de corpos brilhantes que se fundem numa unidade incomensurável?

Oinos — Concebo agora claramente que o infinito da matéria não é um sonho.

Agathos — Não há sonhos no céu, mas revela-se-nos aqui que o único objeto do infinito da matéria é criar fontes infinitas onde a alma possa saciar esta sede de conhecer que lhe é ingênita e que ela não poderia extinguir sem se aniquilar a si própria. Interroga-me pois, meu Oinos, com liberdade e sem receio. Vem! Deixaremos à esquerda o grupo brilhante das Plêiades e iremos pousar lá ao longe, nas planícies estreitadas, para além de Órion, onde acharemos, em vez de amores perfeitos, violetas e jáceas selvagens, vastas regiões de sóis triplos e de sóis tricolores.

Oinos — E agora, Agathos, enquanto adejamos através do espaço, instrui-me. Mas fala-me a linguagem familiar da terra. Ainda agora não compreendi bem o que me davas a entender sobre os modos e os processos da criação; isto é, do que chamávamos criação no tempo em que éramos mortais. Queres dizer que o Criador não é Deus?

Agathos — Quero dizer que a Divindade não cria coisa alguma.

Oinos — Explica-te.

Agathos — A Divindade não criou senão ao princípio. As criaturas que emergem agora infatigavelmente à existência, por todo o Universo, podem apenas ser consideradas como resultados imediatos ou indiretos, e nunca como diretos ou imediatos do Divino Poder Criador.

Oinos — Essa ideia, meu Agathos, teria sido considerada entre os homens como o último grau da heresia.

Agathos — Entre os anjos, meu Oinos, é simplesmente admitida como uma verdade.

Oinos — A minha razão compreende-te, mas só com relação a certas operações do ser a que chamamos Natureza, ou leis naturais, produzindo, em determinadas condições, objetos que têm a perfeita aparência da criação. Recorda-me que, pouco tempo antes da destruição final da terra, fizeram-se, com o melhor êxito, um grande número de experiências que alguns filósofos designaram, enfaticamente, sob o nome de criação de animálculos.

Agathos — Esses casos não eram senão exemplos de criação secundária, da única espécie de criação que não se tornou mais a efetuar desde que a primeira palavra proferiu a primeira lei.

Oinos — E os mundos estrelados, que brotam incessantemente das profundezas do Nada e que a toda a hora e todo o instante fazem explosão nos céus; esses astros, Agathos, também não são a obra imediata do Criador?

Agathos — Vou tentar, meu Oinos, conduzir-te gradualmente à concepção que tenho em vista. Sabes perfeitamente que, assim como nenhum pensamento pode perder-se, assim não há uma única ação que não tenha um resultado infinito. As nossas mãos agitando-se no ar, quando éramos habitantes da terra, causavam uma certa vibração na atmosfera ambiente. Essa vibração prolongava-se indefinidamente, comunicando-se a cada molécula da atmosfera terrestre, que a partir desse momento e para sempre era posta em atividade por aquele simples movimento da mão. Os matemáticos do nosso planeta conheceram perfeitamente esse facto. Os efeitos particulares criados no fluido por impulsos particulares serviram-lhes de base a um cálculo muito exato. De sorte que se tornou fácil determinar em que período preciso o impulso de uma força dada poderia fazer o giro do globo e

influenciar, para sempre, cada átomo da atmosfera ambiente. Por um cálculo retrógrada, determinaram igualmente (sendo dado um efeito em condições conhecidas) o valor do impulso original. Então os mesmos sábios que viram que os resultados de um impulso dado eram absolutamente sem fim e que uma parte desses resultados podia ser rigorosamente seguida no espaço e no tempo, por meio da análise algébrica, que compreenderam também a facilidade do cálculo retrógrado, esses homens, digo, conheceram ao mesmo tempo que esta espécie de análise continha, ela própria, um poder de progresso indefinido: que não existiam limites concebíveis à sua marcha progressiva nem à sua aplicabilidade, exceto os do espírito que a havia conduzido ou aplicado. Mas tendo chegado a este ponto, os nossos matemáticos estacaram.

Oinos — E para que haveriam de ter ido mais longe, Agathos?

Agathos — Porque mais longe havia considerações de um interesse profundo. Do que sabiam, os nossos filósofos podiam ter inferido que um ser de uma inteligência infinita (um ser para quem a análise algébrica não teria limitação) não acharia a mínima dificuldade em seguir qualquer movimento imprimido ao ar e transmitido ao éter pelo ar até às suas repercussões mais longínquas, mesmo numa época infinitamente remota. Demonstrase, efetivamente, que cada movimento imprimido ao ar deve, por fim, atuar sobre todos os seres individuais compreendidos nos limites do universo. Ora o ser dotado de uma inteligência infinita (o ser que imaginámos) poderia seguir as ondulações longínquas do movimento, segui-las ao longe e incessantemente mais longe, nas suas influências sobre todas as partículas da matéria; ao longe e incessantemente mais longe, nas modificações que elas impõem às

formas primitivas (ou, noutros termos, nas criações novas que elas produzem), até vê-las, por fim, quebrarem-se e desde então ineficazes, de encontro ao trono da Divindade. Um tal ser poderia fazer não só isto, mas ainda, se numa época qualquer lhe fosse apresentado um certo resultado (se um destes cometas inumeráveis, por exemplo, fosse submetido ao seu exame) ele poderia, sem trabalho algum, determinar, pela análise retrógrada, a que impulso primitivo o mesmo cometa devia a sua existência. O poder de análise retrógrada, na sua plenitude e absoluta perfeição, é exclusivamente a prerrogativa da Divindade; mas este poder é exercido, em todos os graus da escala inferior à perfeição absoluta, pela povoação total das inteligências angélicas.

Oinos — Mas tu não falas senão dos movimentos imprimidos ao ar.

Agathos — Falando do ar, o meu pensamento abraçava apenas o mundo terrestre; mas a proposição generalizada compreende os impulsos criados no éter, os quais, penetrando e atravessando todo o espaço, vem a ser o grande *medium* da criação.

Oinos — Então todo o movimento, de qualquer espécie que seja, é criador?

Agathos — Certamente que sim; mas há muito tempo que uma filosofia verdadeira nos ensinou que a fonte de todos os movimentos é o pensamento; e que a fonte de todos os pensamentos é...

Oinos — Deus.

Agathos — Falei-te, Oinos (como devia falar a um filho dessa bela terra que morreu recentemente), dos movimentos produzidos

na atmosfera da terra.

Oinos — Sim, caro Agathos.

Agathos. — E enquanto eu assim falava, não te atravessou o espírito algum pensamento relativo ao poder material das palavras? Não é verdade que cada palavra é um movimento criado no ar?

Oinos — Mas porque choras, Agathos? E porque, oh!, porque é que as tuas asas enfraquecem ao pairar sobre esta bela estrela, a mais virente e contudo a mais terrível de todas as que havemos encontrado no nosso voo? As suas brilhantes flores parecem um sonho maravilhoso, mas os seus vulcões ferozes lembram as paixões de um coração tumultuoso!

Agathos — Não parecem, são! São sonhos e paixões! Esta estrela extraordinária fui eu que a criei há cerca de três séculos, proferindo algumas frases apaixonadas com os punhos cerrados e os olhos arrasados de lágrimas aos pés da minha amada. As suas flores brilhantes são os mais caros de todos os sonhos não realizados e os seus vulcões furiosos são as paixões do mais tumultuoso e do mais insultado dos corações!

O Sistema do Doutor Breu e do Professor Pena

Título original: *The System of Doctor Tarr and Professor Fether*

Publicado em 1845

Durante o outono de 18..., quando visitava as províncias do extremo sul da França, o meu caminho conduziu-me a algumas milhas de uma certa casa de saúde, ou hospício particular de doidos, de que ouvira falar muito em Paris a médicos meus amigos.

Como nunca visitara um lugar desta espécie, julguei boa a ocasião para o fazer e propus ao meu companheiro de viagem (um *gentleman* a quem fora apresentado, por acaso, dias antes) que nos desviássemos do nosso caminho durante uma hora aproximadamente e examinássemos o estabelecimento. Mas ele recusou-se, dizendo-se primeiro muito apressado e alegando em seguida o horror que lhe inspirava em geral a presença de um alienado. Pediu-me, no entanto, para não sacrificar, por cortesia para com ele, a satisfação da minha curiosidade, e disse-me que continuaria a cavalgar muito vagarosamente, de maneira a poder alcançá-lo nesse dia ou, quando muito, no dia seguinte. Quando me despedia, veio-me a ideia de que teria talvez dificuldade em penetrar no sítio em questão e participei-lhe os meus receios sobre esse assunto. Respondeu-me que, com efeito, a menos que conhecesse pessoalmente o senhor Maillard, o diretor, visto que não possuía qualquer carta de apresentação, poderia surgir alguma dificuldade, porque os regulamentos destas casas particulares de

doidos eram muito mais rigorosos do que os dos hospícios públicos. Quanto a ele, prosseguiu, travara alguns anos antes conhecimento com Maillard, e podia prestar-me o favor de me acompanhar até à porta e de me apresentar. No entanto, a sua relutância relativa à loucura não lhe permitia entrar no hospício.

Agradei-lhe e, desviando-nos da estrada principal, entrámos num caminho secundário que, ao fim de uma meia hora, se perdia num bosque espesso que cobria a base de uma montanha.

Percorremos cerca de duas milhas através desse bosque húmido e escuro e, por fim, apareceu-nos a casa de saúde. Era um fantástico castelo, muito arruinado, e a julgar pela sua aparência de vetustez e abandono, devia estar dificilmente habitável.

O seu aspeto inspirou-me verdadeiro terror e, ao parar o meu cavalo, senti quase o desejo de voltar atrás. No entanto, imediatamente me envergonhei da minha fraqueza e continuei.

Quando nos dirigíamos para a grande porta, verifiquei que estava entreaberta e vi a figura de um homem que olhava de lado. Este homem avançou para o meu companheiro chamando-o pelo seu nome, apertou-lhe cordialmente a mão e pediu-lhe para descer do cavalo. Era o senhor Maillard, em pessoa, um verdadeiro *gentleman* de velha escola; rosto atraente, nobre presença, maneiras delicadas e um certo ar de gravidade, de dignidade e de autoridade que produzia uma forte impressão. O meu amigo apresentou-mo e explicou o meu desejo de visitar o estabelecimento. O senhor Maillard prometeu-lhe que teria comigo todas as atenções possíveis, ele despediu-se de nós e não o tornei a ver desde então.

Quando se foi embora, o diretor levou-me para um pequeno locutório excessivamente cuidado, que tinha entre outros indícios de gosto requintado, grande quantidade de livros, desenhos, jarras com flores e instrumentos musicais. Um bom lume crepitava alegremente na lareira. Ao piano, cantando uma ária de Bellini, estava sentada uma mulher jovem e muito bela, que à minha chegada parou de tocar e me recebeu com uma graciosa vénia. Falava em voz baixa e havia em todos os seus modos qualquer coisa de mortificado. Julguei ver também vestígios de desgosto na sua face, e a sua palidez excessiva não lhe diminuía o encanto. Andava de luto pesado, e despertou no meu coração um sentimento misto de respeito, interesse e admiração!

Eu ouvira dizer em Paris que o estabelecimento do senhor Maillard estava organizado segundo o que se chama vulgarmente o «sistema da bondade», pois evitavam ali o uso de todos os castigos; não se recorria sequer à reclusão, senão muito raramente; os doentes, vigiados secretamente, gozavam, aparentemente, de uma grande liberdade e podiam, na maior parte, circular através da casa e dos jardins com um traje igual ao das pessoas que estão no uso da razão.

Todos estes pormenores tinham ficado presentes no meu espírito, e acautelei-me com tudo o que pudesse dizer diante da jovem senhora; nada me garantia que ela fosse completamente normal; e, com efeito, havia nos seus olhos um certo brilho de inquietação que me levava quase a crer que o não era. Restringi, portanto, a minhas observações a assuntos gerais, ou àqueles que eu julgava incapazes de desagradar a uma louca ou mesmo de a excitar. Ela respondeu a tudo o que eu disse de uma maneira

perfeitamente sensata, e mesmo as suas observações pessoais eram marcadas pelo mais sólido bom-senso.

Mas um longo estudo da fisiologia da loucura ensinara-me a não me fiar mesmo em semelhantes provas da saúde moral, e continuei, durante toda a entrevista, a usar da prudência que já usara desde o princípio. Nesse momento, um criado muito elegante, de libré, trouxe uma bandeja carregada de fruta, vinhos e refrescos, da qual me servi de boa vontade; a senhora deixou o locutório pouco tempo depois. Quando ela saiu, virei os olhos para o meu anfitrião com uma expressão interrogativa.

— Não — disse ele. — Oh!, não... é uma pessoa da minha família... a minha sobrinha, aliás, uma perfeita mulher.

— Peço-lhe mil perdões pela minha dúvida — respondi — mas saberá desculpar-me. A excelente administração da sua casa é bem conhecida em Paris e eu pensava que seria possível apesar de tudo... compreende...

— Sim!, sim! Não se fala mais nisso — ou antes, era eu que devia agradecer-lhe pela muito louvável prudência que demonstrou. Encontramos raramente tanta prudência nas pessoas jovens, e mais de uma vez vimos acontecer deploráveis acidentes por falta de senso dos nossos visitantes. Quando eu aplicava o meu primitivo sistema, os doentes, que tinham o privilégio de passear por toda a parte à vontade, eram algumas vezes postos em crises perigosas por pessoas irrefletidas, convidadas a visitar a casa. Fui, portanto, constrangido a impor um rigoroso sistema de seleção, e de futuro ninguém mais pode obter acesso à nossa casa se não estivermos seguros da sua discrição.

— Quando aplicava o seu primitivo sistema? — disse-lhe, repetindo as suas palavras. — Devo entender por isso que o «sistema da bondade», de que tanto me falaram, deixou de ser aplicado aqui?

— Há já umas semanas — respondeu — que nós decidimos abandoná-lo para sempre.

— Na verdade? Espanta-me.

— Nós julgámos absolutamente necessário — disse com um suspiro — voltar aos métodos antigos. O «sistema da bondade» era um perigo terrível e constante, e as suas vantagens foram sobrestimadas. Fizemos tudo o que nos era ditado pelos sentimentos humanitários. Lamento que não nos tenha visitado há uns tempos atrás. Poderia ter apreciado a questão por si próprio. Mas suponho que está ao corrente do tratamento pela bondade em todos os pormenores.

— Absolutamente nada. O que conheço soube-o de terceira ou quarta mão.

— Definirei, portanto, o sistema em termos genéricos: um sistema em que o doente só era guiado, um sistema de «deixar andar». Nós não contrariávamos nenhuma das fantasias que entravam no espírito do doente. Ao contrário, não só nos prestávamos a isso, mas ainda os encorajávamos, e foi assim que pudemos operar um grande número de curas radicais. Não há raciocínio que influa mais num cérebro enfraquecido do que a redução ao absurdo. Tivemos homens, por exemplo, que se julgavam galinhas. O tratamento consistia, neste caso, em reconhecer, em aceitar o caso como facto real — em acusar o doente de estupidez no que ele não reconhecia suficientemente no

seu caso como facto real — e desde então não lhe recusar durante uma semana a alimentação própria de uma galinha. Graças a este método, bastava um pouco de grão e aveia para operar milagres.

— Mas todo o sistema consistia nessa espécie de complacência para com a mania?

— Não. Tínhamos também grande fé nos divertimentos de natureza simples, tais como a música, a dança, certas espécies de livros, etc., etc. Fingíamos tratar cada indivíduo de uma afeção física vulgar, e a palavra *loucura* jamais era pronunciada. Um ponto de grande importância era dar a cada doido o encargo de vigiar as ações de todos os outros. Depositar confiança na inteligência ou na discrição de um doido é conquistar-lhe o corpo e a alma. Por este meio pudemos dispensar um bom número de enfermeiros.

— E não tinha castigos de qualquer espécie?

— Muito raramente. De vez em quando, a doença de algum indivíduo aumentava até a uma crise e ele tornava-se subitamente furioso. Transportávamo-lo então para uma cela secreta, com medo de que a desordem do seu espírito contagiasse os outros e nós guardávamo-lo assim até ao momento em que podíamos enviá-lo aos parentes ou aos amigos — porque não nos ocupamos de loucos furiosos. Vulgarmente era transferido para os hospícios públicos.

— E agora, modificou tudo isso. Julga que esse procedimento é melhor?

— Decididamente que sim. O sistema tinha os seus inconvenientes e mesmo os seus perigos. Atualmente é, graças a Deus!, condenado em todas as casas de saúde da França.

— Estou muito surpreendido — repliquei — por tudo o que me disse, porque considerava como certo que não existisse outro

método de tratamento da loucura, atualmente em vigor, em todo o país.

— É ainda muito novo, meu amigo — respondeu o meu hospedeiro — mas virá o tempo em que aprenderá a julgar por si próprio tudo o que se passa no mundo, sem se fiar na tagarelice de outrem. Ora, em relação às nossas casas de saúde, é claro que estiveram a entrar consigo. Depois do jantar, quando estiver suficientemente recomposto da fadiga da sua viagem, terei o prazer de lhe proporcionar um passeio pela casa, para apreciar um sistema que, na minha opinião e na de todas as pessoas que puderam ver os seus resultados, é incomparavelmente o mais eficaz de todos os imaginados até ao presente.

— É o seu próprio sistema? — perguntei. — Um sistema da sua invenção?

— Orgulho-me disso — respondeu-me — e devo confessar que é bem meu, pelo menos numa certa medida.

Conversei assim com o senhor Maillard uma hora ou duas, durante as quais me mostrou os jardins e as culturas da casa.

— Não posso — disse-me — deixar-lhe ver os meus doentes imediatamente. Para um espírito sensível há sempre qualquer coisa, mais ou menos repugnante nesta espécie de exhibições, e não vou privá-lo do seu apetite porque jantamos juntos. Posso oferecer-lhe vitela à *la Saint-Menehould*, couve-flor à *la sauce veloutée* e depois disso um copo de *clos-vougeot*. Os seus nervos estarão então suficientemente recompostos.

Às seis horas, anunciaram o jantar e o meu anfitrião levou-me para uma grande sala de jantar, onde estavam reunidas numerosas pessoas, umas vinte e cinco ou trinta. Aparentavam ser de boa

sociedade, certamente de grande educação, se bem que as suas *toilettes*, pelo que me pareceu, fossem de uma riqueza extravagante e particularmente de um chique faustoso à moda da antiga corte. Observei também que pelo menos dois terços dos convivas eram senhoras, e que algumas delas não estavam vestidas nada conforme uma moda que uma parisiense consideraria atualizada.

Várias mulheres, por exemplo, que não tinham menos de setenta anos, estavam adornadas com uma profusão de fantasias, anéis, pulseiras, brincos, e mostravam os seios e os braços ultrajosamente nus. Notei igualmente, que muitos poucos desses trajos se adaptavam às pessoas que os vestiam. Ao olhar à minha volta descobri a interessante jovem a quem o senhor Maillard me tinha apresentado no locutório: mas a minha surpresa foi grande ao vê-la envergando um vestido comprido, de corte extravagante, sapatos de salto alto e uma touca engordurada, de renda de Bruxelas, demasiado grande para ela, de tal forma que lhe dava à cara uma aparência de ridícula pequenez. A primeira vez que a vira, estava vestida de luto pesado, o que lhe ficava maravilhosamente. Pouco depois já tinha um aspeto singular com a sua *toilette* de cerimónia, que me fez reavivar a primeira ideia do «sistema da bondade», e pus-me a pensar que o senhor Maillard quisera iludir-me até ao fim do jantar, com medo que eu experimentasse sensações desagradáveis durante a refeição, sabendo-me à mesa com lunáticos! Mas recordei-me que me tinham falado em Paris dos provincianos do Sul como de pessoas particularmente excêntricas, arreigadas a uma quantidade de ideias antigas e, aliás, ao falar com alguns dos convivas, senti em breve as minhas apreensões a

dissiparem-se. A própria casa de jantar, se bem que lhe não faltasse por completo o conforto nem boas dimensões, não tinha a elegância desejada. Assim, no soalho não havia *carpelle*, sendo verdade que na França nem sempre as há. As janelas não tinham cortinados, e as portas, quando estavam fechadas, eram solidamente presas por barras de ferro, fixadas em diagonal, como se usava nas lojas. Observei que a sala formava, só por si, uma das alas do castelo e que as janelas ocupavam assim três lados do paralelogramo. A porta estava situada no quarto lado. Havia, pelo menos, dez janelas.

A mesa achava-se esplendidamente servida. Estava coberta de louça lisa e sobrecarregada de todas as espécies de guloseimas. Era uma profusão absolutamente bárbara. Havia na verdade bastantes pratos para regalar os Anakim. Nunca na minha vida tinha contemplado uma tão monstruosa exposição, um tão extravagante desperdício de todas as coisas boas da vida, embora o serviço estivesse organizado com pouco gosto, e os meus olhos, acostumados às luzes suaves, encontravam-se cruelmente ofendidos pelo prodigioso esplendor de uma infinidade de velas dos candelabros de prata, que tinham colocado na mesa e espalhado por toda a sala, por toda a parte onde pudessem encontrar lugar. Vários criados, muito ativos, serviam a refeição, e numa mesa grande estavam sentadas sete ou oito pessoas com violas, flautas, trombones e um tambor.

Estes rapazes alegres, em determinados momentos, durante a refeição, fatigaram-me muito com uma infinidade de barulhos que pretendiam que fosse música, e que parecia causar um vivo prazer a todos os assistentes, exceto a mim, evidentemente.

Resumindo, não podia deixar de pensar que havia bastante excentricidade em tudo o que via. Mas é sabido que o mundo é formado por todas as espécies de pessoas que têm maneiras de pensar muito diferentes e uma imensidade de hábitos perfeitamente convencionais.

Além disso, eu viajara já o bastante para não ser um perfeito adepto do *nil admirari*. Assim, sentei-me tranquilamente no lugar à direita do meu anfitrião, que tinha um excelente apetite, e fiz as honras a todos os acepipes. A conversa, entretanto, animou e generalizou-se. As senhoras, como de costume, falavam muito. Em breve vi que os convivas se compunham na totalidade de pessoas bem educadas e que o meu hospedeiro era um tesouro de alegres anedotas. Parecia estar disposto de boa vontade a falar da sua posição de diretor de uma casa de saúde e, com grande surpresa minha, a loucura tornou-se o tema da conversa favorita de todos os comensais.

— Nós tínhamos outrora aqui um rapaz — disse um senhor baixinho e gordo, sentado à minha direita — que se julgava um bule. Na verdade, não é curioso que esta mesma mania entre muitas vezes no cérebro dos doidos? Não há, talvez, em França um hospício de alienados que não possa fornecer um bule humano. O «nosso» amigo era um bule de fabrico inglês e tinha o cuidado de se polir a ele próprio todas as manhãs com uma camurça e carbonato de cálcio.

— E depois — disse um homem alto, sentado em frente — tivemos, ainda não há muito tempo, um indivíduo que se lhe meteu na cabeça que era um burro, o que, metaforicamente falando, era perfeitamente verídico. Era um doente muito cansativo e tínhamos

muita dificuldade em impedi-lo de ultrapassar todos os limites. Durante bastante tempo, comeu apenas cardos, mas nós depressa o curámos dessa ideia, insistindo com ele para que não comesse outra coisa. Estava constantemente a dar coices... assim, veja... era assim...

— Senhor de Koch! Ficar-lhe-ia muito agradecida, se se pudesse conter! — interrompeu então uma senhora de idade, sentada ao lado do orador. — Guarde, se faz favor, os seus pontapés para si. Estragou-me o meu vestido de brocado! Será indispensável exemplificar uma observação tão ao vivo? O nosso amigo que está aqui compreendê-lo-ia perfeitamente sem esta demonstração física. Palavra de honra, é quase tão burro como esse pobre insensato julgava ser. A sua exemplificação parece autêntica!

— Mil perdões, menina! — respondeu o senhor Koch, assim interpelado — mil perdões! Não tinha a intenção de a ofender. Menina Laplace, o senhor Koch pede-lhe que faça um brinde com ele.

Então o senhor Koch inclinou-se, beijou cerimoniosamente a sua própria mão e bebeu com a menina Laplace.

— Permita-me, meu amigo — disse o senhor Maillard dirigindo-se a mim — que lhe sirva um pedaço desta vitela à *la Saint-Menehould*. Vai achá-la particularmente delicada.

Três robustos criados tinham conseguido colocar sobre a mesa, sem acidente, uma enorme travessa, ou antes uma barca, contendo o que eu imaginava ser o *monstrum horrendum, informe, ingens, cui lumen ademptum*. Um exame mais atento confirmou, no entanto, que era somente uma pequena vitela assada, inteira,

apoiada nos joelhos, com uma maçã entre os dentes, segundo a moda usada em Inglaterra para servir a lebre.

— Não, muito agradecido — respondi. — Para falar com franqueza, não tenho grande simpatia pela vitela à *la Saint...* como lhe chama? Geralmente, não me faz bem. Peço-lhe que me permita provar um pouco de coelho.

Havia na mesa algumas travessas contendo o que me parecia ser um vulgar coelho à francesa, um delicado acepipe que posso aconselhar.

— Pedro! — gritou o dono da casa — mude o prato do senhor e dê-lhe um bocado de coelho *au chat*.

— Agradeço-lhe, mas, pensando melhor, não quero. Vou servir-me de um pouco de presunto.

Na verdade, pensei, não se sabe o que se come à mesa destas pessoas provincianas. Não quero provar do coelho *au chat* e, menos ainda, pela mesma razão, o seu *chat au lapin*.

— E depois — disse uma personagem de cara cadavérica, colocada ao fundo da mesa, retomando o fio da conversa que fora interrompida — entre outras excentricidades, tivemos em certa época, um doente que se obstinava em julgar-se um queijo de Gordue e que passeava por toda a parte com uma faca na mão, convidando os amigos a cortar um pedacinho da sua coxa, para provarem.

— Era, sem dúvida, um doido varrido — interrompeu outra pessoa. — Mas não é para se comparar a um indivíduo que todos conhecemos com exceção deste *gentleman* estrangeiro. Quero falar do homem que se julgava uma garrafa de champanhe, e que *parfait*

sempre com um pan... pan...! e um pschii... i... i... i...! desta maneira...

Ao dizer isto, o orador, muito grosseiramente, quanto a mim, meteu o seu polegar direito na sua bochecha esquerda e retirou-o depois bruscamente com um barulho semelhante ao estrondo de uma rolha que salta, e depois, por um hábil movimento da língua nos dentes, produziu um assobio agudo, que durou alguns minutos, para imitar o gasoso do champanhe. Este procedimento, vi bem, não foi do agrado do senhor Maillard. No entanto, não disse nada, e a conversa foi recomeçada por um homem muito magro, com uma grande peruca.

— Havia também — disse ele — um imbecil que se julgava uma rã, animal ao qual, diga-se de passagem, se assemelhava bastante. Gostava que o senhor o tivesse visto — era a mim que ele se dirigia — devia dar-lhe prazer ver os modos naturais que tomava. Senhor, se esse homem não era uma rã, posso dizer que era uma grande infelicidade que o não fosse. O seu coaxar era pouco mais ou menos isto: o... o... o... gh...! o... o... o... o... gh! Era verdadeiramente a mais bela nota do mundo: um si bemol! E, quando ele colocava os cotovelos na mesa desta maneira, depois de ter bebido um ou dois copos de vinho, distendia a boca, assim, virava os olhos, assim, e depois piscava-os com uma enorme rapidez — assim, vê? Pois bem, senhor, posso-lhe afirmar da maneira mais positiva que cairia em êxtase diante do génio deste homem.

— Não duvido — respondi.

— Havia também — disse um outro — um homenzinho que se julgava uma pitada de tabaco, e que ficava desolado por não poder

agarrar-se a ele próprio, entre o indicador e o polegar.

— Tivemos também o Jules Deshoulières, que eia verdadeiramente um singular génio, e que ficou doido com a ideia de que era uma abóbora. Perseguiu sem parar o cozinheiro para que o deixasse meter nas massas, coisa a que o cozinheiro se recusava com indignação. Pela minha parte, não garanto que uma torta à *la Deshoulières* não possa ser, na verdade, uma das mais delicadas.

— Estou admirado! — exclamei olhando para o senhor Maillard com um ar interrogativo.

— Ah!, ah! — disse este — eh!, eh!, ih!, ih!, ola! ola! uh!, uh!... Excelente, na verdade! Não é para se espantar: o nosso amigo é um original, um brincalhão. Não se deve tomar à letra o que ele diz.

— Oh! — disse outra pessoa do grupo — mas conhecemos também um tal Buffon-Legrand, uma outra personagem muito extraordinária no seu género. Ele ficou transtornado por causa de uma paixão e julgava que tinha duas cabeças. Afirmava que uma delas era a de Cícero; quanto à outra, imaginava-a composta, sendo a de Demóstenes desde o cimo da testa até à boca, e a de lorde Brougham, desde a boca até por baixo do queixo. Não era impossível que se enganasse, mas tê-lo-ia convencido que tinha razão, porque era um homem de grande eloquência. Tinha uma verdadeira paixão pela arte oratória e não podia deixar de demonstrá-la. Por exemplo, o hábito de saltar assim em cima da mesa e depois...

Neste momento, um amigo do orador, sentado a seu lado, pôs-lhe a mão no ombro e segredou-lhe qualquer coisa ao ouvido.

O homem calou-se de repente e deixou-se cair na cadeira pesadamente.

— E depois — disse o amigo, o mesmo que tinha lalado em segredo — houve também o Boulard, o rapa. Chamo-lhe o rapa porque se apoderou dele a mania singular, talvez, mas não absolutamente injustificada, de se crer metamorfoseado em rapa. Rebentaria de riso, ao vê-lo rodar. Fazia piruetas, primeiro sobre um calcanhar, desta forma, veja...

Então, o amigo que ele interrompera, um instante antes, com algumas palavras ao ouvido, fez-lhe por sua vez uma observação.

— Mas então — gritou uma senhora de idade, de voz aguda — o seu senhor Boulard era um doido e um doido muito estúpido, pelo menos. Porque, permitam-me perguntar-lhe, quem é que alguma vez ouviu falar de um rapa humano? A coisa é absurda. A senhora Joyeuse era uma pessoa mais sensata, como sabe. Ela tinha também o seu capricho extravagante, mas inspirada pelo senso comum, procurava agradar a todos os que tinham a honra de a conhecer. Ela descobrira, depois de profundas reflexões, que fora por acidente, transformada em galinha, mas procedia, na verdade, como um galo vulgar. Batia as asas assim, assim, com esforço prodigioso; e quanto ao canto, era deliciosa! Có... ó... ó... ó... queri... có... ó... ó... ó...! Có... ó... ó... que... ri... có... có... ó... ó... ó... ó... ó...

— Senhora Joyeuse, peço-lhe que se domine! — interrompeu o nosso hospedeiro encolerizado. — Se não quer proceder decentemente, como uma senhora, pode sair da mesa imediatamente. À sua escolha!

A senhora (que me espantou muito ser tratada por senhora Joyeuse, depois da descrição que ela mesma acabara de fazer) corou até às orelhas e pareceu profundamente humilhada pela repreensão. Baixou a cabeça e não disse palavra. Mas uma outra, senhora mais nova, continuou o assunto da conversa principiada. Era a bela jovem do parlatório.

— Oh! — exclamou ela — a senhora Joyeuse era uma doida! Mas Eugénie Salsafette tinha muito senso. Era uma senhora muito bela, com um ar triste e modesto, que julgava a moda vulgar de vestir muito indecente, e que queria meter-se sempre *fora* das roupas em vez de se meter *dentro*. É uma coisa bem fácil de fazer, apesar de tudo. Não tem de fazer senão assim... e... depois assim... e depois em seguida... e enfim...

— Meu Deus!, menina Salsafette! — exclamou uma dúzia de vozes ao mesmo tempo. — Que faz? Pare, Basta! Nós vemos bem como isso se faz! Basta! Basta!

E algumas pessoas precipitaram-se para impedir a menina Salsafette de ficar com tão pouca roupa como a Vénus de Médicis. De súbito, o resultado desejado foi de repente e eficazmente obtido graças a uma série de gritos que partiam de qualquer parte do corpo principal do castelo. Os meus nervos foram, para ser franco, muito afetados por estes uivos. Porém, os outros convivas fizeram-me piedade. Nunca na minha vida vira um conjunto de pessoas sensatas aterrorizadas de tal forma. Tornaram-se pálidas como cadáveres, encolhiam-se nos seus lugares, estremeciam e falavam sem nexos, com o medo, e pareciam esperar ouvir ansiosamente o mesmo ruído. Com efeito, repetiu-se, mais forte e como que a aproximar-se, e depois uma terceira vez, muito forte, muito forte,

enfim uma quarta vez, mas com um vigor decrescente. Com esta acalmia da tempestade, todo o grupo retomou imediatamente alento, e a animação e as anedotas recomeçaram com mais intensidade. Atrevi-me então a perguntar qual fora a causa desta perturbação.

— Uma verdadeira ninharia — disse o senhor Maillard. — Estamos cansados destes gritos e inquietam-nos realmente muito pouco. Os loucos, de vez em quando, põem-se aos uivos. Um excita o outro, como acontece às vezes, à noite, com os cães. Acontece também que, de vez em quando, o concerto dos uivos é seguido de um esforço simultâneo de todos para fugirem. Neste caso, há lugar, naturalmente, para algumas apreensões.

— E quantos tem agora no calabouço?

— Neste momento, temos apenas dez.

— Suponho que principalmente mulheres!

— Oh!, não. Todos homens e robustos rapazes, posso afirmar-lho.

— Ah, sim? Sempre ouvi dizer que a maioria dos doidos pertencia ao belo sexo.

— Em geral, sim, mas nem sempre. Há um tempo atrás, tivemos aqui cerca de vinte e sete doentes, dos quais dezoito eram mulheres. Mas as coisas mudaram muito, como vê.

— Sim... mudaram muito, como vê — interrompeu o senhor que tinha magoado as tíbias da menina Laplace com os coices.

— Sim... mudaram muito, como vê — gritaram em coro todos os presentes.

— Contenham as vossas línguas, todos! Ouvem? — gritou o meu anfitrião, num acesso de cólera.

Depois disso toda a assembleia se conservou, durante um momento, num silêncio de morte. Uma senhora deitou a língua de fora, uma língua aliás excessivamente comprida, pegou-lhe com as duas mãos e segurou-a com muita resignação até ao fim do jantar.

— E esta senhora — disse eu a Maillard, debruçando-me para ele e falando em voz baixa — esta excelente senhora que falava há pouco, e que nos fez ouvir o seu coquericó, presumo que é inofensiva, completamente inofensiva, hem?

— Inofensiva! — exclamou com uma surpresa não dissimulada. — Como? Que quer dizer?

— Ela não está levemente tocada? — disse eu, batendo com o indicador na testa. — Suponho que não está perigosamente afetada, hem?

— Meu Deus! Por que imagina isso? Esta senhora, a minha velha e particular amiga senhora Joyeuse tem o espírito tão são como o meu. Tem as suas pequenas excentricidades sem dúvida; mas sabe que todas as senhoras velhas, todas as mulheres muito velhas são mais ou menos excêntricas.

— Sem dúvida — retorqui — sem dúvida! E o resto destas senhoras e destes senhores?

— São todos meus amigos e meus guardas — interrompeu o senhor Maillard, levantando-se — meus excelentes amigos e meus ajudantes.

— O quê, todos eles? — perguntei. — E as mulheres também, sem exceção?

— Evidentemente — disse ele. — Não poderíamos fazer nada sem as mulheres; são as melhores enfermeiras do mundo para os doidos. Têm umas maneiras muito delas, sabe? Os olhos delas

produzem efeitos maravilhosos, qualquer coisa como a fascinação de uma serpente, sabe?

— Certamente — respondi. — Certamente!... Elas conduzem-se de uma maneira um pouco bizarra, não é assim? Elas têm qualquer coisa de original, hem? Não acha?

— Bizarra! Original!... Quê? Realmente pensa assim? A dizer a verdade, nós no Sul, não somos soberbos, fazemos de boa vontade tudo o que nos agrada. Gozamos a vida, e todos estes costumes, compreende...

— Perfeitamente — disse eu — perfeitamente.

— E depois este *clos-vougeot* é, talvez, um pouco capitoso, compreende? Um pouco quente, não é assim?

— Certamente — concordei — certamente. Não lhe ouvi dizer, senhor, que o sistema adotado por si, em vez do famoso «sistema da bondade», era de uma rigorosa severidade?

— De maneira nenhuma. A reclusão é necessariamente rigorosa, mas o tratamento — o tratamento médico, quero eu dizer — é muito agradável para os doentes.

— E o novo sistema é de sua invenção?

— Não completamente. Algumas partes do sistema devem ser atribuídos ao doutor Breu, de quem já ouviu falar forçosamente, e há no meu plano modificações que me sinto honrado em reconhecer como pertencendo de direito ao célebre Pena, que teve o prazer, se me não engano, de conhecer intimamente.

— Estou bem envergonhado de o confessar — respondi eu. — Até aqui, nunca ouvi pronunciar o nome desses senhores.

— Valha-me Deus! — exclamou o meu hospedeiro, retirando bruscamente a cadeira e levantando as mãos ao céu.

«É provável que o tivesse compreendido mal! Não quis dizer, não é assim, que nunca ouviu falar do erudito doutor Breu nem do famoso professor Pena?

— Sou forçado a reconhecer a minha ignorância — respondi — mas a verdade deve ser respeitada acima de tudo. Todavia, sinto que não posso estar mais humilhado por não conhecer as obras desses dois homens, sem dúvida alguma extraordinários. Vou ocupar-me a procurar os seus ensinamentos e lê-los-ei com um minucioso estudo. Senhor Maillard, fez-me realmente ter vergonha de mim mesmo.

E era a pura verdade.

— Não falemos mais disso, meu jovem e excelente amigo. Tomemos juntos e cordialmente um copo deste *sauterne*.

Bebemos e o grupo seguiu o nosso exemplo. Eles tagarelavam, brincavam, riam e cometiam mil absurdos. As violas rangiam, o tambor multiplicava os seus rataplãs, os trombones mugiam como tantos touros de Phalaris, e todo o cenário, alterando-se cada vez mais à medida que os vinhos aumentavam o seu domínio, tornou-se, com a continuação, uma espécie de pandemónio *in petto*. Entretanto, o senhor Maillard e eu, com algumas garrafas de *sauterne* e de *clos-vougeot* entre nós dois, continuávamos a dialogar com toda a força. Uma palavra pronunciada no diapasão vulgar não tinha mais sorte de ser ouvida do que a voz de um peixe no fundo do Niágara.

— Senhor — gritei-lhe ao ouvido — falava-me antes do jantar do perigo que apresentava o antigo «sistema da bondade». Qual é ele?

— Sim — respondeu-me — havia algumas vezes um grande perigo. Não era possível dar conta dos caprichos dos doidos, e na minha opinião bem como na do doutor Breu e na do professor Pena, *nunca* é prudente deixá-los passear livremente e sem vigilante. Um doido pode ser *adouci*, como se diz, por um tempo, mas é sempre capaz de atos de turbulência. Para mais, a astúcia é proverbial e verdadeiramente muito grande. Se quer executar um projeto, ele sabe escondê-lo com uma maravilhosa hipocrisia; e a habilidade com a qual ele contrafaz a *sanité* oferece ao estudo dos filósofos um dos mais singulares problemas psíquicos. Quando um doido aparece *tout à fait*, estamos mesmo a tempo de lhe vestir a camisa de forças.

— Mas o *danger*, meu caro senhor, o perigo de que me falava? Com a sua própria experiência, desde que a casa está sob a sua direção, tem uma razão material, positiva, para considerar a liberdade como perigosa num caso de loucura?

— Aqui? Depois da minha própria experiência? Certamente, posso responder: sim! Por exemplo, «não há muito tempo», um estranho acidente ocorreu nesta mesma casa. O «sistema da bondade», sabe, estava então na moda e os doentes andavam em liberdade. Eles comportaram-se notavelmente bem, a tal ponto que todas as pessoas de senso teriam podido tirar, do que se passava, a conclusão que se urdia entre estes rapazes qualquer plano demoníaco. E, com efeito, uma bela manhã, os guardas encontraram-se atados de pés e mãos, deitados nos calabouços, onde eram vigiados como doidos pelos próprios doidos, que haviam usurpado a função dos guardas.

— Oh!, que me diz? Nunca na minha vida ouvi falar de um tal absurdo.

— É um facto. Tudo isso aconteceu graças a um tolo animal, um doido, que tinha, não sei como, metido no cérebro que era inventor do melhor sistema de governo, de doidos, bem entendido. Ele desejava, suponho, fazer uma prova da sua invenção, e, assim, persuadiu os outros doentes a juntarem-se a ele numa conspiração para deitar abaixo o poder reinante.

— E realmente conseguiram?

— Perfeitamente. Os guardas e os guardados tiveram de trocar os respetivos lugares, com uma única diferença: os guardas foram imediatamente metidos nos calabouços... e tratados, confesso-o com desgosto, de uma maneira muito pouco gentil.

— Mas presumo que teve de se efetuar prontamente uma contrarrevolução. Os camponeses da vizinhança, os visitantes que vinham ver o estabelecimento deram, sem dúvida, o alarme.

— Nisso é que está errado. O chefe dos rebeldes era demasiado astucioso para que isso pudesse acontecer. Ele não admitia daí em diante nenhuma visita, com exceção, uma só vez, de um jovem *gentleman* com uma fisionomia muito ingénua e que não podia inspirar-lhe nenhuma desconfiança. Permitiu-lhe visitar a casa, como para introduzir nela um pouco de variedade e para troçar dele. Assim que o deixou descansar suficientemente, deixou-o sair e enviou-o à vida dele.

— E quanto tempo durou o reinado dos doidos?

— Oh!, muitíssimo tempo, um mês, talvez mais; quanto, não saberei dizê-lo. No entanto, os doidos proporcionaram a eles próprios uma boa vida — poderia jurar-lhe. Eles deitaram fora os

fatos velhos e rasgados e usaram à sua vontade o guarda-roupa da família e as joias. As caves do castelo estavam fornecidas de vinhos, e esses diabos dos doidos eram conhecedores e sabiam beber. Eles viveram à larga, posso afirmá-lo.

— E o tratamento? Qual era a particularidade do tratamento que o chefe dos rebeldes pusera em prática?

— Ah!, quanto a isso, um doido não é na verdade um idiota, como já lhe fiz notar, e a minha humilde opinião é de que o seu tratamento era bem melhor do que aquele por que foi substituído. Era um tratamento verdadeiramente simples, realmente delicioso, era...

Aqui as observações do meu hospedeiro foram bruscamente interrompidas por uma nova série de gritos, da mesma natureza dos que já nos tinham desorientado. Desta vez, no entanto, pareciam provir de pessoas que se aproximavam rapidamente.

— Valha-me Deus! — exclamei eu — os doidos fugiram, sem dúvida alguma.

— Receio bem que tenha razão — respondeu o senhor Maillard, tornando-se então muito pálido.

Mal acabara a sua frase, grande clamor e imprecações foram ouvidas debaixo das janelas. E, logo a seguir, tornou-se evidente que alguns indivíduos no exterior procuravam entrar à força na sala. Bateram à porta com qualquer coisa que devia ser uma espécie de aríete ou um enorme martelo, e as portas eram sacudidas e empurradas com enorme violência.

Seguiu-se uma cena da mais horrível confusão. O senhor Maillard, com grande espanto meu, deitou-se debaixo do aparador. Teria esperado da sua parte mais resolução. Os membros da

orquestra, que há já um quarto de hora pareciam demasiado ébrios para cumprir as suas funções, saltaram sobre os instrumentos e trepando para a mesa atacaram de comum acordo um *Yankee Doodle*, que eles executaram se não com presteza, pelo menos, com energia sobre-humana, durante o tempo que durou a desordem. No entanto, o senhor que impedimos de saltar, a grande custo, saltou para lá e desta vez no meio de garrafas e copos. Logo que se instalou aí, começou um discurso que, sem dúvida nenhuma, parecia de primeira ordem, se fosse possível ouvi-lo.

No mesmo instante, o homem cujas predileções eram pelo rapa, pôs-se a girar à volta da sala, com uma energia, os braços abertos e fazendo ângulo reto com o corpo, tão bem que parecia mesmo um verdadeiro rapa, virando, deitando ao chão todos os que se encontravam à sua passagem. E depois, ouvindo inacreditáveis estalos e o ruído estranho como de champanhe, descobri que isso provinha do indivíduo que durante o jantar tinha representado tão bem o papel de garrafa. Ao mesmo tempo o homem-rã coaxava com todas as suas forças, como se a salvação da sua alma dependesse de cada nota que proferia. No meio de tudo isso elevava-se, dominando todos, o zurrar ininterrupto de um burro. Quanto à minha velha amiga, a senhora Joyeuse, ela parecia estar numa tão horrível perplexidade, que me meteu pena. Mantinha-se de pé, num canto, perto da chaminé, e contentava-se em cantar com toda a força o seu «coquericooooo»!

Chegou, por fim, a crise suprema, a catástrofe do drama. Como os uivos e os coquericós eram as únicas formas de resistência, os únicos obstáculos opostos aos esforços dos assaltantes, as dez janelas foram muito rapidamente e quase ao

mesmo tempo metidas dentro. Mas nunca esquecerei as minhas sensações de assombro e de horror, quando vi saltando pelas janelas e precipitando-se contra nós, com os pés, mãos e garras, um verdadeiro exército ululante de monstros, que me pareceram primeiro chimpanzés, orangotangos ou grandes macacos negros do cabo da Boa Esperança.

Recebi uma terrível sova, depois da qual me enrodilhei debaixo de um canapé onde me conservei calado. Depois de ter ficado ali cerca de quinze minutos, escutei atentamente o que se passava na sala e obtive, enfim, uma explicação satisfatória desta tragédia. O senhor Maillard, segundo me pareceu, ao contar-me a história do doido que havia excitado os seus camaradas à rebelião, não tinha feito outra coisa senão relatar as suas próprias proezas. Este senhor fora, com efeito, dois ou três anos antes, diretor do estabelecimento. Depois o seu cérebro desarranjara-se e passou para o número dos doentes. Esse facto não era conhecido pelo companheiro de viagem que mo tinha apresentado. Os guardas, uns dez, tinham sido surpreendidos e manietados, e depois bem alcatroados e cobertos de penas e, por fim, sequestrados nas caves. Ficaram assim prisioneiros bastante mais que um mês e, durante todo este período, o senhor Maillard concedera-lhes generosamente não somente o alcatrão e as plumas, o que constituía o «seu sistema», mas também um pouco de pão e água em abundância. Diariamente uma bomba enviava-lhes a ração de duches. Por fim, um deles, tendo fugido por um esgoto, pôs em liberdade todos os outros.

O «sistema da bondade», com importantes modificações, foi novamente implantado no manicómio; mas não pude deixar de

reconhecer, com o senhor Maillard, que o tratamento por ele inventado era, na sua espécie, um tratamento radical. Como ele o fizera observar, era um tratamento *simples, limpo* e que ' não causava nenhum incómodo.

Tenho apenas mais umas linhas a acrescentar. Se bem que tenha procurado em todas as bibliotecas da Europa as obras do doutor Breu e do professor Pena, não consegui encontrar, até hoje, apesar de todos os meus esforços, um único exemplar.

Pequena Discussão com uma Múmia

Título original: *Some Words with a Mummy*

Publicado em 1845

O simpósio da noite precedente tinha-me estafado os nervos. Doía-me horrorosamente a cabeça, e eu caía de sono. Em lugar de passar a noite fora, como fazia tenção, pensei que era melhor jantar e meter-me imediatamente na cama.

Um jantar ligeiro, já se vê. Adoro os assados temperados com queijo, mas comer mais de uma libra de carne, à noite sobretudo, não é prudente. Todavia até ao número dois não pôde haver objecção material e, na realidade, entre dois e três não há senão a diferença de uma unidade. Aventurei-me talvez até quatro; minha mulher diz que foram cinco, mas evidentemente foi confusão de duas coisas bem distintas. O número abstrato cinco, estou disposto a admiti-lo; quanto ao concreto, só referindo-se às garrafas de *Brown Stout*, sem cujo adubo os assados com queijo são difíceis de digerir.

Acabada aquela refeição frugal, pus o meu barrete de dormir com a esperança serena de o gozar até ao dia seguinte ao meio dia, pelo menos; deitei a cabeça no travesseiro e, graças à tranquilidade de uma consciência irrepreensível, peguei imediatamente no sono.

Mas o homem põe e Deus dispõe.

Ainda não tinha entrado no meu primeiro sono quando uma furiosa campainhada retumbou à porta da rua, seguida de argoladas impacientes que me acordaram em sobressalto. Um minuto depois, minha mulher metia-me pelos olhos um bilhete do meu velho amigo, o doutor Ponnonner, que me dizia:

Largai tudo, meu caro amigo, e vinde a minha casa logo que tiverdes recebido esta. Vinde partilhar a nossa alegria. Enfim, graças a uma teimosa diplomacia, arranquei aos diretores do City Museum o consentimento para o exame da múmia (sabeis de que múmia quero falar). Tenho licença de a desenfaixar; de a abrir, até, se o julgar conveniente. Só assistirão meia dúzia de amigos; escusado é dizer que entrais no número. A múmia está já em minha casa. Começaremos a desembrulhá-la às onze horas da noite.

Vosso,

Ponnonner

Antes de chegar à assinatura, já o sono se me tinha ido embora. Saltei da cama num estado de verdadeiro delírio, empurrando tudo o que me caía debaixo das mãos; vesti-me com uma ligeireza milagrosa e dirigi-me sem mais demora a casa do doutor.

Aí achei reunida uma sociedade muito animada. Esperavam-me com grande impaciência para começar o exame da múmia, a qual estava já estendida sobre a mesa da casa de jantar.

Era uma das duas múmias que o capitão Arthur Sabretash, primo de Ponnonner, trouxera há alguns anos do túmulo de Eleitias, nas montanhas da Líbia, um pouco acima de Tebas, nas margens do Nilo. Naquele sítio, os túmulos, posto que menos ricos do que as sepulturas de Tebas, são muito mais interessantes, pelo que encerram maior número de personagens ilustres do mundo egípcio. A sala de onde havia sido tirado o nosso espécime passava por muito rica em documentos daquela natureza; as paredes eram completamente cobertas de pinturas a fresco e baixos relevos; numerosas estátuas, vasos e um mosaico de um desenho magnífico testemunhavam a enorme fortuna dos defuntos.

Aquela raridade havia sido depositada no *Museum* exatamente no mesmo estado em que o capitão Sabretash a encontrara; quer dizer que o caixão estava ainda intacto.

Durante oito anos ficara assim exposta à curiosidade pública só pelo lado exterior. Tínhamos pois a múmia completa. Quem sabe quão raro é ver chegar aos nossos países essas antiguidades preciosas avaliará se tínhamos ou não razão de nos felicitar.

Aproximando-me da mesa vi uma espécie de arca grande, oblonga, mas não em forma de esquife; talvez com sete pés de comprimento, dois e meio de profundidade e pouco mais ou menos três de largo. A princípio cuidámos que era de pau de sicómoro, mas cortando-a reconhecemos que era de cartão ou mais propriamente de uma massa dura feita de papiro. As pinturas grosseiras, que a decoravam, representavam cenas fúnebres e diversos assuntos lúgubres, entre os quais serpenteava uma sementeira de caracteres hieroglíficos dispostos em todos os sentidos, significando evidentemente o nome do defunto. Por felicidade, estava ali M.

Oliddon, que nos traduziu, sem dificuldade, os sinais, que eram simplesmente fônicos e compunham a palavra Allamistakeo.

Tivemos algum trabalho para abrir a caixa sem a estragar; e quando chegámos a consegui-lo, encontrámos uma segunda, essa então em forma de esquite e de umas dimensões muito menores do que a caixa exterior. No resto era exatamente semelhante. O intervalo entre as duas estava cheio de resina, que tinha até certo ponto deteriorado as cores da caixa interior.

Depois de termos aberto esta (o que fizemos com facilidade) chegámos a uma terceira, igualmente em forma de esquite, não diferindo da segunda senão na matéria, que era cedro e exalava ainda o perfume fortemente aromático característico desta madeira. Entre a segunda e a terceira caixa não havia intervalo, esta adaptando-se exatamente àquela.

Desfazendo a terceira caixa descobrimos finalmente o corpo. Esperávamos encontra-lo como o costume, envolvido em faixas ou ataduras de linho, mas em lugar disso achámos uma espécie de bainha feita de papiro e revestida com uma camada de gesso grosseiramente pintada. As pinturas tinham por assunto principal os supostos deveres da alma no outro mundo e a sua apresentação às diferentes divindades. Depois, uma quantidade de figuras humanas, provavelmente retratos de família. Da cabeça aos pés estendia-se uma inscrição vertical em hieróglifos fônicos dizendo outra vez o nome e os títulos do defunto e os nomes e os títulos dos pais.

Tirámos o corpo da bainha. À roda do pescoço tinha um colar formado por pedaços de vidro cilíndricos de diferentes cores, figurando imagens de divindades, entre outras a imagem do

Escaravelho com o globo alado. A cintura era adornada por um cinto semelhante.

As carnes estavam perfeitamente conservadas e sem cheiro sensível. A cor era avermelhada; a pele rija, lisa e brilhante. Os dentes e os cabelos pareciam em bom estado. Os olhos (pelo menos assim se nos afigurou) tinham sido tirados e substituídos por olhos de vidro muito bonitos, imitando maravilhosamente a vida, salvo a fixidez demasiado pronunciada. Os dedos e as unhas estavam brilhantemente dourados.

Da cor avermelhada da epiderme, M. Gliddon inferiu que o embalsamamento havia sido praticado unicamente com asfalto, mas tendo rapado a superfície com um instrumento de aço e lançado ao fogo o pó assim obtido sentimos exalar-se um perfume de cânfora e de outras substâncias aromáticas.

Examinámos cuidadosamente o corpo para descobrir as incisões habituais por onde se extraem as entranhas, mas, com grande surpresa nossa, não descobrimos vestígios de incisão. Nesse tempo, nenhum de nós sabia ainda que não é raro encontrar múmias inteiras e não incisadas.

Ordinariamente o cerebelo despejava-se pelo nariz; os intestinos por uma incisão que se abria no flanco. O corpo era então rapado, lavado e salgado. Deixava-se assim durante algumas semanas, depois começava propriamente a operação do embalsamamento.

Como não se podia achar vestígio algum de abertura, o doutor Fonnonner preparava os instrumentos de dissecação quando eu fiz observar que já passava das duas horas.

Perante isto, concordámos em adiar o exame interior para a noite seguinte. Íamos já a separar-nos quando alguém se saiu com a ideia de fazer uma ou duas experiências com a pilha de Volta.

A aplicação da electricidade a uma múmia de pelo menos três ou quatro mil anos era uma ideia pouco sensata, mas bastante original.

A fim de executarmos esse belo projeto, no qual entrava um décimo de seriedade e nove bons décimos de brincadeira, dispusemos uma bateria elétrica no gabinete do doutor e transportámos para lá o egípcio.

Não foi sem grandes esforços que chegámos a pôr a nu uma parte do músculo temporal, que parecia estar um pouco menos rijo do que o resto do corpo, mas que, naturalmente, como já esperávamos, não deu o mínimo indício de suscetibilidade galvânica quando o pusemos em contacto com o fio. Esta primeira experiência pareceu-nos decisiva. Rindo de boa vontade do nosso próprio absurdo, despedimo-nos e íamos a retirar, mas olhando casualmente para a múmia descobri nos seus olhos alguma coisa que me obrigou a observá-la atentamente. Os globos que tínhamos julgado ser de vidro e que primitivamente se distinguiam por uma fixidez singular estavam agora tão bem fechados dentro das pálpebras que apenas deixavam ver uma pequena parte da túnica albugínea.

Àquela descoberta soltei um grito de espanto que chamou a atenção dos meus colegas para o facto, que se tornou evidente para todos.

Não direi que ficasse assustado com o fenómeno, porque a palavra assustado não era precisamente a palavra correta.

Contudo, pode ser que, sem a minha provisão de Brown Stout, talvez me tivesse sentido ligeiramente inquieto. Quanto às outras pessoas da sociedade, nem mesmo pensaram em esconder o seu terror. O doutor Ponnonner metia dó; M. Griddon, não sei por que processo particular, havia-se tornado invisível; M. Silk Buckingham, esse, creio que não terá a audácia de negar que se meteu debaixo da mesa.

Passado o primeiro abalo de espanto, resolvemos tentar imediatamente nova experiência. As nossas operações foram então dirigidas ao artelho do pé direito. Fizemos um golpe acima da região do osso *sesamoideum pollicis pedis* até encontrarmos o músculo abductor. Aplicámos de novo o fluido aos nervos descobertos e eis senão que a múmia, com um movimento mais vivo do que a própria vida, levantou o joelho à altura do abdómen; depois, endireitando a perna com uma força inconcebível, atirou um pontapé ao doutor Ponnonner e projetou-o pela janela com a velocidade de um projétil de catapulta.

Precipitámo-nos em massa para a rua a fim de recolher os restos mutilados do desgraçado *gentleman*, mas tivemos a felicidade de o encontrar já na escada, subindo com uma ligeireza extraordinária, fervendo em ardor filosófico e mais que nunca convencido da necessidade de prosseguirmos as nossas experiências com todo o zelo e rigor.

Foi pelo seu conselho e vontade que fizemos imediatamente ao egípcio uma profunda incisão na ponta do nariz. Então o doutor, deitando-lhe a mão com energia, esmurrou-o violentamente de encontro ao fio metálico.

Moral e fisicamente, metafórica e literalmente, o efeito foi elétrico. Primeiro, o cadáver abriu os olhos, piscando-os com mágica celeridade; depois espirrou; em seguida sentou-se; então cerrou os punhos e aproximou-os do nariz de M. Ponnonner; por fim, voltando-se para M. Gliddon e Buckingham, dirigiu-lhes num egípcio puro o discurso seguinte:

— Devo dizer-vos, *gentlemen*, que estou tão magoado como surpreendido com a vossa conduta. Da parte do doutor Ponnonner não havia mais que esperar. É um pobre toleirão que nada sabe de coisa nenhuma. Tenho pena dele, coitado, e por isso perdoo-lhe. Mas vós, Mister Gliddon, e principalmente vós, Silk, que residistes tanto tempo no Egito a ponto de parecerdes ter nascido nas nossas terras, que vivestes connosco e aprendestes a falar a nossa língua como a vossa própria... vós, que eu me tinha habituado a considerar como o amigo mais fiel das múmias... de vós, digo, esperava uma conduta mais correta. Que devo pensar da vossa impassível tranquilidade ao ver-me tratado de semelhante modo? Que devo supor quando permitis a Pedro e a Paulo de me despojar dos meus esquifes e das minhas vestes para me expor a este inóspito clima gélido? Debaixo de que ponto de vista devo, enfim, considerar a vossa ação de ajudar e incitar este miserável velhaco do doutor Ponnonner a puxar-me pelo nariz?

A maior parte das pessoas vão pensar agora que, ao ouvir semelhante discurso, cada um de nós enfiou pela porta ou que tivemos ataques de nervos, ou ainda que desmaiámos. Todas estas coisas eram prováveis e todas elas bons caminhos a seguir, pelo que nem sei como não seguimos nenhum deles. Talvez a razão esteja no espírito do século, que procede segundo a lei dos

contrários, considerada como solução de todas as antinomias e como fusão de todos os contraditórios. Ou talvez, no fim de contas, fosse unicamente porque as maneiras naturais e familiares da múmia tirassem às suas palavras todo o poder aterrador. Fosse lá por que fosse, os factos são que nem um dos membros da sociedade mostrou medo ou pareceu acreditar que se tivesse passado ali algo de anormal.

Quanto a mim, convencido de que tudo aquilo era muito natural, não fiz mais do que desviar-me um pouco do alcance da mão do egípcio. O doutor Ponnonner meteu as mãos nas algibeiras, olhou para a múmia com um ar de despeito e fez-se vermelho como um pimentão. M. Gliddon ora puxava o bigode, ora ajeitava o colarinho. M. Buckingham baixou a cabeça e começou a roer as unhas da mão direita.

O egípcio olhou para ele durante alguns minutos, com um rosto severo, e por fim disse-lhe em ar de chacota:

— Então, Buckingham, ficais calado? Não ouvistes a minha pergunta? Vamos, homem, tira lá os dedos da boca!

Àquelas palavras, Buckingham estremeceu, tirou da boca os dedos da mão direita, mas em compensação meteu os da esquerda na sobredita.

Não podendo obter resposta de Buckingham, a múmia voltou-se para M. Gliddon com mau humor e perguntou-lhe num tom azedo o que queriam dela.

M. Gliddon respondeu em fónico, e se não fosse a ausência dos caracteres hieroglíficos nas imprensas americanas teria muito gosto de transcrever integralmente e em língua original o seu excelente *speech*.

Cabe agora dizer que toda a conversação subsequente na qual a múmia tomou parte foi dita em egípcio primitivo, com M. Gliddon e Buckingham servindo de intérpretes para mim e para as demais pessoas da sociedade. Aqueles senhores falavam a língua da múmia com uma graça e uma fluência admiráveis. Mas havia uma coisa notável: os dois viajantes (sem dúvida por causa da introdução das imagens modernas, perfeitamente novas para a múmia) viam-se às vezes obrigados a empregar formas sensíveis para se fazerem entender por aquele espírito de outro século. Por exemplo, uma vez M. Gliddon, não podendo fazer compreender ao egípcio a palavra *Política*, lembrou-se, com muita felicidade, de desenhar na parede, com um pedaço de carvão, um homenzito em cima de um pedestal, com a perna esquerda esticada para trás, o braço direito esticado, o punho cerrado, os olhos convulsivamente arregalados para o céu e a boca aberta num ângulo de noventa graus.

Da mesma forma, M. Buckingham nunca teria chegado a traduzir-lhe a palavra absolutamente moderna *wig* (peruca) se M. Ponnonner não lhe tivesse sugerido a ideia de tirar a sua, ao que ele anuiu, não sem alguma repugnância.

Como era natural, o discurso de M. Gliddon versou principalmente sobre os benefícios enormes que a ciência podia tirar das investigações sobre as múmias, desculpando-se assim dos incômodos que lhe tínhamos causado a ela, a múmia Allamistakeo. Concluindo (isto foi só uma insinuação) que, visto que todas as questões estavam agora esclarecidas, podia proceder-se ao exame projetado. Neste ponto o doutor Ponnonner preparou os aparelhos.

Mas sobre esta última sugestão do orador, parece que Allamistakeo tinha os seus escrúpulos de consciência. Quanto ao resto mostrou-se muito satisfeito com a nossa justificação e, descendo da mesa, veio dar um aperto de mão a cada um.

Acabada aquela cerimónia, tratámos imediatamente de reparar os danos produzidos pelo escalpelo na pele de Allamistakeo. Cozemos-lhe a ferida da fonte, ligámos-lhe o pé e pregámos-lhe um quadradinho de tafetá preto na ponta do nariz.

Tendo reparado que o conde (tal era ao que parece o título de Allamistakeo) estremecia de vez em quando (por estranhar o clima, indubitavelmente), o doutor foi logo ao seu guarda-roupa buscar um fato feito no melhor alfaiate, umas calças de lã azul celeste, um colete branco de brocado magnífico, uma camisa de bretanha finíssima, umas botas de polimento, um chapéu alto, uma gravata, um par de luvas amarelas, uma bengala e um *lorgnon*. Vimo-nos algum tanto embaraçados para adaptar os fatos do doutor ao corpo do egípcio, porque as suas diferenças de tamanho estava na razão de um para dois; mas por fim, quando acabámos de o arranjar, pode-se dizer que estava bem vestido.

M. Gliddon deu-lhe então o braço, conduzindo-o para um sofá, junto ao fogão, enquanto o doutor mandava vir vinho e charutos.

A conversação animou-se. Primeiro houve uma grande curiosidade relativamente ao facto de Allamistakeo estar vivo.

— Pensava — disse Buckingham — que tínheis morrido há imenso tempo!

— Como assim? — replicou o conde muito admirado. — Tenho apenas setecentos anos. Meu pai quando morreu contava mil e ainda era um homem válido.

Seguiu-se uma série de perguntas e de cálculos pelos quais se veio a descobrir que a antiguidade da múmia tinha sido muito erradamente avaliada. Havia cinco mil e cinquenta anos que ela jazia nas catacumbas de Eleitias.

M. Buckingham continuou:

— Não me referia à idade que tínheis quando vos enterraram (basta ver-vos para saber que sois um rapaz); queria falar da imensidade do tempo durante o qual, segundo o vosso próprio testemunho, estivestes de conserva no asfalto.

— No quê? — diz o conde.

— No asfalto.

— Ah! sim, parece-me que sei o que quereis dizer. Com efeito isso poderia talvez dar o mesmo resultado, mas no meu tempo não se empregava senão o bicloreto de mercúrio.

— O que deveras nos custa a acreditar — disse o doutor Ponnonner — é que tendo morrido e sendo enterrado há cinco mil anos, no Egito, estejais hoje perfeitamente vivo e com um ar extremamente saudável.

— Se tivesse morrido nessa época, como dizeis — replicou o conde — é provável que morto me tivesse deixado ficar, pois vejo que estais ainda muito atrasados no galvanismo para poder executar, por meio desse agente, uma coisa que nos tempos antigos era absolutamente vulgar. Mas o facto é que eu tinha caído em catalepsia e que os meus amigos, julgando-me morto, mandaram-me embalsamar. Creio que conheceis o princípio fundamental do embalsamamento...

— Não, não conhecemos.

— Ah! deplorável condição a da ignorância! Não posso agora entrar em detalhes sobre o assunto, mas é indispensável explicar-vos que, no Egito, o que se chamava propriamente embalsamar era suspender indefinidamente todas as funções animais submetidas ao processo. Sirvo-me do termo animal no seu sentido mais vasto, compreendendo tanto o ser moral e vital como o ser físico. Repito que o princípio fundamental do embalsamamento consistia, entre nós, em parar imediatamente e suspender para sempre todas as funções animais submetidas ao processo. Em resumo, o estado em que o indivíduo se achava, na ocasião do embalsamamento, era o estado em que ficava perpetuamente. Agora, como gozo do privilégio de ter nas veias sangue de Escaravelho, é por isso que fui embalsamado vivo, tal como me vedes presentemente.

— Sangue de Escaravelho! — exclamou o doutor Ponnonner.

— Sim. O Escaravelho era o emblema, o brasão de uma família nobre, muito distinta e pouco numerosa. Ter nas veias sangue de Escaravelho é simplesmente pertencer à família que tem por emblema o Escaravelho. Falo figurativamente.

— Mas que relação tem isso com o facto da vossa existência atual?

— Esperai. Era costume geral, no Egito, tirar o cerebelo e as entranhas ao cadáver antes de o embalsamar; só a raça dos Escaravelhos era isenta dessa regra. Por conseguinte, se eu não fosse um Escaravelho, ter-me-iam privado do cérebro e dos intestinos, e então teria morrido, porque sem estas duas vísceras não deve ser lá muito cómodo viver.

— Compreendo — disse M. Buckingham. — Então todas as múmias que nos chegam inteiras são provavelmente da raça dos

Escaravelhos?

— Sem dúvida nenhuma.

— Julgava — diz M. Gliddon, a medo — que o Escaravelho era um dos Deuses Egípcios.

— Um dos *quê* Egípcios? — exclamou a múmia, levantando-se num pulo.

— Um dos Deuses — repetiu o viajante.

— Mister Gliddon, pasmo, realmente, de vos ouvir falar assim — disse o conde, tornando a sentar-se. — Nunca nenhuma nação do mundo reconheceu mais de um Deus. O Escaravelho, a íbis, etc., eram entre nós, o que outras criaturas são entre as outras nações; isto é, intermediários pelo meio dos quais prestávamos culto ao Criador, muito augusto para comunicar diretamente com os homens.

Aqui houve uma pausa. Por fim M. Ponnonner provocou outra vez a conversação.

— Não é pois improvável, segundo as vossas explicações — disse ele — que existam nas catacumbas próximas ao Nilo outras múmias da raça do Escaravelho, em semelhantes condições de vitalidade.

— Decerto — replicou o conde. — Todos os Escaravelhos, que por acaso foram embalsamados vivos, estão ainda vivos. Talvez até que algum dos que foram assim embalsamados de propósito tenham sido esquecidos pelos seus herdeiros e estejam ainda encerrados nos túmulos.

— Tende a bondade de nos explicar — disse-lhe eu — o que quer dizer embalsamados de propósito?

— Com o maior prazer — disse a múmia depois de ter olhado para mim atentamente, através do seu *lorgnon*, porque era a primeira vez que me atrevia a dirigir-lhe a palavra — com o maior prazer. A duração da vida humana, no meu tempo, regulava aí por oitocentos anos. Salvo algum acidente extraordinário, poucos homens morriam antes dos seiscentos anos, muito poucos viviam mais de dez séculos; oito séculos eram pois considerados como a vida natural. Depois da descoberta do embalsamamento, tal como vo-lo expliquei, lembraram-se os nossos filósofos que se poderia satisfazer uma curiosidade louvável e ao mesmo tempo servir consideravelmente os interesses da ciência dividindo a duração da vida natural e vivendo-a por vezes. Relativamente à ciência histórica, esta ideia deu grandes resultados. Um historiador, por exemplo, aos cinquenta anos, escrevia um livro com o máximo cuidado. Depois mandava-se embalsamar convenientemente, deixando dito aos seus herdeiros *pro tempore* que o ressuscitassem passado um certo tempo (supomos quinhentos ou seiscentos anos). Quando voltava à vida, depois daquele prazo, achava invariavelmente a sua grande obra convertida numa espécie de caderno de notas acumuladas ao acaso, quer dizer, numa espécie de arena literária aberta às conjeturas contraditórias e às disputas pessoais de inúmeros bandos de comentadores desesperados. Essas conjeturas, esses enigmas que vinham debaixo do nome de anotações ou correções, tinham tão completamente envolvido, torturado, esmagado o texto que o autor via-se aflito para descobrir o seu próprio livro no meio de toda aquela confusão. Mas uma vez descoberto, o pobre livro não valia nunca o trabalho que o autor tivera para o achar. Depois de o tornar a escrever do princípio ao

fim, havia ainda um trabalho para o historiador, um dever imperioso: era corrigir, segundo a sua ciência e experiência pessoais, as tradições do dia com respeito à época em que tinha vivido primitivamente. Ora este processo continuado de tempos a tempos por diversos sábios tinha como resultado impedir a história de degenerar em pura fábula.

— Perdão — disse o doutor pousando ligeiramente a mão no braço do Egípcio — perdão. Permittis que vos interrompa?

— Pois claro, senhor — replicou o conde afastando-se um pouco.

— Nesse caso — continuou o doutor — visto que há pelo menos cinco mil anos que fostes enterrado, os vossos anais ou tradições nessa época deviam ser suficientemente explícitos acerca de um assunto de interesse universal, a Criação, que teve lugar, como sabeis indubitavelmente, só dez séculos antes, ou pouco mais.

— Desculpe? — perguntou Allamistakeo.

O doutor repetiu a sua observação, mas só depois de muitas explicações adicionais é que chegou a fazer-se entender pelo estrangeiro. Por fim, o conde disse:

— Confesso que essas ideias são inteiramente novas para mim. No meu tempo nunca ninguém se lembrou de supor que o universo pudesse jamais ter tido começo. Lembro-me de que uma vez, mas apenas uma vez, houve um homem de grande saber que me falou de uma tradição vaga acerca da origem da raça humana. Esse homem servia-se também da palavra *Adão* ou *barro*. Mas empregava-a num sentido genérico, significando a germinação espontânea de cinco grandes hordas de homens, brotando

simultaneamente do lodo (tal como um milho de animálculos) nas cinco partes distintas do globo.

Àquelas palavras, encolhemos os ombros, acotovelando-nos simultaneamente uns aos outros com um ar muito significativo. M. Silk Buckingham, volvendo os olhos primeiro para o occipício, depois para o sincipício de Allamistakeo, tomou a palavra nestes termos:

— A longevidade humana no vosso tempo, juntamente com esse sistema de viver por vezes que acabais de nos explicar, deveria ter ajudado imenso no desenvolvimento geral e na acumulação dos conhecimentos. Não podemos pois atribuir a inferioridade dos antigos Egípcios, em todos os ramos da ciência, quando os comparamos com os modernos e muito especialmente com os Yankees, senão à espessura mais considerável dos seus crânios.

— Confesso outra vez — replicou o conde, com uma perfeita urbanidade — que não vos entendo bem. Tende a bondade de me dizer a que ramos da ciência vos referis.

Com uma voz unânime, toda a sociedade citou, por exemplo, as afirmações da frenologia e as maravilhas do magnetismo animal.

Tendo-nos ouvido até ao fim, o conde começou a contar algumas anedotas que provavam evidentemente que os protótipos de Gall e de Spurzheim tinham florescido no Egito, mas numa época da qual já não havia lembrança, e que os processos de Mesmer eram miseráveis charlatanices em comparação com os milagres operados pelos sábios de Tebas, os quais chegavam a fazer pulgas e muitos outros seres semelhantes.

Então perguntei-lhe se os seus compatriotas sabiam calcular os eclipses. O conde sorriu com ar desdenhoso e respondeu-me que

sim.

Fiquei um pouco atrapalhado. Contudo, comecei a fazer-lhe várias perguntas acerca dos seus conhecimentos astronómicos quando alguém da sociedade, que ainda não tinha aberto a boca, me soprou ao ouvido que se eu tinha dúvidas àquele respeito seria melhor consultar um certo cavalheiro chamado Ptolomeu ou ler o artigo *De facie lunae*, de Plutarco.

Interroguei então a múmia sobre os espelhos ardentes e lenticulares, em geral sobre a fabricação do vidro. Mas ainda nem tinha acabado as minhas perguntas que já o camarada silencioso me acotovelava ligeiramente e me pedia, pelo amor de Deus, que desse uma vista de olhos a Diodoro da Sicília. Quanto ao conde, em vez de responder, perguntou-me se possuíamos microscópios que nos permitissem gravar o ónix com a perfeição dos Egípcios.

Enquanto eu procurava resposta para aquela pergunta, o pequeno doutor Ponnonner aventurou-se numa via deveras extraordinária.

— Vede a nossa arquitetura! — exclamou com grande indignação dos dois viajantes, que o beliscavam furiosamente sem conseguir fazê-lo calar. — Ide ver — exclamava no auge do entusiasmo — a fonte do jogo da bola em Nova Iorque! Ou, se achais isso demasiado imponente, olhai um instante para o Capitólio em Washington.

E o bom do doutor chegou até a referir minuciosamente as proporções do edifício, explicando que só o pórtico não tinha menos de vinte e quatro colunas, cada uma com cinco pés de diâmetro, situadas a dez pés de distância umas das outras.

Respondeu o conde que tinha pena de não se poder lembrar, naquele momento, das dimensões precisas de nenhum dos edifícios da cidade Aznac, cuja fundação se perdia na noite dos séculos, mas cujas ruínas se viam ainda, na época do seu enterro, numa vasta planície de areia a oeste de Tebas. A propósito de pórticos, lembrava-se contudo de ter visto o de um palácio secundário numa espécie de aldeia chamada Carnac, que era formado por cento e quarenta e quatro colunas, cada uma com trinta e sete pés de circunferência, colocadas à distância de vinte e cinco pés uma das outras. Esse pórtico comunicava com o Nilo por uma avenida de duas milhas de comprimento, sustentada por esfinges, estátuas e obeliscos de sessenta a cem pés de altura. O próprio palácio, se bem se lembrava, tinha, só numa direção, duas milhas de comprimento e podia ter ao todo sete milhas de circuito. As paredes eram ricamente adornadas, tanto por fora como por dentro, de pinturas hieroglíficas. Ele não pretendia afirmar que naquele palácio se pudessem construir cinquenta ou sessenta capitólios, mas sim uns duzentos ou trezentos.

Por fim, terminou dizendo que o palácio de Carnac não passava de uma construção insignificante e que, não podendo deixar de fazer justiça ao estilo engenhoso, à magnificência e superioridade da fonte do jogo da bola, tal como o doutor a descrevia, confessava que nunca tinha visto nada semelhante, nem no Egito nem noutra parte.

Perguntei então ao conde o que pensava dos nossos caminhos de ferro.

— Não lhe vejo nada de particular — disse ele. — Acho-os pequenos, fracos e bastante mal imaginados. Não podem comparar-

se de modo nenhum com os vastos comboios egípcios, horizontais e diretos, os quais transportavam templos inteiros e obeliscos maciços de cento e cinquenta pés de altura.

Falando-lhe das nossas gigantescas forças mecânicas, concordou que não éramos de todo leigos na matéria, mas perguntou-me ao mesmo tempo como nos teríamos arranjado para colocar as ombreiras no palácio mais pequeno de Carnac.

Fingi não ouvir aquela pergunta e interroguei-o sobre os poços artesianos, ao que ele não fez mais do que erguer as sobrancelhas, ao passo que M. Gliddon me piscava um olho, dizendo-me em voz baixa que os engenheiros encarregados de furar o terreno para levar água ao Grande Oásis tinham descoberto um recentemente.

Falei-lhe os nossos aços, ao que o estrangeiro redarguiu, perguntando-me se o nosso aço teria podido executar esculturas tão vivas e tão perfeitas como as que adornam os obeliscos, as quais haviam sido trabalhadas com utensílios de cobre.

Para disfarçar o embaraço em que nos lançou aquela interrogação, achámos por bem mudar o tema para a metafísica.

Mandámos buscar um exemplar do *Dial* e lemos alguns capítulos sobre um assunto, assaz obscuro, que os povos de Boston definem como *O Grande Movimento* ou *Progresso*.

O conde disse apenas que, no seu tempo, os grandes movimentos eram acidentes terrivelmente comuns e que, quanto ao progresso, esse havia sido durante longos anos uma verdadeira calamidade, mas que felizmente nunca chegara a progredir.

Falámos-lhe então da grande beleza e da importância da Democracia, mas custou-nos fazer-lhe entender a natureza positiva

das vantagens de que gozávamos num país onde não havia rei e onde o voto era *ad libitum*.

O conde escutou o nosso discurso até ao fim com um interesse visível, parecendo realmente gostar de nos ouvir. Quando acabámos disse que na sua terra se havia passado, em tempos muito remotos, uma coisa perfeitamente semelhante. Trezentas províncias egípcias resolveram de repente ser livres, dando assim um grande exemplo ao resto da humanidade. Reuniram os seus sábios e fabricaram a constituição mais engenhosa que se pode imaginar. Durante algum tempo, tudo foi pelo melhor; por fim, a coisa acabou da seguinte maneira: os treze estados da sociedade, com umas quinze ou vinte outras províncias, consolidaram-se no despotismo mais odioso e mais insuportável de que se tenha jamais ouvido falar à superfície da terra. Perguntei-lhe o nome do tirano usurpador; respondeu-me o egípcio que, se a memória lhe não falhava, esse tirano era a *Turba*.

Não sabendo já o que lhe havia de dizer, deplorei a ignorância dos egípcios relativamente ao vapor. O conde pôs-se a olhar para mim muito admirado, sem dizer palavra. O *gentleman* silencioso deu-me uma furiosa cotovelada nas costas, perguntando-me se eu tinha realmente a ingenuidade de ignorar que a máquina a vapor moderna descendia da invenção de Hero, sem falar em Salomão de Caus.

Estávamos decididamente em grande perigo de derrota quando o doutor Ponnonner, aproximando-se da múmia com um aspeto grave e profundamente digno, lhe pediu para dizer com toda a verdade se os egípcios de qualquer época tinham alguma vez conhecido as pastilhas Ponnonner.

Esperámos a resposta com indizível ansiedade, mas em vão. A resposta não veio! O egípcio corou até às orelhas e baixou a cabeça. Nunca houve um triunfo tão completo nem uma derrota sofrida com mais despeito.

Não podendo suportar o espetáculo da humilhação da pobre múmia, peguei no chapéu, cumprimentei-a com um certo embaraço e saí.

Quando entrei em casa vi que passava das quatro horas; meti-me imediatamente na cama. Agora são dez horas da manhã. Desde as sete que estou levantado, escrevendo estas notas para instrução da minha família e proveito de toda a humanidade. Quanto à primeira jamais a tornarei a ver. Minha mulher é uma megera. A verdade é que esta vida e em geral todo o décimo nono século me metem nojo. Estou convencido de que tudo anda às avessas. Além disso, tenho imensa curiosidade de saber quem será eleito presidente no ano de 2045. Por todas estas razões, assim que tiver feito a barba e tomado o meu café, parto para casa do doutor Ponnonner a fim de me fazer embalsamar durante alguns séculos.

O Demónio da Perversidade

Título original: *The Imp of the Perverse*

Publicado em 1845

No exame das faculdades e das tendências — os móbeis primordiais da alma humana — os frenólogos esqueceram-se de conceder lugar a uma propensão que, embora evidente como sentimento primitivo, fundamental, irreduzível, foi igualmente omitida por todos os moralistas que os procederam. Na absoluta autossuficiência da nossa razão, todos nós a temos omitido. Permitiu-se que a sua existência nos escapasse à vista, unicamente por falta de crença, de fé — quer na Revelação quer na Cabala. Jamais nos veio tal à ideia, simplesmente por causa do seu carácter não-imperativo. Não se sentia a necessidade de verificar esse impulso, essa tendência. Não podíamos conceber tal necessidade. Não podíamos apreender a noção desse *primum mobile*, e, dada ainda a hipótese de ela se introduzir em nós à força, jamais teríamos podido compreender o seu papel na ordem das coisas humanas, temporais ou eternas.

Não se negará que a frenologia e uma parte das ciências metafísicas são manipuladas *a priori*. O homem da metafísica ou da lógica, muito mais que o homem da inteligência e da observação, pretende conceber os desígnios de Deus — e ditar-lhe planos. Tendo assim aprofundado, com plena satisfação sua, as intenções de Jeová, ele edificou, baseado nessas pseudo-intenções, os seus muitos e caprichosos sistemas. Em matéria de frenologia, por

exemplo, estabelecemos-, primeiro, e muito naturalmente, que fazia parte dos desígnios da Divindade que o homem comesse. Depois, atribuímos ao homem um órgão de alimentividade, e esse órgão é o chicote com que Deus obriga o homem a comer, de bom ou mau grado. Em seguida, tendo decidido que era vontade de Deus que o homem continuasse a sua espécie, descobrimos logo um órgão de amatividade. E, do mesmo modo, os da combatividade, da idealidade, da causalidade, da construtividade — resumindo, todo e qualquer órgão que representasse uma tendência, um sentimento moral ou uma faculdade da inteligência pura.

E neste arranjo dos princípios da atividade humana, os spurzheimistas, com ou sem razão, em parte ou na totalidade, não têm feito mais do que seguir, em princípio, as pegadas dos seus antecessores: deduzindo e estabelecendo cada coisa segundo o destino preconcebido do homem com base nas intenções atribuídas ao Criador.

Teria sido mais sensato, teria sido mais seguro basear a nossa classificação (já que temos absolutamente de classificar) nos atos que o homem pratica habitualmente e naqueles que ele pratica acidentalmente, sempre acidentalmente, em vez de a basear na hipótese de que é a própria Divindade que lhos faz praticar. Se não podemos compreender Deus nas suas obras visíveis, como o compreenderíamos nos seus pensamentos inconcebíveis, que chamam essas obras à vida? Se não podemos concebê-lo nas suas criaturas objetivas, como o conceberemos nos seus modos incondicionais e nas suas fases da criação?

A indução *a posteriori* teria conduzido a frenologia a admitir como princípio primitivo e inato da ação humana um não sei quê de paradoxal, a que chamaremos *perversidade*, à falta de termo mais adequado. No sentido que lhe dou, é, na realidade, um móbil sem motivo, um motivo não motivado. Sob a sua influência, agimos sem um fim inteligível; ou, se isto parece uma contradição de termos, podemos alterar a proposição e dizer que, sob a sua influência, agimos pela simples razão de que *não deveríamos agir*. Em teoria, não pode haver razão mais desarrazoada; mas, de facto, não há outra mais forte. Para certos espíritos, em determinadas condições, ela torna-se absolutamente irresistível. A minha vida, para mim, não é uma coisa mais real que esta proposição: a certeza do pecado ou do erro contido em qualquer ato é muitas vezes a *força* única, invencível, que nos impele — só ela! — à sua prática.

Ora esta tendência dominadora para praticar o mal por amor do mal nenhuma análise, nenhuma resolução admitirá, com base em elementos ulteriores. É um movimento fundamental, primitivo — elementar. Dir-se-á, já o espero, que se persistimos em certos atos por sentirmos que *não deveríamos* neles persistir, a nossa conduta é apenas uma modificação daquela que deriva ordinariamente da *combatividade* frenológica. Mas um simples olhar bastará para descobrir a falsidade de tal ideia. A combatividade frenológica tem por móbil de existência a necessidade da defesa pessoal. Ela é a nossa salvaguarda contra a injustiça. O seu princípio relaciona-se com o nosso bem-estar; e assim, ao mesmo tempo que ela se desenvolve, nós sentimos exaltar-se em nós o desejo do bem-estar. Seguir-se-ia, pois, que o desejo do bem-estar deveria ser simultaneamente excitado por todo e qualquer princípio

que fosse unicamente uma modificação da combatividade; mas, no caso deste não sei quê que rotulei de *perversidade* não somente o desejo do bem-estar não aparece desperto, como ainda surge um sentimento singularmente contraditório.

Todo o homem, ao apelar para o seu próprio coração, encontrará, finalmente, a melhor resposta para o sofisma de que se trata. Quem consultar lealmente e interrogar atentamente a sua alma, não ousará negar a absoluta radicalidade da tendência em questão. Esta não é menos caracterizada que incompreensível. Não há homem, por exemplo, que em dado momento não tenha sido devorado por um desejo ardente de torturar o seu ouvinte com circunlóquios. Aquele que fala sabe bem que desagrada, embora com a melhor das intenções de agradar; é habitualmente breve, preciso e claro; na sua boca agita-se e debate-se a mais lacônica e mais luminosa linguagem; é com esforço que ele se obriga a recusar-lhe a passagem, e ele teme e conjura o mau humor daquele a quem se dirige. No entanto, acode-lhe o pensamento de que, por certos incisos e parêntesis, ele poderia engendrar essa cólera. Este simples pensamento basta. O movimento torna-se uma veleidade, a veleidade avoluma e transforma-se em desejo, o desejo converte-se numa necessidade irresistível, e a necessidade satisfaz-se — com profundo pesar e mortificação de quem fala e o desprezo mais absoluto por todas as conseqüências possíveis.

Temos diante de nós uma tarefa que devemos executar rapidamente. Sabemos que atrasar-nos é a nossa ruína. A crise mais importante da nossa vida reclama, com a voz imperativa de uma trombeta, ação e energia imediatas. Ardemos, somos consumidos de impaciência por meter mãos à obra; o antegosto de

um resultado glorioso põe toda a nossa alma em fogo. Essa tarefa tem, forçosamente, de ser encetada hoje — no entanto, adiamo-la para amanhã; e porquê? Não há explicação, a não ser o facto de sentirmos que isso é *perverso*. (Sirvamo-nos da palavra sem lhe aprofundar o sentido). O dia seguinte chega, e, ao mesmo tempo, uma ansiedade mais impaciente de fazer o nosso dever; mas com esse acréscimo de ansiedade surge também um desejo ardente, anónimo, de diferir mais uma vez — desejo positivamente terrível, pois que a sua natureza é impenetrável. Quanto mais o tempo foge, mais forte se torna esse desejo. Resta apenas uma hora para a ação, e essa hora é nossa. Trememos com a violência do conflito que se agita dentro de nós, com a batalha entre o positivo e o indefinido, entre a substância e a sombra. Mas, se a luta chegou a esse ponto, é a sombra que leva a melhor — é em vão que nos debatemos. Ouve-se bater o relógio: é o dobre de finados da nossa felicidade. Para a sombra que, durante tanto tempo, nos aterrorizou, é ao mesmo tempo o canto despertador, o vitorioso toque de alvorada do galo dos fantasmas. Este apaga-se — desaparece: estamos livres. Volta a velha energia. *Agora* sim, vamos trabalhar. Finalmente! Mas ai! É *tarde de mais...*

Estamos à beira de um precipício. Olhamos para o abismo — e sentimos vertigens, grande mal-estar. Nosso primeiro movimento é recuar diante do perigo. Inexplicavelmente, ficamos). Pouco a pouco, o mal-estar, as vertigens, o horror confundem-se num sentimento nebuloso e indefinível. Gradualmente, insensivelmente, essa nuvem toma forma como o vapor da garrafa donde se erguia o génio das *Mil e Uma Noites*. Mas da *nossa* nuvem à beira do precipício ergue-se, cada vez mais palpável, uma forma mil vezes

mais terrível que qualquer génio, que qualquer demónio das fábulas. E, contudo, não passa de um pensamento, mas um pensamento assustador, um pensamento que nos gela a medula dos ossos e os penetra com as ferozes delícias do seu horror.

A ideia é simplesmente esta: Quais seriam as nossas sensações durante o percurso de uma queda dada de tal altura? E essa queda — esse aniquilamento fulminante — pela simples razão de que está nela implicada a mais horrorosa, a mais odiosa de todas as mais horrorosas e mais odiosas imagens de morte e de sofrimento que jamais possam ter desafiado a nossa imaginação, por essa simples razão, nós desejamo-la ainda mais ardentemente. E porque a nossa razão nos afasta violentamente da beira, *por causa disso mesmo* dela nos aproximamos ainda mais impetuosamente. Não há na natureza paixão mais diabolicamente impaciente que a do homem, que, assustado sobre a aresta de um precipício, sonha com o lançar-se nele. Ceder, tentar *pensar* um só instante, é o mesmo que estar inevitavelmente perdido, pois a reflexão ordena-nos que nos abstenhamos, e é *por causa disso mesmo*, digo eu, que não o *podemos fazer*. Se não há um braço amigo para nos deter, e se somos incapazes de um supremo esforço para nos afastarmos para longe do abismo, lançamo-nos nele, estamos aniquilados.

Examinemos estas ações e outras análogas, e acharemos que elas resultam unicamente do espírito de *perversidade*. Perpetramo-las, simplesmente porque sentimos que *não o devíamos fazer*.

Para cá ou para lá desse facto não há princípio inteligível; e nós poderíamos, na verdade, considerar essa perversidade como

uma instigação direta do Arquidemónio, se não se reconhecesse que, às vezes, tudo bem avaliado, ela serve para a prática do bem.

Se vos falei tão demoradamente, foi para responder de certo modo à vossa pergunta, para vos explicar por que razão eu estou aqui, e ter de vos mostrar um motivo aparente qualquer para estes ferros que arrasto e esta cela de condenado que habito. Se não tivesse sido tão prolixo, ou não me teríeis de maneira nenhuma compreendido ou, do mesmo modo que a turba, ter-me-íeis julgado louco. Agora, haveis de perceber facilmente que eu sou uma das numerosas vítimas do demónio da perversidade.

É impossível que uma ação tenha alguma vez sido maquinada com mais perfeita deliberação. Durante semanas, durante meses, meditei sobre os meios de praticar um assassinio. Pus de parte mil planos, porque a execução de cada um deles implicava uma *probabilidade* de revelação. Por fim, lendo um dia uns relatórios franceses, dei com a história de uma doença quase mortal que atacou Madame Pilau, por efeito de uma vela acidentalmente envenenada. O caso feriu-me logo a imaginação. Eu sabia que a minha vítima tinha o hábito de ler na cama. Sabia também que o seu quarto era pequeno e mal arejado. Mas não tenho necessidade de vos fatigar com pormenores ociosos. Não vos relatarei os fáceis ardis de que me servi para colocar na palmatória do seu quarto de dormir uma vela da minha composição, em lugar daquela que ali estava.

De manhã, encontraram o homem morto na cama, e o veredicto do juiz de paz foi este: *morte súbita*.

Herdei a sua fortuna, e tudo correu pelo melhor durante vários anos. A ideia de uma revelação não me entrou uma única vez no

cérebro. Quanto aos restos da vela fatal, eu próprio os tinha destruído. Não havia deixado a sombra de um fio que pudesse servir para que me acusassem do crime ou mesmo de mim suspeitassem. É impossível conceber o magnífico sentimento de satisfação que me enchia o peito quando eu pensava na minha absoluta segurança. Durante um longo período de tempo, acostumei-me a deleitar-me com esse sentimento. Proporcionava-me um prazer mais real que todos os benefícios puramente materiais resultantes do meu crime. Finalmente, porém, chegou uma época a partir da qual o sentimento de prazer se transformou, por gradação quase impercetível, num pensamento que me dominava e me fatigava. E fatigava-me porque me dominava. É um facto absolutamente vulgar ter os ouvidos cansados, ou antes, a memória obsidiada por uma espécie de zunido, pelo estribilho de uma canção vulgar ou por insignificantes fragmentos de ópera. E a tortura não será menor quando a canção é boa ou quando a ária de ópera é digna de apreço. Foi assim que eu, por fim, me surpreendia sem cessar a pensar na minha segurança e a repetir em voz baixa esta frase: *Estou salvo!*

Um dia, em que passeava na rua, dei comigo mesmo a murmurar, quase em voz alta, essas palavras costumadas. Num acesso de petulância, eu exprimia-me sob esta nova forma: — *Estou salvo, estou salvo; sim, contanto que não seja tão parvo que eu próprio me denuncie!*

Mal tinha pronunciado estas palavras, senti um frio de gelo penetrar-me até ao coração. Eu adquirira uma certa experiência destes acessos perversos (cuja natureza singular expliquei com certa dificuldade), e lembrava-me muito bem de que, em caso

algun, eu soubera resistir a esses vitoriosos ataques. E agora essa sugestão fortuita, vinda de mim próprio — de que eu pudesse ser bastante parvo para confessar o assassinio de que me tomara culpado —, acareava-me como a própria sombra daquele que eu tinha assassinado e chamava-me para a morte.

A princípio, fiz um esforço para sacudir esse pesadelo da alma. Pus-me a caminhar vigorosamente, mais depressa, sempre mais depressa; por fim, desatei a correr. Sentia um desejo embriagador de gritar com todas as forças. Cada onda sucessiva dos meus pensamentos dominava-me com um novo terror, pois — ai! — eu compreendia bem, muito bem, que *pensar*, na situação em que me encontrava, era o mesmo que perder-me. Acelerei mais o passo. Saltava como um louco pelas ruas apinhadas de gente. Por fim, a população alarmou-se e correu atrás de mim. Senti *então* que o meu destino se consumava. Se pudesse arrancar a língua, tê-lo-ia feito; mas aos ouvidos soou-me uma voz rude, e uma mão mais rude ainda agarrou-me pelos ombros. Voltei-me, abri a boca para respirar. Por momentos, senti todas as angústias da opressão; ceguei, fiquei surdo, embriagado: e então, um demónio invisível qualquer, pensei eu, bateu-me nas costas com a sua mão enorme. E o segredo, por tanto tempo aprisionado, libertou-se-me na alma.

Dizem que falei, que me denunciei muito claramente, mas com acentuada energia e ardente precipitação, como se estivesse com receio de ser interrompido antes de terminar as frases curtas, mas cheias de significado, que me entregavam ao carrasco e ao Inferno.

Depois de ter relatado tudo o que era necessário para a plena convicção da justiça, caí aniquilado, sem sentidos.

Para que dizer mais? Hoje, arrasto os grilhões, estou *aqui!*
Amanhã, estarei livre! — *Mas onde?*